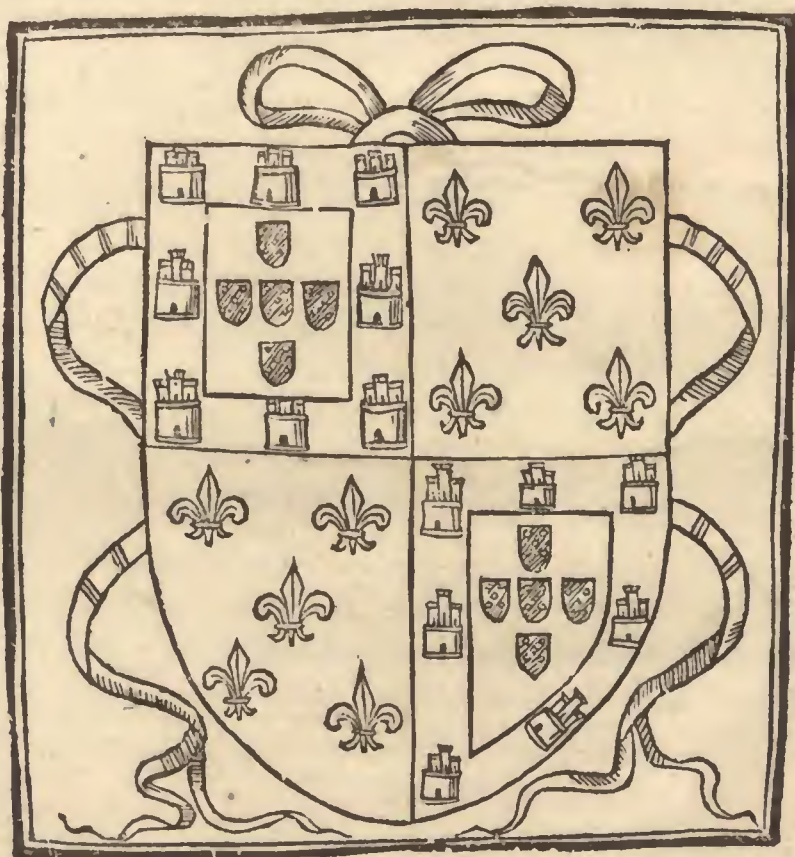
COMMENTARIOS DO GRANDE AFONSO DALBOQVERQVE, CAPITAM GERAL QVE FOY DAS INDIAS ORIENTAES,

Em tempo do muito poderoso Rey dom Manuel, o primeiro deste nome.

Nouamente emendados & acrescentados pelo mesmo auctor, conforme ás informações mais certas que agora teue.

Vão repartidos em quatro partes segundo o tempo dos acontescimentos de seus trabalhos.

EM LISBOA.

Com licença impresso por Ioão de Barreira impressor del Rey nosso senhor. Anno de 1576.

COM PRIVILEGIO REAL.

¶ *Foy visto este liuro por o senhor dom Afonso de Castelo branco, esmoler delRey nosso senhor, & do seu conselho, por mandado do serenissimo senhor dom Anrique Cardeal, Iffante, legado de Latere.*

¶ Vendemse em casa de Antonio de Aguiar à porta do ferro.

Antonio leitão.
coutinho.

Declaração do que se contem nestes comentarios.

Primeira parte.

NA primeira parte destes comentarios se contem de como o grande Afonso Dalboquerque foy a primeira, & segunda vez á India: & o que passou na conquista do reyno de Ormuz até chegar a Cananor: & acaba ás folhas 169.

Segunda parte.

NA segunda parte se trata do que passou com o Visorrey, sobre lhe não querer entregar a gouernança da India: & da chegada do Marichal, & o que se passou depois de ser entregue della, até tomar Goa a primeira vez, & acaba ás folhas. 311.

Terceira parte.

NA terceira parte se trata do que passou na conquista do reyno de Goa, a segunda vez que a tomou: & na tomada do reyno de Malaca, & tudo o mais que fez até sua partida pera o estreito do már roxo, & acaba ás folhas. 453.

Quarta parte.

NA quarta parte se contem como entrou o estreito do már roxo, & o que passou depois de sua tornada á India, & o que fez na segunda tomada do reyno de Ormuz, & como faleceo, & o estádo em que deyxou as cousas da India, & a vinda da sua ossada a estes reynos de Portugal.

AO MVITO ALTO
E MVITO PODEROSO SENHOR
ELREY DOM SEBASTIAM
NOSSO SENHOR.

M vida delRey dom Ioão terceiro vósso auó, offereci estes comentarios a vóssa Alteza, que collegi dos proprios originaes que o grande Afonso Dalboquerque no meyo de seus acontecimẽtos escreuia a elRey dom Manuel vósso visauó. E vendo eu, serenissimo Señor, a falta que auia delles (porque de todo se não perdesse a memoria de seus trabalhos) determiney de os tornar a imprimir, emẽdando algũas cousas que tinha escritas, & acrescentãdo outras, aduertido de mais certas informações que agora tiue, que me persuadiram a tomar este trabalho. Conuidãdome tambem a isto, hũa pratica q̃ se teue diante de vóssa Alteza, na qual louuando algũs fidalgos que se acharam presentes a grandes capitães que ouue pelo mundo, vóssa Alteza os acusou dizendo. Pera que he falar em capitães auendo Afonso Dalboquerque na India. E que não tiuera outra rezão senão esta, pera os tornar a imprimir, isto só me obrigára a fazelo, pera que de tam altas palauras, ditas de hum ánimo inuenciuel como o de vóssa Alteza, ficasse memoria, pera engrandecer muito mais as grandes vitórias que este excellente capitão teue dos mouros, na cõquista dos reynos da India. E querer tratar aqui de seus louuores, & de muitas cousas que sofreo, & outras muitas que disimulou cõ sua grandeza de animo, seria fazer outra história mayor que a sua: não direy mais que o que disse hum Soldado que o sempre acompanhou na guerra, o qual sendo já muito velho, estando na cidade de Goa, vendo as desordẽs da India, hiase com bordão na mão á sua capella, & batendo na sepultura onde estáua enterrado dizia. O grande capitão, tu me fizéste quanto mal podéste, mas eu não te pósso negar que foste o mayor conquistador & sofredor de trabalhos que ouue no mundo. Aleuantate que se perde o que tu ganhaste. E não deuem de tér menos credito & auctoridade diante de vóssa Alteza estes comentarios polo seu collegir sendo seu filho, do que Cesar tem polo mundo escreuendo de si ha tantos annos, pois neste estilo rudo conto a verdade do que passou.

PRIMEIRA PARTE DOS COMENTARIOS DO GRANDE AFONSO DALBOQVERQVE, EM QVE SE contem como foi a primeira & segunda vez á India. E o q̃ passou na conquista do Reino de Ormuz ate chegar a Cananor.

De como o grande Afonso Dalboquerque foi a primeira vez á India por capitão mór de tres naos, & chegou a Cochim, & o mais que passou. Capitolo I.

Stando as cousas da India em estado que se não podiam bem segurar, nẽ tomar assento com as grádes armadas que cada anno el Rey dom Manoel lá mandaua, pela cõtinua guerra que o Çamorim fazia aos Portugueses que ficauam em Cochim, & ao rey que era nosso amigo persuadido dos mercadores mouros do Cairo q̃ viuiam em Calicut, cõ peitas que a elle & a seus gouernadores dauam, receosos de perderẽ seus tratos & nauegações, se os nossos fizessem assento na terra. Neste tempo, & pera remedio destes trabalhos determinou el Rey dom Manoel de mandar á India o grãde Afonso Dalboquerque, a fazer hũa fortaleza em Cochim, & a Francisco Dalboquerque filho de Ioã Dalboquerque seu tio, pera recolhimento da gente & mercadorias que mandasse. E pera se isto effeituar mandou fazer prestes seis naos, cõ gente, artelharia & munições de guerra: porque estas com as mais que o Almirante lá auia de deixar, como leuaua em seu regimẽto abastauam. Confiado tambẽ na paz & amizade que Pedraluarez Cabral ao tẽpo de sua partida pera estes Reinos, deixaua assentada com os reys de Cananor & Cochim, & nos offrecimentos & recados que per seus embaixadores que em sua companhia vieram lhe mandauam. E deu a capitania mór das tres dellas a Afonso Dalboq̃rque: & das outras tres a Francisco Dalboquerque. E como foram prestes de tudo o que cũpria pera a viagem partiramse do porto de Belem na entrada Dabril, de mil & quinhentos & tres. E posto que Afonso Dalboquerque pola muita diligencia que

pos em se despachar partisse primeiro, teue tam roins tempos, & passou tantas tormentas & pairos na viagem, que quando chegou a Cochim auia dias que Francisco Dalboquerque com as naos de sua companhia, & outras tres que achou no caminho, era chegado. E porq̃ depois da partida do Almirante pera estes Reynos, o Çamorim tornou a fazer a guerra ao rey de Cochim: & tinhase apoderado da ilha, em q̃ os Portugueses tinham passado muitos trabalhos & mortes pola defender: foi grande o aluoroço & prazer em todos com a chegada de Francisco Dalboquerque. E o rey o veio logo ver, & depois de lhe perguntar por el Rey de Portugal seu jrmão, & pola viagem que fizera, lhe deu cõta de seus trabalhos, & da crua guerra q̃ o Çamorim lhe fizera depois da partida do Almirante, & como se tinha apoderado da ilha. Francisco Dalboquerq̃ lhe deu seus recados da parte del Rey de Portugal, & disselhe q̃ se nã agastasse, q̃ elle esperaua em Deos de cedo lhe dar vingãça de seus imigos, porq̃ el Rey seu senhor mandaua a elle & a Afonso Dalboq̃rque que ficaua a tras, com armada & gente pera o seruirem em tudo o q̃ lhe mandasse. Passadas estas praticas foise o rey pera sua casa, & Francisco Dalboquerque ficou praticãdo sobre este negocio com Diogo fernãdez Correa, que o Almirante deixara por feitor, & com Lourenço Moreno, & Aluaro Vaz, que eram escriuães, & cõm outras pessoas principaes que ali estauam, & elles lhe deram conta de tudo o que era passado, & q̃ cumpria muito pera o credito dos Portugueses, & pera se fazer a carrega das naos com menos trabalho, despejarse a ilha de Cochim dalgũs Caimais, (que sam senhores principais do reino,) que o Çamorim nella tinha cõ gente pera a defender. Assentado isto Francisco Dalboquerque se fez prestes com toda a sua gẽte, & a que estaua em Cochim, & algũs Naires do rey, & ao outro dia antemenhaã foise nos bateis, paraos & carauelas cometer os Caimais que estauão descuidados do que lhe aconteceo: & deu tam de supito nelles, que os desbaratou. E postos em fogida os foi seguindo ate os lançar fora da ilha, matando muitos Naires, & dous Caimais. Despejada a ilha veose recolhendo aos bateis, & embarcouse sem auer quem lhe resistisse. E chegado a Cochim foi recebido do rey & dos seus com muita honra, louuandoo muyto do q̃ tinha feito. E ali achou Afonso Dalboquerque, que era chegado daquelle dia pela menhaã, cõ as naos de sua cõpanhia, & toda a gente a saluamento. Ao qual o rey de Cochim já tinha dado conta de suas fortunas. E como elle trazia sempre suas espias

pias pera saber o que seus imigos faziam, soube logo que os Naires que fugiram do desbarato de Francisco Dalboquerque, estauam recolhidos na ilha de Repelim, & se faziam fortes com o senhor della. E porque o Rey de Cochim se sentia muyto deste senhor de Repelim, por ser sempre contra elle & não podia estar bem seguro se naquella ilha fizesse assento, deu cōta disto a Afonso Dalboquerque & Francisco Dalboquerq̄, pedindolhe muyto que o quisessem lançar dali fora. Elles como não pretendiam outra cousa senão contentar o Rey, polo terem mais propicio pera o negocio da fortaleza em que lhe auiam de falar, fizeram se prestes com quinhentos Portugueses, & ao outro dia antemenhaã foram nos bateis polo rio arriba cometer a ilha. E posto q̄ logo na entrada achassem algũa resistencia, por terem dous mil Naires, que o Çamorim tinha mandado de refresco, & muytos paraós com artelharia: os nossos os cometeram com tanto esforço, que os desbarataram & poseram em fugida, matando a mayor parte dos Naires, & poseram fogo ao lugar. E com esta vitoria se tornaram pera Cochim, onde foram do Rey muy bem recebidos, dandolhes grandes agradecimentos do seruiço que lhe nisso fizerã. Em esta companhia foram tambem Duarte Pacheco, & Pero Daraide.

De como o grande Afonso Dalboquerque, & Francisco Dalboquerque depois deste desbarato falaram ao Rey sobre o fazer da fortaleza, & o que com elle passaram. Capit. II.

PAssadas estas vitorias & outras que os nossos tiuerão contra á gente do Çamorim, & restituido o Rey de Cochim de tudo o que lhe tinham tomado determinaram o grande Afonso Dalboquerque & Frãcisco Dalboquerque primeiro q̄ entendessem na carrega das naos falar ao Rey sobre a fortaleza que leuauão em seu regimento que se fizesse em Cochim. E ambos lhe disseram que a causa principal por onde os Portugueses que ali ficauão pera o seruir tinham passado tãtos trabalhos, guerras, & mortes, era por não terem hũa casa forte onde podessem estar seguros das auexações que os mouros da terra cada dia lhe faziam, a que elle não podia acodir: & tambem pera se poderem defender do poder do Çamorim, & que polo socedido até então podia sua real senhoria ver claramente que

tinham disso muita necessidade. E confiado el Rey dom Manoel seu senhor na sua amizade, & tambẽ polo que cumpria a seu seruiço, lhe man daua pedir lhe quisesse dar hum lugar pegado com o rio, em que fizessem hũa casa forte pera segurança dos Portugueses q̃ ali ficassem, & pera se recolherẽ as mercadorias que de Portugal viessem: porq̃ assi teria seu estado mais seguro. O rey visto este requerimento, posto q̃ por parte dos gouernadores & senhores da terra a q̃ deu conta, ouuesse algũs impedimentos pera o não cõceder, induzidos pelos mercadores mouros da terra com peitas que lhe dauam, porque não queriam que fizessemos assento nella. Com tudo por segurar seu estado, & conseruar a amizade del Rey de Portugal, & tambem polo grande proueito que deste comercio lhe vinha, deixados todos os inconuenientes, foy contente de dar lugar pera se fazer a fortaleza, onde agora está: & esta foy a primeira que se fez na India. E por se a obra acabar breuemente repartiram ambos entre si o trabalho della, pola breuidade do tempo, & cada hũ começou a fazer a parte que lhe coube. E por nam terem achegas pera a fazerem de pedra & cal, pediram ao rey que lhe mandasse dar madeira, a qual mandou logo trazer em muita abastança. E começouse a fazer com hũas estacadas grandes entulhadas de terra. E porque Afonso Dalboquerque auia de jr tomar carga de especiaria a Coulão, conforme ao regimento que tinha del Rey dom Manoel, que o primeiro que chegasse á India fizesse sua carga em Cochim, por acodir a Coulão, onde ja tinha mandado duas naos de sua companhia, trabalhaua de dia & de noite com toda sua gente, de maneira que em breue tempo acabou sua parte da fortaleza.
E recreceose daqui terem ambos algũas differenças sobre competencias da obra. Afonso Dalboquerque por escusar de ter paixões com seu primo, começouse arredar de sua conuersaçam, & mandoulhe dizer por algũas vezes, que pois a fortaleza estaua ja acabada da sua parte, que lhe pedia por merce que ordenassem hũa pessoa que ficasse nella por capitão ate el Rey prouer. Francisco Dalboquerque como era de sua vontade não quis. Afonso Dalboquerque vendo estas competencias que com elle queria tér, não lhe lembrando que a ambos el Rey dom Manoel mandara que fizessem esta fortaleza, mandou chamar o padre frey Rodrigo da ordem de sam Domingos, & disselhe que elle per muitas vezes mandara pedir a Francisco Dalboquerque que praticassem ambos como seria bom deixarem aquella fortaleza, & que nũca se quisera chegar a isso,

mas antes ſoltara algũas palauras pouco neceſſarias pera o tẽpo em que eſtauam, & que elle queria jr carregar ſuas naos a Coulão, porque tinha là mandado duas da ſua capitania a que era neceſſario acodir, porq̃ auia noua que eram paſſadas muytas naos de Calecut pera Choromandel, que elle pola parte do trabalho que tinha leuado naquella fortaleza deſe jaua de mandar dizer hũa miſſa, & jrſe carregar ſuas naos: & Franciſco Dalboquerque fizeſſe o que quiſeſſe, que lhe pedia muyto que foſſe elle o q̃ a celebraſſe. Frey Rodrigo ſe eſpantou muyto entre hũs homẽs tam honrados, & tam parentes auer differenças: & mais em terra onde as cou ſas de Portugal não eſtauam ainda muito bem aſſentadas. E foiſe com Afonſo Dalboquerque à fortaleza & diſſe a miſſa, & acabada andarã em procifſam por dentro della: & poslhe nome o conuento de Chriſtus, por ſer empreſa em terra anexa ao mẽſtrado deſtes Reynos, & a primeira for taleza que ſe naquellas partes fez. Franciſco Dalboquerque por ſe não concertar com elle, pola parte que teue no trabalho, poslhe nome Alboquerque, & o capitão & officiaes que quis, de que Afonſo Dalboquerque ficou muito deſcontente: & ſofreolhe tudo por os mouros não virem a entender que auia differẽças entre elles. E deſpedido do rey fezſe preſtes pera partir a tomar ſua carga.

De como o grande Afonſo Dalboquerque chegou a Coulão, & o que paſſou com os gouernadores da terra. Capit. III.

EStando o grande Afonſo Dalboquerque preſtes pera ſe partir chegou hũ parao de Coulão, em que vinha hũ criado de Antonio de Saa feitor com hũa carta parelle: em que dezia que foſſe a bom recado, porque auia noua cer ta que eram partidas trinta naos de Calicut pera Choromandel. E como Afonſo Dalboquerque tinha mãdado duas naos di ante pera lhe terem carga preſtes, como tenho dito, não ficou nada con tente com eſta noua, & apreſſou mais ſua partida, & em breue tẽpo che gou a Coulão: onde foi muito bem recebido dos gouernadores da terra, & do Nambeadarim, que he o principal gouernador. E por o rey ſer ido por o ſertão dentro a hũa guerra que tinha com o rey de Narſinga, fizeràlho logo a ſaber por homẽs que tinham em paradas, & a poucos dias

foy auisado de sua chegada. O rey pelos desejos que tinha de nossa ami zade escreueo ao Nambeadarim & regedores da cidade grandes agrade cimentos da honra & gasalhado que tinham feito a Afonso Dalboquerq̃ & mãdou que tudo o que pedisse & requeresse lhe fizessem: & trabalhas sem muyto cõ elle que assentasse ali trato. E posto que aos gouernadores por induzimento & peitas do Çamorim pesasse muito deste assento que o rey queria que os nossos fizessem na terra, era elle tam temido que sem mostrar que lhe pesaua, fizeram tudo com mais verdade do q̃ Afonso Dalboquerque delles esperaua: o qual assentou logo hũa casa de feitoria com muitas mercadorias, & todas as outras cousas que conuinham pera bom despacho das naos quando ali viessem buscar carga. Feitas as pazes & juradas por o rey & seus gouernadores, começou Afonso Dalboquerque carregar suas naos de pimenta polo preço & peso que o almirante tinha assentado em Cochim. Como o Çamorim soube desta noua amizade & trato que o rey de Coulão queria ter com os Portugueses por estoruar que este negocio não viesse a effeito, mandoulhe seus embaixadores, dizendo que olhasse o que fazia, que os Portugueses eram muito má gente, & se os consentisse em sua terra que se auiam de leuantar cõtra elle. E que esta era a causa principal que o mouera insistir tanto em os lançar fora da India. E por aqui lhe foy representando outras muytas cousas todas a seu proposito: & mandou grandes presentes aos gouernadores da terra, pedindolhe que fizessem com o rey que não desse carrega aos Portugueses, nem os recolhesse em seu Porto. E todas estas intelligencias que o Çamorim teue pera se valer cõtra os nossos, ja que por armas o não podia fazer, por ser terra muito remota da sua, lhe não valeram: porque o rey de Coulão era homẽ de tanta verdade, que por cima de todas estas cousas que o Çamorim lhe escreueo, cõprio sua palaura, & assentou sua amizade cõ Afonso Dalboquerq̃. E respõdeo ao Çamorim que elle não tinha recebido nenhũ escãdalo nẽ agrauo dos Portugueses, mas antes via nelles serem homẽs de verdade: & que sem ter culpas suas não tornaria a tras do que tinha assentado. O Çamorim não ficou contẽte com esta reposta, & sentio muito não poder destruir o rey de Coulão, nem tolher aos Portugueses que não leuassem a pimenta que jaz de Cochim ate Coulão, porque todos os moradores do sertão erão gẽtios, que desejauão de ter paz & amizade com os nossos. E em Calicut tudo eram mouros estrangeiros que procurauam de nos lançar fora da India, polo

receio

receio que tinham de nos senhorearmos della, & elles ficarem fora de se us tratos. Afonso Dalboquerque como soube que o Çamorim tinha in telligencia com o rey de Coulão, pera estoruar que os nossos não tomassem assento na terra, determinou dali por diãte de se tratar mais domesticaméte com elles, & negociar hum pouco mais largo o trato das mercadorias, posto que nisso passasse algum tanto o regimento q̃ lhe elRey tinha dado, que foy causa de auer tanta segurança entre os nossos & os da terra, que ja se auiam todos por naturaes Portugueses. E a causa principal desta cõformidade foy não auer mouros na terra que procurassem diuisam entre os nossos & os gentios naturaes della, como o faziam em Calecut.

¶ Coulão ao tempo que Afonso Dalboquerque chegou a elle era hũa cidade muito grande, pouoada de gentios, sem auer nella nenhum mouro natural nem estrangeiro, se não o jrmão de Cherina mercar de Cochim, que auia pouco tempo que se fora ali viuer. Esta cidade era grande escapola de mercadores, & antigamente auia nella muytos mercadores estãtes, de toda a parte da India, principalmente de Malaca. E por ser porto abrigado de todos os ventos, as naos que nauegam á India, & asi as que passauam pella ilha de Ceilão & Chale faziam ali sua escapola. E naquel le tempo estaua a ilha de Ceilam á sua obediencia, & pagaualhe tributo: & tudo o que há de Coulão ate Chále, q̃ podia ser sessenta legoas era seu. & auerá de Coulão a ilha de Ceilão oitenta legoas. O rey de Coulão era homé de muyta verdade, & muito caualeiro: & naquella guerra que teue com o rey de Narsinga, tendo muita gente de pé & de caualo, o cometeo com sessenta mil archeiros, & o desbaratou. E a fora o Nambeadarim que era o principal gouernador da terra, auia na cidade trinta & seis homés principaes que a gouernauam: & asi era a milhor regida que auia naquellas partes em aquelle tempo.

De como as naos de Calicut vieram á vista de Coulão & o grande Afonso Dalboquerque se fez prestes pera pelejar com ellas, & o que sobre isso passou com os gouernadores da terra. Cap. IIII.

NEste tempo que o grãde Afonso Dalboquerque estaua tomãdo sua carga, como fica dito, chegaram as naos de Calicut á vista dos nossos, & eram por todas trinta & noue velas, as vinte & oito de Calicut, & as outras de Cochim & Cananor. E como Afonso Dalboquerque desejaua de enfadar o Çamorim em tudo o que podesse, por se vingar delle, determinou de os jr cometer, hum pouco contra o parecer de Antonio de Sá, & da gente da armada. E por não dilatar o tempo, alargou as amarras pelos escouues, & fez se á vela. Os mouros vendo as nossas naos desamarradas, & que os vinham demandar, despidiram hum parao de si, & mandaranlhe pedir pazes. E neste interim, encadearanse de cinco em cinco com determinaçam de pelejar. E porque o vento acalmou, temendose Afonso de Alboquerque que as naos de noite cõ o terrenho se fizessem na volta do már, & se fossem sem se vingar delles: mandou Antão Garcia no seu nauio, que era pequeno, & bom de vela, que se fosse tambẽ na volta do már. Os mouros receosos do que podia ser, ouueram outro conselho, & ás toas de noite vieramse meter dentro no porto de Coulão, porque as nossas naos estauam hum pouco afastadas delle, na boca de hũ rio. Afonso Dalboquerque como vio as naos que se queriam valer em terra, mandou dizer ao Nambeadarim & aos gouernadores da cidade, que aql las naos erã do Çamorim, imigo capital del rey de Portugal seu senhor, que lhe pedia por merce lhas mandasse entregar, porque não o fazendo elle determinaua entrar no porto & queimalas todas, & jrse sem tomar ali carga, nem fazer com elles nenhum assento de paz. Os gouernadores lhe responderam que elles tinham escrito ao Rey, dandolhe rezam daquelle negocio, que a reposta não podia tardar muitos dias: que lhe pediam por merce, pois as naos estauam recolhidas naquelle porto, donde não podiam sair sem sua licẽça, que esperasse polo recado do rey. Afonso Dalboquerque lhes disse, que era contente de fazer o que lhe pediam: cõ tanto que mandassem tomar as velas ás naos, por não fugirem de noite. Assentado isto o Nambeadarim mandou logo lançar mão dos capitães mestres & pilotos: & polos a bom recado. E dahi a poucos dias chegou recado do rey ao Nambeadarim, em que lhe mandaua, que se aquellas naos quisessem estar á obediencia dos gouernadores da cidade, & descarregar ali suas mercaderias, que pedissem a Afonso Dalboquerque da sua

parte

parte que lhe não fizesse nenhum mal, que abastaua pera seu castigo não poderem sair daquelle porto sem seu mandado. Afonso Dalboquerque respondeo que sua determinaçam era queimalas, & trazer todos os mouros de Calicut â espada, por vingança da treiçam que tinhã feito aos Portugueses, mas pois o rey auia por seu seruiço não os castigar, que não faria outra cousa se não o que lhe mandaua. Os gouernadores mandaram logo descarregar as naos dos mantimentos que leuauam: & ali estiuerã metidos até que se Afonso Dalboquerque partio. E porque teue por enformação que algũs mouros tinham comprado muita pimenta polo sertão, porque não viesse ao peso de Coulão: em quanto ali esteue todas as naos que passauão, ora fossem de amigos, ora de imigos, ainda q̃ viessem com bandeiras & seguro do Almirãte: fazia as todas arribar ao porto de Coulão, & ali eram buscadas polos gouernadores da terra: & toda a especiaria que leuauam lhe tomauam: & leuauam á feitoria, & ali comprauã os nossos, & os da terra.

Do assento que o grande Afonso Dalboquerque tomou com os gouernadores da terra sobre as pazes, antes da sua partida, & o mais que passou cõ os Christãos dali naturaes. E se partio pera Cochim. Cap. V.

PAssadas todas estas cousas, pareceo ao grande Afonso de Alboquerque necessario tornar aretificar as pazes q̃ com os gouernadores tinha assentado: & foise a terra: & falando com elles perãte Antonio de Sá feitor, & os mais Portugueses q̃ com elle ficauam lhes disse: Que no concerto das pazes que tinham feito estaua assentado que a jurdição do ciuel & crime esteuesse em poder dos Christãos naturaes da terra, como antigamente sempre fora: que por isso elle antes de sua partida queria deixar isto assentado de maneira que depois delleido não ouuesse nenhũas deferenças antre hũs & outros: & tambem pera dar rezam de si a el Rey seu senhor de como as cousas naquelle reyno ficauam assentadas, que lhes pedia muito & rogaua que o ouuessem assi por bem: porque a pessoa a quem entregasse este cargo auia sempre de fazer o que o rey de Coulão

man-

mandasse, Os gouernadores lhe disseram que lhes parecia bem, & que quando o rey viesse lhe dariam conta disso: & que podia deixar este car go a quem quisesse, que todos lhe obedeceriam. Afonso Dalboquerque entregou logo a jurdiçam perante elles a Antonio de Saa feitor, & mandoulhe que tudo fizesse com conselho & parecer dos Christáos naturaes da terra, por náo sayr da ordem com que se antigamente gouernauam. E todos foram contentes com a eleiçáo de Antonio de Saa, ao qual deixou muyto encomendado o prouiméto da igreja. E os Christáos da ter ra auiam de tér cuidado de a gouernarem & regeré: a qual igreja se chamaua nossa Senhora da Misericordia. E diziam os Christáos da terra que dous Sanctos que nella estauam enterrados em duas capelas, a fizeram milagrosamente. Tinham tres altares em que estauam tres Cruzes, no meio húa de ouro, & nos outros dous duas de prata. Os Christáos da terra mandaram hũa dellas a el Rey dom Manoel, & querendo mandar a de ouro Afonso Dalboquerque lhes disse que náo queria leuar senáo húa de prata, por sinal que auia naquellas partes Christáos que adorauáo a Cruz em que nosso Senhor Iesu Christo padecera: porque este era o ou ro com que el Rey de Portugal auia mais de folgar, & que como elle che gasse a Portugal el Rey lhe mandaria muitos ornamentos pera a sua igre ja ao modo que se costumaua entre os Christáos. Elles folgaram muyto com isto, & pediram a Afonso Dalboquerque que lhe desse hum retauo lo de Sanctiago, & hum sino, que lhe logo deu. E porque era necessario deixar ali algúa pessoa que os doutrinasse nos ritos da nossa sancta Fé, pedio ao padre Frey Rodrigo da ordem de sam Domingos, que trazia cósigo que ficasse ali, & elle o aceitou por seruir a Deos, & teue tam bó cuidado esses dias que ali esteue, que com sua doutrina & bom exemplo tor nou muitos gentios á Fé de Iesu Christo, & bautizou muytos Christáos de trinta, & de quarenta annos de idade, por já náo auer memoria de bau tismo antrelles. Assentadas todas estas cousas, os Christáos da terra se vieram a Afonso Dalboquerque, & lhe disseram, que pois os queria con seruar em seus costumes antigos, que lhe pediam por merce que tambẽ lhe guardasse outro costume: & era que os Christaos que tinham cuydado de gouernar a igreja, tinham tambem juntamente em seu poder o sello & peso da cidade, & que o rey de Couláo lho tinha tirado por culpa & froxidade de hum Cristáo natural da terrra. E porque estarem estas

estas cousas em poder dos Christãos, como sempre estiueram; faziam muyto em sua autoridade, que falasse ao Naimbeadarim, & aos gouernadores, que os tornassem á sua posse, pois a culpa porque lho tiraram fora de hum soo, & não de todos. Afonso Dalboquerque lhes respondeo, que aquilo que elles requeriam não entrara no concerto das pazes: & que o tempo era breue pera começar requerimẽtos de nouo, porque estaua ja de verga dalto pera se partir, mas que elle deixaria recado a Antonio de Sa que ficaua por feitor, que como o rey de Coulão viesse da guerra lhe falasse nisso, & lho pedisse muyto da parte delRey de Portugal. Com isto ficaram muito contentes, & despediose delles & dos gouernadores da terra, & foise embarcar. E partiose a doze de Ianeiro do anno de M.D.IIII & fez seu caminho dereito a Cochim, pera se ver com Francisco Dalboquerque, & partirem todos juntos pera Portugal, como tinha por regimento del Rey dom Manuel. E porque chegado a Cochim o não achou nem recado seu do que esperaua de fazer, proueo a fortaleza de Poluora, armas & moniçóes de guerra, aquellas que lhe pareceram necessarias pera cumprir com sua obrigaçam, & duas carauelas, & a nao Conceiçam bem armadas. E porque parte da gente darmas que Francisco Dalboquerque deixou pera guarda da fortaleza ficaua nella por força & contra sua vontade, mãdou os recolher, & deixou outra que a seus rogos ali quiseram ficar. E feito isto despediose de todos, & partiose.

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Cochim pera Cananor: & do que passou ate chegar a Portugal. Cap. VI.

TEndo ja o grande Afonso Dalboquerque suas naos prestes, & elle embarcado pera se partir pera Portugal, chegou o Feitor a bordo: & dissélhe que Francisco Dalboquerque se partira pera Cananor, sem leuar nenhũa droga, ainda que per muytas vezes lhe requerera que a leuasse, porque tudo tinha prestes dentro na fortaleza, que lhe pedia muyto que quisesse fazer este seruiço á el Rey em as leuar ate Cananor, porque ali auia de achar Francisco Dalboquerque. Afonso Dalboquerque ainda que tinha as naos muyto sobrecarregadas, por seruir el Rey

tomou

tomou todo o crauo & canela que lhe o Feitor deu, & partindose dali chegou a Calicut, onde achou Francisco Dalboquerque tratando de pazes: & sem assentar nada se partiram ambos, & foram tér a Cananor, & ali lhe entregou Afonso Dalboquerque todo o crauo & canela que leuaua. E porque Francisco Dalboquerque auia de acabar de carregar suas naos, & dauase hũ pouco de vagar, & el Rey dom Manuel mandaua em seu regimẽto que ambos viessem juntos, assentaram todos os officiaes da feitoria que Afonso Dalboquerque esperasse ate vinte de Ianeiro, & passado este tempo se partisse logo. E sendo já vintecinco dias do dito mes, vendo Afonso Dalboquerque que elle fazia pouca diligencia no carregar das suas naos: assentou de se partir, & não esperar mais. E sobre a nauegação q̃ faria ouue muytos conselhos & pareceres: & por fim de tudo assentaram que fizesse seu caminho direito a Moçambique. Afonso Dalboquerque porque aquella nauegação não era muyto trilhada naquelle tẽpo, leuou hũ piloto mouro de Cananor consigo, cõtra parecer de todos, que diziam que aquelle mouro auia de dár com elle a traués: mas o mouro era tam bõ official daquelle officio, & sabia tambẽ aquelle caminho, que o leuou dereito a Moçambique por boa nauegação, sem ter nenhum contraste: & ali o deixou dandolhe cincoẽta cruzados por seu trabalho. E sem fazer nenhũa demora fez seu caminho dereito ao Cabo de boa esperança. E porque Fernam Martinz Dalmada tinha muyta necessidade dagoa, foram tomar a agoada de sam Bras, & deteuerãse nella dous dias, trabalhãdo de noite & de dia. E neste trabalho se perdeo o batel Dafonso Dalboquerque, porq̃ vinha ja muyto comesto do busano. E ali acharam hũa carta cerrada, emburulhada em hũ pano encerado, posta em hũ pao que dezia q̃ Antonio de Saldanha, & a Taforea, & a não de Setuual, chegaram ali no mes de Outubro. Afonso Dalboquerque tanto que as suas naos tiuerã tomado agoa fezse á vela, & veiose na volta do Cabo de boa Esperança, & com bõs tempos o dobrou o primeiro dia de Maio, dobrado o Cabo por conselho dos Pilotos fizeram seu caminho até se porem em altura de dez graos da banda do norte. E nesta paragem teuerã grandes calmarias, onde lhe adoeceo algũa gente: & dali vieram dia de sam Ioam pola menhaã á vista do Cabo Darcã, que hé entre os baixos de Arguim & Cenaguá: & porque a nao de Afonso Dalboquerque fazia muyta agoa, determinou por se achar naquella paragem, jr demandar á ilha do Caboverde, pera ali fornecer suas naos do necessario, por ser mais

perto

perto:& ainda que os ventos neſte tẽpo foſſem contrairos, noſſo Senhor os ajudou, de maneira que vieram ter á ilha. E ſendo apegados com a terra quebrou a verga da nao de Afonſo Dalboquerque, & rompeoſe o papafigo todo, porque vinham forçando o tempo pera aferrarem a ilha & com o traquete foy ſorgir no porto da praya de ſanċta Maria, com as outras duas naos de ſua conſerua, ja todos muyto deſaparelhados de amarras & velas, & de todas as outras couſas neceſſarias pera hũa viagem tam comprida. E ſe noſſo Senhor milagroſamente os ali não trouxera, (por não ſer eſta a verdadeira nauegaçam que atiam de fazer) elles forã conſumidos neſſe mar:& eſtiueram ali tres dias. Repairadas as naos de todo o neceſſario, & tomada agoa & mantimentos pera ſua viagem, partiram pera Portugal, & com bõs temporaes ſem tomarem outra terra chegaram a Lisboa por fim de Iulho do dito anno de mil & quinhentos & quatro, onde Afonſo Dalboquerque foy muyto bẽ recebido del Rey dom Manoel, fazendolhe muytas honras & gaſalhados, moſtrãdo muito contentamento do bom ſoceſſo que naquella viagem teue, & da fortaleza de Cochim ficar feita. Franciſco Dalboquerque que ficaua em Cananor carregando ſuas naos, como tenho dito, partioſe a cinco de Fevereiro, & no caminho ſe perdeo com as outras duas naos de ſua conſerua, ſem nunca ſe poder ſaber onde, nem como ſe perderam.

De como el Rey dom Manoel mandou o anno de ſeis Triſtão da Cunha á India, & Afonſo Dalboquerque em ſua companhia, em hũa armada de quatorze velas pera ambos fazerem a fortaleza de Çacotorá. Cap. VII.

CHegado o grande Afonſo Dalboquerque a Portugal em Iulho de 1504. como tenho dito, pela enformação que el Rey dom Manoel delle teue do eſtado em q̃ as couſas da India ficauam, & que era neceſſario ordenalas de maneira q̃ os mouros depois da partida das naos pa eſte Reyno não tornaſſem a ſer ſenhores da coſta do Malabar, & fauorecidos do Camorim deſſem ſempre muyto trabalho aos Portugueſes, & aos Reys de Cochim & Cananor q̃ eram noſſos amigos. Praticou eſte negocio cõ os do ſeu conſelho, em q ouue diuerſos pareceres. E por cima de tudo aſſentou de mãdar hũ gouernador q̃ ficaſſe na India tres annos com gente & arma

armada necessaria ao remedio dos trabalhos que os nossos passauã. E pela confiança que tinha em Tristão da Cunha o velho, que nisto o seruiria muito bẽ, determinou de o mandar pera q̃ a gouernasse. O qual estando com sua armada prestes pera partir o anno de M.D.V. adoeceo de vagados da cabeça, de que veio a cegar. E vendo el rey dom Manoel caso tã supito, porq̃ era necessário acodir logo aquelle anno á India pera fauorecer os nossos que la ficauão mandou chamar dom Francisco Dalmeida a Santarẽ pera jr nesta armada, & que depois de ser na India se chamasse Viso rey. E porq̃ a armada estaua ja prestes de tudo o que lhe era necessario partiose logo. E no anno seguinte de quinhẽtos & seis, mandou Tristam da cunha, que já era saão & restituido á sua vista, cõ hũa armada de quatorze velas pa mais fauorecer este negocio. Com regimento que sendo caso q̃ aquelle anno não podesse passar á India, fosse inuernar á ilha de Çacotora, & nella fizesse hũa fortaleza pa segurãça dos Christãos que tinha por enformação que auia nella. Fazendo tambẽ fundamento que a armada q̃ tinha determinado que andasse na costa Darabia, & no cabo de Comorim tolhendo a nauegação das naos que vinham da India pera o estreito cõ especearias, teria ali lugar seguro pera inuernar. E vendo el Rey dõ Manuel q̃ Afonso Dalboq̃rq̃ na viagẽ que fezera á India o ãno de tres, como fica dito, o seruira muito bẽ, & q̃ tinha esforço & prudẽcia pera gouernar, mandouho em cõpanhia de Tristão da Cunha pera ficar naq̃lla costa por capitão mór de seis naos & quatrocentos homẽs. E deu lhe hũa prouisam secreta que acabados tres ãnos fosse gouernar a India, & o Viso rey dõ Francisco Dalmeida se viesse pera Portugal. E estando em Abrantes por morrerẽ na cidade de Lisboa de peste, lhe mãdou hũa bandeira de cetim branco frãjada de retros cramesim & branco, cõ hũa Cruz de Christus de cetim cramesim no meio, que elle tornou a trazer a Portugal, como a diante se dirá. Ordenado tudo isto, tendo Tristão da cunha sua armada prestes em Belem: a qual fez com muito trabalho pela muita peste que auia na cidade: & muita falta de gente pera leuar, partio se a cinco Dabril pela menhaã, & foi logo pela barra fora cõ toda a armada, Tirando Afonso Dalboquerq̃ que ficou em Belẽ na nao Cirne, em q̃ hia por capitão, esperãdo por hũ piloto q̃ mandara pedir aos officiaes del Rey (por auer dous dias q̃ o seu chamado Ioã de Solis fugira pera Castela por matar sua molher) & vendo elle que lho não dauã, cõfiado na muita experiencia q̃ tinha das cousas do mar, & em Diogo fiz piteira, mestre

da sua

da sua nao, que fora já duas vezes à India: & tambem em lhe Tristão da Cunha dizer que lhe daria o milhor piloto da frota: tirãdo o piloto mór determinou de não esperar mais, & recolheo algũa gente que ficara das outras naos em terra, que os capitães não quiseram tomar por virem de Lisboa, & fez se á vela ao outro dia seis do dito mes. E já muito tarde alcançou o capitão mór, que hia esperando por elle, & depois de o saluar lhe disse que trazia algũa gente que os capitães deixaram em terra, que lhe pedia por merce os mandasse repartir pelas naos, segundo vinham assentados, porq̃ morriáo algũs, & a gẽte da sua andaua tam assombrada que se não sabia dar a conselho: & se auenturara a isso, pola necessidade que algũa hora teriam delles naqllas partes pera onde hião. O capitão mór lhe respondeo, que se vinham empedidos pera q̃ os tomaua. E não os quis mandar repartir, do q̃ Afonso Dalboquerque ficou muito descõtente. E chegando a Biziguiche mandoulhe hum rol da gente que era, por Pero vaz Dorta, que hia por feitor da sua armada, pedindolhe muito q̃ mandasse aos capitães que a recolhessem, porq não tinha mais mãtimentos q̃ os necessarios pera a sua gente. E que lhe mãdasse dár o piloto que lhe prometera antes que partisse de Belem, porq̃ o nã trazia, nem os officiaes del Rey lho deram. O capitão mór respõdeo que mandasse pôr a gente com seu fato em terra q̃ elle a repartiria como lhe bẽ parecesse. E que quanto ao piloto não o tinha, nem o auia de tirar ás outras naos pa lho dar. Enfadado Afonso Dalboquerq̃ desta reposta, mandou pór a gẽte em terra, & a Pero vaz Dorta q̃ lhe dissesse, q̃ na volta daquella gente auia algũs fidalgos & pessoas hõradas, que não parecia rezam assi de mistura cõ os outros mandalos lãçar em terra, que dali os deuia mandar repartir pelas outras naos. O capitão mór dissimulou com elle, & não lhe respondeo. E porque naquelles dias q̃ ali estiuerão não morreo nẽ adoeceo nenhũa pessoa em toda a armada, mandou pelas muitas importunações de Afonso Dalboquerque repartir pelas naos os q̃ estauã sãos, & os doentes que se embarcassem na carauela que tinha despachado pera Portugal, a qual el Rey dõ Manoel mãdara em sua cõpanhia pera lhe trazer nouas como hião, pelo receo q̃ tinha da muita peste q̃ a armada leuaua.

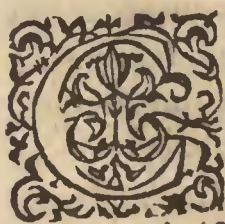
De como o capitão mór Tristão da Cunha despedio a carauela pera Portugal, & se partio de Biziguiche, & o que passou ate chegar à Moçambique. Cap. x.

Estan

ESTádo o capitão mòr Tristão da Cunha prestes com sua armada pera se partir do Porto de Biziguiche, despidio o capitão da carauela, & escreueo per elle a el Rey o estado em que hiam, & como chegando alli prouue a nosso Senhor que cessou a peste. Partido a carauela fizeramse todas as naos na volta do Cabo de sancto Agostinho; & por ser já tarde & os ventos ponteiros, & esperaré pola nao do capitão mór, que era má de vela, não no poderàm dobrar, & tornaram outra vez na volta de Guiné, em que se gastou muito tempo. E indo naquella volta, deu hũ temporal tam rijo na armada, que as naos se apartaram hũas das outras, & dalí a dous dias se tornaram ajũtar & fizeramse todas na volta de sancto Agostinho, saluo a nao de Iob Queimado, que não apareceo. E forá assi naqlla volta aguardando muitas vezes pola nao do capitão mór. Vendo Afonso Dalboquerque que se gastaua o tempo por esperarem por esta nao: & os capitães não ousauam de falar, veio á fala com o Capitão mór, & disselhe que olhasse que a causa principal de não dobrarem o cabo de sancto Agostinho, fora por esperarem pola sua nao, & que por ser tarde punha em muita duuida passaré aquelle anno á India: & pois não podia tér com as outras, que a auia de deixar com outra em sua cõpanhia, qual elle quisesse, & desse vela & fizese sua viagem com as outras. O capitão mór lhe respondeo, que se lhe el Rey dom Manoel fizera merce daqlla armada, fora pera se aproueitar: & que porisso queria agoardar pola sua nao, pois nella trazia a sua fazenda. Afonso Dalboquerque porq̃ perdia muito em não passar aqlle anno á India, dali a algũs dias tornou a pedir ao capitão mór que largasse a sua nao, q̃ foi causa de teré ambos palauras de desgosto bé escusadas, ás quaes Afonso Dalboquerq̃ não respódeo, né dali por diante quis mais falar em cousa da viagé. O capitão mór vẽdo dali a poucos dias o erro que tinha feito, & q̃ perdia mais em não passar aquelle anno á India, do que ganhaua em esperar pela sua nao: & que todos os mestres & pilotos quando o hiam saluar lho deziam: determinou de o remediar. E sendo na paragem da ilha da Ascensam, pos hũa bandeira na quadra, & todos os capitães arribaram logo a saber o q̃ queria. O capitão mór lhes disse que sua determinação era dár as velas, & não aguardar por ninguẽ, que cadahũ andasse quanto podesse, & o fosse esperar a Moçambique. E indo assi todos na volta do Cabo de boa esperáça, amanheceram á vista de hũa terra muito grande, & muito fermosa.

Afonso

Afonso Dalboquerque como a vio veio â fala com o capitão mór, & dissélhe que pois ainda não era descuberta, que se deuiam de chegar a ella & saber que terra éra, O capitão mór parecendolhe bem isto que lhe dezia, mandou jr a sua nao â orçá pera a tomar; & todos fizeram o mesmo, & indo sobre a tarde tornou a fazer outra vez o caminho q̃ leuaua. Esta terra eram hũas ilhas a que poseram nome de Tristão da Cunha, por elle ser o primeiro que as descobrio. E indo descorrẽdo por ellas jâ quasi sol posto começou o vento a vẽtar tam rijo, & com tantos agoaceiros, que as naos não poderam tér com o capitão mór, & apartaranse todas: saluo Afonso Dalboquerque que o siguio, & foram jũtos hũs dias com vento de viagẽ. E hũa noite deu hum temporal tam grande por dauante que os apartou. A nao de Afonso Dalboquerque esteue sete relogios de már em traues, com assaz trabalho, sem querer dár polo leme. E prouue a nosso Senhor que abonançou o tempo, & correo toda aquella noite sem ver o forol da nao capitaina, nẽ ao outro dia pela menhaã a virám. E foise naquella volta jâ com o cabo dobrado até auer vista das ilhas primeiras, & ali achou Francisco de Tauora, & foranse ambos a Moçambique, onde acharã hũa carauela que partira de Portugal muitos dias depois de Tristão da Cunha. E o capitão lhes disse que Lionel coutinho passara pera Quiloa. E dali a poucos dias chegou o capitão mór com as outras naos, excepto Aluaro Telez que dobrou a ilha de sam Lourenço por fora, & foy tér a Melinde, & deixou ali hũa carta pera elle, em que lhe dezia que o hia esperar ao cabo de Guardafum, & Rui Pereira q̃ tomou hũ porto na ilha de sam Lourenço que se chama Tanana, onde esteue algũs dias tomãdo enformação da terra por ser a primeira vez q̃ se descobrira: & dali se foy a Moçambiq̃ leuando consigo dous negros q̃ com elle quiseram jr por sua võtade.

De como o capitão mor Tristão da Cunha, pela enformaçã que teue dos negros que Ruy Pereira trouxe, determinou de jr descobrir a ilha de sam Lourenço. Cap. IX.

CHegado o capitão mór a Moçambique, porq̃ era jâ tarde pera atrauessar â India, determinou de aparelhar ali sua armada, pera fazer o caminho de Çocotorá, onde elRey dõ Manuel mandaua fazer hũa fortaleza, pera recolhimento de algũs Christãos que tinha por enformação que auia naquella ilha, por

não serem auexados dos Fartaquins, & doutras naos de mouros que ali hiam fazer sua agoada, quando passauam pera o estreito de Meça. E nestes dias chegou Ruy Pereira, & disselhe que com aquella tormẽta com que se apartara delle fora tér a hum porto da ilha de sam Lourẽço, & em sorgindo vieram duas almadias com algũs negros a bordo da nao, como gente de paz, & amostraranlhe prata, cera, & panos dalgodão: & disserãlhe que se quisesse entrar pera dentro, que resgatariam com elle, porque daquilo auia muito na terra: & tudo por acenos, porque na nao não auia quem os entendesse. E querendo elle entrar pera tomar mais enformaçao deste negocio, o piloto, méstre & feitor da nao lhe fizeram grandes requerimẽtos que não entrasse, & fizesse sua viagem pera Moçãbique, porque aquella nao era sua, & não eram obrigados a descobrir terras nouas: & que protestauam de lhe pagar tudo o que perdessem. E vendo seus reqrimentos trouxera aquelles dous negros, por lhe parecerem homẽs de rezão, & se fizera á vela. O capitão mór ficou muito contente com isto, porque sendo assi podia ali carregar suas naos & tornarse pera Portugal, & mandou logo buscar hũ mouro natural de Quiloa que estaua em Moçãbique, que tinha por enformação que sabía a lingoa, & disselhe que perguntasse a aquelles negros o que auia na sua terra, & como se chamaua: elles lhe disseram q̃ a sua terra se chamaua Tanana, & que auia nella muito gingibre, crauo, prata & cera. Cõ esta enformação mandou o capitão mór chamar Afonso Dalboquerque, & todos os outros capitães, méstres & pilotos darmada, & deulhes cõta de tudo o que passara com os negros que séu parecer era pois ali auiam de estar algũs dias irem buscar este porto que Ruy pereira descobrira, q̃ lhe dissessem o caminho que faria, porq̃ determinaua de jr lá. Os pilotos & méstres da armada foram de parecer que diuia de descobrir esta terra pola bãda do norte. Afonso Dalboquerq̃ como era marinheiro, & entendia bem a nauegaçam, vendo que os méstres & pilotos hiam errados no que diziam, perguntoulhes porq̃ lhes parecia bẽ fazerem o caminho do norte, pois a ilha não era descuberta por aquella parte, nẽ naquella armada auia pessoa que soubesse quanto a terra bójaua da banda do Norte. Os pilotos & méstres não deram rezão a isto porque não tinham nenhũa que dár: & assentaram no que tinham dito. Afonso Dalboquerq̃ como vio q̃ se não queriam decer da sua opinião, nã quis tér mais praticas cõ elles. O capitão mór per cima destas differenças pediolhe que lhe dissesse seu parecer: elle lhe respondeo que pois queria

fazer

fazer aquelle descobrimento que deuia de ser poraqlla parte do Sul, por onde Ruy pereira viera: porque não era bom conselho descobrir cousas nouas por caminho incerto, & mais tendo piloto q̃ o podia leuar ao porto que Ruy pereira tinha descuberto, sem nenhũ trabalho, o qual se podia nauegar em seis dias a popa: & que no tẽpo em que estauã seria muito dificultoso dobrarse a ponta da terra da ilha, que estaua em doze graos da banda do norte, porque ventauão os leuantes, & as agoas corriã muito, & gastariam muito tẽpo em a dobrar, porque delle tinham mais necessidade que de outra nenhũa cousa. E posto que naquelle conselho não ouue quem contrariasse este parecer de Afonso Dalboquerque: cõ tudo como ao capitão mór não pareciam bẽ suas cousas, não se satisfez disto q̃ lhe disse, & foise com o parecer dos Pilotos & Mestres: & não tardaram muitos dias que vio o erro que tinha feito, & quando o já quis remediar tinha gastado tres meses ao longo da terra, passando muitos trabalhos & perigos, sem fazer nada.

De como o capitão mór Tristão da Cunha se fez prestes pera ir descobrir a ilha, & o que nisso passou. Capitolo. X.

COmo o capitão mór teue assentado o caminho que auia de fazer, fez se prestes & partio de Moçambique na entrada de Nouembro, cõ todas as naos da obrigação: de Afonso Dalboquerque, & a de Ioão Gomez, & Ruy pereira, & Iob Queimado, o qual auia dous dias que chegára, que ficou a tras, por se apartar da armada na tormẽta que lhe deu na volta do Cabo de sancto Agostinho: & contou q̃ fora ter á ilha de sam Thome, & dali fizera sua nauegaçã ao lõgo da terra até Moçãbique, & no caminho sessenta legoas ao mar do rio Dágola achára hũa ilha despouoada muito grãde, & de muitos aruoredos. Partido o capitão mór dali apoucos dias foi auer vista do parcel de sctã Maria, q̃ hé hũa coroa darea em xvij. graos & meio daltura, sessenta legoas de Moçãbique, q̃ Afonso Dalboquerque descobrio aprimeira vez q̃ foy á India, & toda a frota correo poraqlle parcel, indo os pilotos com os prumos na mão, de oito braças ate quatro & meia: & dãdo neste fundo por ser noite surgirã, & ẽ amanhecẽdo tornarã a seu caminho: & forã assi até auerẽ vista da terra, & junto della lançaram

os bateis fora, & tomaram hum zambuco pequeno com dous mouros, os quaes trouxeram logo ao capitão mór, & elles o leuaram a hũ lugar de mouros que estaua alı perto, & em chegando a elle desembarcaram. Os mouros desempararam o lugar, & fugiram polo sertão dentro, & os nossos os foram seguindo, & mataram algũs que acharã escõdidos por esses matos. E o capitão mór os mandou recolher por se não desmandarem, & trouxerã algũas molheres, que elle mandou soltar, & pór fogo ao lugar: & embarcouse com toda a gẽte, & foise ao longo da costa: & cõ o milhor resguardo q̃ poderam foram tér a hũa enseada que se chama Lulangane: & dentro nella hũ tiro de bésta da terra firme acharam hũa ilha pouoada de muita gente, na qual o rey tem seu assento, & na terra firme suas criações & lauouras: & começando a descobrir esta enseada porque se a gente não acolhesse mandou o capitão mór dous bateis com gente que se fossẽ meter antre a ilha & a terra firme, & não deixassem passar nenhũs mouros da outra banda. E como os despedio, foise com todas as naos surgir no porto diante do lugar & desembarcou com toda a gente: os mouros como viram a determinação dos nossos foy o medo demaneira nelles, q̃ sem receo dos bateis vieram demandar a praya pera passarem da outra banda da terra firme, em zambucos, almadias, & delles a nado: & foy tãta a pressa que tiuerã em passar, que os zambucos & almadias polo grande escarceo que o mar fazia (por respeito da corrẽte da agoa de hũ rio que ali vem ter) soçobraram com toda a gẽte: de modo q̃ o mar era todo coalhado de homẽs, molheres & mininos mortos. O capitão mór deu no lugar & entrando por elle achou ainda muitos mouros com azagayas, & adargas que o esperarã, & trouxeos todos á espada. E depois deste desbarato mandou saquear o lugar, onde acharã muitos panos, prata, & ouro, porque vem ali as naos de Melinde & Mombaça tratar, & a troco disto leuam escrauos & mantimentos: & he o arroz tanto que vinte naos o não podé leuar. O capitão mór esteue ali tres dias & depois de todas as naos tomarem agoa & mantimentos, embarcouse, & foise ao longo da costa, com determinação de dobrar o cabo da terra, onde gastou muito tempo sem o poder dobrar, com leuantes, & agoas que corriam. Neste caminho tomou hum mouro que lhe mostrou crauo & disse q̃ nos matos auia muito: o capitão mór hia já tam enfadado de suas mentiras que lhe não deu credito & soltou o que se fosse: & fez volta com toda a armada por aquella parte onde Ruy Pereira tomara os negros.

De

De como o Capitão mòr Tristão da cunha se tornou ao longo da costa, & se ouuera de perder. E o que passou com o grande Afonso Dalboquerque. Cap. XI.

TOrnado o capitão mór ao longo da costa, por não poder dobrar o cabo da terra de sam Louréço, como tenho dito, os dous mouros que tomara em Lulangane o leuaram a hũa enseada grande, que se chama Çada, cercada toda de pouoações de Cafres, porque he ali escapola principal de todos os lugares da costa de Melinde, & de Mombaça, & Mogadaxo. Tanto que a armada foy surta, o capitão mór se meteo nos bateis cõ toda a gente & foy demandar a terra, onde deu em duas pouoações q̃ estauá ao longo do már. Os Cafres que podiam ser até dous mil com suas azagayas, adargas, arcos & frechas, posto que se poseram em som delhe defender a desembarcaçam, vendo a determinação dos nossos, não ousaram de esperar, & fugiram pera os matos. Vendo Afonso Dalboquerq̃ o tempo gastado em descobrir aquella ilha, com tanto perigo daquella armada: posto que o capitão mór sofria já mal dizerlhe nenhũa cousa, foise a elle, & dissélhe que se lembrasse que estaua jâ em meado Ianeiro, & que todo o tempo que mais gastassem naquelle descobrimento era perdido, que seria mais seruiço del Rey iremse ao cabo de Goardafum esperar as naos que vinham da India pera o estreito com especiarias, & fazer fortaleza em Çocotora como lhe el Rey tinha mandado, q̃ andarense ali perdendo. E que se por cima disto queria fazer aquelle nouo descobrimento que lhe desse licéça pera sejr a Çocotora, & de caminho ajuntar todas as naos onde quer que as achasse pera as leuar cõsigo, O capitão mór como andaua com aquelle aluoroço de descobrir toda a ilha de sam Lourenço pareceramlhe bem estas rezões, & deulhe licença que se fosse: & alargou lhe todas as naos que hião ordenadas de Portugal pera ficarem com elle & deulhe hum poder pera que todos os capitães que achasse naquella costa lhe obedecessem. Afonso Dalhoquerque posto q̃ o leuaua muito largo del rey dom Manoel em segredo, pera tudo o que quisesse fazer, por escusar paixões que podiam recrecer sobre qual dos poderes era mayor o aceitou. O capitão mór depois disto despachou Antonio de Saldanha que fosse a Moçambique tomar entrega da nao Sãctiago, & a fizesse prestes, porque tanto que elle chegasse a despacharia pera Portugal. Despe

dido Afonso Dalboquerque ajuntou suas naos & foise dereito a Moçambique, & de caminho mandou a Antonio do Campo que fosse a Quiloa & dissesse a Lionel Coutinho, & ao capitão da nao Garça, que tomassem todos os mantimentos que ouuessem mister, & em Melinde esperassem por elle. Partido Antonio do Campo, dali a seis dias chegou Afonso Dalboquerque a Moçambique, & começou de entender no corregimẽto das suas naos, que em breue tempo fez prestes, & partiose fazendo seu caminho dereito a Melinde, onde se auia de ajuntar com os outros capitães pera irem juntos demandar o cabo de Guardafum. E sendo tanto auante como as ilhas do Comoro, veio de noite ter com o capitão mór. E como foy menhaã tirou a bandera da gauea, & arribou a elle, & foy o saluar. O qual lhe deu conta dos muitos enfadamentos que tiuera depois que se delle despedira: & como Ruy pereira se perdera em hũs baixos, em que se elle tambem ouuera de perder por ser de noite, se não fora a grita que a gente da nao deu em tocando na area: & tambem pola diligẽcia do seu piloto, que ouuindo a grita mandara tomar a nao por dauante, & milagrosamente tornara a sair por onde entrou: porque tudo por dauante era baixos. Afonso Dalboquerque se tornou dali com elle a Moçambique, onde acharam Ioam da Noua muito doente, que o anno passado partira da India na nao Flor de la mar pera Portugal: & em hum pairo que teue no Cabo de boa Esperança abrio hũa agoa grande, q̃ a fez arribar ás ilhas Dangoja, & nellas esteue algũs dias, trabalhando pola tomar: & vẽdo que não podia por ser muita arribara a Moçambique, pera esperar as naos q̃ viessem do Reyno, & ver se tinha algum remedio pera se concertar. O capitão mór folgou muito de o ver, porq̃ era seu amigo, & trabalhou por lhe remediar a nao: & porque a agoa que fazia era pola carlinga, & não se podia tomar sem se descarregar, cõprou hũa nao que era de mercadores, em que vinha por capitão & feitor André dias, que depois foy Alcaide de Lisboa: & nella mãdou baldear toda a carga de Flor de la mar, & deu a capitania della a Antonio de Saldanha, & mandou o pera Portugal, & em sua companhia hũa nao de Fernão de Loronha, de que era capitão Diogo mendez Correa. E no caminho dobrando o Cabo de boa Esperãça descobrio hũa agoada muito proueitosa pera as naos antes que se tiuesse noticia da ilha de sancta Elena a que pos nome a agoada de Saldanha, onde os Cafres daquella terra mataram o Visorey dom Francisco Dalmeida, indo ali tomar agoa, vindo da India pera Portugal.

¶De

De como o capitão mor Tristão da Cunha se partio de Moçãbique com a sua armada, & se foy ver com o rey de Melinde, & dali a Angoja, & a destrobio. Ca. XII.

PArtido Antonio de Saldanha pa Portugal, o capitão mór começou logo cõcertar sua armada, & fornecela de todas as cousas necessarias: & como foy prestes partiose hũ dia pela menhaã, & em poucos dias foy ter a Melinde. E chegado ao porto cõ todas suas naos embandeiradas, depois de saluar a cidade, & estaré ancoradas, foise a terra com todos os capitães visitar o rey, & da parte delRey de Portugal lhe deu hũ presente q̃ leuaua & offereceose pera o seruir em tudo aquillo que lhe mandasse, com outros muitos offerecimẽtos que lhe fez. O rey lho agardeceo muito: & disselhe que elle merecia a el Rey de Portugal seu jrmão tudo o q̃ de sua parte lhe dezia, porq̃ era seu verdadeiro seruidor & amigo. E por esta causa os reys de Mombaça, & de Angoja eram seus capitais imigos, & lhe faziã muitas auexações: que lhe pedia que antes que se fosse daquella terra lhe desse vingança delles, porque soubessem que tinha elle el Rey de Portugal por si. O capitão mór lhe disse, que pois a principal cousa que o fizera ali vir fora pera conseruar a amizade antiga que tinha com el Rey seu senhor, q̃ elle lhe prometia q̃ antes de muitos dias lhe viessem nouas do estado em que ficauam seus imigos. E despidiose delle ficando em muita amizade, & foise embarcar. E Afonso Dalboquerque indose despedir do rey, lhe disse que el Rey de Portugal seu senhor o mandaua cõ hũa armada conquistar o reyno de Ormuz, & toda aquella costa de Arabia, a qual não era ainda sabida dos nossos pilotos, que lhe pedia por merce lhe mãdasse dar tres, que soubessem bem aquella nauegação, pera os leuar consigo: & que elle os pagaria muito bem, & trataria como seus vassalos. O rey mãdou aos gouernadores da cidade que lhe dessem os pilotos q̃ pedia, & tudo o mais q̃ ouuesse mister pera seruiço del Rey de Portugal seu jrmão. Os gouernadores lhe derã tres pilotos principaes da terra, que semp̃ nauegarã pera aquellas partes, & sabiam muito bé todos os portos daq̃lla costa de Arabia. Despedidos todos do rey vierãse embarcar, & fizerãse á vela: & sem tomaré outro porto forã surgir na bahia de Angoja: & tanto que surgiram mãdou o capitão mór Lionel Coutinho no seu batel a terra pa tomar enformação da gente q̃ auia no lugar, & da fortaleza delle. Os mou-

ros q̃ estauã na praya esperando, em chegãdo o batel perto de terra come çaralhe a tirar ás frechadas, sem querer ter pratica cõ os nossos. Lionel Coutinho por lhe não ferirẽ a gẽte, mandou tér o batel sobre o remo, & tornouse pera as naos, & disse ao capitão mór o q̃ passaua. O qual mãdou logo chamar os capitães, & disselhes: que elle polas offensas q̃ o rey Dangoja tinha feito ao de Melinde: & tambẽ pela pouca conta que fizera do seu recado, determinaua de o castigar, que todos se fizessem prestes, & ao outro dia antemenhaã viessem a bordo da sua nao, pera jũtos jrem cometer o lugar. Os capitães como foram horas vieranse nos bateis a bordo da Capitaina, & dali se foram demandar a terra pera cometerẽ a cidade. Os mouros como viram vir os bateis foramnos esperar á praya pera lhe defender a desembarcação. O capitão mór vendoos naquella determinação, pera lhe darem largueza pera desembarcar, mandou aos bombardeiros que lhes tirassem com os berços que leuauão nos bateis. Os mouros como se viram mal tratados dos tiros deixaram a praya, & recolhidos á cidade tomaram suas molheres & filhos, & o mais fato que poderã leuar ás costas, & fugiram pelo sertão dentro. Como a praya foy despejada desembarcou o capitão mór com toda a gente em duas batalhas: & Afonso Dalboquerque na dianteira com parte da gente, & elle com a bandeira real na retaguarda. E por não auer resistencia no desembarcar, entraram logo a cidade, a qual acharam despejada de gente & fato. O capitão mór como vio que não auia de que se podesse temer, mãdou fornecer a armada de mantimentos, de que auia muitos, & deu licença á gente que roubassem a cidade & se recolhessem logo, porque lhe auia de mandar por o fogo. E porque ao tempo que se pós não eram ainda recolhidos, & andauam todos metidos polas casas a roubar, ouueram de ser queimados, se não acertara o vento de ventar daquella parte onde elles andauam, & quando se já quiseram recolher foy bem pola esquentada. Recolhidos todos ás naos, mãdou o capitão mór fazer a armada á vela, & botou de fora da baya com o terrenho q̃ ventaua, & fez seu caminho dereito a Braboa.

¶ Esta cidade Dangoja he muito grãde, pouoada de mouros q̃ tratã em Çofala, & por toda aq̃lla costa: não auia nella casas de pedra & cal, se não os paços do rey: era toda cercada por derrador de muitas ortas & aruores de fruito, q̃ a faziã ser muito viçosa: tinha hũa bahia muito boa & de bõ surgidouro, não era cercada, está assentada á borda dagoa. O rey era hũ mouro mercador, q̃ veyo de fora, & por ser muito rico se fizera señor de toda a terra.

De

De como o capitão mór Tristão da Cunha foy tér a Braboa, & o que nella passou. Cap. XIII.

FEita a armada á vela, veiose o capitão mór ao longo da costa tér á cidade de Braboa, & em chegando depois de toda surta, porque vio muito aluoroço na praia mandou Lionel Coutinho no seu esquife a terra pera entéder claramête o mouimento que faziam os mouros: & antes que o esquife chegasse os que estauão á borda dagoa capearãlhe que não portasse em terra. Lionel Coutinho como vio que os mouros não queriam tér pratica cõ elle, tornouse pera as naos, & disse ao capitão mór o estado em que os achára. O qual desconfiado de lhe não querer o rey aceitar o seu recado mandou chamar todos os capitães, & deulhe conta do q̃ Lionel Coutinho passara cõ os mouros, & como auia muita gête & muito bê armada. Mas q̃ per cima disto elle determinaua de cometer o lugar, & auenturar tudo polo destruir, q̃ se fizessê prestes, & ao outro dia antemenhaã viessem a bordo da sua nao, pera dali irem jũtos dar nelle. Os mouros que estauã na praya vendo o aluoroço que hia nas naos, & o ajuntamento de bateis derredor da Capitaina, como gente que determinaua de os cometer: porq̃ os não tomassem desapercebidos começaramse a fazer prestes: & ajuntarã muita gente pera defenderem que os nossos não desembarcassem, confiados tambê no már que arrebêtaua em terra por ser costa braua, que ao desembarcar os acapelaria, & morreriam todos. Estando el rey nesta determinação, foramse a elle de noite dous mouros velhos que ali vieram viuer fogidos de Calicut, enfadados da guerra que o Çamorim tinha com os Portugueses, & disseramlhe. Senhor, tu não tés bom conselho em querer guerra com os Frãgues, dos quaes o Çamorim de Calicut sendo tam poderoso, na guerra que teue com elles nunca pode leuar o milhor: & deues de crér que nenhũ rey de toda esta costa he poderoso pera lhe defender q̃ não desembarquê em sua terra cada vez que quiserem, & a deixem toda chea de sangue, queimandoa & destroindoa, como fizeram a Angoja: & pois assi he, pedimoste que os queiras ouuir, & fazer com o capitão mór desta armada hũa paz arrezoada, & não ponhas em risco perder teu estado, & nos sermos todos destroidos. E quando for cousa tam fora de rezã que não seja tua honra concederlha, podese então dilatar o negocio com boas palauras, porque este he o tempo em que aqui cursa a vara de Cho-

romádel como ſabes:&ſe vier eſtando elles ali ſurtos toda ſua armada ſe perderá ſem eſcapar nenhũa nao,& deſta maneira ſeremos todos vingados delles,ſem auenturares perder teu eſtado. O rey pareceolhe bem eſte conſelho dos mouros, & agradeceolhe muito a lembrança que lhe fizeram, & mandou logo chamar os principais da terra que lhe aconſelhauã que pelejaſſe,& deulhe conta diſto que lhe os mouros diſſeram. E praticado tudo antrelles,aſſentaram que deuia fazer iſto que lhe os mouros deziã. E antes que foſſe menhaã mandou el rey hũ mouro em hũa almadia com hũa bãdeirinha branca pedir ſeguro ao capitão mór pera falarẽ em pazes,o qual foi com eſte recado, & tornou logo com o ſeguro.E tanto que chegou mãdou o rey hũ dos principais gouernadores da terra falar com ocapitão mórE diſſelhe que o rey eſtaua muito peſaroſo da pouca conta que os mouros fizeram do ſeu capitão que ali mandara,& q̃ por ſerem muitos não ſabia quaes erã os culpados pera os caſtigar. Que elle queria tér paz & amizade com el Rey de Portugal,que lhe mandaſſe dizer o que queria delle,porque tudo faria.Triſtão da cunha reſpondeo q̃ elle era capitão mór del Rey de Portugal,o qual lhe mandaua em ſeu regimento que todos os reys & ſenhores que eſtiueſſem ao longo deſta coſta, que era de ſua conquiſta,que não quiſeſſem ſer ſeus amigos & tributarios que lhes fizeſſe crua guerra & os deſtruiſſe. E porque o rey Dangoja não quiſera eſtar neſta obediencia o deſtroira,& que aſsi determinaua fazer a elle ſenão quiſeſſe obedecer a el Rey de Portugal, & pagarlhe pareas,& querendo ſer ſeu vaſſalo o ſeruiria com aquella armada contra ſeus imigos:porque aſsi o fizera com o rey de Melinde pela muita amizade que ſempre teue com el Rey de Portugal,& polo fauor & honra que ſeus capitães que vinham tér ao ſeu porto recebiam delle. Com eſta repoſta tornou o mouro a terra,&contou ao rey perante todos os principaes q̃ eſtauam com elle iſto tudo que paſſara com o capitão mór.E depois de muitas praticas que tiueram ſobre eſta repoſta,de que não ficaram contentes tornou o rey a mandar o meſmo mouro ao capitão mór,dizendo:Que mandarlhe pedir pareas não era querer ſua amizade, mas buſcar rezões pera ſe deſauir com elle,ſe lhe não concedeſſe o que pediſſe:que elle nunca fora tributario de nenhum rey, mas antes todos os daquella coſta trabalhauam polo terem por amigo.E porque iſto que elle queria era couſa noua,& não podia reſponder ſem dár conta aos principaes da terra, lhe pedia por merce lhe deſſe lugar de tres ou quatro dias pera ajuntar todos
os

os mercadores, & com elles assentar o que se podia fazer. O capitão mór lhe respondeo que elle tinha outras cousas em que entender, que el Rey de Portugal mandaua em seu regimento que fizesse, & q por isso se não podia deter tantos dias: que se quisesse tomar conclusam com elle, q lhe mandasse logo a reposta, & se não que faria o que auia de fazer. O mouro tornou a repricar, pedindolhe muito por merce que lhe desse aquelle tẽpo que o rey de Braboa seu senhor lhe mandaua pedir, porque não seria rezam pois todo aquelle pouo auia de pagar o tributo quando se nisso assentasse, que se fizesse sem conselho & parecer de todos. O capitão mór por acabar com elle lhe deu de espaço ate outro dia: & não vindo reposta até noite, que elle se auia por respondido. O mouro se foy a terra, & deu este recado ao rey, & ao outro dia ja sol posto tornou com reposta, & disse lhe que o rey era contente de lhe pagar tributo, mas o quanto auia de ser que se não podia determinar sem primeiro falar com os mouros principaes da terra, & todos os mercadores; que elle os tinha mandado chamar que como viessem lhe responderia logo. Vendo o Capitão mór que o mouro que adaua nestes recados hia & vinha a terra sem tomar nenhũa conclusam, & que tudo eram dilações & mintiras do rey: chegado com este derradeiro recado, mandou o atar em hũ pao, mostrando q lhe queria dar tratos, & apertou com elle que lhe dissesse a causa porq o rey não queria acabar de tomar conclusam, pois pera lhe responder si, ou não, auia mister pouco tempo: & que lhe falasse verdade, porque se lhe mintisse que o auia de mandar lançar no mar com hũa camara de bõbarda ao pescoço. O mouro com medo de lhe mandar fazer o que dezia lhe disse. Senhor, tu estás diante desta cidade onde neste tempo cursa hũ vento q se chama a vara de Choromandel, que vem daquellas partes tam de supito, & tam grande, que se agora acertasse de vir não escaparia nenhũa nao desta tua armada que se não perdesse. E com a esperãça que todos temos que cada dia vira, anda o rey cõtigo nestas dilações. O capitão mór temẽdo que podia isto ser assi, mandou por o mouro a bõ recado, & fezse prestes pera ao outro dia antemenhaã dar na cidade.

De como o capitão mór Tristão da Cunha foy cometer a cidade de Braboa, & depois de destroida se partio pera Çocotora. Cap. XIIII.

Passa-

PAssada esta pratica que o capitão mór teue com o mouro que andaua nos recados, auisou logo os capitães de tudo o que cõ elle passara, & que sua determinação era ao outro dia antemenhaã cometer a cidade, que todos se fizessem prestes, & áquellas horas viessem a bordo da sua nao, & leuassem fatexas & cabos compridos nos bateis pera deixarem por regeiras ao már polos não acapelar, que por ser costa braua arrebẽtaua muito em terra. Os capitãs se fizeram prestes toda aquella noite, & como forã horas vieramse com sua gente nos bateis a bordo da nao capitaina, & como chegarã abalou logo o capitão mór pa terra, duas horas antemenhaã sem tangerem trombetas, por não serem sentidos. O rey receoso do que podia ser, pola tardança do mouro que tinha mandado, & não vinha cõ reposta, mandou toda a noite vigiar a praya, de modo que não Poderam os nossos jr tam calados que não fossem sentidos: & logo acodiram muitos mouros á praya, que trabalharam por lhe empedir a desembarcação: & porq̃ eram muitos, & o már andaua muito de leuadia, teueram os nossos grande trabalho no desembarcar. E com tudo lançados pola agoa meyos molhados cometeram os mouros tam valerosamente, que logo ali ficaram muitos estirados, & os que escaparam do seu ferro forã fogindo pera a cidade. O capitão mór como os vio postos em desbarato, não querendo dár tempo aos mouros que fogiam, muy espãtados do improuiso mal: mandou a Afonso Dalboquerque que tomasse a dianteira, & fosse no seu alcãce: o qual com a gente que leuaua os foy seguindo. E á entrada da cidade fizeram os mouros resistencia aos nossos, & mataram quatro ou cinco, & feriram Antonio de Sá no rosto com hũa frecha. E estãdo assi ás lançadas com os mouros chegou o capitão mór, & todos juntos entraram pela cidade dentro a pos elles, que hião fogindo: & as molheres com pedras lhe feriam muita gente dos terrados. Os mouros como chegarã a hũa praça grande onde estaua hũa mezquita, ajuntaranse todos & esperaram os nossos com determinação de morrerem: & como elles erão muitos & a praça grande estiueram os nossos que eram poucos em risco de se perderẽ. Como esta noua chegou aos bateis, os marinheiros & bõbardeiros que ficaram em guarda delles largarãnos, & tomaram baldes de couro cheos de panelas de poluora & doutros artefícios de fogo & foramse a gram pressa tér á praça onde o capitão mór estaua: & com as panelas de poluora, lanças & bombas de fogo que leuauam fizeram grãde

estra-

eſtrago nos mouros. Os noſſos cõ eſte nouo ſocorro apertaram tam rijo com elles que viraram as coſtas: & foram fugindo pera fora da cidade, na qual não ficaram ſenão molheres que carregadas de fato hiam ſeguindo ſeus maridos. E os noſſos foram em ſeu alcance, & mataram muitas, & tomaramlhe o que leuauam. Receoſo o capitão mór que ſeguiſſem os mouros que hiam fogindo darrancada, mandou a Afonſo Dalboquerq̃ que os recolheſſe, & não conſentiſſe que foſſem mais por diante. E como foram recolhidos tornouſe o capitão mór á praça, & foy cometer a mezquita, onde mataram todos os mouros que eſtauam dẽtro. E na entrada o feriram em hũa perna de hũa fréchada. Acabado eſte feito pos ſe na praça, & depois de deſcáçar diſſe a Afonſo Dalboquerque que lhe pedia por merce o fizeſe caualeiro, porque o queria ſer da ſua mão ali naq̃lle lugar onde os mouros lhe tiraram o ſeu ſangue. E logo ſe ajuntou toda a gente no meio da praça, & tocaram as trombetas, & Afonſo Dalboquerque o fez caualeiro, com ſuas cerimonias acoſtumadas. E depois de Triſtão da Cunha ſer feito caualeiro fez elle ſeu filho Nuno da Cunha, & outros muitos fidalgos. E acabado iſto foiſe o capitão mór com todos aos paços do rey que eram muy grandes & muy fermoſos: nos quaes ate então não conſintio que entraſſe ninguẽ: onde achou muita prata, & muito ouro, muitos panos de ſeda, & outras couſas muito ricas: & muito dinheiro em xerafins: & tudo repartio pelos capitães & gente nobre da armada: E porq̃ ſe hião fazendo horas pera embarcar: & tambẽ polo receio que tinha de vir a tormenta que lhe o mouro tinha dito, mãdou o capitão mór tocar as trombetas pera ſe recolherem: & depois de toda a gente junta poſerã fogo á cidade por quatro partes, a qual ardeo tam fortemente, que foy couſa de eſpãto. Queimouſe ali muita fazenda; que os noſſos não tiuerã tempo pera trazer, nem o már lhe daua lugar pera a embarcarem tam de preſſa cómo o capitão mór queria.

¶ Braboa he hũa cidade grande, de muito boas caſas de pedra & cal, eſtá aſſentada á borda dagoa, não tẽ porto nenhũ, tudo hé coſta braua, deſemparada de todas as partes, he pouoada de mouros naturaes da terra, & tratam dali com Çofala, & por toda aquella coſta: & ali vẽ as náos de Cambaya carregadas de roupa, & neſta cidade hé o principal trato della, & de outras muitas mercadorias, porque vem tér aqui hũ rio muy grãde, que corta a terra toda, & não ſae ao már: & por eſte rio nauegã os mercadores deſta terra pera muitas partes: & vam tér dali a hũa feira que ſe faz em

Manamotapa,que hé o sertão de Çofala,onde leuam esta roupa de Cambaya,& Anfião,sandalos,& agoa rosada,& outras mercadorias em q̃ fazem grandes proueitos,& de lá trazem ouro & outras mercadorias:& todos os lugares do sertão nauegam per este rio & vem tér a Braboa,o qual estará meia legoa do már,& por causa deste rio se fez esta cidade tá nobre & tem muitos & bós edificios.

De como o capitão mór Tristão da Cunha se partio de Braboa, & fez seu caminho direito à ilha de Çocotorá & o que nella passou. Cap. XV.

Recolhido o capitão mór ás naos,fez se á vela, & foy ao longo da costa com toda a armada, cõ determinação de dár em Magadaxo, Afonso Dalboquerq̃ porque estaua assentado do outro dia q̃ cometessem a cidade, foise diante; & surgio defrõte della. Vendo o piloto mór da armada,q̃ se chamaua Afonso lopez buraquinha, q̃ a determinação do capitão mór era dar em Magadaxo,& que se gastaua o tempo,como sabia muito bẽ a nauegação daq̃llas partes,porque andára já ali em cõpanhia de Antonio de Saldanha,foise a elle,& disselhe que a moução daquellas partes era já quasi gastada,& que se mais ali andasse não lhe ficaua tempo pera dobrar os baixos de sam Lazaro,que estauam dali cincoẽta legoas,& q̃ tendoos dobrados não lhe podia fazer nojo o trauessam que naquelle tempo cursaua naq̃lla costa,ainda que viesse,porque tinha már largo por onde correr. O capitão mór mandou chamar os pilotos mouros,& todos os da armada,& dissellhes isto que o seu piloto dizia : & porque todos forã de seu parecer,mandou que fizessem seu caminho na volta de Çocotorá : & fez sinal a Afonso Dalboquerque que se leuasse & o seguisse. E sem tomarẽ outra terra foram surgir no Çoco,que he o porto principal q̃ a ilha tem, & onde está a pouoação:& com todas as naos embandeiradas & de festa saluaram o lugar com ártelharia, por sér de Christãos. Vendo o capitão mór a fortaleza que os mouros ali tinham feita,cercada toda de muro & barbacaã,& torre de menagem:porque era muito differente da informação que el Rey dom Manuel tinha,mãdou chamar Afonso Dalboquerq̃ & todos os capitães á sua nao. E dissélhes,que el Rey seu senhor lhe mandara que fizesse hũa fortaleza naquella ilha,na qual auia de ficar por capi

tão

tão dõ Antonio de Noronha que ali estaua presente: pera guarda & emparo dos Christãos que nella viuiam des do tẽpo de sam Tome, porque seus desejos eram dilatar o nome de nosso Senhor por todas as partes de sua cõquista. E porq̃ achaua isto fora da enformação que sua Alteza tinha lhes pedia seu parecer do que faria naq̃lle caso. Os capitães todos lhe disseram que deuia de tér fala cõ o capitão da fortaleza pera saber delle sua determinação: & quando não quisesse estar a obediẽcia del Rey de Portugal, que a deuia cometer & entrala por força. O capitão mór lhe pareceo bem este conselho, & mãdou logo Pero váz Dorta, & Gaspar rodriguez lingoa a terra, que dissessem ao capitão que el Rey de Portugal o mãdara cõ aquella armada fazer hũa fortaleza naquella ilha, por ser enformado que era de Christãos, & que a achaua senhoreada de mouros, que lhe pedia & rogaua que deixasse a fortaleza, & que lhe daria saluo conduto & embarcação pera elle & toda sua gente se irem pera sua terra. E se isto não quisesse que elle determinaua de lhe tomar a fortaleza, & não dár vida a nenhũ mouro que nella estiuesse, porque assi lho tinha mandado el Rey de Portugal seu senhor. O capitão lhes respõdeo que dissessem ao capitão mór, que elle nem os Fartaquins que tinha em sua companhia, não morrião dabafas, senão a ferro, que fizesse o que quisesse, porque elle não auia de deixar a fortaleza sem primeiro serem todos mortos, que este era o costume dos Fartaquins. O capitão mór com esta reposta tam determinada mãdou chamar Afonso Dalboquerque & os capitães, & deulhe cõta de tudo. Todos assentaram que se cometesse a fortaleza, & que nosso Señor os ajudaria, & amansaria a soberba daquelle mouro: porque ainda q̃ de fora parecesse muito forte, era tam pequena, que não podia tér gente que resistisse ao poder daquella armada. Assentado isto, porque no porto do Çoco onde estauam surtos andaua o már sempre de leuadia, & não se podia desembarcar nelle sem muito trabalho & perigo da gente, determinou o capitão mór de buscar porto onde sem trabalho podessem desembarcar: & foise no seu batel com Afonso Dalboquerque ao lõgo da praya & viram hũa angra junto de hum palmar, onde o már daua jazigo: & posto que fosse hum pouco mais lõge assentaram de desembarcar ali, & tornaramse pera as naos. E o capitão mór auisou logo a todos os capitães q̃ estiuessem prestes pera ao outro dia antemenhaã irẽ cometer a fortaleza, & desembarcarem por aquella parte do palmar, não dando o már jazigo naq̃lle porto onde estauão surtos, por ser mais perto. O grande Afonso

Dal-

Dalboquerque como chegou á sua nao mandou a dom Afonso de Noronha seu sobrinho que se fizesse prestes no seu batel cõ quarenta espingardeiros, & leuasse hum falcão com poluora & pilouros; & dous bõbardeiros, & hũa cabria, & dous troços descada pera sobirem ao muro da fortaleza se fosse necessario: E que elle iria no esquife da nao com dõ Antonio de Noronha, dom Ioam de Lima, & dõ Geronimo de Lima seu jrmão, & outros fidalgos, dandolhe costas. Prestes tudo, foise Afonso Dalboqrq̃ á nao capitaina, & dali abalarã todos direitos ao palmar. O capitão mór com todos os capitães da sua armada na dianteira, & Afonso Dalboqrq̃ com os seus capitães & gente na retaguarda: o qual como vio que o mar ali no porto hia dando jazigo, & que podia desembarcar defronte da fortaleza por ser mais perto, deixouse jr de vagar ao longo da terra, picãdo o remo a ver se o már abonançaua. O capitão da fortaleza que estaua vigiando a determinação dos nossos, como vio que o capitão mór hia demandar o palmar, onde ja tinha hũa estancia muito forte que fizera toda aquella noite, sayose fora da fortaleza com cem homẽs, & foise dereito á estancia pera lhe defender a desembarcação. Afonso Dalboquerq̃ vẽdo que o capitão deixaua a fortaleza: & que o már daua jazigo, mãdou a dõ Afonso de Noronha que tomasse terra defronte della, & desembarcasse logo, & que elle os seguiria. E todos juntos desembarcaram. O capitão q̃ hia demandar o capitão mór, vendo que Afonso Dalboquerque lhe ficaua nas costas, receãdo que lhe tomasse a porta da fortaleza, & não tiuesse por onde se recolher, deixou oitenta homẽs com hũ capitão, pera que defendesse a estancia, & elle com vinte em sua companhia tornou a tras pa acodir á porta que lha não tomassem, & veyose a encontrar com dõ Afonso de Noronha, que hia jâ caminhando com sua gente pera ella. E em se encontrando ouue entre os nossos & os mouros hũa grande persia de cutiladas & lançadas, de maneira que de hũa parte & da outra foram algũs feridos. E dom Afonso de Noronha encontrouse com o capitão, & andãdo com elle âs cutiladas, tendoo já quasi rendido chegou Afonso Dalboquerque com toda a outra gente, & acabaram de o matar. Os Fartaquins como viram o seu capitão morto, volueram as costas & foram fogindo contra a fortaleza: & no alcance mataram os nossos oito: os outros derã volta por derredor da fortaleza, & fogiram pera a serra. Os mouros que estauão encima de hũa guarita como viram a nossa gente ao pé do muro começaram a deitar muitos cantos & pedras, com que os tratauão mui

to

to mal. E derão com hũ cāto no capacete de Afonſo Dalboquerque, q̃ logo cahio no chão mal tratado, & nem por iſſo perdeo o ſentido de mādar a gente que ſe arredaſſe, & a Nuno Vaz de Caſtelo branco que foſſe ao batel & trouxeſſe o tiro, & a cabrea, & troços deſcada, machados & vaiués pera quebrarem as portas da fortaleza. Como Nuno Vaz trouxe a eſcada mandou Afonſo Dalboquerque encoſtala ao muro & começaram os noſſos a ſobir por ella, & o primeiro foy Gaſpar Dias de Alcacere do ſal que leuaua a ſua bandeira, & Nuno Vaz de Caſtelo branco, & o guião de Iob queimado & outros que o ſeguiram: vẽdoſe os mouros entrados dos noſſos ſem lhe poderem reſiſtir recolheramſe a hũa torre que eſtaua pegada com a da menagem. Como os mouros largaram a guarita mādou Afonſo Dalboquerque com machados & vaiués quebrar as portas, & entrarā todos dentro em hum terreiro & foramſe à porta da torre onde os mouros ſe recolheram & ali eſperaram que o capitão mór chegaſſe, que vinha já de volta com os mouros.

De como o capitão mór Triſtão da Cunha entrou a fortaleza & do que paſſou chegando a ella. Capitulo. XVI.

O Capitão mór Triſtão da Cunha pela parte do palmar onde foy deſembarcar teue hum pouco de trabalho com os mouros, que lhe defendiam valeroſamente a deſembarcaçā, mas iſto lhe aproueitou pouco, por que elle os cometeo com tanta furia & esforço que fizeram pouca reſiſtencia, & deixando a eſtācia foram fugindo demandar a porta da fortaleza,, & o capitão mór lhe foy ſeguindo o alcance com a ſua gente matando muitos delles, & os que ficaram viuos vendoſe atalhados, por Afonſo Dalboquerque a ter já entrado voltaram por detras della & ſaluarāſe na ſerra. O capitão mór entrando pela porta da fortaleza no pateo, achou Afonſo Dalboquerque ao pé da torre por onde ſe os mouros recolheram: & chegando mandou a Nuno vaz de Caſtelo brāco cō quatro ou cinco homés q̃ foſſe ver ſe podia achar entrada por algũa parte pera ſobirē a ella: & no cabo do patio viram hũa eſcada de pedra q̃ era ſeruētia da torre, & ſobindo por ella forā ter ao terrado da torre, & ali acharā hũa porta q̃ hia pera o ſobrado debaixo, que

os mouros tinhão trancada de tal maneira que não se podia entrar: & do sobrado do meio onde estauão tratauam muito mal os nossos ás frechadas. Os fidalgos que ali estauão vendose mal tratados dos mouros sem lhe poderem fazer nenhum nojo, determinaram de se auenturar, & cometer a porta pera entrar com elles. E o primeiro que a cometeo foy dõ Antonio de Noronha, & querẽdo sobir veio hũ mouro com hũa espada sobrelle, & ouueralhe de cortar o pescoço, se Afonso Dalboquerque vendo vir o golpe o não emparara com a sua adarga. Os mouros vendose entrados por cima do terrado, recolheramse á torre da menagem por hũa escada que hia de hũa pera a outra, não sendo já a este tempo mais de vinte cinco, estando na fortaleza quando a cometeram cento & cincoenta, porque todos os mais eram mortos & fugidos pera a serra. Recolhidos á torre da menagem trancaram as portas, & deixaranse estar. E o capitão mór mandou as logo quebrar com vayuẽs: & porque a escada era tam estreita, que não podiam sobir por ella se não hum homẽ ante outro, & os mouros tinhão pouco trabalho em se defender, quis o capitão mór, por lhe não matarem algũs dos nossos na entrada desta torre, cometerlhe partido: & disse a Afonso Dalboquerque & aos outros capitães, que aquelles mouros estauão tam emperrados, & elles tam desejosos de os matar, que o remedio pera os entrar auia de custar muito, que seria bom cõselho deixarẽnos jr liuremente, porque ainda que os matassem todos, não se ganhaua nisso mais honrra da que tinhão ganhado em lhe tomarem a sua fortaleza. E porque isto que o capitão mór disse pareceo bem a todos, mandou logo por Gaspar Rodrigues lingoa dizer aos mouros á porta da torre, que o seu capitão era morto, como elles muito bem sabião, & toda a outra gente da sua companhia, & que elles soos ficauão, que lhes rogaua muito que se quisessem decer de sua opinião, & deixar a fortaleza, que elle lhe daria seguro & embarcação pera se jrẽ pera sua terra. Os mouros lhe responderã, q̃ agardecião muito ao senhor capitão mór quererlhe dar as vidas, & q̃ bastaua pera elles não quererẽ aceitar esta merce mandar lhe dizer q̃ o seu capitão era morto, porq̃ os Fartaquĩs não costumauã tornar a sua terra viuos deixãdo o seu capitão no cãpo morto, & mais sendo filho do seu rey: q̃ fizesse o q̃ quisesse, porq̃ elles não se auiã de dár. O capitão mór cõ este desengano dos mouros, mãdou a Ioão Freire seu pagem & Nuno vaz de Castelo branco, & Dinis Fernãdes, q̃ depois foy patrão mór da India, Antonio Dinis de Setuuel, & Pedraluares pagẽ do cõde de

Abran

Àbrantes, que sobissem ao terrado da torre, & vissem se por ali podiam entrar com os mouros. E o primeiro que sobio foy Ioão Freire, que do sal to que deu do peitoril da torre no terrado foy sentido delles: os quaes abri rão a porta q̃ hia pera o terrado, & védoo so remeterão a elle & matarãno & acabãdo de o matar chegarão os outros. Os mouros como os viram tornarãose a recolher ao sobrado onde estauão, & trancarã a porta, os nos sos védo que não podião seguir os mouros fizerão hũ buraco no terrado da torre: & ás pedradas & tigolos cõ que lhe tirauão, & Nuno vaz de Castelo branco cõ hũa bésta que leuaua començarãnos a tratar mal. Espertado Afonso Dalboquerq̃ da vergonha que todos passauão, por auer tres horas q̃ ali estauã sem poderem entrar a torre defendida por quatro mouros, mãdou trazer do seu batel dous padeses Biscainhos, & no emparo delles q̃ leuauão dous soldados começarão a sobir animosaméte pela escada a cima os que podião caber: & todos os forã seguindo, sendo bẽ seruidos de fréchadas, & lãçadas de aremesso, mas nẽ isso lhes valeo pera os nossos deixarem de os entrar, & os que estauão encima no terrado como virão a reuolta que auia no sobrado & a portinha desemparada, quebrarãna & deceram pela escada a baixo, & hũs & outros entraram de roldão com os mouros, & mataram todos sem ficar nenhũ, & foy á custa de cinco ou seis dos nossos que morreram, & muitos feridos: & catiuaram hũ que se deo: do qual se Afonso Dalboquerque depois aproueitou na costa de Arabia onde andou, porque este mouro era grãdepiloto daquella costa: & deulhe hum roteiro de todos aquelles lugares do reyno de Ormuz, que hum piloto que se chamaua Omár andando ali, em cuja companhia elle andára por marinheiro fizera: foi a fortaleza cometida ás seis oras pela menhaã, & acabada de entrar hũa ora depois do meio dia: não se tomaram nella muitos despojos, porque os mouros eram fronteiros, & acharãose algũs mantimentos, armas & espadas, cõ letreiros em Latim que dizião, Deos ajudame. Passada esta vitoria, ao outro dia pela menhaã foyse o capitão mór com toda a gente em procissam á misquita dos mouros, & porque auia de ser a principal igreja poseramlhe nome nossa Senhora da vitoria: na qual frei Antonio do Loureiro da ordem de sam Francisco disse missa, & não foy sem muitas lagrimas dos nossos, por verem em hũa terra tam remota de Portugal ser celebrado o nome de nosso senhor Iesu Christo naquella casa de abominação.

Do recado que o capitão mòr Tristão da Cunha mandou â gẽte da terra, & o que passou cõ elles, & como acabou a fortaleza de Çocotorá, & se partio pera a India, & como ficou o grãde Afonso Dalboquerque por capitão mòr da armada. Cap. XIX.

COmo o capitão mór Tristão da Cunha foy em posse da fortaleza, mãdou por hum lingoa recado aos Christãos, que fugirão de hũa pouoação que estaua jũto della, rogãdolhe muito q̃ se tornassem, & não fizessem nenhũ abalo de si, nem se escandalizassem da destruição q̃ tinhão feito nos mouros, porq̃ a principal causa porq̃ elRey de Portugal lhe mãdara tomar aquella fortaleza & lançar os mouros da ilha, fora polos liurar de seu poder, pela informação q̃ tinha de serẽ os moradores della Christãos. Como a gente da terra teue este recado do capitão mór, sabẽdo que eram Christãos vierãose lãçar aos seus pés (ja fora do receo q̃ dãtes tinhão) dãdolhe muitas graças pela merce q̃ lhes fizera em os tirar da sogeição dos Fartaquĩs, dos quaes erão tam auexados, q̃ não cõtentes de serem señores de todo o seu, ainda lhe tomauão suas molheres & filhos pera os fazerem mouros, & lhe fazião outras muitas injurias: & pois o Deos ali trouxera, & todos eram Christãos lhe pediam q̃ os quisesse emparar, & defender de tão má gente como aquella era. O capitão mór com palauras de muito amor os cõsolou dizẽdo, q̃ elRey de Portugal seu senhor o mandara ali por amor delles, & q̃ pera sua segurãça fizesse naquella ilha hũa fortaleza, & nella ficasse hũ capitão com gẽte pera os defender dos Fartaquĩs, & das naos dos mouros q̃ por ali passauã da India pera o estreito (nã sabẽdo q̃ os Fartaquĩs ali a tinhã feita) q̃ lhes rogaua, & encomẽdaua muito q̃ tiuessẽ sempre paz & amizade cõ os Portugueses, principalmẽte cõ os q̃ auiã de ficar na fortaleza, & os prouessẽ dos mãtimẽtos de q̃ tiuessẽ necessidade. E pois erã Christãos lhes pedia quisessẽ receber a doutrina de Chrõ, & aprender as cerimonias de nossa Igreja, q̃ elles por tãto tẽpo jâ tinhã esquecidas, porq̃ elRey de Portugal seu señor polos desejos q̃ tinha de sua saluação, mãdaua ao padre frei Antonio q̃ ali estaua presente cõ outros religiosos pera os doutrinarẽ nella. Estas & outras cousas muitas lhes disse o capitão mór, de q̃ ficarã muito contentes, & prometerãlhe de fazerem tudo aquillo q̃ lhe mãdaua. E dali se forã com o padre frey Antonio ás suas igrejas, onde muitos pela sua pregação & bom exemplo se bautizaram.

¶ Feito

¶ Feito isto mádou o capitão mór ajuntar muita pedra & cal, & entẽdeo logo no fazer da fortaleza: & deulhe tanta pressa q̃ em breue tempo se acabou, & depois de ser acabada, poslhe nome sam Miguel, & entregou a capitania della a dõ Afonso de Noronha, o qual vinha de Portugal prouido por el Rey dõ Manoel, & a Fernã Iacome seu cunhado da alcaidaria mór. E porq̃ o tẽpo de sua partida pera a India se chegaua, entregou a Afonso Dalboquerq̃ seis naos q̃ elRey dom Manuel mãdaua q̃ lhe desse cõ gente, mãtimentos & artelharia, & cõ tudo o mais q̃ lhe fosse necessario pera ficar por capitão mór de todas aquellas partes (como leuaua por regimẽto delRey) cõ obrigação de prouer aq̃lla fortaleza do q̃ fosse necessario, das quaes naos eram capitães, Frãcisco de Tauora, do rey grãde, Manoel Teles do pequeno, Afonso Lopes da Costa, da Taforea, & Antonio do cãpo do nauio pequeno. E porque o comendador Ruy Soares auia de ficar em sua cõpanhia & não era ainda chegado deixou o capitão mór Tristão da Cunha Ioão da Noua, capitão da nao flor dela már em seu lugar, & tanto que Ruy Soares chegasse se partisse logo caminho da India cõ nouas do q̃ Afonso Dalboquerq̃ tiuesse feito na costa de Arabia, pera leuar recado disso a el Rey dõ Manoel. Acabadas todas estas cousas o capitão mór se despidio do capitão da fortaleza & de Afonso Dalboquerq̃, & de todos os fidalgos, & caualeiros q̃ ali ficauão (o q̃ não foy sem muitas lagrimas de hũs & outros) & partiose caminho da India com quatro naos o primeiro de Agosto do anno de sete, onde chegou a saluamẽto, & ahi tomou sua carga & se partio pera Portugal. Afonso Dalboquerq̃ começou a entender nas cousas da terra, & repartio os palmares q̃ os mouros ali Tinhão por esses Christãos naturaes della, & os q̃ rendião pera a misquita deu ás Igrejas. E depois de partido Afonso Dalboquerq̃ pera Ormuz, estãdo os nossos em paz & amizade cõ os naturaes da terra: como a gẽte desta ilha de sua natureza he toda maliciosa & atreiçoada, tiuerã pouco q̃ fazer aq̃lles Fartaquĩs que escaparã, de os induzirẽ cõtra os nossos, & fizerão cõ os Christãos da terra q̃ viuiam por essas pouoações afastados da fortaleza q̃ se aleuantassem contra os nossos, dizendolhe que os Frangues não fizeram ali aquella fortaleza senão pera os catiuarem todos & tomarenlhe sua terra, & que se deuião leuantar, & não lhe darem mantimentos, porque estáuam na força do inuerno, & não era tempo pera lhe poderem vir de fora, & desta maneira morreriam todos, & que elles os ajudariam, & fariam vir de Fartaque muytos mouros em seu fauor. A gente da terra crendo ser isto

asſi, poſeramno por obra, & aleuantaramſe, de q̃ ſocedeo auer antre elles & os noſſos guerras & deſconcertos. E poſto que o tẽpo foſſe pouco, porq̃ o trabalho foi contino, paſſaram os noſſos grandes fomes, & muitas deſauenturas, até que Afonſo Dalboquerque alı tornou a viſitalos, & prouelos de mãtimentos, como lhe tinha prometido, & quãdo chegou auia dias que a noſſa gente não comia outra couſa ſenão palmitos, & algũas cabras, que tomauão por força com as armas veſtidas.

De como ho grande Afonſo Dalboquerque, partido Triſtão da Cunha fez preſtes ſua armada, & ſe partio com determinaçã de jr eſperar as naos dos mouros que vinham da India pera o eſtreito, & o que niſſo paſſou. Capitulo. XX.

ACabando o grande Afonſo Dalboquerque de pór em ordem as couſas da terra, quis logo entender em aparelhar a ſua armada, pera ſe partir na lũa noua, que era a dez dias do mes de Agoſto, por ſer eſte o tẽpo que os pilotos mouros q̃ trouxera de Melinde, diziam que ſe podia jr demãdar a coſta de Arabia, & mandou a Pero vaz Dorta feitor da armada, & Ioão eſtão eſcriuão, que correſſem todas as naos, & ſe informaſſem dos mantimentos que cada hũa tinha, & pela informação q̃ acharam ſe entendeo q̃ na armada não aueria mais mantimẽtos que pera quinze dias. Aduertido Afonſo Dalboquerq̃ diſto mandou abrir hum payol de pão, que trazia na ſua nao, o qual com muito cuidado mandara guardar, como vio que Triſtão da Cunha não ſe ordenaua bẽ naquella viagẽ, depois que partira de Portugal, receando que a dilação do tempo conſumiria tudo, & mãdou ho repartir por todos os capitães, ficãdo elle cõ ſua igual parte, como cada hũ delles, porq̃ não quis q̃ o q̃ faltaſſe aos outros ſobejaſſe a elle. Eſtãdo tudo preſtes eſperãdo tẽpo pera ſe partirẽ, deu tã grande temporal do ſudueſte, a dous dias do dito mes na armada, q̃ ouuerão de çoçobrar todas as naos, & da força do tempo caſſaram todas as amarras que tinhão, & o rey grande foy quaſi fora de ſonda, & milagroſamẽte o teue hũa amarra. Vendoſe Afonſo Dalboquerq̃ de noite neſta fortuna, ficou muy agaſtado por não tér aſſentado com os capitães o caminho que auia de fazer, & onde ho jriam aguardar ſe as naos ſe deſamarraſſem.

E logo

E logo de noite no meio daquella tormenta auentureou o seu esquife, & escreueo aos capitães que sendo caso que seus peccados quisessem que algũa nao se desamarrasse com aquelle tempo & desse vela, que o fossem a guardar âs ilhas de Curia Muria, & ali juntos aueriam conselho do caminho que fariam. E com este recado mãdou a cada hũ delles hũ piloto dos mouros que trazia de Melinde. E prouue a nosso senhor q como foi menhaã o tempo abonançou & deu lugar aos marinheiros pera emendarẽ suas amarras. E chegandose o dia de sua partida mandou Afonso Dalboquerque chamar os capitães & todos os pilotos asi mouros como Christãos, & disselhes que o tempo pera se partirẽ era chegado, que seria bom praticarem o caminho que fariam, se o do estreito de Meca, ou o de Ormuz, ou se iriam logo demandar Dio & Cãbaya: & em que parte destas se poderia milhor prouer a armada de mantimentos porque tinha delles muita necessidade. Apresentadas estas cousas, & tirados todos os incóuenientes que ouue naquelle conselho, assentaram que com aquelles ponentes fossem demandar o estreito de Ormuz, & tomar Mazcate, & ali se determinariam no que se auia de fazer, & que naquella paragem de Çocotora, Fartaque & Ofar andassem oito dias agoardãdo as naos que naquelle tempo sahião de Barbara & Zeila, & de todo o mar roxo, pera Dio & Cambaya, & pera todos os lugares do Malabar,

Assentado isto fizeramse todas as naos prestes de vergas dalto & ancoras a pique, & o grande Afonso Dalboquerque se despedio de dom Afonso de Noronha seu sobrinho capitão da fortaleza, & de toda a mais gente que nella ficaua, & deulhe conta de sua determinação, & asi lhe disse o tempo em que esperaua de o tornar a ver. E partiose daquelle porto do Çoco a dez dias do mes de Agosto do anno de Mil & quinhentos & sete, fazendo o caminho do Norte via de Fartaque & Dofar. E sendo naquelle mar da garganta do Estreito do mar Roxo, foy o vento & a cerraçam tam grande, que por não forçarem os aparelhos correram hum pouco mais largo, por auerẽ vista de Curia Muria, porq não era tempo pera agoardarem naquella paragẽ, como tinhã determinado: & ainda q̃ ouuessem vista dalgũa nao não fazia mar nem vento pera abalroarem, polo grande perigo que auia: & tambẽ porque forçadamẽte auiam de fazer este caminho, & perdiase nisto muito tempo. E indo asi correndo largo cõ aqlle vento, a treze dias do dito mes ouueram vista de hũa terra alta junto com Curia Muria, a q̃ os mouros chamão Nooz, & foram ao longo della atê

se fazerem sete legoas das ilhas, & pela cerração ser grande não ouuerão vista dellas, & por ser ja noite se fizeram todos na volta do már, por se afastarē da terra. E como foy menhaã tornarána outra vez a demandar, & não avijram aquelle dia: os pilotos se fizeram pela altura auante de Curia Muria na costa de Nordeste Sudueste. Afonso Dalboquerque lhe pos hũa bandeira na quadra, & veio á fala com elles, & disselhes que naquella altura que se elles faziam não podia ser auante de Curia Muria, porque naue gando polo rumo de Nordeste como elles diziam hião varar nas ilhas. & isto que elle disse não pareceo bem aos capitães, nem aos pilotos: & fizerã aquella noite o caminho do Norte: & elle o consintio por obedecer ao cõselho de muitos. E indo asi de noite vespera de nossa Senhora Dagosto, sendo já o quarto da prima rendido, achouse Antonio do Cãpo que hia diãte, no rolo do már com muito vento, & muito marulho, & tirou dous tiros. Afonso Dalboquerque tãto que os ouuio mãdou fazer sinal ás naos pera virarem na volta do már: & todos se fizeram naquella volta, indo os pilotos com os prumos na mão ate se acharē fora de sonda: & como ali chegaram mandoulhe fazer sinal de pairo, & todos lhe responderam: & esteue aquella noite com o forol aceso pairando, & as naos todas por sua popa.

De como o grande Afonso Dalboquerque pela muita necessidade que tinha de mantimentos se foy na volta do estreito de Ormuz, & chegou a Mascate. Capitolo. XXI.

PAssada toda aquella noite, ao outro dia pela menhaã mandou o grande Afonso Dalboquerque dizer aos capitães q̃ fizessem sua nauegação dereito a terra, pera tomarem Calayate, porque pela muita falta de mantimentos que auia na armada, não fazia fundamēto de aguardar as naos naquella trauessa: & tambē por lhe dizerem os pilotos mouros que lhes parecia que deuião ser já passadas: porque os tēpos foram tam rijos q̃ se partissem de Adem em tres dias eram nauegadas. E com esta determinação foram todos na volta da terra, & dali a tres dias ouueram vista de hũa ponta della, a que os mouros chamauão Madrica, & foramna sempre costeando com aq̃lle resguardo que cumpria, indo de dia na volta da terra, & de noite na volta do már, por fazerem seu caminho mais seguro, ate auerem vista do ca

bo de Maceiras. E vindo hũ dia pela menhaã do már demandar a terra, os pilotos mouros não na conheceram, porque hũs se faziam de dentro do cabo de Resalgate, & outros à re delle, & embaraçou os correrem as agoas ali muito teso pera dẽtro do estreito Dormuz, & polo mâr ser brã do, & os ventos irem abonançando de cada vez mais, mandaram os pilo tos mouros chegar as naos bem a terra, & surgirã em fundo de vintecin co ate quatorze braças, porque ainda que a costa seja aparcelada hé limpa & de boa tensa: & toda esta terra junto do már he escaluada & areosa, & no sertão serras muito altas & asperas. Os pilotos mouros como aqui che garam conhecerão logo que estauão antre o cabo de Reçalgate, & a põta de Maceiras. E ali esteue a armada surta aq̃lla noite, & em amanhecendo a nao Taforéa q̃ ficara mais de fora tirou dous tiros, & foram logo ver da gauea o q̃ era: & o gageiro disse que via tres velas ao mar. Afonso Dalbo querq̃ mandou recado a Antonio do Cãpo & Manoel Telez q̃ se fizessem à vela & fossem ver que naos eram: & sendo caso q̃ perdessem a armada de vista, que se fossem ao longo da costa, & no cabo de Resalgate o acha riam, porque o piloto mouro que leuaua sabia muito bem a terra. Partidos estes capitães mãdou Afonso Dalboquerque fazer as outras naos to das à vela, & foram surgir aquelle dia à tarde de dentro do cabo de Resal gate, que hé hũa costa bem assombrada & limpa & de bõ surgidouro, & estãdo ali, chegaram Antonio do Cãpo, & Manoel Telez, & disserão q̃ as naos q̃ o Gageiro vira eram tres barcos de pescar, & cõ o ár do már pare ciam velas grandes, & por o vento ser calma lhe fugiram à vela & ao re mo, & acharam ali naquelle porto onde estiueram aquella noite trinta, ou quarẽta nauios de pescar, que vem ali da cidade de Ormuz, Calaiate & de toda aquella costa fazer sua pescaria de Bonitos & Albecoras, por que he grande carregação deste peixe pera muitas partes, como o Atum do Algarue, & queimaramnos todos, & ao outro dia pela menhãa parti ram com bom vento, & leuauão os bateis das naos com mastos & vellas & sobre a tarde foram tér à boca de hum rio & dentro fazia hũa grande lagoa, & mandou Afonso Dalboquerque ao mestre da Taforéa que fosse no batel ao longo da terra & visse que cousa era, & que sonda tinha, & achou sete braças, & a lagoa era de agoa salgada, & achou dentro quatro zambucos pequenos a que poseram o fogo, & dali foram sempre ao lõgo da costa, por parcel de vinte, vinte cinco braças, fundo limpo, tér a hum lugar pequeno de casas palhaças, que os Pilotos mouros disseram ser de

pescadores, & por terra ao longo da costa hia muita gente de pé & de cavalo & camelos dandadura seguindo a nossa armada; a qual foy sempre por este parcel ate vista da cidade de Calayate. E tanto auãte como o porto mandou Afonso Dalboquerque aos capitães q̃ tomassem as velas grãdes & se posessem de verga dalto, & mandassem embandeirar as naos, & fazer prestes toda sua artelharia, & com os traquetes & mezenas leuando seus bateis por diante fossem surgir diante da cidade, & assi o fizeram todos com grande prazer & muitas gritas, sem trombetas, porque lhas não quis dar Tristão da Cunha.

Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com os gouernadores da cidade de Calayate chegando a ella. Capitolo. XXII.

CHegado o grande Afonso Dalboquerque com sua armada a Calayate, gastaram aquella tarde toda em cõcertarem suas naos & se aparelharem, & ao outro dia pela menhaã mandou hum batel a terra, & nelle, Pero vaz Dorta feytor da armada, & Ioão Estão escriuão, & Gaspar Rodrigues lingoa. Chegados a terra, os mouros que logo acodiram á praia, lhe perguntaram, que era o que querião, & donde eram. E Pero vaz Dorta lhe respondeo pelo lingoa, q̃ aquella armada era del Rey dom Manuel, Rey de Portugal & senhor das Indias, que o capitão mór que nella vinha queria saber que lugar aquelle era, & de que reyno & senhorio. Os mouros lhe responderam, que aq̃lla cidade se chamaua Calayate, & q̃ era do reyno de Ormuz, que se algũa cousa quisessem que lha dariam de muito boa vontade, & com esta reposta que os mouros deram se tornaram Pero vaz Dorta & Ioão Estão, & disseram a Afonso Dalboquerque o que passaua. Ao outro dia pela menhãa o goazil & os regedores da cidade lhe mandaram dizer que mãdasse dous homẽs seus em terra porque lhe queriam mandar outros dous a falar com elle. Afonso Dalboquerque lhe mãdou dous moços seus, & de terra vieram dous mouros honrrados, & disseramlhe da parte do goazil & regedores da cidade, que tudo aquillo de que tiuesse necessidade pera a sua armada lhe mandariam dár de muito boa võtade, porque desejauã de ter paz & amizade com elRey de Portugal & trouxeramlhe hum presente

sente de laranjas,limões,romãs,& galinhas,& algũs carneiros,& porque com todas estas boas palauras & presente,não deixaua de andar muita gẽ te ao longo da praia,& pela cidade armados,& vestidos como Turcos cõ seus arcos,lanças,espadas,& cimitarras,& na ribeira tinham hũa estácia com quatro bombardas,não lhe quis o grande Afonso Dalboquerq̃ tomar o seu presente dizendolhe,que não auia de aceitar nenhũa cousa de pessoas a q̃ ouuesse de fazer a guerra se não quisessem ser vassalos delRey de Portugal,cujo capitão mór elle era,enuiado por seu mãdado ao reyno & cidade de Ormuz. Os mouros lhe responderã que se elle hia a Ormuz que aquella era a porta,que os tratasse bem,& elles lha abririam,& entraria na casa:& que pois sua determinação era jrse ver cõ o rey de Ormuz seu senhor,que se concertasse com elle,& quando não quisesse concerto nenhũ,que elles estariam á obediencia delRey de Portugal,& como seus vassalos lhe pedião muito,que os não quisesse destruir nem fazerlhe guerra. Afonso Dalboquerque mandou chamar os capitães,& deulhe conta desta reposta que os regedores da cidade lhe mandaram, & assentaram todos,que querendolhes elles dár todos os mantimentos que ouuessem mister pera a armada,pela muita necessidade que delles tinham,q̃ deuia de dissimular,& darlhe seguro ate chegar a Ormuz & fazer da necessidade virtude até auerem os mãtimentos. Assentado isto despedio Afonso Dalboquerque os mouros com esta reposta,& como os regedores da cidade desejauam muito a paz,pelo receo que tinhão da nossa armada,por não estarem apercebidos,tornaram logo a mandar os mouros com sessenta fardos de arroz,& outros tantos de tamaras, & trinta carneiros, & outros refrescos da terra. Afonso Dalboquerque porque não sabia como socederiam as cousas de Ormuz não quis tomar nada de graça, & mandoulhe pagar tudo o que lhe trouxerão. Os mouros não queriam aceitar a paga dizendo,que aquelle presente que lhe os regedores da cidade mãdauam era em sinal de amizade,porque todos estauão prestes pera fazer tudo o que elle mãdasse,& que por isso não auião de tomar paga nenhũa, & se o rey de Ormuz não quisesse fazer paz, que elles lhe entregariam a cidade. Afonso Dalboquerque todauia lhes fez tomar per força a paga, & mãdoulhes fazer hũ seguro em nome delRey dom Manuel, assinado por elle até sua chegada a Ormuz, & porque neste seguro não entrauão as naos dos estrangeiros que estauão no porto,mãdoulhe tomar hũa nao de Adem,que seria de dozentos toneis, que ali estaua carregando de ca-

ualos & tamaras. O ſenhorio da nao vendo que lha tomauão ſocorreoſe ao Goazil, que era gouernador da cidade, pedindolhe que lhe valeſſe a nã lhe tomarem a ſua nao, & o Goazil mandou dizer a Afonſo Dalboquerq̃ que por honra daquella cidade lhe pedia por merce lhe mãdaſſe aquella nao, que elle daria tudo o que mãdaſſe. Afonſo Dalboquerque ſe eſcuſou dizendo que a tinha dada a Gaſpar Rodrigues lingoa, que ſe a elle quiſeſ ſe reſgatar que bem o podia fazer, que lhe peſaua muito de ho não poder ſeruir com ella, & que elle lhe mandaria que ſe concertaſſe com o ſenhorio da nao, & Gaſpar Rodrigues ſe concertou com elle, & deu o dinheiro ao feitor pera deſpeſas da armada.

¶ Cálayate he hũa cidade tam grande como Santarem, mal pouoada, cõ muitos edificios antiguos derribados. E ſegundo a informação q̃ Afonſo Dalboquerque teue de algũs mouros, parece q̃ foy deſtruida por Alexandre, que conquiſtou toda aquella terra: bate ho már nella, o porto he muito bom, & eſtá aſſentada ao pé de hũas ſerras grandes, & da banda do ſertão, hum pouco afaſtado da cidade, tinha hum muro de altura de hũa lança, que ſae do ceo da ſerra & vem ter ao már: fizerão iſto os moradores por amor dos mouros do ſertão, porque os vinhão muitas vezes afrõtar, que he do ſenhorio de hum rey q̃ ſe chama o Benjabar, o qual tem muita gente de caualo, derredor da cidade não ha aruore nenhũa ſenão hũas poucas de palmeiras, que eſtauão junto de hũs poços de agoa donde bebem: & do ſertão lhe vem todo o mantimento de trigo, ceuada, milho, & tamaras, que de tudo iſto há muyto nelle. Eſte porto he grande eſcapola de naos, que ali vem carregar de caualos & tamaras pera a India. O rey de Ormuz mandaua ali hum mouro honrado cada anno por goazil, eſte gouernaua a juſtiça, & fazia guerra, & paz quãdo lhe parecia bem. E nas rendas & direitos que ſe pagauão ao rey, não entendia ſenão hũ capado criado do Cogeatar, & em todos os lugares do reyno de Ormuz tinha poſto eſtes ſeus eſcrauos capados, que gouernauão a fazenda, aos quaes ſe tinha grande obediencia na terra.

De como o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio da cidade de Calayate & foy ter a Curiate, & o tomou por força de armas. Capit. XXIII.

Reco-

Ecolhidos os mantimentos, deſpedio o grande Afonſo Dalboquerque os mouros que andaram neſte concerto, que tinha conſigo, & partioſe do porto hum domingo vinte & dous dias de Agoſto, leuando ſempre a coſta na mão, com determinação de lhe nã ficar nenhũ lugar em toda ella que não viſſe o que nelle podia fazer, porq̃ auia por couſa muito principal pera leuar Ormuz nas mãos, ſenhorear primeiro todos os lugares & portos que por aquella coſta achaſſe, & queimarlhe todas as naos pera ſe não poderem ajudar dellas. E indo aſsi á viſta da terra diſſe aos pilotos mouros, que elle tinha hum roteiro que fizera hum piloto mouro que ſe chamaua Omár, de todos os portos, vilas & lugares daquella coſta andando ali em companhia de Vicente Sodré, & dizia nelle, que cinco legoas de Calayate eſtaua hũ porto que ſe chamaua Icce, que lho moſtraſſem (cuidando que era lugar grande) & os pilotos lho moſtraram, & era hum rio de agoa doce em que as naos que nauegão pera o eſtreito de Ormuz vão fazer ſua agoada, & a noſſa armada paſſou á viſta delle, & como foram perto de Curiate ſurgiram hum pouco longe da terra por ſer tudo parcel, & Afonſo Dalboquerque mandou a Manuel Teles & Antonio do Campo que ſe chegaſſem a terra quanto mais podeſſem, dãdo reſguardo ao que podia a maré mingoar ſendo baixamár de todo, & como foram ſurtos poſeram as naos de verga dalto, & embãdeiraramnas todas & eſtiueram aquella noite ſem lhe vir de terra ninguem falar, & auido cõſelho do que fariam, ainda que ouue differentes pareceres nelle, aſſentaram de deſtruir o lugar, & porque era grande polo não cometer ás cegas determinou o grande Afonſo Dalboquerque juntamente com os capitães de o irem ver, & aſſentarem a maneira que terião pera deſembarcar em terra, & meterãſe no batel da ſua nao, & foram demandar a ribeira. E chegados perto della, os mouros que andauão ao longo da praya não quiſeram tér pratica com os noſſos, & começaramlhe a fazer muitas rebolarias: & tinham feito daquella parte hũa eſtancia de madeira de cinco palmos de largo entulhada de terra, que tomaua toda a face do lugar, & nella tinhã aſſentadas quatro bombardas groſſas & muitos archeiros & outros de lanças compridas em guarda della, & mais abaixo deſta tinham feito outra na borda dagoa a maneira de baſtiã, cercada de madeira & entulhada de terra, dá meſma largura da outra, & ficaua de preamár cercada de agoa porque ſe metia entre ella & o lugar hum eſteiro na qual tinhão duas portas

tas,hũa em reués da outra,pera por ellas poderem acodir a qualquer parte que fosse necessario. Como Afonso Dalboquer que vio as estancias,& vio que os mouros não queriáo fala delle & se punham em determinação de se defender mandoulhe tirar do seu batel com hũs falcões que leuaua & recolheose ás naos. Os mouros tambem por sua parte começaráolhe a tirar com suas bombardas,&com muitas frechas. E porque neste porto está hum ilheo pegado na terra &.de baixamar podem passar a pé enxuto ao lugar,&os mouros com pouca força que ali tiuessem podiáo defender a desembarcação á nossa gente,mãdou Afonso Dalboquerque a Antonio do Campo,que logo de noite fosse com cem homẽs tomar este ilheo & se fizesse forte nelle.

Ordenado tudo isto,como foram horas vierãse os capitães em seus bateis a bordo da nao capitaina,pera dali partirem todos:& porque a este tẽpo era já baixa már de todo determinou Afonso Dalboquerq̃ de desembarcar mais abaixo do lugar,pera com menos perigo das bombardas das estancias poderem os nossos tomar terra,& disse aos capitães esta sua determinação,pera cada hum ser aduertido do que auia de fazer. E chegados ao ilheo onde Antonio do Campo estaua, mudou Afonso Dalboquerque o conselho,& quis dar nas estancias por aquella parte com toda a gẽte em hũa batalha,por ser pouca pera se poder repartir em duas,porq̃ ganhando aquella estancia em que os mouros tinháo toda sua força & cõfiança,as outras que estauáo da outra banda do lugar se renderiam sem pelejar.Ordenado isto disse a Antonio do Campo que o tiuesse em olho, & que ao tempo que elle desse na estancia,pela outra banda desse elle tãbem com toda sua gente de rosto nella,& apertasse rijo com os mouros, porque esperaua em nosso senhor de os desbaratar,& por ali leuarem a cĩdade nas mãos.Auisado Antonio do Campo disto que auia de fazer,foise Afonso Dalboquerque ao longo da ribeyra desembarcar da outra parte onde tinhá assentado,& com toda sua gente forá caminhando devagar: & sendo perto da estácia apareceo hũa soma de mouros que vinham por derredor de hum outeiro que está sobre o lugar, como gente que queria dar nos nossos pelas costas, Afonso Dalboquerque como os vio mandou Afonso lopez da Costa com sessenta homẽs que lhe fosse tomar o outeiro & os esborrondasse dali a baixo,& voluesse logo onde elle estaua. Afonso lopez da Costa deu nos mouros muy esforçadamente & desbaratou os matando algũs,& tornouse logo onde os nossos ficauam, & todos juntos come-

cometeram a estancia. Antonio do Campo como estaua com o sentido no que lhe Afonso Dalboquerque tinha dito, vendo que os nossos pelejauão na estancia, deu na traseira dos mouros por aquella parte dondelhe era mandado. Os mouros afrontados dos nossos começaram átirar com a sua artelharia & muitas frechas, defendendose hum bom espaço, & feriram algũs soldados da companhia de Antonio do Campo. Passada esta furia da artelharia, os nossos os cometeram com tãto esforço, q̃ per cima das estancias pelejando entraram com os mouros dentro no lugar, & foramlhe seguindo o alcance por espaço de meia legoa, trazendo á espada todos os mouros, molheres & mininos que fugião pera o sertão, & porq̃ a calma era grande & a nossa gente hia ja muito cansada, tomou Afonso Dalboquerque hum outeiro, & aruorou nelle a sua bandeira, & deixouse estár, & mandou a Francisco de Tauora, Afonso lopez da Costa, & Antonio do Cãpo que á sua vista apartados hũs dos outros fizessem outro tãto com os seus guiões, pera terem a gente que não fosse apos os mouros, & a Ioão da Noua, & Manoel Teles que se tornassem ao lugar & recolhessem toda a gente que andaua solta por elle, & achando algũs mouros os trouxesse todos á espada, & elle deixouse estar naquelle outeiro até oras de bespora, & como teue recolhida toda a gente veiose ao lugar, & mandou repairar as estancias dos mouros, & fezse forte nelle até se recolherem os mantimentos de que tinha muita necessidade: & no alcorão da misquita mandou aruorar hũa bandeira, & pór dez homẽs pera vigiarem dali o campo, & como teue todos os mantimentos recolhidos, & os despojos q̃ podéram leuar, mandou pór fogo ao lugar, principalmente a hũas casas em que estaua a força dos mantimentos, porse os mouros não aproueitarem delles, & foy o fogo tam forte, que nem ficou casa, nem edificio, nem a misquita, que era hũa das fermosas que se vio, q̃ tudo ná viesse ao chão, & mandou cortar as orelhas, & os narizes a todos os mouros que se ali tomaram, & deixalos, pera jrem a Ormuz ser testemunhas dẽ sua desauẽtura. Tomaramse neste lugar vinte & cinco peças de artelharia, & muita quantidade de arcos, frechas, & lanças, & outras armas, & queimaramse trinta & oito naos, entre grandes & piquenas: & acabado isto recolheose com todos os capitães ás naos, & cada hum se foy pera a sua fazer prestes pera ao outro dia se partirem caminho de Mascate.

Curiate he hum lugar grande a pouoação principal está ao longo do már, & da banda do certão he hum pouco espalhada, aueria nelle ao parecer

recer de todos, cinco ou seis mil homẽs. He escapola de muitas naos que vem ali carregar tamaras, de que ha muita quãtidade, asi nõ lugar como no sertão, & porque o porto he hum pouco aparcelado & corre o már, nã ha nelle carregação de caualos, auẽdo muitos na terra, tem poços de agoa muito boa, de que os moradores bebem: queimaramse duas naos muito grandes que estauão em estaleiro corregidas & concertadas pera lãçar ao már, que eram de hum cossairo que ali viuia.

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Curiate & foy ter a Mascate & o que nelle passou. Capitulo XXIIII.

COmo foi menhaã mandou o grãde Afonso Dalboquerq̃ fazer toda a armada á vela, & em quatro dias chegaram á cidade de Mascate, que he porto principal de toda aq̃lla costa, & aquelle dia á tarde entraram dentro no porto todas as naos, saluo Manoel Teles & Francisco de Tauora, q̃ ficaram de fora, porlhe acalmar a viração. Surtos todos, vierã logo a bordo da nao capitaina dous mouros honrados em hũa almadia, & porque já sabião a destruição de Curiate disseram a Afonso Dalboquerque, que os regedores daquella cidade lhe mandauão pedir que lhes não fizessem nenhũ mal, porque elles querião ser vassalos delRey de Portugal. Afonso Dalboquerque lhe perguntou se trazião elles poder dos regedores & pouo da cidade pera falarem em concerto: os mouros lhe responderam, que elles não trazião seu poder, mas que abastaua virem ali por seu mandado, & elle lhes disse, que lhe não podia responder sem primeiro entrarẽ dous capitães que ficauão de fora: que se tornassem pera terra, & que ao outro dia pela menhaã viessem seguros a elle, & que assentaria com elles tudo o que fosse seruiço delRey de Portugal, & senhor das Indias. Partidos os mouros com esta reposta, porq̃ Frãcisco de Tauora & Manoel telez eram já entrados, mandoulhe Afonso Dalboquerq̃ que fossem ambos nos seus bateis sondar o porto, que braças teria dalto, dali ate terra, & que trabalhassem por verem o modo das estancias que os mouros tinham feitas, & elles foramse ao longo da ribeira depois de terem sondado o fundo, & viram tudo muito bem, & tornados pera as naos disseramlhe, que os mouros tinham feito ao lõgo do lugar hum muro de madeira de dez palmos

delargo, & vinte de alto entulhado de terra muito forte, & de hũa parte & da outra hia enteſtar em duas ſerras muito altas que vinham acabar dẽtro no már q̃ o faziáo mais forte: & nelle tinháo feito hũs repairos como baluartes, cõ muitas bõbardas da grandura dos noſſos camelos poſtas nelles & q̃ podiam deſembarcar ao pé do muro cõ preamár, & eſtãdo Afonſo Dalboquerque neſta pratica com Franciſco de Tauora & Manoel Telez chegarã os dous mouros que o dia dantes vieram cõ poder dos regedores pera tratarẽ de paz, & diſſerãlhe q̃ aquella cidade queria eſtár á obediẽcia delRey de Portugal, & fazer tudo o q̃ lhe elle capitão mór mãdaſſe da ſua parte. Dado eſte recado, mãdou os Afonſo Dalboquerq̃ ſair pera, & praticou cõ os capitães q̃ já ahi eſtauã o aſſento q̃ tomaria cõ elles: & depois de praticado o q̃ lhe auia de reſponder, mãdou os chamar & diſſelhes, que ſe aquella cidade quiſeſſe eſtar á obediencia delRey de Portugal & pagarlhe cada anno aquelle tributo q̃ foſſe rezão, & chegando a Ormuz darlhe todos os mantimentos de q̃ tiueſſe neceſsidade que elle lhes não faria a guerra, mas antes os guardaria & defenderia como vaſſalos delRei ſeu ſenhor. Os mouros lhe reſponderam q̃ os moradores daquella cidade eram cõtentes de ſerem vaſſalos delRey de Portugal, & pagarlhe cada anno os direitos q̃ pagauão ao rey de Ormuz, q̃ eram muitos, & quanto aos mantimentos que pedia, que por aquella ſoo vez lhe dariam todos os de que tiueſſe neceſsidade. Afonſo Dalboquerque porque lhe não pareceo autoridade de ſua peſſoa eſtar em regatarias com elles, mandou a Antonio do Campo, Pero vaz Dorta, & Ioão Eſtão eſcriuão da armada, que falaſſem com os mouros lá fora: & lhe diſſeſſem que com aquellas condições que dizião os receberia á obediẽcia delRey de Portugal, mas q̃ lhe auiam de dar mantimentos, & agoa em abaſtança pera aquella armada, leuado tudo á ſua cuſta á cidade de Ormuz em quanto nella eſtiueſſe. Paſſadas muitas praticas que com elles tiueram ſobre eſte concerto, tornou o feitor dizer a Afonſo Dalboq̃rque q̃ os mouros não queriã das mais do que tinhão prometido. Enfadado elle deſta repoſta, mãdou os chamar, & diſſelhes, hũ pouco apaſsionado, como ouſauão elles de negar a aquelles officiaes delRey ſeu ſenhor o que lhes pedião, pois lançados aos ſeus pés lhe tinham dito que queriam ſer ſeus vaſſalos, que ſe foſſem logo & diſſeſſem aos regedores da cidade que ao outro dia pela menhaã lhes moſtraria como os caualeiros Portugueſes caſtigauam os lugares que nã querião eſtar á obediencia delRey de Portugal, & do ſeu capitão mór: os mouros ven-

do Afonso Dalboquerque menencorio, & q̃ os lançaua de si, sem nenhũ modo de concerto, temeramno muito, & lançaranse aos seus pés, q̃ lhes perdoasse, que elles fariam tudo quanto quisesse, & elle os mandou q̃ fossem falar com Antonio do Campo & cõ o feitor: os mouros sairam tam assombrados que fizeram tudo o que lhe pediram, & acabado este concer to foramse pera terra muito contentes, & começáram logo a trazer os mantimentos que poderam até noite; & quando veio pela menhaã que Afonso Dalboquerque esperaua que acabassem de comprir com elle, não tornáram, nem recado nenhum da terra, & esteue asi suspéso até o meio dia, sem poder entender q̃ mudança seria esta, & pera se milhor determi nar no que faria, meteose no seu esquife com dom Antonio de Noronha seu sobrinho, & dom Ieronimo, & outros, & foise ao longo da ribeira dissimuladamẽte, a fim de entender este negocio, & ver o modo de suas estãcias. E a este tempo que chegou a terra estaua o batel de Afonso Lopez da Costa na ribeira tomando ágoa, & do cõtraméstre que nelle estáua soube que toda aquella noite ouuera grãde prazer, aluoroço, & gritas na cidade & diziáo que era chegado hum capitão do sertão com dez mil homẽs de lanças compridas & adargas, que o Benjabar mãdaua em fauor da cidade & que a noua mais certa se saberia dos grumẽtes que eram nos poços a to mar agoa. Afonso Dalboquerq̃ disse ao contraméstre q̃ disimuladamẽte recolhesse os grumẽtes, & se lhe fosse trabalho recolher as pipas que as deixasse. Os grumẽtes que estauam nos poços, vẽdo o aluoroço dos mouros, receosos de os matárem, deixáram parte das pipas & recolheramse ao batel com muita pressa, & contáram a Afonso Dalboquerque a mesma noua que o contraméstre tinha dado, & elle depois de tér visto tudo muito bem veiose á Taforea que estaua mais perto da praia, & mandou Dinis Fernãdez no seu esquife a terra, & que lhe chamasse hum daquelles mouros que andára no concerto da paz. Os mouros que andauão pela praia, que eram muitos, como viram o esquife remeteram a elle pera o tomár: Dinis Fernãdez como hia precatado de suas treições, como os vio aluoroçados não chegou fora, & tornouse pera as naos com algũs marinheiros feridos das frechas com que lhe tiráram. Afonso Dalboquerque vendo o desauergonhamento dos mouros, mãdou Afonso Lopez da Costa, Antonio do Campo, & Manoel Teles, que se chegassem cõ os seus nauios a terra quanto podessem, & deixassem regueiras por popa ao mar, pera se alarem a ellas cada vez que lhe fosse necessario, & dali esbom-

esbombardeassem a cidade pera os caçar: porq̃ determinaua de dár nelles como fosse menhaã. Os capitáes leuaram suas ancoras, & foram surgir asi como lhe Afonso Dalboquerq̃ tinha mandado, & começáram átirar com a artilharia ás estancias: ás quaes fizeram pouco nojo por ser o muro entulhado de terra: & elles vendo que dali não fazião nenhum nojo, mudáramse pera defronte de hum repairo que os mouros tinham feito fora do muro. onde tinham duas bombardas, & estaua hum pouco descuberto de modo que lhe podia a nossa artelharia fazer nojo, & como começou a jugar desemparáram os mouros as bõbardas & fugiram. Afonso Lopez da Costa como vio o repairo desemparado dos mouros, parecẽdolhe que podia tomár as bombardas meteose no batel com a sua gente, & foy cometer o repairo pera lhas tomár, & Antonio do Campo foise nas suas costas, pera o socorrer se fosse necessario, & em chegando a terra foram tãtos os mouros que acodiram em socorro das bombardas, que se Afonso Dalboquerque no seu esquife não acodira pera os recolher, ouueram todos de passar mal, & com tudo quando já chegou era ferido Afonso Lopez da Costa, & cinco homẽs dentro no seu batel, ás frechadas, & elos recolher reprendẽdoos muito de cometerem aquelle feito fora do que lhes tinha mandado, & mandoulhe que não deixassem de atirar com a artilharia ás estancias, porque ainda que lhe não fizessem nojo aquebrantariã os mouros que estauão nellas.

De como o grande Afonso Dalboquerque por conselho dos capitães cometeo a lugar de Mascate & o destrohio, & o que nisso passou. Capitulo XXV.

PAssadas estas cousas mandou o grande Afonso Dalboquerq̃ chamar todos os capitáes ás suas naos & disselhes, q̃ bem sabiam os comprimentos que tinha feitos com os regedores daquella cidade de Mascate, & que verdadeiramẽte lhe pesaua muito não quererẽ estár pelo concerto que tinha feito com elles, & a principal rezão que o a isto mouia era, ser hũ lugar muito abastado de mãtimentos, & tér hum porto muito bom pera recolhimẽto das naos q̃ nauegasẽ da India pera Ormuz quãdo por ali passasẽ, & socedẽdo algũa necessidade estãdo ẽ Ormuz dali se podiã prouer do necessario, & q̃

ainda que o lugar parecesse forte como todos viam, & com muita gente que determinaua de o cometer & destroilo, pela rebeldaria q̃ lhe tinham feito, confiado no poder de nosso senhor q̃ era maior que tudo: que lhe dissessem o que lhes parecia. Os capitães responderam que em cousa tam assentada & tam determinada não tinhão que aconselhar, q̃ fizesse o que quisesse que elles o seguirião. Afonso Dalboquerque posto que nesta reposta entendeo nelles não lhe parecer bem darem no lugar, polo verem differẽte na fortificação dos outros que cometeram, cõ tudo disimulou com elles & mandoulhe que se fossem pera as naos & se fizessem prestes, & ouuindo o seu atambor viessem a bordo da sua com toda a gente. E ao outro dia, sendo já a estrela dalua fora, mandoulhe fazer o sinal, & os capitães se embarcaram logo & foram demãdar a nao capitaina, & dali partiram todos direitos a terra, & Iorge Barreto hia no batel de Afonso Dalboquerque com a sua gente, & elle só no esquife ordenando a cada hum o que auia de fazer: & porque o lugar na entrada era differente dos outros, & muito mais perigoso pera cometer, & conuinha fazeremse todas as diligencias pera mais a seu saluo se poderem valer dos mouros, mandou a Francisco de Tauora & a Afonso Lopes da Costa que ambos juntos com a sua gente cometessem as estancias pela parte da mão direita, & como fossem dentro corressem ao longo do muro & se fossem ajuntar com elle, que auia de entrar pela parte da mão ezquerda, & que depois das estancias entradas, juntos em hum corpo entrarião o lugar, porque eram poucos pera o cometerem em duas batalhas: dito isto abalaram todos & com muita furia foram cometer as estancias, & porque a este tempo era preamár, & os nossos auião de desembarcar ao pé do muro, começaram os mouros de cima atirar com muitas frechas & pedras, de modo que os nossos tiueram assaz trabalho antes que desembarcassem, & como foram em terra abalou Afonso Dalboquerque com a gente que leuaua, & foy cometer as estancias pela banda ezquerda, porque ali estaua a maior força da gente: & a este tempo deram Afonso Lopes da Costa & Francisco de Tauora em as mesmas estancias pela outra banda da mão direita como estaua assentado. Os mouros q̃ estauam nellas defenderãose hũ grande espaço valerosamẽte, mas os nossos, ainda q̃ foy com trabalho lhas entráram por força, & matáram muitos delles. Francisco de Tauora & Afonso Lopez da Costa tendo entradas as estancias, nãose lembrando do q̃ lhe Afonso Dalboquerque tinha dito, cõ aquelle impeto & esforço

com que as cometeram foram seguindo os mouros até os meterem por hũa rua do lugar à onde matáram a algũs: & porque acodiram muitos estiueram em risco de se perderem: & dali voltaram & foramse ao longo do muro demandar Afonso Dalboquerque, que os reprendeo muito por se desmandarem, tendolhe dito que se viessem ajuntar com elle. E todos juntos abaláram & foram cometer o lugar, & por as ruas serem estreitas & as lanças que leuauão compridas, & tambem pela compitẽcia que ouue antre elles de quererem hũs passar diante dos outros, começaramse a embaraçar, de modo que os mouros nesta reuolta ás frechadas feriram a muitos: & com todo este trabalho os nossos cometeram aos mouros com tam grande esforço, que o capitão que lhes veo do sertão com sua gente em socorro do lugar, como se vio apertado virou as costas & fogio. Afonso Lopez da Costa & Francisco de Tauora que eram na dianteira lhe foram seguindo o alcance, & Afonso Dalboquerque com toda a outra gente detras, dandolhe costas: & foram apos elles hum bom pedaço fora da cidade. Antonio do Campo deixado Afonso Dalboquerque em cuja companhia hia, com sua gente foy seguindo hum golpe de molheres que se recolhião pela serra acima, & matou a muitas dellas. Ioão da Noua porque a sua gente andaua toda espalhada, com algũa que pode recolher foi seguindo hũs poucos de mouros que se hião recolhendo por hum vale abaixo, & matou a muitos, & molheres, & mininos que leuauam consigo sem dár vida a ninguem, de modo que assi hũs como outros fizeram grande estrago em elles: & matáram a algũs mouros principaes da cidade, & a hum capado que gouernaua a terra por mandado do rey de Ormuz. Afonso Dalboquerque chegou a Francisco de Tauora & mandoulhe que fosse pelo campo a recolher a gente que andaua espalhada, que elle o esperaua ali: & como foram juntos volueose á cidade, & todos os mouros, molheres & mininhos que achauam por essas casas trazião á espada, sem dár vida a ninguem. E porque os nossos hião muito afrontados da calma & do trabalho das armas, & aquelle dia não tinhão comido, & no lugar não auia mouros que arrecear, mandou aos capitães que os recolhessem, & foramse fora do lugar descançar a hũs poços de agoa donde os moradores bebião: tendo em tanto suas atalaias postas aa vista dos mouros, porque não podessem vir de supito dár nelles, & mandou ali trazer muitos fardos de tamaras de que todos comeram, & beberam daquella agoa, & deixaramse estar ali hum

bom pedaço atee que todos descansáram: & depois disto recolheose ao lugar & mandou aos capitães que tomassem estancias da banda do sertão, & se fizessem fortes nellas, com tranqueiras nas ruas, com bombardas pera se defenderem dos mouros se os quisessem cometer, & que posessem fogo ás casas do arrabalde por onde os marinheiros auião de carregar agoa pera as naos, porque se não escondessem nellas algũs mouros que lhe dessem trabalho quando a fossem buscar. Posto tudo nesta ordem deu licença a todos que roubassem o lugar, & disse aos capitães que cada hum tiuesse cuidado de recolher ás suas naos todos os mantimentos que podessem, porque hião pera terra onde auião de tér muita necessidade delles, & que tiuessem boa vigia nas estãcias assi de noite como de dia, porque os mouros estauão na serra vendo o que todos faziam, & se visse descuido nelles não seria muita duuida cometerem nos hũa noite, porque gente não lhe auia de faltar, que do sertão lhe viria quanta quisessem. Os nossos começáram a saquear em oito dias que ali estiueram, & não acháram cousa de que podessem lançar mão, & hum dia entrando hum soldado em hũa casa, leuando hũa chuça nas mãos, foy dár por desastre com ella em hũa parede do frontal da casa, & fez hum buraco por onde entrou dentro, & ali achou muitas mercadorias: porque os mouros daquelle lugar, com receo que tinhão da gente do sertão que os vinha roubar, fazião hũa casa dentro nas suas, sem nenhum portal nem janela; & tinhãonas cheas de muitas mercadorias: sabido isto dos nossos soldados, dali por diante não ficou casa que elles não arrombassem, aonde acháram cousas de muito preço, & a cobiça dellas lhe fez esquecer o trabalho que tinham passado, & acabado cada hum de recolher os despojos que achou & as naos prouidas de mantimẽtos, mandou Afonso Dalboquerque aos capitães que cada hum tiuesse seu dia de guarda, pera se poder carregar agoa pera as naos sem perigo dos que a carregassem, & porque nas naos auia muita falta de pipas pera recolherem a agoa: por virem todas arrombadas da grande quentura do sol, mandou aos capitães que recolhessem todos os tanques de pao que achassem em a cidade, que os mouros costumão de trazer em as suas naos com agoa, & os que fossem tam grandes que não podessem caber pelas escotilhas que os mandassem pór em o conues, porque hião pera terra aonde lhe auião de aproueitar muito, & assi se estes tanques não foram muyto trabalhosamente se podera a nossa gente substentar em Ormuz depois

de

de lá serem. Como tudo foy recolhido mandou Afonso Dalboquerque aparelhar as naos de mastos, vergas & enxarceas, porque de tudo tinhão muita necessidade. Tomarãse neste lugar muitas armas, arcos, frechas, lãças, & outras armaduras de ferro a seu modo, & muito cobre: trinta bõbardas antre grandes & pequenas, & muitas mercadorias de toda a sorte que os nossos queimaram polas não poderem leuar.

De como o grande Afonso Dalboquerque mandou pór fogo á cidade de Mascate, & do milagre que acõteceo no derribar da misquita, & como se recolheo às naos & se partio. Capitulo XXVI.

ESTando o grãde Afonsó Dalboquerque prestes na ribeira cõ toda a gẽte pera se embarcar, deceo hũ mouro da serra com hũa bandeirinha brãca, & chegou a elle cõ seguro, & disselhe da parte dos regedores, que pois lhe Deos dera aqlla cidade, & a ganhara como esforçado caualeiro, que se cõtentasse de lhe terem mortas suas molheres & filhos, & não lhe queimassem as casas nem as naos. Afonso Dalboquerque lhe respondeo que a elle lhe pesara muito de ver destruida hũa cidade tão nobre como aqlla mas que a culpa disso era sua delles, pois lhe faltaram do concerto q̃ lhe tinham feito, confiados na gente que lhe viera do sertão, & que pois asi era não tinhão rezã de lhe pedirẽ nada, que se quisessem resgatar o lugar, naos & mantimentos q̃ nelle ficauão, que até o outro dia ao meio dia lhe mandassem dez mil xerafins em ouro: & não lhos mandãdo até aquellas horas, que lhes prometia de não deixar cousa q̃ não fosse cinsa & pó, & q̃ a gente que elles tinham na serra em vista do lugar lhe leuaria recado da destruição delle. Passadas as horas que lhe tinha prometido, mandou pór fogo á cidade, onde se queimaram muitos mantimentos, & trinta & quatro naos antre grandes & pequenas, muitos barcos de pescar, & hũa terecena que estaua chea de tudo o necessario pera se as naos aparelharem: E mandou tres bombardeiros com machados a cortar os esteos da misquita, que era hũa casa muito grande & muito fermosa, a mayor parte della de madeira muito bem laurada, & por cima toda de argamassa. Tendo os esteos cortados, & querendose os bombardeiros sair pera fora,

deixouse a casa vir toda jũta sobrelles: de modo que Afonso Dalboquerq̃ os ouue por mortos: prouue a nosso senhor que sairam viuos & sãos, sem ferida nem pisadura algũa, asi como estauão em pé cortando os esteos da misquita. Os nossos espantados quando os viram deram muitos louuores a nosso Senhor por aquellẽ milagre que fizera por elles, & poseram o fogo á misquita, que ardeo toda sem ficar nada della. E porq̃ os nossos tinham muitos mouros & mouras catiuos, de q̃ se não esperauão seruir nem leuar consigo, mandou Afonso Dalboquerque cortar as orelhas & narizes a todos, & deixou os liures. E ajuntou toda a gente, & deu hũa volta pola cidade pera recolher algũs soldados q̃ andauão desmandados a roubar, & veyose á praya pera se embarcar. Os mouros que estauão na serra entendendo que os nossos se queriam recolher, começaram a decer abaixo. Vendo Afonso Dalboquerque q̃ elles deciam da serra deixouse estar na praya hũ bõ espaço com sua bandeira aruorada, pera ver sua determinação. Os mouros como o viram estar quedo deixaranse vir mais de vagar. E os nossos dando graças a Deos pela vitoria que lhe dera, recolheranse ás naos com muito prazer & contentamento tirando muitos tiros por festa. E elles vendo a nossa gente embarcada deceram da serra cõ muita pressa pera ver se podiam apagar o fogo que andaua na cidade: o qual era tam brauo que não ousaram de entrar a apagalo: & a causa disto foy auer muitos azeites & melaços em todas as casas.

¶ Mascate hé hũa cidade grande muyto bem pouoada, cercada da bãda do sertão de serras muy altas, & da banda do már bate a agoa nella, & detras nas costas contra o sertão tem hũ campo tamanho como o rosio de Lisboa, todo feito em marinhas de sal, não que a maré chegue ali, mas a agoa que nelle nasce he salgada & tornase em sal: & aqui perto tẽ muitos poços dagoa doce, donde bebião os moradores: tinha pumares, ortas, palmeiras com poços pera regar, que se tira agoa delles cõ engenho de bois. O porto he pequeno de feiçã de hũa ferradura, abrigado de todos os ventos: & he escapola principal do reino de Ormuz, onde todas as naos que nauegão por estas partes de necesidade ham de entrar por se afastarẽ da outra costa dalem, que hé de muitos baixos, he escapola antiga de carregação de caualos & de tamaras, hé lugar muito gracioso de casas muito boas, vemlhe do sertão muito trigo, milho, ceuada, & tamaras, pera carregarem quantas naos quiserem. Esta cidade de Mascate hé do reyno de Ormuz: & o sertão de hum rey que se chamaua o Benjabar, o qual tinha

outros dous jrmãos, entre os quaes era repartida esta terra, que se estende até Adem, & da banda do Norte vem dar na ribeira do mar da Persia, & dali até cerca de Meca: & a este sertão chamão os mouros a ilha de Arabia porque o már da Persia volue lá contra o már roxo, de maneira que fica esta terra redonda cercada toda de már. s. do mar Roxo, & do mar da Persia, he terra muito pequena, & por isso lhe chamão os mouros ilha de Arabia. Foy toda senhoreada de hũ rey que se chamaua o Benjabar, & este teue tres filhos, & por sua morte deixou a terra repartida por todos tres, & que o mais velho se chamasse sempre Benjabar, como o pay, & os dous o reconhecessem por senhor. E este Benjabar tẽ seu senhorio sobre Fartaq̃, Dofar, Calayate & Mascate, & vay confinar cõ a terra do Xeque de Adẽ: os outros dous jazem sobre a ribeira do már da Persia, & hũ delles tinha tomado ao rey de Ormuz a ilha de Baharem, onde se pesa o aljofre, que estará cinco dias de nauegação da ilha de Ormuz, & assi lhe tinha tomado Catife, hũa ilha que o rey de Ormuz tinha na costa de Arabia: nesta terra que estes senhores tem há muitos caualos, que os lauradores crião pera vender: tem muita abastança de trigo, milho, & ceuada: tem grandes criações de gado: sam grandes caçadores de falcão, que seram do tamanho dos nossos nebris, & tomão com elles hũas alimarias mais piquenas que gazelas: & trazem galgos muito ligeiros pera ajudarẽ os falcões a tomár estas alimarias.

Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com Ioão da Noua, & se partio de Mascate pera a vila de Soar, & o que passou com os regedores da terra. Capit. XXVII.

REcolhido o grande Afonso Dalboquerque ás naos com toda a gente, porque foy certificado que Ioão da Noua tinha determinado de se jr caminho da India sem sua licença, mandouho chamar a sua nao & perante os capitães que estauão presentes lhe disse, que tinha sabido que elle se queria jr caminho da India sem sua licença, & deixalo naquella guerra tendo elle necessidade de muitas mais naos & gẽte da que trazia cõsigo: & mais sendo a sua nao Flor dela már tam poderosa, q̃ ella só bastaua pera destruir toda aquella costa: que sua determinação era por rosto na cidade de Ormuz, deixando primeiro todos os lugares della destruidos, por lhe

ficarem nenhũs imigos por detras. E posto que Afonso Dalboquerque tinha entendido que os capitães eram neste conselho de se Ioão da Noua jr pera a India, por quam enfadados andauão já da guerra, pediolhes que lhe aconselhassem o que nisto deuia fazer: os capitães lhe disseram q̃ pois sua determinação era jr a Ormuz, & destruir todos os lugares que não quisessem vir á obediencia delRey de Portugal, que não dizião elles Flor dela már, mas vinte naos que ali tiuera todas auia de leuar consigo, & disseram isto, porque dizendo o contrairo estaua claro teremno aconselhado que se fosse, & com este parecer dos capitães tomou Afonso Dalboquerque a menage a Ioão da Noua, & mãdoulhe sob pena do caso maior que se não fosse, & que o seguisse sempre, & elle o sofreo sem lhe responder nada, porque não estaua fora daquella culpa, & disso mandou fazer hum assento por Ioão Estão, & que o notificasse ao mestre & piloto, & toda a gente da nao, & mandou aos capitães que se fossem pera as naos, & leuassem suas ancoras, & se fizessem á vela ao lõgo da costa, como tinhã de costume. E indo assi passaram por junto de seis ilhas despouoadas, hũa ante outra, & Afonso Dalboquerque por se segurar mandou aos pilotos q̃ se fossem ao már dellas por ser de noite, & ao outro dia pela menhaá se chegaram mais a terra por não descorrerem Soar, & os pilotos mouros disseram que Soar era mais auante, & sendo naquella paragem lhe deu o vento por deuante que lhe foy forçado chegaremse a terra, & surgiram duas legoas della, & ali estiueram toda aquella noite, & como foy menhaá viram hũ lugar grande & muito fermoso. Afonso Dalboquerque pregũtou aos pilotos mouros como se chamaua aquelle lugar, & elles lhe disseram que era a fortaleza de Soar, & que o não ousauam de leuar a ella por ser muito forte & ter muita gente de pé & de caualo, & q̃ se o ali desbaratassem que se tornaria a elles: & Afonso Dalboquerq̃ lhes respondeo que ainda que Soar fosse muito forte, que seria delle o q̃ fora dos outros lugares, & que olhassem o que fazião: porque no roteiro que Omar piloto fizera tinha os lugares de toda aquella costa: & que se dali por diante passassem algũ, que os auia de mandar lançar todos ao már cõ camaras de bõbarda ao pescoço: & mandou leuar ancora, & chegouse cõ toda a armada o mais perto da terra que pode, & por ser parcel sorgiram meia legoa do lugar. Surta toda a armada veio logo hũ mouro da terra com recado a Afonso Dalboquerq̃ do alcaide da fortaleza, & disselhe q̃ aquella fortaleza era do rey de Ormuz, que não fizesse fundamento de

desem

desembarcar em terra, & q̃ não cuidasse q̃ auia de fazer nella o q̃ fizera nos outros lugares por onde passara, porq̃ lho auião de defender mui differentemẽte delles. E com esta rebolaria q̃ o mouro disse, começaram em terra fazer mostra de gente de pé & de caualo, tangendo suas trõbetas & anafijs, sem cessarem. Afonso Dalboquerque lhe respondeo que dissesse ao alcaide que ouuesse bõ conselho, porque não querendo estar a obediencia del Rey de Portugal seu senhor, que fosse certo q̃ ao outro dia pola menhaã seria cõ elle em terra, & que lhe auia de tomar a fortaleza, & prẽdelo em ferros. O mouro se foy, & não muy contente com esta reposta, nem os nossos o ficaram, vendo hum lugar tam grãde, com hũa fortaleza muito forte & tanta gente nella: mas pelo que tinhão passado nos outros lugares, tiuerão confiança em Deos nosso senhor os ajudar. Partido o mouro com a reposta mandou Afonso Dalboquerque notificar aos capitães o q̃ passára com o mouro, & que se fizessem prestes, & leuasse cada hum sua escada pera sobir ao muro, & elle mandou fazer prestes dous tiros pera leuar, & muitos machados, enxadas, & alferces, & todo o aparelho que cõpria, pera fazer hũa estancia forte donde podesse bater a fortaleza, porque não a podendo logo leuar nas mãos estiuessem a tam bom recado que dali se podessem recolher aos bateis a seu saluo, & deuse tanta pressa nisto que ao outro dia ao meio dia tiueram tudo prestes, & embarcado nos bateis, estando pera se partirem pera terra, chegáram tres mouros homẽs principaes, com recado do alcaide & regedores da terra pera Afonso Dalboquerque & disseramlhe, que elles tinham despedido de si dous mil homẽs de caualo, & cinco mil de pé que lhe o Benjabat tinha mandado pera os ajudarem a defender de sua senhoria, & por se não fiarem delles os não quiseram meter consigo na fortaleza, & pois o rey de Ormuz lhes não mandaua o socorro que lhe mandáram pedir, que elles queriam ser vassalos delRey de Portugal, & o alcaide estaua prestes pera lhe entregar a fortaleza. A reposta que lhe Afonso Dalboquerque deu, foi, que dissessem ao alcaide & regedores, que elle aceitaua o lugar & fortaleza em nome delRey de Portugal seu senhor: & que folgaua muito de se elles arrependerẽ do recado que lhe tinhão mandado, pelo pesar que tinha de ser forçado destruir hum lugar tam nobre como aquelle era: & que isto auia de ser cõ condição que lhe pagassem aquelle tributo que fosse rezão. Os mouros ficáram tam assombrados de verem o aparelho que estaua prestes nos bateis pera irem combater o lugar, que não quiseram dilatar o negocio, & disserão

differamlhe que não era neceſſario tornarem a terra que com elles podia fazer qualquer concerto que quiſeſſe, porque pera tudo traziáo larga cõmiſſam dos regedores & alcaide da fortaleza.

De como o grande Afonſo Dalboquerque mãdou hũa bãdeira aos regedores de Soar pera ſe pòr em hũa torre da fortaleza em ſinal de paz, & o recebimento que lhe fizeram & o mais que paſſou. Capitulo. XVIII.

COmo o grande Afonſo Dalboquerque deſejaua que não ouueſſe dilação neſte negocio, quis logo tomâr concluſam com os mouros dizendolhe, que pois queriáo ſer vaſſalos delRey de Portugal & eſtar á ſua obediencia, que lhes queria mandar hũa bandeira das ſuas armas reaes, pera a mandarem aruorar na torre da menagem, por ſinal que erão ſeus vaſſalos, & que ſeria neceſſario irem a terra, & dizerem ao alcaide & regedores do lugar que ſe vieſſem á borda da agoa cõ todo o pouo a recebela, & que elle a mandaria ali leuar. Partidos os mouros com eſta repoſta mádou Afonſo Dalboquerque a Franciſco de Tauora, & Afonſo Lopez da Coſta que fizeſſem preſtes os ſeus bateis muito bem embandeirados, & a ſua gente armada das milhores armas que tiueſſem pera acompanharem a bandeira que auia de jr no batel da ſua nao, & diſſe a dõ Antonio de Noronha ſeu ſobrinho, que ſe fizeſſe preſtes pera jr nelle acõpanhando a bãdeira até terra, & a Iorge Barreto de Craſto, & Aires de Souſa Chichorro & Duarte de Souſa de Portalegre pera a leuaré com cinco homés bé tratados que os acompanhaſſem: & Ioão Eſtão eſcriuão da armada pera dâr fé de tudo, & aduertio os capitães q̃ eſtas peſſoas que auião de leuar a bandeira nã ſahiſſem em terra ſem primeiro ficaré nos bateis certos mouros por arrefens, & q̃ na fortaleza não entraſſe ninguem, ſenão aquelles q̃ tinha ordenado pera a leuarem. Poſto tudo neſta ordem partiramſe os capitães, & chegando a terra pediram ſeis mouros pera ficarem nos bateis, os quaes lhe logo déram, & Iorge Barreto com os outros de ſua cõpanhia deſembarcaram, & o alcaide & regedores que eſtauão na praia eſperando cõ todo o pouo receberam a bandeira cõ grande feſta, & começáram a caminhar, & o alcaide da fortaleza hia diãte della muito bem veſtido, com ſua eſpada Turqueſca na cinta, & hũ pao na mão fazẽdo lugar, dando na

gente

gente q̃ era muita, de hũa parte & da outra, & chegado á porta do castelo entrou Duarte de Sousa com a bãdeira, & os mais q̃ tenho dito, & foram a pór na torre da menagẽ: a qual como de nossas naos foy vista atiraram toda a artelharia por festa. E Ioam Estão tomou posse por el Rey de Portugal do castelo, & fechou as portas sem ficar nelle ninguem, & de tudo passou hũ estormento. Acabado isto vieramse todos a embarcar, & soltaram os mouros que estauão por arrefeés.

¶ Ao outro dia pola menhaã mandou o alcaide da fortaleza pedir licẽça a Afonso Dalboquerque pera entrar nella, & que elle estaria á obediẽcia delRey de Portugal, & faria tudo o q̃ elle ordenasse. Afonso Dalboquerq̃ mandou chamar os capitães, & algũs fidalgos, & homẽs honrados da armada, & deulhe conta deste recado que o alcaide lhe mandara, pedindolhes q̃ lhe dissessem o que faria nisto. Os mais foram de parecer q̃ deuia de soster a fortaleza, porq̃ tendo nella hum capitão cõ gente teria o pé no pescoço a toda aquella costa. Afonso Dalboquerq̃ lhes respondeo, q̃ quãdo vira aquella fortaleza tam forte determinára de a soster: mas porque sua determinação era, jr sobre a cidade de Ormuz, & não tinha naos nem gente pera poder acodir a hũa cousa & á outra mudára o conselho: determinando de a deixar entregue ao alcaide, & jrse até ver o assento q̃ as cousas de Ormuz tomauão: & porq̃ neste parecer de Afonso Dalboquerque assentáram todos: mandou dizer ao alcaide, que querẽdo estár á obediencia delRey de Portugal, & ser seu vassalo, lhe daria aquella fortaleza. O alcaide, porque desejaua tomar conclusam, & tornar a ser senhor da sua fortaleza, mandou logo hum criado seu com recado a Afonso Dalboq̃rq̃ dizendo, que aceitaua a merce q̃ lhe fazia, & q̃ pois aquella fortaleza era delRey de Portugal, & elle tinha aleuãtada a obediẽcia ao rey de Ormuz que mandasse dár ordem com que se pagasse o soldo á gente que ali tinha pera a guardar, porque não lhe pagãdo se jriam todos. Pareceo justa a rezão do alcaide a Afonso Dalboquerque, & q̃ em nenhũa maneira podia deixár de pagar o soldo á gẽte q̃ ali estaua pois não determinaua de soster a fortaleza, & mandou chamar os regedores do lugar, & dissélhes, que o tributo q̃ auião de pagar em cada hum anno, auia de ser soldo & mantimentos pera a gente que o alcaide auia de ter pera guarda da fortaleza, asi como pagauam ao rei de Ormuz, fazendolhe hũa carta escrita em Arabigo daquelle cõcerto, asinada por elles & pelo alcaide, & q̃ elle lhes faria outra em nome delRey de Portugal, & asselada com o selo real das

ſuas armas, & cõ eſtas cõdições os receberia á obediẽcia delRei de Portugal: os regedores ſe forã a terra, & mãdaram ajũtar todo o pouo da cidade & termo, & apreſentarãlhe iſto q̃ Afonſo Dalboquerq̃ pedia, & todos aſſentáram q̃ ſe fizeſſe tudo o q̃ pediſſe: & ao outro dia pela menhaã lhe mã dáram a carta aſsinada per todos, & hum preſente de vacas, carneiros, & galinhas: & elle lhes mãdou outra aſſellada cõ o ſello delRei de Portugal, & ao alcaide, & a dous mouros principaes do lugar algũas couſas de Portugal, & mandou por Gaſpar Rodrigues lingoa viſitar hũ capitão do Bẽjabar q̃ ali ficára com trinta de caualo, quãdo deſpediram a gente q̃ viera em ſocorro da fortaleza, pera ver as noſſas naos, & os Portugueſes, & mã doulhe hum bacio de prata de agua ás mãos, & hũa cadea de ouro. Feito iſto deſpedioſe do alcaide & regedores, & mandou aos capitães que ſe fizeſſem preſtes pera ao outro dia partirem.

¶ A pouoação de Soar he mui grande, & mui fermoſa, & de muito boas caſas: tẽ hũa fortaleza quadrada cõ ſeis torres derredór, & ſobre a porta da fortaleza tẽ duas mui grãdes, o muro he de boa altura, & largo arrezoadamẽte: eſtá aſsẽtada jũto do már em hũa grãde enſeada, q̃ a coſta ali faz: he porto mui aparcelado: eſtauã as noſſas naos ſurtas em ſeis braças, & dali á terra auia grande mea legoa: a fortaleza he tam grande q̃ lhe ſam neceſſarios mais de mil homẽs pera a defender. Dizem q̃ ſe póde cercar de agoa doce, porq̃ á tem pegada conſigo: ho aſſento da fortaleza he muito gracioſo, & de prea már chega a agoa quaſi pegada com o muro: dentro na fortaleza não auia mais caſas que pera a gente que a guardaua. As caſas do alcaide erão mui fermoſas, o qual era hum homem principal de Ormuz, q̃ o rey anteceſſor do que então reynaua deſtruhio, & lançou fora da cidade, por compitencias q̃ teue cõ hum criado ſeu: porem era hũ homẽ muito eſtimado antre os mouros de caualeiro. A gente q̃ podia auer no lugár ſeriam ſeis mil homẽs & dahi pera cima, & cincoẽta de caualo, os mais delles acubertados de cubertas de aceiro, & dellas de hũas eſcamas de ferro, aſſentadas a maneira de hum telhado cubérto de azulejos & ſam tam fortes q̃ as não poderá paſſar hũa béſta, & as teſteiras dos cauallos também ſam deſta feição: as ſellas ſam Turqueſcas, hũ pouco altas dos arções & os eſtribos ſam como os dos Turcos, as eſporas q̃ trazem ſam hũas põtas de ferro, ou de cobre, poſtas em hũa chapa pegadas no calcanhar do borzeguim, & ali anda ſempre: eſte lugár de Soar he mais caualeiroſo que nenhum deſta coſta: a terra he mais deſabafada de ſérras pera o ſertão q̃

os

os outros lugares della, té muito grande termo, & tudo sam lauouras de trigo, milho, & ceuada, & por a terra ser grossa tem grandes criações de gado, & de caualos. O sertão desta terra he do Benjabar, & tem pazes cõ o rey de Ormuz, & quãdo algũa ora ha differenças antre elles, & a gente do Bẽjabár lhe corre, acolhẽse logo á fortaleza. Esta gẽte do sertão se chama os Badés, & a mór parte de gẽte de caualo sam archeiros, & algũs trazẽ lãças, & maças Turq̃scas, & toda a de pé anda nua da cinta pera cima, trazẽ carapuças de feltro, lãças & adargas, os caualos são mouriscos de casta grãde, bẽ feitos & corredores: carregase neste porto muitas tamaras & milho.

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Soar, & se foy ao longo da costa direito a Orfação, & de como o tomou. Capitulo. XXIX.

Despedido o grande Afonso Dalboquerq̃ do alcaide & regedores de Soar, ao outro dia pela menhaã se fez á vela & foise direito a Orfação, & aquella noite se fez na volta do már por se afastar de hũa enseada grande q̃ a terra ali faz, & ao outro dia, indo asi ao lõgo da costa ouuerão vista de hũ zãbuco piq̃no q̃ sahia dessas quintás que jazẽ ao lõgo do már, & vẽdoo mãdou Afonso Dalboquerq̃ os bateis apos elle pera lho tomarẽ, o zãbuco corria tãto á vela q̃ o não podéram alcançar & perderãno logo de vista, & depois se soube q̃ hia auisar Orfação da nossa armada, & dahi fora seu caminho via de Ormuz: & indo asi todos ao lõgo da costa virão hũ lugar muito grande, & os pilotos mouros de Melinde se embaraçárã hũ pouco no conhecimento da terra: mas o piloto q̃ Afonso Dalboquerq̃ tomára em Çocotorá lhe disse q̃ aquelle lugar era Orfação, & no libro de O már asi se chamaua. Chegada a nossa armada diãte do lugar, surgiram os nauios peq̃nos chegados a terra, & as naos grandes ficárã hũ pouco mais de largo: & cada hũa dellas surgio duas ancoras, por não ser boa tẽça, & como foram dẽtro no porto, os do lugar lhe deram hũa mostra cõ muita gẽte de pé & de caualo, & muitos camelos, & auia antre elles grãde reuolta. Afonso Dalboquerq̃ mandou aos capitães q̃ de noite se fizessem todos prestes, porq̃ determinaua não se vindo os moradores do lugar meter em suas mãos, & fazerẽse tributarios delRey de Portugal, de dar ao outro dia pela menhaã nelles. Neste tẽpo andaua a gẽte da terra asi de caualo como de

pé ao

pé ao lõgo da praia, dando muitas mostras de si, escaramuçãdo hũs com outros, tãgendo seus atabaques, & dãdo suas gritas acostumadas, & ora faziã mostra q̃ lãçauão hũa almadia ao mar, & outra vez tornauãna a tirar pera terra, & os camelos não fazião senão sair pela porta da vila carregados de fato pera o sertão, & asi passarã todo este dia até noite sem ninguẽ vir da terra âs naos. Como se a noite cerrou mãdou Afonso Dalboquerq̃ auisar os capitães q̃ como ouuissem tocar o seu atambor se fizessem todos prestes, & aparelhasse seus bateis, & sendo duas oras depois da meia noite pelos espertar mandou fazer sinal, & os capitães como estauã prestes vierã se logo a bordo da nao capitaina, & chegando a ella começou de amanhecer, & dali partirã todos em ordẽ muito cõcertados direitos ao lugar, no qual auia muita gente, & hũa parte della estaua no muro q̃ vai pera o sertão, & outra muita em hũa serra q̃ está sobre a villa, & algũa de pé & de caualo andaua ao longo da praia. Os nossos como chegaram começãrãolhe logo a tirar cõ as bombardas que leuauão nos bateis. Os mouros recesos dos nossos tiros deixaram a praia, & recolheramse á vila, & como a praia foy despejada desembarcou a nossa gente, & fizeramse em duas batalhas: na dianteira hia Francisco de Tauora, Afonso Lopez da Costa, & Ioão da Noua cõ algũs fidalgos & caualeiros da armada, & Afonso Dalboquerq̃ com os outros capitães & toda a mais gente em outra: & em chegãdo derã no lugar por duas partes, & na sua batalha era Antonio de Noronha seu sobrinho na diãteira, q̃ foi seguindo o alcãce aos mouros até os meter por hũa porta, & como foram dentro, deixarã o postigo aberto & poserãse cõ os nossos ás lançadas. E estando nisto chegou Afonso Dalboquerq̃ & vẽdo dom Antonio de Noronha á porta dissélhe: á sobrinho q̃ vergonha he esta, inda vos aqui estais? & em lhe dizendo isto cobriose cõ a adarga & entrou pelo postigo dentro ás cutiladas com os mouros, & pos as costas na porta & defendeoa té que os nossos entraram de roldão com elles, & ali mataram muitos. Francisco de Tauora com os outros capitães a este tẽpo entraram pela outra parte do lugar per força onde mataram muitos mouros, os quaes como se viram atalhados de hũa parte & da outra já desbaratados poseramse em fugida, & os nossos lhe foram seguindo o alcance. E Afonso Lopes da Costa com a sua gente na dianteira, & Antonio do Campo apos elle seguião os mouros por hũa serra arriba, em q̃ elles cuidauão que tinham sua saluação, por amor das pedras comque se podiam ajudar: mas os capitães hiam tão pegados cõ elles q̃ por não fazerẽ mal aos

seus

ſeus deixaraın de o fazer aos noſſos:& porque a noſſa gente ſe hia engodando com os mouros acodio Afonſo Dalboquerque cõ a gente que cõſigo tinha,& foy os recolher,& tornouſe outra vez a fazer em corpo dentro no lugar (que jâ eſtaua deſpejado) & em chegádo vio ſair hum golpe de mouros pella porta da cerca da vila,& mandou a Franciſco de Tauora que lhe foſſe tomar a dianteira:& elle com todos os outros capitães & gẽte foilhe dando coſtas. E paſſando hum palmar que eſtá logo na ſaida do lugar alcançou Franciſco de Tauora algũa gente daquella que hia fogindo,& não deo vida a ninguem : & tornouſe a recolher pera onde Afonſo Dalboquerque eſtaua como lhe tinha mandado . Recolhido Franciſco de Tauora, vendo Afonſo Dalboquerque, que todauia os mouros hiam de vagar,& como gente canſada não podiam andar,mandou a dõ Antonio de Noronha com oitenta homẽs,parte delles beſteiros & eſpingardeiros, que os ſeguiſſe & apertaſſe rijo com elles, porque poderia ſer que lhe ficaſſe todo o deſpojo que leuauão nas mãos, & que elle eſtaria a ſua viſta,porq̃ ſe foſſe neceſſario ſocorrelo que o faria:& porque os mouros hiam longe foi os dõ Antonio ſeguindo mais depreſſa, & em pouco eſpaço chegaram á gente de pé:os de caualo como viram os noſſos pegados com os ſeus,que hião a pé,fizerã volta pera os ſaluarem, & ás frechádas feriram algũs,antre os quaes foy Antonio Vogado criado do condeſtabre,que ouue hũa frechada no roſto:os mouros de caualo como ſe virã mal tratados dos noſſos beſteiros &eſpinhardeiros,deixaram a cõpanhia que leuauam & poſeramſe em fogida,& não ouſaram mais de voluer, & neſte eſpaço q̃ a noſſa gente andou ás lançadas com os mouros de caualo, tiueram os de pé tempo pera ſe alongarem delles hum bõ pedaço,& dom Antonio os tornou outra vez a ſeguir,& chegádo a elles poſerãolhe as lãças & mataram muitos,& catiuáram molheres &mininos:& tomárãlhe todo o deſpojo que leuauão. Afonſo Dalboquerq̃ vendo q̃ dom Antonio ſe hia deſmandando,& não era tempo pera jr mais auante,por a noſſa gẽte jr muito canſada,mandoulhe recado que ſe tiueſſe,& que ſe recolheſſe pera onde elle eſtaua. E neſta cõpanhia de dom Antonio eram Ioão Eſtão Antonio de Sá,Pedraluares, Nuno Vaz de Caſtelo branco, Antonio Fragoſo, Aires de Souſa Chichorro, Fernão Soarez, Lizuarte de Freitas, Antonio de Lis, Ioão Teixeira, Antonio da Coſta, Ioane Mendez, & Ioão Coelho, todos caualeiros honrados, que naquelle tempo não viuião com elRey,& querião antes merecelo por ſeus ſeruiços que por ſeus pais nem

E auós

auós,& outros muitos que aquelle dia pelejáram muito valerosamente & como foram todos juntos mandou Afonso Dalboquerque recolher todo o gado que andaua no campo,& os capitães que tomassem suas está cias no muro,pera guardarem o lugar até se recolherem os mantimẽtos de que tinhão muita necessidade. E estando asi todos em suas estancias vieram muitos mouros por aquelle cabo da serra que vinha tér sobre o muro onde Antonio do Campo tinha a sua estancia,tirando pédras com fundas,& muitas fréchas,& porque era lugar onde os nossos não podiam jr por ser hũa serra ingrime,mandou Afonso Dalboquerque trazer das naos cinco tiros de artelharia,& mãdou os assestar na torre que estaua pegada com a estancia de Antonio do Campo,& dali começárã a tirar aos mouros que estauão defronte em chapa,& matáram quatro ou cinco, os quaes como se virão mal tratados da artilharia,& não tinhão nenhũ emparo na serra que os defendesse dos tiros recolheramse,& recolhidos tornáram outros muitos pela outra banda da serra, & foramse pór sobre os poços que estauam fora da vila,& dali lançauão galgas á nossa gente que andaua fazẽdo aguada.Os bésteiros & espingardeiros que estauão á porta da vila em guarda dos que andauão acarretando agoa pera as naos,come çaramlhe de atirar,& derribaram tres ou quatro:os mouros como se virã apertados recolheramse aquelle dia & não vierão mais, & ao outro pela menhaá vieram tres mouros de caualo com hũa bandeira brãca perto do lugar pedindo seguro aos nossos,que querião falar com o capitã daquella armada,& parece que não querião nada,porque depois que lhe deram seguro não vierão mais.

¶Como se Afonso Dalboquerque vio fora destes sobresaltos, & que os mouros eram recolhidos, mandou repartir pelas naos todos os mancebos que se ali tomáram pera trabalhar, & cõ elles começáram todos os capitães a recolher os mantimẽtos que se ali acháram,que eram poucos, & aos mouros velhos que não aproueitauão pera trabalho mandou cortar as orelhas & os narizes, & soltálos:porque deste ferro ficauão asinalados todos aquelles a que se daua vida, & antre estes mouros que neste lugar foram catiuos,tomou Nuno vaz de Castelo brãco hum que achou em hũa casa,que por sua muita velhice não pode fugir,& porque em seus trajos lhe pareceo homem honrado não o quis matar,& trouxeo a Afonso Dalboquerque o qual se lançou aos seus pés,& elle o mandou leuantar perguntandolhe que homẽ era:o mouro lhe disse que era hum dos tres

gouer-

gouernadores daquelle lugar, & por ser muito velho & não poder andar, seus filhos por saluarem as vidas o deixáram no campo, & se foram, & elle por escapar a furia da sua gente, não quisera aguardar no campo, & se tornára a aquella casa onde aquelle caualeiro o achára. Afonso Dalboquerque lhe perguntou pelas cousas de Ormuz, & elle lhe deu larga enformação dellas, & contoulhe muitas cousas antiguas daquelle reyno, porque era muito velho & muito lido: & louuou muito o esforço dos Portugueses, & disselhe que verdadeiramente não lhe podia negar que eram pera conquistar todo o mundo: porq̃ lendo elle a vida de Alexandre que aquella terra conquistara, não achara que a sua gente tiuesse nenhũa ventage á Portuguesa. Afonso Dalboquerque espantado do mouro dizer que lera a vida de Alexandre, perguntoulhe onde a léra, porque elle tambem era lido: & muito affeiçoado a suas cousas. O mouro tirou hum libro do ceio escrito em Parse, enquadernado em veludo carmesim ao seu modo & deulho, que Afonso Dalboquerque mais estimou que quantas cousas lhe podera dar, & ouueo por bom pronostico pera a determinação que leuaua pera conquistar Ormuz: & mandou dar a este mouro hũ vestido de escarlata, & outras cousas de Portugal com que ficou muito contente, & muito mais de se ver liure com suas orelhas & narizes. Neste porto se não acháram nenhũas naos da terra nem estrangeiras, porque fugiram todas tãto que souberam nouas da nossa armada, & os mercadores Guzarates tambem se foram pelo estreito da Persia dentro, com suas casas & fazendas, & todas aquellas noites que os nossos dormiram no lugar lhe deram os mouros tantos rebates que estauam mortos de cansados, & porem tinhão tal vigia em si que ainda que foram dez mil os não podéram entrar. E tendo já os capitães tomado agoa em abastança, porque não sabiam se a poderiam tão cedo auer pela falta que della auia em Ormuz, mandoulhe Afonso Dalboquerque que se recolhessem ás naos, & que cada hum por seu cabo posesse fogo ao lugar, & como o fogo começou a tomar posse não ficou casa nem edificio que tudo não viesse ao chão. Estãdo todos juntos na praia embarcaramse, dando muitas graças a nosso senhor pela merce que lhe tinha feito.

¶ Orfação he hũa vila grande do reyno de Ormuz de muito boas casas: he mui forte da banda do sertão, & a causa disto era porque se temia mais da terra que do már: viuiam nella muitos mercadores Guzarates honrados: jaz ao pé de hũa serra muito alta, & da banda do sertão tem

hum muro muito forte que vem entrar no már, & dous ilheos dentro no porto que o fazem muito bom: tem muitas quintás no sertão de casas muito boas: muitas larangeiras, limoeiros, zamboeiras, figueiras, palmeiras, & toda a maneira de ortaliça: & muitos poços de agoa com que a regão. Pelos campos muitos rastolhos de trigo como o de Portugal: muitas milharadas. Tinhão muitos barcos de pescar, & muitas redes, que tudo foy queimado: auia na villa grandes estrebarias pera cauallos: muitos palheiros de palha pera elles, porque neste porto ha grande carregação pera a India. A terra he temperada & de bõs áres, & passada esta serra que tem sobre o lugar, tudo dali por diante sam grandes cãpos de lauouras & criações, & todo aquelle sertão he senhorio do Benjabar como os outros.

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Orfação pera Ormuz, & o que passou com os capitães chegando a vista da cidade. Capitulo. XXX.

Mbarcado o grande Afonso Dalboquerque, ao outro dia pela menhaã mãdou fazer sinal aos capitães pera leuarem suas ancoras, & se fazerem á vella, & indo asi todos com o terrenho, deulhe hũa toruoada da terra, com que o vẽto ficou calma, & porque as agoas corriam muito pera hũa enseada que a terra ali faz, tornou a armada toda a sorgir, & com esta toruoada choueo tanta agoa por espaço de duas horas, que por as naos trazerem as cubertas abertas da quentura do sol entrou á agoa dentro, & danou algũs mantimẽtos, & estiueram ali aquella noite, & ao outro dia pela menhaã tornou o vento á terra, & fizerão seu caminho acostumado ao longo da costa, & passados dous dias chegáram ao cabo de Macinde, & dobrado o cabo, hum dia á tarde ouueram vista de duas ilhas pequenas despouoadas, que jazem em este caminho de Ormuz: & sendo tanto auante como ellas, disse hum mouro piloto a Afonso Dalboquerque (o qual tomara em Orfaçá, & trazia cõsigo pera o leuar a Ormuz) q̃ mandasse tomar as velas ás naos, & fossem todos com os traquetes nomais, porque aquella

noite

noite seriáo com a ilha de Ormuz. Este mouro lhe cõtou depois de se ver no már, que auia dez dias que viera da cidade de Ormuz, & que o rey sabia já da sua ida, & que tinha hũa grande armada pera pelejar com elle, & que em a cidade auia muita gente & muitos aparelhos de guérra. Afonso Dalboquerque não ficou contente desta noua, & disse ao mouro que daquillo que lhe dissera não desse conta a ninguem. Os outros pilotos mouros que Afonso Dalboquerque trouxera de Melinde disseráolhe que fosse como hia, & não tirasse as velas, porque tirandoas até o outro dia não aueria vista da ilha de Ormuz. Afonso Dalboquerque pareceolhe bem o conselho dêstes pilotos, & mandou jr a armada com todas as velas como hia, até a mea noite que mandou tirar hum tiro & fazer quatro fogos, que era sinal pera amainar, & todos tomaram as velas grandes & contramezenas: & porque o már era bonança, & o vento largo, deixaramse asi jr com os traquetes até o quarto dalua que mandou lançar prumo, & achouse em vinte & cinco braças, & com isto fez sinal ás outras naos, pera saberem que eram em sonda, & todos mandaram lançar prumos ao már, & acharam o mesmo, & com elles se deixaram ir até as duas oras ante menhaã que sintiram o ár da terra, & dali a pouco se começou a lua a leuantar, & viram a terra clara. Afonso Dalboquerque perguntou aos pilotos se era aquella a ilha de Ormuz que tinháo por deuante, & porque o ár era ainda pardo não souberam se era a ilha de Ormuz se a de Laraa, ou se a de Queixome, porque todas tres estáo em triangulo: & sendo já menhaá clara conheceram ser a illha de Ormuz, & as outras duas estauão á vista, & porque o fundo hia mingoando de cada vez mais, Afonso Dalboquerque se agastou com os pilotos, & elles lhe disseram que se não espantasse do fundo jr mingoando, porque era parcel, & auia de jr sorgir no porto em cinco braças: & porque ao sair do sol eram já pegados com a ilha veio Afonso Dalboquerq́ á fala cõ os capitáes, & disselhes q́ se deixassem jr ao lõgo della, & q́ embandeirassé todas as naos, & fizessem prestes toda a artelharia & muitas arrõbadas, & a gente fosse toda armada, porq́ socedẽdo algũa cousa ao dobrar da ponta dõde se via tododa a a cidade ná os tomassé desaperbebidos: & todos se forã fazẽdo prestes deuagar, & dobraram a ponta da ilha todas as naos, hũas diãte das outras em ordem.

¶ Dobrada a ponta, como os capitáes virã a grandeza da cidade, & a muita gente de caualo que acodio á praia, & muitas naos no porto muito bem

apercebidas de gēte, & artelharia ficaram assombrados, & cõ o assombramēto q̃ tinhão deixárãose jr ao lõgo da nao de Afonso Dalboquerque, & disserãlhe que olhasse o em que se metia, porque aquella cidade não era como os outros lugares que tinha destroidos, porque em terra parecia muita gente, & as naos eram muitas & bem armadas, & que lhe parecia que seria inda muito mais do que vião pois auia muitos dias q̃ em Ormuz se sabia a noua da sua vinda: que deuia de auer bom conselho naquelle negocio, & não se determinar nelle só per si sem parecer de todos. Afonso Dalboquerque porque auia dias que andaua enfadado das suas cousas, respondeolhe que lhe confessaua que aquelle negocio era muito grãde, & muito pera arrecear: mas que elles eram já metidos em lugar que lhes cõpria mais boa determinação que bom conselho, & não quis tér mais praticas com elles sobre isso, & mãdou a Manuel Telez & a Afonso Lopez da Costa que dessem ás vellas grándes & fossem cõ os prumos nas mãos, & q̃ se o fundo não mingoasse de cinco braças, como lhe os pilotos tinhã dito, fossem sorgir junto com as naos dos mouros, & que elle com os outros capitães os irião seguindo: & asi foram todos sorgir pegado com as naos dos mouros: os nauios piquenos da banda da terra, & as naos grandes da banda do már. E porq̃ o nauio de Antonio do Campo era piqueno, mandoulhe q̃ sorgisse junto delle, & desse hum cabo á sua nao: & disse ao seu méstre que lhe fosse sorgir hũa ancora boya com boya de hũa nao q̃ estaua junto com a sua, a qual era a maior que auia naquella armada: & como a armada toda foy surta mandou saluar a cidade com toda a artelharia, & porque era já sol posto não ouue mais tēpo aquelle dia, que pera se amarrarem muito bem, & toda aquella noite estiuerão em vigia. As gritas dos mouros, & os tangeres dos atabaques & anafis erão tantos, que não auia homem que se entendesse hum com outro.

Da armada que o rey de Ormuz tinha no porto, & como estaua concertada, & dos recados que ouue antre elle & o grande Afonso Dalboquerque. Capitulo. XXXI.

Como auia dias que o rey tinha sabido nouas certas da nossa armada, & a destroiçam que o grande Afonso Dalboquerque vinha fazendo nos lugases de toda aquella costa, começouse fazer prestes pera pelejar cõ elle: & pera isto mandou arrestar todas as naos q̃ ao porto de Ormuz vinhão,

vinham, & ajuntou hũa copia de sessenta grãdes, nas quaes mãdou meter muita gẽte de guerra & artelharia, & tudo o mais q̃ era necessario pera tal feito, & antre estas naos grãdes auia hũa do rey de Cãbaya q̃ se chamaua a nao Meri, q̃ seria de mil toneis, cõ muita gente & artelharia, & todas as mais cousas necessarias pera sua defensam: & outra do principe de Cãbaia de seis cẽtos toneis, aparelhada de maneira q̃ não tiuesse necessidade dos almazẽs do rey: & afora estas naos aueria no porto duzentos galeões, que sam hũs nauios cõpridos q̃ vogão muitos remos, & não muito grãdes, & estauão aparelhados com duas bõbardas grossas por proa, & arrõbadas de sacas de algodão, tam altas q̃ não parecião os remeiros: auia tãbem muitas terradas (q̃ sam como barcas de Alcouchete) cheas de artelharia miuda, & gente armada de laudeis, & armas brãcas, & a mais della archeiros: toda esta armada estaua embãdeirada de estãdartes & bãdeiras de cores, q̃ era cousa fermosa pera ver. As naos grãdes estauão da bãda do mar, os galeões & terradas da banda da cidade, cõ as proas nas popas hũs dos outros: & nesta ordem tinhã cercada toda a nossa armada, & na terra ao longo da praya aueria ao parecer de todos, quinze ou vinte mil homẽs, gẽte muito luzida, & muitos delles a caualo, tãgendo suas trõbetas & anafis: as gritas no mar & na terra erã tamanhas q̃ parecia q̃ se fundia o mũdo. Vẽdo Afonso Dalboq̃rq̃ esta ordẽ em q̃ os mouros tinhã a sua armada, & q̃ o seu desenho era pelejar, mandou chamar os capitães, & pergũtoulhes o q̃ faria & por onde começaria primeiro, porq̃ sua determinaçã cõ ajuda de nosso senhor, era pelejar cõ aq̃lla armada por maior q̃ fosse, & auẽturar a vida & tudo o mais pela hõra & credito delRey de Portugal seu señor: & por isso lhe não pergũtaua se o faria, senã como o faria: & posto q̃ antre os capitães & a outra gẽte ouuesse muitas differẽças, por se verẽ cõ peq̃na armada cercados de tãtas naos: espãtados tambẽ da grandeza da cidade, & da muita gẽte q̃ auia nella, q̃ os não deixaua tomar verdadeiro cõselho do q̃ auiã de fazer, cõ tudo assentarã de pelejar, & q̃ primeiro tiuessẽ fala do rey pera saberẽ sua determinaçã. Com este parecer dos capitães mãdou Afonso Dalboquerq̃ Gaspar Rodrigues lingoa no esquife, pedir ao capitã da nao Meri que tinha mais perto de si, hũ homẽ pera mãdar hũ recado ao rei: o capitã lhe mãdou dous, & offrecer tudo o mais q̃ ouuesse mister. E por elles mãdou Afonso Dalboquerq̃ dizer ao rey, q̃ elle viera ali cõ aq̃lla armada del-Rey de Portugal cõ desejos de o seruir, & pelo aluoroço q̃ via na gẽte daq̃llas suas naos queria saber se auia de auer antre elles paz ou guerra. Dado

este recado ao rey mádou logo cõ a reposta hum mouro Armenio de naçáo que se chamaua Cogebeirame, o qual entrando na nao achou Afonso Dalboquerq̃ & todos os capitáes & fidalgos armados, assentados na tolda em bancos cubertos de alcatifas, & toda a outra géte da nao armada, & depois de fazer sua cortesia (hũ pouco toruado) lhe disse. Senhor capitáo o rey de Ormuz ouuio o teu recado, & quer saber de ti que queres, & q̃ vés buscar a este seu porto. Afonso Dalboquerque lhe respondeo. Dize ao rey de Ormuz que elRey dom Manuel Rey de Portugal & senhor das Indias desejádo muito sua amizade me mádou a este seu porto pera o seruir com esta armada, q̃ se elle quiser ser seu vassalo & pagarlhe tributo q̃ farey cõ elle pazes, & o seruirey em tudo o q̃ me mádar cõtra seus imigos, & senão quiser saiba q̃ lhe ei de destruir toda esta armada em q̃ tem sua cõfiáça, & tomarlhe a cidade por força de armas. E cõ esta reposta despedio Cogebeirame, a qual foy mui estranhada dos capitáes, & disseráolhe algũas cousas a maneira de o quererem repréder, de respóder tá aspero ao rey, em tépo que era necessario ter cõ elle muitos cõprimentos. Afonso Dalboquerq̃ cõ aquelle animo inuéciuel q̃ tinha disselhes. Eu senhores náo sou homé pera acabar hũ feito tá gráde como este cõ disimulações, & moralidades: mas como caualeiro & gráde capitáo executar as obrigações de meu regiméto, como por elRey nosso senhor me he mádado: & por isso a fortuna se poderá acostar a qualquer parte que quiser, mas eu espero na payxáo de Iesu Christo em q̃ tenho toda minha cõfiança, de quebrar a cabeça a estes mouros, & fazer o seu rey tributario delRey nosso senhor, ou me háo de leuar a cabeça nas máos, & este he o milhor & mais sáo conselho q̃ em tal caso & tépo podemos tomár, pois estamos em lugar q̃ se náo pode fazer outra cousa, & cada hũ se vá pera a sua nao fazer prestes, & ouuindo hum tiro de bõbarda acuda, & faça o q̃ me vir fazer. Cogebeirame chegou a terra, & cõtou ao rei tudo o q̃ passara cõ Afonso Dalboquerq̃, & como o achara. E o rey mádou logo chamar Cogeatar, & todos os Gouernadores da cidade, & disselhes a reposta q̃ lhe Cogebeirame trouxera, & o mais q̃ lhe cõtára. Cogeatar como era o principal no gouerno, & sobre qué carregaua tudo disse, que o cõselho q̃ naq̃lle negocio se auia de tomár era dilatar o tépo o mais q̃ podessem, até lhe vir a armada & géte q̃ mandára vir de terra firme, q̃ náo podia tardar mais q̃ até o outro dia, porq̃ já tinha recado q̃ estaua da outra báda, & q̃ se náo espátassem da reposta chea de soberba q̃ o capitá mór daq̃lla armada dera a Cogebeirame, porq̃ era fazer das tripas

coraçáo

coraçã,&q̃ elle esperaua de tomár todos osPortugu:ses q̃ ali estauã viuos, pera cõ elles fazer guerra a seus vezinhos. Este cõselho de Cogeatar parece o bẽ a todos os gouernadores,porq̃ segũdo as muitas naos &gente q̃ tinhã auiã por grãde doudice quererẽ os nossos pelejar cõ elles: o rei tornou a mãdar Cogebeirame q̃ dissesse a Afonso Dalboq̃rq̃ que elle folgaua muito cõ sua vinda pelos desejos q̃ tinha de ter amizade cõ elRey de Portugal & pois sua determinaçã era vir áqlle porto & assentar paz & amizade cõ elle, peraq̃ lhe destruhia os seus lugares q̃ tinha por toda aquella costa, matãdo quãta gẽte nelles achaua, & q̃ se dos regedores delles tinha recebido agrauo q̃ a elle ouuera de pedir a emẽda disso, & nã destruilos: & q̃ quanto era ao tributo q̃ lhe mãdaua pedir q̃ elle falaria cõ os seus gouernadores & officiaes de sua fazẽda, & do q̃ assentasse lhe mãdaria a reposta. Chegado Cogebeirame cõ este recado Afonso Dalboq̃rq̃ mãdou logo chamar os capitães & disselhes, q̃ elles por muitas vezes se queixauã por detras delle que lhe não daua cõta das cousas q̃ fazia, q̃ agora tinhã tẽpo pera o acõselharẽ, & pera o reprẽderẽ. porq̃ a reposta q̃ lhe o rey mãdaua parecia mais disimulação q̃ quererlhe dar o q̃ lhe pedia, pois se lẽbraua dos males q̃ os seus lugares tinhã recebido delles. Os capitães lhe respõderã q̃ de se elles aqueixarẽ tinhã muita rezã: porq̃ sua vinda a Ormuz nã fora por seu cõselho, nẽ por sua võtade, mas pois já ali estauã deuia de ter algũa maneira de cõcerto cõ o rey, porq̃ segũdo a muita gẽte & armada q̃ elle tinha naqlle porto, nã duuidauã porse ẽ ventura de se perderẽ todos: & pois as cousas se podiã fazer sem trabalho, q̃ lhe pediã muito por merce q̃ escusasse quãto podesse telo. Afonso Dalboquerq̃ lhes disse q̃ elle não vinha ali a rogar o rey de Ormuz senão fazerlhe guerra não querẽdo estar á obediẽcia del-Rey de Portugal, & que auia tres dias que ali estauão, & todo o mais tẽpo que estiuessem sem algũa determinação era mostrar claramente fraqueza. Passada esta pratica que teue com os capitães; disse a Cogebeirame, que dissesse ao rey que elle folgaua muito da paz que queria ter com el-Rey de Portugal seu senhor, porque lhe vinha muito bem tela, mas que isto auia de ser conclusam & não palauras, & que quanto era ao que dizia que lhe fizera sem rezão de lhe queimar os seus lugares & destruilos, que a culpa fora dos seus capitães que se quiseram tomar com elle: por que primeiro que lhe elle fizesse a guerra trabalhara muito por a paz, & que a proua disto era Soar & Calayate que elle não destrohio porque os capitães quiseram paz. Cogebeirame tornou com esta reposta:

E porque o fundamento de Cogeatar era dilatar este negocio como está dito, tornou logo a mádar Cogebeirame pedindo a Afonso Dalboqrque que se não agastasse por algũa dilação q̃ podia auer, porq̃ pagar o rey tributo não se podia cōceder sem cōselho & parecer de todos os senhores do seu reyno, por não auer depois duuidas no pagar delle, & q̃ a sua gēte podia jr segura a terra tomár refresco, & tudo o mais q̃ quisesse. E fazia isto a fim de saber pelos Portugueses q̃ gente podia auer na nossa armada, porq̃ estaua espātado do q̃ lhe Cogebeirame dizia q̃ vira na nao de Afonso Dalboquerque: & porq̃ elle hia entendēdo de cada vez mais q̃ eram manhas de Cogeatar, disse a Cogebeirame q̃ lhe dissesse, que elle auia tres dias que ali estaua sem ver reposta do rei q̃ parecesse cōclusam, q̃ lhe pedia por merce q̃ ouuesse bō conselho, & q̃ atè o outro dia pela menhaá lhe mādasse dizer o q̃ determinaua de fazer, porq̃ nā vendo reposta sua lhe prometia de lhe destroir a sua armada, & apos isso tomarlhe à cidade por força de armas. E mandou aos capitães que se fossem pera as naos fazer prestes, & q̃ ouuindo hum tiro de artilharia fizessem o que lhe vissem fazer.

De como o grāde Afonso Dalboquerque vendo que tardaua a reposta foy cometer a armada que estaua no porto de Ormuz & a desbaratou. Capitulo. XXXII.

Osto que os capitães não ficarão muito cōtentes da reposta que Afonso Dalboquerq̃ mandou ao rey, com tudo chegados ás naos fizeramse prestes com sua artelharia, & arrombadas, esperando o sinal q̃ lhe tinha dado. Os mouros receosos da conuersação das nossas naos foramse alando as amarras q̃ tinhão da bāda da cidade, por se afastarem dellas. Afonso Dalboquerque como estaua em vista de tudo o que se fazia, mandou logo recado ao capitães, que nos bateis com gente armada emendassem suas amarras, & as fossem portar boya cō boya das naos dos mouros que se afastauão. Os capitães (posto q̃ assombrados do perigo em q̃ se viāo) como valerosos & esforçados caualeiros o poseram por obra, & o mestre da nao capitaina com cincoenta homēs armados foy portar hũa ancora na gorja da nao Meri. O capitão da nao q̃ sabia a causa da dilaçā do rey vēdo a mudāça das nossas naos bradou da popa a Afonso Dalboquerque q̃ se não agastasse que logo viria recado. E não

deuem

deuẽ tér menos louuor os mestres, pilotos, & gẽte do már, pois não sendo esta sua profissã, armados de todas as armas cõ muito esforço & diligẽcia fazião o q̃ lhe seus capitães mandauão. Vendo Afonso Dalboquerq̃ o brãdir das espadas, & capear com as adargas, & outras cousas q̃ os mouros de terra fazião, como gẽte que o não tinhão em cõta, entẽdendo por estes ademanes q̃ a determinação d̃ Cogeatar era darlhe batalha, & q̃ nã era já tẽpo de dissimular, por estarẽ metidos ẽ lugar q̃ lhes cõuinha buscar o remedio por suas mãos, determinou de cometer os imigos, antes q̃ lhe viesse o socorro q̃ esperauã, & pos se em ordẽ pera o outro dia nã vindo recado cometer a armada, & repartio as estãcias da sua nao por dom Antonio seu sobrinho, & por Iorge Barreto de Crasto, dõ Ieronimo de Lima, & dõ Ioão de Lima, cõ todos os mais fidalgos & criados delRey q̃ auia na nao: & mandou a Nuno Vaz de Castelo branco q̃ tiuesse cuidado de fazer carregar a artelharia, & da guarda da poluora, & auisou os capitães das outras naos q̃ guardassem esta ordem, & que estiuessem prestes, & fizessem o que lhe vissem fazer. Como foy menhaã vẽdo Afonso Dalboquerq̃ que nã vinha recado do rey, & q̃ esta dilação desenhaua quererẽ guerra & não paz, mãdou pór fogo a artelharia. Os bombardeiros ordenárãse de maneira que dos primeiros tiros meterã duas naos grossas que tinhão diante no fundo com toda a gente, hũa do principe de Cambaya, & outra de Meliquiaz de Diu. Afonso Lopez da Costa q̃ ficaua da bãda da terra desbaratou & meteo no fũdo algũa parte dos galeões & atalaias que a sua artelharia alcãçou. Manuel Telez depois de tér feito grande estrago em algũs nauios mãdou alargar o cabo que tinha da banda do már, & veiose sobre hũa nao grande que tinha junto consigo, & matoulhe parte da gente & a outra lançouse ao már, & os que hião asmados foramse logo ao fundo, & Ioão da Noua com sua artelharia fez grande estrago nas naos que estáuão da banda do cerame, & o mesmo fizerão Antonio do Campo, & Francisco de Tauora nos galeões que os tinhão cercados, que toda a noite andáram emendãdo suas ancoras pera os tomarem no meio, & ainda que os mouros trabalhauão de se vingarem com a sua artilharia, estauão as nossas naos tão fortificadas das arrombadas que não lhe fizerão nojo senão nas obras mortas, & com as frechas lhe feriram algũa gente. Foi a peleja tão trauada de hũa parte & da outra, assi da artelharia como das frechas, que durou muito espaço sem se verem hũs aos outros com o fumo. Afonso Dalboquerq̃ em descobrindo a fumaça, mãdou com grande pressa alargar hum cabo que

tinha

tinha da bãda do már, & deixouse vir sobre a nao Meri, & matoulhe muita gente com as espingardas & béstas, & ali morreo o capitão (que era hũ homem principal de Cambaya) & vendo o desbarato da armada do rey; & a vitoria nã pensada que lhe nosso senhor mostraua, & que os mouros se lançauão ao már com medo da nossa artelharia, cuidando que ali tinhã seu remedio a nado, pelos reprimir alargouse da nao, & dom Antonio cõ elle no seu esquife, & bradou aos capitães que acodissem aos bateis & seguissem a vitoria. E o primeiro capitã que veio ter com elle foy Manuel Tellez, & por o seu batel ser mais leue do remo meteose nelle com sua bãdeira real (que oge está em nossa Senhora da graça) & foise pór á vista dos nossos no meio da armada dos mouros, pera dali acodir aonde fosse neces sario, & dar ordem aos capitães do que auião de fazer, & ali esteue sem se bolir bem seruido de frechadas & espingardadas, & mandou a Iorge Barreto de Crasto que se metesse no seu batel, & Iorge da Silueira, Aires de Sousa Chichorro, Duarte de Sousa, Nicolao de Andrade, Nuno Vaz de Castelo branco, & outros muitos fidalgos, & criados delRey com elle, q̃ fossem cometer a nao Meri, & se ainda ouuesse gẽte nella que a trouxesse toda á espada sem dar vida a ninguẽ. Iorge Barreto foi cometer a nao, & os primeiros q̃ entrárã foi Gaspar Diaz de Alcacere do sal, & á entrada lhe cortárão a mão direita, q̃ logo ali ficou cõ a espada apertada, ao qual Afonso Dalboquerq̃ deu de sua fazẽda em sua vida dez mil reaes de tẽça: & apos elle entrou Ioão Estão escriuão da armada q̃ o defendeo, q̃ o não matasse, & Pero Gonçaluez piloto q̃ ouue ali duas cotiladas muy grandes (de que esteue á morte) & Nuno Vaz de Castelo branco q̃ cõ hũa bésta ferio & matou muitos mouros, até q̃ não teue almazẽ, & apos estes entrárã todos os outros q̃ hião cõ Iorge Barreto, & tres marinheiros da nao capitaina, & jũtos todos pelejáram cõ tãto esforço q̃ de sessenta mouros q̃ ficárã na nao sem se quererẽ lãçar ao már, forã todos mortos, & estirados por esse cões, & a nao ficou assi cõ a gẽte q̃ lhe Iorge Barreto deixou pera a guardarem.

De como os capitães depois da nao Meri rendida forã seguindo a vitoria, & o estrago que fizerão na armada, & como o grãde Afonso Dalboquerque foy cometer o cerame onde o feriram Capitulo. XXXIII.

Como

COmo Iorge Barreto teue a nao Meri rẽdida, os nossos q̃ nella ficauã cõ a artelharia della começarã a tirar á gente da cidade q̃ andaua na praia, & fizerãlhe muito nojo, & Iorge Barreto foise ajũtar cõ dõ Antonio que andaua no esquife da nao capitaina, & Frãcisco de Tauora no seu batel, & forã seguindo algũs galeões q̃ hiã fogindo cõtra a ilha de Queixome: & com a artelharia que nelles leuauã, & espingardas mataram muita infinidade de mouros, & na companhia de dom Antonio hião Francisco de Melo, Pero Gomez, Rui Diaz (filhos de homẽs honrados de Alenquer) & Simão velho filho do comẽdador de Almourol, Iames Teixeira, Duarte de Melo, Pedralures Froes, & Antonio Vogado, Estes capitães depois de terẽ posto em desbarato os galeões & muitos delles metidos no fundo vierãse recolhẽdo pa onde Afonso Dalboquerq̃ estaua, o q̃l mãdou logo Antonio do Cãpo q̃ fosse afferrar hũa nao q̃ estaua por rẽder, & ẽ sua cõpanhia hia Nicolao Iuzarte seu sobrinho, & Antonio Dabreu, & outra muita gẽte, & pelejarã hũ grãde espaço sem a poderẽ entrar: porq̃ os mouros da nao erã Fartaquins, & defẽderãse mui valerosamẽte. Vẽdoos Afonso Dalboq̃rq̃ nesta pressa, mãdou Afonso Lopes da Costa q̃ os fosse socorrer, & ẽ sua cõpanhia Antonio de Lis filho de Aluaro Gil de Lis de Setuual & Antonio de Azeuedo, & Bras da Silua seu jrmão, & Aluaro fernandes moço da capela delRei, & outros homẽs hõrados q̃ pelejarã de maneira q̃ entrarã a nao, & matarãlhe muita parte da gẽte, & algũs q̃ nã poderã sofrer sua furia lãçarãse ao mãr. Ioão da Noua q̃ estaua perto delles como os vio no mãr acodio no seu batel, cõ Fernão Soares, Ioão Luis criado delRei dõ Manoel, & Antonianes mẽstre da sua nao, & começarã todos a pór o ferro nos mouros q̃ andauã a nado, & matarã muita parte delles, & outros se afogárã, & dali foi aferrar hũa nao grãde em q̃ auia muitos mouros q̃ inda nã tinhã sentido o ferro dos nossos, & começãdoos a cõbater chegou Frãcisco d̃ Tauora no seu batel, & cõ elle Manuel de Lacerda, dõ Ioã de Lima, Bastiã d̃ Mirãda, Pero Dalpõe, Martĩ Vaz, Lopo Alures criado do cõdestabre, & Diogo Neto, & muita gẽte darmas: & chegãdo a bordo da nao, elle por hũa parte, Ioã da noua pela outra a entrarã, & matarã quantos achãrã dẽtro sem dár vida a nhũ. Afonso Dalboq̃rque q̃ estaua ẽ vigia do q̃ se fazia, vẽdo q̃ algũs se saluauã a nado, mãdou aos capitães q̃ atalhassẽ da bãda da terra, & trouxessẽ todos á espada: elles acudirã & nã derã vida a nenhũ. Os mouros erã tãtos no mãr, dos q̃ se lãçauã das naos q̃ os capitães ẽtrarã & das q̃ nossa artelharia meteo no fũdo, q̃ nã podẽdo acodir por serẽ os bateis poucos & os soldados ja ẽfadados de matar se saluarã muitos a nado.

¶ Neste

¶ Neste tempo andaua Cogeatar em hum parao muito esquipado, com suas arrombadas feitas de colchas vermelhas, & hũa meá gauea no topo do masto, metido na maior furia da batalha, animando os seus que pelejassem, & trazia cõsigo muitos Turcos coraçones com suas espadas guarnecidas de prata & ouro, & muitos archeiros, sem ser conhecido dos nossos, senão por derradeiro que o disse hum mouro a Afonso Dalboquerq̃, ja quando se elle hia recolhendo pera terra, depois do desbarato da sua armada. E com tudo mandou aos capitães nos seus bateis, & a Iorge Barreto de Castro que o seguissem, & lhe fossem tomár a terra, & inuestissem o parao em q̃ elle hia, & quando chegárã eram ja os mouros tão pegados com as casas q̃ se lançáram ao már, & Cogeatar tambem cõ elles, deixãdo no parao muitas espadas guarnecidas de ouro & prata, & agomias, & vestidos de borcado & de seda, tudo despojo de gente honrrada, que lhe os nossos tomáram: & cõ elle se tornáram pera onde Afonso Dalboquerque estaua, & como foram todos juntos tornáram outra vez á batalha do már com os mouros q̃ andauão a nado, & ás lançadas & cotiladas matáram tãtos delles, que de cansados de matar, não podendo acodir a tudo se saluáram algũs, & o már andaua tão tinto de sangue que era espanto velo. Os grumétes & pagés das naos, tãbem por sua parte não fazião senão vasalos com os croques, & lançarlhe as tripas fora: de maneira que foy feito grãde estrago nelles, & ouue grumete que só matou outenta mouros. E porque isto tudo era ao longo da ribeira recebéram os nossos muito dano de hum cerame q̃ o rey tinha feito de madeira metido no már, diante das portas do castelo com a artelharia que nelle tinha, & cõ frechas. Como Afonso Dalboquerq̃ vio os nossos afrontados da artelharia, mandou remár rijo o seu batel direito ao cerame, cõ determinaçã q̃ acodindo todos os capitães cometer o castelo, & não fora muita duuida entralo se todos acodirám, porque os mouros estauão tam cortados de medo do desbarato que vião que ouuera pouco que fazer na entrada: mas os capitães não tinhão sabido sua determinação, nem Afonso Dalboquerque cuidou que podia ser, mas a vitoria & o desbarato dos imigos lhe mostrou o que podéra fazer se todos acodiram com tempo: mas com elle não se achou mais que Antonio do Campo, & ambos apertáram rijo com os mouros que estauão no cerame, & com as bombardas que trazião nos bateis matáram algũs delles á porta do castelo, que logo virão leuar a rasto pera dentro da fortaleza. Os remeiros do batel em que Afonso Dalboquerque hia

com

cóm a reuolta da peleja embaraçaramse de maneira que atrauessaram o batel debaixo do cerame, & ali feriram Afonso Dalboquerque, & a Manuel Telez de hũa frechada pelo rosto, & Pero vaz Dorta, & Iorge da Silueira, & dous bombardeiros, & outros tres ou quatro homẽs: & no batel de Antonio do Campo feriram a elle & a Antonio Dabreu, & cinco marinheiros. E com quanto ali foram estes feridos, apertáram tam rijo com os mouros que os meteram todos pela porta do castelo dẽtro, & nisto acodiram todos os capitães nos seus bateis, & juntos se afastáram pera fora & foramse ao longo da cidade esbombardeando todas as casas. Durou esta batalha que os nossos tiuerão com os mouros no már, desde as sete oras de pela menhaá até as tres oras depois do meio dia, em q̃ morreram infinidade de mouros, & os bombardeiros o fizerão aquelle dia de maneira (porque nosso senhor os quis ajudar) que não tiráram tiro que não metessem nao no fundo, & matassem muita gente.

De como o grande Afonso Dalboquerque desbaratou a armada & foy ao longo da cidade queimando & destroindo todo o arrabalde, & de como o rey lhe mandou dous mouros em hũa almadia pedindolhe paz. Capitulo. XXXIIII.

NAM contente o grande Afonso Dalboquerque de tér desbaratada & destroida toda a armada do rey, porque lhe não ficasse nada por fazer mandou a Afonso Lopez da Costa, Antonio do Campo, & dom Antonio de Noronha que fossem nos bateis dádo caça a hũas atalaias que hião fugindo pera a terra firme. E como elles andauão fauorecidos da vitoria q̃ lhe nosso senhor déra foramnas seguindo, & todas as que alcançárã meteram no fundo, & matárãlhe toda a gente q̃ nellas hia, & a outras punhão o fogo & hião ardendo por esse már, pera onde as leuaua o vento, que era hum grande espectaculo pera ver. E Afonso Dalboquerque com os outros capitães foise ao longo da praia esbombardeando o arrabalde, queimãdo todos os nauios que estauão varados em terra, & hião tam perto, q̃ das janelas & eirados lhe feriram algũs homẽs cõ frechas & pedradas, & todos os nauios que topou no már que se hião recolhendo pera vararem em terra tomou & matoulhe toda a gente, & poslhe o fogo. E porq̃ a este tempo andauão algũs capitães nos seus bateis espalhados por esse már a esta

pescaria

pescaria, mandoulhe fazer sinal que se recolhesse pera onde elle estaua, & logo voltáram todos, & vieram aferrar terra meia legoa da cidade. Chegado Afonso Dalboquerque ali achou Francisco de Tauora, & Ioão da Noua, como homẽs de pouco recado, com sua gẽte em terra, & chegãdo a elles dissélhe, que pera homẽs a que parecia mal & imposiuel cometer aquelle feito, não deuéram de estar tam descançados em terra de seus imigos sem sua licença, & mandoulhe que se recolhessem logo aos bateis, & a Afonso lopez da Cósta que desembarcasse com sua gente, & fosse tomár hum outeiro onde auia hũs grandes edificios & sepulturas de mouros honrados, & que descobrisse dali todo ó campo, & visse o que la hia, & cõ élle mandou certos bombardeiros, & gente solta pera pórem fogo aos nauios que achassem, & casas do arrabalde. Afonso López da Cósta depois de tér descuberto o campo, & vio que estaua seguro, veiose do outeiro pelas cóstas do arrabalde com sua gente á vista dos nossos bateis, queimãdo & destruindo tudo o que achaua, & Afonso Dalboquerque lhe foy dando cóstas por már ao longo da ribeira cõ todos os capitães, & dali até a cidade não ficou cousa nenhũa no arrabalde que não fosse queimada, sem auer quem lhe resistisse, & algũs mouros que se quiseram fazer fortes em hũas casas pera as defenderem ali morreram todos queimádos, & todo o cãpo ao longe era cuberto de gente q̃ fugia da cidade pera a serra. Vendo Cogeatar toda a armada do Rey de Ormuz desbaratada, & a brauosidade do seu animo reprimida, temendose que Afonso Dalboquerque lhe cometesse a cidade, mandou aruorar hũa bandeira branca na mais alta torre do castelo, em sinal de paz. Afonso Dalboquerque que hia ao lõgo das casas vendo a bandeira na torre leuou remo, & deixouse estar quedo, & mãdou a Afonso Lopez da Cósta que vinha por terra, que se recolhesse com toda a sua gente, & estando asi chegou hũa almadia com dous mouros & hũa bandeira branca pedindo paz, os quaes mouros eram naturaes de Ourão & auia poucos dias que eram chegados a Ormuz, & deram nouas da armada que elRey dom Manoel mandára a Turquia, em que hia o conde prior por capitão géral, & por elles mãdou o Rey de Ormuz dizer a Afonso Dalboquerque, que elle se metia em suas mãos, & lhe queria entregar a cidade pois tudo o mais de seu reino elle o tinha ganhado: & por ser ja sol posto & a gente não ter comido todo aquelle dia, recolheose Afonso Dalboquerque pera as naos, & mãdou hũ dos mouros na almadia a terra cõ recado ao rey, q̃ primeiro q̃ entendesse em nenhũa cousa das q̃ lhe mã-

daua

daua dizerlhe mádasse dez mouros principaes da cidade em arrefens, os quaes sem mais dilação ao outro dia amanhecessem a bordo da sua nao, & que soubesse certo que pelo mais piqueno engano que lhe fizessē lhos auia de mandar lançar todos espedaçados em terra. Partido hum dos mouros com este recado, Afonso Dalboquerque se recolheo pera as naos com toda a gente a descançar do trabalho daquelle dia, & leuou consigo ò outro mouro que se chamaua Abedalá, & como foy menhaã mandou recado aos capitães que se viessem em seus bateis a bordo da sua nao, & foyse correndo todas as naos dos mouros que estauão surtas sem gente & mandouas desamarrar & porlhe o fogo: ventaua o vento da terra & foramse por esse már ardendo que era cousa espantosa de ver, & porque auia algũas naos que estauão antre a nossa armada, & era perigo porlhe o fogo, mandou as Afonso Dalboquerque arrombar, & foram se ao fundo, recolhendo primeiro algũas cousas que nellas auia pera prouimento da sua armada. Feito isto tornouse á recolher, & disse aos capitães que estiuessem todos prestes, porque não vindo recado do Rey até as dez horas, que elle determinaua de combater a fortaleza & entrala per força de armas, & prender o Rey & todos os seus gouernadores. Os capitães se foram pera as suas naos, mal contentes desta determinação de Afonso Dalboquerque, mas não ousaram de lhe falar nisso, & elle foise pera a sua nao, & mandou chamar o Abedalá, & enformouse delle do estado em que estaua a cidade de Ormuz, & perguntoulhe, qual era a causa porque o Rey não quisera tér paz & amizade com elle: o Abedalá lhe disse que o Rey era moço, & não tinha nenhũa culpa, & que Cogeatar que era gouernador do reyno fizera com o Rey que se não concertasse com elle, porque tinha por muito certa a vitoria, por lhe ver piquena armada, & pouca gente, & que mandára apregoar por toda a cidade, que todo o mouro que matasse Portugues morresse por isso, & que os tomassem a todos viuos, pera com elles fazer a guerra ao Benjabar, & que Cogeatar os mandara chamar o dia que aquella armada ali chegara, & lhe perguntara que homés eram os Portugueses, & se eram homés de guerra, & que gente podia trazer a sua armada, & elles lhe disserão que os Portugueses tinhão fama de caualeiros ante todos os Reis Christãos, & mouros daquellas partes, & que por elles serem taes tinha elRey de Portugal ganhado muitos lugares em o reyno de Fez aos mouros, & sobre isto que lhe elles disserão

começara Cogeatar de fazer muitos feros, & elle lhe respondera: Senhor não te enganes & creme, que se não ouuer espada não auerá ley de Mafamede, & ao outro dia pela menhaã tornou o mouro cõpanheiro de Abedalá & trouxe quatro mouros principaes por arrefens. Afonso Dalboquerque começouse de agastar, & disselhe porque lhe não mandára o Rey os dez mouros q̃ lhe mandaua pedir: o mouro lhe respondeo q̃ a gẽte da cidade era toda fugida & morta, & que por isso lhe não mãdaua mais q̃ aquelles quatro que erão os principaes da terra, & que o Rey lhe dissera q̃ se disso não fosse contente que elle se viria meter em suas mãos com toda sua casa. Afonso Dalboquerque disimulou com elle & não lhe respõdeo nada até ver o fim que teria este negocio, & mandou chamar todos os capitães, fidalgos & homẽs honrados que auia na armada á sua nao, & estando todos assentados na tolda da nao, que pera isso estaua muito bem concertada, mandou vir perante si os mouros, & hum delles que era o principal da casa do Rey começou a falar desta maneira.

¶ Diz o Rey de Ormuz nosso señor, que nas cousas passadas antre ti & elle, q̃ foram causa de tãtos males & destruiçã de naos & gẽte, não tẽ nhũa desculpa que te dar, porque he moço & nũca se vio em trabalhos de guerra senão agora, & que maos conselhos de seus gouernadores lhe fizerão não aceitar a paz & amizade que lhe tu offereceste, de q̃ está muito arrepẽdido, & que prouuera a Deos que este arrependimento não fora tanto á sua custa, & de seu pouo & vassalos como he: que este reyno he delRey de Portugal, & que elle se quer meter em tuas mãos & fazer tudo o q̃ tu quiseres, q̃ te pede que ajas piedade delle & deste pouo, & q̃ o faças como faz hum pai com hũ filho desobediente, q̃ depois de arrepẽdido lhe perdoa, & que pois este reyno he delRey de Portugal, não queiras acabar de destruir esta cidade, porque está de maneira q̃ não ha casa nella em que se não sintã trabalhos, mortes & desauenturas. E Cogeatar q̃ he gouernador do reino, & os regedores da cidade te mandão dizer, que elles sam teus escrauos, & que o reyno he teu, & querem estar á tua obediencia, & fazer tudo o que tu quiseres. Afonso Dalboquerque mandou sajr os mouros pera fora sem lhe responder, & praticou com os capitães & fidalgos que ali estauão o que faria neste negocio, & todos assentáram que deuia de aceitar estes offerecimẽtos do Rey & seus gouernadores, & que os mouros estiuessem na nao até se assentar este negocio com o Rey.

Da

Da reposta que o grãde Afonso Dalboquerque deu aos mouros, E de como mandou Pero vaz Dorta feytor & Ioão Estão, & Gaspar Rodrigues lingoa a terra, & do que passaram com o rey & seus gouernadores. Capitulo. XXXV.

ASsentado este negocio da maneira q̃ tenho dito, mãdou o grãde Afonso Dalboquerq̃ chamar os mouros & disselhe perante todos, que elle desejaua muito de seruir ao Rey, querendo estár á obediencia delRey de Portugal seu senhor como dizia, & q̃ pera tomár conclusam neste negocio mandaua Pero vaz Dorta feytor daquella armada falar ao Rey, & que lhe rogaua muito em quãto elle não vinha cõ reposta se não escandalizassem de ficar ali na nao. Os mouros lhe responderam, que fizesse o que quisesse, porq̃ elles offerecidos vinhã a fazer o que lhe mandasse. Afonso Dalboquerque mandou Pero váz Dorta a terra, & Ioão Estão escriuão da armada, & Gaspar Rodrigues lingoa cõ elle, & q̃ dissesse ao Rey & Cogeatar, & gouernadores da cidade, q̃ elle em nome do mui alto & poderoso Rey dõ Manuel, Rey de Portugal & senhor das Indias aceitaua a obediencia que lhe tinha mãdado, & q̃ até se isto assentar da maneira q̃ auia de ser, elle aleuãtaria a mão de lhe fazer a guerra, que lhe pedia q̃ tomassem logo cõclusam, & neste negocio não ouuesse as disimulações passadas. E depois de dar este recado a Pero vaz, perante todos, apartouse cõ elle, & disselhe q̃ disimuladamente olhasse pela disposição da fortaleza, & entradas, & saidas della, & quanta gente o Rey teria consigo, & se auia muita artelharia, & armas, & a ordem que tinha. Partidos cõ este recado, como Afonso Dalboquerque não era descuidado das cousas de sua obrigaçã, & do cargo q̃ tinha, & porque não sabia como este negocio socederia, começou logo de se prouer de todas as cousas que erão necessarias pera cometer a cidade, & mãdou ajuntar muita madeira das naos dos mouros perá se fazer forte com tranqueiras em qualquer lugar da cidade que ganhasse, & mãdou vigiar toda a ilha em roda pera que da terra firme lhe não podesse vir nenhũ socorro de gente, agoa, & mantimentos. Pero Vaz & Ioão Estão foram a terra & deram o recado ao Rey & a Cogeatar: & como elles estauão muito desejosos de paz despacharamno logo. Tornado Pero váz Dorta com a reposta disse a

Afonso Dalboquerque perante todos que o Rey lhe mandaua beijar as mãos polo querer aceitar por vassalo delRey de Portugal, & tomar sua amizade, & que elle prometia de ser sempre seu leal vassalo. E que Cogeatar lhe mandaua dizer, que elle fora escrauo do Rey Sargol, & que agora era seu, & que pois o Rey estaua á sua obediencia, & a terra era sua, que podia fazer nella o que quisesse, que lhe pedia muito por merce que a pena que merecia de se nam vir o dia dantes á sua obediencia lhe perdoasse, porque elle lhe juraua por sua ley que em tal caso nunca consentira: mas que o pouo, & algũs mouros mercadores lho fizeram fazer, & que se elles nisto tinham algũa culpa, que bem paga estaua. Afonso Dalboquerque como ouuio esta reposta do Rey, & Cogeatar, primeiro que tomasse nenhũa conclusam com os arrefens, & com os mouros de Ourão se apartou com Pero Vaz & Ioão Estão, & perguntoulhes por aquellas cousas que lhe mandara que vissem. Pero Vaz Dorta lhe disse que o Rey tinha consigo a algũs archeiros, & que a fortaleza de dentro era forte & grande, & q̃ pera se defender tinha o Rey de Ormuz necessidade de mais gente da que lhe elles virão, & que lhe vira muy boa artelharia de metal, mas pouca, & outra de ferro, & que soubera de algũs mouros com que falára, depois de ser despedido do Rey, que a sua determinação, & de todos os que com elle estauão era meterense em suas mãos, & fazerem tudo o que elle mãdasse, & que cria isto, porque os achára muito quebrados como gente vencida & desbaratada. Com esta informação de Pero Vaz & Ioão Estão determinou Afonso Dalboquerque de mandar os quatro mouros q̃ tinha em arrefens a terra, pera prouar se nestas palauras que lhe o Rey & Cogeatar mandauão dizer auia algũa malicia, como nos outros negocios passados: & tambem por lhe mostrar que tinha muita confiança nelles, fazendo da necessidade virtude: porque ainda que lhe abrissem as portas, & lhe entregassẽ a cidade, era a nossa gente tã pouca q̃ na mais piq̃na casa de Ormuz em q̃ entrassẽ nã aueria mais homẽ q̃ soubesse parte hũ do outro, & quis curar isto mostrãdo q̃ cõfiaua nelles, porq̃ os mouros não viessem a saber quã pouca gẽte elle tinha, & estãdo na sua armada estaua mais poderoso, & mais senhor da cidade. E assentado isto consigo despedio os arrefens, & mandou por elles dizer ao Rey & a Cogeatar, que o feitor lhe dera seu recado, & q̃ quanto era a obediẽcia que dizia que queriã dar a elRey seu senhor, q̃ elle em seu nome a recebia & as causas da guerra passada

sada lhes perdoaua pois queriāo ser seus vassalos, & ao que diziāo que a terra era delRey de Portugal: & que podia fazer nella o que quisesse que nisso faria o que fosse mais seruiço delRey seu senhor, & com esta reposta mandou os arrefens. E como o Rey os vio sem saber a causa porque os Afonso Dalboquerque soltara, pois com muita instancia lhos mandára pedir, nāo se ouue por satisfeito das palauras que por elles lhe mandou dizer: & ao outro dia pola menhaã cedo os tornou a mandar todos quatro, & que lhe dissessem que elle era vassalo delRey de Portugal, & que estaua prestes pera fazer tudo o que elle quisesse, & que na cidade, & em todo o reyno podia mandar tudo o que fosse seruiço delRey de Portugal, pois era seu, & que lhe perdoasse o erro passado porque o que fizera fora por maos conselhos. Vendo Afonso Dalboquerque reposta tam justificada, quis se aproueitar do tempo, & mandou logo Pero Vaz Dorta a terra, com hum dos quatro arrefens dizer ao Rey, que querendo elle ser leal vassalo delRey de Portugal seu senhor como dizia, que elle lhe deixaria tér a gouernança do reyno em seu nome, pagando de tributo cada anno aquillo que fosse rezam, até elle determinar nisso o que fosse mais seu seruiço. O rey lhe respondeo, que elle o tomaua por pay, & que o reyno, & a cidade, & as rendas delle tudo era seu, pois o tinha ganhado, que mandasse gouernar a cidade por quem quisesse, & que logo lhe mandaria entregar a fortaleza, & se meteria em suas māos, & que lhe lembraua que em os grandes capitães o vencer era perdoar. E Cogeatar lhe mandou dizer que elle fora escrauo do Rey Sargol, Rey que fora de Ormuz, como ja lhe tinha mandado dizer, o qual lhe tiuera sempre muito amor, & lhe fizera de contino muitas merces, por quam lealmente o sempre seruira. E estando elle por guazil em Calayate, os Abexins que eram guarda do Rey, o qual era filho do Rey Sargol seu senhor, se aleuantaram & matáram à treição, & roubáram todo o seu thesouro ficando em posse da cidade, & sabendo elle esta treição ajuntára gente desses lugares do reyno & viera a Ormuz & os desbaratara, & matara a todos aquelles que foram principaes na treição, & aleuantara por rey este moço que agora reinaua, a q̃ pertencia a socessam do reyno de direito, por ser da linhagem dos reis filho de hũ rey cego que ali estaua, & que pois tinha ganhado o reyno, que elle queria estar à sua obediencia & fazer tudo aquillo

que lhe elle mandasse, & quando isto não quisesse que lhe pedia por merce que o deixasse com sua velhice jr viuer a Calayate que era sua natureza porque ahi queria acabar seus dias.

Como o grande Afonso Dalboquerque assentou com o Rey as pareas que auia de pagar, & como lhe pedio lugar na cidade pera fazer fortaleza. Capitulo. XXXVI.

COm estas justificações do rey tão importunas, & de Cogeatar, pareceo a Afonso Dalboquerque tempo pera fazer seu negocio mais acomodado ao seruiço delRey dõ Manuel, & determinou de pedir ao rey que lhe pagasse hũa certa penção de pareas, & isto assentado, mandarlhe pedir lugar na cidade pera fazer hũa fortaleza, porque com ella na terra, & armada no mar ficauão as cousas de Ormuz mais seguras, & fora de inconuenientes & trabalhos: & posto nesta determinação, respõdeo ao rey & a Cogeatar polos mouros, que elle tinha por muito certo tudo o q̃ lhe mandaram dizer, & que esta confiança teria sempre delles polo amor que tinha ao rey, & que dissessem a Cogeatar, que se espãtaua muito delle mãdarlhe pedir licença pera se jr pera Calayate, porque hũa das principaes rezões que o obrigauão a largar aquelle reyno ao Rey, fora porque o elle auia de gouernar, & que se isto assi não auia de ser que faria outro fundamento, & que auia de ser com condição que pagasse certa cousa de tributo cada anno a elRey de Portugal seu senhor, pera despesa de hũa armada q̃ auia de andar naquella costa seruindo o Rey de Ormuz. Cogeatar lhe mãdou dizer polos mouros que o que elle mandasse isso pagaria. Afonso Dalboquerque lhe mandou dizer, que todauia queria saber o que poderião pagar, & depois elle daria nisso seu parecer. O rey lhe respõdeo que não auia de pór preço, & q̃ pois o reyno era seu q̃ pagarião o q̃ lhe mãdasse. Como Afanso Dalboquerque vio q̃ o Rey se punha a nã prometer nada, mandoulhe dizer polo feitor & Ioão Estão q̃ pois elle deixaua tudo á sua determinação, q̃ lhe parecia visto a grandeza do reyno & a nobreza daquella

daquella cidade & o muito q̃ rendia a alfandega, & a obrigação q̃ ficaua a elRey de Portugal a conseruar, & defender o reyno a todos seus imigos o que se não podia fazer sem grandes despesas, q̃ pagasse trinta mil xerafins em cada hũ anno de pareas, & toda a despeza q̃ aquella armada tinha feito atè aq̃lle dia. O rey praticado cõ Cogeatar, & cõ os seus gouernadores respõdeo, q̃ o reyno estaua muito destroido & pobre, & que não podia ser pagar tãto tributo, que lhe pedia muito por merce q̃ quisesse aceitar seis mil xerafins cada anno, & cinco mil pera despesa da armada. Afonso Dal boquerq̃ mãdou chamar os capitães, & disselhes o q̃ o rey de Ormuz mãdaua prometer q̃ pagaria de tributo, q̃ lhe dissessem se o aceitaria. Os capitães começaram a dar suas rezões, parecẽdolhe bem q̃ se aceitasse o que o rey prometia, fundados no desejo q̃ tinhão q̃ não ouuesse effeito aquelle negocio de Ormuz pera se irem pera a India onde tinhão suas pretẽções. Afonso Dalboquerq̃ disimulou cõ elles, & dissellhes q̃ olhassem bẽ o que dizião, porq̃ o reyno de Ormuz era cousa grãnde, & o trato daquella cidade auia de ser cada vez maior, & pois o reyno era delRey dom Manuel seu senhor, ganhado por força com sua armada & gẽte, não seria rezão lar galo com tam piquena pẽsam, porq̃ ainda cõ trinta mil xerafins que lhe mandara pedir não ficaua satisfeito, pelo muito que valião as rendas do reyno. Todauia os capitães por cima destas rezões & de outras que lhe elle deu assentáram no que tinhão dito. Afonso Dalboquerque vendo claramente que elles queriam danar este negocio, não quis tomar mais seu parecer nisto, pois por cima de verem que o rey queria fazer tudo o que elle quisesse diziam que lhe largasse o reyno com tam piquena pensam, & porque se isto não viesse a saber, & tambem por ter os gouernadores da terra mais suaues pera lhe concederem lugar pera fazer fortaleza, que era o que elle mais pretendia que tudo, determinou de lhe pór hum tributo honesto, & fazelo de maneira que ficasse sempre resguardado aos Reis de Portugal acrescentalo cada vez que quisessem, pois a terra era sua, conquistada per seus capitães & gente com muita despesa de sua fazenda. E mandou dizer ao rey, que pelos desejos que tinha de o seruir, era contente que pagasse em cada hum anno quinze mil xerafins de tributo a elRey dom Manuel, & a todos os seus socessores (sendo elle disso contente) & que daria logo cinco mil xerafins mortos pera a despesa da armada, & que as mercadorias que de Portugal viessem pera a feitoria fossem francas, & as que os Portugueses

comprassem em Ormuz & nos seus portos não pagassem mais direitos que aquelles que os naturaes da terra pagauão, & alem destas condições lhe pos outras que lhe pareceram seruiço delRey dom Manuel: & cõ ellas foy o rey & Cogeatar, & todos os gouernadores contentes de aceitarem o reyno & gouernança delle da mão de Afonso Dalboquerq̃, em nome delRey de Portugal: & deste concerto se fizerão duas cartas, hũa em hũa folha de ouro do tamanho de hũa de papel, feita a modo de libro, escrita em Arabigo cõ letras abertas ao boril, & suas brochas de ouro cõ tres sellos de ouro depẽdurados por cadeas. s. hũ do rey, outro de Cogeatar seu gouernador, & outro da cidade. A outra carta quis o rey que fosse em Parse, que he a lingoa cõmua da terra, & esta se fez em papel cõ letras de ouro, & pontos de azul, & ambas estas cartas mandou Afonso Dalboquerque metidas em caixas de prata a elRey dom Manuel, as quaes deuem de estar na torre do tombo (se não ouue descuido em deixar perder hũa antiguidade como esta, digna de muita memoria) & deste teor deu Afonso Dalboquerque outra ao rey de Ormuz, feita por Ioão Estão escriuão da armada, conforme ao poder que lhe elRey dom Manuel tinha dado em seu regimento, asinada por elle, & asselada com o sinete das armas delRey.

Como o rey de Ormuz mandou pedir ao grande Afonso Dalboquerque hũa bandeira pera pôr nos seus paços em sinal de paz, & o que se nisso fez. Capitulo. XXXVII.

ACabado este concerto mandou o rey pedir ao grãde Afonso Dalboquerque hũa bandeira pera a pôr sobre os seus paço em sinal de paz & amizade, & como na armada não auia nenhũa que lhe podessem mandar, disse ao feitor que fosse a terra fazela de cetim branco cõ hũa Cruz de Christus & acabada mandou dizer ao rey por Ioão Estão q̃ a bandeira estaua prestes q̃ mandasse Cogeatar & Rexnordim & aos gouernadores & officiaes da cidade & a todo o pouo que viessem a borda da agoa recebela com muita festa, & naquelle dia não trabalhasse ninguem na cidade, & que mandasse tér prestes caualos pera os capitães & fidalgos, & criados delRey, & disse a Ioão Estão q̃ depois de dar este recado ao rey viessẽ corrẽdo as nãos, & dissesse a todos que se viessem a bordo da sua nao, pera dali partirem com seus bateis muito bem concertados, & aos mestres que

embá-

embandeirassem as naos, & aos condestabres dos bombardeiros que mãdassem ceuar toda a artelharia & em chegando a bandeira a terra mandassem tirar, & mandou a Iorge Barreto de Crasto que se fizesse prestes pera leuar a bandeira. Como tudo esteue aparelhado, hũa segunda feira pella menhaã, dez dias de Outubro de 1507. vierãose os capitães nos bateis a bordo da nao capitaina, & ali entregou Afonso Dalboquerque a bandeira a Iorge Barreto, & disse a Pero Vaz Dorta, & Ioão Estão o que auião de fazer, & a ordem que auião de ter no leuar da bandeira por a cidade. Partidos todos nos bateis embandeirados & alcatifados, & tiros por proa chegaram a terra, onde já estauão aguardando na praia Cogeatar, & Rexnordim, & os gouernadores & principaes da cidade & a gente do pouo com muitos caualos pera os nossos muito bem concertados ao seu modo, & Iorge Barreto caualgou primeiro que todos & tomou a bãdeira nas mãos & como a teue leuantada começou logo a artelharia das naos & dos bateis a atirar: & postos todos a caualo foram caminhando pela principal rua da cidade, & diante de todos hia todo o pouo, com muitos instrumentos ao seu modo, bradando de quando em quando, Portugal, Portugal: & como o pouo era muito parecia que se fundia o mundo com suas gritas: & logo apos o pouo hia a bandeira, & Cogeatar, Rexnordim, & todos os gouernadores da cidade hião apegados com ella, & os capitães & fidalgos da armada hião detras, & nesta ordem foram pela rua principal da cidade, & tornáram por outra direitos aos paços, onde o rey estaua esperando a pé, & ali se deceram todos, & Iorge Barreto lhe entregou a bandeira, & elle a deu da sua mão aos gouernadores que a leuassem: & assi a foram pór em a mais alta torre dos seus paços, & como foy vista das naos começáram outra vez a desparar toda a artelharia. E desta entrega fez Ioão Estão seus estromentos, em que o Rey, Cogeatar, & Rexnordim, com todos os principaes da cidade asinàram, & feito isto os capitães se despediram do Rey, & vierãose embarcar nos bateis, & foramse à nao de Afonso Dalboquerq̃ & contaramlhe tudo o que passaram, & o grande triumpho com que leuárão a bandeira pela cidade, de que elle ficou muito cotẽte, & deu muitas graças a nosso Senhor por lhe deixar acabar aquelle negocio como elle desejaua; & ao outro dia lhe mandou dizer se mandaria tirar a bãdeira da torre pera a guardar. Afonso Dalboquerque lhe disse que si, & que a guardasse muito bem, porque elle esperaua em Deos que debaixo della o auia de ajudar a ganhar muitos lugares, & fortalezas aos reis seus vezinhos que

lhe sempre fizeram a guerra. O rey respõdeo, que elle era vassalo delRey de Portugal, & que isto bastaua pera ninguem ousar de ter pendenças cõ elle. E porque o estromento que Ioão Estão tirou da entrega da bandeira não vinha jurado, mãdou Afonso Dalboquerq̃ a elle & a Pero Vaz Dorta que fossem a terra & dissessem ao rey, que elle & Cogeatar, & Rex nordim & todos os gouernadores da cidade jurassem no seu alcorão de terem, & manterem tudo aquillo que tinhão asinado: & o rey foy disso muito cõtente, & todos juraram de o comprir, & Ioão Estão passou disso estromẽtos, & cartas testemunhaueis, que Afonso Dalboquerque mãdou a elRey dom Manuel.

De como o grande Afonso Dalboquerque se vio com o Rey no Cerame, & o que nestas vistas passaram, & o que aconteceo aos marinheiros no mâr com os mouros mortos que andauão sobre a agoa. Capitulo. XXXVIII.

DEspedido o feitor & Ioão Estão do rey, depois dos estromentos jurados dissélhe, que elle desejaua muito verse cõ Afonso Dalboquerque, que lhe dissesse da sua parte que lhe pedia muito por merce lhe mãdasse dizer onde queria que se vissem, & de que maneira. Afonso Dalboquerque lhe mandou dizer, que elle tambem desejaua muito de o ver, & que não auia outro lugar mais acomodado pera se poderẽ ver que o seu Cerame porque estaua sobre o már, que ali seria bem verense, & que o mais fosse como elle quisesse. O rey com este recado de Afonso Dalboquerque mã dou logo por seus officiaes fazer prestes o Cerame, o qual foy todo alcatifado de muitas alcatifas, & ao derredór bancos cubertos com ellas, & hum estrado com duas cadeiras de seda, & almofadas do mesmo teor. Concertado o dia em que se auião de ver mandou Afonso Dalboquerque aos capitães que se fizessem prestes, com seus bateis muito bem concertados, & a todos os fidalgos que auia na armada pera jrem com elle: porque asi estaua concertado que Afonso Dalboquerque auia de jr. E o rey com os seus gouernadores & principaes senhores do seu reyno, que ali eram vindos a seruilo na guerra. E como todos foram prestes embarcouse Afonso Dalboquerque no seu batel, & os capitães nos seus, & forãose todos ao Cerame, & em chegando a elle desparou toda a artelharia das naos. Como o

rey

rey soube que Afonso Dalboquerque desembarcaua veio o receber fora acompanhado de Cogeatar, Rexnordim, & todos os outros que com elle auião de estar. Chegado Afonso Dalboquerque ao rey tratarãse ambos com muita cortesia, & dali se foram assentar nas cadeiras, & os fidalgos & capitães nos bancos da mão direita: & Cogeatar, Rexnordim, & os senho res que vinham com o rey nos bancos da mão ezquerda. Seria o rey a este tempo de idade de quinze annos, bem disposto & de bom corpo hũ pouco baço, trazia vestido hum saio de cetim cramesim ao modo da terra, & hũa touca branca na cabeça, & hum pano cengido derredór de si, & hũa adaga de ouro, & hum cetro de ouro na mão com a cabeça de christal encastoada em ouro. Depois de estarem assentados disse Afonso Dalboquérque ao rey, por Gaspar Rodrigues lingoa, que folgaua muito de o ver pelo amor que lhe tinha, & pola grande obediencia & acatamento que lhe via tér ás cousas delRey dom Manuel seu senhor, que lhe pedia por merce que fosse sempre leal & verdadeiro vassalo seu, & lhe reconhecesse a merce que delle em seu nome tinha recebido, deixandolhe a gouernãça do do reyno & seu estado como dantes tinha. O rey lhe respondeo, que elle era em co nhecimento da merce que lhe tinha feito em nome delRey de Portugal, & que sempre seria seu vassalo, & estaria a sua obediẽcia: & depois de muitas praticas passadas, querendose Afonso Dalboquerque despedir do rey, pedio a Cogeatar, & a Rexnordim, & a todos os outros senhores, que quisessem outra vez perante elle retificar, & jurar o concerto que tinhá feito pórque queria elle tambem ser testemunha disso, & elles o fizerão logo, & acabado isto despediose do rey & de todos os senhores, & foise embarcar, & o rey lhe deu hũa cinta de ouro, & hũa adaga guarnecida de ouro, & hum caualo mui bem aparelhado, & duas peças de brocado pedrado: & aos capitães & fidalgos deu a cada hum sua peça de seda. E dali por diã te começáram os nossos jr & vir a terra, porque até então não consentia Afonso Dalboquerq̃ que lá fossem: & estaua o rey & todos tão contentes da paz que era feita, pelo muito que lhe custou a guerra, que toda a maneira de cortesia folgauão de fazer aos fidalgos & caualeiros que hião a terra folgar, & mandaua que lhe tiuessem sempre caualos sellados pera andarem pela cidade.

¶ Neste tempo auẽdo já oito dias que a batalha do már era passada parecceram encima da agoa muitos corpos mortos daquelles mouros q̃ se lãçáram ao már o dia da batalha, & de outros muitos q̃ morreram nas naos

em

em diuersas partes, hum grumete que estaua no batel de Antonio do Cãpo apegou de hum com hum gácho, que veio ao longo da nao, & por lhe ver bom vestido começouho a despir & achoulhe dinheiro, & hũa adaga de prata. Como os marinheiros das outras naos souberão isto forãose nos bateis por esse már a esta pescaria: & todos os que topauã despião & achauãolhe dinheiro, terçados & agomias, guarnecidos de ouro & prata, & joyas de gente limpa & honrada, & durou isto oito dias, de que os marinheiros ouueram hum grande despojo. E a estes mouros mortos que podião ser passante de oito centos acharã muitas frechas metidas polo corpo, de que morrẽram sem terem outras feridas das nossas armas: não auẽdo em toda a armada pessoa que tiuesse arco nem frecha, nem que soubesse atirar com elle. Parece que nosso senhor quis fazer aquelle dia este milagre pera mostrar aos capitães que arreceauão de acometer este feito, quã certa vitoria tem de seus imigos aquelles que pelejão com verdadeira fé contra infieis. E porque a maré leuaua estes corpos mortos a terra, fez renouar aos moradores daquella cidade os trabalhos passados, porque hũs achauão ali seus filhos, outras os maridos, & outros parentes & amigos, q̃ com grande pranto & choro hião soterrar, q̃ era grande lastima ouuilos.

De como o grande Afonso Dalboquerque mandou pedir ao rey lugar em Ormuz pera fazer hũa fortaleza, & do que nisso passou, & como se começou onde agora está. Cap. XXXIX.

Endo feitas todas as seguranças de hũa parte & da outra & pago o dinheiro das pareas (como tenho dito) determinou Afonso Dalboquerque de fazer hũa fortaleza em Ormuz, porque sem ella lhe parecia q̃ as cousas daquelle reyno não podião ser bem seguras. Assentado isto mandou dizer ao Rey pelo feitor, que elRey dom Manuel seu senhor lhe mandaua em seu regimento que ganhando algum lugar ou cidade naquellas partes por conquista, que a segurasse com hũa boa fortaleza, & que se lembrasse da treição & maldade que os reis de Calicut, & Coulão cometẽram contra os seus capitães: tẽdo feito asẽto de pazes, & asinado por elles. E porque se elle queria tirar destes inconuenientes: & tambem pela fazenda & gente delRey de Portugal que ali ficasse estar mais segura, que lhe pedia muito por merce que

o ouuesse

o ouuesse asi por bem,& lhe aconselhasse onde faria esta fortaleza. O rey aconselhado de Cogeatar respondeo, que a licença era escusado pedirlha, pois tudo era de elRey de Portugal, & que quanto a aconselharlhe onde a faria, que seria de parecer que a fizesse na ilha de Queixome, ou na de Turumbaque, porque erão lugares onde auia agoa. E se a queria fazer pera defensam de Ormuz, que no porto de Nabandé, que era na terra firme, estaria muito milhor que em outra nenhũa parte. E posto que o fundamento de Afonso Dalboquerque era fazela em Ormuz, onde agora está & nã em outra parte: todauia, por disimular com Cogeatar, & mostrarlhe que lhe não daua mais fazela em hum lugar que noutro, mandou a Afonso Lopez da Costa com dous bateis armados ver o porto de Nabãdé & deulhe muitos panos de Cambaya pera dar aos moradores principaes do lugar. Partido Afonso Lopez da Costa, em chegando ao porto veio toda a gẽte da terra recebelo, com muitas talhas de agoa, melões, & maçás, & outras fruitas da terra. E depois de ter visto o sitio, & repartidos os panos que leuaua por esses homẽs honrados, tornouse com recado a Afonso Dalboquerque, & trouxelhe hum presente de fruitas que lhe hum mouro honrado do lugar mandaua: & disselhe que o sitio de Nabandé era terra areisca desabafada, & jũto do porto auia tres braças de agoa, & dali a Ormuz seriá cinco legoas; tudo parcel que começaua em vinte braças, & hia diminuindo até o porto: & a agoa que os mouros bebiáo estaua afastada da ribeira do már hum bom pedaço. Chegado Afonso Lopez da Costa com esta informação do porto de Nabandé, ao outro dia chegou dõ Antonio de Noronha, que fora com dous pilotos á ilha de Queixome ver o porto donde os mouros trazião agoa á cidade, & disse a Afonso Dalboquerque, que na ilha auia hum lugar grande ao longo da ribeira do már, no qual o Rey tinha hũas casas velhas derribadas, & a agoa que se dali trazia pera Ormuz era de hũs poços que estauão afastados hum pedaço da ribeira, & tudo ao derredor da ilha era parcel de baixo fundo. Estãdo Afonso Dalboquerque nesta pratica com dõ Antonio chegou Cogebeirame de terra & disselhe, que hũa legoa da cidade de Ormuz estaua hum lugar que se chamaua Turumbaque, que tinha muita agoa, que o mãdasse ver porque podia ser que se cõtentasse delle pera fazer fortaleza. Afonso Dalboquerque posto q̃ entendeo que este mouro vinha lãçado por Cogeatar disimulou com elle, & disselhe, que elle queria em pessoa jr ver aquelle lugar. Despedido o mouro mandou a Francisco de Tauora, Antonio do

Campo

Campo & Manoel Teles, que se fizessem prestes pera irẽ coelle: & ao outro dia pela menhaã cedo partiram, & polo vento ser por diante chegarã com assaz trabalho a Torumbaque: deste porto se vè o cabo de Maçandõ. Tendo Afonso Dalboquerque visto per si & pelos capitães os lugares que lhe Cojeatar tinha offerecidos pera fazer fortaleza, deu rezã disso a algũas pessoas da sua armada particularmente, de que podia fiar sua honra, & q̃ sabia que erão desejosos de todo o seruiço del Rey dõ Manuel: Praticado este negocio coelles, sem dar conta aos capitães (dos quaes se já não confiaua polo que tinha passado coelles) assentaram todos, que auendo de fazer fortaleza naquellas partes, que deuia de ser dentro em Ormuz, porq̃ ali era mais seruiço del Rey de Portugal fazerse, que nos outros lugares q̃ Cojeatar apresentaua. Determinado isto, mandou Afonso Dalboquerq̃ dizer ao rey pelo feitor, que elle tinha mandado ver todos os lugares que lhe offerecera pera fazer fortaleza, & q̃ pola enformação que delles tinha, olhadas bem as qualidades de hũs & outros, & os incõuenientes q̃ se disso podião seguir, lhe parecia ser mais seruiço seu fazerse na põta de Morona que em outro nenhũ lugar: porq̃ alem de estár ali antre dous portos muito bõs, hũ de leuante, outro de ponente, conuinhalhe muito pera segurança de seu estado tér os Portugueses muito perto de si. O rey deu cõta deste recado a seu pay o rey cego, & a Cojeatar, & a Rexnordim, & aos gouernadores da terra: & porque todos desejauão a paz, foram disso muito contẽtes: & respondeo a Afonso Dalboquerque que elle auia por bẽ polos desejos que tinha de sua amizade de lhe dar o sitio q̃ pedia pera fazer fortaleza & que mãdasse começar a obra cada vez que quisesse. Com este recado do rey ficou Afonso Dalboquerque muito contente, & mandou dizer a Cojeatar que lhe mãdasse dár todos os pedreiros que ouuesse na cidade, & tudo o mais que fosse necessario pera seruẽtia da obra, & seruidores em abastança, porque a queria logo começar, & que elle pagaria tudo o q̃ o rey mandasse. Cojeatar mandou logo prouér o que era necessario, & porque imigos senhoreados por força se vem tempo procurão por sua liberdade, não se quis Afonso Dalboquerque de todo fiar em Cojeatar, & mandou a dõ Antonio de Noronha seu sobrinho, que estiuesse em terra com oitenta homẽs dos principaes que auia na armada, pera segurança da gente q̃ trabalhasse na obra, & que tiuesse ao lõgo da ribeira dous bateis aparelhados de artelharia por proa, que estiuessem sempre ali perto da praya, prestes pera acodirem onde fosse necessario. E ali mãdou pòr hũ parao muito bẽ

tolda-

toldado por amor da calma, em quẽ elle & todos os outros fidalgos & caualeiros auião de estár dando auiamento a todas as cousas necessarias pera a obra, & mandou a Antonio do Campo q̃ se viesse no seu nauio ancorar junto deste parao, pera dár fauor a tudo isto. E porque a gente que estaua em terra não andasse de noite pela cidade fazendo cousas de que se o pouo escandalizasse, disse a dom Antonio que se viesse cada noite com toda a gente dormir ao nauio & ao parao, & que dali se vigiassem muito bem. Fez méstre desta obra hum bõbardeiro que se chamaua Fernão daluarez bom official deste officio, & ordenou q̃ os capitães de dous em dous tiuessem cuidado de trazer pedra da pedreira pera a obra. Ordenadas todas estas cousas foise Afonso Dalboquerque a terra com toda a gẽte da armada, & começou a abrir os aliceces da torre da menagem a vinte & quatro dias do mes de Outubro, do anno de mil & quinhentos & sete: & porque esta torre auia de ser tam alta que podésse ser vista de toda a terra firme da banda da Persia, mãdou fundar os aliceces muito largos, & da mesma maneira mãdou fundar os muros da fortaleza, a que pos nome nossa senhora da Vitoria. Começada a obra deu Afonso Dalboquerque grande pressã a se acabar a torre, porque sua determinação era, vindo o mes de Ianeiro, jr dár hũa vista ao már roxo, & queria deixar esta torre no primeiro sobrado, porque dali se podião defender os Portugueses a toda a gẽte da Persia que viesse, até elle tornar a Ormuz: & porque os officiaes trabalhassem de milhor võtade, alem delhe pagar cada dia o q̃ Cogeatar tinha assentado que lhe pagassem: mandou dár a todos os q̃ trabalhauão agoa & tamaras quãtas quisessem de graça, & andauão todos tam contẽtes cõ isto, q̃ muitos vinham trabalhar na obra sem os Cogeatar mãdar, & cõ isto & com a diligencia q̃ os capitães & fidalgos tinham na seruentia, começou a obra a crecer muito em pouco tẽpo, & o portal principal desta torre mãdou fazer de tres ancoras de pedra q̃ forã da nao Meri q̃ se ali tomou, & dauã os mouros por ellas muito dinheiro, mas Afonso Dalboquerque as não quis dar, & mãdou as assentar no portal da torre, porq̃ ficasse memoria pera sempre daquella grande vitoria que os Portugueses ali tiueram.

De como o grande Afonso Dalboquerque fez prestes sua armada pera jr dar hũa vista ao estreito do már roxo. E a reposta que deu a Rexnordim sobre as pareas que o embaixador d Xeque Ismael vinha pedir. Capitulo. XL.

VEndo o grande Afonso Dalboquerque a vontade & assosse go com que a gente da terra trabalhaua na obra (o que não via nos Portugueses, porque a muitos parecia cousa muito desnecessaria fazerse aqlla fortaleza) por se vnir a esta amizade dos mouros da terra mandou a Pero vaz Dorta feitor da armada, que tomasse hũas casas na cidade em que recolhesse todas as mercadorias que trazia, pera começar a auer trato antre os nossos & os mouros, & que de todas as mercadorias fizessem bom barato, porque cõ esta cobiça folgassem mais com nossa amizade, & deulhe pera escriuães Pedraluarez, moço da camara delRey, & Lizuarte de Freitas, & Antonio Fernandes Tassalho, criado do conde de villa noua: & porque a gẽte que estiuesse em terra andasse sempre junta, por atalhar á malicia de Cogeatar mandou aos capitães que dessem mesa á gente que lhe era ordenada, & q̃ cada hum tiuesse hũ homem que lhe fosse comprar tudo o que fosse necessario, & que esse podesse andar pela cidade, leuando escrito do seu capitão, & que outro nenhũ não: & pera executar todas estas cousas fez meirinho a Martim Vaz com doze homẽs, & mandoulhe q̃ todo o Portugues que achasse sem sua licença pela cidade lhos trouxesse presos, & achando algum daquelles que auião de jr comprar com escrito do seu capitão fazẽdo cousa de q̃ se os mouros podessem escandalizar, o prendesse & lho trouxesse pera o castigar muito bem. Ordenadas todas estas cousas, & outras que sam làrgas de contar, determinou Afonso Dalboquerque de pór todas as naos da sua armada a monte, & aparelhalas de mastos, & vergas, & enxarceas, porque tudo era gastado do muito tempo que auia que andaua no már: & porque se não fiaua de Cogeatar (posto que nas suas falas, & no auiamento que daua a todas as cousas que eram necessarias mostrasse o contrairo) mandou a Ioão redondo mestre da carpentaria, que não posesse mais que hũa nao, & acabada aquella de se concertar & aparelhar de tudo o que lhe fosse necessario posesse outra: porque ordenandolhe Cogeatar algũa treição, perdendose hũa nao, ficassem as outras pera darem rezã de si: & com estas disimulações, sem se dar a entẽder a ninguem, foi concertando suas naos, & aparelhandoas de tudo o que era necessario, como se aquella ora partirão de Portugal, & juntamẽte com isto mandou fazer hũa fusta de dezoito bancos, pera se ajudar della entrando o estreito do már roxo. E com ver a sua armada desta maneira tinha mór contentamento que de todas as vitorias que naquelle reyno ouuera contra os

mouros,porque com a ter asſi concertada não arreceaua a vinda da armada do Sal que ſe eſperaua,por grande que foſſe,& andando neſte trabalho veio Rexnordim ter cõ elle ao parao onde eſtaua,& diſſelhe da parte do Rey,que da bãda dalem da terra firme era chegado hũ capitão do Xeque Iſmael acompanhado de gente de caualo a pedir as pareas que lhe elle era obrigado a pagar cada anno:& ſabẽdo que elle ali eſtaua fazendo aquella fortaleza não ouſara de paſſar a Ormuz,& dali lhas mandara pedir : que lhe mandaſſe dizer o que faria. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo q̃ diſſeſſe ao Rey,que aquelle reino de Ormuz era delRey de Portugal, ganhado com ſua armada & gente: que ſoubeſſe certo que ſe tributo pagaſſe a nenhum outro Rey ſenão a elRey dom Manuel ſeu ſenhor,q̃ lhe auia de tirar a gouernança do reyno,& dala a quem não ouueſſe medo do Xeq̃ Iſmael: & mandou trazer das naos pelouros de bombardas, beſtas & eſpingardas,& bombas de fogo: & que diſſeſſe ao Rey que mandaſſe tudo aquillo ao capitão do Xeque Iſmael, porque aquella era a moeda em que elRey de Portugal mandaua aos ſeus capitães que lhe pagaſſem as pareas daquelle reyno,que eſtaua debaixo de ſeu ſenhorio & mando : & que lhe prometia acabada aquella fortaleza de entrar o eſtreito da Perſia, & fazer tributarios a elRey de Portugal ſeu ſenhor,todos os lugares que o Xeque Iſmael tinha naquella ribeira: & que quando ſe lá viſſem que lhe pediſſem as pareas do Rey de Ormuz,porque elle lhas pagaria em muito boa moeda. Tornado Rexnordim com eſta repoſta pareceo a Afonſo Dalboquerque que ſeria neceſſario contentalo,& a Cogeatar, & a tres mouros principaes com quem ſe o Rey aconſelhaua, porque tendo eſtes contentes,& da ſua parte,que eram do conſelho do Rei,teria delle tudo o que quiſeſſe, & fez preſtes certas peças de prata,& eſcarlata roxa & vermelha & muitos panos ricos que tomára nas naos das preſas,& algũas couſas q̃ trouxera de Portugal. E por Ioão eſtão eſcriuão da armada que lhe eſte preſente leuaua lhe mandou dizer, que lhe perdoaſſe mandarlhe aquella pouquidade, pois eram couſas de homem que paſſaua de dous annos que andaua no már, & que ſe atreuera a fazelo pela muita amizade que com elles tinha. Receberam o preſente com muito contentamento, & mandáramlhe grandes agardecimentos por elle.

De como o Rey de Ormuz mandou dizer ao grande Afonso Dalboquerque que desejaua de ver atirar os espingardeyros Portugueses, & lhos mãdou, & como escreueo ao Visorrey da India o estado em que tinha as cousas de Ormuz, & o que passou com os capitães. Capit. XLI.

Rexnordim ficou tam assombrado de ver a temeridade com que Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que chegando ao Rey fizeram logo prestes hũa atalaya, & nella mandaram hum mouro com todas estas peças que Afonso Dalboquerque deu, que as desse ao capitão do Xeque Ismael da sua parte, & que o desenganasse que não auião de pagar nenhum tributo ao Xeque Ismael, porque o reyno era delRey de Portugal. Passado isto, dali a seis ou sete dias mandou o Rey chamar Gaspar Rodriguez lingoa & disselhe, que dissesse a Afonso Dalboquerque seu pay, que desejaua muito de ver atirar os seus espingardeiros, q̃ lhe pedia por merce que lhos mandasse lá hum dia. E como Afonso Dalboquerque andaua sempre acautelado das malicias & manhas de Cogeatar, mandou por todas as naos aos capitães que fizessem prestes duzentos & cincoeta bésteiros & espingardeiros, dos mais mancebos & milhor dispostos, & q̃ soubessem muito bem atirar, porque queria mostrar a Cogeatar quanto mais poder tinha do q̃ lhe os nossos podião tér dito: porq̃ hia entẽdẽdo na frieza com que Cogeatar acodia ás cousas, q̃ estaua muito arrependido de lhe tér dado lugar pera fazer fortaleza, por tér sabido dos Portugueses com que falaua que na armada auia muito pouca gente, & por este modo se queria jr certificando mais na verdade. Afonso Dalboquerque vendo estes dessenhos de Cogeatar, fundados todos sobre sua danada tenção, disimulou sempre com elle, & por fazer a vontade ao Rey mãdou tér prestes hũas barreyras ao longo do muro da fortaleza, & fez aparelhar os bésteiros & espingardeiros de tudo o que era necessario pera aquelle auto, & auisou a dom Antonio de Noronha seu sobrinho que estaua em terra, que olhasse por elles & que não consentisse tirar nenhum senão aquelles que o milhor soubessem fazer, & estando todos prestes mandou a Gaspar Rodriguez lingoa que os fosse apresentar ao Rey & lhe dissesse que com aquelles mancebos & outros muitos que lhe elRey seu

seu senhor mandaria de Portugal esperaua em Deos delhe fazer restituir todos os lugares que lhe os seus vezinhos tinhão tomados: Chegados os bésteiros onde as barreiras estauão, veioos o Rey ver de hum terrado dos seus paços, & elles fizerãono tambem que parecião méstres daquelle officio. O Rey depois de os ver tirar despedioos, & mandou dizer a Afonso Dalboquerq̃ que folgara muito de os ver atirar, & que auia dias que não vira cousa que lhe milhor parecesse: & que lhe pedia muito por merce que se não tinha ordenado outra cousa da nao Meri lhe fizesse merce della & seguro pera poder nauegar de Cambaya pera Ormuz, porque estaua a cidade tam desbaratada que era necessario acodirem mercadorias de hũa parte & da outra á alfandega, pera do rendimento dellas se poderem soprir as despesas que se fazião, & tambem lhe pedia que lhe mandasse dár hũs mouros seus criados que na guerra passada foram catiuos, & que elle lhe daria por elles quanto quisesse. Cogeatar lhe mandou pedir outra nao, & hũas molheres & mininos que estauão catiuos em poder dos nossos, que erão de criados seus. Afonso Dalboquerq̃ lhe mãdou dár tudo sem por isso querer paga, disimulãdo sempre cõ Cogeatar, porque desejaua de acabar a fortaleza. Hum mouro capitão de hũa nao do Rey de Onor que se ali tomou, sabẽdo as larguezas q̃ o grãde Afonso Dalboquerq̃ fazia com o Rey & cõ Cogeatar, foylhe falar, & disselhe q̃ elle era do reyno de Onor cõ quem o Visorrey tinha pazes, como podia ver por aquelles dous seguros de dom Lourenço seu filho, & que ao tempo que elle chegara a aquelle porto com sua armada estaua elle descarregando sua mercadoria, & Cogeatar lhe tomara a sua nao por força & meteram gente & artelharia nella, & pois não tinha culpa & forçosamente lha tomáram, como podia saber de Cogeatar, que lhe pedia por merce que lha mandasse dár, E ainda que o mouro tinha pouca rezão em isto que pedia, quis Afonso Dalboquerque guardar o seguro de dom Lourenço, & mandoulha dár, & seguro pera poder nauegar, & por este mouro escreueo hũa carta ao Visorrey dandolhe conta do que tinha feyto, & a determinação em que ficaua, pedindolhe q̃ o mandasse logo socorrer cõ gente, nauios piquenos & galés, & munições de guerra, & que lhe não mandaua este recado por nauio seu pela muita necessidade q̃ tinha delles, & desta carta deu em segredo conta a Antonio do Campo, & guardoulho elle tambẽ que o soube logo Cogeatar, & as cousas q̃ mandaua pedir ao Visorrey, & tudo o mais q̃ determinaua de fazer

Os capitães & fidalgos da armada, porque lhe Antonio do Campo deu a entender que na carta hião muitas cousas contra elles (não sendo asi) ficáram mui descontentes de Afonso Dalboquerque, & pelos desejos que tinhão de se irem pera a India enfadados já dos trabalhos daquella guerra começáram dali por diante a fazerlhe cousas com que o enfadassem.

Da fala que o grãde Afonso Dalboquerque fez aos capitães sobre as amotinações em que andauão, & dos requerimentos que lhe fizeram; & de algũas palauras que com elles passou sobre isso. Capitulo. XLII.

Chegado o mes de Ianeiro, em que o grande Afonso Dalboquerq̃ tinha determinado de se partir pera o estreito, sendo já a torre da menagem em altura pera se poder defender, & a sua armada aparelhada de tudo o que lhe era necessario pera aquella jornada, mandou a Manuel Telez que carregasse na sua nao todos os mantimẽtos q̃ se podessem auer, pera de caminho prouér a fortaleza de Socotorá, & algũas mézinhas & cousas de botica pera os doentes, & mãdou ao feitor que comprasse todas as cousas que lhe Manuel Telez desse por hum rol, o que elle fez com muita diligencia, & carregou a nao, & entregou ao mestre tudo perante o seu escriuão. Como Afonso Dalboquerque despedío o feitor pera jr fazer estas cousas, foyse a terra ver a obra da fortaleza: os capitães se foram logo pera elle, & como auia dias que tinha sabido que elles murmurauão de se aquella fortaleza fazer, pera saber mais certo sua determinação apartouse pela praya cõ Manuel Telez, Francisco de Tauora & Afonso Lopez da Costa que ali estauão, sendo tambem presente Iorge Barreto de Castro seu cunhado & dissellhes, que as cousas de Ormuz estauão no estado que elles vião, que lhe pedia muito que lhe dissessem se era mais seruiço delRey acabar aquella fortaleza, ou jr na volta do cabo de Guardafum, porque elle pera hũa cousa & pera a outra tinha a armada prestes, & muito bem aparelhada: os capitães lhe responderam, que bem viamo estado em que tinha as cousas de Ormuz, & porem que lhes parecia q̃ era mais seruiço delRey de Portugal jr ao cabo de Guardafum esperar as naos que vinhã da India com especiarias pera o estreito, que estar fazendo hũa forta-

fortaleza que acabado de a deixar auia de ser logo tomada dos mouros, & ainda que deixasse gente nella, não podia ser tanta que a podessem defender ao poder do Rey de Ormuz. Iorge Barreto foy de parecer que deuia de assegurar as cousas de Ormuz, & acabar a fortaleza que tinha começado, porque era hũa cousa muito importante ao seruiço delRey de Portugal. Afonso Dalboquerque foyse cõ o parecer de Iorge Barreto, não lhe descobrindo nada da sua determinaçã. Afonso Lopez da Costa como vio que Afonso Dalboquerq̃ assentaua nó parecer de Iorge Barreto começou se a trauar em palauras cõ elle, & disselhe q̃ aquelle negocio era tã grãde & de tanta sustancia que compria cuidarse deuagar nelle: & pois Antonio do campo, & Ioão da Noua não estauão presentes, que os deuia de mãdar chamar, & jũtos todos assentar o que se faria, porque soster Ormuz não lhe podia parecer bẽ. Afonso Dalboquerque dissimulou com elle & foyse pera o parao onde sempre estaua sem lhe responder cousa algũa. Afonso Lopez da Costa, & Francisco de Tauora, & Manuel Telez ficaram tam descontentes desta pratica, & da pouca conta que Afonso Dalboquerque fizera delles que se foram ajuntar com Ioão da Noua & com Antonio do Campo logo, & ao outro dia pela menhaã mandaramlhe fazer hum requerimento por escrito (bem pouco necessario) de que Afonso Dalboquerque ficou muito descontente, & pela necessidade q̃ tinha de acabar as cousas de Ormuz dissimulou com elles & rompeo o requerimẽto sem os castigar como elles merecião, & com muita paciencia lhe mãdou dizer por Ioão Estão que lhe pedia que tiuessem tal segredo naquellas cousas em que andauão, que Cogeatar as não viesse a saber pois estauão em tempo que cõpria muito ao seruiço delRey de Portugal serem todos em hum querer & em hũa võtade, q̃ Cogeatar era tam discreto & tinha taes modos pera saber tudo, que sabia muito bem quãto elles desejauão de deixar aquella empresa, & jremse pera a India, & q̃ lhe aconselhauão que não fizesse aq̃lla fortaleza, & por Cogeatar não sentir suas fraquezas mãdaua que lhe dissessem que todas as differenças que antre elles auia erão porque se agrauauão muito de lhe elle não dar as naos em que elles tinhão parte.

De como os capitães tornaram a fazer outro requerimento ao grãde Afonso Dalboquerque em que se asinaram todos, & o que elle nisso fez, & o mais que cõ elles passou. Cap. XLIIII.

VEndo os capitães que o grande Afonso Dalboquerque lhe rompera o seu requerimento, dali a poucos dias estádo elle em a torre da menagem, dando ordem a algũas cousas necessarias pera a obra, lhe mandáram por Antonio Fernandes escriuão da nao de Francisco de Tauora outro requerimento asinado por todos, tirando Ioão da Noua que não quis asinar. Afonso Dalboquerque, enfadado delles & de suas cousas tomou o requerimento asi dobrado como lho deram sem o lér, & mandou o meter debaixo de hũa pedra do portal da torre que se estaua assentando, a que os marinheyros dali por diante chamáram o portal dos requerimentos, & os capitães ficáram tam enfadados disto, que desde entam trabalharam sempre de buscarem cousas pera se desauirem delle, & todas as suas praticas, quando se ajuntauão, eram danar as cousas de Ormuz, & que era hum tredor, & que fazia aquella fortaleza pera se aleuantar com ella & fazerse senhor do reyno, & que toda aq̃lla culpa era delles, pois lhe consentião fazer fortaleza, sendo muito cõtra o seruiço delRey. E que na carta que escreuera ao Visorey (de q̃ Antonio do Cãpo era boa testemunha) lhe mãdaua dizer grãdes males delles roubãdolhe sua hõra & seruiços, & nesta pratica reprẽderã Ioão da Noua porq̃ se não hia pera a India, pois não era da sua obrigação, & não cõtentes destas praticas q̃ tinhão antre si, cada hum na sua nao indinaua a gente do már pela tér da sua bãda cõtra Afonso Dalboquerq̃ affirmãdolhe q̃ lhe tinha roubado a sua parte dos vinte mil xerafins de pareas q̃ o Rey pagara, & q̃ elRey dom Manuel lhe tinha mãdado em seu regimento q̃ das primeiras pareas que os reis q̃ conquistasse pagassem, désse parte a toda a gẽte da armada, & que tudo isto tinha tomado pera si, a fim de se aleuantar com a fortaleza depois de acabada, porq̃ não fazia fundamẽto de tornar mais a Portugal Afonso Dalboquerque sabendo estes cõselhos & praticas em q̃ os capitães andauão trabalhando por amutinarem a gẽte toda cõtra elle, & q̃ não bastaua pera os animar naquelle negocio térlhe muitas vezes dito quã bem parecerião nas janelas daq̃lla fortaleza muitas damas, & charamelas, & o grãde cõtentamẽto q̃ elRey dõ Manuel teria quãdo soubesse q̃ tinhão senhoreado o reyno de Ormuz, & feito fortaleza nelle: cuidãdo q̃ por aqui os incitaria a terẽ gosto de o ajudarem. E por q̃ a principal rezão por onde estauão agrauados de Afonso Dalboquerque era a carta que escreuera ao Visorey, mandou os chamar & mostroulha, dizendo q̃ por ella verião

não

não ser verdade o q̃ lhe Antonio do Cãpo tinha dito, & fezlhe outras mui tas justificações, & desculpas q̃ podéra escusar, & nada disto lhe quiserã receber, mas antes como homẽs soberbos lhe derã a entẽder em palauras nã ser aquella a carta, & q̃ fizera outra. E estauão tam indignados pelo q̃ Antonio do Campo tinha dito da carta não sendo verdade, que Afonso Dalboquerque a rompeo perante elles, & disselhe que escreuessem outra á sua vontade & q̃ elle a asinaria: & asi se apartou delles mui descontente por lhe não receberẽ suas verdadeiras disculpas: & o principal deste negocio era Iorge Barreto que elles já se tinhão mudado de todo. Apartado Afonso Dalboquerq̃ mãdárã apanhar os pedaços da carta por Ioão Lopez criado de Frãcisco de Tauora, & posto que nella não dizia mais que dar conta ao visorey do estado em que as cousas de Ormuz ficauão, & como sua determinaçã era sostelo pedindo que lhe mãdasse gẽte, armas, & artelharia. Vendo elles esta determinação de Afonso Dalboquerque, assentáram segundo o negocio era grande, q̃ dali a tres annos não irião á India, & perderião carregarem suas quintaladas que tinhão de ordenado, & dali por diante começáramse a danar muito mais contra elle.

Do que o grande Afonso Dalboquerque paßou com os mestres & pilotos, & toda a outra gente do már que os capitães tinhã amotinado contra elle. Capitulo. XLIIII.

Sabendo o grande Afonso Dalboquerque que os capitães tinhão amotinado toda a gente das suas naos, principalmente mestres & pilotos, marinheiros, & bombardeiros, q̃ era a gẽte de q̃ elle mais fundamẽto fazia, porq̃ erã sempre os primeiros no trabalho da fortaleza, pelos desassombrar mãdou os chamar a todos, & mostroulhe o regimẽto q̃ trazia delRey dom Manuel, & disselhes que elle tinha sabido que os seus capitães os indinauão contra elle, dizẽdo q̃ lhes tomaua suas partes dos quinze mil xerafins q̃ o Rey de Ormuz pagara de tributo, q̃ por aquelle regimento que lhe ali mostraua verião o que elRey nisso mandaua que fizesse, & que não era elle o homem pera lhe tomar nada do que lhe fosse diuido, & que por cima disto tudo elle queria pór o dinheiro que se em isso mõtasse em poder de dous homẽs atẽ o Visorey determinar o que fosse justiça. Elles como estauão indinados

polos ſeus capitães não lhe aceitaram nada diſto que diſſe, & começáram com grandes vozes, & grandes aluoraços a dizer que não auião de trabalhar na obra, nem pelejar ate lhe não pagarem o ſeu. Afonſo Dalboquerque lhes diſſe muito manſamente que aquelles aluoroços erão eſcuſados, & que ſe lembraſſem que erão Portugueſes, & que andauão entre imigos muito longe da ſua terra, & que não compria auer antre elles ſenão muita paz & amizade, porque tudo o que ſe paſſaua naquella armada ſabia Cogeatar muito bem, & que ſe não quiſeſſem crer pelo conſelho de ſeus capitães, porque andauam aborrecidos da guerra, & deſejoſos de ſe jr pera a India carregar ſuas quintaladas: que o que foſſe ſeu de direito elle lho não auia de tomar, & que ſe lembraſſem que contra o regimento delRey lhe dera eſcala franca em todos os lugares que tomára, onde ouueram grã des deſpojos, de que eſtauão muito ricos, & que foram ſempre muito bem tratados delle, & pagos de ſeu ſoldo ſem lhe deuerem nada, & que ſe os trabalhos da guerra os fazião mal ſofridos, que elle não eſtaua fora delles, nem fazia mais niſſo que comprir o que lhe elRey mandaua em ſeu regimento, & que lhe rogaua muito da ſua parte q̃ o quiſeſſem ſeruir como ſe delles eſperaua, & por falta ſua ſe não perdeſſe hũa empreſa tamanha como a que tinhão nas mãos, pois eſſe fora o fundamento com que partira de Portugal. Todauia elles (per cima deſtas rezões, & outras que lhe Afonſo Dalboquerque deu) começáram a dizer deſatentadamente, que pois não tinha duuida a lhe dár ſuas partes, ſe foſſe juſtiça, que elles eram contentes que Iorge Barreto, Afonſo Lopez da Coſta, & Antonio do Cã po o determinaſſem, & elle lhe reſpondeo, que as couſas de ſeu regimento determinadas & aſſentadas por elRey ſeu ſenhor não nas auia de por a juizo de ninguem, ſenão executalas como por elle lhe era mandado, & q̃ abaſtaua teremno elles viſto pera ſe conuençerem: & ſe lhes parecia que no que dizião tinham rezã, que perto eſtaua o viſorey pera o determinar & que elle ſeria ſeu procurador diante delle: porque tambem daquelle dinheiro, quando não foſſe delRey, tinha ſua joya, & vinte cinco partes. E já agaſtado tomou hum liuro na mão & diſſelhes, que por aquelles ſanctos Euangelhos lhe juraua que elle nã entendia aquillo doutra maneira, nem elRey lhe mandaua que do tributo que os Reis q̃ conquiſtaſſem pagaſſem, déſſe parte á gente daquella armada. A iſto reſponderam todos que lhe déſſe ſuas partes, & que cada capitão ficaria por fiador da ſua gẽte, pera lhas tornar quando foſſe juſtiça darlhas. Afonſo Dalboquerq̃ deſejoſo

joso de ter mais certeza de quaes erão os capitães que metião a sua gente nisto, disimulou com elles, & disselhe que era muito contente de fazer aquillo que lhe pedião, com tanto que cada hum trouxesse asinado do seu capitão em que se obrigasse por isso, & que elle lhe mandaria logo dar o dinheiro. Com esta reposta se foram muito contentes pera as suas naos & derão conta aos capitães de tudo ó que tinhão passado, mas nunca poderão acabar com elles que lhe dessem escrito, & ficou a cousa asi pera o Visorey a determinar. Passada esta pratica que Afonso Dalboquerque teue com os méstres & pilotos, mandou dizer a Francisco de Tauora que se fizesse prestes pera jrem á pedreira, pórque auia falta de pedra na obra, & o dia era seu, & que viesse pela menhaã tér com elle pera jrem ambos, & como todos estauão juramentados de lhe não obedecer, foyse Francisco de Tauora pela menhaá á pedreira sem esperar por elle, & Afonso Dalboquerq̃ chegou dali a poucas horas muito descarregado, & sem lhe dizer nada andará ambos passeando pela praia, em quáto se os bateis carregauá & nisto chegou Pero vaz Dorta feitor, a caualo q̃ vinha da cidade, & apartouse pera detras de hum penedo a falar com Afonso Dalboquerq̃, & depois que falaram tornandose pera os bateis, vio ir Francisco de Tauora hum pedaço pelo már caminho da cidade, & mandoulhe capear que esperasse, & não quis: & como isto vio embarcouse, & foise apos elle, & mandoulhe outra vez capear que esperasse: Francisco de Tauora mais cõ vergonha que com vontade mandou leuar o remo & esperou.

Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com Francisco de Tauora vindo da pedreira, & da pratica que teue com os capitães depois de estar em terra. Cap. XXXXV.

CHegado o grande Afonso Dalboquerque a Francisco de Tauora, porque entendia a semente que Antonio do Cãpo tinha semeado no coração de todos os capitães, não se pode tér que se ná desenganasse com elle & disselhe. Sñor Francisco de Tauora, com mais cortesia vos aguardo eu quádo vindes a mi do que me vos agora fizestes: como? antre duas pedras em terra de imigos me aueis vos de deixar & jrdesuos sem mi & sem meu mandado? bem sey eu o castigo que vos merecieis, mas sofro tudo porque me he necessario sofrer. Francisco de Tauora se aleuantou em

 pé

pé & pondo a boca em Deos disse, Vos não me aueis de castigar, nem ten des poder pera isso: tomai a vossa nao & fazei della o que quiserdes, que vos prometo, que se nos fazemos á vela que vos ey de fugir: & disselhe ou tras palauras, a que Afonso Dalboquerque não quis responder, & mandou o passar ao seu batel, & auendo dó delle lhe disse, que era pobre & casado de nouo, que não quisesse andar naquellas conjurações com os capitães, porque se perderia com elRey dom Manuel. Francisco de Tauora agastado lhe disse que tinha mais que elle, & que não queria nada delRey & que bem sabia que lhe queria mal polo requerimento que lhe fizera: q̃ deixasse Ormuz, & se fosse ao cabo de Guardafum fazer o que lhe elRey mandaua em seu regimento. Afonso Dalboquerque lhe respondeo q̃ se espantaua muito delle, dizer que lhe queria mal polo requerimento que lhe todos fizerão, pois lhe elle descobrira q̃ lho queriã fazer, & lhe pergũtára se asinaria nelle, & lhe respondera sem nenhũa paixão rindose, que se lhe parecia bem o que os outros capitães fazião que asinasse. Francisco de Tauora enuergonhado disto que lhe tinha dito, calouse, & não lhe respondeo nada: & chegados á ribeira, leuou o Afonso Dalboquerque cõsigo pera a sua nao: & porque os capitães andauão já de todo danados, & estas cousas erão já muito publicas por toda a cidade, & não se podia já curar senão com o cutelo da justiça delRey, ou com a paciencia de Iob: determinou de tomar algum meio com elles, & mandou os chamar & disselhes, que quando elRey dom Manuel lhes fizera merce em Portugal das capitanias daq̃llas naos, foy pera o virem seruir naquella empresa de Ormuz em sua cõpanhia, & pelejarẽ debaixo da sua bandeira, & não pera andarẽ nas differenças em q̃ andauão com elle, as quaes erão muito perjudiciaes ao seruiço delRey: q̃ o Rey de Ormuz & Cogeatar sabião muito bẽ, & q̃ depois que partirão de Socotorá atẽ aquella ora, nũca lhe acõselharã cousa que não fosse contra o seruiço & honra de sua Alteza, o que elle curára sempre com muito siso, & muito sofrimẽto que com elles tiuera. E ainda que lhe elRey mandára que tomasse seus conselhos como dizião, de crer era que sendo elles os que erão, que tambem lhe mandaria que fizesse o q̃ lhe parecesse mais seu seruiço, pois lhe aconselhauão q̃ deixasse hũa empresa tamanha como aquella, & se fosse á galhofaria das presas do cabo de Guardafum: na qual empresa se o todos ajudáram como verdadeiros Portugueses, elle a tiuera posta no estado em que auia de estar: & se cada dia lhe auião de vir com requerimentos, desassossegando a gente & trazẽdoa

toda

toda aluoroçada como andaua (que Cogeatar sabia muito bẽ) que lho não auia de sofrer como fizera atè ali: & que lhes pedia muito por merce que com muita paz seruissem todos elRey, que lhe auia de galardoar seus ser uiços, & não aconselhassem a Ioão da Noua que se descõsertasse com elle, & lhe pedisse licença pera se jr pera a India, pois sabião todos que em quãto andasse naquella guerra não era seruiço delRey darlha, & asi lho disserão em hum conselho q̃ com elles tiuera sobre isso em Calayate. E se se agastauão com o trabalho que tinhão na continuação da obra da fortaleza, q̃ estiuessem em suas naos, & não viessem a terra, que elle os auia por desobrigados disso, porque não era tamanho que não folgasse mais de o passar que tudo o mais que cada dia dizião & fazião contra elle. E que lhe mandaua, da parte delRey de Portugal seu senhor, que nenhũ delles fosse mais a terra sem sua licença, porq̃ segundo os mouros andauã desassossegados com estas cousas, acontecendo algũa desauẽtura, queria saber o capitã que la estaua. Passada esta pratica sem mais querer ouuir as rezões fingidas q̃ lhe dauão, os despedio que se fossem pera as suas naos, & sospendeo Francisco de Tauora da capitania da sua, por lhe tér dito que lhe auia de fugir, & deu a a Dinis Fernandes de Melo.

De como fugiram quatro Chiistãos da nossa armada, & contaram a Cogeatar as differenças que auia antre o grãde Afonso Dalboquerque & os capitães, & do recado que lhe mandou, & o mais que passou. Capitulo. XLVI.

COmo o cuidado de Cogeatar era trabalhar sempre de saber tudo o que Afonso Dalboquerque fazia & ordenaua soube logo as differẽças que os capitães com elle tiuerão, & os requerimentos que lhe tinhão feito, & neste tempo fugirão quatro homẽs da armada, pelos quaes foy mais certeficado de tudo o q̃ passaua: & como a determinação de Afonso Dalboquerque era tornando do estreito (pera onde determinaua de jr) fazer seu assento em Ormuz, & aleuantarse com a fortaleza depois de acabada, aqual elle fazia cõtra parecer dos capitães, & sem seu conselho, porq̃ elRey de Portugal não lhe mandára que fizesse fortaleza em Ormuz: Cogeatar como estaua arrependido de tér dado lugar pera se fazer fortaleza ficou muito lédo de lhe estes affirmarem q̃ os capitães & gente da armada

não eram disso contentes porque tinha grande dór em seu coração de ter consentido nisso, & ajudou muito a este seu arrependiméto certeficarêlhe que Afonso Dalboquerque queria fazer assento em Ormuz: porque sendo asi ficaria elle sem nenhum mando, & Afonso Dalboquerque senhor do reyno. Cogeatar com a paixã que tinha deste nouo dessenho de Afonso Dalboquerque: deu conta destas cousas a certos mouros honrados que eram da sua parcilidade, pera entender o que auia de fazer neste caso. Praticado com elles, dali a dous dias mandou dizer a Afonso Dalboquerque por Pero Váz Dorta feitor, que os regedores da terra lhe vinham cada dia com grandes querelas, dizendo que o fundamento com que fazia aquella fortaleza era pera se aleuãtar com ella, & destroir Ormuz: & pois asi era não auia de cósentir que se posesse mais pedra nella. Afonso Dalboquerq̃ enfadado desta infamia que lhe os Portugueses punhão, respondeolhe q̃ elle não era cossairo, nem elRey seu senhor o mandara senão a conquistar aquelle reyno que elle tinha ganhado, & que os Portugueses que tinhão honra não acostumauão fazer treição a seu Rey, & que o não julgasse por quatro bargantes que lá tinha consigo, q̃ pois foram trédores ao seu Deos em deixarem a sua sancta Fé que asi o seriam a seu Rey: & q̃ pera destroir Ormuz se o quisesse fazer, não tinha necessidade de mais que daqlla armada qne ali tinha, & que a fortaleza que fazia não era pera se aleuantar com ella, como lhe os capitães dauão a entender, senão pera guardar & defender Ormuz como cousa delRey seu senhor. E ajnda que Cogeatar mandasse este recado, todauia a obra hia por diante. O feitor foy a terra com esta reposta, & disse a Cogeatar tudo o que lhe Afonso Dalboquerq̃ dissera: & como elle pelo que sabia dos capitães desejaua de se desauir com Afonso Dalboquerque, disse ao feitor que lhe dissesse, que o Rey queria mandar Rexnordim falar com elle certas cousas que lhe compria perãte os capitães, que ordenasse hũ lugar onde se vissem. Afonso Dalboquerq̃ lhe mandou dizer que o lugar mais certo onde se podião ver era na fortaleza, & que ali hiria esperar por Rexnordim aquella tarde. Como o feitor foy com este recado foise Afonso Dalboquerque com todos os capitães á fortaleza, & ali esteue esperando hum grãde espaço até que veyo o feitor, & disselhe que Rexnordim não auia de vir, porq̃ Cogeatar estaua arrepẽdido do recado que lhe tinha mandado, & que se não fiasse em suas palauras: porque o vira tam contente de saber as differenças què auia antre elle & os capitães, que não auia de comprir nada do que lhe prometesse: porq̃

na pra-

na pratica que com elle tiuera entẽdera, que o recado que lhe o Rey queria mandar por Rexnordim era, que se aleuantasse logo daquelle porto com sua armada, & se fosse, Afonso Dalboquerque enfadouse muito deste recado que lhe o Rey queria mandar: porque auia poucos dias que estando elle prestes pera se partir pera o estreito, lhe mandara dizer polo mesmo Rexnordim que se não fosse, porque tinha noua certa que hum grande senhor da terra firme, que se chamaua o Messarà, se fazia prestes com hũa grossa armada pera vir sobre a cidade; & segundo ella estaua destruida & sem gente seria facil cousa tomala; & tomandoa ficaria senhor de todo o reyno: & elle lhe respondera, que ainda que a sua ida do estreito fosse obrigatoria, por lho elRey seu senhor mandar em seu regimento, faria o que lhe elle mandaua: pois polo contrato que cõ elle tinha feito em seu nome era obrigado a defender aquelle reyno como cousa sua. E porque este recado que o Rey queria mandar a Afonso Dalboquerque era conforme à tenção dos capitães, & aos requerimẽtos que lhe tinhão feito, vio Afonso Dalboquerque claramente que elles eram culpados neste desauergonhamento de Cogeatar, & entendendo isto disimulou com elles, & sem lhe dizer nada despedioos que fossem pera as suas naos, & mandou dizer a Cogeatar por Gaspar Rodriguez lingoa, que daquella armada delRey de Portugal seu senhor eram fugidos quatro Christãos que elle tinha presos pera os castigar, por algũs crimes que tinhã feito, que lhe pedia por merce que lhos mandasse entregar. Cogeatar disse a Gaspar Rodriguez que até aquella hora elle não sabia parte delles, que os mandaria buscar & achandose que logo lhos entregaria, & posto que Afonso Dalboquerque entendesse que Cogeatar tinha os Christãos consigo disimulou cõ elle com fundamento de acabar a torre da menagem atè o primeiro sobrado a que daua grande pressa. E com tudo passados algũs dias, vendo que lhe não mandaua os Christãos, mandoulhe dizer que lhe pedia muito que lhe mandasse os seus homẽs, porque como elle era capitão mór daquella armada, tinha obrigação de dar conta com entrega della & da gente a elRey seu senhor: & que se lembrasse que o Rey & elle auia muito poucos dias que tinhão jurado de serem muito obedientes a elRey de Portugal seu senhor, & de comprir inteiramente os mandados de quem seus poderes tiuesse. Cogeatar lhe respõdeo que se não agastasse, que os seus homẽs estauão da banda dalem na terra firme, atados de pés & de mãos, que lá tinha mandado, que dali a cinco dias lhos mandaria,

De como o grande Afonso Dalboquerque vendo que Cogeatar lhe não entregaua os homẽs mandou recolher os officiaes da obra, & a gente que andaua em terra, & o mais que passou com os capitães Capit. XLVII.

PAssados os cinco dias que Cogeatar tomou pera mandar buscar os homẽs mãdoulhe o grande Afonso Dalboquerq̃ dizer por Gaspar Rodriguez, q̃ o tempo que lhe mandara pedir pera se buscarem os seus homẽs auia dias que era passado, se eram vindos que lhos mandasse. Cogeatar lhe disse que elle tinha mandado algũs criados seus á tera firme em busca dos Christãos, & que não vinhã nem tinhão feito nada, que dissesse ao senhor capitão mór que lhe mandasse hum criado seu, em que tinha feito represaria, que sabia a terra muito bem, pera o mãdar em busca dos seus homẽs porque era muito diligente, que faria este negocio differentemente detodos os outros, & dali a dous dias lhos mandaria. Tornado Gaspar Rodriguez da terra com esta reposta, disse a Afonso Dalboquerque, que elle entendera no aluoroço de algũs mouros que erão da parcialidade de Cogeatar & nas palauras de sua reposta que lhe não auia de entregar os Christãos, & que desejaua de quebrar com elle, & que andaua nestas dilações a fim de pór em effeito algũa treição que tinha ordenada, porq̃ mandara tapar as bocas de duas ruas que vinham ter ás casas onde estaua a feitoria de pedra & cal. Aduertido Afonso Dalboquerque disto que lhe Gaspar Rodriguez disse, & por atalhar as malicias de Cogeatar determinou de mandar aleuantar mão da obra, & praticou este negocio cõ Ioão da Noua, & o feitor que ao presente estauão com elle no parao junto de terra, & porque a ambos pareceo bem mandou Afonso Dalboquerq̃ sem mais dilação a Ioão da Noua que recolhesse todos os officiaes da obra, & a mais gente que andaua pela cidade porque não recebessem algũa afronta dos mouros. Ioão da Noua foyse logo a terra & fez recolher todos ao parao, de modo que antes do sol posto não auia ninguem na cidade, & como foram recolhidos mandou Afonso Dalboquerque chamar os capitães, & algũs fidalgos á sua nao, & juntos todos disselhe o que tinha passado com Cogeatar, & o que lhe Gaspar Rodriguez dissera, & pediolhe que lhe dissessem o que faria se lhe Cogeatar não quisesse entregar os homẽs. Praticado este negocio assentáram, que se lhos Cogeatar não entre-

gasse que lhe deuia fazer a guerra & destroir Ormuz se podesse, & que lhe não deuia de mandar o seu mouro que lhe mandaua pedir, nem os outros que lhe o Rey pedia, porque tudo eram enganos & mentiras. Afonso Lopez da Costa foi de outro parecer & disse, que por cima do que os capitães dizião que seria bom mandarlhe o mouro, & dar falha a suas mentiras & disimulações pois estaua em sua mão fazerlhe guerra cada vez que quisesse. Afonso Dalboquerque pareceolhe bem este conselho de Afonso Lopez da Costa, & mandou a Cogeatar o seu criado, & os dias que lhe mandou pedir, & neste interim disse ao feitor q̃ disimuladamente recolhesse a feitoria, & os homẽs que nella tinha. Cogeatar como soube que se mandaua recolher a feitoria, vendo que Afonso Dalboquerq̃ andaua sempre diante delle em tudo, por disimular & ver se podia antreter mandoulhe dizer por Almaçá da parte do Rey que lhe pedia muito por merce q̃ não mandasse recolher a feitoria, porque era grande escandalo pera os mercadores, & elle da sua parte recebia muito desprazer nisso. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que como queria sua real senhoria que fiasse a fazenda delRey seu senhor & os seus officiaes delle, se Cogeatar tinha mandado atalhar com paredes duas ruas que vinham ter á feitoria, & não lhe queria mandar quatro bargantes que lhe fugiram da sua armada, que per muitas vezes lhe tinha mandado pedir: & com esta reposta lhe mandou amostrar por Ioão Estão as cartas q̃ lhe tinhão feito da entrega do reyno, & que disesse ao Rey que lhe pedia muito por merce que cuidasse bem no que fazia, & não faltasse de sua palaura, nem quisesse ter guerra cõ elRey de Portugal seu senhor porque se perderia: & que visse bem aquellas cartas, & os sellos com que estauão asselladas, & que não quebrasse a paz que com elle tinha assentada em nome delRey de Portugal, porque o reyno de Ormuz não se podia defender por armas senão com siso & bom conselho. O Rey & Cogeatar não quiserão ver as cartas, dizendo que bem sabião o que estaua nellas, & que sua tenção era comprilas inteiramente porq̃ elles erã vassalos delRey de Portugal, & q̃ se todas estas cousas fazia por amor dos homẽs q̃ lhe fugiram, q̃ se não agastasse q̃ elles apareceriam.

Como Cogeatar mãdou pedir ao grande Afonso Dalboquerque seguro pera os Christãos, & os capitães lhe mandarã requerer que não fizesse guerra á cidade, & o que sobre isso passou com elles. Capitulo. XLVIII.

No

NO cabo dos dous dias que Cogeatar pedio pera mandar os Christãos: vẽdo Afonso Dalboquerque que não vinham mandoulhe dizer por Gaspar Rodrigues q̃ lhe pedia muito que lhe mandasse os seus homẽs, & não andasse em dilações, porque lho não auia de sofrer. Gaspar Rodriguez foy a terra & deu este recado a Cogeatar, & passadas muitas praticas sobre isso, disselhe que dissesse ao capitão mór que lhe mãdasse hũs mouros que tomara no desbarato das naos, que eram seus criados, & hum aluará seu em que prometia de não fazer justiça dos homẽs, que logo lhos mãdaria, porque não queria tér guera com elle, senão muita paz & amizade, pois todos eram vassalos delRey de Portugal, & sempre auia de estar á sua obediencia: & por aqui lhe disse outras muitas palauras a fim de auerem effeito suas disimulações. Gaspar Rodriguez tornou com esta reposta, & disse a Afonso Dalboquerque q̃ Cogeatar lhe mãdára amostrar os Christãos muito atauiados, & que os vira tam contentes desi, que per cima destas palauras que Cogeatar dizia se affirmaua que lhos não auia de entregar. Afonso Dalboquerque posto que entẽdia muito bem suas manhas & mẽtiras, disimulou sempre com elle, porque desejaua de saber delles quem os fizera fugir: & porque não ficasse nada por fazer, tornou a mandar Gaspar Rodriguez com o escrito que lhe pedio de seguro, & que lhe mandasse dizer onde queria que lhe posessem os mouros porque lhos mandaria logo. Partido Gaspar Rodriguez com este recado mandou Afonso Dalboquerque a Ioão Estão que corresse todas as naos, & ajũtasse os mouros que podião ser duzentos, & embarcados em hum zambuco viesse cõ elles á borda da agoa, onde elle estaua no parao: & como ali foram mandou dizer a Cogeatar que ali tinha os mouros, que mandasse os Christãos. Cogeatar lhe respondeo que os mandasse pór em terra, & que fosse hum capitão ao Cerame polos Christãos, que lá lhos entregaria. Afonso Dalboquerque, como andaua atalaiado de suas treições, mandou a dom Antonio de Noronha seu sobrinho, & a Ioão da Noua com duzentos homẽs q̃ posessem os mouros junto da fortaleza atados hũs nos outros, & que ali esperassem seu recado, & mandou a Francisco de Tauora que fosse em hũ batel ao Cerame polos Christãos, & a Gaspar Rodriguez que fosse diãte dizer a cogeatar que os mouros estáuão em terra, que mandasse entregar os Christãos a Francisco de Tauora, que lá hia pera os trazer. E porq̃ Gaspar Rodriguez começou a tardar, & não vinha com recado, mandou

Afon-

Afonſo Dalboquerque hum moço ſeu a ſaber porq̃ tardaua, & no caminho o achou q̃ vinha já: & diſſelhe que Cogeatar o detiuera todo aquelle tempo ſem lhe reſponder, q̃ não podéra ſaber o fim porq̃ o fizera, & que vira os homẽs veſtidos de trajos de mouros, cõ ſuas eſpadas na cinta, mui to ledos, como homẽs que ſabião que os não auiã de entregar, & depois de muitas praticas q̃ tiuera com elle lhe diſſera q̃ deuia de mãdar apreſentar os mouros ao Rey pera ſe aquelle negocio fazer milhor, & q̃ elle mãdaria amoſtrar os Chriſtãos a Frãciſco de Tauora. Afonſo Dalboq̃rq̃ enfadado deſta repoſta mãdou logo recado a dõ Antonio & Ioã da Noua q̃ recolheſſem os mouros ao zãbuco, porq̃ Cogeatar não entregaua os Chriſtãos, & no Cerame auia grande ajuntamento de frécheiros: & elle lhe jria dar co ſtas cõ a mais gente, porq̃ ordenãdolhe Cogeatar algũa treição nã nos tomaſſe deſapercebidos. Recolhidos os mouros ao zambuco, deſembarcou Afonſo Dalboquerque & ajuntouſe com dom Antonio & Ioão da Noua, & eſtiuerã aſsi hum bõ eſpaço ao pé da fortaleza eſperando a determinaçã de Cogeatar: & como tudo foy aſſoſſegado recolheoſe aos bateis & foiſe á ſua nao. Chegado Afonſo Dalboq̃rq̃ á nao, deulhe Antonio Fernãdez q̃ era o corretor dos req̃rimẽtos (como a tras tenho dito) hũ eſcrito aſsinado por todos os capitães, que eu treladei do proprio que dizia aſsi.

¶ Señor fazemos iſto por eſcrito porq̃ por palaura não ouſamos, por quã apaſsionadamẽte nos ſempre reſpõdeis, & em caſo q̃ vós ſeñor nos tenhais dito per vezes q̃ elRey vos não manda que tomeis cõſelho cõ noſco, eſte caſo he de tamanha ſubſtãcia q̃ nos parece que ſomos obrigados a daruolo & ſe o não fizeſſemos ſeriamos dignos de grande caſtigo: & porque eſta guerra que agora quereis fazer he muito cõtra o ſeruiço delRey noſſo ſenhor, nos parece que voſſa merce deue de olhar muito bem antes de a começar, quanta culpa tẽ Cogeatar pera ſer rezão pórẽſe ao taboleiro quinze mil cruzados de rẽda cada anno, afora a hõra de tam grande cidade & reyno: & ſe de todo voſſa merce determina de lha fazer, & quebrar a paz & aſſento que com elle tem feito, a nós nos parece que o não deueis de fazer, porq̃ mais ſeruiço delRey noſſo ſenhor ſerá deixar agora eſta cidade & diſsimular com Cogeatar, & pera o anno vir poſſante pera a ſenhorear & ſegurar que deſtroila pera ſempre. E ſe todauia voſſa merce determina de fazer a guerra olhe bem que ſeja com todo o reſguardo & ſegurança deſta armada em que vay mais ao ſeruiço do dito ſenhor que ganhar nem perder eſta cidade agora, pois a todo o tempo ſe pode fazer, porque

ſaindo voſſa merce em terra de Ormuz, ou na cidade, nós determinamos de não jr com voſco, nem ſer em tal guerra, nem conſelho: & porque diſto ſeja certo, & depois o ná poſſamos negar aſsinamos aqui todos: oje cinco dias do mes de Ianeiro, de mil & quinhétos & oito annos. Ioão da Noua. Antonio do Campo. Afonſo Lopez da Coſta. Franciſco de Tauora. Manuel Telez.

¶ Vendo Afonſo Dalboq̃rq̃ eſte eſcrito foiſe á nao de Fráciſco de Tauora, & leuou Ioão Eſtá eſcriuá da armada cõſigo, & ali mádou chamar a todos & ſendo jũtos diſſelhe q̃ Antonio Fernandez lhe dera hũ eſcrito aſsinado por elles, q̃ tinha muito bẽ guardado pera o mádar a elRei ſeu ſenhor: & q̃ pois eſtauá arrepẽdidos do q̃ lhe tinhá acõſelhado, & lhe parecia bẽ não ſe deſtruir Ormuz, q̃ lhe diſſeſſem ſe ſe affirmauá de não ſerem cõ elle neſta guerra, como no ſeu eſcrito diziá, & q̃ ſe lembraſſem que auia dous dias q̃ praticádo cõ elles ſe faria a guerra a Ormuz, ſelhe Cogeatar não entregaſ ſe os ſeus homẽs, q̃ lhe acõſelháram q̃ lha fizeſſe, & não ſe fiaſſe nas ſuas pa lauras brádas & doces, porq̃ tudo eram mẽtiras: & q̃ agora os via tá mudados, q̃ lhe parecia, q̃ ou era paixão, ou algũa couſa que elle não entẽdia, porque de caualeiros não era refuſar os trabalhos da guerra, porq̃ elRey dõ Manuel, pela cõfiança q̃ nelles tinha os mádára em ſua cõpanhia pera cõquiſtarem aquelle reyno: & q̃ olhaſſem muito bẽ o q̃ diziáo, porq̃ não lhe obedecerẽ era jrem cõtra o poder delRey q̃ lhe tinha dado ſebrelles. Os capitães lhe reſpõderam, q̃ era verdade que lhe tinham aconſelhado que fizeſſe a guerra a Ormuz, ſe lhe Cogeatar não deſſe os homẽs, & que depois de lho terẽ dito cuidáram niſſo, & aſſentárão ſer muito deſſeruiço delRey noſſo ſeñor fazerſe, & por iſſo deuia de a eſcuſar quanto podeſſe, & diſsimular cõ Cogeatar, porq̃ elRey dõ Manuel lhe mandaua em ſeu regimẽto, q̃ tudo o q̃ fizeſſe foſſe cõ cõſelho delles, o q̃ elle nũca quiſera tomar, & fazia tudo o que queria ſem lhe dar conta de nada. E por aqui foy cada hum tratando dos agrauos que delle tinham. Afonſo Dalboquerq̃ lhe reſpondeo, q̃ os trabalhos da guerra não ſe podiáo chamar agrauos, & que o feſſem, não era tempo pera ſe falar nelles, ſenão pera acabada aq̃lla fortaleza a defenderẽ em q̃ pez aos mouros. E ſe os agrauos q̃ diziam erá de ſeu officio, q̃ na India tinham o Viſorrey q̃ lhe faria juſtiça, & elRey dom Manuel em Portugal que o caſtigaria: & o que agora mais compria ao ſeruiço delRey, era ſe auiam de ſer com elle em aquella guerra, ou não, Franciſco de Tauora diſſe que ſeria com elle, & faria tudo o que lhe

elle mandasse: todos os outros capitães se affirmaram de não fazerem ou tra cousa senão a que tinham dito no seu escrito. Ioão da Noua começou a dizer, que se os capitães estauão naquella determinação era por elle mandar recolher a gente da cidade, sem seu conselho: & que pois Cogeatar dizia que todos eram vassalos delRey de Portugal, escusado era fazerlhe a guerra. Afonso Dalboquerque lhe respondeo: Isso me ouuereis vos de dizer quando vos mandei recolher a gente, & não agora, pois o fiz com vosso conselho & do feitor, & sem mais querer ter pratica com elles os despedio. Afonso Lopez da Costa como chegou á sua nao mandou ajuntar toda a gente, & quis saber delles se estauão na sua determinação: todos lhe responderam, que elles auião de morrer onde o seu capitão mór morresse. Passadas estas praticas, foyse Afonso Dalboquerque pera a sua nao, enfadado desta determinação dos capitães: & estando asi suspenso no que neste caso faria, chegou Fernão Soares & disselhe, que os capitães ficauão muito arrependidos do escrito que lhe tinhã mandado, & muito mais das palauras que com elle passaram: que lhe pediam muito por merce que se não lembrasse disso, porque a paixão os segara, & que todos estauão prestes pera o seruirem naquella guerra, & fazerem tudo o que lhe mandasse.

De como o grande Afonso Dalboquerque determinou de fazer guerra a Ormuz, & como a gente do Rey que estaua em guarda dos poços de Turumbaque foy desbaratada pelos nossos. Capitulo. XLIX.

TEndo o grande Afonso Dalboquerque assentado de fazer guerra ao Rey de Ormuz se lhe não mandasse entregar os Christão primeiro que a começasse, quis entender no aluoroço dos capitães, & saber se o recado que lhe mandarão por Fernão Soarez era mais que comprimento, porque não querendo elles estar á sua obediencia como tinham dito, proueria de outros capitães nas naos que seruissem a elRey, & mandou a Ioão Estão escriuão da armada, que da sua parte dissesse a Antonio do Campo, que tinha algũas culpas delle, que deixasse a sua capitania & se viesse preso á sua nao: & aos outros capitães, que pois sua determinação

era não seruiré ẽlRey naq̃lla guerra q̃ deixasséas suas naos & q̃ elle as proueria de capitães q̃ seruissem a elRey & estiuessé á sua obediencia, & q̃ de tudo o q̃ passasse cõ elles fizesse autos. Os capitães védo esta determinação de Afonso Dalboquerq̃, enuergonhados do q̃ tinhão cometido disserão a Ioão Estão q̃ elles estauão arrepẽdidos do q̃ tinhã dito & feito, & q̃ isto lhe tinhão mãdado dizer por Fernão Soares, & q̃ elles estauã prestes pera o seruiré & serem cõ elle naquella guerra q̃ queria fazer. Afonso Dalboquerq̃ visto o arrependiméto dos capitães, porq̃ o tépo não era pera castigar culpas, pela necessidade q̃ delles tinha perdooulhe, & tornoulhe suas capitanias, saluo a de Antonio do Campo a q̃ não quis tornar a sua, por tér informação q̃ fora autor de todas estas emburilhadas. Passadas estas praticas q̃ teue cõ os capitães, mandoulhe q̃ se chegassem a terra cõ suas naos quanto mais podessé, & deixassem rageiras por popa pera se tornarem a tras cada vez q̃ quisessem, & cõ a artelharia dessem bataria á fortaleza do Rey, & q̃ cada hũ tiuesse ao lõgo da sua nao hũ parao pera os emparar da artelharia que os mouros tinhã no muro da fortaleza, & mandou ao seu méstre que chegasse tambem a sua nao a terra quãto podesse, da bãda do porto do ponéte. Os capitães derã aquelle dia bataria cõ tanta furia á cidade q̃ matarã muita géte na fortaleza, & derribarã muitas casas pela cidade: os mouros tinhão a sua artelharia assestada tão alta q̃ de baixa már não fazia nojo ás naos, porq̃ passaua por cima dellas, & de prea már daua nos paraos q̃ tinhã por emparo, & se metiã algũ no fundo, cada capitã punha logo outro em seu lugar. Enuergonhado Antonio do Campo de ver os capitães nas suas naos pelejar, & elle fóra da sua, mandou pedir a Afonso Dalboquerque q̃ lhe perdoasse seus erros passados, & lhe tornasse sua nao pera com ella ajudar seus companheiros, & que elle faria tudo o que elle mandasse. E porque neste tépo tinha necessidade de homés, posto que Antonio do Cãpo fosse o que ordia todalas emburilhadas, perdooulhe, & mandoulhe entregár o seu nauio: & aos capitães disse q̃ ao outro dia tornassem a dar bateria á fortaleza, & foy com tanta furia que os repairos da artelharia grossa, por serem podres, arrebentáram todos. Afonso Dalboquerque vendo isto mandou afastar as naos pera o már, & posse em ordem pera tolher q̃ nam viessem mantimentos nem agoa á cidade, & cercou a ilha em roda com toda a armada, & mãdou pór fogo a todas as naos q̃ no porto estáuã cõ seu seguro, requerédo primeiro a Cogeatar per muitas vezes q̃ entregasse os homés q̃ lhe tinha tomado, lẽbrãdolhe o assento q̃ elle & o Rei tinhã feito

quando

quãdo lhe entregara o gouerno daquelle reyno em nome delRey de Portugal, & com esta ordem com que tinha cercada a cidade começou auer nella muita falta de mantimentos & de agoa, porque lhe não podia vir da terra firme, & sabendo Afonso Dalbóquerque a falta que auia, mandoulhe apertar mais o cerco, & noteficou aos capitães & a toda a gente da armada que sua determinação era não se aleuantar daquelle cerco ate lhe o Rey não entregar a cidade, & que ja não fazia fundaméto de jr ao estreito. Assentado isto mandou a Manoel Telez que se fizesse prestes pera leuar os mãtiméto q̃ tinha á fortaleza de Socotorá, & tédo noua no caminho que por aquella costa andauão algũas naos de Portugal q̃ se visse cõ os capitães & lhe dissesse da sua parte que o viessem socorrer, & que lhe trouxesse todas as munições de guerra que achasse porque de tudo tinha necessidade. O pouo da cidade vendose atalhados de maneira q̃ de nenhũa parte lhe podia vir agoa que era o que se mais sentia ajuntarãse os principaes mouros della, & foramse ao Rey pedindolhe que mandasse guardar os poços de Turumbaque, que estauão no cabo da ilha, porque os Portugueses se não apoderassem delles, & dali se poderia soprir a muita falta que auia de agoa o Rey mandou logo hum capitão com gente de pé & de caualo pera estarem em guarda dos poços, & tendas em que se podessem agasalhar. Auisado Afonso Dalboquerque desta determinação dos imigos, mandou os hũa noite espiar, & sabida a ordem em que estauão, não sófrendo tardãça mandou dom Antonio de Noronha com cem homẽs, & Frãcisco de Tauora & Ioão da Noua com outros cento que os fossem cometer, & estãdo prestes embarcáram nos bateis & partiram á boca da noite, & chegãdo aos poços que serião duas oras ante menhaã derão logo nos mouros que estauão bem descuidados do que lhe aconteceo & desbaratarãonos, & matarã dous capitães principaes do Rey que erão vindos com aquella gente, & muitos mouros de pé & de caualo, & queimarão hũas poucas de casas q̃ ali estauão, & todalas tendas que trouxerã pera seu gasalhado: & acabado isto encherão os poços de homẽs, & cauallos, & camelos mortos, & recolherãse aos bateis cõ esta vitoria, & vierãose pera as naos trazẽdo cõsigo dous archeiros que ali catiuaram, dos quaes soube Afonso Dalboquerque q̃ auia dias q̃ o Rey por cõselho do Rey cego & dos gouernadores da terra tinha determinado de se aleuantar contra elle, & matar todos os Portugueses q̃ andasse na cidade porq̃ estaua muito arrepẽdido de lhe dar lugar pera fazer fortaleza, & q̃ na cidade auia muita falta dagoa, & Cogeatar por se nã

 fiar

fiar de ninguem tinha a chaue de hũa cisterna que seria de oitenta couados, & tinha em guarda della hum capitão com gente. Afonso Dalboquerque, posto que estes mouros que guardauã a cisterna tinham o socorro certo por estarem perto da cidade, cõ tudo pelos enfadar determinou de os jr cometer, & fezse prestes com toda a gente, & partio das naos ante menhaã, & mandou Frãcisco de Tauora na dianteira cõ quarẽta homẽs q̃ desse nelles, & elle com toda a mais gente foy nas suas costas, & derã tam de supito nos mouros q̃ os puseram logo em desbarato, & forãnos seguindo hum pedaço matando muitos mouros de pé, & ao seu capitão que andaua a caualo, & Lopo Aluarez criado do condestabre foy o primeiro que lhe pos a lança. Dos nossos foram muitos feridos cõ frechas, porque os mouros de caualo hiam fugindo & tirando cõ ellas aos nossos q̃ os seguiã sem ordem. Afonso Dalboquerque, temendose do socorro q̃ lhe podia vir, mandou a dom Antonio de Noronha que os recolhesse, & quebrou as portas da cisterna, & encheramna toda de corpos & caualos mortos, & com esta vitoria se foy embarcar nos bateis, & veiose pera as naos.

De como Cogeatar tornou a mandar desentupir os poços de Turumbaque, & a gente que tinha em guarda delles foy desbaratada pelos nossos, & o mais que passou. Capit. L.

PAssados dous dias depois deste desbarato, porque na cidade auia muita falta de agoa & começauão a morrer muitos meninos de cede, & de nenhũa outra parte se podiam prouer com breuidade senão dos poços de Turumbaque (pela muita vigilancia & cuidado que o grande Afonso Dalboquerque tinha de guardar a ilha toda em roda) determinou Cogeatar de mandar secretamente desentupir os poços, & mandou a isto hum capitão com gente de pé & de caualo, & muitos camelos, & bestas pera trazerem logo agoa á cidade. Afonso Dalboquerque como tinha suas intelligencias pera saber tudo o que o Rey ordenaua, por mouros a que daua muito de sua fazenda, foy logo auisado disto, & fez prestes Manuel Telez & Afonso Lopez da Costa com cento & cincoenta homẽs pera jrem saltear esta gente, & que tornassem a intupir os poços os capitães se partiram de noite por mar & chegaram aos poços começando de amanhecer, & derã logo nos mouros, & como elles estauã descuidados foram

foram desbaratados, & sem fazerem resistencia se poseram em fugida, & os nossos os foram seguindo, & no alcançe mataram muitos, & tornaranse a recolher aos poços, & mataram todos os camelos & azemelas que os mouros ali tinham pera leuarẽ agoa, & entupiram os poços. E feito isto recolheranse aos bateis, & tornandose pera as naos toparam no caminho Afonso Dalboquerque que vinha nos bateis com gente pera os ajudar se fosse necessario. Os capitães lhe contaram tudo o q̃ tinhão passado: & elle lhe louuou muito o feito, & o modo que tiueram em cometer os mouros. E disselhes que tinha por enformaçã que sobre aquelles poços estaua hũ outeiro alto talhado a pique ao már, onde se podia fazer hũ forte em q̃ podia estar artelharia & gẽte, q̃ defendessẽ não se leuar dali agoa pera a cidade, q̃ seria bõ verẽ aquelle sitio & o q̃ se nelle podia fazer, porq̃ tolhẽdolhe aq̃lla agoa, de necessidade se auia o Rey de entregar, porq̃ nã tinhão donde se prouer senão cõ muito trabalho & risco das vidas. Cõ esta determinaçã voltárã todos, & forã desembarcar no porto, & começãdo a caminhar pelo cerro acima virã gente de caualo q̃ vinhã da cidade em socorro de hũs poucos de archeiros q̃ ali ficarã do desbarato passado. Afonso Dalboquerq̃ auẽdo vista delles esteue quedo cõ toda a gẽte, & mãdou Afõso Lopez da Costa, dõ Antonio de Noronha, Manuel Telez, & Iorge Barreto q̃ tomassem a dianteira á nossa gente, & os tiuessem q̃ não andassẽ, & feitos todos em hũ corpo, mãdou a dõ Antonio cõ cẽ homẽs q̃ sobisse o outeiro & cometesse os mouros: & elle deixouse estar na praia cõ a mais gẽte á vista delles. dõ Antonio ouuese tã valerosamẽte no sobir que deu nos archeiros primeiro q̃ a gẽte de caualo chegasse, & postos em desbarato foy os seguindo por hũ vale q̃ hia tér á serra: a gẽte de caualo q̃ vinha da cidad̃ vẽdo os nossos desmãdados começárã a trauar cõ elles: os archeiros como se virã fauorecidos da sua gẽte de caualo fizerã volta, & vierãse ajũtar cõ elles, & cometerã dõ Antonio. Afonso Dalboquerq̃ vẽdo os nossos emburilhados cõ gẽte de caualo, mãdou dizer a dõ Antonio q̃ se recolhesse pera onde elle estaua, & porq̃ tardaua mãdoulhe dizer por Afõso Lopez da Costa q̃ se recolhesse logo, & cõ este segũdo recado se veio recolhẽdo pelo vale abaixo, hũ pouco mais depressa. Os mouros como viram q̃ dõ Antonio se recolhia, apertárã mais cõ elle. Dom Antonio como se vio apressado dos mouros voltou & felos arredar de si, ficãdo algũs archeiros estirados por esse chão mortos, & recolheose á praia onde seu tio estaua, & os mouros pegados cõ elle sem ordẽ & matárã hũ moço junto cõ Afonso Dalboquerq̃

de hũa frechada pela cabeça, o qual vendo os mouros asi desmandados mandou a dom Antonio que tornasse a dar nelles com a sua gente, & nesta volta mataram tres mouros de caualo que se quiseram auentajar dos outros, homẽs bem tratados de vestidos & de armas, Os de caualo como o viram estes mortos deixarã as armas & as cubertas dos caualos, pera ficarem mais leues & puserãose em fugida pera a cidade. Foram feridos neste desbarato, dõ Antonio de sete frechadas, Gonçalo queimado, Nuno Vaz de Castelo branco, & Antonio de Liz, & outros, & tornaram se a recolher. Os archeiros posto que se vissem sem a gente de cauallo, ajuntaram se na boca do vale cõ animo de se vingarem, & ás frechadas começarã a tratar mal os nossos. Afonso Dalboquerq̃ enfadado da sua contumacia disse aos capitães que dessem nelles, & foramnos seguindo por hum vale acima, & escozeram os de maneira q̃ não ousaram de cometer mais os nossos, & puserãose todos juntos em hum outeiro, & nesta volta ferirã Afonso Lopez da Costa, Manoel Telez, Iorge da Sylueira, Fernão Feijo, Ioão Roiz Pireira. Afonso Dalboquerq̃ como teue os mouros afastados de si, recolheose aos bateis, & veiose pera as naos sem se determinar no lugar q̃ hia ver, & de dous frecheiros que se ali catiuaram soube que os de caualo que mataram, era hum delles filho de Rex nordim, homem muito caualeiro, que viera da Persia com gente a seruir o Rey naquella guerra, pelo qual se fez tamanho pranto na cidade, que nas naos se ouuia. Estes tres capitães que aqui mataram pagaram a soberba com que se ofereceram ao Rey pera guardarem estes poços.

Do recado que o Rey mandou ao grãde Afonso Dalboquerque pedindolhe pazes, & a reposta que lhe deu; & o que passou na ilha de Queixome indo tomar agoa. Capitulo. LI.

Recolhido o grande Afonso Dalboquerque com esta vitoria pera as naos, foilhe dito que depois de elle ser partido pera Turumbaque sajram duas almadias de noite, da cidade pera a terra firme, & desejãdo de saber o fundamẽto desta ida, mãdou logo Duarte de Sousa com dous esquifes muito bem aparelhados pera qualquer cousa que lhe socedesse, que as fosse esperar por aquella parte por onde ellas sajram, & as almadias tornando de noite vieram dar de supito com Duarte de Sousa, & como ouue

vista dellas foilhe dando caça, & antes de chegarem à terra as tomou ambas, & veiose com ellas a Afonso Dalboquerque, & dos mouros q̃ se ali tomarã soube que Cogeatar pela muita falta que na cidade auia de agoa mandaua almadias ligeiras do remo a Nabande por ella de noite, porque podião jr ao lõgo de terra mais secretas q̃ os paraos. Sabido isto dos mouros mãdoulhe cortar as orelhas & os narizes, & lançalos em terra, & queimar as almadias, & dali por diante mandaua vigiar a ribeira pera atalhar este remedio que Cogeatar buscou pera auer agoa, O pouo da cidade vẽdose apertado desta maneira, & posto em grande necessidade de fome & cede, como era noite ajuntauãose muitos homẽs, molheres & mininos, & hião se derredor dos paços do Rey, & com grandes brados & gritas lhe pedião que ouuesse piedade delles, & dos trabalhos que padecião com morte de pais, maridos, filhos & parentes, sem esperança de lhe vir socorro de nenhũa parte, & tudo por Cogeatar nã querer entregar quatro Christãos que não aproueitauão pera nada, nem tinhão necessidade delles: & por aqui dizião muitas desauenturas que passauão, que era lastima ouuilos: os gritos eram tamanhos que nas naos se ouuia. O Rey vẽdo estes trabalhos do seu pouo, & as grandes necessidades em q̃ a cidade estaua determinou por conselho do Rey cego, de mandar pedir misericordia ao grãde Afonso Dalboquerque, & mandoulhe dizer por Almaçã, hum mouro capado muito seu priuado, que elle estaua arrependido de tudo o que era passado, & que lhe juraua por sua ley que elle não tinha nenhũa culpa, q̃ lhe pedia muito por merce que se contentasse com a destruiçã que tinha feita naqlla cidade, & que elle faria tudo o que elle quisesse. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que se o Rey queria concerto, & ter amizade com elle, que primeiro lhe auia de mandar entregar a fortaleza delRey de Portugal seu senhor, & os seus homẽs que lhe tinha tomados, & toda a fazenda q̃ ficara na feitoria, com todas as despesas: & satisfeito tudo falase em cõcerto por que doutra maneira o não auia de ter com elle. Almaçã foy com esta reposta a terra. O Rey depois de praticar este negocio com o Rey cego, & Cogeatar, & com esses mouros principaes do seu gouerno respondeo, q̃ na fortaleza não falasse por que lha não auia de dar, que dinheiro lhe daria quanto quisesse. Afonso Dalboquerque vendo reposta tam soberba, & entendendo que era forjada por Cogeatar, disse a Almaçã que dissesse ao Rey, que elle não tinha necessidade do seu dinheiro, nem queria nada delle senão a fortaleza que era delRey de Portugal, ganhada com sua gente

& armada, q̃ se lha não desse ná falasse em concerto, & que elle esperaua q̃ Cogeatar q̃ lhe aquilo fazia dizer se arrepẽdesse em algum tempo de lho tér acõselhado. Cogeatar como sabia que os capitães não erão de parecer que se fizesse a guerra ao Rey, mandoulhe logo de noite dizer aos nauios onde estauão junto de terra, que lhe fazia a saber que o Rey tiuera muitos comprimentos com o seu capitão mór, & lhe offerecera muito dinheiro, pera que não destruisse aquella cidade que estaua á obediencia delRey de Portugal, & todos erão seus vassalos, & q̃ o não quisera aceitar, que o Rey determinaua de mandar hum nauio cõ recado ao Visorrey da India, & darlhe conta destas sem rezões que lhe fazia. Afonso Dalboquerque foy logo auisado disto q̃ Cogeatar passara de noite com os capitães, mas dissi mulou com elles sem os castigar como elles merecião, até ver sua determinação, & foy continuando a guerra como fazia, & porque na armada auia muita falta de agoa, mandou a Antonio do Cãpo, & Pero Váz Dorta feitor ao porto de Nabande, & vissem se cõ dadiuas ou dinheiro podiam auer agoa, porque os moradores daquelle porto viuem disso, & trazemna a Ormuz a vẽder. Chegados ali, hum capitão do Rey de Ormuz q̃ estaua com gente em guarda daquelle porto não quis tér patica com os nossos, nem consentio que lha vendessem por dinheiro. Antonio do Campo vẽ do a determinação do capitão tornouse pera as naos, & contou a Afonso Dalboquerque o que passara, o qual se fez logo prestes pera em pessoa jr á ilha de Queixome tomala por força, por ser mais perto, & leuou consigo Antonio do Campo, & Francisco de Tauora com cem homẽs, & paraos, & mouros que erão vsados neste officio de trazer agoa á cidade: & deixou Ioão da Noua com toda a mais gente com seu poder em guarda das naos, estãdo tudo prestes partiram de noite, & chegáram á ilha antemenhaã, & primeiro que desembarcassem mandou Afonso Dalboquerque pór atalaias derredor dos poços pera vigiarem toda a terra ao lõge & Duarte de Sousa, & o feitor q̃ tiuessẽ cuidado de fazer carregar os paraos dagoa com muita breuidade. Ordenado isto desembarcou cõ toda a gẽte & foy mar chando direito a hum lugar que se chamaua Arbés, que estaua hũ pedaço afastado da borda dagoa, & mãdou a Iorge Barreto com dez homẽs que fosse por hũa comiada alta vigiando a terra, & a Antonio do Campo com cincoenta homẽs que fosse diante & desse no lugar. Antonio do Campo como chegou deu logo nelle, & Afonso Dalboquerque que hia nas suas costas deu por outra parte com Iorge Barreto, que já ali era & matáram

algũs

algũs mouros, & como o Rey não tinha aqui guarnição de gente, os mouros que acodirão vendoſe maltratados das noſſas eſpingardas, poſeramſe em fugida & deixaram o lugar. Afonſo Dalboquerque como o vio deſpejado, & que não tinha de que ſe recear, mandou recolher todos os mãtimentos aos bateis, & andãdo neſta preſa ouuiram hum tiro de bõbarda, pera aquella parte onde elles ficaram, & mandou logo recolher a gente porque lhe pareceo que era ſinal que lhe fazião, & veioſe em corpo cõ toda ella direito á praia, & em chegando diſſelhe Duarte de Souſa, que eſtando fazendo agoada viera hum capitão com trinta mouros & duas bombardas em camelos, & que elle em os vẽdo ſe recolhera aos bateis, & ſe poſera de largo & o capitão mandára decer as bombardas dos camelos & començára a esbombardear, & aos primeiros tiros vendo a noſſa gẽte que vinha tornára a carregar as bombardas, & recolherſe muito depreſſa. Afonſo Dalboquerque acabou de tomar ſua agoa & partioſe, & em chegando ás naos ſoube que Ioão da Noua fora de noite no ſeu eſquife a terra falar cõ os arrenegados, & cõ algũs criados de Cogeatar, o que ſentio muito pelo fazer ſem ſua licẽça deixãdoo em guarda daquella armada em ſeu nome.

Do que o grande Afonſo Dalboquerque paſſou com Ioão da Noua por não querer jr a Nabande onde o mandaua. Capitulo. L II.

COmo o grande Afonſo Dalboquerque foy nas naos, ao outro dia mandou dizer a Ioão da Noua, & a Frãciſco de Tauora, que elle tinha nouas que ao porto de Nabandé era chegada hũa cafila que vinha da Perſia pera Ormuz com mantimẽtos & outras mercadorias, que ſe fizeſſem preſtes com ſua gente pera jrem lá, & que vieſſem a bordo da ſua nao pera lhe dizer o que auião de fazer. Franciſco de Tauora como lhe derão o recado fezſe logo preſtes, & veioſe á borda da nao capitaina ás oras que lhe tinha mandado, & porq̃ era tarde & Ioão da Noua não vinha, mãdoulhe Afonſo Dalboquerq̃ dizer porque tardaua, que Franciſco de Tauora auia muitas oras que lá eſtaua eſperando por elle: & Ioão da Noua lhe mandou dizer, que ſe tardaua era porque a gẽte da ſua nao não o queria acompanhar, & q̃ elle ſó não auia de jr. Afonſo Dalboquerque como eſtaua mal contẽte delle pelo que fizera, ſendo ido a ilha de Queixomé, & enfadado

tambem

tambem desta reposta, meteose no seu esquife com Ioão estão escriuão da armada & algũs homẽs, & foise já de noite á nao de Ioão da Noua, & entrando nella, porque vio a gente aluoroçada, & posta em lhe desobedecer disimulou, & disse a Ioão da Noua que os fizesse embarcar nos bateis, & que se fosse á sua nao. Elle (como homem que não estaua fora desta culpa) não o quis fazer, & disselhe que aquella gente não queria jr pelejar á terra firme, porque não eram a isso obrigados, & se queria que lá fossem, q̃ lhe mandasse dar sua parte dos vinte mil xerafins, que o Rey de Ormuz tinha dado de pareas. Afonso Dalboquerque lhe disse que os fizesse embarcar, que elle lhe respõderia. E posto que por muitas vezes lho dissesse, sempre se escusou dizendo, que a gente não queria. Entendendo Afonso Dalboquerque que tudo nacia de Ioão da Noua, & não da gẽte disselhe. Muitos dias ha que eu sey os conselhos em que vos & os outros capitães andaes, & tudo disimulei, fazendo sempre que o não sabia: porque desejaua de acabár esta fortaleza em paz, & todos o fizestes de maneira que se veio tudo a perder, & não contentes disto, sendo eu na ilha de Queixomé, deixãdouos a vós com todo meu poder, em guarda desta armada, fostes a terra falar com os imigos cercados, & com os homẽs que me fugiram, não tẽdo licença minha pera o poderdes fazer: & desobedecerme a gẽte da vossa nao sendo eu vosso capitão géral nasce de os terdes amotinados cõtra mi, afirmando que lhe tenho tomado a parte que lhe cabia dos vinte mil xerafins, que o Rey de Ormuz pagou de pareas: & que elRey dom Manuel nosso senhor mo mandaua em meu regimẽto, não sendo asi, & tudo isto he a fim de eu deixar esta empresa: porque todos desejaes de vos irdes pera a India carregar vossas quintaladas enfadados da guerra, & não vos lembra que esta obrigação tanto he minha como de todos, & que nos cõuem darmos boa conta a elRey nosso senhor deste reyno que temos ganhado. E sofrer Cogeatar tantos trabalhos & necessidades, sem me querer entregar quatro Christãos: visto está que sabe, que me aconselhais todos q̃ deixe a guerra & me vá, & quem tem esta culpa elRey nosso senhor o saberá. Ioão da Noua não ficou muito contente destas cousas, q̃ lhe Afonso Dalboquerque disse, & começouse a desculpar, & quanto era amotinar a gẽte da sua nao, que lhe perguntasse quantas vezes os reprendera, & forçara q̃ se embarcassem sem lhe quererem obedecer: & o que dizia das quintaladas, era verdade que quando em Calaiate lhe pedirão licẽça pera se jr pera a India fora pera carregar a sua nao, & jrse pera Portugal, como lhe Tri-

stão

tão da Cunha tinha mãdado em Çocotorá q̃ o fizesse: pera lhe leuar recado antes de sua partida, do q̃ elle tinha feito naq̃lla costa; & que sese quisera jr sem sua licẽça q̃ bem o pudera fazer, & como Ioão da Noua era de animo austinado & soberbo, começou a dizer muitas doudices, & fazer grandes aluoroços, de maneira q̃ era o arroido tamanho na nao, que os mouros q̃ estauão nos muros da cidade vigiando, começárã a dar grandes gritas, & atiráram quatro tiros de artelharia, falando muitas palauras contra Afonso Dalboquerque, como gente q̃ sabia daquelle aluoroço & diuisam, & vendo elle estas cousas, & q̃ já não aproueitauão boas palauras, pareceolhe que pera o credito de sua pessoa seria mais onesto matarẽno ali, que sofrer desobedecerenlhe, & remeteo a hũa espada de hũ grumete q̃ achou, & saltou, com os que erão autores deste aluoroço, no conues, & felos embarcar, & chegouse a Ioão da Noua & leuou o pelos peitos, & disselhe que se embarcasse logo. Como a gente da nao vio Afonso Dalboquerque embaraçado com Ioão da Noua, não ouue ninguem mais que ousasse falar, & foramse todos embarcar. Ioão da Noua como se vio atalhado (pera desculpa do que tinha feito, ainda que fosse contra sua honra) puxou pela barba que trazia muito comprida, & tirãdo algũs cabelos que atou em hũ lenço, começou a dizer alto. Eu me jrey a elRey, & diante do seu conselho lhe pedirei justiça destas barbas que me arrancastes, em pago dos seruiços que lhe tenho feitos nestas partes da India. Afonso Dalboquerque lhe respõdeo, seueramente: Eu não vos pus as mãos na barba, & ainda que vola arrancara toda, polo que tendes feito, & por me desobedecerdes, nem por isso me ouuera elRey nosso senhor de mãdar cortar a cabeça: & se eu vsara com vosco, & com os outros capitães do rigor de meu regimento, quãdo todos começastes a danar as cousas de Ormuz, não estiuerão ellas no estado em que agora estão, mas sofriuos com muita paciencia cuidando que assi se faria o seruiço delRey milhor, que era o que eu pretẽdia, & sem mais querer ter pratica cõ elle, o fez embarcar, & todos os mais culpados, & veiose pera a sua nao já muito de noite: & ao outro dia mandou Ioão da Noua preso sobre sua menagem á nao de Francisco de Tauora, & disse a Ioão Estão escriuão da armada, que tirasse hũa deuassa pera se saber quem tinha a culpa deste aleuantamento. Tirada a deuassa, achou o capitam & a todos tam culpados, que ouue que era milhor conselho perdoarlhe, polo tempo em que estauão, & pela necessidade que delles tinha, que darlhe o castigo que elles merecião, & por assossegar a gente daquelle aluoroço

em

em que andauão, deu a cada hũ dez xerafins, em parte do que lhe podia caber dos vinte mil xerafins de pareas, se fosse direito darlhos, & se não q̃ se descontarião nos seus soldos, & mandoulhe que se tornassem pera a nao: & aleuantou a menagem a Ioão da Noua, & tornoulhe a capitania, & não quis entender em suas culpas, & deixou o castigo dellas pera el Rey, posto que no seu regimento lhe daua poder pera tudo.

Como o grande Afonso Dalboquerque tornou á ilha de Queixome com determinação de tomar agoa, & do desbarato que fez na gente que o rey ali tinha pera guarda della. Capitulo. LIII.

COm todas estas deferenças, que o grande Afonso Dalboquerque cada dia tinha com os capitães, que lhe dauam bem em q̃ cuidar, nã deixaua de buscar remedio de auer agoa pera a sua armada, de que tinha muita necessidade: & posto que na ilha de Queixome (que era mais perto) se não podia já tomar sem força de gente, pela muita q̃ o Rey ali tinha mãdado depois do desbarato: com tudo determinou de jr lá, & primeiro que partisse, quis saber dos mouros que tomára em Arbes, onde se alojauão os capitães, & gente que o Rey ali tinha em guarda dos poços. Os mouros lhe disseram que toda estaua aposentada em hum lugar grande, q̃ se chamaua Queixome, & dali se prouiam todalas outras pouoações. Afonso Dalboquerque com esta informação, mãdou a Ioão da Noua, & Afonso Lopez da Costa, que se fizessem prestes com sua gente, pera jrem com elle & a Antonio do Campo que prouesse os paraos de mouros que os mareassem, pera carretarẽ agoa, & deixou Francisco de Tauora, & Manuel Telez em guarda das naos, & como foy mea noite partiram, & chegaram tam cedo defronte de Queixome, que foy necessario surgirem em pego, até serem oras pera verem onde desembarcauão: & como a menhaã começou a romper, mandou Afonso Dalboquerque chegar os bateis a terra, & desembarcou com toda a gente, & disse a Ioão da Noua, & Afonso Lopez da Costa, que com a sua fossem diãte, de rosto ao lugar, & dessem logo nelle, & mandou a Iorge Barreto com cincoenta homẽs, que dessem da banda do sertão, pera atalhar aos mouros, que se não acolhessem por aquella parte, & que ali se ajuntarião todos, & depois de lhe dár esta ordem, foise com

toda a outra gente marchãdo direito ao lugar, pera dar costas aos capitães. Ioão da Noua & Afonso Lopez da Costa apressaram se de maneira que chegáram primeiro q̃ Iorge Barreto, ao cabo do lugar, & derão em hũas casas grandes, onde estauão tres capitães do Rey de Ormuz, pondose já a caualo, & algũs archeiros. Como Ioão da Noua & Afonso Lopez da Costa sintiram nas casas gente, remeteram ás portas, & quebrarãnas cõ machados, & entraram com elles de roldão. Iorge Barreto que já era cõ elles foi os cometer por detras das casas, por cima das paredes de hũs quintaes. Os mouros, quebradas as portas da rua, recolherãose a hum patio, & ali se defendéram por hum bom espaço, sem os poderem entrar: os nossos enuergonhados da tardança, apertáram rijo com elles, & entrarãnos por força: & na entrada feriram Ioão da Noua, que foy o primeiro, & o meirinho, & despenseiro da sua nao, & mataramlhe hum marinheiro: mas os nossos se vingaram bem: porque matarám os tres capitães, que se estauam põdo a caualo pera fogir, & todos os archeiros que cõ elles estauão. Foy este feito tam apressado, & tambem pelejado, q̃ estando Afonso Dalboquerque muito perto das casas, em que isto passou, não sintio nada do que hia dentro, & quando entrou no patio, onde os nossos estauam, & vio tanto sangue, & tantos mouros mortos, começou a dizer grãdes palauras de louuor aos capitães, & a toda a outra gente, & que tomára por satisfação de seus seruiços, velos elRey dom Manuel seu senhor pelejar daquellas varandas: & sahiose fora das casas pera hum terreiro, & mandou a Aireis de Sousa, & Fernão Soarez, & a outros, que caualgassem nos caualos que ali estauão, & corressem o campo por derredor da vila, & não dessem vida a nenhũa pessoa que achassem: elles o fizeram, & mataram muitos mouros, molheres & mininos, & recolheram todo o gado que acharã & tornaramse pera onde Afonso Dalboquerque estaua, & como ali foram mandou matar todos os caualos, porque os mouros se não aproueitassem delles, & fez recolher todos os mantimentos aos bateis, & veiose cõ esta vitoria pera as naos: & não quis que posessem fogo ao lugar, porque auia muitos mantimẽtos, & esperaua q̃ quando os bateis tornassem por ágoa leuassem de cada vez hũs poucos, & deixou Antonio do Campo no seu nauio em guarda dos poços: pera fauor dos que lá mandasse por agoa, & como chegou ás naos, mãdou lançar hum parao cheo de mouros principaes, que ali mataram, na ribeira da cidade, & por ser gente hõrada, & de estima, fizeram por elles grande pranto. Descarregados os paraos dos
manti-

mantimentos, mandou Afonſo Dalboquerque Franciſco de Tauora, & Iorge Barreto a Queixome onde Antonio do Campo ficára, que trouxeſſem toda a agoa & mantimentos que pudeſſem, & depois de ſerem partidos, chegou o piloto de Antonio do Campo com recado pera Afonſo Dalboquerque, que lhe fazia a ſaber, q̃ da gauia da ſua nao viram ao már muitos nauios, que vinham á vela contra a ilha de Lara: que lhe mandaſſe dizer o que faria, & elle porque o dia de antes viera de lá, & não auia noua de tal armada, não ſe pode determinar no q̃ podia ſer, & pera ſe certeficar, diſto mandou vir perante ſi dous mouros honrados, que tomára na ilha. & perguntoulhe que nauios podiam ſer aquelles: hum delles lhe diſſe, q̃ deuião de ſer hũs que Cogeatar mandaua vir de Iulfar, pera ſe jr nelles cõ o Rey, & com toda ſua caſa pera a meſma ilha, que ſocorro não podia ſer, porque Cogeatar não auia de meter mais gente conſigo na cidade da que tinha, pela muita falta q̃ auia de mantimentos & de agoa: & o outro mouro diſſe que aſsi lhe parecia: porque a noite antes que os tomaſſem, paſſara hum criado de Cogeatar com grande preſſa, & lhe diſſera q̃ hia a Iulfar com recado ao goazil, que lhe mandaſſe gente & nauios, que não ſabia pera que era.

Como o grande Afonſo Dalboquerque mandou a Afonſo Lopez da Coſta, & Manuel Telez que ſe foſſem ajũtar com Antonio do Campo, & cometeſſem a armada dos mouros, & elles a deixaram & ſe foram caminho da India. Capitulo. LIIII.

COm eſta noua que o grande Afonſo Dalboquerque teue da chegada deſtes nauios á ilha de Lara, mandou logo recado de noite a Afonſo Lopez da Coſta, & Manuel Telez, que ſe foſſem ajuntar com Antonio do Campo, auiſandoos (pela informação que tinha dos mouros que tomara na ilha de Queixome) da armada & gente que podia ſer, & aſsi lhe mandou dizer a maneira que auia de ter, cometendo a armada pera pelejar, & que por Men Rodriguez, condeſtabre dos bombardeiros, que lhe aquelle recado leuaua, o auiſaſſem logo do que paſſaua: porque tendo neceſsidade de ſocorro, elle em peſſoa

jria com todas as outras naos. Manuel Telez & Afonso Lopez da Costa, como lhe derã este recado, leuárã suas ancoras & foramse á ilha de Queixome, onde Antonio do Campo estaua, & disseramlhe o q̃ Afonso Dalboquerq̃ mãdaua, & ali assentárã todos tres de jrem cometer a armada dos mouros, & indo á vela começando a descobrir hũa ponta da ilha: como os mouros ouuerão vista dos nossos nauios, largáram as amarras, & a remo, & a vela fogiram, & elles lhe foram dádo caça duas legoas, sem os poderem alcançar, & por ser já noite tornáramse a ancorar no porto da ilha onde a armada dos mouros estaua surta, & dali escreueram por Men Rodriguez a Afonso Dalboquerque o que tinham feito, & como estauam esperando recado seu, do que auião de fazer. Chegado Men Rodriguez com este recado, tornou o logo a mandar, que dissesse a Afonso Lopez da Costa, & Antonio do Campo, que pois a armada dos mouros era jda q̃ tornassem a tomar suas estancias derredór da cidade, como estauam, & a Manuel Telez q̃ se viesse surgir junto da sua nao, & que o despacharia pera leuar os mãtimentos á fortaleza de Çacotorá como lhe tinha dito. Men Rodriguez partiose lógo, & foise direito á ilha de Lara: onde os capitães todos tres ficáram, & chegando deulhe este recado, & elles lhe responderam que se estauão fornecendo de agoa, & como a tiuessem tomada, se tornariam logo aos lugares onde lhe mandaua. Tornado Men Rodriguez, no caminho topou com Francisco de Tauora, & Iorge Barreto q̃ vinham da ilha de Queixome, carregados de agoa, & deramlhe hum mouro velho morador na ilha de Lara, que ali tomáram q̃ trouxesse consigo, o qual era hũ piloto que fugira em Cananor a Antonio de Saldanha, a primeira vez que fora á India. Como Men Rodriguez chegou deu o mouro a Afonso Dalboquerq̃, & disselhe q̃ achara os capitães todos tres em terra, passeando pela praia, afastados da gẽte, & q̃ Afonso Lopez da Costa lhe dissera com grande arrogancia, dizei vós ao nosso capitão géral q̃ digo eu, q̃ homẽs sam estes pera lhe elle mandar suas partes dos quinze mil xerafins perfumados a bordo: disto que lhe Men Rodriguez disse nã ficou Afonso Dalboquerq̃ contẽte, & pergũtou ao mouro q̃ armada era aq̃lla, & q̃ gẽte trazia: elle lhe disse q̃ eram sessenta nauios, & q̃ vieram nelles quatro mil homẽs, & o capitam se chamaua Xaquear, o qual vinha por mandado de Cogeatar guardar todas aquellas agoadas, porque a sua gente não tomasse agoa nellas. Passados dous dias como Afonso Dalboquerque vio que os capitães não vinham a tomar as estancias, que lhe elle tinha

mandado que tomassem, nem recado seu, mandou Fernão Soarez no batel de Frol dela már, & Pero Gonçaluez piloto mór, no esquife do Cirne que fosse em busca delles, & lhe dissesse, que se espantaua muito ná virem com os seus nauios aonde lhe tinha mandado. Chegado Fernão Soarez á ilha, como os não achou portou em terra, & tomou hum mouro que lhe disse, que aquelles tres capitães que ali estauam, tomáram agoa, & se forneceram de muita carne, & tassalhos, & salmoura, metida em jarras, & fizeramse á vela, & foram na volta do cabo de Maçandi. Fernão Soarez tornouse com esta enformação que achou, & disse a Afonso Dalboquerque o q̃ passaua dos capitães, & q̃ a armada dos mouros ficaua surta antre ilha de Lara, & a de Queixome: elle enfadado de sua fugida, deixãdo a armada dos mouros por desbaratar, & a elle em cerco sobre hũa cidade tamanha com tres nauios, que hũa armada por piquena que fosse, lhe podia dar muito trabalho, em caso tam nouo ficou suspenso, por espaço de seis dias, sem se saber determinar em o que faria, & mais vendo o grande aluroço que auia nos mouros da cidade, como homẽs que tinham sabido a fogida dos capitães: de hũa parte via a cidade (pelos muitos trabalhos que padecia, de fome & cede) rendida, se a não deixasse: da outra, a grande obrigação que tinha de prouer a fortaleza de Çacotorá de mantimentos, pela muita necessidade que delles tinha (os quaes Manuel Telez leuaua no seu nauio.) E estando assi nestas considerações, tomou por mais seguro conselho aleuantarse daquelle cerco, & jr socorrer a fortaleza de Çacotorá, com esses poucos de mantimentos que tinha, & as cousas de Ormuz deixalas a Deos: porque elle lhe daria outro tempo, em que se milhor pudesse ajudar delle: & com esta dor que tinha de deixar Ormuz, se foy á nao de Ioão da Noua, & disselhe que já tinha sua vontade comprida: pois que Antonio do Campo, Afonso Lopez da Costa, & Manuel Telez eram fugidos pera a India: que sua determinação era jr socorrer a fortaleza de Çacotorá com algũs mantimentos, pois Manuel Telez leuára os que tinha pera lhe mandar, que se fizesse prestes, & que jria em sua companhia ate o cabo de Roçalgate, & dali se jria caminho da India. Ioão da Noua lhe disse, que elle não folgára de lhe os capitães fugirem, nem nunca fora com elles em tal conselho, mas antes lhe parecia muito mal o que tinham feito: que lhe pedia muito por merce, pois lhe daua licença pera se jr pera a India, que

lhe

lhe aleuantasse a menagem que lhe tinha tomada. Afonso Dalboquerq̃ lha aleuantou, & despachou Pedraluarez criado do condestabre, pera jr em sua companhia, com cartas pera o Visorrey, em que lhe daua cõta da fugida dos capitães, & como o deixáram sobre aquella cidade, tendo noua certa que a armada do Soldão estaua em Diu fazendose prestes, com a do Rey de Cambaya, pera virem sobrelle: a qual noua soubera por hũs mouros, que se tomáram em hũa nao de Ormuz, que vinha de Diu, que Cogeatar lá mandára a pedir este socorro: que pedia a sua Senhoria q̃ se estes capitães lá eram, que lhe desse aquelle castigo que elles merecião, por deixárem o seu capitam géral em tal tempo, & lhe fugirem, & deu licença a Iorge Barreto seu cunhado pera se jr, porque lha pedio, & mandou a Ioão Estão, & a Ioão Teixeira (a que deu juramento dos sanctos Euãgelhos) q̃ tirassé deuassa pelas naos da fugida dos capitães, & depois de tirada a mãdou a Portugal a elRey dom Manuel, pera ser certificado como lhe fugiram, & o tempo em que o deixáram: & deu licença a algũs homẽs, que tinhã aluarás delRey, pera seruirẽ officios, & capitanias, & a todos mãdou pagar tudo o q̃ lhe era diuido de seus soldos & ordenados, até aq̃lle tẽpo.

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio pera Çacotorá, & chegado á ilha mandou Francisco de Tauora a Melinde buscar mantimentos, & o mais que passou. Capitulo. LV.

Estando o grande Afonso Dalboquerque com suas naos prestes pera partir, vieram dous mouros jũto da nossa fortaleza, & começáram a capear com hũa bandeira, & como os vio mãdou Aires do Sousa, & Ioão Estão, & Gaspar Rodriguez lingoa a terra, saber o que queriam: os mouros disseram, q̃ dissessem ao capitam mór, q̃ o Rei desejaua muito sua amizade, & que faria tudo quanto elle quisesse, mas que os seus homẽs nã lhos podia entregar, porque eram já seus jrmãos. Afonso Dalboquerque entendendo que isto eram manhas & disimulações de Cogeatar, por lhe ver já pouca armada, respondeolhe que por muitas vezes lhe tinha mãdado dizer, que nenhum concerto auia de fazer com elle, sem primeiro lhe mandar entregar os seus homẽs, & que agora o faria de pior vontade, pois os fizera arrenegar a fé de Iesu Christo, nas mesquitas

de Masamede, & que se elle tal sofresse, elRey seu senhor lhe mãdaria cortar a cabeça chegando a Portugal, & que lhe prometia (dandolhe nosso senhor dias de vida) de muito cedo lhe tirar a gouernança do reyno de Ormuz, & acabar aquella fortaleza q̃ deixaua começada: & que entam lhe pagaria em dobro todalas perdas & danos que aquella armada tinha recebidos: & mandou a Ioão Estão que assi lho notificasse, & passasse hũ estromento pubrico, de tudo o que era passado atè aquella hora. E posto que este requerimento que elle mandou fazer a Cogeátar parecesse cousa de zombaria, todauia, depois na segunda tomada deste reyno de Ormuz lhe aproueitou, pera sem escandalo lhe pagarem tudo o que lhe fizeram gastar. Aires de Sousa foy com este recado a terra, & sem mais ter outra pratica com elles se tornou. Chegado ás naos mandou Afonso Dalboquerque chamar a Francisco de Tauora, & tomoulhe a menagem, arreceando que lhe fugisse como tinha dito, & fezse á vela com Ioão da Noua em sua companhia, & sendo tanto auante como Çoá, hũ dia pela menhaã não vio Frol dela már; & parecendolhe que faria outro caminho, & que se tornaria ajuntar com elle. Passou aquelle dia todo sem a ver, & não a vendo ao outro assentou que era ida caminho da India: & pezoulhe muito de se Ioão da Noua apartar delle sem lhe falar, ficando de lhe ter companhia atè o cabo de Rosalgate, & fez seu caminho via de Çacotorá, & sendo na paragẽ do dito cabo, ouuerão vista de hũa nao, & derãolhe caça todo aquelle dia, & por noite a perderam, & tornaram a seguir sua viagẽ: & indo naquelle golfão tomáram hũa nao de mouros, que vinha de Meca muito rica, & do dia q̃ partiram de Ormuz a vinte dias, foram ancorar no porto da ilha, & achárã o capitão da fortaleza muito doente, & com tanta necessidade de mantimentos, que já não comião senão palmitos, & hũa fruita braua do mato, & erão já mortas quatro pessoas, & toda a outra gẽte muito doente, & com a chegada de Afonso Dalboquerq̃ ficárã muito cõtentes, & prouidos de mantimentos & tudo o mais que lhe era necessario pera suas doẽças. Deu cõta a dõ Afonso de tudo o q̃ tinha passado em Ormuz, & da fugida dos capitães, & como Manuel Telez leuára todos os mãtimẽtos & cousas de doẽte, q̃ lhe tinha dadas pera trazer: & pera mais cõtẽtar a gẽte, deulhe parte a todos da fazẽda da nao q̃ tomárã no caminho, & mãdoulhe pagar oito meses de soldo, q̃ erão diuidos: & depois de todos estarẽ contentes & satisfeitos, entẽdeo em mãdar concertar os bateis, que trazia muito comestos de busano, & as naos algũas cousas que lhe eram

neces

necessarias, & como teue tudo prestes despedio Francisco de Tauora com dinheiro & mercadorias, q̃ fosse a Melinde carregar a nao de mãtimẽtos, porque na fortaleza não auia tantos que bastassem á gẽte que nella estaua, & dissélhe q̃ depois de tomados os mãtimentos, se fosse tér cõ elle ao cabo de Guardafum, & trouxesse consigo qúaesquer nauios, que em Melinde achasse, pera em Maio irem inuernar a Çacotorá. Concertado isto fizéramse á vela: Francisco de Tauora fez seu caminho pera Melinde, & Afonso Dalboq̃rq̃ foy na volta da ilha de Bedalcuria pera andar ali algũs dias: porq̃ lhe dissérão os pilotos mouros, q̃ as naos q̃ vinham demandar o cabo de Guardafum, era milhor aguardarẽnas naquella paragem, q̃ em outra parte. Chegado ao porto da ilha, em surgindo mandou lançar vinte homẽs em terra com dous mouros, que trazia de Çacotorâ, que sabiã a lingoa, pera lhe tomárem algum mouro da terra, & elles ordenáramse tambem que lhe tomárão seis, & mandoulhe Afonso Dalboquerq̃ depois de serem na nao perguntar por ambre (porque nesta ilha ha muito) & se erão passadas algũas naos de mouros pera a India: elles lhe amostrárã hũ pedaço de ambre, em que aueria hum marco, & dissérãolhe q̃ auia poucos dias que ali chegára hũa nao que vinha da India, & q̃ se perdera com leuãtes naquelle porto, & que lhe tomáram todo o ambre que tinhàm: & fizeram hum zambucho piqueno da madeira da nao em que se foram. Os mouros desta ilha he gente bestial, mórão em choças cubertas de limo do már: aueria naquella pouoaçã quarẽta moradores, andã vestidos de peles: tem grãdes criações: o seu mãtimẽto he pescado, leite, & carne: he terra muito doentia. E porq̃ a gẽte (esses dias q̃ ali esteue) começou de adoecer, deixou Afonso Dalboq̃rq̃ a determinação q̃ leuaua de estar ali, & mãdou pór os mouros q̃ tomárã em terra, & fezse á vela, & foy surgir de dẽtro do cabo de Guardafum, & ali esteue surto só, tendo sempre hũa atalaia em cima da serra, que está sobre o rosto do cabo, donde se vé a Bedalcuria, & todo aquelle már: os mouros de hũa pouoação que ali está, lhe dauão todos os mantimentos & agoa que auião mister, á troco de panos. Afonso Dalboquerque andou nesta paragem do cabo de Guardafum, de quinze de Ianeiro até treze dias de Maio, sem ver mais que quatro naos, as tres lhe fugiram: porque ouuerão vista delle de longe, & estauão de balrauento, & a que tomou trazia poucas mercadorias, que vinha da ilha de Diua que jaz ao már de Ceilão.

¶ A gẽte desta terra he muito domestica, Afonso Dalboq̃rq̃ lhe fez muito

boa companhia,& deste cabo atè a boca do estreito não tem Rey: sam gouernadores por Xeques: suas armas sam adargas, & espádas mouriscas: tem grandes criações de gados, & muitos camelos de que se seruem: ha pela terra dentro muita mirra, que trazem a vender: & na serra muitas aruores em que nasce o encenço q̃ os nossos em cõpanhia dos mouros, em quanto ali estiuerão, hião muitas vezes apanhar: não tem moeda, nem dá nada por dinheiro, senão a troco de panos fazem suas compras & vẽdas: deste cabo de Guardafum atè Feliz ha tres portos: hum se chama Bédariçaa, outro Bendaraxaa, & o derradeiro Bendesymuçaa, & todos tres tẽ ágoa doce á borda do már, & cada hum tem seu senhor, & logo diãte está Feliz, Metee, Barbora jazira, & Barbora fiara, & mais chegado ás portas do estreito do már roxo pela mesma costa, jaz Zeila jadit: & daqui a tè o cabo do estreito não ha mais lugares.

De como chegado Francisco de Tauora ao cabo de Guardafum o grande Afonso Dalboquerque despachou logo Fernão Gomez, & o mouro que Tristão da Cunha deixara em Melinde pera jr ao Preste, & se partio pera Çocotora, & o mais que passou. Capitulo. LVI.

SEndo já fim de Abril, chegou Francisco de Tauora ao cabo de Guardafum, onde o grande Afonso Dalboquerque estaua, & em sua cõpanhia trouxe Diogo de Melo, & Martim coelho, que áchou em Melinde, que vinham de Portugal, & todos tres tomáram na paragẽ de Magadaxo hũa nao de Cãbaya q̃ vinha carregada de roupa, & depois de a terẽ despejada de tudo o q̃ trazia, poserãlhe fogo. Afonso Dalboquerq̃ folgou muito cõ a vinda de Diogo de Melo, & de Martim Coelho, & partio cõ elles do q̃ tomárã na nao, & depois de falarẽ em nouas de Portugal, dissélhe Frãcisco de Tauora, q̃ em Melĩde achára o comendador Ruy Soarez, & lhe requerera que se visse com elle, pois era da sua obrigação, & os outros capitães erão idos caminho da India, & sobrisso lhe fizera muitos requerimẽtos polo seu escriuão, & q̃ lhe respõdera que se queria jr pera o Visorrey: & que tambem trazia consigo Fernão Gomez, & o mouro que Tristão da Cunha lá deixara encomẽdados ao capitã de Melinde, pera os mãdar pór no cabo de Guardafum, pera dali

fazerẽ

fazerem seu caminho, como elRey dom Manuel mandaua, & Fernão Gomez lhe requerera, que os trouxesse com sigo: pois o capitam não posera por obra o que lhe Tristão da Cunha deixára tam encomendado auia tãto tempo. Afonso Dalboquerque se espantou muito quando os vio, porq̃ auia tanto tẽpo q̃ eram partidos, que cuidou que estauão já em Portugal, & perguntou ao mouro que caminho determinaua de fazer, & por onde auia de tornar pera Portugal. O mouro lhe disse que o seu caminho auia de ser polo sertão de Barbora zeila, & pela terra do Cadandin, hum capitão mouro, que andaua em guerra com outro do Preste Ioão: porque a terra confina hũa com outra, & que a cafila que hia de Zeila pera o Preste Ioão, passaua sempre segura, porque leuaua saluo conduto de ambos, & que sua tornada pera Portugal seria por Tambocotu, & dali a Arguin polo rio de Çanaga, porq̃ este caminho andára elle já. Afonso Dalboquerq̃ mãdou dar a cada hum cincoenta xerafins pera sua despesa, porque o mouro nã quis q̃ lhe dessem mais, & dizia q̃ não leuaua maior imigo cõsigo q̃ o dinheiro: & escreueo por elles hũa carta ao Preste Ioão em Arabigo, & outra ẽ Portugues. O mouro era muito auisado, & sesudo, & nã hia muito cõtente de Fernão Gomez: porq̃ falaua muito, & auia medo q̃ soltasse algũa cousa, com q̃ se perdessẽ todos, & quisera q̃ Afonso Dalboquerq̃ lhe déra outro cõpanheiro, & não o fez, por ser já a cousa ordenada por Tristão da Cunha: & depois de os tér despachados, mandou os pór em hum batel em terra por Nuno vaz de Castelo brãco, abaixo do porto de Feliz, & dali fizerão seu caminho, & déram a entender aos mouros da terra, q̃ erão mercadores, & que perdéram a nao, & as mercadorias, & elles sós se saluáram. Despachados estes homẽs, esteue Afonso Dalboquerque ali no cabo cõ os outros capitães até quinze de Maio, q̃ os pilotos mouros lhe disserã ser a moução das naos já passada, & se quisesse jr dar vista a Adem como tinha determinado, não podia tornar a inuernar a Çocotorá: porque corrião as agoas naquelle tempo ao norte, & não podiam tomar a ilha em nenhũa maneira, & com este conselho leuáram suas amarras, & deram ás velas, & sem lhe acontecer nenhũa cousa no caminho, vieram ancorar diante da fortaleza de sam Miguel, com determinação de a prouerem de mantimentos, que leuauão, & dahi jrem inuernar a Mascate, & porq̃ achou a gente da terra leuantada contra a fortaleza, com lhe terem mortos agũs homẽs, mudou o conselho & ficou ali áquelle inuerno, pera ver se os podia pacificar, & mandou ao feitor da sua armada, que mandasse

entregar na fortaleza todos os mantimentos, & que nas naos nã ficassem mais que aquelles que ouuessem mister pera sua viagem. Afonso Dalboquerque com essa gente que consigo trazia, começou a fazer à guerra aos da terra, & depois de serem bem escozidos, & a morte dos nossos bẽ vingada, mandáram cometer concerto, & elle o aceitou, com pagárem de tributo cada anno pera a gente da fortaleza, seis cẽtas cabeças de gado meudo, & vinte vacas, & quarenta fardos de tamaras. Feito este concerto, & todos á obediencia de dom Afonso capitão, mandou concertar suas naos, & fazer hũa fusta de catorze bancos, pera leuar consigo, porque determinaua da dar hũa vista a Ormuz, & neste inuerno que aqui esteue, foram as tormentas tam grandes & tam continuas, que muitas vezes estiuerão as naos em risco de se perderem: & porque o rey grande era muito alteroso de castelos, & corria mais risco de se perder que as outras naos, foy necessario, por conselho dos méstres & pilos, mandarlhos cortar. Francisco de Tauora anojouse tanto disto que disse a Afonso Dalboquerque, que pois lhe mandaua desfazer a sua nao que desse a capitania della a quem quisesse porque elle a não queria, nem andar mais com elle: & por aqui se foy destemperando em palauras. E porque estas paixões vinham já de lõge não lhe quis responder & disimulou cõ elle, tendo muita rezão de o castigar, porque o mandou a Melinde buscar mantimentos, & elle por andar ás prezas naquella costa, deixou de carregar a nao delles, & trouxe tãpoucos, que depois das naos fornecidas dos q̃ lhe eram necessarios pera sua viagẽ, não ficauão mantimentos que podessem abastar â gente da fortaleza tres meses, se não foram as tamaras, & o mais que a gente da terra eram obrigados a dar. Passados tres dias, vendo Francisco de Tauora que tinha muita culpa das palauras que dissera a Afonso Dalboquerque sem rezão, mãdoulhe pedir perdam por dom Afonso de Noronha seu sobrinho, & que lhe tornasse a sua nao: elle lhe respondeo que já era enfadado das cousas de Francisco de Tauora, & de lhe fazer tantos mimos como lhe tinha feitos que pois deixára a sua nao sem nenhũa rezão, que lha não auia de tornar, que pera a India hiam que o Viserrey lha mandaria dar.

De como chegâram á India Manuel Telez & Afonso Lopez da Costa & Antonio do Campo, & deram capitulos ao Visorrey do grande Afonso Dalboquerque, & da deuassa que sobre isso mandou. Capitulo. LVII.

Como

COmo auia muitos dias que eſtes capitães tinham determinado de deixarem o grande Afonſo Dalboquerque, & jremſe pera à India ao Viſorrey, partido Men Rodriguez da ilha de Lara, fornecerã ſuas naos de agoa, & mãtimentos, & fizeramſe à vela, & em poucos dias chegárã a Cochim, & como deſembarcáram foramſe todos tres ao Viſorrey, & fizeramlhe grandes exclamações, dizendo que elRey dom Manuel os mãdára em companhia de Afonſo Dalboquerque pera andarem com elle no cabo de Guardafum, aguardãdo as naos q̃ hiam carregadas de eſpeciaria pera Meca, & que elle deixára eſte caminho, & ſe fora à coſta do reyno de Ormuz, & ali andára ſempre contra conſelho de todos, fazendo a guerra ſem nenhum proueito, & não contente diſto, começára a fazer hũa fortaleza, não lhe mandando elRey que a fizeſſe: & vendo elles quam pouco ſeruiço de ſua Alteza iſto era, & que ſó por ſeu parecer a queria fazer, lhe fizeram hum requerimento, ao qual reſpondera muito más palauras: por ſer homem muito aſpero de condição, & muito ſupito, ſem ter conta cõ a honra dos homẽs, & por não querer ſenão inſiſtir em fazer a fortaleza, lhe tornaram a fazer outro requerimento, ao qual tãbem não quiſera reſponder, & polos deſprezar, & não tér conta com o que lhe diziam, ſendo muito ſeruiço delRey noſſo ſenhor, o mandára meter debaixo de hũ portal da fortaleza, que ſe eſtaua aſſentando, como ſua ſenhoria podia ver polo trelado do requerimento, que ali apreſentauão, aſsinado por elles, & por Franciſco de Tauora que lá ficaua preſo, que pediam a ſua ſenhoria q̃ mandaſſe tirar teſtemunhas de tudo aquillo que lhe dizião, por aquelles capitulos que ali apreſentauam contra elle, & ſabida a verdade lhe fizeſſe juſtiça, & mandaſſe paſſar ſeus eſtromentos pera ſe irem a Portugal pedir juſtiça a elRey dom Manuel das injurias que lhe tinha feitas, & das partes que lhe roubara ſem lhas querer pagar. E o Viſorrey mandou a Gaſpar Pereira, que ſeruia de ſecretario, que lhe leſſe o requerimẽto, o qual dizia deſta maneira.

¶Do requerimento, & proteſtação que nós Afonſo Lopez da Coſta, Franciſco de Tauora, Manuel Telez, & Antonio do Cãpo, capitães delRey noſſo ſenhor fazemos ao muito honrado ſeñor Afonſo Dalboquerq̃, noſſo capitã mór: vós Ioão Eſtão eſcriuão deſta armada nos dareis a cada hũ ſeu eſtromẽto, & mais ſe nos neceſſario forem pera elRey noſſo ſeñor, ou pera o ſeñor Viſorrey: em como he verdade q̃ ſua Alteza nos mãdou

em ſua companhia a eſtas partes pera ſe fazer hũa fortaleza na ilha de Ç o cotorá, a qual os mouros tinham feita, & nós lha tomamos por força de armas, & que depois de acabada foſſe guardar o eſtreito do már roxo, que não paſſaſſem naos carregadas de eſpeciaria pera Meca: & pois tem toma da eſta cidade de Ormuz & feita tributaria a elRey noſſo ſenhor, & aſſentado nella feitoria em muita paz & aſſoſſego, ſem ſer neceſſario outra nenhũa couſa, não ſe deue elle ſeñor capitão mór de meter a fazer fortaleza: porque he muito deſſeruiço delRey, & perda de ſua fazenda: & riſco da gente & artelharia que nella ficar, por muitos reſpeitos & rezões, que elle ſenhor capitão mór não quer olhar, nem a hũ capitulo do ſeu regimento que diz, que podendo fazer algũa fortaleza a faça em parte & lugar q̃ ſeguramente ſe poſſa manter & defender pela gente que nella ficar. E que bem deue de ver quanto cumpre ao ſeruiço delRey noſſo ſenhor, & a ſeu eſtado, fazerſe aſsi. E as mais rezões afora eſtas daremos a ſua alteza, ou ao ſeu Viſorrey da India ſendo neceſſario. E que ſe deue de lẽbrar, que a fortaleza de Çocotorá ficaua com a maior parte da gente doente, & com mã timentos pera tres meſes, que ha que de lá partimos, & que a terra não tẽ mais que os que lhe vam de fora, & que nella ficauão ainda muitos mouros q̃ hão de trabalhar por amotinar os Chriſtãos da terra cõtra os noſſos, os quaes eſcandalizados de lhẽ tomarem contra ſua vontade o gado de q̃ viuem (que lhe os mouros não tomauão) teram rezão de os ajudarem & ſerem em ſeu fauor, de que ſe pode ſeguir darem muito trabalho á noſſa gente: & eſta fortaleza que elle ſenhor capitão faz aqui em Ormuz, nã ſe póde acabar, pera ficar gente & artelharia em guarda della, daqui a cinco meſes: & ſe elle por todo eſte mes de Nouembro não partir daqui, já o não poderá fazer eſte anno, por ſer paſſada a moução de ſe guardar o eſtreito, q̃ ſeria grande deſſeruiço delRey noſſo ſenhor, & a fortaleza de Çocotorá corria grãde riſco de ſe perder, polo qual lhe requeremos da parte delRey noſſo ſenhor, & do ſenhor Viſorrey, que elle ſe parta logo a prouer a dita fortaleza, como ſua Alteza lhe manda em ſeu regimento, & dahi entrará o eſtreito do már roxo: & aſsi lhe requeremos da parte do dito ſenhor que mande logo daqui eſta nao Frol delamar ao ſenhor Viſorrey, pera ſe renouar & não ſe perder, por quanto a armada q̃ lhe fica, abaſta pera guarda do eſtreito, & neſta nao pode mandar as mercadorias, pareas, & embaixadores, que determina mandar a elRey noſſo ſenhor: porque da India irá tudo mais ſeguro que daqui: quanto mais que com as mercadorias & di-

nheiro

nheiro que tem recebido das pareas, ſe podera eſte anno remediar a carga das naos, pela muita falta que de tudo ha na India, que ſera mais ſeruiço delRey noſſo ſenhor, que mandalo à Portugal, & por Ioão da Noua póde eſcreuer ao ſenhor Viſorrey, os termos em que tem eſta cidade, pera ſua ſenhoria prouer niſſo, como lhe parecer mais ſeruiço de ſua Alteza: pois no ſeu regimento lhe manda, q̃ ganhando algũ reyno, ou outra qualquer couſa, lho faça logo a ſaber pera elle niſſo prouer como lhe parecer mais ſeu ſeruiço. E não querendo elle ſenhor capitão fazer tudo iſto que lhe requeremos: proteſtamos por todalas perdas, danos, & proueitos da fazenda delRey noſſo ſeñor, & de não ſermos dignos de nenhũa culpa: pois lho requeremos em tempo, que ſe pode tudo remediar. E iſto com ſua repoſta ou ſem ella (ſe a dar ná quiſer) nos dareis os ditos eſtromentos, cõ proteſtação de repricarmos ſe comprir. Feito & aſsinado por nós neſte porto da cidade de Ormuz à treze de Nouembro, da era de mil & quinhentos & ſete annos.

Como o Viſorrey dom Franciſco Dalmeida ouuidos os capitães mandou tirar deuaſſa do grande Afonſo Dalboquerque, & do que paſſou com elles ſobre a noua que lhe veio de Portugal. Capitulo. LVIII.

VEndo o Viſorrey dom Franciſco Dalmeida o requerimẽto, & capitulos, que lhe os capitães apreſentaram contra o grande Afonſo Dalboquerque, mandou por Gaſpar Pereira (que ſeruia de ſecretario) fazer hum auto de tudo, & poz hum deſpacho que dizia.

¶ Dom Franciſco Dalmeida Viſorrey das Indias por elRey meu ſeñor, mando a vós Gonçalo Fernandes, & Franciſco Lamprea, eſcriuão publico & judicial neſtas partes da India, & a Pero Vaz eſcriuão que foy da carauela ſam Iorge, & a Ioão Saramenho recebedor dos defuntos, que todos quatro tireis eſta inquirição (pelas teſtemunhas que vos nomearem Manuel Telez, Afonſo Lopez da Coſta, & Antonio do Campo) cõtra Afonſo Dalboquerque, ás quaes perguntareis por hũs capitulos que vos apreſentarão: & Gonçalo Fernandez ſerá o enqueredor, & os outros tres eſcriuães, & ſereis ſempre todos quatro preſentes ao tirar das teſtemunhas: & por a parte não ſer preſente, viram todas as teſtemunhas jurar perante

mim,

mim, & as testemunhas que nomearem que estão em Cananor, se mandaram lá tirar: & tirarseha esta inquirição em casa de Gonçalo Fernandez enqueredor, onde o feito cada dia ficará fechado em hum cofre com tres chaues, & cada escriuão leuará sua: & já todos quatro recebestes juramẽto perante mĩ, que vos foy dado por Gaspar Pereira, de o fazerdes bem & direitamente. Feito em Cochim a vinte & seis dias do mes de maio. Gaspar Pereira o fez, de mil & quinhẽtos & oito annos.

¶ E asi vos mãdo, que qualquer cousa que disserem as testemunhas fora dos artigos, a bem de feito, por parte dos autores, q̃ o escreuais: & se algũa testemunha (depois de tér testemunhado) vier dizer que lhe lembra algũa cousa, escreueloeis.

¶ Acabado o Visorrey de pór este despacho no requerimẽto dos capitães, mandou a Gaspar Pereira que entregasse todos os papeis aos escriuães & enqueredor, que auiam de tirar a deuassa, & asi lhe mandou entregar hũ papel, com sessenta capitulos, que lhe os ditos capitães derã cõtra Afonso Dalboquerque. Que se pode dizer aqui deste negocio? senão que ou era odio que o Visorrey tinha a Afonso Dalboquerque, ou paixão? pois quis proceder desta maneira sem o ouuir, & aceitaua capitulos contra elle dados pelos capitães que lhe fugiram, deixando o seu capitão na guerra, pelejando de dia & de noite com as armas ás costas, sem os reprender de o deixarem & fugirem pera a India, tendo rendido hum reyno tamanho, & tam poderoso, á obediencia delRey de Portugal, com tam piquena armada como tinha, & aceitar por culpa a falta dos mantimentos da fortaleza de Çacotorá, andando Manuel Telez passeando em Cochim, q̃ fugio com a sua não carregada delles, q̃ Afonso Dalboquerque tinha prestes pera lhe mandar. Muito tinha que dizer nesta materia que deixo por me não sahir da historia.

¶ Nestes dias que se isto negoceaua, chegáram Fernão Soarez & Ruy da Cunha, que vinham de Portugal, em companhia de Iorge de Aguiar, q̃ deste reyno partio o anno de oito, por capitão mór de tres velas, o qual elRey dom Manuel mãdaua, pera andár de armada no cabo de Guardafum & na cósta de Ormuz com certas naos, & o grande Afonso Dalboquerq̃ se fosse gouernar a India, & depois da chegada destes dous capitães a Cóchim, estando hum dia o Visorrey assentado na ramada, com esses fidalgos & caualeiros da India, sendo tãbem presentes, Ioão da Noua, Afonso Lopez da Costa, Antonio do Cãpo, & Manuel Telez: Começou a dizer.

Señores, nestas naos me vieram cartas, em que me dam noua de hũa grãde merce que me elRei nosso senhor faz, & he q̃ pois tenho acabado meus tres annos, que me vá pera Portugal: & Afonso Dalboquerque fique no meu cargo, gouernando a India. Certamẽte, nosso senhor me faz muita merce nisto, pois já sou morto no contentamẽto que podia ter das cousas deste mundo: & meus peccados merecéram ver eu antes de minha morte os trabalhos q̃ tenho visto. E por aqui foy dizẽdo outras muitas palauras, que significauão a dor que tinha da morte de seu filho. Com esta noua q̃ o Visorrey deu de sua jda pera Portugal, ficáram todos muito tristes, principalmente Ioão da Noua, & os capitães q̃ fugiram da guerra de Ormuz. Antonio do Campo que foy sempre o principal nas differẽças q̃ ouue em Ormuz, antre Afonso Dalboquerque & os capitães (parecendolhe q̃ nisto lizõgeaua o Visorrey, & tambem por indignar os que estauão presentes contra Afonso Dalboquerque) aleuãtouse em pé & disse. Señor, mandar elRey nosso senhor que vossa Senhoria se vá desta terra, & deixe a gouernança a Afonso Dalboquerque? sua Alteza acertou nisto quanto foy sua vontade, & eu espero em Deos, que asi como as cousas da India sam gouernadas da sua mão, que elle lhe mostre pelo tempo o erro que nisso faz: porque eu tenho por sem duuida, que sendo Afonso Dalboquerque conhecido dos homẽs da India, q̃ andam fauorecidos do amor & boas obras que lhe vossa Senhoria faz, & virem quam trabalhoso he em suas cousas (de que nós somos testemunhas, do tẽpo que com elle andamos na guerra de Ormuz) não auerá pessoa na India que o não deixe, & se vá pera Portugal, & os que com elle ficarem será mais per força que per suas vontades: & pois asi he, vossa senhoria não deue de fazer fundamento de deixar a gouernança da India, sem primeiro o fazer a saber a elRey nosso senhor, & mandarlhe hum estromento das cousas que Afonso Dalboquerque tẽ feitas: porque de crer he que se as sua Alteza soubera, nunca tal mandára. O Visorrey lhe disse que elle não podia al fazer senão jrse, & comprir o que elRey seu senhor mandaua, tanto que chegasse Iorge de Aguiar: & q̃ se a India se perdesse, que a culpa fosse de quem aconselhára elRey que o mandasse jr, & Afonso Dalboquerque que ficasse gouernando.

Como o grãde Afonso Dalboquerque se partio de Çacotorá pera Ormuz, & foy ter a Calayate, & o que passou com o capitão da cidade. Capitulo. L I X.

Prouida

Rouida a fortaleza de Çacotorá (como tenho dito) o grande Afonso Dalboquerq̃ se fez prestes pera Ormuz, & partio aos quinze dias do mes de Agosto, com determinação de correr o estreito, & saber nouas do Visorrey, & da India, porque auia muito tempo que as não sabia, & naqlla costa fazer o q̃ podesse, & dahi jrse caminho da India, & deu cõta desta determinação a dom Afonso de Noronha seu sobrinho, capitão da fortaleza, & asi o noteficou aos capitães de sua companhia. Diogo de Melo & Martim Coelho, como estauão mal enformados por Frãcisco de Tauora, dos trabalhos que tinham passados na conquista do reyno de Ormuz, querendo se escuzar delles, fizeram hum requerimento a Afonso Dalboquerque dizendo, que elles vinham de Portugal pera andarem na companhia do Visorrey, & não eram da sua obrigação: q̃ lhe pediam por merce lhe desse licença, pera se jrem pera a India. Elle lhes disse que lhe mostrassem seu regimento: & porque nelle lhe mandaua elRey, q̃ chegando onde o grande Afonso Dalboquerque estiuesse, lhe obedecessem, os obrigou a estarem á sua obediencia, & mandoulhes, que sob pena de caso maior o seguissem & o não deixassem, pois viam a necessidade que delles tinha cõ a fugida dos capitães, & mandou aos escriuães dos seus nauios, que fizessẽ autos desta pena que lhe punha: & cõ isto feito fizeramse todos á vela caminho do cabo de Rosalgate, & tanto auante como Curia muria (porq̃ se fazião muito ao mar) tiueram conselho de virarem na volta da terra, & cortaram todo aquelle dia sem a verem: & como foy noite mandou Pero Gonçaluez piloto mór fazer o caminho de Noroeste. Afonso Dalboqrq̃ vendo que aquella nauegação era contraira ao caminho que elle fazia por sua carta, mandou o chamar, & todos os pilotos & disselhe, que se no ponto & altura em que estauã fossem por aquelle rumo que elle dizia, que aqlla noite varariam em terra, por isso olhasse bem o o que fazia: Pero Gonçaluez porque cuidaua que naquelle officio sabia mais que todos, respõdeo com paixão, que pois asi era que mandasse elle a nao, & fizesse o caminho por onde quisesse, que elle tomaria a sua carta, & compassos, & lançaria tudo no mar. Afonso Dalboquerq̃ lhe respondeo, Pero Gonçaluez? vede o que dizeis, não sejais agastado? porque eu tambem sey hum pouco deste officio, & póde ser que fala o Spiritu sancto em mi: porque o caminho q̃ auemos de fazer, he tornarmos na volta do mar, porque se formos nesta volta que himos, varamos em terra na ponta do Madriçaa: & se vos isto

não parece bem, fazei o que quiserdes, que eu bem sey o que ha de ser. Pero Gonçaluez como era contumaz, mandou jr a nao na volta da terra como hia: as outras fizeram o mesmo caminho, & sendo já o quarto da modorra rendido, tirou a nao de Diogo de Melo que hia diante, hũa bombardada, & espertáram todos. Afonso Dalboquerque mandou lógo lançar prumo, & achá ramse em quatro braças, quasi no rolo do már: a sua nao era boa do gouerno, acodio ao leme muy prestes, & todos viráram na volta do már pela bolina quanto podéram: & chamou a Pero Gonçaluez & disselhe: eu sou o que auia de lançar a minha carta, & o compasso ao már pois cõfio no vosso saber, & nã no meu: & daqui por diãte olhai o q̃ fazeis, & não queyrais q̃ faça nosso señor milagre por nós, ẽ nos liurar do perigo em q̃ estauamos: & quando a nao de Diogo de Mélo fez sinal, auia hũ grã depedaço, que os homẽs darmas que vigiauam a proa, ouuiram arrebentar o már, & chamáram os marinheiros & perguntáuamlhe se era aquilo terra, & nesta differença estáuão hũs com outros, quando sentiramno baixo, & toda aquella noite fóram na volta do már, & como foy menhaã tornáram na volta de terra, & fizeram seu caminho direito ao cabo de Rosalgate, & sendo naquella paragem veio Afonso Dalboquerque á fala cõ os capitães & disselhes, que fossem todos prestes com sua gente armada: porque elle determinaua, a qualquer ora do dia que chegasse a Calayate cometer a cidade & destroila antes que lhe viesse algum socorro, & como ouueram vista da terra, armaramse todos cuidando que aquelle dia chegassem, & polo vento acalmar surgiram, & q estiueram ali aquella noite, & como foy menhaã déram vela, & foram surgir no porto. Afonso Dalboquerque em surgindo mãdou dom Antonio de Noronha seu sobrinho na fusta á cidade, pera ver que gente acodia á ribeira, & que naos auia no porto. Chegado dom Antonio ao longo da ribeira, veio hũa almadia cõ certos mouros ter a bordo da fusta, & traziã quatro cábras, & dous cestos de limões, & outros dous de romãs. O fundamento destes mouros, era saberem quem era o capitam mór daquellas naos, porque se receauão que fosse o grande Afonso Dalboquerque: dom Antonio se veio cõ a almadia a bordo da nao capitaina, & achou já toda a gente armada, & prestes pera cometer a cidade. O mouro que leuaua o presente, quando vio os nossos postos em auto de guerra, ficou assombrado. Afonso Dalboquerque lhe perguntou quem era o capitão da cidade, & que gente teria de guarnição. O mouro lhe disse, q̃ o capitão era Xarafadin, criado de Cogeatár, muito

seu

seu priuado, & que aueria duzentos archeiros de guarnição, & porque elle em Ormuz tinha muito conhecimento deste Xarafadin, mádou a dõ Antonio a terra, que lhe dissesse, que o capitão mór daquella armada lhe mandaua pedir muito, que quisesse jr a bordo da sua naó, auisandoo que lhe não descobrisse quem era. Chegado dom Antonio a terra, achou Xarafadin a caualo ao longo da praia, com algũs mouros que o acompanhauão, & perguntoulhe polos que tinha mandado na almadia ao capitam mór, & que capitão era, & donde vinha, dom Antonio lhe disse q̃ os mouros ficauão na nao do capitam mór esperando hũ presente que lhe queria mandar, & logo verião, & que aquellas naos vinham de Portugal por mãdado delRei, em fauor doutro capitão seu que andaua naquella costa, que se chamaua Afonso Dalboquerque, & que o capitão mór dellas lhe mandaua pedir, que se quisesse jr ver cõ elle, porque releuaua falárem ambos. Xarafadin lhe respondeo, que elle não auia de jr á sua nao, q̃ se algũa cousa quisesse daquella cidade, que bem podia jr seguro a terra.

De como o grãde Afonso Dalboquerque foy cometer a cidade de Calayate, & a destruio, & o mais que passou. Capitulo. LX.

TOrnado dom Antonio com esta reposta, mandou o grande Afonso Dalboquerque embarcar toda a gẽte nos bateis & na fusta, & a Francisco de Tauora que aquelle dia mandasse a gente da sua nao, de que era capitão Diniz Fernandez patrão mór, Diogo de Melo, & Martim Coelho, que já tinham recado de Afonso Dalboquerque: como estauam prestes vierão se a bordo da nao capitaina, pera dali partirem todos juntos. O pouo da cidade como vio que a almadia não tornaua, & os nossos bateis se ajuntauã com determinaçã de jrem a terra, começáram se a recolher muitos pera a serra. Afonso Dalboquerque deixou os mouros da almadia a bom recado & abalou com toda a gente direito a terra, & disse a Martim Coelho, & a Francisco de Tauora, que em desembarcando cometessem logo a cidade, pela banda da mesquita, que estaua pegada no már, & que elle com a mais gente entraria pelo outro cabo. Chegados á ribeira cõ esta determinação começáram os nossos atirar com os tiros que leuauam nos bateis, pera afastarem

starem os mouros que estauão na praya, & como se elles viram mal tratados da nossa artelharia, foramse recolhendo depressa pera a cidade. Afonso Dalboquerq̃ porq̃ a determinação dos mouros lhe fez mudar o conselho do q̃ tinha assentado, asi como desembarcou cõ toda a gente jũta, entrou cõ elles de roldão pelas portas da cidade dentro, & foy os seguindo pelas ruas até os lançar fora della, & algũs que quiserã tér rosto aos nossos, foram logo ali mortos, & nesta peleja foram feridos Payo Pereira, & Diogo Camacho, & outros algũs soldados ás frechadas. Despejada a cidade os mouros se puseram todos juntos hum tiro de bombarda dos muros. Afonso Dalboquerque receoso de o tornarem a cometer, porque tinha pouca gente, mãdou aos capitães que guardassem as portas da cidade, & não consentissem que os nossos a saqueassem, nem se desmandassem, até elle não dar licença pera isso: & toda aquella noite andou roldando a cidade com muita gente. O Xarafadin como vio que os nossos eram poucos (enuergonhado da pouca resistencia que tiuera) ajuntou trezentos mouros & veyo cometer a nossa gente. Afonso Dalboquerque vendoo nesta determinação mandou dizer aos capitães q̃ não trauassem cõ elles, & q̃ os deixasse chegar aos muros, & como os teue engodados deu nelles cõ toda a gẽte, & polos ẽ fugida por hũa serra arriba: os nossos bésteiros & espingardeiros forãnos seguindo, & ferirã muitos, & tornárãse a recolher. Xarafadin como se vio desapressado dos nossos espingardeiros, tornou a recolher os mouros, & fezse em corpo cõ elles, & Afonso Dalboq̃rq̃ porq̃ o não tornassẽ mais a cometer, mandou ás naos por quatro bõbardas, & poserãonas no muro, & começãrão de lhe tirar. O Xarafadin como vio as bombardas, & que os nossos auia tres dias que guardauão & defendião a cidade, como gente que se queria fazer forte nella: pera a soster, foy se recolhendo pera a serra com toda a gente, & deixouse estar até ver a determinação dos nossos. Afonso Dalboquerque como se vio desabafado dos mouros, mandou a Diogo de Melo, & a dom Antonio de Noronha, q̃ guardassẽ as portas da cidade q̃ hião pera a serra, & elle & Martim Coelho com cem homẽs, poseramse na outa porta, q̃ hia pera a ribeira, & mandou pór hũa atalaia no alcorão da mesquita, pera dali vigiar o que os mouros fazião. Como teue a cidade posta nesta ordem, deu licença a toda a outra mais gente que a saqueassem, & depois de saqueada mandou a Francisco de Tauora, que com aquella gẽte toda fizesse recolher todos os mãtimentos, & fato, q̃ tinhão roubado ás maos. O Xarafadin vendo que os

nossos andauão recolhendo os despojos que tinhão tomado, parecẽdolhe que todos andauão desmandados, deceo da serra com quinhentos homẽs, & veyo cometer a porta onde dom Antonio de Noronha, & Diogo de Melo estauão, & apertou tam rijo com elles, que por força os entrou, & elles foramse recolhendo por hũas ruas estreitas, pera dali se poderem valer milhor dos mouros, que eram muitos. O Xarafadin como teue a cidade entrada fez duas batalhas da sua gente, pera os tomarem no meio, & dom Antonio & Diogo de Melo vendo que os mouros se punham em ordem de os atalharem, bradáram á sua gente que fizessem volta: o atalaya que estaua no alcorão, como vio o aperto em que os nossos estauão, começou a bradar á nossa gente que acodissem, que os mouros tinham entrado a cidade. Afonso Dalboquerque ouuindo os brados do atalaya, foise rijo pera aquella parte, onde os nossos pelejauão. Dom Antonio & Diogo de Melo com a sua gente, que tinhão já junta, fizeram volta com os mouros, & apertáram com tanto animo cõ elles, q̃ quando a dianteira da gente de Afonso Dalboquerq̃ chegou a elles, hiã ja os nossos de volta cõ os mouros por essas ruas estreitas, & dali até a porta por onde entrárã os fórã seguindo onde matárã muitos mouros, & tomárã muitas armas, q̃ os que fugiam deixauã, pera ficarẽ mais despejados, & milhor o poderẽ fazer. Chegado Afonso Dalboq̃rq̃ a elles, quando vio tantos mouros desbaratados por tã pouca gẽte como era a q̃ estaua em cõpanhia de dõ Antonio, & Diogo de Melo, deu muitas graças a nosso señor, por aq̃lla grãde vitoria q̃ lhe dera, & disse a todos depois de estarẽ juntos, q̃ bẽ parecia aquillo obra de caualeiros Portugueses, & q̃ se deuião de ter por bem enuergonhados os capitães que lhe fugiram de se não acharem em tal feito como aquelle, quando soubessem o estrago que elles tinham feito, sendo os imigos sem comparaçã muitos mais que elles. Os mouros depois de desbaratados & lãçados fora da cidade, poseramse todos á vista dos nossos muito tristes (como homẽs que tinham recebido muito dãno) & em sua cõpanhia estaua Pedreanes Lamprea (hũ dos arrenegados q̃ fugiram em Ormuz) com hũ capacete na cabeça, & escapou o dia q̃ se entrou a cidade: porq̃ o não conheceram. Foram aqui neste feito dom Antonio de Noronha, Diogo de Melo, Aires de Sousa, Duarte de Melo, Pero Dalpoẽ, Lisuarte de Freitas, Antonio de Liz, Antonio Vogado, Lourẽço da Sylua, Antonio da Costa, Fernã Vaz, & Ioão Teixeira, todos homẽs hõrados, & de criação, & Simão Velho, Nuno Vaz de Castelo branco, Antonio de Sá, Iames Teixeira, Bertolameu

meu pessoa, criados do mestre Sanctiago, & Iorge Dorta moço da camara delRey, & Lopo Aluarez, & Martim Vaz, criados do condestabre todos estes com suas lanças, & espadas cheas de sangue, que eram testemunhas do que cada hum fez aquelle dia. Afonso Dalboquerque esteue ali com toda gente aquella noite, que seriam duzentos & trinta homẽs Portugueses, & mandou aos capitães que cada hum se fizesse forte nas casas onde estauão, & tiuessem os bateis bem esquipados junto consigo, & que por nenhum rebate que lhe os mouros de noite dessem saissem fora, a té não ser menhaã crara: & nesta ordem estiueram toda a noite vigiando a cidade, & como foy menhaã mandou pór suas atalaias, & começáram acarretar os mantimẽtos, & todo o mais fato que tinham tomado. Como tudo foy recolhido ajuntou Afonso Dalboquerq̃ a gente, & veiose a praia, & mandou pór fogo ás principaes casas da cidade: porq̃ nellas tinham os mouros a maior parte dos seus mantimentos, & tãbem mandou pór fogo á mesquita, que os mouros sentiram muito: porque era hũa casa muito grande de sete naues, toda forrada de azulejos, & muitas porcelanas metidas pelas paredes, & na entrada da porta tinha hũa naue muito grande feita em arcos, & por cima ficaua como eirado sobre o már, tudo forrado de azulejos: as portas & o teito da mesquita, era todo laũrado de maçanaria, & como lhe deu o fogo veiose toda ao chão, sem ficar cousa nella que não fosse queimada. Queimáramse aqui vinte & sete naos antre grãdes & pequenas que estauão no porto, esperando carrega pera se partirem pera diuersas partes. Acabado isto, mandou cortar as orelhas & os narizes a todos os mouros que tinha tomados, & deixou os em terra, & embarcouse nos bateis, & foise pera as naos, dando muitas graças a nosso señor pela merce que lhe fizera, em lhe dar hũa cidade como aquella, ganhada sem perigo dos nossos com tampouca gente.

Das nouas que o mouro que trouxe o presente contou ao grande Afonso Dalboquerque, da India, & de como se partio de Calayate pera a cidade de Ormuz, & do que passou com Cogeatar. Capit. LXI.

Omo o grande Afonſo Dalboquerque foy na nao mandou vir perante ſi o mouro que lhe trouxera o preſente, o qual eſtaua bem agaſtado, aſsi pela deſtruição que vira feyta na ſua cidade, como tambem por não ſaber o que auia de ſer delle, & dos outros, & como o teue diãte de ſi perguntoulhe, q̃ nouas auia da India, & Ormuz em que eſtado eſtaua, & que gente tinha, & ſe mandára o Rey fazer algũa obra na fortaleza q̃ deixára começada: o mouro lhe diſſe q̃ Cogeatar tinha por noua certa, q̃ a armada dos Portugueſes pelejára em Chaul com Mirocen, capitão do Soldão do Cairo, & Meliquiaz capitão de Diu o ajudára com toda a ſua armada a tomar hũa nao, & que matará o capitão mór da armada, & Ormuz eſtaua em grãde neceſsidade de mantimentos: por auer dous annos que do ſertão lhe não viera nhũ arroz nẽ trigo, & q̃ os Ruſtazes ſe aleuãtarã cõtra o Rey, & ſe foram com toda a ſua gente, porque Cogeatar quebrara os olhos a hũ capitão ſeu principal, que ſe chamaua Naçaradin, & mandara lançar no már outro, que ſe chamaua Tajadin, & q̃ os filhos de Rexnordim, guazil da cidade, eram lãçados fora do reyno, & tomára a fazenda a certos mercadores, & tinha preſo Almaçã (hum capitão muito ſeu priuado) porq̃ era no cõſelho de o matarẽ, pela deſtruiçã & morte da gẽte, q̃ era feita no reyno por ſua culpa, & que fizera tornar os Chriſtãos q̃ lhe fugirã mouros, & os caſara, & trataua muito bẽ: porq̃ lhe tinhã feito algũas bombardas de metal muito boas, & na fortaleza não fizera mais obra q̃ aleuantar a torre da menagem, & cobrila por cima, & cerrar a porta q̃ vinha pera o már, & abrir outra pera dẽtro do terreiro dos paços do Rey, & q̃ na cidade auia muita falta de âgoa, porq̃ os nauios com q̃ a traziã foram todos queimados na guerra paſſada: & por iſſo mãdára Cogeatar a Xarafadin ſeu criado correr toda aq̃lla coſta pera lhe leuar todos os paraos q̃ achaſſe pera ſeruentia da cidade, & q̃ Cogeatar tinha noua q̃ os capitães q̃ lhe fugirã de Ormuz eſtauã em Cochim & q̃ forã muito bẽ recebidos do Viſorrey, & q̃ lhe parecia q̃ chegãdo elle a Ormuz cõ aq̃lla armada, ſegũdo a grãde neceſsidade em q̃ eſtaua, não ſe poderia ſoſter dous mezes q̃ ſe nã entregaſſe. Depois de Afonſo Dalboq̃rq̃ tér ſabido eſtas nouas, deſpedio o mouro q̃ ſe foſſe, & leuaſſe ſeus companheiros, & o preſente q̃ trouxera: porq̃ ſeu coſtume era, não tomar nada de gente com que tinha guerra, & que lhe perdoaſſe pelo ter aſsi reteudo, & ſe o fizera fora, por não jr dar nouas ao capitão como o achara preſtes,

pera

pera jr cometer a cidade, & q̃ a culpa de a destruir era, dos gouernadores da terra, pois lhe faltáram do concerto q̃ com elles fizera, quando por ali passara pera Ormuz, como podião ver polo seguro real q̃ lhe dera ē nome delRey de Portugal seu senhor, & mandou ao feitor q̃ lhe desse dous mil faluzes, & algũs panos, & aos remeiros quinhẽtos, & asi se forão muito contẽtes. Afonso Dalboquerque como teue despedido o mouro, mādou chamar os os capitães & deulhe cõta de tudo o q̃ com elle passára, & q̃ sua determinação era pela muita agoa q̃ o Cirne, & o Rey grāde faziam, arribar á India, que lhe dissessem o q̃ faria: os capitães foram todos de parecer que se Ormuz estaua em tanta necessidade como lhe o mouro tinha dito, q̃ lhe deuia de hir dar hũa vista, porq̃ sendo asi não aueria duuida, che gando elle, tornar o Rey ao assento que tinha feito, & que ali teria lugar & tempo pera concertár suas naos, & prouer a fortaleza de Çacotorá de mātimentos. A elle lhe pareceo bem o conselho dos capitães, & disselhe q̃ se fossem ás suas naos, & se fizessem prestes pera ao outro dia partir, & como foy menhaã leuáram suas amarras, & fizeramse á vela ao longo da costa, & foram surgir a hum porto que se chama Tenij, & ali estiueram dous dias tomando ágoa em hum rio grande, q̃ corria por antre duas serras talhadas a pique, & vinha fazer hum grande lago junto da ribeira do már, todo cercado de palmeiras, & de muitos aruores, & depois de terem tomado ágoa fizeramse á vela, & sem tomarem outra terra foram surgir todos juntos diãte da cidade de Ormuz. Afonso Dalboquerque mādou aos capitães, que se posessem todos em ordem pera tolherẽ todo socorro de mantimẽtos, & gente que viesse pera a cidade, cõ determinação de se não aleuantar dali a té a não render (não fazendo as naos tanta ágoa, que lhe fizessem tomar outro conselho.) Como Cogeatar vio a nossa armadá mandou logo despejár a cidade de toda a gente meuda, & passala da banda da terra firme, & todos os paraos & nauios que tinha pera seruẽtia della, pelos não queimarem. Afonso Dalboquerque desejando de saber a ordem em que Cogeatar tinha a cidade, mandou aos capitães que se trabalhassem por tomar algũa lingoa da terra, & por hum mouro que se tomou de noite em hũa almadia pescando, soube que Cogeatar tinha feito dous baluartes muito fortes na sua fortaleza com muita artelharia posta nelles, & que auia cinco dias que eram chegados a Ormuz dous homẽs, & hum mouro, que lhe fogiram das naos em Calayate, & lhe contáram a destruição da cidade, de que o Rey estaua muito anojado, &

que estes homẽs lhe disseram que os dous capitães que com elle vieram de Çacotorá, se quiseram jr pera o Visorrey caminho da India, & que os trazia por força, & que as naos faziam tanta ágoa, que lhe seria forçado deixar a guerra, & jrse pera a India, & que na armada auia muito pouca gente, & essa andaua muito contra sua vontade com elle, & em Portugal auia tanta peste & fóme, que o seu Rey lhe não podia mandar aquelle anno nenhum socorro de naos, nem de gente, & que Cogeatar como isto soubera, mandara a todo o homem do pouo que tiuesse arco, adarga, & espada, & prouisam de agoa pera hum mes, & por se não fiar da gente, tinha as chaues de todas as cisternas que auia no campo: & a ágoa em Ormuz era tam cara, que hũa jarra della, que em tempo de paz valia dez dinheiros, valia agora duzentos.

Como veio hum mouro de terra em hũa almadia a bordo da não de Martim Coelho com duas cartas pera o grande Afonso Dalboquerque sem dizer quem as mandaua, & o mais que passou. Capitulo. LXII.

COmo o grande Afonso Dalboquerque teue esta enformação, do estado em que as cousas da cidade estauão, deixouse estar asi sem mandar ninguem a terra, esperádo a determinação de Cogeatar, & passados tres dias: vieram dous mouros junto da nossa fortaleza capear com hũa bádeira: Afonso Dalboquerque lhe mandou pór outra na quadra da sua nao & capearlhe que viessem a bordo, & elles não quiseram vir, & ao outro dia fizeram outro tanto, & como os mouros de terra viram que lhe não respondiam, mandáram hum mouro pescador em hũa almadia a bordo da não de Martim Coelho, que estaua da outra banda da cidade, no porto do ponente, com duas cartas, hũa de Cogeatar pera Afonso Dalboquerque, & outra do Visorrey pera Cogeatar.

¶ A carta pera Afonso Dalboquerque dizia asi. Capitão mór, sabe q̃ o Visorrey, carta pera ti, & pera todos os capitães de Portugal escreueo, que nhũa entrada no reyno, ilhas & terras de Ormuz fizesses, a mesma carta tẽ mandei, & não obedeceste, nem fizeste o que elle manda, & outra cárta escreueo ao Rey, Ceifadin cõ os sellos delRey de Portugal, & por mais credito, pera q̃ neste reino ná entrasses, Gaspar lingoa & a companhia vierão á ribeira, & carta com o sello delRey viram, & rezani ao sello do

seu

ſeu Rey deram, dizendo que muita cera vermelha auia, polo ſello do teu Rey não fizeſte nada, parece que queres a deſtruiçá do reino. Outras duas cartas em Parſe, hũa pera o Rey, & outra pera mĩ eſcreueo: ambas tas mãdo, léas, & mandamas, pois polo mandado & ſello do teu Rey não dás. Cogeamir que o viſorrey mandou, & outros homẽs de Cananor que aqui eſtam ſe eſpãtam deſtas couſas: & eu todas eſcreuerei, & hũa jelua piquena deſpacharey, pera que ſayba o Viſorrey que tu es tredor á elRey de Portugal.

Carta do Viſorrey pera Cogcatar.

O generoſo ſem pár da bem auenturança, principal em mando, abrigo de todos, grande ſenhór, & capitam antre todos os alguazis & capitães: mais chegado q̃ ninguem a alteza do Rey, apraziuel ao muy alto de todos perfeito ſenhor Ataa: aleuante Deos ſeu eſtado: deſte amigo dom Franciſco Dalmeida Viſorrey, ſogeição & beijar de mãos offerece. He bem que entre nós aja tal amizade, que cada anno mandes preſente a elRey. Negodaquiçar com cem homẽs que tinha catiuos do teu reyno, todos os ſoltey, & chegando lá o ſaberás: & as quatro naos que de lá vieram me diſſeram, que tudo o que auia de fazer hum Rey fizeſte, & em nada não erraſte, & depois o capitam começou de trocar tudo, & como as quatro naos viram, que o capitam erraua vieramſe pera mim, & o capitam não ouſou de vir pera mim, & foiſe pera Çacotorá, o qual eu caſtigarey tambem, como o Rey verá, por que ſayba que onde receber honra, & der carta por elRey, não o deue de trocar, porque elRey de Portugal não he mentiroſo, & ha miſter que o ſeu capitam não ſaya de ſeu mandado, & pois que ſahio, elle aueraa o ſeu galardão: as quatro naos dizem que em a guerra elles não tem a culpa, & que o erro do capitam he: do primeiro concerto que ſe fez, nós o não trocamos, & o teu amor com elRey de Portugal he aſsi, & aſsi de tudo o que cá ſoube. Ha miſter como eſta carta ſouberes, que venhas pera mim, pera que o eu ſayba, ſenão tu o ſaberás, mas as quatro naos quando aqui vieram, muitos mouros traziam, grandes & piquenos a todos os ſoltey; pola amizade que te temos: & todas as naos que quiſerem vir a eſtas partes; ha miſter que confiem & não temão porque ſe lhe falecer hum cabelo

eu ferei tredor a elRey de Portugal, despacha azinha hũa nao com cartas tuas, que por isso aguardo, & não fica mais senão, que Negodaxemeçadin a ti beijar os pés, chegará elle, sabe parte de tudo, darlheas credito, & no q̃ elle contigo fizer, não ha de auer duuida: elle fara tudo o que tu quiseres: sete cartas em Portugues te mando, pera as naos que forem & vierem, & hũa do sello delRey de Portugal, dalhe credito: não escreuo mais disto: paz & saude. E deste mesmo teor vinha outra carta pera o Rey Ceifadin, & não fazia outra differença, somente onde beijaua as mãos a Cogeatar, beijaua os pés ao Rey.

Reposta do grande Afonso Dalboquerque pera Cogeatar.

VI hũa carta que me veio dessa cidade, & não diz quém a manda, aa qual respondo q̃ obedeco á carta, & mandado do Visorrey: & porq̃ na carta me manda que não me pagádo os quinze mil xerafins de pareas, ao tempo do contrato, que faça o que me bem parecer, & mais seruiço de elRey for, digo q̃ te requeiro da parte do dito senhor Rey, & do Visorrey da India, que pagues ao tempo que elle manda, porque me não ey de aleuantar daqui até não pagares, ou vir mandado do Visorrey, em que me mande o contrairo: não te faço a guerra, nem te tiro ás frechadas, & bombardadas, como a tua gente fez a mĩ: estas duas cartas que me déram escritas em Parse, não creio serem do Visorrey, pois não tem o seu final: as minhas cartas que tem o meu final, guardaas bem q̃ não tas ey de negar, como tu fazes ás tuas, & por isso as não asinas.

¶Como Cogeatar vio que Afonso Dalboquerque se hia declarando cõ elle, escreueolhe esta carta em que se asinou.

Capitão mór Afonso Dalboquerque, saberás acerca do que escreueste, que as duas cartas do Parse não eram do Visorrey, porque não tinham o seu final, a pessoa que as trouxe he presente, & eu de mĩ, carta em nome do Visorrey não ey de escreuer: pois as não cres mandaas, & responderlheei, & a carta que em tua letra está com final do Visorrey. Se a do Parse não he sua cuja he estoutra: isto he achaque que dizes, acerca dos quinze mil xerafins: a tempo que o reyno he pouoado, & as naos vão & vem, podem dar algũa cousa: dagora ha hum anno que esta destruição fizeste, & te foste até agora, não foy tempo, agora que era tempo vieste aqui estar, foy a noua por toda a parte, & ninguem não vem: tu queres a destruição deste

reyno

reyno, & não pouoação: Calayate que he estremo do reyno, roubaste, & destruiste, & cem mil xerafins & mais delle leuaste: cem mil xerafins bem podem responder por quinze mil: toda esta destruição ey de fazer a saber ao Visorrey, o que escreueste que não auias de fazer guerra, nem tirár ás bombardadas, isto não to agradeço, que o que Deos quiser ha de ser: o que escreueste que te nã auias de jr, & que tinhas o már: se aproueitas em estár, está: em o escreuer eu não escreuo mal, se os teus lém mal, isso he outro: a carta do Visorrey com tua letra, & com selo delRey, leitores delRey tés, mandaos pera que as leão, pera saberem a verdade ou mentira: acerca das quatro naos que escreueste que fugiram & fizéram treição, ao Visorrey se foram: & foram leaes em sejr pera o seu capitam, & fizéram mandado do seu Rey, como foram testemunhas, q̃ tu querias destruir o reyno, & a tua gente toda he agrauada de ti, que se asi não fora não se ajuntáram em Ca layate a dizer mal de ti, nem te fugiram pera a serra, pera os Arabeos: se tu estiueras em verdade & em amor, agora ha hum anno como tomaste as pareas, logo te foras, mas estiueste cinco meses até q̃ a guerra pareceo. Quantas vezes te disse que te fosses nũca quiseste, & começaste imizade? agora o meu falar he ao Visorrey: qualquer cousa que ouuer, a elle a ey de dizer, & elle ausente he meu amigo, & tu eras presente, & o Rey te fez muita honra, & emfim foste imigo, & em tua palaura & concerto nã estiueste, & não fizeste como pay com filho, & andas com os bateis ao longo dagoa, & não deixas que entre gente com o prouimento de Deos. De gẽte & mantimentos & armas não falta nada, & se o não cres, manda hum homem que veja tudo: eu não sou mẽtiroso: o messageiro nã teme nada, & a minha palaura he palaura: & o q̃ dizes que não sabes quem te escreue, o meu nome he meu sinal, & agora asiney, & asseley.

¶ Treladei estas cartas aqui pera que se veja claramente, quãto o Visorrey trabalhou por anichilar todas as cousas do grande Afonso Dalboquerq̃, sendo muita rezam ajudalo em tudo, pois era Visorrey da India.

Da reposta que o grande Afonso Dalboquerque mandou a Cogeatar.

HOnrado Cogeatar, folguei saber que eras tu o que me escreueste, & vi bem esta carta que me mandaste: & quanto he ás duas cartas do Parse que te o Visorrey mandou, que me tu mandaste, não esperaua eu q̃

o ſenhor Viſorrei deſſe tanta fé a hũs capitães que me fugiram da guerra, ſobre os quaes eu tinha tanto poder, como elle nos que lá tem conſigo, & ſe o quiſeres ver, eu to mãdarey moſtrar, & entam ſaberás ſe fizerão treição ou não. Bem ſey quantas couſas te diſſeram, & como te fizerã leuantar contra mĩ, & fizeram com q̃ tu me não deſſes os meus homẽs, em que eſtaua toda noſſa paz & aſſoſſego, que vẽdidos na praça de Ormuz, podia cada hum valer cinco xerafins: deixãdote eu vinte criados delRey na feitoria em teu poder & á tua obediencia, & mais a feitoria delRey, que valia duzentas mil dobras. Eſtes me poderas bem tomar ſem guerra, ſe quiſeras, depois de minha partida, & não me tomáras eſtes quatro diãte dos meus olhos, pera com elles me começar guerra, & te aleuantáres contra mĩ: & ſe os querias, não me confeſſaras que os tinhas, nem me diſſeras que mos dauas, nem os moſtráras, porque como diſſeras que não ſabias delles parte, logo te não ouuera de fazer a guerra: mas que obediencia era, a que tu tinhas a elRey meu ſenhor, & aos ſeus capitães, aſsinada & jurada: ſe me tu tomauas a minha gente? & quem eſperaua de lhe tu dares quinze mil xerafins, ſe lhe tomauas quatro bargantes q̃ não valem dez? Capitão es, & ſabes quanto carrega ſobre os capitães darem boa conta da gente q̃ lhe entrégam. Eu ſey bem que os capitães to fizeram fazer, & tu os verás degolar na praça de Ormuz: porque não tem elRey meu ſeñor ganhadas as Indias, & quantos reynos tem ganhado, ſenão aguardando ſeus capitães a guerra com o ſeu capitão mór, ſem lhe fazerem treição: & porque nunca tal fizeram Portugueſes, tu verás o que eu digo.

¶ E quanto ás rezões que o ſenhor Viſorrey diz contra mĩ nas duas cartas do Parſe (ſe verdade ſam) auendo por bem o que os capitães fizeram, deueralhe de lembrar q̃ ſou eu capitam géral da armada delRey meu ſeñor, & que as pareas que te elle agora manda pedir com palauras doces, & cartas de grande titulo, que tas fiz eu pagar com a eſpada na mão, & tu es diſſo boa teſtemunha, que aſsi o confeſſas nas cartas do contrato, feitas antre mĩ & o Rey, & aſsi eſpero em Deos de me não aleuantar daqui ſem ellas, pois que o Viſorrey o mãda em ſua carta: porque ſe a eu aqui não achara, bem ſabes tu que te não ouuera eu de pedir pareas ſenão homẽs (o porque te eu comecei a guerra, por conſelho dos capitães, caualeiros & criados delRey da minha armada, da qual me ainda agora não arrependo) & por que tu has por leais & verdadeiros, os capitães que me fugiram da guerra & me deixáram, por iſſo te quiſeram a ti matar os de dentro de tua caſa: &

a caſa

a casa que eu fazia,que te os capitães fizeram entender que era pera te destruir,he esta armada em que eu estou,& a que eu fazia,era pera te conseruar,que aos taes tempos como estes (que muito se costuma em Ormuz) não he rezã que a gente,& feitoria delRey, esté à determinação de quem vencerá: o que não se cometera se ella estiuéra feita. E do que dizes que a minha gente he agrauada de mĩ,& me foge, quando vires contigo homẽ honrado & criado delRey,entam o cree: mas dous bargantes que fugirã da prisam: hum a que quisera mandar cortar as mãos, & outro porque o quisera açoutar o contramestre,& quatro que tu enganaste com palauras doces,em que cuidauas que estaua toda tua saluação: estes taes a que tu das tanto credito,foram começo de toda tua destruição,& queira Deos que a não acabem.

¶E ao que me dizes se agora ha hum anno estiuera em paz & amor,& como tomey as pareas logo me fora: tu sabes bem que sempre trabalhey em concertar minha armada,& aguardaua o tempo, & moução, em que se nauega o estreito de Meca,que he no começo do Ramadão, onde me elRey mandaua jr: o qual eu não descobri a ti,nem aos capitães, nem a outra pessoa algũa: porque asi he costume dos capitães móres,terem segredo,por não saberem seus imigos o que querem fazer, porque se eu daqui dissera o caminho que auia de fazer:em poucos dias fora auisado Adem, & Iudá,que hia eu sobre elles,como me elRey mandaua em seu regimẽto,& pera isto fazia o bargantim,que me tu queimaste:porque era necessario pera tal nauegação. E mais se te bem lẽbra, o Noradin me requereo da parte do Rey: & tua,que eu me nã fosse daqui, porque vinham as naos de Meçar,& poderiam tomár a cidade,& senhorea la,& eu lhe respondi q̃ pelo assento que tinha feito,era obrigado ao defender:q̃ visse o Rey o que queria que fizesse. E mais que perdia Ormuz em eu estar nelle? q̃ as cafilas não deixauão de vir,antes vinham mais?nem as naos de nauegar,se as tu não tolheras? mas antes o reyno se seguraua com minha estada aqui,& enriquecia o pouo meudo. E tu sabes bem que na justiça da terra, nem na gouernança do reyno,nunca meti a mão depois que to entreguey, antes te dey lugar que mandasses prender a minha gente,se na cidade não fazia o que deuia. Hum pão se não compraua sem teu mãdado,se por elle mãdauas dar cem xerafins,tanto se daua:& asi no aljofar, como em tudo o que se compraua,tudo se pagaua como tu mandauas:& nenhũa cousa mã daua fazer na cidade a ferreiro,carpinteiro,pedreiro,alfaiate,nẽ a nenhũ

outro

outro official, sem tua licença: em que mostraua estar eu mais á tua obediencia, que tu á minha. A casa que eu fazia, o Rey, & seu pay, & tu me destes a ponta, & os aliceces em que a fiz (como tenho por seu asśinado.) A pedra & os officiaes com que a fazia, tu mos dauas. Muitas vezes te mãdey perguntar, se eras contente de a eu fazer, & tu dizias que si. Se o não eras, porque o não dizias? & não me tomaras os meus homẽs, por onde caiste em desobediencia, & quebraste o contrato: & de quantas vezes falas nesta guerra ao Visorrey, nunca lhe dizes o porque se começou, q̃ he sinal de homem culpado: & ante as taes pessoas, has de mandar as cousas craras. E estas hão de jr diante delRey meu senhor, & não ha de auer por seu seruiço, fazereslhe tu os seus Christãos mouros.

¶ E ao que dizes que não estiue na palaura, & concerto que fiquey com o Rey, nem o fiz com elle como pay com filho, eu lhe compri & mãtiue tudo o que fiquey com elle, & se asśi não he, deixao tu em sua liberdade, & gouernar seu reyno, & eu te fico que elle conheça a boa obra q̃ lhe fiz, em lhe entregar o Reyno, depois de o ter ganhado. Se elle estiuera em sua liberdade, & o reyno fora gouernado por elle, não me tomáras tu os meus homẽs, nem te aleuantáras contra mi: mas eu espero em Deos de lhe fazer ainda tantas boas obras, & ajudar a ganhar tantas terras (trazidas a seu mando, & á obediencia delRey meu senhor) na Persia, q̃ elle seja o maior senhor della: porque o merece por sua bondade, & por ser da linhagẽ dos Reys. Ao que dizes que tẽs muitos mantimentos, armas, & gente, & q̃ te não falece nada, bem o has mister: mas quẽ te ati desbaratou na tua prosperidade, te fará agora fazer o que o Visorrey manda, & não comprindo tu, entam verás os caualeyros Portugueses, se andam descontentes de mĩ ou não: porque já entre nós não ha quẽ dane os corações aos homẽs, senão capitães que com muito esforço & boa vontade, por seruir seu Rey, hão de morrer com o seu capitam géral. E bem sabes tu que sey eu, que os Rustazes sam contra ti, porque cegaste o milhor capitão & caualeiro, que o Rey de Ormuz tinha, & Calcocejo, que tem muita gente, & se faz sempre o que elle manda na terra, & Xeque Ale não vem já a teu mandado, & a gente que tẽs contigo bem a sey, & a determinação com que mandaste Xarafadin a Calayate, & onde dormes bem o sey, & o que cómes, & como viues, & tambem sey que a casa de Ormuz está sobre hum esteo muy fraco, & de necesśidade se ha de perder, se léuas este caminho. Requeirote hũa vez, duas, & tres, que cumpras o mãdado do Visorrey, & se tẽs outro

em

em contrairo mostramo, que eu o cumprirey inteiramente como me mãda elRey meu senhor. Se escreueres ao Visorrey mãdalhe minhas cartas, que por isso te mãdo esta em Portugues, assinada & asselada do meu sinete porq̃ ouuindo as partes dará milhor sentença: tornote a dizer que viua está a querela da guerra começada antre mĩ & ti, & que ninguem me pode apagar, & esconder com inueja: porque já te disse muitas vezes, que eu nã era cossairo, senão capitão géral delRey de Portugal, velho & sesudo, & q̃ tenho muy bom regimento seu, por onde me ha de tomár conta do q̃ faço. E quãto ao que dizes q̃ o teu falar ha de ser ao Visorrey, & q̃ qualquer cousa que ouuer a elle a has de dizer, fazes bem, & tés rezão: porque quãdo eu faço a guerra aos imigos, he de maneira que lhes conuẽ jr pedir misericordia a elRey, ou a quẽ seus poderes tem, & pois lha tu já pediste húa vez, eu te prometo (se tu não cumpres o que elle em sua carta manda) q̃ tu lha vas pedir outra. Ao que diz na carta do parse, que te o visorrey mandou, que não ousey de jr pera elle, & me fuy pera Çacotora, sabe certo q̃ a ninguem ey medo, senão a meu Rey, mas antes te digo que o capitão que tãbem soube ganhar este reyno, & vencer hum Rei em batalha, & fazelo tributario a elRey de Portugal, que em qualquer parte onde for, lhe faram muita hõra, & o Visorrey sabe que fiz eu meu officio, em jr socorrer a fortaleza de Çacotora, como me elRey manda & não ja fugido, senão buscar os mantimentos que me os capitães leuaram & se foram, deixando a tua armada de sessenta velas sobre mĩ, mandandolhe eu que que a fossem desbaratar, & elles não o quiseram fazer, & bem era que fosse asi, pois antre ti & elles auia tanta amizade.

Como o grande Afonso Dalboquerque deu conta aos capitães & principaes homẽs da armada de tudo o que passara com Cogeatar, & do recado que lhe mandou, & o que respondeo. Capitulo. LXIII.

DEpois de ter mandado o grãde Afonso Dalboquerque esta reposta a Cogeatar, mandou chamar os capitães & todos os fidalgos, & homẽs principaes da armada, & deulhe cõta de tudo o que tinha passado cõ Cogeatar, & depois de lida a carta, que lhe o Visorrey escreuera disselhes, q̃ lhe pedia por merce que cuidassem bem naquelle negocio, & lhe acõselhassem verdadeira-

dadeiramente, o que nelle deuia de fazer, porque o seu juizo não bastaua pera entender este modo, que o Visorrei com elle queria ter: porque ná se contentara de fauorecer muito os capitães que lhe fugiram da guerra, & o deixaram, sofrendolhe muitas descortesias, feitas a sua pessoa, per seruir a elRey nosso senhor, mas ainda escreuera aquella carta a Cogeatar, louuãdolhe muito a sua fugida, & tornarlhe os mouros catiuos q̃ lhe tinha mãdado, tomados de boa guerra, cõ muitas palauras de pouca estima de sua pessoa, & pouco credito em seus trabalhos, como naquella carta tinham visto, que fora grande fauor pera os mouros, & grande descredito seu, que pois assi era, & elle não tinha já esperança de o Visorrey o ajudar naquella empresa, determinaua de não ter mais contendas com Cogeatar, nẽ lhe pedir pareas, & jrse caminho da India ver com elle. Os capitães posto que sentiram muito as palauras da carta, & a pouca conta que o Visorrey fazia de Afonso Dalboquerque, per cima de tudo lhe pediram que o sofresse, & não se agastasse, pois estaua já no cabo da jornada, & que se deuia de mãdar decrarar cõ Cogeatar, & noteficarlhe o que o Visorrey mandaua. Afonso Dalboquerque com este parecer dos capitães, sofreo a paixão que tinha, & mãdou dizer a Cogeatar por Pero Dalpoem, & Gaspar Rodrigues lingoa, que o prazo que o Visorrey posera pera pagar as pareas, sem lhe fazer a guerra, se acabaua dali a oito dias, & não as pagando passado aquelle tẽpo, fosse certo que lhe não auia de pedir pareas, senão os quatro Christãos que lhe tinha tomados, porq̃ o reyno de Ormuz era delRey de Portugal seu senhor, ganhado com sua armada, & caualeiros Portugueses, & que o não auia de perder. Cogeatar disse a Pero Dalpoem, que dissesse ao capitam géral que se desenganasse, que a elle nem a outra nenhũa pessoa auia de pagar pareas, ainda que lho o Visorrey mandasse: & posto que Afonso Dalboquerque ficou mal contẽte desta reposta, porque ja estaua assentado por todos, que a té passar o tempo lhe não fizesse guerra, dissimulou com elle, & ordenou de mandar dom Antonio de Noronha seu sobrino á ilha de Queixome na fusta, & nos bateis, buscar ágoa, pela muita falta que na armada auia della, & como foy prestes partiose logo de noite, & chegou á ilha pela menhaã, & querendo desembarcar acodio muita gente pera lhe tolher a desembarcaçam: mas dom Antonio com essa que leuaua sahio em terra per força, & desbaratou os, & chegou aos poços, & polos achar cheos de sardinhas podres, que lhe os mouros lançáram, tornouse pera as naos sem a trazer: & porque na armada não auia nenhũ remedio de ágoa,

& a gẽte parecia, & na ilha de Queixome, & em Nabande (que erão mais perto) não se podia tomar, senão com força de gente, pela muita que Cogeatar ali tinha em guarda dos poços, tornou a mandar logo dom Antonio de Noronha na fusta, & nos bateis, á ilha de Lara pera trazer ágoa, & ao outro dia tornou com os paraos carregados della. Chegado dom Antonio, mandou Afonso Dalboquerque a Pero Dalpoem, & Gaspar Rodriguez lingoa a terra, & que dissessem a Cogeatar que o tempo dos oito dias que lhe dera, pera pagar as pareas, era passado, & que já pelo desengano que lhe tinha dado, ficaua nelle fazer o que lhe parecesse mais seruiço delRey de Portugal, que ja agora não queria pareas senã os homẽs da sua armada, que lhe tinha tomados, confiando na sua amizade, & no assento que com elle tinha feito, quando lhe entregou o reyno em nome delRey de Portugal, asinado pelo Rey, & asselado com o seu sello, & quanto era ás pareas que era obrigado a pagar, que o Visorrey as mãdaria arrecadar, pois tomára cuidado disso, & antrelles auia tanta amizade, & que dissesse ao Rey, que olhasse muito bem pela conseruação daquelle reyno, & não quisesse que se destruisse: por lhe não mandar entregar quatro bargãtes, que lho não auião de defender. Cogeatar porque sabia que o Rey não folgaua muito cõ a guerra, quisera estoruar não lhe dar Pero Dalpoem este recado, & por disimular deu lugar a isso, & quis que fosse perante elle. O Rey depois de ouuir o recado, receoso do que respõderia, pos os olhos em Cogeatar & disse a Pero Dalpoem, que elle não auia de mandar entregar os quatro homẽs, porq̃ eram já mouros, & a sua ley o defendia: & depois de Pero Dalpoem se despedir do Rey com esta reposta, disselhe Cogeatar que dissesse ao capitão géral, que as pareas que o Visorrey mãdaua pedir, estauão bem pagas, pela destruição que tinha feito em Calayate, & q̃ por elle estar sempre naquelle porto, tomando & destruindo tudo o que a elle vinha, auia dous annos que na alfandega não auia nenhum rendimento, & que nisto não auia mais que dizer, & quanto aos quatro Christãos que mandaua pedir, que já lhe o Rey tinha respondido a isso, que se por lhos não dar lhe auia de fazer a guerra, que fizesse o que quisesse: porque lhe nã daua nada estar elle ali mais hũm dia, que hum anno, que cem annos. E mandou chamar Çogeamir, que era o q̃ trouxera as cartas do Visorrei, & disselhe perante Pero Dalpoem, q̃ elle se não escusaua de pagar as pareas, mas q̃ não tinha ao presente de que as poder pagar, q̃ elle era seruidor del Rey de Portugal, & aquelle reyno era seu, & que o capitam géral o queria

destruir

destruir,& que se lembrasse de todas aquellas cousas,pera as dizer ao Visorrey quando lá tornasse:& por aqui lhe disse outras muitas palauras mẽtirosas & cheas de enganos. Pero Dalpoem sem lhe responder se despedio,& Cogeatar teue maneira,q̃ sahisse pela porta do castelo, onde tinha dez falcões de metal,tamanhos & tambem laurados como os nossos, & hũa bombarda grossa de duas camaras, da grandura dos nossos camelos (todas encarretadas) & outras muitas de ferro bem lauradas, que lhe os arrenegados fizeram,assentadas em hũ baluarte q̃ ali tinha feito de nouo.

Do conselho que o grande Afonso Dalboquerque teue com os capitães sobre a reposta de Cogeatar, & o que se nisso assẽtou & do recado que mandou aos Rustazes por hũs criados seus, & o que mais passou. Capitulo. LXIIII.

Com esta reposta de Cogeatar tão chea de soberba,mãdou o grande Afonso Dalboquerque chamar os capitães, & fidalgos,mestres,& pilotos,& toda a outra gẽte da armada,pera se determinar no que auia de fazer,& jũtos todos na sua nao,contoulhe o recado que Cogeatar lhe mãdára por Pero Dalpoem,& disselhes o descontentamento que na sua alma tinha,de ver com quanta soberba lhe Cogeatar respondia aos seus recados, o que nunca fizera,senão agora,& tudo isto pela pouca conta q̃ via, que o Visorrey fazia delle,& de todos os que naquella guerra andauão, seruindo elRey de Portugal,&os capitães que lhe fugiram muito seus priuados, que lhe dissessem se se jria caminho da India segurar aquellas naos, que faziã muita ágoa,ou se se deixaria estar em cerco sobre a cidade até a render,porque tinha sabido de certo,que a estaua muito falta de mantimentos, & de agoa , & que auia muita diuisam antre elles. Os capitães & toda a outra gẽte depois delhe Afonso Dalboquerque propor tudo isto, praticaram este negocio,& visto tudo muito bem,assentaram q̃ não perseuerando a ágoa,que as nãos faziam,de maneira que lhe desse muito trabalho o passar á India,estiuessem ali a té o fim de Outubro:porque a té este tempo podiam ali vir algũas naos de Portugal,que fossem arribadas a Çacotorá,que seria grande ajuda pera fauorecer aquelle negocio. Assentado isto mandou Afonso Dalboquerque aos capitães,que teuessem suas naos derredór da cidade,na ordem em que estauão,& que nos bateis andassem

de noite

de noite ao longo da praia, vigiando cada hum como lhe coubeſſe ſua ſorte, que não paſſaſſem nenhũs paraos á cidade, & cõ eſta diligencia tomárã muitos, que vinham carregados de mantimentos, & neſta cõpanhia forã tres, que eram dos capitães dos Ruſtazes, que vinham de hum lugar que ſe chamaua Iáquem. Afonſo Dalboquerq̃ como ſoube q̃ os paraos eram ſeus, mandoulhos dar, & eſcreueolhe por hũs criados ſeus, q̃ nelles vinhã, que querendo elles com ſua gente ajudalo naquella guerra, que elle lhe daria ſoldo, & mantimentos, & lançando Cogeatar fóra da cidade, lhe daria a gouernança do reyno. Os criados dos Ruſtazes ſe foram, & deram as cartas a Caecocejo que era o principal delles, & por ſer o caminho longe tardáram muito, & quando tornaram com repoſta, acháram já Afonſo Dalboquerque determinado em ſe jr caminho da India. O Caecocejo lhe reſpondeo, que folgaua muito com ſua amizade, & que ſe ficaua fazendo preſtes com todos os ſeus parentes, pera o vir ſeruir naquella guerra: porq̃ todos deſejauão de ſerem vaſſalos delRey de Portugal, & que lhe fazia a ſaber que tanto que elle chegára a Calayate, Cogeatár os mandára chamar prometendolhe muitas dadiuas, que elle não quiſera aceitar: & com eſte recado mandou hum preſente de galinhas, carneiros & romãs, & Afonſo Dalboquerque lhe mandou outro de panos de ſeda, & outras couſas de muito preço, & eſcreueolhe grandes agardecimentos da ſua vinda, & que lhe pezaua muito nãono poder eſperar, & que eſperáua de muito cedo tornar a cometer aquella empreza, & juntos todos fazerem a guerra a Ormuz. Deſpedidos eſtes criados dos Ruſtazes, como a ágoa pera prouimento da gente da armada (que era o que mais cuidado daua ao grande Afonſo Dalboquerque que tudo) faltaua nas naos, mãdou dom Antonio que foſſe á ilha de Lara carregar os paraos, como os dias paſſados fizera. Dom Antonio ſe partio & chegou á ilha, & porque achou já guarniçã de gente, que paſſara da ilha de Queixome, em guarda dos poços, tornouſe ſem a tomar. Como dom Antonio chegou, fezſe Afonſo Dalboquerque preſtes, pera em peſſoa jr á ilha, & mandou Martim Coelho diante no ſeu nauio, & elle embarcouſe na fuſta, & nos bateis com muita gente, & foiſe apos Martim Coelho, & em chegando deſembarcaram, & forã cometer os mouros, & desbaratáranos lógo, & fizéramlhe deixar as eſtancias que tinham, & tomáram muitos camelos, cabras, & vacas, & deſentupirão os poços que os mouros tinham entupidos, & carregáram os paraos & bateis de ágoa, & mantimentos. Feito iſto, veioſe Afonſo Dalboquerque pera

L as naos,

as naos, & deixou Martim Coelho no ſeu nauio em guarda dos poços, & em quanto ali eſteue não ouſaram os mouros, que eſtauão na ilha de Queixome, paſſar á ilha de Lara, & como chegou ás naos dahi a tres dias, mandou Diogo de Melo á ilha de Lara, & que diſſeſſe a Martim Coelho que tomaſſe ágoa, & ſe vieſſe ancorar derredór da cidade, no lugar onde elle eſtaua. Diogo de Melo ſe partio lógo & chegando á ilha, diſſe a Martim Coelho o que Afonſo Dalboquerque mandaua, o qual tomou ſua ágoa & leuou as amarras, & veio ſurgir ao lugar onde Diogo de Mélo eſtaua: & depois de Martim Coelho ſer vindo mandou Afonſo Dalboquerque Pero Dalpoem, & Ioão Eſtão no eſquife da ſua nao de noite, ao longo da ribeira ver, o que os noſſos (que elle mandara vigiar a cidade nos batéis) faziáo, & eſtando ſobre o remo ao longo da ribeira, veio tér com elles hũ parao, & não ſe percatando do que podia ſer, foramno inueſtir deſapercebidos de armas, cuidando que vinha com mantimentos pera a cidade, & em o enueſtindo foram todos feridos de fréchadas, & com o negocio ſer ſupito, embaraçáramſe de maneira, que tiuéram os mouros lugar de ſe ſaluar no parao. Afonſo Dalboquerque entendendo que podia ſer ardil dos arrenegados, que aconſelhariam a Cogeatar, que mandaſſe meter archeiros nos paraos, que traziáo os mantimentos pera guarda delles, mandou aquella noite os bateis armados com gente q̃ lhe tomaſſem hũ, pera ſaber dos mouros o que iſto era, & andando os noſſos bateis rodeando a cidade de noite, veo ter com elles hum parao cõ trinta archeiros, que elles tomáram ſem nenhũa reſiſtencia, & trouxeráono a Afonſo Dalboquerque & de dous mouros que mandou meter a tormento ſoube, que a molher que fora do Rey Cergol, mandaua cento & cincoenta archeiros a elRey de Ormuz eſpalhados por muitos paraos, por virẽ mais ſecretos pera o ajudarem naquella guerra, & que Cogeatar mandaua fazer hũa armada em Iulfar, pera lhe vir queimar a ſua, & que ao porto de Nabande era chegada hũa cafila da Perſia, em que vinham dous capitães do Xeque Iſmael, com quinhentos archeiros das carapuças compridas, que Cogeatar lá mandára buſcar, com grande ſoldo que lhe daua, pera o ajudarem naquella guerrá, & que eſtáuam eſperando embarcação ſegura pera paſſarem.

Como

Como o grande Afonso Dalboquerque auisou Diogo de Melo do que tinha sabido da armada de Iulfar, & foy a Nabande, & pelejou com os capitães do Xeque Ismael, & os desbaratou. Capitulo. LXV.

COmo o grande Afonso Dalboquerque teue nóua desta armáda, que se fazia em julfar, escreueo lógo a Diogo de Mélo que se vigiasse, & estiuesse a bom recado, porque o não tomassem descuidado: & vendo tantos nauios que se não estreuesse a pelejar cõ elles, o auisasse lógo: porq̃ elle jria em pessoa ajudalo, & disse aos outros capitães, q̃ tinha nóua que a Nabande eram chegados dous capitães do Xeque Ismael, que vinham com gente em fauor do Rey de Ormuz, q̃ se fizessem prestes, porque elle determinaua de jr lá & pelejar cõ elles, & mandou a dõ Antonio de Noronha q̃ se embarcasse no batel da sua nao, cõ parte da gẽte, & elle cõ a q̃ ficoua jria na fusta: & porq̃ as naos não estiuessem desacõpanhadas á vista da cidade, & os arrenegados pela falta dos bateis, não entendessem que estauam sós, (ardil que elles sabiam muito bem) assentou com todos de fazer este salto de noite: por que fazia luar muito craro, & tornar a oras q̃ o não achassem menos, & ordenou certos homẽs que vigiassem as naos, cõ dous bõbardeiros em cada hũa, & feito isto embarcouse lógo á noite com toda a gente, & foy ter com os outros capitães, q̃ estauão ja prestes, & dali fizérão todos seu caminho direito a Nabande, onde chegáram á mea noite, & foram lógo sentidos, & ouuiram hũa grita de muita gente, & chegandose mais a terra déram os mouros outra, que parecia ser de menos gente. Afonso Dalboquerque que era na dianteira: porque não ouuio nenhum rumor de gente, cuidando que deixáram o lugar & se foram, desembarcou: & como pos os pés em terra, foram tantas as frechadas sobre os nossos, sem verem donde lhe tirauão (por ser de noite) que se não podiam valer. E estando com a sua gente toda junta, esperando que chegassem os bateis, vendo que era menos perigo dar nos mouros, que esperar que os ferissem todos, determinou de os cometer, & nisto chegáram os outros capitães, & como desembarcará abalou, & começou a entrar o lugar. Os mouros como ouueram vista delle, fizéramse em corpo junto da mesquita, & ali esperáram: o qual asi como hia acompanhado da sua gente deu nelles, & cometeramnos tam valero-

ſamente, que aos primeiros golpes derribáram algũs, & depois de terem as lanças bem empregadas, vieram com os mouros ás eſpadas em hum médão de area, que eſtaua pegado no lugar, & pelejárão hũs & outros com tanto esforço, por hum bom pedaço, ſem mudarem pé a tras (que fizéram o médão tam chão, que mais parecia terreiro de paço que médão de area) & eſtando neſte aperto (que não durou muito) com a maior parte da ſua gente ferida, acodio dom Antonio de Noronha por detras da meſquita, & deu nos mouros, os quaes como ſe viram atalhados, poſeramſe em fogida, & niſto chegou Franciſco de Tauora, & Martim Coelho com ſua gente: & foramnos ſeguindo por hum bom eſpaço, derribãdo muitos delles, que hiam aſsi a mea volta pelejando com a noſſa gente, ſem ſe determinarem bem em fugir. Afonſo Dalboquerque porque era de noite, deixouſe eſtar apegado com a meſquita em corpo com a ſua gente, & temẽdoſe que os que hiam apos os mouros ſe deſmandaſſem, mandou aos capitães que os recolheſſem, & vieſſem ter com elle, & como fóram juntos entráram no lugar, & indo por hũa rua, fóram dar em hũa caſa, onde eſtauam os dous capitãs do Xeque Iſmael pondoſe a cauálo com ſeus criados pera fogirem, & entrando dentro matáramnos a todos, & voluéram lógo ſobre a meſquita, onde eſtáua outro capitam com muita gente recolhido, pera ſe fazer forte nella, mas não lhe valeo: porque dom Antonio de Noronha & Martim Coelho, & toda a outra gente, que hia apos elles, foram cometer a meſquita, & entrárãna por força, & matáram o capitão & toda a gente q̃ eſtaua dentro, & tomarãlhe ás armas, & as carapuças vermelhas & tudo o mais que tinham, & ſaidos dali começáram a roubar o lugar. Afonſo Dalboquerque vẽdo que os mouros da terra ſe começauão ajũtar & elle com pouca gente por ſer de noite, veioſe recolhendo com os capitães pera a praia, onde eſtauão os bateis, pera ſe valer das bombardas, ſe o quiſeſſem cometer, & mandou pór fogo ao lugar por quatro partes, & fazer ſinal com o tambor, pera que a gente que andaua a roubar, ſoubeſſe onde elle eſtaua. Como os noſſos viram o fogo, cada hum ſe recolheo pera aquella parte pera onde ouuiram o tambor com eſſe fato que poderã trazer, & como eſteueram juntos, não ouſarã os mouros mais de trauar cõ elles, & poſerãſe da outra bãda do lugar, & metiaſe antrelles & os noſſos hũ brejo, & ali ſe deixarã eſtar, ſem poderẽ valer ao lugar que não ardeſſe.

¶ Eram ali aqlle dia em cõpanhia de Afonſo Dalboq̃rq̃, Diogo guiſado Gaſpar Machado, criados delRey, Antonio de Sá, Bertolameu Pereira, Nuno

Nuno Vaz de Castelo branco, Antonio de Liz criados do mêstre de Sanctiago, Ioão Coelho, Gonçalo queimado, & Pero Gonçaluez piloto môr, & todos foram feridos de frêchas. E com dom Antonio de Noronha erã, Iôrge da Sylueira, Francisco de Melo, Duarte de Sousa, Bastiam de Miranda, Antonio da Costa, Lisuarte de Freitas, Ioão Estão, Nicolao de Andrade, Antonio Fragoso, Pero Dalpoem, Ioão Teixeira, Simão Velho. Iames Teixeira, Antonio Vogado, & outros muitos homẽs honrados. E com Francisco de Tauora eram, dom Ieronymo de Lima, dom Ioão seu Irmão, Aires de Sousa, Lopo Aluarez, Martim Vaz, Antonio Fernãdez criado do conde de vila Noua, Diogo machado, Dinis Fernandez mêstre do Cirne, & outros muitos. E cõ Martim Coelho eram Antonio da Sylua, Christouão de Magalhães seu jrmão, Payo Pereira, Pero de Sousa, Gaspar Vaz, Christouão de Azeuedo jrmão bastardo de Martim Coelho, & hũs & outros pelejaram aquelle dia tam valerosamẽte, & fizeram hum feito tam honrado, por ser contra os Persas (que naquella terra he auida pela melhor gente do mundo), que me pareceo rezão, por honra de seus filhos, fazer aqui memoria delles. E bem creio eu que os Persas, que dali escapáram, darião milhor fama dos Portugueses em sua terra, da que os capitães que fugiram da guerra deixáram em Ormuz: & asi como esta fugida dos capitães foy estranhada do Xeque Ismael, Foy louuado muito delle este desbarato, que os nossos fizéram nos seus capitães: porque depois disto trabalhou muito tér amizade com o grãde Afonso Dalboquerq̃ & mandou o visitar, & quãdo os seus embaixadores chegáram a Ormuz era já partido pera a India. Os moradores deste lugar não tinham ali suas molheres, nem suas fazendas, porque viuiam com receo disto que lhe acõteceo, & o despojo que se tomou, foy áquella gẽte da Persia que áli estáua, que era dinheiro, vestidos, armas, adagas guarnecidas de ouro, & de prata, arcos, frêchas, & muitos caualos que lhe matáram, & queimáramlhe todos os mantimentos & monições de guerra, que Cogeatar ali tinha pera passar a Ormuz.

¶ Acabado isto Afonso Dalboquerque se recolheo com toda a gente aos bateis, & ao remo & á vela trabalháram todo o espaço que ficou da noite de maneira, que chegáram ás naos em amanhecendo, & os que ficáram nellas lhe disseram, que na cidade ouue toda aquella noite grande aluoroço, quando viram o fogo em Nabande: & todo aquelle dia se gastou em mandár curar os feridos que eram muitos, & ao outro dia pela menhaã

mandou Afonſo Dalboquerque Dinis Fernandez no rey grande, que foſ ſe á ilha de Lara tomar ágoa, & Diogo de Mélo ſe vieſſe lançar, onde elle eſtaua, & leuadas as ancoras, indo á vela com o traquete, veio hũ parao de terra remando rijo, demandar a nao: Dinis Fernandes cuidando que lhe trazia algũ recado, mandou largar as eſcotas, & eſperou por elle. Os mouros que vinham no parao, como chegáram perto da nao, tiráramlhe hũa bombardada. Vendo Afonſo Dalboquerque o parao esbõbardear a nao, mandou com grande preſſa dom Antonio no ſeu batel, & Iorge da Sylueira no ſeu eſquife, que foſſem tomar a terra ao parao, & q̃ ſe chegaſſem bem á borda da praia, porque era baixamár, & não lhe podia a artelharia da cidade fazer nojo. Os mouros do parao como viram que os noſſos bateis arrancáuam das naos, primeiro que lhe atalhaſſem, ouuéram a terra, & como os noſſos hião já perto delles, começáram a tirar com a artelharia que leuáuam á gente da terra, que os vinha ſocorrer, & fizerãnos afaſtar. Dom Antonio, & Iorge da Sylueira com eſta furia que leuáuam, quiſeram decer em terra apos os mouros, mas Afonſo Dalboquerque acodio lógo na fuſta & felos recolher: porque os mouros que acudiram áquelle rebate, eram oitocentos fréсheiros, & cincoẽta de caualo, & os noſſos muito poucos pera os cometer, & recolhido o parao & a bombarda q̃ os mouros nelle leuáuão, tornárãoſe pera as naos, & Dinis Fernandez fez ſeu caminho á ilha de Lara como hia.

Como Diogo de Melo que eſtaua na ilha de Lara ſe perdeo, & o grande Afonſo Dalboquerque ſe partio pera a India, & o que paſſou atê chegar á ilha. Capitulo. LXVI.

ESTANDO o grãde Afonſo Dalboquerq̃ eſperãdo por Diogo de Melo, q̃ ſe vieſſe no ſeu nauio ancorar, onde o rey grãde eſtaua, chegou Duarte de Mélo ſeu irmão no batel & diſſelhe, q̃ auia tres dias q̃ Diogo de Mélo ſe metéra em hum zambuco piqueno, que Manuel de Lacerda tomára carregado de tamaras, & ſe fora com noue homẽs Portugueſes, & dous mouros, & que não tornára mais nem ſe ſabia nhũa noua delle, & q̃ a armada dos mouros que ſe fizera em Iulfar, viera á ilha de Lara, & ahi eſtaua ſurta. Afonſo Dalboquerque agaſtado deſta noua, q̃ lhe Duarte de Melo deu, mãdou lógo dom Antonio de Noronha, & dom Ieronymo de Lima

Lima, que se embarcassem na fusta, & no seu batel com gente, & Duarte de Melo, & fossem ver o que isto era, & escreueo a Martim Coelho, que se leuasse donde estaua, & se ajuntasse com elles, & juntos todos cometessem a armada dos mouros, que estaua na ilha de Lara, & trabalhassem muito por saberem algũa noua de Diogo de Melo, & se pela ventura esteuesse em lugar, donde não podesse sair por amor da armada dos mouros, que o fossem socorrer. Partidos estes capitães, foramse ajuntar com Martim Coelho, pera todos juntos jrem cometer a armada dos mouros q̃ estaua surta, a qual como ouue vista dos nossos leuou suas ancoras, & ao remo & á vela fugiram. Dom Antonio cõos outros capitães foram nos seguindo, & vendo que os não podião alcançar tornaramse, & derã hũa volta derredor da ilha de Lara, pera saberem nouas de Diogo de Melo, & neste caminho acháram no már seis homẽs mortos, & conhecéram serem da sua cõpanhia, & vindose recolhendo ao longo da ilha, tomárão hum parao pequeno com tres ou quatro mouros, & dali despedio dom Antonio de Noronha Duarte de Melo, & mandou o com esta noua, & q̃ leuasse consigo os mouros que se ali tomáram. Chegado Duarte de Melo mãdou Afonso Dalboquerque meter os mouros a tormento, & elles lhe disseram, que estando a sua armada surta na ilha de Queixome, viera tér com ella hũ parao pequeno com certos Portugueses, & q̃ o seu capitão os fora cometer, & por se não querer render o meteram no fundo, & depois dos Christãos andarem na ágoa os matáram a todos, senão hum que tomaram viuo, que o capitam mandou logo a Cogeatar, & o dos Portugueses por andar muito armado, se fora ao fundo. Anojado Afonso Dalboquerque deste desastre disse a Duarte de Melo que como fizera seu jrmão aquilo, tendoo auisado muitas vezes daquella armada, & elle lhe disse que fora enganado por dous mouros, que Manuel de Lacerda tomára em hum zábuco, os quaes lhe disseram que se os forrasse, que elles o leuarião a hũ porto, onde estauão certos paraos metidos: & que se fora com elles áquelle ardil, & não déra nada polos requerimentos que lhe todos fizeram da sua parte.

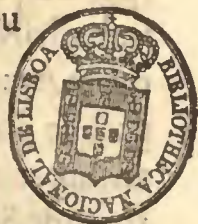
¶ Como se Duarte de Melo partio cõ este recado, Martim Coelho leuou suas amarras, & foise ajuntar cõ Dinis Fernandez, capitão do rey grande que estaua na ilha de Queixome, pera ali esperárem recado de Afonso Dalboquerq̃ & dõ Antonio de Noronha no nauio de Diogo de Melo, & Iorge da Sylueira na fusta: depois de terẽ tomado sua ágoa foramse pera

a cidade, & achàram Afonſo Dalboquerque muito agaſtado, aſsi pelo deſaſtre acontecido a Diogo de Melo, como pela muita ágoa que o Cirne fazia, que era tanta, que trinta mouros que continuamente dauam á bõba, com muito trabalho a podiam vencer, & eſtando aſsi deu hũa torméta tam ſupita nas naos, que ouueram de çoçobrar todas, mas porque durou pouco, & as amarras tiuerão mão, ſe ſaluáram. Afonſo Dalboquerq̃ paſſada a tormenta, vendoſe ſem gente & ſem armada, & mal ſocorrido do Viſorrey, determinou de ſe partir pera a India, & ſem mais ter pratica com Cogeatar, fezſe á vela, & foy demandar a ilha de Queixome, onde eſtáuão Martim Coelho, & Dinis Fernandez, pera ali tomar âgoa, & fazer ſua viagem caminho da India, & como chegou q̃ não vio o Rey grãde, pergũtou a Martim Coelho onde eſtáua, elle lhe, diſſe que na lũa noua paſſada lhe déra hũa tormenta tam rija, que de todo eſtiuéram perdidos, & que Diniz Fernandez largára as amarras, & que védoo jrá vela lhe perguntara, ſe ſe leuaria, & elle lhe reſpondera que ſe a ſua nao tinha boas amarras, que ſe deixaſſe eſtar: porque o tempo auia lógo de abonançar, que por ſerem ágoas viuas ventaua aſsi, que elle ſe hia lançar da outra banda da ilha, por ſer abrigada daquelle vento, & como paſſaſſe aquella eſtrupada ſe viria pera elle. Afonſo Dalboquerque mandou ajuntar todos os pilotos & méſtres, & pergentoulhe que caminho faria a nao, & ſe ſeria perdida: todos diſſeram que ſe não agaſtaſſe: porque Diniz Fernandaz era tam grande homem do már, que elle daria boa conta della, quanto mais que antre aquellas ilhas era o már tam brando, que as almadias atraueſſauão de hũa parte pera a outra, ſem nenhum perigo. Afonſo Dalboquerque com iſto que lhe os pilotos diſſeram, ficou algũ tanto mais deſagaſtado, & com tudo mandou dom Antonio de Noronha, que foſſe a hũa ſerra alta, que a ilha tem, donde ſe ve todo aquelle már, com algũs marinheiros & viſſe ſe via algũa nao, & todos os que hiam em ſua companhia, ſe affirmaram verem hũa nao grande que hia dobrãdo o cabo de Maçãdi. Recolhido dom Antonio, eſtando já todos fornecidos de ágoa, fizeramſe á vela, & dobrando o cabo, tomáram hũa nao de Guzarates, que vinha do már roxo pera Cambaya, carregada de ſedas: pedrahume, & aljofar, & algum dinheiro. Afonſo Dalboquerque mandou vir perante ſi o piloto, & méſtre, & perguntoulhe ſe vira hũa nao grande naquella paragem, que era de ſua companhia, o piloto lhe diſſe, que eſtando elle ſurto detrás do cabo, viram hũs barcos de peſcadores recolhendoſe do már pera terra, &

diſſerá

disseram que vinham fugindo de hũa nao de Frangues que hia na volta da India. Sabido isto mandou despejar as naos de todas as mercadorias que trazia, & porlhe o fogo, & soltou os mouros liuremente q̃ se fossem, & tornou a seu caminho, & sem lhe acontecer outra cousa, veio a ver vista de Angediua, & passados tres dias que ali esteue, partiose, & foy ter a Cananor, & ali achou o Visorrey acompanhado dos capitães que lhe fugirã, & do comendador Rui Soarez, que sendo da sua obrigação, não quis jr a seu chamado: os quaes passaua de hum anno, que ali andáuam, muito fauorecidos do Visorrey, sem os castigar porlhe fugirem, & o deixarem na guerra, & dali a poucos dias chegou Diniz Fernandez no rey grande, cõ toda a gente a saluamento. E posto que Afonso Dalboquerq̃ sintio muito ver os seus capitães diante do Visorrey sem castigo dissimulou, & entregoulhe a armada & gente, paga de tudo o que lhe era diuido até aquella hora, & deulhe conta dos trabalhos que tiuera com os mouros, & com os Christãos, auendo dous annos, & oito meses que andaua no már, conquistádo o reyno de Ormuz, como lhe elRey dom Manuel seu senhor tinha mandado, sem em todo aquelle tempo ter nenhum fauor & ajuda do Visorrey.

Fim da primeira parte.

SEGVNDA PARTE DOS COMENTARIOS DO GRANDE Aofnso Dalboquerque, em que se contem o que passou com o Visorrey, & o que fez depois de ser entrégue da gouernança da India, até tomár Goa a primeyra vez.

Como o grande Afonso Dalboquerque chegou a Cananor, na entráda de Dezembro, do anno de quinhentos & oito & requereo ao Visorrey que lhe entregasse a gouernança da India, como elRey dom Manuel mandáua em suas prouisões, & do que sobre isso passou. Capitulo. I.

CHEGADO o grande Afonso Dalboquerque a Cananor (como tenho dito) achou ali o Visorrey fazendo prestes sua armada, pera jr buscar os Rumes que estauão em Diu: & como elle tinha já sabido por Fernão Soarez, & Ruy da Cunha, capitães da armada de Iorge de Aguiar (que auia poucos dias q̃ eram chegados) que elRey dom Manuel mandaua que aquelle anno se fosse pera Portugal, & Afonso Dalboquerque ficasse gouernádo a India, não folgou muito com sua vinda, nem elle de vér, quam bem tratados eram do Visorrey os capitães que lhe fugiram de Ormuz, & recreceose daqui auer antrelles grandes descontentamentos. Passados algũs dias, foise Afonso Dalboquerque ao Visorrey, & disselhe perante Fernão Soarez, & Ruy da Cunha, que pois elRey dom Manuel mandáua que se fosse pera Portugal, & todas as cartas & negocios vinham endereçados a elle, como a gouernador da India, q̃ lhe pedia por merce que lha entregasse, assi como elRei mandaua: porque estáuão na entrada de Dezembro, que era o proprio tẽpo em que podia partir, & tinha a nao Betlem, em que sua pessoa jria bem agasalhada, & outras seis naos, pera o acompanharem. O Visorrey lhe respondeo, que o tempo da sua gouernança se acabaua ainda em Ianeiro, & que acabado elle lha entregaria. Afonso Dalboquerque como vio esta

deter-

determinaçã do Visorrey, nao lhe quis mais repricar, & foise pera sua casa & mandoulhe mostrar por Antonio de Sintra que seruia de secretario, (por Gaspar Pereira ficar doente em Cochim) os poderes & aluarás, que tinha delRey dom Manuel, asi cerrados & asselados como os trazia: os quaes Antonio de Sintra abrio, a requerimento de Afonso Dalboquerq̃: porque dizia no sobrescrito, que se abririam quando o elle requeresse, & asi abertos os leuou ao Visorrey, o qual depois de os tér lidos, disse a Antonio de Sintra que fizera muito mal, de abrir aquellas prouisões sem lho primeiro dizer, & Afonso Dalboquerque errara muito, no requerimẽto que lhe fizera perante Fernão Soarez, & Ruy da Cunha: que lhe dissesse q̃ seria bom cõselho tornalos a cerrar, & telos asi em segredo até sua vinda de Diu. Antonio de Sintra lhe deu este recado, & disselhe, que se fosse necessario tornar a cerrar todas aquellas prouisões, que elle o faria de maneira, que parecesse que nunca foram abertas. Afonso Dalboquerq̃ lhe disse: Segundo isso Antonio de Sintra, já vós fizestes outra tal como esta: não sou eu o homẽ, que ey de tornar a cerrar os podéres & aluarás delRey, em que me manda q̃ gouerne a India depois de abertos: dizei ao Visorrei que pois a obrigação desta armada he minha, por ser gouernador da India que ma entregue, que eu irei buscar os Rumes. O Visorrey lhe mandou dizer, que elle estaua já prestes, & determinado pera fazer aquella jornada, que ficasse elle ali em Cananor, ou se fosse pera Cochim, a repousar dos trabalhos passados, & que tanto que tornasse, elle lha entregaria, cõforme ás prouisões delRey. Afonso Dalboquerque lhe mandou dizer, que elle não podia tornar a tempo, que aquelle anno podesse ir pera Portugal, que se determinaua de ficar na India, que gouernasse elle a terra, & lhe deixasse a armada do mar, pera ter cuidado della. O Visorrey enfadado já destes recados, disse a Antonio de Sintra que lhe este recado leuou. Bem está asi por agora, & não lhe deu outra reposta, & ao outro dia pela menhaã, foy Lourenço de Brito, capitão da fortaleza de Cananor, vér Afonso Dalboquerque, lançado polo Visorrey, & depois de outras praticas, começoulhe a dizer que não curasse de requerimentos, nem falar naquellas cousas: porque a gente desejaua muito, que o Visorrey ficasse nella, & que se muito apertasse com este negocio, & se posesse em votos de capitães, que todos auiam de ser deste parecer, & que aquillo lhe dizia como seu seruidor, & amigo, porque desejaua que antre elle & o Visorrey, nã ouuesse differẽças. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que pois lhe não pedia conselho,

que

que podéra escusar darlho:porque elle o tinha tomado,com aquelles poderes & aluarás delRey dom Manuel que ali tinha, que aconselhasse ao Visorrey que os comprisse,& não lhe viesse meter biocos.

¶ Passadas estas cousas,vendo Afonso Dalboquerque que o Visorrey lhe não queria entregar a India,& os capitães que lhe fugiram,& o deixárão na guerra de Ormuz,com seu fauor lhe faziam muitas descortesias:por se tirar destes & de outros inconuenientes,foise embarcar na nao Cirne em que viera de Ormuz,&partiose pera Cochim,& pela muita agoa q̃ a nao fazia,se ouuera de perder no caminho,&chegou aos catorze dias do mes de Dezembro,& esteue na nao cinco dias,esperando q̃ lhe buscassem hũas casas pera pousar,&a nao o vieram ver em chegando,Gaspar Pereira,Rui de Araujo,& os outros officiaes da feitoria,& depois de lhe dar conta do q̃ tinha passado com o Visorrey em Cananor,mostroulhes os poderes &aluarás que tinha delRey dom Manuel,pera ser capitão géral da India, & disselhes que lhe não mostraua aquelles poderes delRey, pera lhe obedecerem,senão pera serem certos,que requerera ao Visorrey, que desistisse do poder & mando da India,& lha entregasse como elRey dom Manuel mandaua:porque não queria ser azo de se fazer algũa vnião:que já em Cananor se vieram algũas pessoas a elle,& lhe aconselháram que se chamasse capitão géral da India, & que elle o não quisera fazer,por escusar bandos & defferenças,& que lhe juraua q̃ o tratáram de maneira em Cananor que ouuera medo de lhe fazerem algũa descortesia,ou de o matarem. O Visorrey como se Afonso Dalboquerque partio,arreceando que se mandasse queixar a elRei nas naos,que aquelle anno auião de jr pera Portugal, escreueo ao Priol do Crato seu jrmão,que se ajuntasse com o Barão,& cõ o gouernador dom Aluaro de Castro,& todos tres falassem a elRey,& lhe dissessem,que sua ficada na India,fora porque todos os capitães, & gente nobre lhe requereram que se não fosse: porq̃ ficando Afonso Dalboquerq̃ por gouernador della,os mouros se auião logo de aleuantar contra os nossos, & que por esta causa lha não entregara: a te sua Alteza ser aduertido do que passaua,& prouer nisso o que fosse mais seu seruiço,& que dos males q̃ tinha feitos no reino de Ormuz,se podia informar de Afonso Lopez da Costa que lá hia,pera o dizerem a elRey,& de Gaspar Rodriguez lingoa,que dizia que por sua culpa & mao gouerno se perdera Ormuz.& cõ estas cartas mandou o Visorrey Manuel fragoso a Cochim, na fusta em que Nuno Vaz viera de Ormuz,& escreueo a Gaspar Pereira,q lhe pedia

por

por merce que olhasse que antre Afonso Dalboquerque & Iorge Barreto, não ouuesse differenças: porque não sabia quam amigos estáuão, & q̃ por escusar escandalos, nã pousasse na fortaleza, & que lhe dessem as milhores casas da vila pera pousar (não sendo as de Ioão da Noua) & que lá lhe mãdaua hũs apontamentos de culpas, que tinha de Afonso Dalboquerque, q̃ lhas amostrasse, & que tambem o tentasse, se tomaria tudo o que ouuesse de auer de seu soldo & quintaladas, quãdo fosse capitão mór da India: porq̃ elle lho quisera mandar offerecer, & que lhe vira tanta vaidade (não tẽdo de que a tér) que não ousara de o cometer com isso. Afonso Dalboquerque tambem por sua via escreueo a elRey, tudo o que passara com o Visorrey, & mandoulhe a deuassa que em Ormuz mandára tirar, da fugida dos capitães, pedindolhe que os castigasse. ElRey dom Manuel ficou tam descõtente desta fugida dos capitães, q̃ chegado Afonso Lopez da Costa, o mãdou lógo prender na coua do castelo, & quisera o mandar degolar por isso, se não tiuera amigos que lhe valéram.

Como Gaspar Pereira leuou os apontamẽtos que lhe o Visorrey mandou ao grande Afonso Dalboquerque, & da reposta que lhe deu. Capitulo. II.

Passados os dias que o grande Afonso Dalboquerque esteue na nao esperando que lhe despejassem as casas de Gonçalo Fernãdez, em que auia de pousar, veiose a terra, & Gaspar Pereira o foy lógo ver & disselhe, q̃ o Visorrey antes de sua partida de Cananor pera Diu, lhe mandára hũs apontamentos de culpas suas q̃ lhe mostrasse, que se lhe désse licença pera lhos dar que o faria, & senão q̃ estariam asi, até o Visorrey vir: porque elle ali não era mais que messageiro. Afonso Dalboquerque lhe disse que lhos desse, porque vinha já de Cananor tam farto das cousas do Visorrey, que se não auia de espãtar de nada, que elle résponderia.

¶ A primeira culpa era, que podéra escusar mandarlhe prouicar os seus poderes, que tinha delRey, por Antonio de Sintra em Cananor, & fazer lhe o requerimento que lhe tinha feito, perante Fernão Soarez, & Rui da Cunha, capitães delRey. Afonso Dalboquerque respõdeo, que não sabia porque se espantaua tanto daquelle requerimento, pois por muitas vezes

tinha

tinha dito, que elRey lhe escreuera que se fosse pera Portugal, & lhe entre gasse a gouernança da India, & que mais pera espantar era, chegar elle a Cananor, & achalo em determinação de lha não entregar, como fizera.

¶ A segunda culpa era, que deixára Çacotorá sem mandado delRey, & se viera pera a India, tendolhe escrito por Tristão da Cunha, que sua Alteza lhe mãdaua q̃ tiuesse cuidado della, & por esta causa deixara de a mandar prouer do necessario. Afonso Dalboquerque respondeo, que chegando a Cananor, lhe dera rezão de sua vinda ser, pelos tempos não consentirem outra nauegação: porque no mes de Nouembro & Dezembro, não se podia tomár de Ormuz a ilha de Çacotorá, por serem os ventos trauessões, & os tempos muy rijos, & q̃ tambẽ o obrigára virse pera a India a muita ágoa q̃ o rey grande, & o Cirne fazião, por se não perderem, & mais ser já Chegado o tempo, em que lhe elRey mandaua entregar a gouernãça da India: & pois lhe pedia tam estreita conta do que fizera, q̃ primeiro a ouuera de tomar aos capitães, q̃ lhe fogiram da guerra, & a Manuel Telez q̃ trouxéra os mãtimẽtos q̃ lhe tinha dados pera leuár á fortaleza de Çacotorá na sua nao, os quaes elle trazia diante de si muito fauorecidos, & querendolhe por muitas vezes dar rezam de si em Cananor, nunca o quisera ouuir nẽ ver seu regimento: porq̃ nelle lhe mandaua elRey, q̃ quãdo não visse recado seu, fizesse o q̃ lhe parecesse mais seu seruiço, & se lhe não pare cera bẽ sua vinda sem mãdado delRey, como lhe parecia bẽ sua ficada na India, sem lhe querer entregar a gouernança della, nem guardar os seus mandados & regimentos? & q̃ a carta que lhe escreuera por Tristão da Cunha, viua estaua, & outra em que lhe daua conta da fugida dos capitães pedindolhe que lhe tornasse a mandar os nauios & gente, & outros capitães, & nella lhe daua conta do estado em que ficaua, da qual nunca vira reposta, nem o ajudara como era obrigado, por ser capitam géral das Indias, mas antes vira cartas suas pera o Rey & Cogeatar, desprezando sua pessoa, com palauras muito feas, auendo seus trabalhos por cousa de pouca substancia, louuandolhe muito o que os capitães fizeram & como forã bem recebidos delle.

¶ A terceira culpa era, que tiuera cercado a Ormuz, sem lhe deixar tirar, nem meter cousa algũa, durante o tempo do seguro que lhe tinha dado, & Cogeatar lho mandara mostrar, & elle lho não quisera tornar mais. Afonso Dalboquerque respondeo que era verdade, que durando o tempo do seguro, teuera cercada a ilha de Ormuz toda em roda, não

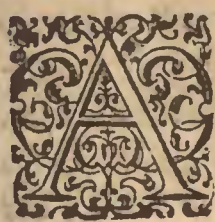
consen-

consentindo que nenhũa gente de fora entrasse nelle, nem saisse de détro: porque asi lhe cumpria, pera segurança da sua gente & armada, & aguardar ali o socorro & ajuda delRey dom Manuel nosso senhor: porque nas cartas que achára em em Ormuz (quando tornára de Çacotora) pera Cogeatar, vira bem o socorro que lhe elle auia de mádar, & boa testemunha era Gaspár Rodriguez lingoa de hũa carta que lhe Cogeatar mostrára cõ o selo das armas delRey de portugal, que não seruia de mais que de nichilar seus trabalhos, & sua pessoa, como se fora hum cossairo banido do reino: & vendo Cogeatar a pouca conta que fazia delle (como homé sesudo) entendeo o negocio, & soubese aproueitar do tempo, & não era de espantar, dizeremlhe algũas pessoas da sua companhia, que fizera o q̃ não deuia, por lhe comprazerem, pois viram serem bem recebidos delle os capitáes que lhe fugiram, com querela de lhe não contétar a guerra q̃ fazia, & mandarlhe carregar suas quintaladas & ordenados: & os que aguardaram & o acompanháram em todos os trabalhos & fortunas, como muy bõs & leais caualeiros, acharem suas arrecadações em branco, sem lhe seré carregadas suas quintaladas. E se Cogeatar auia de gozar deste seguro que lhe elle mandaua, rezão era, que estiuesse elle tambem seguro de Cogeatar: mas elle pedia que lhe guardasse o seguro, & mandaualhe tirar ás fréchadas, sendo elle capitão mór delRey de Portugal, em cujo nome o seguro lhe era dado.

¶ A quarta culpa era, que Cogeatar lhe mandára pedir hum mandado & asinado que tinha seu & que lho não quisera dar. Afonso Dalboquerque respondeo que lhe não lembráua se lho mandára, & ainda que asi fóra, não lho ouuera de dar: porque o mandado era pera elle do que auia de fazer, & por dar rezão de si a elRey dom Manuel do que fizesse, por vir derigido a elle nomeandoo por seu nome, & por cima de tudo lhe déra o trelado asinado por elle, asselado com o seu sinete, & hum conhecimento de como recebera aquelle seu mandado: porque se pela vétura o viessem buscar naos & gente, que elRey dom Manuel ali mádasse em seu fauor, como ficaua ordenado, quando partisse de Portugal, soubessem chegando a Ormuz o que ali passára.

¶ A quinta culpa era, que tomára hum escrauo a hum mouro mercador de Ormuz, contra sua vontade. Afonso Dalboquerque respondeo, q̃ não era tal, senão que viera hũa cafila de mercadores da Persia pera Ormuz, & hum mouro trazia em sua companhia hum moço Christão da Ruxia, o

qual como vira as nossas naos fugira, & vierase meter nellas, & o mouro lhe pedira o moço, & elle lho não quisera dar, porque era Christão, & não se queria tornar com elle, & nem por isso ficara catiuo, nem se deuia de crer que hum homem tal como elle, catiuasse hum moço que se vinha meter em suas mãos com nome de Christão: & porque Gaspár Pereira, alem destes apontamentos, disse a Afonso Dalboquerque outras cousas, que lhe o Visorrey mandaua dizer por palaura, & hũa dellas era, que lhe pagaria todo o ordenado do tempo que ficasse na India: respondeolhe que dissesse ao Visorrey, que na corte delRey de Portugal donde ambos vieram, não lhe vira elle manhas, nem costumes, pera lhe cometer q̃ vendesse por dinheiro sua honra, & a estima de sua pessoa, & que elle esperaua em Deos, de fazer tantos seruiços naquellas partes a elRey nosso senhor, por onde merecesse fazerlhe merce de outros titulos mais honrosos que Visorrey. Depois de Afonso Dalboquerque tér respondido a estes apontamentos, mandou chamar Gaspár Pereira, & perãte Rui de Araujo & André Diaz, & os outros officiaes da feitoria de Cochim, que estauão com elle lhos deu, & dissélhe que se espantaua muito delle, sabendo pelas cartas que lhe elRey tinha escritas, como a secretario da India, em q̃ mãdaua que o Visorrey se fosse pera Portugal, & elle a ficasse gouernando, auerlhe tamanho medo, que não queria fazer o que sua Alteza mandaua em suas cartas, & que pois o Visorrey lhe não queria entregar a gouernãça da India, que elle a não auia de tomár á espáda, senão cõforme aquelles poderes que ali tinha delRey seu Señor. Gaspár Pereira lhe disse, que elle tinha por sem duuida, que o Visorrey lhe deixaria a gouernança, tanto q̃ chegasse de Diu, como por muitas vezes tinha dito perãte aq̃lles officiaes que ali estáuão, & quãdo não quizesse fazer o q̃ elRey mãdaua, q̃ lhe deixaria os seus officios pera q̃ os desse a quem quisesse, & seruiria com elle.

De algũas cousas que o grãde Afonso Dalboquerque passou em Cochim cõ Iorge Barreto, & da carta que lhe escreueo Lourẽço de Brito capitã de Cananor, & da reposta q̃ lhe mãdou. Cap. III.

A Vendo dez dias que o grande Afonso Dalboquerque era chegado a Cochim, Iorge Barreto capitão da fortaleza, porque lhe o Visorrey tinha escrito, que antrelles não ouuesse paixões foy o ver a sua casa, & porque era casado com hũa filha de Fernão Dalboquerque seu jrmão, &

tinha recebido delle muito boas obras, asſi de ſua fazenda como do mais, & não ſe lembrando diſto ſe lançára da parte do Viſorrey, dizendolhe tudo o que quis delle, & deſdenhando ſempre ſuas couſas, não o recebeo bem, & como ſe foy, mádoulhe dizer por hum clerigo, que lhe pedia muito por merce, que não curaſſe de tér muita conuerſação cõ elle, nem o viſitaſſe, pois era ſeu imigo capital, & dizia mal delle, & quando ſe topaſſem por eſſas ruas; lhe faria a cortezia q̃ merecia. Iorge Barreto ficou mal cõtente deſte recado, & foiſe a Gaſpár Pereira & cõtoulho, & diſſelhe que depois diſto entrando na igreja, onde elle eſtáua ouuindo miſſa, lhe quiſera falar, & elle poſera os olhos no chão & fizera que o não vira, que determinaua de ſe jr á feitoria requerer aos officiaes, q̃ fizeſſem hũ aſſẽto de todas eſtas couſas: porque ſoubeſſe o Viſorrey quando vieſſe, as oniões que Afonſo Dalboquerque fazia. Gaſpár Pereira, porque o Viſorrey lhe tinha encomendado, que os temperaſſe de maneira que antrelles não ouueſſe differẽças, foyſe a Afonſo Dalboq̃rq̃, & depois de lhe cõtar as queixas, q̃ Iorge Barreto delle tinha, diſſelhe q̃ lhe não parecia ſeruiço delRei eſtas differenças, & que abaſtaua pera lhe ſofrer tudo ſer gouernador da India, & ſe antrelles auia vontades danadas que as guardaſſem pera Portugal, que lhe pedia que foſſe vér a fortaleza (na qual não entrára depois que viera) por não dizérem os negros de Cochim, porque não pouſaua o capitam géral na fortaleza, & não falaua ao capitam della: elle lhe diſſe q̃ não queria tér conuerſação cõ Iorge Barreto, nem falarlhe, porque o auia aſsi por ſeruiço delRey por muitos reſpeitos: porque não ſe contentára de em Ormuz ſer no conſelho da fugida dos capitães, mas ainda como ſe vira com o Viſorrey, fizera & diſſera tudo o que quis cõtra elle, & q̃ quanto era a dizer, que na igreja lhe não quiſera falar, que lhe juraua polos Euãgelhos, que eſtáuão naquelle liuro, em q̃ punha a mão, que o nã vira: que falarlhe onde quer que o topaſſe, o faria, mas conuerſação nãona auia de auer antrelles: & por ſe tirar de differẽças tinha mãdado ao méſtre & marinheiros da nao Cirne, que ſe fóſſem todos a Iorge Barreto cõ ſeus queixumes, que era capitão de Cochim, porq̃ elle não auia de entẽder em nada. Paſſadas eſtas couſas, eſtãdo Gaſpár Pereira, & Antonio Real Patrão mór, & Ruy de Araujo na ribeira, chegou Iorge Barreto a caualo & diſſelhes, q̃ Afonſo Dalboq̃rq̃ diſſera a Manuel Peçanha, q̃ lhe nã auia de falar, porque não era ſeruiço delRey falarlhe, que quem aquillo ouuiſſe, podia

cuidar

cuidar delle todos os males do mũdo que quisesse, q̃ lhes pedia por merce que fizessem hum auto daquellas emburilhadas, pera o Visorrey saber as opiniões em q̃ andaua, porque elle fora sempre muito leal, & seruira elRey muito bem, & que se algũa hora se visse em Portugal, elle lhe perguntaria se era seruiço delRei falaremse ou não. Gaspár Pereira se foy lógo dali a Afonso Dalboquerq̃, & pediolhe muito q̃ desse ó démo aq̃llas differéças, q̃ não seruião de nada senão de dár q̃ falár á gẽte, & elle lhe respódeo, q̃ se lhó asi parecia, que lhe mandasse fazer o seu bargantim prestes, pera se jr pera Cananor: porque lá estaria sem ver Iorge Barreto, nem ouuir suas cousas. Como Gaspár Pereira vio q̃ Afonso Dalboquerq̃ não recebia bem falarlhe em amizades de Iorge Barreto, foise pera sua casa, & não lhe falou mais nisso. E dali a dous dias deram hũa carta de Lourenço de Brito, capitão de Cananor a Afonso Dalboquerque, em que lhe dizia, q̃ lhe pedia por merce que andasse sempre muito recatado dos homẽs de Cochim, porq̃ lhe certeficaua, q̃ em todo o mundo nũca vira tã má gente, & que lhe fazia a saber, que não dizia nem fazia cousa em Cochim, que o Visorrey lá por onde hia não soubesse, & que ali em Cananor onde estaua, quando se a leuantaua pela menhaã se benzia, & pedia a Deos que o guardasse das emburilhadas & mexericos de Cochim, & que das cousas passadas antre elle & o Visorrey em Cananor se não agastasse, porque elle esperaua q̃ tudo viesse a bom fim, & de o seruir muito bem na India, & por aqui lhe foy dizendo outras muitas cousas bem differentes das que dizia perãte o Visorrey, & nesta carta lhe pedia que a rompesse lógo.

Reposta do grande Afonso Dalboquerque, pera Lourenço de Brito.

PEçouos por merce que confieis de mĩ, que o meu saber & siso, nunca lançou naó á costa, & bem creio eu que se préga agora na India outra cousa de mim, mas eu lhe perdoo tudo, porque em tempo & lugar estam que lhe cumpre fazerem ó que fazem, mas diante delRey nosso senhor, em quem está o galardam de nossos seruiços, falão todos verdade, & lá se sabe tudo o que se faz na India & está por fazer. Não creais que os poderes que tenho delRey nosso senhor, nem a terra, nem os custumes della me hão de danar: porque o grande estomago que tenho

& o meu pesado siso, esmoem todas estas contradições, & tudo ato cõ este verso de Dauid q̃ diz (si Deus adiutor mihi, non timebo quid faciat mihi homo:) & por tãto señor não ajais dó de mĩ, mas aueio dos capitães delRei nosso senhor, que tem seus regimentos, & cartas messiuas de sua Alteza endereçadas a mĩ, em que me ha por seu capitam géral nestas partes da India, & não me querem obedecer, apresentando minha pessoa em tempo q̃ o Visorrey tinha seis naos de carga & mouçáo verdadeira pera se poder partir: & lébreuos, que vós me mostrastes a vossa carta, & não me esquece a merce que me querieis fazer, estando o Visorrey pera partir pera Diu, & era que ficasse eu por vosso castelão, em quanto fosseis com elle: assi señor que o conselho & sofrimento que lá em Cananor tiue nestas cousas, não me faltará agora que cá estou metido em hũa casa de palha, com nome de capitão géral destas partes, como me elRey nosso señor oje chama em Portugal, & crea vossa merce, que pois todas estas cousas me lá em Cananor acharão duro de entrar, que pouco poder deuem de ter em mĩ os mexericos desta terra: os quaes se reuoluem todos, bem disse do Visorrey, mal disse do Visorrey: estas ciuildades não se hão de achar em mĩ, nem ha ninguẽ de ousar de me vir com nouas á pousada, porque este primor tiue sempre, asi por nação, como por criação: na terra não tenho que dizer, porque todos desejamos de seruir elRey: isto he o que sei nesta hermida onde estou metido, todo o dia & toda a noite, & quanto he ao segredo que me encomendais disto que me escreueis, a vóssa carta foy lógo rota, sem dár conta disso a ninguem. E com esta carta deram outra a Afonso Dalboquerq̃ de Pero Fernandez Tinoco, em que lhe dizia, que se não fiasse em lhe o Visorrey dizer, que tãto que tornasse de Diu lhe entregaria a India, porque depois de sua partida pera Cochim, tiuera conselho com os capitães seus amigos, & paniguados, & assentára de lha não entregar, & de o mandar pera Portugal na primeira armada que viesse.

Como o Visorrey dom Francisco Dalmeida depois de desbaratar os Rumes se partio de Diu, & veio ter a Cananor com Lourenço de Brito, & dahi pera Cochim, & do que passou cõ o grande Afonso Dalboquerque em chegando. Cap. IIII.

Depois

DEpois do Visorrey tér desbaratado a armada dos Rumes partiose, & veio tér a Cananor, & ali achou cartas de Iorge Barreto, em que lhe escreuia grandes males do grande Afonso Dalboquerque, & de Gaspar Pereira, & Rui de Araujo: & como Lourenço de Brito capitam da fortaleza, era o negoceador de todas estas emburilhadas começou o tambem por sua parte a indinar, dizendolhe muitas cousas contra Afonso Dalboqrq̃ (pode ser q̃ se não lẽbrou, da carta q̃ lhe tinha escrita) o Visorrey aduertido de tudo o que lhe tinhá dito q̃ passaua, sem fazer nhũa demora se partio, & chegou a Cochim a oito dias do mes de Março, do anno de mil & quinhẽtos & noue, cõ determinaçã de não entregar a gouernãça da India a Afonso Dalboqrq̃, acõselhado dos capitáes q̃ fugirã da guerra de Ormuz, & doutros da sua ceuadeira. Afonso Dalboqrq̃ como soube de sua vinda, mandou chamar os officiaes da feitoria, & Gaspar Pereira, & disselhes, q̃ pois o Visorrey era chegado q̃ lhe queria fazer hũ requerimẽto, q̃ lhe entregasse a India, pera lho elles como officiaes delRey apresentarẽ, & estãdo asi todos & Afonso Dalboqrq̃ escreuẽdo o req̃rimẽto cõ Ioão Estão, disserãlhe q̃ o Visorrey vinha polo rio acima, na gale q̃ tomára aos rumes. Os officiaes como tinhã obrigaçã de o jrẽ receber, forãse todos á ribeyra, & meterãse no batel com Iorge de Melo, pera jr em sua cõpanhia. O Visorrey como os vio, sahiose da galé & meteose no batel cõ elles, & veio desembarcar perto da fortaleza, & ali o estauão esperãdo toda a Clérisia em procissam, & Iorge Barreto capitão de Cochim cõ muita gẽte. Afonso Dalboqrq̃ deixou o req̃rimẽto q̃ estaua fazẽdo & foise cõ algũas pessoas q̃ comiã cõ elle receber o Visorrey, & esteue hũ bõ pedaço na praia, esperãdo q̃ desembarcasse, o qual como desẽbarcou fazẽdo q̃ o não via, foise lógo direito a Iorge Barreto, & abraçou o, & fezlhe grãdes gasalhados, & a todos os q̃ ali estauã. vẽdo Afõso Dalboqrq̃ a pouca cõta q̃ o Visorey fazia delle, tomou o pela põta de hũa opa de borcado, q̃ leuaua vestida & disselhe, á señor aqui estou, vedeme. O Visorrey virouse pera elle, & disselhe q̃ lhe perdoasse q̃ o não vira, & sẽ lhe respõder mais nada começou a andar, & forã asi todos em procissã até a igreja, & prégou méstre Diogo, dizẽdo grãdes louuores da vitoria, q̃ o Visorrei ouuera cõtra os Rumes, & depois da pregaçã acabada, foise o Visorrey pera a fortaleza, acõpanhado dos capitáes, & gẽte q̃ ali estãua, & chegãdo á porta disselhe Afõso Dalboqrq̃, señor pois vos Deos deu hũa tã grãde vitoria, & tẽdes vingada a morte de vosso filho cõ tãta hóra, & nisto não hajá mais q̃ fazer, peçouos por merce, q̃ antre nós não aja differẽças, & me entregueis

 ago-

a gouernança da India por estas prouisões, que aqui trago delRey nosso senhor, & confiay de mĩ que a não ey de lançar a perder, como vos fazem crer meus imigos: porque já em Cananor volas mandey amostrar por Antonio de Sintra, & nãonas quisestes vér, & mandastesme aconselhar, que as tornasse a cerrar: & estando nesta pratica chegou Gaspar Pereyra, que o Visorrey tinha mandado chamar, & disselhe Afonso Dalboquerque: Gaspár pereira, pois sois escriuão dáte mĩ, requeiro uos da parte delRey nosso senhor, q̃ notefiqueis ao senhor Visorrey, & a todos os capitães, fidalgos, & gente que aqui está presente, estas prouisões, que vos aqui entrégo, pelas quaes elRey nosso senhor mãda, q̃ o senhor Visorrey me entrégue a India & nas costas me passeis hum estromento, com suas repostas, ou sem ellas. Acabado Afonso Dalboquerque de dizer estas palauras, o Visorrey virou lhe as costas & disse, vós não tendes escriuão dáte vós, onde eu estou, & sem lhe dár outra reposta, se recolheo pera dentro, & Gaspar Pereira, com os poderes que lhe Afonso Dalboquerque tinha dado, entrou apos o Visorrey, & outros muitos, & começaram a rir, & a zõbar do seu requerimẽto, & Ioão da Noua q̃ era hum delles, começou a dizer ao Visorrey, q̃ faria bem mandalo preso em ferros pera Portugal, porque era hum doudo, q̃ não sabia o q̃ dizia, & q̃ bẽ se sabia quẽ lhe acõselhaua q̃ andasse naquellas paruoices, lançando todos estes remoques a Gaspar Pereyra.

O que o Visorrey passou cõ Gaspar Pereira & Rui de Araujo & os mais officiaes da feitoria sóbre esta pratica que teue com o grande Afonso Dalboquerque. Capitulo. V.

DEpois do Visorrey estar hum pedaço falando nas cousas q̃ passara em Diu, despedio todos, & ficou cõ Rui de Araujo Andre Diaz, Pedromẽ, Antonio de Sintra, & Gaspar Pereira, officiaes delRey, & Iorge de Mélo, q̃ o Visorrey quis que ficasse, & começou a dizer, pois estamos sós, queria q̃ falassemos hum pouco, no que me disse aquelle doudo de Afonso Dalboquerque, que tam desauenturado he, q̃ me não deixou desencalmar, nem entrar em casa, & lógo como desembarquei me disse, q̃ o recebera mal, & as paruoices que todos ouuistes, chamãdo a Gaspár Pereira escriuão dante si, & bem vedes quam pouca rezam tem, de me pedir que lhe entregue a gouernança da India, nem falár nisso de siso. A culpa temna elRey que fauorece este doudo, & por isso cuida elle q̃ he algũa cousa, & a graça

he

he,que vós Gaspár Pereira,quãdo vos elle chamou escriuão dante si, não vos ristes,nem destes cotoueladas aos que estáuão apár de vós, chamãdo lhe sandeu,que se fosse muito eramá,que não ereis escriuão dante elle, & que ereis milhor que elle, & pois vós isto não fizestes, & recebestes delle esses papéis que trazeis,nãono desenganando lógo, q̃ não era pera gouernar a India, sinal he que vos parece bem o que elle requere, & que he verdade que vós & Rui de Araujo lhe aconselhais todas estas cousas, que eu não podia crér, se mo não affirmáram em Cananor, & sabei certo que este negocio não se ha de curar com maluas, & com vnto, senã com ferro frio porque he caso de treição, & aleuantamento contra elRey nosso senhor, & o seu Visorrey da India: & já muito menencorio ergueose em pé & disse (põdo as mãos no abito.) Gaspár Pereira? faço voto a Deos, & a este abito que recebi, q̃ se mais andais nestas cousas, que vos ey de mãdar carregar de ferros, & arrastar por essa praya, & ao doudo de Afonso Dalboquerque castigalo ey muito bem, se mais falar, & dailhe lógo esses papéis q̃ os guarde, que os não quero ver. E faço voto a Deos, que todo o homem a q̃ parecer bem o que elle diz & requere, que lógo o mande enforcar, ainda q̃ seja o milhor da India. Os espantos que fazia eram tam grandes, que todos os officiaes estauão tremendo. Gaspar Pereira como era solto, não tẽdo conta com suas menencorias lhe disse, porq̃ trata vossa Senhoria mais estas cousas comigo, que com estes officiaes que aqui estã, parece que a mĩ quer dar por parte neste negocio, & eu nã sou mais aqui que como official mostrar estas prouisões delRei nosso senhor, que me Afonso Dalboquerq̃ deu, a vossa Senhoria. O Visorrey lhe disse, como consentistes q̃ vos chamasse elle escriuão dante si? Gaspár Pereira lhe respondeo, pois vossa Senhoria quer que isto quebre polo mais fraco dirlhoei. ElRei nosso senhor fêlo seu capitão géral da India, depois de vossa Senhoria acabar seu tempo & a mĩ seu secretario, & asi mo escreue, & a vossa Senhoria tambem, & nos seus regimentos asi o diz, & por isso não tem vossa Senhoria rezão de me reprender, sofrerlhe chamarme escriuão dante si. O Visorrey lhe respondeo, não sey ábofee, será como Deos quiser: porque elRey não sabe o que de lá manda, nem sabe a India como está, viram todos os capitães & saberemos como isso ha de ser, porque eu não ey de entregar a India a hum doudo, que a lance a perder. Gaspár Pereyra lhe disse, eu disso não sey nada, lá se auenha vossa Senhoria que a mim não tóca mais que obedecer a quem me elRey nosso senhor mandar, & vós

que o entendeis milhor, & aueis de dar conta disso, fazei o que quiserdes. Doume o demo Gaspar Pereira, disse o Visorrei, que milhor o entendeis vós que eu, nem que ninguẽ, & já me não espanto senão de Rui de Araujo que aqui está, que tendolhe feito todos os bẽs que pude, he tambem contra mi. Rui de Araujo lhe respondeo, que fiz eu a vossa Senhoria? ou em q̃ vos desagardeci a merce & honra que me tendes feita? porque eu nunca falei contra vós, nem sey cousa em que vos desseruisse: fuiuos receber á praya quando aqui chegastes, quiserauos beijar as mãos, como a meu superior, & não me quisestes ver, mas isto bem sey que não nasce de vossa Senhoria, sam cousas de Iorge Barreto, que me quer mal, por hum requerimento que lhe fiz, que não fizesse hũa nao que queria fazer pera si, cõtra regimento delRey, sendo vossa Senhoria em Diu. O visorrey lhe disse, não vay ella por hi, porque ainda q̃ me fosseis receber, quisera eu q̃ foreis todos com rabos de gatos na testa, como diabretes, & eu acheiuos muito carrancudos, como homẽs a que pesaua de me verem: & lógo no passar & no pór dos pés de hum homẽ no chão, vejo eu quem me quer bẽ & quẽ me quer mal: & já muito agastado de lhe falar em Iorge Barreto, disselhe tam más palauras, que nã faltou mais que porlhe as mãos. Ruy de Araujo como era homem sesudo, sahiose pela porta fora, & foise pera sua casa sem lhe responder. Ainda que o grande Afonso Dalboquerque ganhasse mais honra no sofrimẽto que teue de todas estas palauras, que o Visorrey contra elle dizia, que no trabalho que passou na cõquista do reyno de Ormuz, cõ tudo parecerame rezão lẽbrar ao Visorrey, se fora viuo, as muitas amizades, que seu tresauo tinha recebido de Gonçalo Lourẽço de Gomide visauo de Afonso Dalboquerque, sendo escriuã da puridade delRey dom Ioão de boa memoria, & valendo muito cõ elle. Muito tinha q̃ dizer nesta materia, mas pois he morto quero cõtinuar cõ a historia, & deixar aos que a lérem, que julguem pelo socedido a Afonso Dalboq̃rq̃, se tinha o Visorrey rezão, de o auer por inabil pera gouernar a India.

O que passou o Visorrey com Gaspar Pereira, & o recado que por elle mandou ao grande Afonso Dalboquerque, & como deu conta aos officiaes da feitoria de Cochim, & a Iorge de Melo & a outros capitães do que passaua acerca da pimenta & o que Anchecala com elles passou na feitoria. Cap. VI.

Como

Omo o Visorrey ficou pouco contente desta pratica, que teue com Gaspar Pereira, & com os outros officiaes da feitoria, dali a tres dias mandou o chamar, & sendo Iorge Barreto presente lhe disse, que estando os dias passados á pratica com elle, sobre as paruoices de Afonso Dalboquerque, lhe dissera algũas cousas como homem que lhe queria mal por amor delle, a que não quisera responder, porque estauão muitos na casa, & que pois os seus tres annos da gouernança da India erão passados, como elle dizia, porque aceitára os officios, que lhe déra pera seruir com elle. Gaspár Pereira lhe disse: eu senhor não vos quero mal, esses officios, vós mos destes sem volos eu pedir, estando Afonso Dalboquerque ainda em Ormuz, & vossa Senhoria me disse per vezes, que como elle viesse lhe auia lógo de entregar a gouernãça da India rindouos muito dos que vos aconselhauão que lha nã entregasseis: & lẽbrese vossa Senhoria que quando aqui chegou Tristão da Cunha, vos disseram que dizia Manuel Fernandez, que com elle vinha de Portugal, que Afonso Dalboquerq̃ tinha a successam da India, acabando vossa Señoria os seus tres annos, & que respõdeo a quem lhe isto disse, que a elle, & a hũa aue do ceo a entregaria, se o elRey mãdasse: Se isto assi he? que erro tenho feito em seruir estes officios com vossa Senhoria. O Visorrey lhe respondeo, isso sam palauras generales de cortesia, que no obligan la persona: Como quereis vós que entrégue hũa cousa tamanha como he a India, a hum doudo que a lancea perder, & ali está Martim Coelho & outros, que me aconselháram que o prendesse, & o mãdasse em ferros pera Portugal. Gaspár Pereira lhe respondeo, esses que vos isso aconselham, andam dizẽdo por detras de vossa Senhoria que mais honra ganháreis em lha entregar chegando aqui, do que ganhastes na vitoria que tiuestes contra os Rumes: & pois nisto ha tantas emburilhadas, peço a vossa Senhoria que me deixe, & os officios que me tem dado de os a quem quiser: porque em fim por derradeiro, elRey hauos de fazer a ambos muita merce, & eu ei de ficar pagando todas estas differẽças, & seria muito mais seruiço delRey a quem anda nestes mexericos, lembrar a vossa Senhoria que não ahi pimenta pera carrega das naos, pera se buscár maneira com que se aja, pois os officiaes do Rey de Cochim, quando lhe nisso falam, dizem que a não ha, nem dam esperança de se poder auer. Iorge Barreto como se sentio destas palauras que Gaspár Pereira disse, respondeo. Como ha de auer pi-

menta? se Afonso Dalboquerque, Gaspár Pereira, & Rui de Araujo dizẽ ao Rey que a não mande, se vóssa senhoria nao deixar a gouernãça da India a Afonso Dalboquerque, & se for pera Portugal? & esta he a causa por que não vem, & não pelo q̃ diz Gaspar Pereira. O Visorrey enfadado disto que disse Iorge Barreto, mandou dizer a Afonso Dalboquerque, por Gaspár Pereira, que se auisasse, que não amostrasse mais a ninguem os poderes & aluarás q̃ tinha delRey dõ Manuel, nẽ lhe fizesse nhũ reqrimento, nẽ se chamasse capitão géral da India: & q̃ lhe dáua licẽça pera se chamár capitã da nao Cirne, se quisesse, & que daquelle dia pordiante, não ouuesse mais nhum ajuntamẽto em sua casa: porque tinha por informação, q̃ algũs homẽs que lá hiam comer, diziam muito mal delle. E mandou chamár os officiaes da feitoria de Cochim, & a Rui de Araujo, & dissellhes, como Gaspár Pereira dissera que não auia pimenta na feitoria, nem esperança de a auer, & que elle tinha entendido que tudo nacia do sandeu de Afonso Dalboquerque, que estáua metido em sua casa com dous homẽs a q̃ chamaua hum feitor, & outro escriuão, & com esse dinheiro que trouxe de Ormuz mãdaua pagar soldos, & q̃r mostrar á gẽte da India q̃ somos dous capitães móres (que he cousa muito perjudicial ao seruiço delRey, & pera se castigar como caso de treiçã) & na verdade eu tenho a culpa, porque o ouuéra de mandar vir cada dia perante mĩ, & que andasse comigo, como andam outros milhóres que elle, & se o não faço he, porque me aborrece muito, & agastome de o ver diante de mĩ: porque he tã reitorico, & falame sempre tam caualeirosamente, que o não posso sofrer, & tudo he falar em seus seruiços, & em sua honra, & estima de sua pessoa. E porque esta diuisam que ha antre mĩ & elle, he causa de não vir pimenta á feitoria pera carrega das naos, mandeiuos chamar pera me dizerdes, o que nisto farey. Gaspár Pereira & Rui de Araujo disseram, que elles naquillo não tinham que dizer, que sua Senhoria se informasse da verdade & fizesse o que lhe parecesse mais seruiço delRey nosso senhor. Andre Diaz, Antonio de Sintra, & Diogo Pereira disseram, que deuia de mandar, que toda a mercadoria & dinheiro, que trouxéra de Ormuz, mãdasse lógo entregár na feitoria delRey. Com este parecer mandou o Visorey dizer a Afonso Dalboquerque por Diogo Pereira, q̃ mandasse enrregar tudo o que trouxera de Ormuz a André Diaz que seruia de feitor, & que se lhe deuessem algũa cousa, que na feitoria delRey lho mandaria pagar: porque não auia de auer duas feitorias, nem dous capitáes móres. Afonso Dalboquerque disse a Diogo Pe

reira,

reira, que elle não tinha mais dinheiro que aquelle que lhe era diuido de seus soldos, & desembargos, & pois elle o ganhara com a lãça na mão, & tinha mandado pagar quinze mil cruzados de soldo, á gēte que com elle andara, não era cousa muito desarrezoada, pagarse tambem do seu. O Visorrey lhe mandou dizer, que era muito bem que se pagasse do seu, mas q̃ o feitor da sua armada, fosse lógo dar conta aos officiaes delRey, & não fizesse mais nenhum pagamento. Enfadado Afonso Dalboquerque destas repricas disse a Diogo Pereira, dizey ao Visorrey, que o feitor jra dar sua conta, mas que o bom disto seria, mandar elle castigar muito bem, quem lhe vay com estas mentiras. E como estas differenças que antrelles auia eram pubricas, veyo hum Naïre (que era escriuão da fazenda do Rey de Cochim, que se chamaua Anchecala) á feitoria, onde estauão todos os officiaes delRey juntos, & depois de falarem na carga da pimenta lhe disse, que a toda a gente da terra parecia mal estas cousas, que auia antre Afonso Dalboquerque & o Visorrey, & que o Rey de Cochim seu senhor, falãdo hum dia com elle em muitas cousas lhe dissera, que lhe parecia que os Portugueses andauão mal auindos hũs com outros, & que até ali sempre cuidára que eram todos em hũ querer, muito obedientes aos mãdados de seu Rey, & que a cousa de que se os Malabares mais espantauão, & mais medo auião, era a obediencia que os Portugueses tinham a seu Rey, estando tam longe delle: porque lhe tinham dito, que a hum grumēte, que viesse com hum aluará delRey de Portugal, obedeceriam todos, & que agora via tãtas differenças, que todos os da terra se espantauam, porque viam Afonso Dalboquerque estar metido em hũa casa, & o Visorrey fazer muito pouca conta delle, & que isto não auia assi de ser, senão serem grandes amigos, & cõcertados pera o seruiço delRey de Portugal jr bem feito: & q̃ o Visorrey lhe mãdára dizer por Gaspar da India, que se não auia de jr pera Portugal, de que se espantara muito: porque elRey dom Manuel seu jrmão, lhe tinha escrito que o mandaua jr, & que Afonso Dalboquerque ficasse gouernando a India, & que por isto determinaua de mãdar seus embayxadores a Portugal, pera fazer a saber a elRey, todas estas cousas que passauam, & que o Rey seu senhor, estaua muito queixoso do Visorrey o tratar mal de palauras perante todos, & dizer mal delle. Andre Diaz que ali estaua presente, começou a desculpar o Visorrey dizendo, que não tinha culpa naq̃llas differenças, que auia antre elle & Afonso Dalboquerque, porq̃ os capitães & toda a gente da India, não queriam consentir (pelo que cũpria ao

seruiço

ſeruiço delRey) que ſe foſſe. Anchecala acabado o negocio a que veio, deſpedioſe dos officiaes & foiſe, & André Diaz foi ter cõ o Viſorrey, & diſſelhe tudo o q̃ Anchecala diſſera na feitoria perante os officiaes. O Viſorrey agaſtado diſſe, & bem? não ſabe eſſe cabrãoſinho delRey de Cochim, que o mandarei pór naquella ilha, & faloey Caimal, como elle ſohia a ſer? & o cabrão de Candagora, que o caſtigarey eu muito bem, como elle merece, pois lhe aconſelha que fale? & cõ eſta menencoria mãdou dizer a Afonſo Dalboquerque, que não ſaiſſe fora de ſua caſa, nem tiueſſe conuerſação cõ o Rey nem com ſeus officiaes.

Como Franciſco de Tauora pór algũas palauras que teue com Iorge de Melo Pereira, ſobre o grande Afonſo Dalboquerque, o mandou deſafiar, & do mais que niſſo paſſou, & da chegada de Diogo Lopez de Sequeira á India. Cap. VII.

IOrge Barreto & Ioão da Noua deſejauão tanto que o Viſorrey ficaſſe na India, que como autores deſte negocio, buſcauã todas as maneiras q̃ podiã, pera indinarẽ a gente contra o grãde Afonſo Dalboquerque, & andauão de caſa em caſa dizendo aos homẽs, que ſe lembraſſem quãto deuião ao Viſorrey, & quanto mais era pera gouernar a India que Afonſo Dalboquerque, & que lhes fazia a ſaber que eſtáua aſſentado de lha não entregarem, & cedo o veriam, & que pois aſsi era, não foſſem a ſua caſa nem comeſſem com elle, porque ſe perderiam: & porque Franciſco de Tauora andaua agrauado do Viſorrey, & dezia muitos males delle, por agrauos q̃ lhe tinha feitos, por amor de Iorge Barreto, que lhe queria mal: porq̃ em Ormuz diſſera a Afonſo Dalboquerque, que elle fizera fugir os capitães, trabalhou Iorge Barreto por ſe reconciliar com elle, porq̃ ſe arreceou, que por ſer amigo de Iorge de Mélo, que o era muito de Afonſo Dalboquerq̃, & hia muitas vezes a ſua caſa, que o fizeſſe ſeu amigo, & foſſe contra o Viſorrey, & pera continuarem mais eſta amizade, fizeram com o Viſorrey que lhe mandaſſe concertar a ſua nao, & o fauoreceſſe, por eſta ſer a principal cauſa de ſuas queixas. Como Franciſco de Tauora ſe vio fauorecido do Viſorrey, & que lhe mandaua concertar a ſua não, parecendolhe que Afonſo Dalboquerque ja nã auia de gouernar a India, como lhe os outros tinhã dito, começou a dizer males delle, por comprazer ao Viſorrey. Paſ-

ſado

ſado iſto, eſtando hum dia á noite Iorge de Mélo em caſa de Franciſco de Tauora, falando neſtas couſas que paſſauão, parecendolhe mal dizer o Viſorrey pubricamente, que ſe não auia de jr pera Portugal, nem auia de entregar a India a Afonſo Dalboquerque (ſendo Fernão Perez de Andrade preſente) diſſelhe Franciſco de Tauora Señor, não deueis de dizer mal do Viſorrey, nem disfamar delle. Iorge de Mélo lhe reſpõdeo: eu nunca diſſe mal do Viſorrey, & ſe diſſerdes q̃ diſſe mal delle diruos ey q̃ nã dizeis verdade, mas antes vós me diſſeſtes muitas vezes q̃ lhe querieis mal: porq̃ vos nã queria mãdar cõcertar a voſſa nao, & tãbem porq̃ volo elle queria, por não fugirdes de Ormuz quando fugirã os outros capitães; & iſto he aſsi, & agora parece q̃ eſtais já doutro bordo, q̃ não he manha de homẽ honrado & caualeiro: & ſobre iſto paſſarã muitas palauras más, & ao outro dia pela menhaã, lhe mandou Frãciſco de Tauora hum eſcrito de deſafio, por Fernão Perez de Andrade, & chegado elle a caſa de Iorge de Mélo, depois de lhe ter dado o eſcrito de Franciſco de Tauora entrou lógo nas ſuas coſtas hum moço do Viſorrey, que vinha chamar Iorge de Mélo da ſua parte, o qual ſabia já tudo o que era paſſado, & preſumioſe que por conſelho de todos fizera Franciſco de Tauora aquillo, parecendolhe que Iorge de Mélo acodiſſe ao chamado do Viſorrey & não foſſe ao deſafio, & ficaſſe dali mẽ noscabado de ſua honra. Iorge de Mélo entendẽdo a couſa, diſſe ao moço que ſe foſſe que elle jria lógo, & como ſe o moço foy, tomou hũa eſpada, & hum bedem, & leuou hum moço conſigo, & foiſe á cordoaria (que era o lugar onde Franciſco de Tauora tinha mandado que foſſe) & como ali chegou, mandoulhe dizer por duas vezes, q̃ eſtaua ali eſperando, que não tardaſſe, & niſto chegou Antonio de Sintra a caſa de Franciſco de Tauora & chamou o da parte do Viſorrey, & depois de lá ſer, foy o alcaide mór ẽ buſca de Iorge de Melo, á cordoaria onde eſtaua, & trouxeo preſo, & entrando pela porta do caſtelo diſſelhe o Viſorrey: eu vos prometo Iorge de Mélo, que vós me pagueis o que diſſeſtes, & o que fizeſtes, & mãdou o meter na torre da menagẽ com hum grilhão nos pés, & que ninguem falaſſe com elle. Sabẽdo Afonſo Dalboquerque a priſam de Iorge de Mélo, foiſe ao Viſorrey, & pediolhe por merce que o mandaſſe ſoltar, & os fizeſſe amigos. Elle lhe reſpondeo que não era tempo, que primeiro auia de mandar tirar deuaſſa, & faria juſtiça de quem tiueſſe culpa. Afonſo Dalboq̃rq̃ como iſto vio, não lhe quis mais falar que o ſoltaſſe, & dali a dez dias chegou Diogo Lopez de Siqueira, que vinha de Portugal por capitão mór de

quatro

quatro naos, & a seu requerimento o mandou soltar, & felos amigos, o qual Diogo Lopez elRey dom Manuel mandáua descobrir Malaca, & elle chegou a Cochim muy desbaratado: porque depois que partira nunca mais vira terra, & passadas suas praticas cõ o Visorrey, depois de lhe dar conta do que lhe elRey mandaua fazer, foise pera sua casa, & Iorge Barreto, & Antonio do Campo o foram acompanhando, & começáramlhe a dizer grandes males de Afonso Dalboquerque, & como toda a gente da India estaua em determinação de não consentir que a elle gouernasse, & que como amigos lhe aconselhauão, se queria ser bem despachado, que não curasse de ter amizade com elle, nem jr a sua casa. Dali a tres dias mã dou o Visorrey chamar Diogo Lopez de Siqueira, & estando Ieronymo Teixeira presente lhe disse, que elle folgaua muito com a sua vinda, por ser naquelle tempo: porque sua determinação era jrse pera Portugal, & leuar Afonso Dalboquerque consigo, porque não era seruiço delRey gouernar elle a India, & que elle ficaria por capitão mór della, a té elRey dõ Manuel prouer nisso, como lhe parecesse. Diogo Lopez de Siqueira lhe beijou as mãos por aquella merce que lhe queria fazer, mas q̃ elle não auia de aceitar carrego que lhe elRey não daua, que selhe queria fazer merce, fosse em o despachar lógo, pera fazer sua viagem como lhe elRey mãdaua. O Visorrey como esta não era sua tenção, senão grangear Diogo Lopez pera o ter da sua parte, não apertou com elle que aceitasse a gouernança, & mandoulhe concertar os seus nauios, & deulhe pilótos, & tudo o que lhe foy necessario em muita abastãça pera sua viagem. Diogo Lopez de Siqueira polo comprazer, começouse dali por diãte a arredar da cõuersação de Afonso Dalboquerque, & a desculpar os capitães da sua fugida.

Do requerimento que Iorge Barreto & Ioão da Noua, com parecer de algũs capitães fizeram ao Visorrey dom Francisco Dalmeida, que nã entregasse a India a Afonso Dalboquerque & do conselho que sobre isso todos tiueram. Capit. VIII.

AInda que o Visorrei folgasse muito de ficar na India, com tudo, arreceandose que elRey dom Manuel o não recebesse bem, buscou sempre modos, pera lhe dár a entẽder o grã de seruiço q̃ lhe fazia em ficár nella, & posto que pela via do priol do Crato seu jrmão, o teuesse já feito, hum dia falando

lando com Iorge Barreto, & Ioão da Noua lhe disse, que bem vião como a India estaua em grande risco de se perder, se Afonso Dalboquerque ficasse nella, mas que elle não podia al fazer senão jrse perá Portugal, & obedecer aos mandados delRey seu senhor, se lhe os capitães, & toda a gente da India não requeressem que se não fosse: porque arreceaua que o Rey de Cochim, polo odio que lhe tinha, & amizade com Afonso Dalboquerq̃, escreuesse a elRey este negocio, muito differente do que passaua. Como Ioão da Noua, & Iorge Barreto eram os principaes que vrdiam esta tea, ajuntáramse com Antonio do Campo, André Diaz, Diogo, Pereira, Antonio de Sintra, Diogo Pirez (ayo que foy de dom Lourenço) & ordenárã hum requerimento perá apresentárem ao Visorrey, & como o tiuérã feito foramse ambos por essas casas dos capitães, & fidalgos, & amostráráolho, pedindolhe que asinassem nelle: pois sabiam que Afonso Dalboquerque era hum homem muito inabil & cobiçoso, & não tinha siso né saber perá gouernar nada, quanto mais hũa cousa tamanha como era a India: & depois de muitos terem asinado (porque este requerimento fosse com mais credito ante elRey dom Manuel) foramse ao Rey de Cochim, leuando cõsigo Antonio de Sintra, & disseramlhe que olhasse por si, porque Afonso Dalboquerque se carteaua com o Çamorim, & que lhe tinha prometido, que tanto que fosse gouernador da India faria pazes com elle, & asséntaria em Calicut hũa casa de feitoria, & que os capitães, & toda a gente da India, polo receo que tinham destas cousas, & tambem polo que cumpria a seu seruiço, tinham feito hum requerimento ao Visorrey que se ná fosse, que lhe pediam muito por merce que elle tambem da sua parte quisesse fauorecer este negocio: pois naquella terra não auia pessoa que cõ mais rezão se ouuesse de condoer das cousas do seruiço delRey de Portugal que elle. O Rey de Cochim lhe respondeo, que elle não auia de fazer tal, porq̃ lhe não parecia seruiço delRey seu jrmã fazelo, mas antes lhe parecia muito mal, não entregar o Visorrey a gouernança da India a Afonso Dalboquerque, pois elRey de Portugal lho mandaua. O Visorrey soube logo isto que o Rey de Cochim respondera, & mandou dizer a Afonso Dalboquerque, q̃ os officiaes da feitoria se queixauão, que o Rey não queria mãdar pimenta ao peso por amor delle, que se auisasse que lhe não mandasse mais nenhum recado. Afonso Dalboquerq̃ por escusar paixões, arredouse da conuersação do Rey, & tendo já Ioão da Noua, & Iorge Barreto feitas suas docuções, hũa segunda feira quinze dias de Maio, do anno de mil

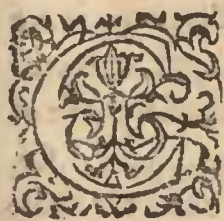
& qui-

& quinhentos & noue, mandou o Visorrey chamar todos os capitães da India, & fidalgos que estáuão em Cochim a conselho, & algũs destes erão imigos capitaes de Afonso Dalboquerque: porque os acusaua da fraqueza que fizeram, em deixárem espedaçar dom Lourenço seu capitão mór, principalmente Diogo Pirez seu ayo: pelo qual disse dom Lourenço vẽdo o jr na galé pelo rio a baixo (segundo depois contou Aluaro Lopez, méstre da sua nao q̃ ali foy catiuo) ó trédor Iudeu, vay tu muito embora, que eu te prometo que se daqui escápo, que perante meu pay, pois viue enganado contigo, te ey de matar ás punhaladas, que me puderas valer cõ a galé, & não quiseste. Foram tambem nesta consulta os capitães que fugiram de Ormuz, & Antonio de Mendonça, Manuel Peçanha, & Diogo Lopez de Siqueira. Depois de estárem todos juntos: Iorge Barreto que era o que auia de propor este negocio, se ergueo em pé & disse, que aquelles señores que ali estáuão presentes, lhe requeriam todos da parte delRei dom Manuel, que nã entregasse a India a Afonso Dalboquerque, a té sua Alteza não ser informado dos males, & tirannias que tinha feito no reino de Ormuz, como podia ver por aquelles capitulos, que juntamente com o requerimento lhe ali apresentáuão.

¶ O Visorrey mandou lógo lér o requerimento, & capitulos perante todos por Antonio de Sintra: & acabados de lér disselhes que olhassem bem o em que se metião, porque aquelle negocio era de muita importãcia, & que se elle fizesse aquillo que lhe requerião, que auia de escreuer a elRey, que elles lho acõnselháram: pois sua Alteza do seu saber & siso confiaua o estado da India, principalmente o señor Manuel Peçanha que aqui está o qual elRey dom Manuel manda, que morrendo eu fique gouernando a India: porque a elle pertencia olhar por estas cousas. Manuel Peçanha como o Visorrey acabou de dizer estas palauras disse: Señor, nós não auemos de consentir que vossa Senhoria se vá pera Portugal, porque não he seruiço delRey deixar a gouernança da India a Afonso Dalboquerque, pelas rezões que vam apontadas neste requerimento: & segundo a gente está abalada, de crér he que se vossa Senhoria for, toda se ha de jr em vossa companhia. Isto digo pubricamente porque não pretendo aqui outra cousa senão o seruiço delRey. Acabado Manuel Peçanha de dar suas rezões, assentáram todos q̃ o Visorrey se não deuia de jr pera Portugal, & que gouernásse a India, até elRey nosso señor ser informado de tudo isto, & ordenar o que fosse mais seu seruiço. E posto que neste conselho ouesse

muitas

muitas pessoas que disseram mal de Afonso Dalboquerque, & assinárão no requerimento saidos dali conhecendo seu erro, mandaramlhe dizer q̃ lhe perdoasse, que elles fizéram aquillo com medo, polos não deshonrar o Visorrey: mas eu ná lhe recebo esta desculpa, porq̃ o estádo do Rey, por muito lõge q̃ esté, não ha nunca de estár hũa só hora fora de sua obediẽcia & determinação, ainda q̃ custe a vida, quãto mais ameaços & deshonras. O Visorrey como teue assentado isto da maneira que elle quis, mãdou a Antonio de Sintra, que por aq̃lles capitulos que eram nouenta & seis, tirasse hũa deuassa de Afonso Dalboquerque, & escreueo a Cogeatar, que se tinha algũas queixas delle, que mandasse hũa pessoa que o viesse acusar, porq̃ elle lhe faria justiça. Tirada a deuassa, mãdou o Visorrey a Antonio de Sintra, q̃ a tiuesse em sua mão muito bem guardada, até vinda das naos de Portugal, pera assentar cõ o capitão mór o que neste caso se auia de fazer. Afonso Dalboquerque como soube estes cõselhos, & que o Visorrey andáua desejoso de o tomár em algũas emburilhadas, por lhe não assacarem algũa cousa, tomou por remedio mais seguro, ná sajr fora de sua casa, & fazer aquella vida, que mais em assossego teuesse as cousas do seruiço delRey. E bem creo eu que se isto ná fizera, não deixára de auer algũa grã de reuolta na India, mas foy o seu sofrimento tamanho, que não ouue pessoa que lhe ouuisse dizer mal, nẽ ainda queixarse daquelles com q̃ tinha rezão & amizade, por asinarẽ no requerimento, nem por dizerem q̃ era inabil pera gouernar a India: & bem se vio depois delle ser capitão géral della o que fez, & como a gouernou. E de crér he q̃ hum homem tam hõrádo & tam caualeiro como o Visorrey (se naquelle tempo fóra viuo) que lhe ouuera de pesar muito, das deshonras & afrontas que por maos conselhos tinha feitas, a este grande capitão.

Das cousas que passaram depois deste conselho, & como o Visorrey mandou prender Ioão de Christus, frade da ordem de sancto Eloy, & o que se nisso passou. Capit. IX.

Omo se assentou por todos os fidalgos & capitães, que o Visorrey se não fosse pera portugal, & ficasse gouernando a India, tomáram daqui muitos homẽs atreuimento pera fazerem todas as descortesias que poderam a Afonso Dalboquerque, a fim de fazer ou dizer algũa cousa com

que o pudessem calumniar. Vendo elle a conjuração que tinhão feita em perjuizo de sua honra, por comprazerem todos ao Visorrey, começouse arredar de suas conuersações: & auendo muitos dias, que não sahia fora de sua casa, foise hum dia pela menhaã, acõpanhado dos seus moços á ribeira (porque ninguem não ousaua já de o acompanhar) ver a nao Çirne que se estaua concertando: & passando pela porta de Antonio do Campo, chegáram á janela Iorge Barreto & Perô Barreto, que estáuão cõ elle, & começáramlhe de apupar & chamar Iudeu, trédor. Afonso Dalboquerque foi seu caminho sem lhe responder, & depois de estár hum pedaço na ribeira tornouse pera sua casa por outra rua. Iorge Barreto, Pero Barreto, & Antonio do Campo, como não ficáram contentes do sofrimento de Afonso Dalboquerque, foramse todos tres á ribeira, & chegáram a tempo q̃ elle era já jdo, & começáram a dizer, que se o ali acháram, que lhe ouueram de quebrar a cabeça & que era tam vão, & tam mao rapaz que não falaua a Iorge Barreto, & dizia que não era seruiço delRey falarlhe, & que ainda elle auia de pagar aquillo que dissera. Garcia de Sousa q̃ se ali chou a estas praticas, como era bom fidalgo & fora destas emburilhahas, reprẽdeo os muito daquellas cousas que diziam, & foise dali ao Visorrey, & disselhe: Senhor, vós me tendes feito muita merce, & muita honrra, & sempre vos ey de seruir, porque volo deuo, & por isto, & tambem polo que cumpre a vosso seruiço, vos ey de dizer hũa cousa que agora passou perante mĩ na ribeira, que me não pareceo bem, & contoulhe tudo o que Iorge Barreto, Pero Barreto, & Antonio do Campo disseram a Afonso Dalboquerque, & que Ioão da Noua, & Antonio de Sintra, lhe passauam cada noite pela porta, cantando cãtigas mui descorteses, & sendo vossa Señoria em Diu, lhe mandáua Iorge Barreto de noite acutilar os seus homẽs, & Francisco de Táuora, porque hum pagem de Afonso Dalboquerque passou por elle sem lhe tirar o barrete, tomou o & deulhe muitos couces, & arrepelões, & todas estas cousas fazem, cuidãdo que vos seruem nisso: & póde ser que não saberá vossa Señoria parte disso, digouolo porque os mandeis castigar muito bem. O Visorrey lhe disse, que lhe tinha muito em merce aquella lembrança, que não sabia que fizesse, porque Afonso Dalboquerque era tam mofino que não tinha quem lhe quisesse bem, & que já por vezes dis sera a Ioão da Noua, que era hum doudo lambareiro, & que não podia acabar com elle que nã andasse nestas cousas: mas que lógo proueria nisso. E teue o Visorrey tam pouca lembrança de os castigar, que dali a tres dias, vindo

vindo Iorge Barreto pera a fortaleza a cavalo, topou no caminho com o comprador de Afonso Dalboquerque, & dissélhe que se tornasse, & porq̃ o não quis fazer, dizendo que tinha licença do Visorrei pera jr lá, dissélhe, vós dhũ cabram não quereis fazer o que vos eu mando? & deceose do caualo, & deulhe muitas pancádas com hum pao, & trouxeo diante de si até casa do meirinho, & mandou o meter na cadea. O Visorrey como o soube, mandou o soltar, & nem por isso reprendeo Iorge Barreto do que fizera: & posto que toda a gente andaua temorizada, & não ousauão falar contra as cousas do Visorrey, com tudo achandose algũs homẽs hõrados, em casa de Ioão de Christus (hum frade da ordem de sancto Eloi muito virtuoso) estranháram muito não no reprender o Visorrey. O Ioão de Christus como era homem de bem disse, eu creo verdadeiramente, que não pode a India durar muito com estas cousas, pois sendo Iorge Barreto imigo capital de Afonso Dalboquerque lhe espanca o seu comprador, sem nisso auer castigo nem reprenção. Diogo Rodriguez escriuão da nao Frol dela már, q̃ se ali achou, ouuindo isto, foise a Ioão da Noua (cuidádo que lhe daua hũ grande aluitre) & dissélhe o que Ioão de Christus dissera. Ioão da Noua foise lógo vér cõ Iorge Barreto, & ámbos se foram ao Visorrey, & cõtáramlhe o que passaua, & começáram a tratar cõ o Visorrey, que pois Ioão de Christus por Iorge Barreto espancar hum vilão, ainda que fosse comprador de Afonso Dalboquerque, dissera que por aquellas cousas se auia a India de perder, não podia ser senão que sabia elle serto que Afonso Dalboquerque tinha determinado algũa treição, pera tomar a fortaleza, & matar Iorge Barreto, que sua Senhoria deuia de mandar lógo prẽder Ioão de Christus, & telo em ferros, até que dissesse a verdade: porque era muito amigo de Afonso Dalboquerque, & não sahia nunca de sua casa. O Visorrey como recebia bem todas as cousas que lhe diziam cõtra Afonso Dalboquerque, sem mais querer saber o como isto passara, só pelo dito destes homẽs, mãdou prẽder lógo Ioão de Christus, & metelo carregado de ferros em hũ çótão da fortaleza, & q̃ ninguẽ falasse cõ elle.

Como sabendo ó grande Afonso Dalboquerque á prisam de Ioão de Christus foy falar ao Visorrey sobrelle, & como o mandou prẽder & leuar a Cananor, & derribar as casas em que viuia. Capitulo. X.

COmo se soube em Cochim a prisam de Ioão de Christus ficaram todos mortos, porque não sabiam a causa de sua prisam. Afonso Dalboquerque não sabendo parte destas emburilhadas, foise ao Visorrey pedindolhe muito por merce q̃ mandasse soltar Ioão de Christus, porque era tambom homem, que não cria delle que podia ter feito cousa, por onde merecesse aquella prisam. O Visorrey respondeolhe secamente, que deyxasse fazer justiça, que o vigayro géral, teria cuidado de o mandar soltar, se na deuassa que tiraua lhe não achasse culpas, porque elle não entendia nisso. Afonso Dalboquerque lhe disse, eu senhor, não entendo esta justiça? prenderem Ioão de Christus sem porq̃, sendo hum homem muito virtuoso, & não se mandar enforcar Domingos Pousado, que eu conheço muito bem, que foy ontem tomado com furto de duzenros cruzados na mão, & por estar em casa de Antonio do Campo não falão nelle? O Visorrey porque não sofria bem falaremlhe nestes homẽs lhe respondeo, que muitos se queixauão delle, de agrauos q̃ lhe fizera em Ormuz, & pelo caminho, & sempre se calara sem lhe pedir rezã disso. Afonso Dalboquerq̃ lhe respõdeo, q̃ os males que tinha feitos, era fazer justiça de quẽ a merecia, q̃ visse elle seu regimento, & nelle veria q̃ de hũa alçada não auia apelaçã pera outra, senão pera elRei, o qual ate aq̃lla hora não tinha dado esta superioridade a ninguẽ. O Visorrey já agastado respondeolhe, q̃ não entẽdia q̃ cousa era justiça, nem a sabia fazer, & que aquillo se entendia delle, que não era Visorrey, senão Rey, em quanto tinha aquelle cargo, & que o rapaz trédor de Gaspar Pereira lhe diria aquillo. Afonso Dalboquerque respondeo, que era de sessenta annos, & viuera sempre sem conselho de Gaspar Pereyra, que como lhe parecia que agora o aueria mister mais que nunca, & se elle era aquelle que dizia, porque o não mandaua enforcar, pois tinha poder. O Visorrey lhe disse que depois da vitoria que lhe nosso senhor dera contra os Rumes, fora disimulando sempre com elle, & nãono quisera castigar, mas que o leuaria pera Portugal, & elRey o mandaria enforcar por trédor. Como Afonso Dalboquerque vio, que o Visorrey não queria mãdar soltar Ioão de Christus por se não tomar em palauras com elle, despediose & foyse pera sua casa. Ido Afonso Dalboquerque mandou o Visorrey tér grãde guarda na fortaleza de Cochim, lẽbrandolhe o q̃ lhe Iorge Barreto & Ioão da Noua tinhã dito, & lãçar muitos pregões, q̃ nhũa pessoa trouxesse armas de dia nẽ

de

de noite, somente os seus criados, & os capitães, & algũas pessoas a que elle desse licença, & mádou prender Gaspar Pereira, & Rui de Araujo, & q̃ cada hum estiuesse sobre si, carregados de ferro na fortaleza, & que ninguẽ falasse com elles, & derrubaramlhe as casas em que viuiá todas polo chão. E como o intento destes homés era lançárem Afonso Dalboquerque fora de Cochim, entendendo que po: via do seu confessor (que era hũ frey Frá cisco da ordem Dauis) podiáo negociar isto, foramse a elle & disseramlhe que se quisesse dizer, como Afonso Dalboquerq̃ quisera matar Cogeatar & aleuantarse com Ormuz, que elles fariam cõ o Visorrey que lhe fizesse merce & lhe desse quintaladas. Frei Francisco lhe respondeo, que elle não sabia mais de Afonso Dalboquerque, que velo seruir muito bem elRei & tomar muitas vilas & lugares no reyno de Ormuz, que isto diria se quisessem: & porque em frey Francisco não acharam cousa de que podessem lançar mão, fizeram com o Visorrey que mandasse prender a Duarre de Sousa: o qual era hum homem fidalgo pobre que viera de Portugal degradado, na armada de Afonso Dalboquerque, & andára com elle na conquista do reino de Ormuz, & seruio tambem que lhe aleũantou o degredo & mandou o assentar em soldo, & a hum filho seu, & porque este Duarte de Sousa comia com Afonso Dalboquerque, & era seu seruidor, & nunca Ioão da Noua o pode tirar disso, assacáramlhe que queria matar o Visorrey, sendo elle muito innocente disso, & prenderamno & déramlhe tratos. Como Ioão da Noua & Iorge Barreto viram, que nem por frey Francisco, nem por Duarte de Sousa, podia auer effeito o que pretendiam, ajuntaramse com Antonio do Campo, que sabia muito bem a lingoa Malabar, & fizeram hũa carta do principe de Calicut pera Afonso Dalboq̃rq̃, & reposta sua pera elle, pondo nella todas as maldades q̃ quiserão, & ordenaram secretamẽte, que fossem tér á mão do Visorrey: o qual como as vio, receoso do q̃ dizia nellas, mádou prẽder Afonso Dalboq̃rq̃, & lógo aq̃lle dia foy embarcado pera Cananor, no nauio de Martim Coelho, & mandoulhe q̃ não leuasse mais consigo q̃ tres moços pera o seruirem, & que o entregasse a Lourẽço de Brito capitam da fortaleza, que o metesse na torre, & o teuesse a bom recado. Partido Martim Coelho mandou o Visorrey derrubar as casas em que Afonso Dalboquerque pousaua, & tomáramlhe tudo o que acharam nellas, que foy grande espanto pera o Rey de Cochim, & pera os Naires, dizendo que aquelle caso era de treyção, & compriá muito ao estado

delRey de Portugal castigalo com rigor, & porque neste tempo estaua já Diogo Lopez de Sequeira prestes com sua armada, pera partir pera Malaca, & Garcia de Sousa auia de jr em sua companhia por capitão de hum nauio, mandoulhe entregar Ruy de Araujo, & Nuno Vaz de castelo branco, pera os leuar consigo a Malaca, & dahi jrem com Diogo Lopez de Sequeira pera Portugal, por serem culpados nestas cousas de Afonso Dalboquerque.

Como chegou a Cananor dom Fernando Coutinho Marichal de Portugal, & dali leuou consigo o grande Afonso Dalboquerque pera gouernar a India. Capit. XI.

Stando as cousas da India no estado que tenho dito, chegou o Marichal dom Fernãdo Coutinho a Cananor, que partio destes reynos de Portugal por capitão mór de hũa armada de quinze velas, & em Cananor achou o grande Afonso Dalboquerque, que auia tres meses que ali estaua preso, por mandado do Visorrey, & o dia que chegou foy lógo a terra pousar com Lourenço de Brito. Afonso Dalboquerque com a chegada do Marichal ficou muito contente: porque alem de ser seu sobrinho, tinha por certo que com sua vinda reriam as differenças dantre elle & o Visorrey algum fim, & deulhe conta das offenças que lhe tinha feitas, & tudo o mais que com elle tinha passado. O Marichal porque o tempo era breue, pera fazer o que leuaua determinado antes de sua partida pera Portugal, não se quis deter, & foise ao outro dia pela menhaã embarcar, & leuou consigo a Afonso Dalboquerque, obedecendolhe como a capitam géral da India, porque a elle mandaua elRey dom Manuel, que entregasse todas as prouisões, & dinheiro q̃ leuaua, como a seu gouernador da India, & disse a Lourenço de Brito, que não podia entender q̃ culpas eram estas de Afonso Dalboquerque, que obrigassem o Visorrey a prédelo, & não lhe entregar a India. Lourenço de Brito lhe disse, que elle não sabia mais disso que mandarlho o Visorrey preso, & que o tiuesse muy bé guardado, & q̃ se o Visorrey nisso tinha feito o que não deuia, q̃ lhe tomasse elRey essa conta. Passadas estas praticas, despediose o Marichal de Lourenço de Brito, & partiose, & chegou a Cochim a vinte & noue de Outubro

Outubro & em chegando mádou o lógo o Visorrey visitar por Antonio de Sintra: o qual como entrou na nao, & vio Afonso Dalboquerque, ficou fora de si, & depois de visitar o Marichal, estando falando com elle em outras cousas, desatentadamente disse a Afonso Dalboquerque, que já o Visorrey tinha sabido, que a carta que diziam que escreuera ao principe de Calicut era mentira, elle náo lhe quis responder: porque sabia q̃ fora hum dos autores daquelle negocio. Antonio de Sintra despediose do Marichal, & tornou com recado ao Visorrey. Os capitáes & fidalgos que assináram no requerimento, sabendo que o Marichal trazia consigo Afonso Dalboquerque, obedecendolhe como a capitáo géral da India, ficaram fora de si, & náo se sabiam determinar no que fariam, Afonso Dalboquerque vsando com todos daquella sua inuiolauel bódade, & limpeza de animo, perdooulhe como a diante se dirá. E ao outro dia pela menhaá desembarcaram ambos, & o Visorrey os veio receber á praya, acompanhado de todos os da sua parcialidade: porque toda a outra gente o náo quis acompanhar, & foramse asi todos á igreja, & acabado de fazerem oraçáo, recolheose o Visorrey á fortaleza & o Marichal & Afonso Dalboquerque pera as casas onde auiam de pousar, & aquella noite chegou Lourenço de Brito em húa carauela, que se vinha ver com o Visorrey, pera saber o como se o Marichal auinha com elle, & tambem pera negocear sua embarcaçáo, porq̃ determinaua de se jr com elle pera Portugal, & náo ficar na India com Afonso Dalboquerque, & hum sabbado pela menhaá quatro dias de Nouembro foy o Marichal á fortaleza visitar o Visorrey, & passou com elle muitas cousas sobre as differenças que tiuera com Afonso Dalboquerque, & trabalhou muito polos fazer amigos & nunca pode acabar com Afonso Dalboquerque, que o quisesse ser. O Visorrey posto que tinha prouisam delRey, pera gouernar a India até sua partida, vendo o aluoroço que auia na gente, porque se náo fizesse algum mao recado, & tábem por escusar tér payxóes có Afonso Dalboquerque, entregoulhe a India, & foise embarcar ao domingo seguinte q̃ foram cinco dias do mes de Nouembro, & ali esteue embarcado, negoceando sua partida, até vinte do dito mes, que se partio pera Cananor, na nao Garça em que auia de jr pera Portugal, & disse aos capitáes que auiáo de jr em sua companhia, que se fossem lógo apôs elle: porque de Cananor auia de fazer sua viagem. Iorge de Melo Pereira capitáo da nao Betlem, com este edito

do Visorrey, foise ao Marichal & disselhe, que por nenhum caso do mũdo auia de jr em companhia do Visorrey, porque lhe queria mal, & tiuerao preso, & arreceaua que o tratasse mal pelo caminho, que queria antes ficar pera jr com elle. O Marichal se foy ao Visorrey, & disselhe o descontentamento que Iorge de Mélo tinha, pera não jr em sua companhia, que lhe pedia por merce, que se não lembrasse das cousas passadas, & folgasse de o leuar consigo, porque lhe auia de ser bom companheiro, & foy asi porque na agoáda de Saldanha: onde o matáram não teue parente, nem amigo que o melhor seruisse que Iorge de Melo. O Visorrey leuou cõsigo Iorge Barreto, Antonio do Cãpo, & Manuel Telez, & outras muitas pessoas honradas que elles induziram, metendolhe grandes medos pera não ficarem com Afonso Dalboquerque. Muito tinha nisto que dizer, mas por não escandalizar os viuos, quero calar o que sey dos mortos: & Ioão da Noua que era o que andaua em todas as emburilhádas cõ Iorge Barreto, morreo ẽ Cochim no mes de Iulho, do anno de noue, tã desemparado que não teue ninguem: & Afonso Dalboquerque esquecido de todas as cousas que lhe tinha feitas, lembrãdose que fora seu companheiro, & o ajudára em todos os trabalhos, na conquista do reyno de Ormuz como caualeiro, mandou o enterrar á sua custa, com as suas tochas, & acompanhou o até a coua, com todos os seus vestidos de preto, o que o Visorrey não fez. Sam pagas que o mundo dá a quem não faz o que deue. Partido o Visorrey pera Cananor, veio o Rey de Cochim visitar Afonso Dalboquerque & o Marichal, & depois de terem passado suas palauras de visitação, disse o Marichal ao Rey, que pedia muito a sua real Senhoria, q̃ mandasse aos seus officiaes, quelhe negoceassem quinze mil quintais de pimẽta, q̃ auia mister pera carregar as suas naos, porque o Visorrey lhe dissera, que elle lhas podia carregar todas se quisesse. O Rey lhe disse que folgára muito de o poder seruir, mas q̃ era imposiuel poderse auer tãta pimenta: porque o anno passado ouuera tam má guarda naquella costa, que foram seis naos de Calicut carregadas della pera o estreito de Méca, & outras que carregáram em Coulão, & Caecoulão foram pera Choramandel, & que esta era a verdade por onde não auia pimẽta velha, & não dizerlhe André Diaz, & Antonio de Sintra, da parte do Visorrey perante muitas pessoas, que elle não queria mandar vir pimenta á feitoria, por cem cruzados de peita que lhe Afonso Dalboquerque déra, ameaçandoo que se logo não viesse pimẽta que mãdaria vir outro herdeiro, q̃ era amigo do Çamorim

&

& faria pazes com elle: E que se não auia de crér delle que fizesse tal cousa porque esta vileza q̃ lhe o Visorrey assacára q̃ fizera, em não querer carregar as naos & cedo, alé de ser desseruiço delRei seu jrmão nã auia elle de querer perder seis mil cruzados, que lhe vinham de direitos, por cẽto de peita, que lhe Afonso Dalboquerque desse. O Marichal lhe disse que se não agastasse, que aquillo eram modos de falar de officiaes, & que o Visor rey lhe não auia de mandar dizer tal cousa como aquella: que todos eram seus vassalos, & que elRey seu senhor a todos mandaua que o seruissem. Com estas palauras do Marichal ficou o Rei muito cõtente, & despediose delle, & de Afonso Dalboquerque, prometendolhe de trabalhár muito, por fazer vir toda a pimenta que ouuesse ao pezo.

Como o Marichal disse ao grande Afonso Dalboquerque, que elRey dom Manuel mandaua que se destruisse a cidade de Calicut, & do que nisso passarão. Capit. XII.

PAssada esta pratica que o Marichal teue com o Rey de Cochim, como seus desejos eram destruir Calicut an tes que se partisse pera Portugal, por não perder tem po, ao outro dia mãdou chamar a sua casa Gaspár Pereira secretario da India, & disselhe em segredo, que elRey dom Manuel lhe encomendara muito, & man daua em seu regimento, que antes de sua partida destruisse Calicut, parecendo bem a Afonso Dalboquerque, que lhe pedia por merce que o quisesse ajudar nisso com elle, porque se aquillo não fora, por nenhũ preço do mundo viera á India: porque seus auós nunca foram mercadores, & q̃ até então elle não tinha falado nisso a ninguem, posto que Manuel Peçanha, pelo que se dizia em Cochim o tentára muitas vezes, fazendolhe o caso muito leue, que soubesse de Afonso Dalboquerque sua vontade, & tendo nisso duuida o tirasse della: porque auia algũas pessoas, que lhe faziã crer q̃ lho auia de estoruar. Gaspar Pereira lhe disse, que não podia ser q̃ fosse cõtra isso, porque lhe vira sempre boa vontade, pera se destruir Calicut, & q̃ tinha pera si, que lhe auia de dár aluiçaras quando lho dissesse, por isso não arreceasse de lho cometer, & que elle da sua parte trabalharia polo seruir em tudo o que pudesse, & porem que lhe pedia muito por merce que deuagar cuidasse neste negocio, & ouuesse bom conselho cõ todas as pessoas

que o entendessem:porque não era tam leue como lhe Manuel Peçanha daua a entender. Passada esta pratica foise Gaspár Pereira a casa de Afonso Dalboquerque & disselhe o que passára com o Marichal: & como elle desejaua de o comprazer em tudo,estando hũ dia em sua casa,sendo Gaspar Pereira presente,polo tirar daquella sospeita que tinha lhe disse, que elle estaua ali á sua obediencia, & que naquelle negocio de Calicut, não tinha que lhe dizer:porque da primeira vez que viera á India, ficára tam enfadado do Çamorim,que nenhũa outra cousa faria de milhor võtade que destruilo,& que isto cresse delle, & não o que lhe dizião. O Marichal lhe respõdeo,que pois lhe queria fazer aquella merce que auia de ser lógo porque estáuão na entrada de Dezembro,& acabado o negocio,era necessario ficarlhe tempo pera carregar suas naos: porque elRey dom Manuel lhe mandaua em seu regimento,que antes de sua partida destruisse Calicut. Afonso Dalboquerque lhe disse,que não era necessario regimento q̃ bastaua querelo elle,quantomais que elRey lhe escreuera sobrisso, mas q̃ seria bom darse conta do negocio a algũs homẽs:em segredo,primeiro q̃ viesse a conselho de todos. O Marichal pereceolhe bem, & falaram com Manuel Peçanha,& com outros,& todos disseram que lhe parecia bem. Assentado isto porque o negocio se fizesse mais dissimuladamente, mandou Afonso Dalboquerque a Lionel Coutinho,& a Bras Teixeira,q̃ estáuão prestes,em dous nauios pera jrem a Baticalá & trazer crauo pera a carga das naos,q̃ fizessem o caminho por Onor,& dissessem a Timoja,q̃ elle se ficaua fazendo prestes com a armada da India,&com as naos da carga, antes q̃ se partissem pera Portugal,pera jr sobre Goa, q̃ lhe rogaua muito que desse maneira,com que Lionel Coutinho entrasse o rio,pera ver a altura q̃ tinha,& q̃ se elle podesse vir a Cochim,pera falarem com o Marichal,q̃ isso seria o milhor,& quando não, q̃ estiuesse prestes pera ser com elle naquella jornada.Partidos estes dous capitães,Lionel coutinho foi ter com Timoja,& deulhe o recado q̃ leuaua, elle lhe respondeo que dissesse ao capitão géral,q̃ não estáua em tempo, pera poder jr a Cochim, & que quanto ao rio de Goa,não era necessario velo ninguem,que abastaua telo elle visto,& q̃ Goa estaua só sem gente de guarnição, & todos muy amedrentados dos Portugueses,& que em chegando a leuaria nas mãos sem perigo,& que elle estaria prestes com sua gente pera o seruir naquelle negocio,& que o Visorrey lhe tinha feito algũs agrauos, & q̃ esperaua quãdo fosse tempo,de lhe pedir que o desagrauasse: pois fora sempre leal seruidor

uidor delRey de Portugal, & polo seruir tinha recebido muitas perdas, sem disso tér nenhũa satisfação.

Como o grande Afonso Dalboquerque & o Marichal deram conta ao Rey de Cochim da sua ida sobre Calicut, & do cõselho que tiuerã com os capitães sobrisso. Capit. XIII.

PArtidos estes capitães, dali a dous dias foramse o grande Afonso Dalboquerque & o Marichal vér com o Rey de Cochim, & déramlhe conta desta sua determinação, & como elRey dom Manuel mãdaua que se destruisse Calicut, & pediramlhe muito, que quisesse ser em pessoa com a sua gente nesta empresa, & desse em algum lugar polo sertão, por onde fosse forçado ao Çamorim acodir lá, & não podendo jr, escreuesse a algũ señor da serra seu amigo, que o fizesse: & porque elles não tinham nenhũa informação, de como Calicut estaua, depois que em Cochim se começou a dizer que hiam sobrelle, lhe pediam muito por merce, que mandasse algũs Bramenes secretamẽte saber onde o Çamorim estaua, & q̃ gẽte tinha, & se tinhã feito algũa força junto dó desembarcadouro. O Rey de Cochim louuoulhe muito a determinação em que estáuão, porque todas suas differenças dantre elle & o Çamorim eram, pela muita amizade que tinha com elRey de Portugal, & que elle mandaria lógo saber o estado em que tudo estaua, & que quanto a sua jda não tinham que lhe pedir, porq̃ Gaspar da India sabia muito bem, q̃ cada anno andaua lá quatro cinco meses, & nisso gastaua todos os direitos que tinha em Cochim, & que as agoas eram ainda muito grandes, & não se podiam passar os rios, & com tudo que elle escreueria a algũs senhores seus vassalos & amigos, que começassem a guerra polo sertão. Afonso Dalboquerque & o Marichal pareceolhes bem isto que o Rey disse, & pediramlhe vinte paraos pera desembarcar gente em terra. O Rey lhos deu de boa vontade, & offereceolhe muitos catures, & gẽte se a quisessem, & despediose delles, & foise pera sua casa & escreueo lógo a certos senhores da serra, a determinação em que todos ficauão, & mandou dous Bramenes homẽs honrados, em que se elle confiaua, que fossem a Calicut, & soubessem como estaua & que gente tinha. Estes Bramenes por sua região, podem jr por todas aquellas partes, de hũ reino pera outro, sem lhe tomarem conta donde vão nem o que querem.

Ido o Rey pera sua casa, mãdou Afonso Dalboquerque chamar todos os capitães & fidalgos que auiã na armada, pera lhe dar conta deste negocio, que eram dõ Antonio de Noronha, Lionel Coutinho, Manuel Peçanha, Pedrafonso de Aguiar, Rui Freire, Gomez Freire, Francisco de Sousa Mácias, Iorge da Cunha, Francisco de Sá, Francisco Coruinel, Fernão Perez de Andrade, Simão de Andrade seu jrmão, Iorge da Sylueira, Manuel de Lacerda, Bastião de Miranda, Antonio da Costa, Duarte de Mélo, Francisco Pereira Coutinho, Simão Martĩz, Gonçalo Dalmeida, Gaspar da India que era lingoa, & Gaspár Pereira secretario. E estando todos juntos, antes de entrarem no conselho, apartouse o Marichal com Afonso Dalboquerque, & perante Gaspár Pereira lhe disse, que elRey seu senhor lhe tinha mandado em seu regimento, que aquelle negocio de Calicut se fizesse, se lhe a elle bem parecesse (como lhe já tinha dito) que lhe pedia por merce, que antes de entrarem no conselho, assentassem ambos o q̃ se deuia de fazer, por não jr auenturado ao parecer de quatro capitães mancebos, que não entendiam a guerra. Afonso Dalboquerque pelo q̃ já tinha passado com elle disselhe, que se aquilo dizia por lhe parecer que se arrependia do que lhe tinha prometido, como lhe Manuel Peçanha tinha feito crér, que o não crésse: porq̃ elle nunca refusara pelejar, & mais tendo dous mil homẽs Portugueses, que eram pera conquistar o mundo, quãto mais o Çamorim, que desejaua de ver destruido, mas que hum negocio tamanho como aquelle, & em q̃ todos os capitães hiam auenturar suas pessoas não se auia de cometer sem lhe darem conta disso, & que isto o obrigára mandalos chamár. O Marichal parecendolhe polo que lhe tinhão dito, que todo o intento de Afonso Dalboquerque era diuertir este negocio, de maneira que se não fizesse, disselhe que bem lhe parecia darse disso cõta aos capitães, mas que auia de ser com tal determinação, que ainda que lhe parecesse mal, todauia dessem em Calicut, porque tinha sabido, que andauão algũs dizendo, que não era seruiço delRey cometer aquelle negocio: elle lhe respondeo que nas cousas daquella calidade, em que podia auer muitos inconueniẽtes, não lhe parecia bem, jr a determinação diãte do conselho, mas praticalo & assentalo com todos aquelles, que auiam de ser naquelle feito, porque tinha pera si, que nenhum o auia de contrariar: & estando nesta pratica, chegou o Rey de Cochim, & trazia consigo os Bramenes, que mandára espiar Calicut: os quaes disseram que o Rey era jdo pelo sértão dẽtro, a hũa guerra que lá tinha, & q̃ na cidade auia muito

pouços

poucos Naires,& no Cerame tinham feitas hũas trãqueiras de madeira, em que estauão seis bombardas grossas,& ao longo da praia muitas couas pera que a gente que desembarcasse caisse nellas,& que da banda das casas dos Macuas,nã auia repairo nenhũ:& porque aquelle dia com a vinda do Rey,não ouue tempo pera se dar conta aos capitães (tomada esta informação) ao outro dia pela menhaã os mandou Afonso Dalboquerque chamar,& depois de estarem juntos,dissel hes o Marichal, q̃ elRey dom Manuel seu senhor lhe mandaua em seu regimento,que se destruisse Calicut & que fosse com cõselho & parecer do capitão geral da India, q̃ ali estaua, & que pelas intelligencias que tiueram,tinham sabido que em Calicut auia pouca gente,& que estauão todos muito temorizados da noua q̃ lá andaua da sua ida,& que pois o Çamorim era ido pelo sertão como diziã, não lhe parecia que auia inconuenientes,pera deixarem de cometer Calicut: & por aqui lhe foi apresentando outras muitas cousas, todas fundadas em seu destino. Acabado o Marichal de propor esta pratica, ouue diuersos pareceres no conselho,porque Pedrafonso Daguiar, Lionel Coutinho,& Rui Freire com algũs outros disseram,q̃ se não deuia de cometer Calicut,sem primeiro ser muito bem espiado,& terem mais informação do estado em q̃ as suas cousas estauão,da que os Bramenes dauão. O Marichal enfadado delles disselhes,que aquillo eram inconuenientes de homẽs indeterminados,q̃ aquelle negocio pera se fazer, auia de ser assoprar & comer,porque vindo o Çamorim com todo o seu poder socorrer Calicut,não o tinham elles pera lhe resistir:& porque a todos os outros capitães pareceo bem cometerse Calicut, mandou Afonso Dalboquerque a todos, que se fizessem prestes com toda sua gente,pera partirem o derradeiro dia do mes de Dezembro. E estando toda a gẽte embarcada, como em Calicut auia já algũas atoardas desta jda, pera se mais certeficarẽ disso, mandáram os gouernadores da terra pedir pazes, disimuladamente a Afonso Dalboquerque por hum mouro que se chamaua Cogebequi,que fora sempre nosso amigo,& como elle estáua já pera se embarcar, mãdoulhe que se fosse á sua nao,& que lá lhe responderia:& fez isto porque estãdo em terra,não tiuesse maneira pera mandar auisar os gouernadores,da determinação em que o achára, & na nao esteue sempre com guarda, & acabado o feito de Calicut deixou o jr pera sua casa.

Como

Como estando o grande Afonso Dalboquerque prestes pera se partir, chegou Vasco da Sylueira de Çacotora com recado de Duarte de Lemos, a pedirlhe nauios & gente, & do que nisso passou. Capitulo. XIIII.

NEste tempo, estando já a armada prestes pera se partir, com a mais da gente embarcada, chegou Vasco da Sylueira q̃ vinha de Çacotora em hũa nao pedir ao grande Afonso Dalboquerque da parte de Duarte de Lemos, que andaua por capitão mór na costa de Arabia, que lhe mandasse nauios: porque os que tinha eram tam comestos do buzano, que se não estreuia com elles, a comprir as obrigações de seu regimento. Chegado Vasco da Sylueira, foise ver com Afonso Dalboquerque & dissélhe, que Duarte de Lemos ficaua em muita necessidade de nauios, porque dous da sua armada se foram ao fundo de velhos, & os outros que lhe ficauam, de muito comestos de busano, não se podiam ter sobre a agoa: que lhe pedia por merce que o despachasse lógo antes de se partir. Afonso Dalboquerque lhe disse, que estaua já tam a pique, que não tinha tẽpo pera vestir hũa camisa, & ainda que o quisesse despachar, não auia nauios prestes pera lhe poder dár: porque todos ficáram desbaratados da jda que o Visorrey fizera aos Rumes, & nunca tiuera tempo pera os mandar concertar, & q̃ se o Deos trouxesse daquella jornada, que elle o faria. Vasco da Sylueira lhe respondeo, que já o anno passado Duarte de Lemos mandára pedir ao Visorrey duas galés & tres nauios, que elRey dom Manuel lhe escreuera, que desse a Iorge de Aguiar seu tio, pera andar em sua cõpanhia, no cabo de Guardafum, & na costa de Arabia, & que lhos não mandara, dádo por desculpa que hia buscar os Rumes, & que se não auia de desfazer da sua armada: & que pois os gouernadores da India não queriã fazer o que elRey mandaua, que queria tirar seus estromentos, & tornarse pera Çacotora, onde Duarte de Lemos estaua. Afonso Dalboquerque começouse de apaissionar com Vasco da Sylueira de maneira, que conueo ao Marichal que estaua presente leualo dali pera sua casa, por ser muito amigo de seu pay, & dissélhe que lhe pedia por merce, que se não agastasse: porque viera a tẽpo, que se não podia acodir a hũa cousa & á outra, & que as obrigações da India eram tam grandes, que não auia possibilidade nella, pera se remediar tudo aquillo, que elRey queria que se fizesse: que elle lhe prometia, q̃

acabado

acabado o feito de Calicut o fizesse despachar muito bem. Vasco da Syl-
ueira ficou muito contente destas palauras do Marichal, & fora da paixão
que tinha, & offereceose pera jr em sua companhia naquella armada.

¶ Bastião de Miranda, Fernão Perez de Andrade, Simão de Andrade seu
jrmão, porque arreceauão que Afonso Dalboquerque os tratasse mal, por
serem contra elle nas differenças do Visorrey, sabendo da vinda de Vasco
da Sylueira, & ao que vinha, pediramlhe muito que os leuasse consigo &
ouuesse licença pera jrem com elle. Afonso Dalboquerque sabendo isto,
como era de hũa rara grandeza de animo disimulou com elles, & man-
dou os chamar, & perante algũs capitães lhe disse, que lhes pedia muito, q̃
não cuidassem que lhes tinha má võtade, por asinarem no requerimẽto
que se fizera ao Visorrey, nem por terem dito algũas cousas em desprezo
de sua pessoa: por que bem sabia (segundo o tempo & as cousas andauão)
que lhes cumpria fazeremno asi, & que fossem certos, que de tudo o que
era passado lhe não alembraua nada, que lhes rogaua que seruissem elRey
muito bem, & sem nenhum pejo lhe dissessem todas as cousas, q̃ lhe pare-
cessem seruiço de sua Alteza: porque em seu nome lhes faria sempre mui
ta merce, & que lhes juraua por aquelles sanctos Euangelhos, em q̃ punha
a mão, que aquillo era asi, & dentro lhe não ficáua outra cousa. Elles lhe
disseram, que era verdade que asinaram no requerimento que se fizera
ao Visorrey, porque os enganára Ioão da Noua, & Iorge Barreto, mas de
dizerem cousa contra sua pessoa, não aueria ninguem que tal lhe ouuisse,
& que dali por diante seruirião elRey, da maneira que lhe elle mandasse:
& porque Vasco da Sylueira morreo em Calicut com o Marichal (como
a diante se dirá.) Tornado Afonso Dalboquerque pera Cochim, acabado
o feito de Calicut, mandou Diogo Correa na nao em que Vasco da Syl-
ueira viera, carregada de mantimentos pera a fortaleza de Çacotora, &
chegado lá contou a Duarte de Lemos, que auia poucos dias q̃ ali era vin-
do de Quiloa, o desbarato q̃ ouuera em Calicut, & a morte do Marichal,
& a de Vasco da Sylueira seu sobrinho, cõ outros muitos fidalgos que ali
acabáram, & por isso lhe não podéra Afonso Dalboquerque mandar na-
uios nem gualés: porque tudo estaua desbaratado, & auia mister tẽpo pera
se concertar, & q̃ se ficaua fazendo prestes hũa armada muito grossa, pera
se jr ajuntar com elle o veram que vinha, & entrárem o estreito do már
roxo, como lhe elRey dom Manuel mandaua, dãdolhe as cousas da India
lugar. Duarte de Lemos mal contente desta reposta, & agastado da morte
de

de Vaſco da Sylueira ſeu ſobrinho, entregou a capitania da fortaleza a Pero Ferreira, como lhe elRey mandaua, & deu hum nauio a dom Afonſo, pera ſe jr pera a India, & elle tornouſe a inuernar a Melinde.

Como o grande Afonſo Dalboquerque & o Marichal partiram pera Calicut com ſua armada, & do conſelho que tiueram ſobre o deſembarcar, & do mais que paſſou. Capit. XV.

REcolhida toda a gente na armada, que ſeriam por todas vinte velas, afora paraos que leuauam pera ſua deſembarcação, em que hiam dous mil homẽs Portugueſes. Partiramſe de Cochim o derradeiro dia do mes de Dezẽbro, & a tres dias de Ianeiro, foram ſurgir deuante o porto de Calicut, & como chegaram, foiſe o grande Afonſo Dalboquerque com todos os ſeus capitães á nao do Marichal, & eſtiueram praticando a maneira que teriam no deſembarcar, & viſto o ſitio & a deſpoſição do már, aſſentáram que foſſe defronte das caſas dos Macuas: porque andaua ali o már mais brando, & podiam deſembarcar todos com menos trabalho. O Marichal depois diſto aſſentado diſſe, que elle arreceaua que antre tantos capitães & homẽs mancebos, como eſtauão naquella armada, ouueſſe algum que cuidaſſe, q̃ ganhaua honra em ſer o primeiro q̃ ſaiſſe em terra, que lhe juráua ſe foſſe capitão, ou algũa peſſoa da ſua armãda, de lhe mandar cortar a cabeça, & ſe foſſe da gente da India, & o capitão géral que ali eſtaua lha não mandaſſe cortar, que lhe não áuia de falar mais, & que lhe pedia muito que não deſembarcaſſem em terra primeiro que elle, mas q̃ os bateis chegaſſem todos juntos a hum tempo: & porq̃ ali não eſtauã todos os ſeus capitães, eſcreueo a cada hum ſeu eſcrito diſto que eſtaua aſſẽtado, nem roubaſſem a cidade, nem poſeſſem fogo ſem ſua licença, & ao outro dia que foram quatro do mes de Ianeiro, ſe embarcáram todos nos bateis, & foram juntos demãdar a terra, & porq̃ a ágoa corria muito, mãdou Afonſo Dalboquerque apertar o ſeu batel do remo pera não deſcairẽ, & diante delle hia Vaſco da Sylueira em hũ parao, & rodrigo Rabelo em outro, & aſsi como hiá foram demandar a terra, & deſembarcaram ſem dárem polo que eſtáua aſſentado. Afonſo Dalboquerque que eſtáua ſobre o remo á viſta, eſperando que o Marichal tomaſſe terra (o qual a corrente

da

da maré leuou mais abaixo, onde o már andaua de leuadia) como vio a gẽte em terra, & que começauão a caminhar desordenadamẽte, desembarcou, & correo ao longo da praia a telos que não andassem, até o Marichal chegar, que a este tempo era já desembarcado: & como a gente hia aluoroçada pera cometerem o Cerame, onde os mouros tinham suas estãcias fortificadas com artelharia, não os pode tér: & como os vio jr asi desmãdados sem capitão, foise apos elles a mais andar, & com algũs que cõsigo lauaua chegou á dianteira da gente: os quaes estáuão já ás lãçadas com os mouros, & todos juntos apertáram com elles de maneira que lhe entrárã as estãcias per força, & matáram muitos mouros, & outros fogiram pera a cidade, & tomáramlhe seis bombardas grossas que ali tinham. Dos nossos matáram sómente dous homẽs: & a este tempo vinha o Marichal com sua gente pela praia muito cançado: porque desembarcárão longe, & com a grande calma não podiam sofrer as armas, & vindo asi chegouse hum homem darmas a elle, & disselhe que andasse deuagar, que já o Cerame era tomado. O Marichal agastouse muito disso, & soltou muitas palauras que podera escusar. Afonso Dalboquerque deixou o Cerame & veiose ao longo da praia em busca delle, o qual como o vio começou a bradar & a dizer, que bem sabia elle que auia de auer desmandos, & que os mais fracos hião sempre diante. A isto não lhe respondeo nada, & começoulhe a dár suas desculpas, & que esteuéra esperando sem desembarcar muitas horas, por comprir o que lhe tinha prometido, até que se a gente começou a desmãdar, & Vasco da Sylueira seu seruidor fora o primeiro, & por jrem sem capitão, & não se perderem, desembarcára pera os tér & que aquella honra era toda sua, pois todos ali hiam debaixo da sua bandeira. O Marichal sem lhe responder foy asi caminhando muito agastado, & chegando ao Cerame, quis lógo caminhar direito á cidade. Afonso Dalboquerque lhe disse, que seria bom descançar ali a gente & depois de terem hum pouco de reposo, iriam marchando pera a cidade, & queimariam as naos, & fariam tudo o mais que lhe bem parecesse. O Marichal com hum animo cheio de desconfiança, lhe respondeo muito apaisionado. Bem sei eu que isso he o que vós quereis, que não passe daqui, & eu ey de jr ás casas do Çamorim & destruir Calicut antes que coma, & quem quiser jr comigo vá, & quem não fique, & tomado de hũa desestrada temeridade, chamou Gaspár da India, & disselhe que caminhasse diante, & o leuasse aos paços

O do

do Rey. Afonso Dalboquerque quando o vio com aquella determinação dissélhe, que lhe dizia aquillo porque fazia grande calma, & a gente estaua muito cansada, & sem comer, & dali aos paços era hum grãde pedaço, & não sabia como lá chegariam, & se per cima de todas estas rezões queria jr, que elle não auia de ser dos derradeiros. O Marichal sem lhe responder começou a caminhar com sua bandeira diãte: & ainda q̃ a elle lhe não pareceo bem esta sua contumacia, foy ho seguindo, pelo que lhe tinha dito: & porque isto era na entrada dos valos, mandou a dom Antonio de Noronha seu sobrinho, & a Rodrigo Rabelo, cõ trezẽtos homẽs q̃ fossem queimar as naos, & depois de queimadas se tornassem ali, & estiuessẽ em corpo com a sua gente, pera acodirem aonde vissem algum desmancho.

Como o grande Afonso Dalboquerque & o Marichal entraram a cidade de Calicut, & foram ás casas do Çamorim, & os nossos desbaratados, & o Marichal morto, & o mais que passou. Capitulo. XVI.

Começando o Marichal que hia na dianteira a entrar pela cidade, caminhando pera os paços do Çamorim vieram ter com elle vinte, ou trinta Naires com suas espadas & adargas, bradando como he seu costume: & como os asi vio, começou a zombar, & disse a Gaspar Pereira, que hia junto com elle: este he o vosso Calicut com que a todos nos espantais em Portugal? Gaspar Pereira lhe respondeo, que desse com a mão na boca porque elle lhe ficaua, que se aquelle dia fossem ás casas do Çamorim, que aquelles negrinhos nùs o enfadassem. O Marichal lhe disse, não he esta a gente que me amim ha de enfadar, & chegando a hũa mesquita, que estaua na entrada da cidade, mandoulhe pôr o fogo, & quãdo aqui chegou hia já tam cansado, que o leuauam dous homẽs sobraçado. Os nossos soldados, porq̃ á entrada da cidade não acharam quem lhe resistisse, meterãose a roubar. O Marichal com esses que lhe ficaram chegou aos paços & deu lógo em duzentos Naires que estauão em guarda delles, & poseramlhe as lanças com tanto esforço, que os desbarataram, & mataram oitenta, & o gouernador da cidade, & dous Caimais do Çamorim que ali estauão, & os outros poseramse em fogida, & com esta vitoria entrou pelas portas dos paços dentro, & foy ter a hum patio grande (que as casas tinham)

tam

tam cáçado, que como entrou assentouse em hum poial, & ali esteue hum grande espaço sem se poder bulir. A gente que com elle entrou, começou a quebrar algũas portas que estáuão fechadas, & meteramse a roubar o q̃ acharam, & porque este patio onde o Marichal estáua tinha duas portas defronte de duas ruas da cidade, começárão a vir por ellas muitos Naires, que vinham a socorrer os que estáuão em guarda dos paços, & ás frechadas feriram muitos dos nossos. O Marichal assi cançado como estaua, cõ hũs poucos que tinha consigo, foy os cometer, & escozeo os de maneira que os fez arradár de si. Afonso Dalboquerque que hia na traseira, como chegou á porta dos paços por onde o Marichal entrára, deixouse estar quedo com sua gente junta, em hum terreiro grande que ali estáua diante dos paços. Os Naires como viram a nossa gente junta, vierãonos cometer, & ás fréchadas tratarãonos tam mal, que conueo a Afonso Dal boquerque polos arredar de si, dizer á Pedrafonso Daguiar, que lhe mandasse tirar com o berço que trazia. Os Naires como se viram mal tratados do tiro, arredáramse pera fóra, & começáram a dar grandes gritas, que he hũa maneira q̃ elles tem pera ajuntar gente. Como Afonso Dalboquerq̃ ouuio as gritas na cidade, mandou dizer ao Marichal por duas vezes que se recolhesse. Elle como estaua ainda com a menencoria passada, não deu poló seu recado, & deixouse estar muito descançado. Afonso Dalboquerq̃ vendo que os Naires cresciam, & o Marichal se não queria recolher, deixou Gonçalo Queimado, que leuaua a sua bandeira com á gẽte, & entrou dentro: & já muito menencorio lhe disse, que se recolhesse lógo: porq̃ não era tẽpo pera esperar mais, q̃ os Naires erã muitos, & de cada vez auiã de ser mais, & lhe tinhão ferido parte da sua gente, & dali ás naos era muito longe, & q̃ se hũa só hora tardasse, q̃ se perderião todos. O Marichal começou lógo a recolher sua gente, que andaua desmandada, & sahiose pera o terreiro, & depois de estarem todos juntos, disselhe Afonso Dalboquerq̃ senhor, como quereis que isto seja: porque esta nossa gente ha mister quẽ a encaminhe, & quem a tenha que se não desmande? porque os Naires sam muitos, & o caminho está desfeito, & ey medo que se faça oje aqui algum mao recado, se nos não ordenarmos bem. O Marichal lhe disse que pois asi lhe parecia, que tomasse a dianteira, & elle ficaria detras com a sua gente. Afonso Dalboquerque começou a caminhar com sua bãdeira, & leuaua Gaspár da India diante q̃ lhe hia mostrando o caminho, & porq̃ tudo erã valos de hũa parte & da outra, começou a gẽte da terra acodir, &

per cima delles com setas, pedras, & azagunchos de arremeço, tratárão muito mal a nossa gente, & posto q̃ passauão trabalho, mandoulhe Afonso Dalboquerque que não trauassem com elles, & que se fossem a mais andár direito á praia. O Marichal q̃ ficáua na traseira, como começárão a caminhar, mãdou pór o fogo aos paços. Os Naires como viram o fogo acodiram lógo pera o apagarem, & achāram o Marichal que se hia recolhendo, & foráono cometer, & como os Naires vinham de refresco, & os nossos estauão muito cansados, depois de pelejarem hum grãde espaço poseráonos em desbarato, & matáram o Marichal, & o seu alferez, & Manuel Peçanha, Vasco da Syllueira, Lionel Coutinho, & Felipe Rodriguez que seriam por todos dez ou doze homẽs principaes. Como a nóua chegou a Afonso Dalboquerque que o Marichal pelejaua fez volta, & não voltáram com elle senão muito poucos, indo diante quinhentos ou seis centos homẽs: & nesta volta lhe feriram muitos, & a elle déram hũa lançada com hum zagũcho de cima de hum valo no hombro ezquerdo, & outra na espadoa de que cahio, & Diogo Fernãdez de Béja que hia perto delle, o saluou de o nãomatárem com assaz trabalho, & ás costas de dous homẽs o leuou ás naos: & nesta volta matáram Gonçalo queimado, que leuaua a sua bandeira, que acabou como muito valente caualeiro, apegado com o seu capitão. Dom Antonio de Noronha, & Rodrigo Rabelo, vendo o desbarato da nossa gente acodiram á entrada destes valos, a telos que não fogissem: porque não auia de que fogir: & se não fora este nouo socorro, o desbarato fora maior. Os Naires que vinham seguindo a nossa gente, como chegaram onde dom Antonio & Rodrigo Rabelo estauão, não ousaram de jr mais por diante, & tornárãose. Os nossos hiam tam fora de si que em chegando á praia, deixauão as armas, & metiamse pela ágoa a embarcar nos bateis. Afonso Dalboquerque porque tinha grandes dores, & não se atreuia a subir na sua nao, mandou que o leuassem á carauela de Antonio Pacheco, que estaua mais perto, & ali foy curado, & esteue aquella noite, & ao outro dia pela menhaã foise pera a sua nao, & mandou fazer toda a armada á vela caminho de Cochim, & deixou sobre o porto de Calicut Iorge Botelho, & Simão Afonso nas suas carauelas, com regimento que não deixassem sair nenhũa nao daquella costa com especiaria.

Do

Do que o Çamorim fez quando soube que os Portugueses tinhã entrado a cidade de Calicut, & como o grande Afonso Dalboquerque mandou frey Luis a Narsinga, dar conta ao Rey do que passára em Calicut, & do mais que se passou. Capitulo. XVII.

AO tempo que o grãde Afonso Daboq̃rque & o Marichal chegárão cõ sua armada sobre Calicut, auia dias que o Çamorim andaua polo sertão dẽtro, jũto da serra em guerra, cõtra hũ grande señor seruidor do Rei de Cochim. Chegãdolhe recado que os Portugueses tinhão entrado a cidade, aleuantou seu arrayal & partiose cõ grande pressa de noite sem ser sentido dos imigos. O senhor da serra, como foy menhaã que vio o arrayal do Çamorim aleuantado, & elle partido, foi lhe seguindo o alcance, queimando & destroindo toda a terra por onde hia. Chegado o Çamorim a Calicut, auia já quatro dias q̃ Afonso Dalboquerq̃ era partido, & como vio a destruição da cidade, & a sua mesquita & paços tudo queimado, & o seu Catual gouernador da cidade & dous Caimais mortos, & dessoutra gẽte do pouo, & Malabares passante de tres mil, ficou muito triste, & fazẽdo mostras de grãde sentimẽto não quis entrar nos seus paços, & mãdou chamar os mouros principaes da cidade, & culpou os muito por quã fracamẽte se ouuerã em a defender, & jurou lhe de os destroir & lãçar fora do seu reyno: & o q̃ mais fez sentir esta destroição foi saber, q̃ dos Portugueses não erão mais mortos q̃ oitẽta: & ainda estes creo eu, q̃ não morrerã se os nossos aq̃lle dia não fugiram tã desordenadamẽte, sem auer força de Naires (que he a principal gẽte q̃ o Rey tẽ) q̃ pelejasse cõ elles, nẽ os metesse em tamanha desordẽ, q̃ deixassẽ espedaçar dous capitães móres, & dez ou doze fidalgos, q̃ ali acabaram cõ elles, sem voluerem o rosto a tras, pera verem de que fogiam: porque se ouuera vinte homẽs que quiseram ter mão em si, o Marichal não morrera, nem Afonso Dalboquerq̃ fora espedaçado: porque todos os outros que ali matáram, era gẽte sem vergonha, & sem temor dos pregões que eram lançados, & andauão por essas casas a roubar: & porque os Naires andauão tambem a roubar, se na casa em que entrauão achauão algũs Portugueses, os mais vencião os menos, & desta maneira morreram algũs, & outros atalhou o fogo que poseram contra o que estaua assentado.

E porque Afonſo Dalboquerque ſentio muito a morte do Marichal, & daquelles fidalgos que cõ elle morreram, determinou de buſcar maneira, pera ſe vingar, & eſcreueo ao Rey de Narſinga (porque cõfina o ſeu reyno com o de Calicut, & não erão muito amigos) que querendo vir com ſua gente por terra, que elle jria por már, & deſtruiriam o Çamorim, & que trabalharia por ter intelligencias com algũs ſenhores da ſerra, pera o ajudarem: & a eſte negocio mandou frey Luis da ordem de ſam Frãciſco, com hũa inſtrução do que lhe auia de dizer, que aqui vay eſcrita: o qual ſe partio de Cochim em hum nauio, & foy tér a Baticalá, & dahi fez ſeu caminho por terra direito a Narſinga, & deſpachou Diogo Correa com recado pera Duarte de Lemos, como a tras tenho dito, & depois de ſerẽ partidos, dahi a dous dias chegárão dous nauios da armada de Diogo Lopez de Sequeira, em que vinha Nuno vaz de Caſtelo branco, q̃ lhe cõtou tudo o que ſe la paſſára em Malaca, & que os gouernadores da cidade, teueram ordenada hũa treição a Diogo Lopez de Sequeira, por mandado do Rey pera o tomárem em terra, em hũ banquete que lhe auia de dár, & a todos os que com elles fóſſem, & depois tomárem a armada, & que não ouuera efeito, porq̃ Diogo Lopez de Sequeira fora auiſado por hũa Iaoa, amiga de hum marinheiro nóſſo, que de noite veio a nado tér á ſua nao: & que o Rey vendo que a treição era deſcuberta, lançára mão de Rui de Araujo feitor, & de vinte homẽs q̃ com elle eſtáuão em terra, negoceando a carrega pera as naos, & que dos nauios da armáda, mandára queimar dous, por não tér gente que os nauegaſſe, & ſe partira: & chegádo a Caecoulão onde lhe diſſeram q̃ elle era capitão géral da India, deſpedira aq̃lles dous nauios, que ſe vieſſem a Cochim, porque fazião muita ágoa, & dali fizera ſeu caminho pera Portugal por fora da ilha de ſam Lourenço.

Inſtrução que leuou frey Luis.

PRimeiramente direis ao Rey de Narſinga, que lhe faço a ſaber, q̃ eu ſou ora nouamẽte vindo por capitão géral deſtas partes da India, por mandado delRey de Portugal, & que confiando na amizade que ſeus anteceſſores teueram cõ elle, o mando viſitar por vós, & offerecerlhe as armadas, & gẽte delRey meu ſenhor: porq̃ ſey certo que folgará muito de o eu aſsi fazer, confiando em ſua amizade, recados & offerecimentos que ſempre teue dos reis ſeus anteceſſores, & lhe foram dados em Portugal.

¶Lhe

¶ Lhe direis da grandeza & poder delRey meu senhor, & as grãdes armadas que cada anno enuia á India, & como o már della se nã nauega já sem seu seguro, & aquelles que o não léuão, como lhe sam tomadas suas naos & mercadorias: & assi lhe direis como em meus regimentos me manda que a todos os Reis gentios de sua terra, & de todo o Malabar, faça honra & gasalhado, & sejão bem tratados de mĩ, & não lhe tome suas naos, nem mercadorias: & que destrua os mouros, com os quaes tenho sempre continua guerra, como sey que elle mesmo tem: pela qual rezão espero de o ajudar com as armadas & gente delRey meu senhor, cada vez que lhe comprir, & que o mesmo espero eu que elle faça com sua gente, lugares, portos & mantimentos, & tudo o que de seu reyno me for necessario: & q̃ as naos que nauegão pera seus portos, andão seguras por todo o már da India, & recebem honra & bom tratamento das armadas delRey de Portugal & de suas fortalezas.

¶ Lhe dareis conta da destruição de Calicut, & como eu sou informado, que elle he seu imigo capital & deseja de o destruir: & por tanto lhe mando noteficar, que os seus paços & cidade tudo foy queimado, & se trouxe á espada, & toda sua artelharia tomáda, & que o Çamorim não ousou de socorrer a cidade, & se deixou estar na serra que está sobre Calicut, que he nos confins do seu reyno, até que soube que eramos partidos.

¶ Lhe direis q̃ minha determinação he prender o Çamorim, & mãdalo a Portugal a elRey meu senhor, & q̃ isto se pode muito bẽ fazer, querendo elle vir cõ seus arraiaes sobre as serras de Calicut, onde se o Çamorim recolhe, quando lhe fazem a guerra na ribeira do már, & entrando elle polo sertão, que eu jrey pela ribeira com hũa grossa armada, destroindo todos os seus portos & lugares, de maneira que o Çamorim não possa socorrer a hũa parte & á outra cõ sua gente, & o tomemos sem poder escapar, & q̃ lançaremos os mouros fóra de Calicut, que sam os q̃ lhe dam todo o dinheiro que elle ha mister pera a guerra, & tirandolhos da terra, ficaram seus portos sem trato destroidos & desfeitos, & que acabado isto entenderey lógo no feito de Goa, onde o poderey ajudar na guerra contra o Rei de Decan, & lhe tirarey o trato dos caualos que vam pera o seu reyno com que lhe elle faz a guerra.

¶ Lhe direis como Ormuz he delRey meu senhor, & querendo elle sua amisade, & mãdalo visitar a Portugal por seus embaixadores cõ presentes, em que mostre sinal de verdadeira amizade que elle lhe mandará

muitas cousas que ha em seu reyno, & que os caualos de Ormuz não vão senão a Baticalá, ou a qualquer outro porto seu, donde os elle possa auer, & não jram ao Rey de Decán, que he mouro & seu imigo: & perà nossa amizade ser mais firme lhe direis, que vindo elle pera estas partes com seu arrayal, que eu o jrey vér, & assentaremos muitas cousas q̃ cũprem a seu seruiço. E tórnouos a lembrar, que trabalheis quanto poderdes, que o Rei de Narsinga mande seus embaixadores a Portugal, visitar elRey cõ joyas & cousas de sua terra.

¶ Lhe falareis que sendo caso, que cumpra a elRey meu señor, fazer assento & feitoria em qualquer lugar dos seus portos, désde Baticalá até Mangalor, que mande que suas gentes & armadas sejam recebidas nelles, & dé lugar pera se fazer hũa casa forte, onde possam estar seguras suas mercadorias & gente, de qualquer aluoroço do pouo que sobreuier, visto como está tam longe, que as suas justiças não pódem acodir a tempo, que o possam remediar: & querendo elle fazer isto, terá seguro todo o trato dos caualos, & todas as outras mercadorias de Portugal, de que teuer necessidade em sua terra.

Da prouincia do Malabar, & algũs costumes que os Malabares tem.

A Prouincia do Malabar, começa do porto de Maceirão, junto com Mangalor, & vay acabar no cabo de Comorin polo sertam, com o grã de reyno de Narsinga, & ao longo de toda esta terra, corre hũa serra muy alta, que diuide esta prouincia do Malabar, do reino de Narsinga. O mais largo desta terra, da costa do már até a serra, seram quinze légoas. Sam estas serras tam altas, que dizem os de Narsinga, que em sua terra não vẽtão leuãtes, porque he tamanha a altura dellas, que tolhe que não passem da outra banda. Terá esta prouincia por costa, cento & trinta légoas: & ha nella muitos Reys, & sam todos gentios. Os filhos do Rey não herdam, senão os sobrinhos filhos de suas jrmãs, & não os filhos dos jrmãos: porq̃ hão por cousa muito duuidosa serem seus filhos, & por tanto se tem jrmã damna a hum Bramene, q̃ a tenha por manceba, & os filhos desta herdão o reyno, & se acham Bramenes Patamares, q̃ sam do reyno de Cambaya (auidos naquellas partes por gente mais fidalga que todos) damlhe as jrmãs, q̃ as leuem de virgindade, & com isto muito dinheiro, porq̃ queiram

tomar este trabalho, q̃ elles sam muy rigurosos de fazer, & os filhos desta herdão o reyno. Estes Bramenes sam hũs homẽs religosos (como ca antre nós sacerdotes) que tem cuidado de seus pagodes. Tem antre si hũa sciencia por lingoagem, que he como entre nós o Latim, que não na entende senão quem na aprende. Sam casados com hũa so molher: não comẽ carne, nem pescado, nem cousa que padeça morte: comem arroz, leite, manteiga, & fruitas, & bebem agoa. E porque nunca faltasse este mantimẽto pera os Bramenes, que eram muitos, ordenarão os antigos desta terra, q̃ não matassem vacas, nem bois, sobpena de morte, & guardouse tanto esta ley, q̃ não tam somẽte os nã comẽ, mas adoranos, & sam auidos antre elles por cousa sancta. Tem conhecimento da Trindade, & de nossa Senhora, por onde parece q̃ antiguamente foram Christãos. Os Naires desta terra sam homẽs de guerra, & auidos por caualeiros, & mais honrada gente de toda a terra: & dizem q̃ auera nesta prouincia duzentos mil homẽs destes. Sam muito leais a seu Rey, & adoram nelle, & não se acha que Naire lhe fizesse nunca treição. Tem fisicos & curam desta maneira. Aos que sam doentes de feures, damlhe a comer carne & pescado, & purgamnos com semente de figueira de inferno, ou as folhas pisadas & damlhas a beber com agoa. Se tem camaras, damlhe a beber agoa de cocos fresca, & estaca logo. Se arrebeça lauamlhe a cabeça com agoa fria, & cessa o vomito. Se he ferido, lançamlhe azeite quente, cada dia tres vezes: & desta maneira saram. Nas doenças perlongadas, o remedio que dam aos doentes he, que tenham tangedores, & que fação romarias a seus pagodes. Ha nesta prouincia do Malabar de Chetuá até Coulão, muitos Christãos, do tempo de sam Thomé, & tem muitas igrejas. Muitos outros costumes tem que nã escreuo, por escusar proluxidade, & deixo o aos que escreueram a historia da India.

Como o grande Afonso Dalboquerque fez prestes sua armada, com determinação de entrar o estreito do már roxo, & do conselho que teue pera jr sobre Goa. Cap. XVIII.

Endo já o grande Afonso Dalboquerque são de suas feridas, posto que do braço ficasse hum pouco mal tratado de maneira que o não podia leuar bem á cabeça, entendeo lógo em mandar consertar todas as naos, nauios, & galés, que o Visorrey deixára ao tempo de sua partida pera Portugal desbaratados, & tendo já a armada prestes de todas as cousas necessarias pera o tempo que lá andasse mandou chamar os capitães & dissélhes. Senhores, pois as cousas do Malabar estão de assossego, & no estádo em que vedes, minha determinação he jr a Çacotorá ajuntarme com Duarte de Lemos, como elRey nosso senhor me tem mādado q̃ faça, & dahi fazermos nosso caminho ao estreito do már roxo, a buscar a armada do grão Soldão, & nãona achádo no már, jr a Suez, & queimarlha: porque o bom conselho he ilos lá buscar, & não deixalos chegár a pórem as costas na India, onde tem serto o fauor & ajuda dos mouros pera contra nós, & este será sempre meu parecer em quāto a gouernar, por muitas rezões que pera isso darey, quādo me o tempo der mais vagar: & depois disto jrmos acabar a fortaleza de Ormuz que deixei começada: & peçouos que olhando bem hūa cousa & a outra, me digais o que deuo de fazer: & passadas muitas praticas q̃ sobre este negocio teuerá assentouse, que deuia de jr ao estreito do már roxo, & quanto a Ormuz, q̃ o tempo lhe mostraria o q̃ auia de fazer, determinado isto, deixou Afonso Dalboquerque as fortalezas de Cochim & Cananor, prouidas de capitães & gente, artelharia, poluora, & mantimentos, & tudo o mais que lhe era necessario, & hūa armada ao longo da costa, pera acodir a qualq̃r cousa que socedesse & partiose de Cochim a dez dias de Feuereiro, do anno de mil & quinhentos & dez, em hūa armada de vinte & tres vélas, de q̃ erão capitães, dō Antonio de Noronha seu sobrinho, Garcia de Sousa q̃ viera de Malaca, Luis coutinho, Iorge Fogaça, Ieronymo Teixeira, Ioão Nunez, Diogo Fernandez de Béja, Iorge da Sylueira, Simão Martinz, Fernão Perez Dandrade, Simão Dandrade seu jrmão, Aires da Sylua, Francisco Pantoja, Duarte de Mélo, dom Ieronymo de Lima, Frācisco Pereira Coutinho, Francisco de Sousa Mancias, Manuel de Lacerda, Bernaldim Freire, Iorge da Cunha, Antonio da Costa, & Francisco Coruinel Florētim de nação: & nauegando ao longo da costa com toda esta armada, fez seu caminho direito a Anjadiua, donde leuaua determinado de atrauessar ao cabo de Guardafum, & sendo tanto auante como o porto de Mergeu,

veio Timoja em hũa fusta tér á nao de Afonso Dalboquerque, o qual era hũ gentio de nação, muito seruidor delRey de Portugal: & sendo homẽ de baixa sorte, veio a ser honrado por cossáiro, & perguntoulhe pera onde hia com hũa armáda tam poderosa como aquella: & elle lhe disse que sua determinação era jr ao estreito buscar a armáda do grão Soldão, & pelejar com ella, & nãonos achando no már, pola noua serta que tinha de serem ja partidos, jr a Suez, & queimarlhe todas as naos & galés que teuessem. Timoja lhe disse, que se espantaua muito delle, tendo os Rumes tão perto de si, ilos buscar a Suez, que lhe fazia a saber, q̃ hum capitã do grão Soldão com algũs Rumes q̃ escapáram do desbarato de dom Frãcisco Dalmeida, era chegado a Goa, & que o Çabaio lhe tinha feito grandes partidos, porq̃ assentasse ali, & que antrelles auia algũs carpinteiros & calafates, que tinhão feito naos & galés, da feição das de Portugal, & que este mesmo capitão tinha escrito ao grão Soldão, que lhe mandasse gente, porque elle esperaua de fazer seu assento em Goa: porque era terra onde auia muitos mantimentos, & madeira, & bom porto, & que dali com sua ajuda, lãçariam os Portugueses fora da India, & tornariam as especiarias a jr a Meca & ao Cairo, como antiguamente hiam: & juntamente com isto lhe disse Timoja, que o Çabaio senhor de Goa era morto, & que Goa sem elle era morta, & não estáua muito forte, & que dentro na cidade não auia gente, pera resistir a hũa armáda tamanha como aquella, & que o Hidalcão filho do Çabaio era moço, & por morte de seu pay, auia grãdes diuisões no reino de Decan antre os senhores, & que o tempo estaua desposto pera a leuar nas mãos, se a quisesse cometer: & que na entráda da barra, aueria tres braças & mea de prea már, por onde toda aquella armáda podia entrar sem perigo. Afonso Dalboquerque lhe agardeceo muito aquelle seu cõselho, & porém que hũa determinação tamanha como aquella elle a não podia fazer, sem dar conta aos capitães & gente daquella armada: porque tinhão assentado de entrar no estreito, que lhe daria conta disso, & do q̃ se determinasse lho faria a saber.

¶ Despedido Timoja com esta reposta, mandou Afonso Dalboquerque chamar todos os capitães, fidalgos, & pilotos da armada, & deulhe conta do que passára com Timoja, & depois de muitas praticas passadas, assentáram todos que se Goa estaua da maneira que elle dizia, que deuia de deixar a ida do estreito, & trabalhar muito por tomar a cidade, & lançar os Rumes fora della. Depois de todos dizerẽ seus pareceres disselhes Afonso

Dal-

Dalboquerque que ainda que o quelhe Timoja tinha dito parecesse que trazia algũa rezão consigo: por ser cousa duuidosa, elle se não mudaua ainda da determinação com que partira de Cochim, & que não auia de deixar de fazer o caminho do estreito, senão fosse por segurar o reino de Ormuz, que era tam importante como Goa, & muito proueitoso pera o seruiço delRey nosso senhor, & chegando a elle, tolhendolhe os mantimẽtos, era tomado sem pelejar, & nisto não aueria contradição. E posto que elle teuesse os olhos em Ormuz, polo muito trabalho q̃ lhe tinha custado (que os capitães que lhe fugiram fizéram deixar) com tudo se Timoja dizia verdade, não lhe podia negar que deixando Goa, que se seguiria polo tempo a diante muito trabalho ás cousas da India, & q̃ tambem era muito de Olhar, q̃ se os Rumes fizessem seu assento em Goa, & a fortificassem, o Çamorim que estaua liado com ella, nunca se deceria de sua openião, & daria muito trabalho a elRey de Portugal, se a depois quisesse tomar, & porem que elle nisto que dizia não se determinaua, sómente lhe apresentaua todas aquellas rezões, por hũa parte & pela outra: porque de Goa, & seu porto & barra, não auia piloto na armada que soubesse mais q̃ dizer Timoja que era bom porto, & que na barra aueria tres braças & mea de preamar: & que lhe prometera de tornar lógo com algũa mais certeza do que lhe tinha dito, & auendo mais algũa informação deste negocio, então se determinaria, & diria seu parecer, & nisto assentaram todos.

Como o grande Afonso Dalboquerque se fez á vela do porto de Mergeu, & foy surgir auante do castelo de Cintácora, & o que passou com Timoja, & como dali foy sorgir na barra de Goa. Cap. XIX.

PAssadas todas estas praticas, hũa segunda feira vinte cinco dias do mes de Feuereyro, mandou o grande Afonso Dalboquerque fazer toda a armada á vela & a hũas naos q̃ em sua companhia hiam pera Chaul que o seguissem, cõ determinação que tẽdo necessidade dos seus bateis pera desembarcar gente, se podesse ajudar delles, & de tudo o mais que nellas ouuesse. E asi como hiam todos juntos, foram sorgir dauante do castelo de Cintácora, & em sorgindo chegou Timoja, de Onor com treze fustas, armadas

madas com muita gente, & foise lógo ver com Afonso Dalboquerque, q̃ folgou muito com sua vinda, & pergũtoulhe (por Gaspar Rodriguez lingoa) que nouas sertas tinha de Goa: elle lhe disse que por recados & cartas que tinha de algũs gentios honrados della, lhe diziam que o Çabaio era morto, & que em Goa estaua hum capitão, que se chamaua Melique Çufergugi, que tinha mil homẽs de peleja assoldadados: os quaes estauã muy agrauados delle por lhe não pagar, que morrião todos á fome, & que o rio de Goa era da mesma altura que lhe tinha dito, & que este capitão depois do Çabaio morto, não obedecia a ninguem, & que a gente da terra estaua muito defferente hũa com outra. Afonso Dalboquerque lhe perguntou a causa que o mouera pera lhe vir aconselhar que tomasse Goa. Timoja lhe disse, que as principais cabeceiras dos gentios que auia na terra lhe tinhão escrito, que a morte do Çabaio era certa, & que todos tinhão muito contẽtamento disso, polos muitos roubos & tirannias que lhe tinha feito, & q̃ o anno passado matára & roubára mais de duzentos mercadores, & q̃ por isso estaua a terra toda amotinada & em differença hũs com outros, & que se eu quisesse tomar Goa, que fosse lá com toda a minha gente, & que elles se entregariam de boa vontade. Afonso Dalboquerque mandou chamár todos á sua nao, & deulhe conta de tudo isto que Timoja dissera, & pediolhe muito que se determinassem, porque hiam gastando o tempo sem fazerem nada, & mandou a Timoja que falasse primeiro, o qual disse, q̃ acerca das cousas de Goa não tinha que dizer, porque já dissera tudo o que passaua, & que quanto a elle, que estaua prestes com suas fustas pera o acompanhár por már, & mandaria muita gente sua por terra, & que lhe certeficaua, que sorgindo aquella armada no porto de Goa, que os gouernadores da cidade lhe auiam lógo de mandar entregar as chaues da fortaleza, sem nenhũa resistencia.

¶ Acabado Timoja de dár seu parecer, os capitães praticaram no negocio & depois de determinarem algũas differenças que teueram acerca do entrar da barra, assentouse que se cometesse á cidade. Afonso Dalboquerque com esta determinação disse a Timoja, que mandasse gente por terra que fosse destruindo esses lugares, que auia ao longo do már: & como seus desejos eram tomarse Goa, polo proueito que disso esperaua de tér, mandou por terra dous mil homẽs, & por capitam delles hum cunhado seu, & hũ mouro que fora capitão do Çabaio, que se chamaua Melique Çufecõdal, o qual fugira de Goa com medo delle, & estaua acolhido em sua casa, &

estando

estando a nossa armada surta chegou a gente de Timoja por terra, & déram na fortaleza de Cintácora, que está na ribeira do már sobre hum rio, por onde parte o reyno de Onor com o de Goa, na qual fortaleza estáua hum alcaide com gente, & como viram a nossa armada fugiram todos, & chegada a gente de Timoja, achàram a fortaleza despejada, & derrubarão parte della, & poseram fogo ás casas, & recolheram algũas bombardas de cepo, que os Turcos ali tinham: & com este bom successo, fezse Afonso Dalboquerque á vela com toda a armada, & foy sorgir na barra de Goa, hum bom espaço afastado della. Timoja indo ao longo da terra em hũa fusta sua, tomou hum mouro q̃ andáua ao longo da praia descalço, & vestido em trajos de Ermitão, & trouxeo a Afonso Dalboquerque, o qual lhe perguntou que homem era, & que fazia ali, & que nóuas auia de Góa. O mouro lhe disse, que elle era hum proue jogue, que estáua ali antre aquelles matos, em hũa casinha seruindo a Deos, & que as nóuas de Goa eram ser o Çabaio morto, & o filho estáua polo sertão dentro, & que o capitão q̃ ao presente estáua em ella não tinha em sua companhia mais q̃ cem Rumes, & que da terra auia muita gente, mas que estáuão todos muito differentes com o capitão, & que auia tantas differenças dentro na cidade hũs cõ os outros, que muitos rogauão a Deos, que fossem os Frangues sobrella & a tomassem, & que auia doze naos acabadas muito grandes da feição de Frol dela már, & muitas fustas & atalaias, & que estáuão quatro naos carregadas de mercadoria, duas pera Adem, & duas pera Ormuz, & q̃ alem destes Rumes que estáuã na fortaleza, eram fóra cẽto, em paraos & fustas, a roubár pelo már. Com esta enformação mandou Afonso Dalboquerq̃ vir os capitães á sua nao, & disselhe, que elle duuidára sempre de cometer aquelle feito de Goa, porque desejaua de entender o desenho & forças dos imigos, & que pois estáua daquella maneira que todos diziam, q̃ lhe parecia bem cometerse: mas que por cima desta informação que tinhão, se deuia de mandár sondar o rio primeiro, porque não queria temerariamente cometer aquelle negócio, & todos assentáram nisto, & que mandasse Timoja com suas atalaias diante.

Como o grande Afonso Dalboquerque mandou dom Antonio de Noronha, & outros capitães sondar o rio, & como tomâram o castelo de Pangij, que está á entrada da barra, & do mais que passou. Capit. XX.

Passado

Aſſado eſte conſelho, ao outro dia pela menhã, que foram vintoito do mes de Feuereiro do anno de dez, mandou o grande Afonſo Dalboquerque dom Antonio de Noronha com ſertos pilotos ſondar a barra, & Timoja em ſua companhia com duas atalaias, & achàram duas braças & mea de altura de baixa már, & tres de prea már. Dom Antonio como teue ſondada a barra tornouſe, & deulhe cõta do que achara. O capitão da cidade como ſoube que os noſſos andauam ſondando a barra, arreceoſo que lhe tomaſſem algum baluarte daquelles que eſtauam da barra pera dentro, mandou com muita diligencia prouelos de gente de pé & de cauallo, & artelharia groſſa & meuda, & porque o principal delles era a torre de Pangij, que defendia a entrada da barra, mandou ali hum capitão, & reforçala mais de tudo o que lhe era neceſſario. E poſto que eſtaua aſſentado de entrarem com toda a armada da barra pera dentro, não ſe podia Afonſo Dalboquerque perſuadir, de meter as naos grandes em rio, que não era ſabido dos ſeus pilotos: & com eſta indeterminação em que eſtaua, mandou chamar os capitães de noite á ſua nao, & diſſelhes a duuida que ſe lhe mouera, que ſeria bom cõſelho, irem primeiro algũs bateis da barra pera dentro ver o que lá hia, & o fundo que o rio tinha, por ſe não verem depois de eſtarem dentro com as naos grandes em algum perigo, que não podeſſem remediar. E porque a todos pareceo bem, diſſe Afonſo Dalboquerque a dom Antonio de Noronha ſeu ſobrinho que ſe fizeſſe preſtes pera jr por capitam deſte negocio, & em ſua companhia mandou: Ieronymo Teixeira, Simão Martĩz, Ioão Nunez, Garcia de Souſa, & Iorge da Sylueira nos ſeus bateis: & Simão Dandrade & Diogo Fernandez de Béja nas duas galés, de que eram capitães, & Timoja com as ſuas fuſtas, & ao outro dia pela menhaã cedo, abalaram todos juntos, & foram demandar a barra, & entraram pelo rio dentro, direitos á fortaleza de Pangij, por eſtar pegada cõ a entrada da barra. Chegado dom Antonio de Noronha com os bateis & galés que leuaua, defrõte da fortaleza, começáramlhe os mouros a tirar com a artilharia que tinham, & como ella eſtaua aſſentada alta, paſſauão os tiros por cima, & não fez nenhum nojo aos noſſos bateis. Paſſada a furia dos tiros, pareceo a dom Antonio tempo deſpoſto pera deſembarcarem, & mandou aos capitães que mandaſſem remar rijo, direito á fortaleza, & poſtas as proas em terra deſembarcaſſem, & como a artelharia tornou a deſparar ſem fazer nojo, deſem-

desembarcárão todos com muita furia, & por força pelejando, entráram a fortaleza pelas bombardeiras, & por cima do muro, & matáram muitos asſi de pé como de cavalo, & feriram o capitão, que eſcapou polo não conhecerem, & a outra gente ſe poz em fogida pera a cidade. Os mouros q̃ eſtáuão no baluarte da banda da terra firme, vendo o desbarato da fortaleza de Pangij, como não eram poderoſos pera reſiſtir, deixáráono, & fogiram todos. Dom Antonio com eſta vitória, mandou a Timoja q̃ foſſe cometer o baluarte, que eſtáua da outra banda, & em chegando achou o deſpejado, & recolheo a artelharia, & tudo o mais que nelle eſtáua, & depois de recolhido todo o deſpojo, que ficou aos mouros em Pangij, que eram muitas lãças, eſpádas, adargas, fréchas, & dezoito peças de artelharia mandou dom Antonio pór fogo ás caſas da fortaleza, & recolheoſe aos bateis, & foiſe pera as naos.

¶ Chegado dom Antonio com eſta vitoria não eſperada, Afonſo Dalboquerque recebeo a todos com grande gaſalhado & contentamento, louuandolhe muito aquelle feito: & não ſofrendo tardança, vendo a merce q̃ lhe noſſo ſenhor fazia, tornou lógo mandár dom Antonio, que entraſſe o rio, & foſſe dar viſta á cidade com as galés & bateis cõ que viera, & porq̃ ſe temia das fuſtas, q̃ auia em Goa, mádou o reforçar cõ algũs nauios piq̃nos, & eſtádo preſtes pera partir, ao outro dia pela menhaã vierã dous mouros principaes da cidade em hũ parao, com recádo do capitão & pouo de Goa pera o capitão géral dizendo, q̃ todos eſtarião á ſua obediencia, & fariam tudo o que elle mandaſſe: porque queriam antes ſer vaſſalos delRey de Portugal que do Hidalcão, pelas muitas tiránias que lhe ſeu pay tinha feitas. Afonſo Dalboquerque não lhe quis reſponder lógo, & mandou a dõ Antonio que todauia foſſe pelo rio dentro dar viſta á cidade, & ver a maneira della, & ſeus muros, & fortaleza, & que ſe trabalhaſſe muito por ver algũs lugares, por onde ſe a cidade podeſſe milhor entrar. Partido dom Antonio, teue Afonſo Dalboquerque os mouros cõſigo todo aquelle dia, & como lhe pareceo que dom Antonio podia eſtar já diante da cidade, reſpondeolhe que diſſeſſem ao capitão de Goa que elle era capitão géral da India por elRey de Portugal dom Manuel ſeu ſenhor, & ſe elles quiſeſsé eſtar á ſua obediencia, & daremlhe a fortaleza de Goa como diziam, & entregarlhe todos os Rumes & Turcos que na cidade eſtauão, porque eram ſeus capitaes imigos, que elle em nome delRey ſeu ſenhor, lhe ſeguraua as vidas, & lhe faria muito bom tratamento, como lhe ſua Alteza em ſeu

regimé-

regimento mandaua. Partidos os mouros com esta reposta, vendo Afonso Dalboquerque que os da cidade estáuão rendidos, como capitão prudente, entendendo a vitoria que tinha na mão, sem mais esperar recado de dom Antonio, fez prestes todos os bateis & nauios pequenos, & paraos das naos de Cananor que lhe ficáram, & abalou lógo apos os mouros, com toda esta frota, deixando as naos grandes fora da barra: porque auião mister mais vagar pera as meter dentro, & aquelle dia chegou diante da cidade onde já achou dom Antonio de Noronha surto, defronte da fortaleza. O capitão & gouernadores della espantados deste tomulto de bateis & gente armada, mandáram lógo quatro mouros principaes a pedir seguro pera tratárem de concerto. Afonso Dalboquerque lhes respondeo, que era contente de lho dár, com as condições que lhe já tinha mandado dizer. Os mouros tornáram lógo com reposta dizendo, que elles aceitáuam o seguro que lhe daua, & pois todos eram contentes de lhe entregar aquella cidade, que lhe pediam por merce lho desse també, pera algũs Rumes & Turcos que ali estauão, que eram estrangeyros, & não parecia rezão nem ley de homés, entregaremnos. Afonso Dalboquerque não se quis determinar nisto só, & mandou chamar os capitães & dissélhes o que o capitão, & gouernadores da cidade cometiam, & assentáram todos que não lhe entregando os Rumes & os Turcos que ouuesse, que lhe não guardasse o seguro, & ao outro dia pela menhaá se desse combate á cidade. Os mouros foram com este recado, & passouse grande parte da noite sem lhe dárem reposta: & estando Afonso Dalboquerq̃ neste pensamento, cuidando em̃ si a causa desta dilação, veio hum gentio parente de Timoja de noite & dissélhe, que o capitão da cidade era fugido, & que o fizera por lhe não entregar os Rumes, nem os Turcos, & deixára a fortaleza despejáda de todo, & que a gente da cidade não fazia senão roubar tudo o que achaua. Afonso Dalboquerque posto que desejasse muito de auer os Turcos & Rumes, contentouse de auer a cidade sem trabalho & perigo da sua gente, & mandou Garcia de Sousa & dom Ieronymo de Lima, que se fossem nos seus bateis pór defronte da porta da fortaleza, & ali estiuessem vigiando até pela menhaá, que nenhum mouro saisse pela porta fora, nem entrasse pera dento.

P Do

Do sitio & fundação da cidade de Goa.

O reyno de Goa foy antiguamente de gentios, & era tributario ao Rey de Narsinga, & quando Afonso Dalboquerque o ganhou aueria setenta annos que era isento, & não lhe obedecia, & a principal cabeça deste reyno, era a cidade de Goa, que está situada em hũa ilha, a que os gentios chamão Tiçuarij, rodeada toda de esteiros de ágoa salgada, & de ilhas, & em algũs paços principaes desta ilha, tinham torres feitas pera defenderẽ a passagem aos mouros da terra firme: & porque o passo de Gondali era tã baixo, que de baixamár podião passar a vao, ordenáram que todos aquelles que morressem por justiça, & asi algũs mouros que fossem tomados na guerra, se lançassem nelle, pera que os lagartos que ha naquelles esteiros, viessem ali buscar esta carniça: os quaes eram tantos, & tam acostumados á acodirem a este ceuo, que os mouros por esta causa ná ousauão de passar o vao, & com este artefício, & com as mais torres que tinhão derredór da ilha, viuerão muitos annos, sem os mouros poderem entrar com elles, & a primeira pouoação que nesta ilha de Tiçuarij ouue, foy Goa a velha, & segundo seus edificios parece que foy cousa grande: & a rezão porque os primeiros fundadóres fizeram ali seu assento, & não onde agora está a cidade de Goa a noua (lhe podemos chamar) dado caso que o porto & o rio fosse muito milhor, foy pela barra ser de pouco fundo, & não poderẽ entrar por ella naos nem nauios, & por curso de tempo, as ágoas que vem da serra do Gate, que no inuerno correm com grande furia pera o már, foram pouco & pouco abrindo esta barra de maneira, que ficou em altura que podiam entrar por ella naos & nauios. Vendo os moradores de Goa a velha que este rio & porto era milhor, & a barra tinha fundo, que por ella podiam entrar naos, & nauios sem perigo, deixárão a pouoação de Goa a velha & vieram fundar esta pouoação onde agora está a nossa fortaleza, & fizéram ali hũa cidade mui grande, & por serem homẽs de már, & sofrerem mais os trabalhos que todas as outras nações, começáram lógo fazer naos grandes, & nauegáram por todas as partes da India: eram valentes homẽs, & bõs frécheiros, & nisto faziam muita ventagem a todos os seus vezinhos. Foy sempre Goa em tempo dos gentios nomeada por cousa muito principal naquellas partes, & auia nella muita gente de pé & de caualo, & por isso se defenderam muitos annos contra o poder do Rey

de

de Daquem. Tinham os gentios nella templos muito honrados, & muy bem laurados, onde viuiam hũs homẽs como religiosos, a que chamão Bramenes, que guardam ali suas gentilidades. Tinham por costume, que se algum gentio morria, a molher se auia de queimar por sua vontade, & quando hia a este sacrificio era com grandes festas & tangeres, dizendo que queria jr acompanhar seu marido ao outro mundo, & a que isto não fazia, era lançada dantre as outras, & ficaua ganhãdo por seu corpo pera as obras do pagode de que era fregues, & como Afonso Dalboquerque tomou o reyno de Goa, não consentio que dali por diãte se queimasse mais nenhũa molher: & posto que mudar costume seja parelha de morte, todauia ellas folgáram com a vida, & dizião grandes bẽs delle, por lhe mandar que se não queimassem. Por este porto de Goa, foy sempre a passagem principal, pera o reyno de Narsinga, & de Daquem, & por esta causa auia nelle muitas mercadorias, & vinham grandes cafilas de mercadores do sertão buscalas, & traziam outras, & deste comercio que tinham hũs com os outros, vierão os moradores de Goa a ser tam prosperos, que dizião que só ella naquelle tempo rendia duzenzentos mil pardaos. Antre este reyno de Goa, & do Daquem, pela banda do sertão, vay hũa serra muy alta, & muy grãde, que se chama Ogate, que diuide estes dous reynos hum do outro, a qual serra tinha sertos passos por onde se entraua nos quaes os gentios tinham suas torres, com gẽte pera sua defensam.

¶ E posto que ao sobir desta serra seja muito fragosa, tanto que estam em cima, dali por diante toda a terra he chaã, & muito pouoada de lugares muy grandes, de maneira que esta serra fica sobre Goa, & sobre o már como hum eyrado. Não dou rezã aqui desta terra, porque minha tẽção he não tratar senão como o grande Afonso Dalboquerque a ganhou aos mouros, & não de como se elles fizeram senhores della. E auendo muitos annos q̃ os mouros tinhão ganhado o reyno de Daquem ao Rey de Narsinga, & eram senhores delle, posto que com os gentios de Goa tiuessem sempre guerra, nunca os poderá senhorear, até que o Cabaio veio ser senhor de Daquem, & este continuando a guerra com elles, foy muitas vezes desbaratado, & outras muitas vencedor, finalmente auidos os paços da serra por treição, veio com grande poder de gente sobre a ilha de Goa, & esteue sobrella tãto tempo, até que a entrou, & tomada a cidade toda a outra parte do reyno ganhou sem trabalho, & ficou ella cabeça principal

de ambos os reynos, & vẽdo o Çabaio velho o sitio de Goa ser muito bõ, & de boas agoas, & a ilha em si muito fertil & graciosa, determinou de fazer seu assento nella, & tudo o mais de seu reyno deixar por amor de Goa, & fez lógo hũs paços muy grandes & bem laurados, & depois de se ver ali assentado de assossego, ficou tão contente do porto & do rio, & da desposição que tinha pera se fazer nelle grandes armadas, que praticaua muitas vezes cõ esses seus priuados, que pois a fortuna lhe dera Goa, que esperaua de ganhar dali o reyno de Cambaya, & destroir todo o Malabar : porque estes foram sempre os maiores contrairos que elle teue: & quando Afonso Dalboquerque ganhou Goa, aueria quarenta annos pouco mais ou menos, que o Çabaio a tinha ganhada aos gentios. Como se soube por todas aquellas partes, que o Çabaio era senhor do reyno de Goa, pela muita fama que dos tempos passados tinha, trabalharam todos de o terẽ por amigo, & o Xeque Ismael, & o grão Soldão do Cairo, & o Rey de Adem, lhe mandárão logo seus embaixadores, procurando muito sua amizade, & porque elle daua aos estrangeiros maior soldo, que nenhum Rey da India acodiram lógo a Goa muitos Rumes, Turcos, Arabios, & Persas, & com esta gente tomou muitos lugares ao Rey de Narsinga, & se fez grande sẽnhor no reyno de Daquem. E depois dos Portugueses serem entrados na india, os Malabares que eram os maiores imigos que o Çabaio tinha se confederáram com elle, & o fizéram seu capitão géral; & lhe offereceram muito dinheiro & gẽte, & toda a outra mais ajuda que lhe fosse necessaria cõtra nós, & pera esta empresa, tinha o Çabaio feito hũa armada mui grossa de naos, nauios & galés no rio de Goa, a qual se estaua acabando, quando o grande Afonso Dalboquerque entrou a cidade. Nesta costa do reyno de Goa ha outros portos, nos quaes antes que fosse tomada dos Portugueses, auia naos & mercadores, que agora não ha, com medo das nossas armadas, & tambem porque Afonso Dalboquerque não consentia que ouuesse nenhum trato, por toda aquella costa senão em Goa.

Como os gouernadores da cidade de Goa entregáram as chaues della ao grande Afonso Dalboquerque, & do despojo que se nella achou, & o mais que passou. Capitulo. XXI.

Par-

Partidos dom Ieronymo & Garcia de Sousa pera vigiarem a fortaleza (como a tras tenho dito) esteue o grande Afonso Dalboquerq̃ quedo toda a noite esperando q̃ amanhecesse, & auisou os capitães do q̃ auiá de fazer, se ouuesse resistécia na entrada da cidade, & começando amanhecer, mádoulhe fazer o sinal que lhe tinha dado. Os capitães como o ouuirão leuárão suas amarras, & vieramse cõ toda a géte (que seriam mil homés Portugueses, & duzétos Malabares) térá galé onde Afonso Dalboquerq̃ estaua, & dali partirã, & chegando á cidade era já menhaã crara, & por não acharem nenhũa resistencia, entráram pelas portas com hũa Cruz diante de si: & aqui se assentou o grande Afanso Dalboquerque em joelhos, & chorando muitas lagrimas deu graças a nosso senhor por aquella merce q̃ lhe fizéra, em lhe dar hũa cidade tamanha & tam poderosa, sem trabalho nem morte de ninguem: a qual Cruz leuaua hum frade de sam Domingos, & apos ella hia a bandeira real, que era de cetim bráco, com hũa Cruz de Christus no meio, & nesta ordem foram até a porta do castelo, onde o estáuão esperádo os mouros principaes da cidade, & gouernadores della, & lançados aos seus pés, lhe entregáram as chaues da fortaleza, & pediramlhe muito por merce, que lhe guardasse o seguro que lhe tinha dado. Como Afonso Dalboquerque entrou dentro na fortaleza, porque o vinha seguindo muita gente da cidade, mandou a dom Antonio de Noronha que ficasse com cincoenta homés á porta, & não deixasse entrar nenhum mouro dentro. Os gentios que estáuão dentro vieramse a elle com suas cortesias, como he seu costume, & disseramlhe que elles queriam ser vassalos delRey de Portugal, & estar á sua obediencia: & elle os recebeo com muyto amor & gasalhado, & mandou apregoar sob pena de morte, que nenhũa pessoa tocasse em nenhũa cousa dos mouros & gentios, que estáuão em Goa, mas que os tratassem como vassalos delRey de Portugal seu senhor. Acabado isto andou vendo a fortaleza, & os paços do Çabaio, que eram todos laurados de Macenaria, com jardins & poços de água dentro: & dali foy térá hũas tercenas grandes, onde achou muitos mãtimentos, muita poluora, & muitos materiaes pera a fazer, & muitas armas de gente de pé & de caualo, & muita quantidade de mercadorias, & em hũas estrebarias grandes, cento & sessenta caualos, & em diuersas partes da cidade se tomáram quarenta bombardas

grossas, & cincoenta & cinco falcões, & doutra artelharia miuda, grande quátidade, & outras muitas cousas q̃ deixo de escreuer, por nã enfadar quẽ o lér. Na ribeira estáuam corenta naos varadas antre grandes & piquenas, & dezaseis fustas, & muita enxarcia, pregadura, & tudo o mais que era necessario pera ellas: & ali achou Afonso Dalboquerque todas as molheres & filhos dos Turcos & Rumes, que não poderam leuar com a pressa que tiueram em fugir com Milique Çufegurgij: o qual chegado ao paço de Gondali pera passar a terra firme, foy tam grande a pressa, que muitos se afogáram no rio, & outros perderam os caualos, & muito fato que leuauam, por não terem em que passar, senão paos atrauessados hũs nos outros. Afonso Dalboquerque como teue recolhido as molheres, & os filhos dos Turcos, mandou os pór a bom recado, & guardar: & na segunda tomada desta cidade as fez Christãs, & casou com Portugueses, como a diante se dirá.

¶ Estando já o grande Afonso Dalboquerque empossado da cidade, mandou chamar os capitães das naos de Cananor, & deulhe licença que se fossem, & fezlhe merce de parte dos despojos que se ali tomáram. Elles partidos chamou Timoja, & disselhe que elle era certeficado, q̃ no castelo de Banda, & noutros ali derredór, auia ainda algũs Turcos: & porque sua determinação era não ficar em todo o reyno de Goa nenhũa semente destes queria mandar destruir aquelles castelos, & trazelos todos á espáda, que lhe rogaua muito, quisesse mandar seu cunhado com algũas fustas mostrar as entradas dos rios aos nossos, porque as não sabiam. Timoja lhe disse, que lhe parecia bem mandar lançar todos os Turcos fóra da ilha de Goa, & daquelles lugares ao redor: porque em quanto ali estiuessem, lhe auião de dár muito trabalho, & que elle faria prestes seu cunhado com as fustas que fossem necessario pera aquelle effeito. Assentado isto mandou Afonso Dalboquerque a dom Antonio de Noronha seu sobrinho, que fizesse prestes a nao sancta Clara, & o Cirne, flor déla mar, & flor da rosa, que ficáram fóra da barra (como tenho dito) & tres galés & fosse correr todos aquelles lugares & os destruisse, & nam désse vida á nenhum Turco nem mouro que achasse. Dom Antonio se partio & foy demandar a fortaleza de Banda, & como a armada foy surta meteose em ás galés, & nos batejs das naos, & entrou pelo rio dentro, leuando diante de si o cunhado de Timoja com tres fustas. Os gentios da terra como viram a nossa armada, polo grande odio que tinhão

aos Turcos, aleuantáramse todos contra elles, os quaes atemorizados da nossa gente, deixáram a fortaleza & fugiram polo sertão dentro, de módo que quando dom Antonio de Noronha chegou, estáuam já os gentios em posse della, & o seu capitão veio lógo tér com dom Antonio & fezlhe menagem da fortaleza, prometendo de estar á obediencia delRey de Portugal. Como a nóua correo pela cósta, que Banda era tomada, os Turcos que estauão na fottaleza de Condal (temendose dos gentios que andauão aluoroçados com o fauor que tinham da nossa armada) deixáramna & fugiram pelo rio a cima. Sabido na terra que os Turcos eram fugidos, veiose hum capitam gentio, homem principal cõ muita gente meter nella, & mandou a obediencia a Afonso Dalboquerque, auendose por vassalo delRey de Portugal, & dom Antonio tornou se pera Goa, & entrou polo rio dentro com as naos grandes, & deu conta a seu tio do que passara, & como queimára quatro nauios, que os Rumes tinham dentro no rio de Banda.

Como o grande Afonso Dalboquerque começou a fazer a fortaleza de Goa, & o que passou com os capitães, & com Timoja. Capitulo. XXII.

DEpois do grande Afonso Dalboquerque estár bem informado das cousas de Goa, entendeo lógo em a fortificação da cidade, com determinação de a soster & fazerse forte nella: pola tér por ajudadora de seus trabalhos, & começou lógo em a caua & muros, com muita gente da terra que trazia na obra, & os capitães com a sua gente tinhão suas horas de trabalho, segundo lhe vinha por giro, & hiase asi forteficando com muita pressa, polo receio que tinha do Hidalcão vir sobrelle, & ali estáua todo dia, & dormia de noite vestido sobre hum catre, & dentro na fortaleza mandou fundar hũas terecenas muito grandes, pera se em ellas recolher cada anno muita soma de trigo & de arroz, pera se dali prouerem todas as outras fortalezas & armadas da India, fazendo fundamento que ali acudiriam todos os negocios della, segundo o que via em a disposição & sitio da cidade.

Posto isto tudo em ordem, mandou chamar Timoja, pera entender no assento da terra & disselhe, que pois elRey de Portugal era senhor da terra, que não era rezão tér elle menos nella que os outros senhores passados, q̃ deuia de mandar ajuntar todos os gentios, & noteficarlhe, que dali por diante auião de pagar a elRey seu senhor, das possessões que tinham, o tributo que antiguamente costumauão a pagar ao Rey & senhor de Goa. Timoja lhe disse que elle os mandaria chamar & lho noteficaria: & com tudo isto não ficou contente de ver que Afonso Dalboquerque determinaua de soster Goa: porque auia dias que secretamente lhe requeria, que lha desse & as terras della, & que elle pagaria certa cousa em cada hum anno de renda por ellas, & as sosteria & defenderia á sua custa; & Afonso Dalboquerque lhe andou sempre dilatando a reposta deste seu requerimento sem dár conta aos capitães, pela necessidade que tinha da sua gente, pera o trabalho da obra: mas como Timoja vio que Afonso Dalboquerque lhe não respondia, determinou de dar conta disso a algũs capitães, polos tér de sua parte, & elles como gente enfadada da guerra & do trabalho, dérão lhe a entender q̃ era muito seruiço delRey largarlhe Afonso Dalboquerq̃ Goa. Timoja como teue da sua parte estes capitães com que falou, começou ápertar mais com Afonso Dalboquerque que lhe respondesse, & porq̃ este negocio andaua já roto antrelles, mandou os dissimuladamente chamar & disselhes, que elles sabiam bem que auia muito tempo, que Timoja andaua no seruiço delRey de Portugal, & particularmente o que lhe tinha feito na tomada daquella cidade, & quanta rezão era fazerlhe merce: porque alem de ser cousa muito obrigatoria pagaremlhe seu seruiço, tambem seria exemplo pera outros muitos virem seruir a elRey, que lhe acõselhassem o que nisso faria. Os capitães quasi todos foram de parecer, que lhe desse Goa, dando por rezão que Timoja era senhor de muita gente, & que a podia sostet & defender aos Turcos, & q̃ alem disto daria vinte mil pardaos cada anno de tributo, & que dando isto, seria mais seruiço delRey darlha que sostela. Vendo Afonso Dalboquerque o intento dos capitães, respondeolhes, que se espantaua muito delles, parecerlhe rezão dar hũa cidade tam nobre como era Goa, & tam importante ao seruiço delRei de Portugal, a Timoja, por nenhum preço que por ella desse, senão segurala com hũa boa fortaleza, porque nella auia o gouernador da India de fazer seu assento principal, nem lhe auia de arrendar as rendas, sem primeiro saber o que era, & entender seu módo de gouerno, & entendido faria o q̃

lhe

lhe parecesse mais seruiço delRey: & que quãto o que dizião que Timoja tinha poder pera defender Goa dos Turcos, que disso se espantaua muito mais, cuidarem elles que auia Timoja de ser poderoso pera defender Goa a hum capitão do Hidalcão, que sobre ella viesse, quanto mais a Turcos, & que a satisfação de seus seruiços, auia de ser como a espia, que fizera bem o que lhe mandara seu capitão, ou como vassalo que seruira lealmente seu senhor, & não como homem, em que estiuera a saluação de todos, & que se lebrassem dos seruiços do Rey de Cochim, o qual nã tinha mais delRei dom Manuel que quinhentos cruzados cada anno, de que estaua muito contente.

¶ Os capitães ficaram tam enuergonhados desta pratica, q̃ Afonso Dalboquerque teue com elles, que não ousaram de lhe repricar nada, & acabado este conselho, mandou chamar Timoja & disselhe, que elle desejára sempre de lhe fazer merce, em nome delRey dom Manuel seu senhor, polos muitos seruiços que lhe tinha feito naq̃llas partes, & por nã auer cousa ao presente, que lhe podesse dar, lhe fazia merce em seu nome, de tudo aquillo que rendião as terras de Mergeu, pago na feitoria de Goa, & que o fazia aguazil mór, & capitão de toda a gente da terra: que lhe pedia muito que se quisesse contentar com isto que lhe daua, porque o tẽpo não estaua pera o poder satisfazer doutra maneira: & que quanto era ao seu requerimento, que lhe não podia responder, sem no primeiro escreuer a elRey dom Manuel, & que faria nisso o que sua Alteza lhe mandasse. Timoja não ficou contente desta reposta, porque sempre teue esperança de lhe Afonso Dalboquerque dar Goa, pela palaura que tinha dos capitães, & cõ tudo aceitou a merce que lhe fez, & foise pera sua casa muito rico, porque á entrada do castelo lhe deu duas casas, sem saber o que lhe daua, em que estaua muita soma de mercadorias, & dous zambucos que leuou carregados dellas. Partido Timoja, dali a tres dias, vieram algũs gentios dizer a Afonso Dalboquerque, que estaua na terra de Salsete, & que como chegára todo o gentio se fora pera elle, & que estáuão em determinação se se elle fosse, de se irem todos & deixarem a terra. Afonso Dalboquerque cõmo entendeo que eram manhas de Timoja, disimulou com os gentios, & fez que os não entendia. Vendo Timoja que Afonso Dalboquerque nã respondera ao requerimento dos gentios, mãdoulhe dizer por hũ Naique seu capitã, que elle sempre desejára de seruir a elRey de Portugal, & q̃ por esta rezão depois de ser partido lhe lembrára que o deixara em Goa, sem

tér quem lhe dissesse os costumes da terra, que elle se queria tornar a seruir elRey, & fazer tudo quanto lhe mandasse. Afonso Dalboquerque, posto que o hia conhecendo por roim & manhoso, vendo que desistia do seu requerimento, aceitou sua vinda, & tornou o a recolher, pera com elle assentar as cousas de Goa. Timoja com este recado veiose lógo, & Afonso Dalboquerque mandou a todos os principaes dos gentios & mouros, que se ajuntassem & o fossem receber: os quaes o trouxeram com muitas trõbetas & tangeres ao seu modo, & depois de lhe fazerem sua cortesia (segũdo o costume da terra) dissélhes Afonso Dalboquerque, que elle fazia Timoja aguazil mór do reyno de Goa em nome delRey de Portugal, & lhe daua todo o poder de justiça sobre os gentios & mouros, & que podesse prouer todas as cousas da terra, & tudo o que elle mandasse fosse feito, & meteolhe hum terçado nù guarnecido de prata na máo, & hum anel: por que era costume da terra, darem isto a quem auia de gouernar. Os gentios ficáram muito contentes desta merce & honra, que lhes Afonso Dalboquerque fizera, & leuáram Timoja em hum andor por toda a cidade, com muitas festas & tangeres. Passado isto, arrendoulhe Afonso Dalboquerq̃ as terras de Góa (tirando a ilha) por cem mil cruzados, & que elle pagasse toda a gente, q̃ fosse necessária pera defensa della, & assentadas todas estas cousas, ficáram muito amigos, & dali por diante começou Timoja a seruir seu officio.

Como os embaixadores do Xeque Ismael, & do Rey de Ormuz que estauão em Goa, mandáram dizer ao grande Afonso Dalboquerque, que lhe queriam falar, & o que passou com elles, & como mandou Ruy Gomez ao Xeque Ismael. Capitulo. XXIII.

O tempo q̃ o grande Afonso Dalboquerque entrou a cidade de Goa, auia poucos dias que eram ali chegados dous embaixadores, hum do Xeque Ismael, & outro do Rey de Ormuz, cada hũ per si com sua embaixada, & seu presente de caualos, panos de seda, & ouro pera o Çabaio, & polo acharem morto, depois da cidade ser entrada, posto que a téçáo do embaixador do Xeque Ismael,

era

era passar ao Hidalcão filho do Çabaio (como lhe seu senhor tinha mandado.) Todauia como era homem discreto & entendido disimulou, & mãdou pedir a Afonso Dalboquerque que o quisesse ouuir, & como teue licença sua, veio perante elle, & offereceolhe o presente que trazia & disselhe, que o Xeque Ismael seu senhor, pelas cousas que ouuia da India, desejaua de ter estreita amizade com elRey de Portugal, & como soubera q̃ sua Senhoria tinha ganhado o reyno de Ormuz, o mandára visitar com hum presente de caualos, peças de prata & outras joias, & chegando o embaixador a Ormuz, o achára já partido pera a India, & a causa principal de sua visitação era, desejar de ter conhecimento & prestança com sua Senhoria & q̃ se o Rey de Ormuz, não quisesse estar á sua obediencia, que elle mandaria hum grosso exercito sobrelle, pera lho entregar: porq̃ gente de caualo & de pé lhe certificaua, que teria quanta quisesse, & que isto & outras muitas cousas, trazia o embaixador pera lhe dizer. Afonso Dalboquerque lhe disse, que as cousas de Ormuz elle as tinha por acabadas, & que não tardaria muito tẽpo que lá não fosse, & que dali determináua de entrar o már roxo, & pois o Xeque Ismael tinha sempre guerra com o Turco & com o grão Soldão do Cairo, que lhe era muito necessario tér amizade com elRey de Portugal seu senhor: porque alem de senhorear os máres da India, tambem as suas armadas corriam o már de leuante, & que de hũa parte & da outra, fazia a guerra ao Turco & ao grão Soldão, & querendo o Xeque Ismael confirmar esta amizade com elRey seu sẽnor, & mandarlhe seus embaixadores, & seus arrayaes sobre a casa de Méca, não teria duuida perderem o Turco & o grão Soldão seus estados: porque elRey de Portugal éra muito poderoso pelo már, & podia o ajudar cõ grossas armadas, & que auia dias que elle desejaua de lhe mandar hum embaixador, & offerecerlhe o estádo da India, em nome delRey seu senhor, & por ter muitos negócios o deixára de fazer: mas que agora o mãdaria em sua companhia. O embaixador lhe começou a falár nas grandezas do Xeque Ismael, & que era hum principe muito grandioso, acquiridor de fama, & desejoso de estender seu nome por todas as terras do mundo: & correndo a pratica, cometeolhe duas cousas: a primeira, que fizesse com os mouros de Goa, que recebessem sua lei, & rezassem por o seu liuro, nas suas mesquitas: a segunda mandasse, que corresse a moeda do Xeque Ismael em Goa. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, q̃ quando os mouros lhe entregárão Goa, lhes dera seguro reál em nome delRey de Portu-

gal, pera viuerem em sua liberdade, & fazendolhe agora força em qualq̃r cousa, por pequena que fosse era jr contra o seguro que lhes tinha dado, que se não costumaua antre os principes Christãos, & que quanto era a correr a moeda do Xeque Ismael em Goa, que se espantaua muito delle, cometerlhe tal cousa: porque os Reis estimauã muito suas insignias reaes, que era viuerem seus pouos & vassalos, debaixo da obediencia de suas leis, & receberem sua moeda, & correr em seus reynos naquella valia que lhe elles punhão, & q̃ se não sofria hum Rey cõsentir ao outro, laurar moeda em sua terra. O embaixador lhe respondeo que elle viera a Goa cõm hũa embaixada dirigida ao Çabaio, & trazia aquellas cousas em sua instrução pera lhe falar nellas, & polo achar morto, & sua Senhoria em posse do reino de Goa, que não fazia o que não deuia, em lhe dizer, o que o Xeque seu senhor mandaua, pois era seu embaixador, & que se nisto tinha errado, q̃ lhe pedia por merce lhe perdoasse: porque a obrigação dos embaixadores era, guardar suas istruções, & a sua, fazer o que comprisse ao seruiço do seu Rey, & acabada esta pratica, pediolhe o embaixador que o despachasse, porque se queria partir. Afonso Dalboquerque lhe disse q̃ se não agastasse porque queria fazer prestes hum messageiro, pera mandar em sua companhia ao Xeque Ismael. Recolhido o embaixador pera sua casa, mãdou Afonso Dalboquerque chamar o do Rey de Ormuz, & perguntoulhe a que vinha, & que recado era o que trazia pera o Çabaio. O embaixador lhe disse, que Cogeatar o despachara, & que a principal causa a que vinha era offerecer todo o estado do Rei de Ormuz ao Çabaio, pedindolhe fauor & ajuda contra os Portugueses, & falandolhe nas cousas passadas de Ormuz, lhe disse, que se não escandalizasse de Cogeatar: porque os capitães foram causa de todas as differenças, que antre ambos ouuera.

¶ Passada esta pratica, que Afonso Dalboquerque teue com os embaixadores, entẽdeo logo em despachar Ruy Gomez, criado delRey dom Manuel (o qual fora degradado destes reynos de Portugal pera a India, na armada do Marichal) pera o mandar ao Xeque Ismael, em companhia do seu embaixador, & por elle lhe escreueo hũa carta, & outra ao Rey de Ormuz, que ao diante vão escritas, & deulhe hũa instrução do que auia de dizer ao Xeque Ismael da sua parte: o qual Ruy Gomez leuaua em sua cõpanhia hum lingoa, & hum criado seu. Como Afonso Dalboquerque o teue despachado, mandou chamar o embayxador do Xeque Ismael, & fezlhe merce em nome delRey, & despedios que se fossem: os quaes se embar-

embarcáram em duas naos, de que era capitão & feitor Cogeamir, hum mouro honrado de Cananor, que achou em Goa: o qual os Rumes catiuáram vindo elle em hũa nao ſua de Ormuz com caualos, dizendo q̃ quẽ o mandaua nauegar o már da India com ſeguro delRey de Portugal, & não do grão Soldão, & por elle eſcreueo Afonſo Dalboquerque hũa carta a Cogeatar, em que lhe dizia, que ſe quiſeſſe tornar á obediencia delRei de Portugal ſeu ſenhor, & pagarlhe o tributo, que com elle tinha aſſentado, que as couſas paſſadas foſſem eſquecidas, & que lhe pedia muito que aq̃lle embaixador do Xeque Iſmael, não pagaſſe nenhum direito das ſuas mercadorias, & que a Ruy Gomez que elle mandaua por embaixador deſſe encaualgaduras, & dinheiro, & tudo o que elle & os ſeus ouueſſem miſter, & que lhe pedia, que o retorno das mercadorias, que Cogeamir leuáua, q̃ erão delRey ſeu ſenhor, lhe mandaſſe em caualos, & que as naos que vieſſem de Ormuz pera Goa, trouxeſſem certidão ſua, & todas vieſſẽ a Goa, porque não vindo a ella, as não auia por ſeguras.

Carta que o grande Afonſo Dalboquerque eſcreueo por Ruy Gomez ao Xeque Iſmael.

MVito grande & poderoſo ſenhor antre os mouros Xeque Iſmael: Afonſo Dalboquerque capitão géral & gouernador da India, polo muito alto & muito poderoſo elRey dom Manuel, Rey de Portugal, & dos Algarues, da quem & dalem már em Africa, ſenhor de Guiné, & da conquiſta, nauegação, comercio, de Thiopia, Arabea, Perſia, & da India, & do reyno & ſenhorio de Ormuz, & do reyno & ſenhorio de Goa: vos faço ſaber, como ganhando eu a cidade, & reyno de Goa, achey nella voſſo embaixador, ao qual fiz muita honra, & tratei como a embaixador de tão grande Rey & ſenhor, & olhei todas ſuas couſas, como ſe elle fora enuiado a eſtas partes pera elRey de Portugal, & porque eu ſei certo, que elRey dom Manuel meu ſenhor, folgará de tér conhecimento, amizade & pratica com voſco, vos enuio eſte meſſageiro, ao qual dareis credito a todas as couſas que da minha parte vos diſſer: porque he caualeiro criado delRey meu ſeñor, homem inſinado na guerra, criado nas armas de noſſo coſtume, & de todas as couſas dos reynos de Portugal vos saberá dar muito boa rezão. Bem ſabeis como ganhei a cidade & reyno de Ormuz por mandado delRey meu ſenhor, & dali me trabalhey por tér conhecimento

mento de vósso estado, poder & mando, & vos quisera mandar messageiros, se as cousas de Ormuz se não danárão: as quaes espero em Deos, que cedo tornaram ássentar, porq̃ espero de jr lá em pessoa, & dali trabalharei de me ver com vosco na ribeira do már, & portos de vóssos reinos, porq̃ o poder que trago delRey meu senhor de naos & gente no már, he pera destroir & lãçar fora as naos do Soldão que entrarem na India, & quiseré nella tomar assento, o qual feito com ajuda de Deos temos acabado: porq̃ o seu capitão Mirocem, & a sua armada foy desbaratada em Diu, & tomáramlhe todas as suas naos & artelharia, & matáramlhe toda a sua gẽte & agora as desbaratei, & guanhei a cidade de Goa, & toda sua armada, & os lancei fóra della, como vos dirá vósso embaixador: & porque eu tenho sabido que elle he vósso imigo, & vos faz a guerra, vos mando esta nóua, & vos offereço contra elle minha pessoa, & armada, & gentes delRey meu senhor, pera o ajudár a destroir, & serey contra elle cada vez que me requererdes pera isso. E querendo vós destroir o Soldão por terra, podereis tér delRey meu senhor grande ajuda de armada por már, & creo que cõ pouco trabalho senhoreareis a cidade do Cairo, & todo seu reyno & senhorio, & asi vos pode elRey meu senhor dar grande ajuda por már cõtra o Turco: & suas armadas por már, & vós com vósso grande poder, & gente de cauało por terra, trabalhosamente se poderá defender. E na India tem grandes armadas, com que vos póde ajudar. Asi que a amizade & prestança de hum tam grande Rey, como he elRey meu senhor por már & por terra, deueis de querer auer, & deueislhe de mandar vóssos embaixadores: porque folgará muito de ver, quem lhe saiba dar rezão de vóssos reynos & senhorios. E se Deos ordenar que este comercio & amizade se faça, vinde vós com vom vósso poder sobre a cidade do Cairo, & terras do grão Soldão, que confinam com vosco, & elRey meu señor passará em Ierusalem, & lhe ganhará toda a terra daquella banda: & pera certeza do que nisto esperais de fazer, conuem mandardes vóssos messageiros, & por elles auerdes reposta delRey meu senhor, & entretanto seja eu auisado do que quereis que faça, ou ém que parte póde a armada delRey meu senhor andar, que mais dáno faça ao Soldão em vósso seruiço.

Instrução

Instrução que o grande Afonso Dalboquerque deu a Ruy Gomez do que auia de dizer ao Xeque Ismael.

PRimeiramente vóssa ida será por qualquer módo & maneira que vós bem poderdes, direito onde estiuer o Xeque Ismael, & em chegando a elle lhe fareis aquella reuerencia, que a hum tam grande Rey & principe he diuida.

¶ Chegando a Ormuz, requerereis a Cogeatar, que vos mande dar as encaualgaduras, que vos forem necessárias, & lhe requerereis que vos dé tudo o que for necessario pera vóssa despesa, & despacho de vossa viagem como por minhas cartas lhe tenho escrito.

¶ Em vósso caminho que asi fizerdes, estareis sempre á ordenança conselho, & determinação do embaixador do Xeque Ismael, que em vóssa companhia vay, nem vos apartareis nunca delle a jr ver cidades, praças, lugares, ruas, festas, & jogos, nem fareis outro caminho senão o que elle fizer, & tudo por sua ordenança, porque bem sabeis cómo os mouros desejam de nos fazerem todo o danno que podem.

¶ Direis ao Xeque Ismael da minha parte, que eu o mando visitar, pela grandeza de sua fama, senhorio, & esforço, & pelas bondades & grandezas de sua pessoa, & tambem porque agasalha os Christãos, & os fauorece, & honra.

¶ Lhe direis como elRey meu senhor, folgará de ter conhecimento & amizade com elle, & que o ajudará contra a guerra do Soldão, & que eu em seu nome & da sua parte lhe offereço a armada & gentes, & artelharia que trago, & as fortalezas, lugares, & senhorios que tem na India, & esta mesma ajuda lhe dará contra o Turco.

¶ Lhe direis que vindo elle sobre a casa de Meca, & querendoa ganhar, q̃ eu entrarey o már roxo, & irey ao porto de Iudá com minha armada, & asi o farei querendo elle vir sobre a terra de Arabia, & Adem, & sobre o már da costa de Arabia, Baharem, & Catife, & a cidade de Baçora, & correrei toda a ribeira do már da Persia, onde me poderey ver com elle, & farei tudo o que lhe de mim comprir.

¶ Lhe contareis as grandezas delRey meu senhor, & de seus reynos, & senhorios, & da riqueza & abastança delles, & da grandeza & fermosura da cidade de Lisboa, edificios & casas ricas que nella ha, & da grande quantidade, soma de prata & ouro, & riquezas, & muita gente q̃ no reyno ha: & como

& como elRey meu ſenhor tem duas minas de ouro, dõde cada ãnno lhe vem grande quantidade delle, & da abaſtança das naos que no reyno ha, & grãdeza dellas, & das grandes armadas que cada anno faz pera a India, & como ſuas armadas & gentes nauegão por todo o mundo, & manda armadas a leuante contra o Turco.

¶ Lhe direis como elRey meu ſenhor tem ganhado muitas vilas, cidades & lugares por força de armas em Africa, & como ſeu poder & ſenhorio ſe vay eſtendendo por toda a ribeyra do már, até o cabo de boa eſperança, & dali pera dentro entrando o már da India, as fortalezas que nella tem, & os Reis que nella eſtam á ſua obediencia.

¶ Mais lhe direis, a Rainha minha ſenhora cuja filha he, & como elRey ſeu pay, & a Rainha ſua máy, tem ſeus reinos & ſenhorios que comarcam com o reyno de Portugal, & aſsi lhe contareis do ſeu eſtado, & das donzellas que a ſeruem, como ſam filhas de Duques, Marqueſes, & Condes de Portugal: & como andam veſtidas de brocado & ouro, & de toda a diuerſidade de ſedas, com muita pedraria, & como dali caſam com os grandes de ſeu reyno.

¶ Lhe tocareis do eſtádo delRey meu ſenhor, de como ſe ſerue, & como cóme em meſa alta de quatro degraos, & todos os grandes ſenhores & fidalgos que em ſua corte andam, eſtam á meſa em pé com os barretes fora da cabeça até que acaba de comer & ſe recolhe.

¶ Lhe direis, que auia de mandar embaixador a elRey meu ſenhor, procurando ſua amizade & preſtança, aſsi na guerra contra ſeus imigos, como das mercadorias que do reyno de Portugal pódem entrar na Perſia por via de Ormuz: & que elRey o ajudará contra o Soldão, & contra o Turco por már & por terra, mandando elle por ſeu embaixador requerer ſua amizade, preſtançá & ajuda.

¶ Lhe tocareis, na noſsa fé, & vereis o que niſſo ſente, & ſe vos recebe bẽ, & o que lhe niſſo tocardes, não ſerá mais que em quanto elle não receba eſcandalo, & ſabereis dos Chriſtáos daquellas partes ſe tem o rito da noſſa fé, & crém verdadeiramente, ſe noſſo Senhor naſceo de noſſa Senhora, & morreo, & padeceo em Cruz por nos ſaluar: & vereis ſe algum deſtes Chriſtáos, ſam differentes algũa couſa na fé de nós, & vede ſe podeis ordenar, que venha com voſco algum & que vá a Roma ao Padre Sancto.

¶ Vereis ſuas igrejas, & ornamentos dellas, altares, imagẽs, ſanctos: & ſe

& se tem nosso Senhor na Cruz, & a imagem de nossa Senhóra, & o modo de viuer dos frades, & clerigos, & trajos, & se ha algũs corpos de sanctos martires, & apostolos nessa terra.

¶ Lhe contareis meudamente, todas as cousas do estado delRey meu senhor, & da Rainha minha señora, posto que no capitulo a tras vos toque nisso léuemente, todauia lhe contareis as grandezas de suas festas, riquezas, atauios de suas pessoas, & casa, & a fermosura de seus paços em que viuem, & dos gastos de suas festas, & thesouro, pedraria, perolas, & joyas que tem de desuairadas feições, & da grandeza de sua corte, & da gente de caualo que continuadamente anda nella, & dos embaixadores dos Reis seus vezinhos, que sempre vem á sua corte: & todas as outras meudezas que de vos quiser saber.

¶ Lhe direis & contareis como Portugueses sam leaes, & verdadeiros amigos de seu senhor, & em tal maneira que o Xeque Ismael cobice, & procure amizade, prestança & ajuda delRey meu senhor, & asi queyra estar em toda a obrigação, & boa vontade de fazer o semelhante quando por elle, ou polo capitão géral da India em seu nome lhe for requerido,

¶ Lhe contareis, do poder & armada, gente & armas, artelharia que trago na India, & asi a grande soma de artelharia & grandeza della, que elRey meu senhor tem em seu reyno, & de como a gente de Portugal anda a caualo, & dos arreos de prata & ouro, sellas, & aparelhos de caualo que trazem, & bem asi dos concertos & atauios da guerra, & de como os homẽs andão armados, & da feição & maneira das armas.

¶ Vos mando que meudamente vós & o lingoa que leuais, leais este regimento, & vos confirmeis com elle, por tal, que não aja ahi differença no contar das cousas, mas sempre vos achem conformes com minha carta que lhe escreuo.

Carta que o grande Afonso Dalboquerque escreueo ao Rey de Ormuz.

MVito honrado Rey Ceifadim, Abenadar, Rey de Ormuz, em nome do muy alto, & muy poderoso dom Manuel, Rey de Portugal, & dos Algarues, daquem, & dalem mar em Affrica senhor de Guiné & da conquista, nauegação comercio, de Ethiopia, Arabea, Persia, & da India, & do reyno & senhorio de Ormuz

& do reyno & senhorio de Goa. Afonso Dalboquerque capitão géral & gouernador da India, por elRey dom Manuel meu senhor, vos enuio minhas encomendas. Cá topei hum messageiro vósso, & lhe fiz honra & gasalhado por amor de vós: a minha partida de Cochim, cõ a armada delRei era pera jr a essa cidade de Ormuz assentar feitoria, & deixar ahi esses homẽs, que elRey ordena. Soube que os Rumes faziam armada em Goa, eu vim sobre ella & a tomei, & os lancei fora della, & lhe tomei toda sua armada, & artelharia: se lá podér jr inuernar, irey: mandai tér muitos mátimentos pera a gente da armada, que he muita: as cousas passadas sam esquecidas de mĩ: eu sou grande vósso amigo: lá vay Cogeamir, leua essas duas naos delRey meu senhor com mercadorias suas, folgaria que fosse de vós honrado: & assi esses messageiros, que mando com recado delRey ao Xeque Ismael. Enuiouos minhas encomendas, & a vósso pay, & a vossa máy. Sabei certo que nas vóssas cousas vos ajudarey sempre como vósso amigo verdadeiro. Feita em Goa, a vinte de Março, de 1510.

¶ Chegado Ruy Gomez & Cogeamir a Ormuz, deram as cartas & recádos que leuáuão de Afonso Dalboquerque a Cogeatar: o qual fez grandes gasalhados & offerecimentos a Ruy Gomez, & depois de lhe perguntar particularmente por Afonso Dalboquerque como ficaua, & polo feito de Goa, mandoulhe que se fosse pera a pousada a descançar dos trabalhos do már, & que elle o despacharia lógo: mas como Cogeatar estaua ainda no odio passado contra Afonso Dalboquerque, assi polo fauor que teue do Visorrey, como tambem porlhe Duarte de Lemos, que andaua por capitão mór daquella cósta, certeficar que elRey dom Manuel não fora contente da destroição, que era feita naquelle reyno, & porque tambem lhe pesaua da nóua amizade que elle queria tér com o Xeque Ismael, em vez de quitar os direitos ao seu embaixador, assacoulhe o que quis, & tomoulhe quanto leuaua: & a Ruy Gomez ordenou que o matáram com peçonha. Os criados vendo Ruy Gomez morto, tornárãse pera a India, & Cogeamir ficou descarregádo as suas naos, & fazendo sua mercadoria, & foyse caminho da India, & não foy pera Goa como a diante se dirá, & por este caso não ouue effeito esta embaixada, & depois mandou Afonso Dalboquerq̃ Miguel Ferreira por embaixador ao Xeque Ismael com esta mesma instrução que tinha dado a Ruy Gomez, & em seu lugar se dará rezão de sua ida.

Como

Como o grande Afonso Dalboquerque mandou Francisco Pantoja prouer a fortaleza de Çacotorá de mantimentos, & o que nisso passou com Duarte de Lemos, sobre hũa nao que tomou no caminho, Capit. XXV.

PArtidos estes embaixadores, despachou o grande Afonso Dalboquerque Francisco Pantoja, pera a fortaleza de Çacotorá, porq̃ auia dias que não tinha nóuas de dom Afonso seu sobrinho capitão della, com hũa nao carregada de mantimentos, & escreueo por elle hũa carta a Duarte de Lemos, em que lhe dizia q̃ elle partira de Cochim com sua armada, com determinação de se jr ajuntar cõ elle, como lhe tinha escrito por Diogo Correa, & sendo tanto auãte como Onor, viera Timoja ter com elle, & polas nouas q̃ lhe déra, do estado em que Goa estaua, & que se podia tomár sem muito trabalho, nem perigo da gente, mudára o conselho, & fora sobrella, & a tomára, mais por misterio de nosso Senhor, que por forças humanas, & que a ficaua fortificando com determinação de a soster, por lhe parecer muito seruiço delRey de Portugal sostela, & que acabado de a assentar de todo, elle jria com hũa grossa armada comprir o que lhe tinha prometido, & mandou a Frãcisco Pantoja, que sendo caso que Duarte de Lemos fosse em Ormuz, que lá fosse tér com elle: & tendo algum dinheiro dás pareas arrecadado, que lho mandasse, porque tinha muita necessidade delle, pera gastos que fazia na fortaleza, porque elRey dom Manuel lhe mandaua que lhe acodisse com tudo, & que á gouernança de Ormuz estiuesse á sua obediencia como veria pela carta que lhe mandaua; & que tambem dissesse a dom Afonso seu sobrinho, se ainda não era partido, que se viesse lógo: porque elRey mandáua que fosse capitam de Cananor, & Pero Ferréira que estáua em Quiloa, ficasse por capitão na fortaleza de Çacotorá, como teria visto pelas prouisões, que lhe tinha mandado por Diogo Correa. Partido Francisco Pantoja, atrauessando aquelle grande golfão da India pera Çacotorá, topou com hũa nao do Rey de Cambaya, que se chamaua Meri, & hia carregada de mercadorias pera Méca, que seria de seis centos toneis, & hia por capitão della hum mouro

honrado de Cambaya, que se chamaua Alição, & posto que o mouro con fiado na muita gente & boa que leuaua, se posesse em defender a sua nao por saluar as vidas & fazenda de todos, com tudo os nossos a cometeram & pelejárão tam esforçadamente, que os renderam & tomaramlhe a nao & co ella se foy Francisco Pãtoja direito a Çacotorá, onde achou Duarte de Lemos, que auia poucos dias que ali era vindo de Melinde com quatr onaos, esperar Afonso Dalboquerque pera entrarem o estreito, como lhe tinha mandado dizer, & Pero Ferreyra capitam da fortaleza sam Miguel: porque dom Afonso de Noronha se partira no Abril passado pera a India. Chegado Francisco Pantoja, depois de dar suas cartas & recados de Afonso Dalboquerque a Duarte de Lemos, vendo elle a riqueza da nao, mandoulhe que a entregasse na feitoria, & que ali lhe mandaria dar tudo o que lhe viesse de parte, a elle & á sua gente. Francisco Pantoja apaixonado desta força, que lhe Duarte de Lemos fazia, dissselhe que elle não era da sua capitania, senão de Afonso Dalboquerque, que era capitão géral de todas aquellas partes, & que a elle auia de entregar a nao, & sobre isso lhe fez grandes requerimentos. Duarte de Lemos não deu por isso, & respondeolhe que elle era capitam mór daquellas partes, & que pois em os seus limites tomara a não, que a elle pertencia mandar arecadar a fazenda & partila, & sem mais o querer ouuir, mandou descarregar a nao, & tomou pera si toda a parte que pertencia a Afonso Dalboquerque, sem tér nenhum comprimento com Fancisco Pantoja, nem lhe dar nada do que lhe vinha da sua parte. Feito isto, vendo que Afonso Dalboquerque se não podia ja aquelle anno ajuntar com elle, polo socesso de Goa, determinou de não esperar mais tempo, & irse caminho da India, & tambem porque tinha perdido duas naos, & as quatro que lhe ficauam estauão tam desbaratadas, que não podia fazer nenhum seruiço a elRey naquellas partes, & depois de tomar mantimentos & ágoa, despediose de Pero Ferreira capitão da fortaleza, & partiose leuando Frãcisco Pantoja em sua companhia, & a não Meri, & sem lhe acontecer cousa no caminho, veio tér a Cananor o derradeiro dia de Agosto, onde achou Afonso Dalboquerque, que auia poucos dias que era chegado de Goa, como a diante se dirá.

Do

Do aſſento que o grande Afonſo Dalboquerque fez com Timoja, & com os principaes da terra, ſobre os direitos que auião de pagar cada anno, & como a ſeu requerimento mandou fazer moeda. Capit. XXVI.

Epois de Franciſco Pantoja ſer partido, foy ſe Timoja ao grande Afonſo Dalboquerq̃ com eſſes principaes & hõrados da terra, aſsi mouros como gẽtios, & diſſeramlhe, que pera as couſas de Goa eſtarem na ordem & coſtume antiguo em que ſempre eſtiueram, era neceſſario, ſaberem todos a maneira q̃ auião de ter no pagar dos direitos: porque depois que o Çabaio fora ſenhor do reyno de Goa lhos dobrára, de que todos eram muito eſcandalizados, & por eſta cauſa, ſe foram muitos gentios viuer a diuerſas partes: porque antiguamente pagauam cento & cincoenta mil xerafins, & que o Çabaio depois de ſer ſenhor da terra lhe dobrara iſto, & que eſtauão arreceoſos, que por eſte coſtume em que os ſua Senhoria achaua, os obrigaſſe a pagarem eſtes direitos, que lhe pediam por merce, quiſeſſe aſſentar iſto de maneira, que o pouo podeſſe viuer & pagar: porque rezão ſeria, pois erão vaſſalos de hum tam grande Rey, como era elRey de Portugal, terem algũa liberdade mais da que tinhão, viuendo debaixo do poder do Çabaio, que era tiranno & mao. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que ſua vinda a Goa, não era pera vſar com elles das tirannias do Hidalcão ſenão pera os fauorecer & honrar, & darlhe largueza de vida, querẽdo elles ſer verdadeiros & leaes vaſſalos delRey de Portugal ſeu ſenhor, & ſe elles queriam eſtar em eſta obediencia, que elle lhe quitaria em nome delRey os direytos que lhe o Çabaio nouamente tinha poſto, & que pagariam ſomente o que pagauão aos ſenhores do reyno de Goa, ſendo de gentios, & que eſta quita ſeria em quanto elles eſtiueſſem á obediencia delRey de Portugal, & de ſeus gouernadores da India: & que ſendo caſo que foſſem chamados, por qualquer gouernador da India, & não vieſſem lógo, não tendo rezão que dar por ſi, ficaſſem obrigados a pagar os meſmos direitos que pagauam ao Çabaio. Timoja & os outros aceitáram em nome do pouo as terras, com as condições

que lhe Afonso Dalboquerque dizia : mas que auia de ser com lhe dar Tanadar, & gentios que os gouernassem. Afonso Dalboquerque lhe disse, que elle lhe prometia de não fazer nenhum Tanadar mouro, & que mandaria arrecadar os direitos por Portugueses, com algũs gentios da terra que Timoja ordenasse, pera se tudo fazer com menos opressam do pouo: & depois de tér assentado isto com elles, mandoulhe dar juramento, ao modo de suas gentilidades, que acodissem com os direitos a elle, ou a quem quer que fosse gouernador da India, & mandoulhe dar dous pacharīs a cada hum, que era costume antiguo da terra daremse a estes gentios. Acabado este negocio, deulhe licença que se fossem pera suas casas, & começassem a pagar os direitos segundo os tombos das terras, & elles pediramlhe que lhe nomeasse Tanadares (que sam como almoxarifes) pera arrecadarem as rendas, & os terem em justiça. Afonso Dalboquerque polos contentar nomeoulhe por Tanadar de Cintacora a Bras Vieira, & Gaspar Chanoca por seu escriuão: & pera todas as outras Tanadarias lhe ordenou Tanadares, todos homẽs honrados, & criados delRey em que confiaua, que os teriam em justiça: & mandou a Timoja que lhe desse a cada hum seu escriuão gentio, pera lhe mostrarem o modo que auiam de ter no arrecadar das rendas; & a cada Tanadar desse duzentos piães da terra, pera os acompanharem & fazerem na arrecadação das rendas o que lhe mandassem, & pera ordenar estas cousas como auião de ser & assentalas, mandou Ioão Aluarez de Caminha, que era hum homem muito honrado & de autoridade, & pera se confiar delle outras maiores cousas, & por seu escriuão Antonio Fragoso, & hum gentio criado de Timoja homem de bem, pera lhe mostrar os tombos das terras por onde partiam, pera não auer engano, & Ioão Aluarez de Caminha os ordenou de maneira, que todo o pouo ficou muito contente. Os gentios que eram fogidos de Goa como souberam que Afonso Dalboquerque lhes quitaua ametade dos direitos que sohiam a pagar ao Çabaio, & lhes daua seus naturaes pera os gouernarem, tornáram lógo a pouoar a terra.

¶Partido Ioão Aluarez de Caminha com todos os Tanadares, pera os pór em ordem nas terras, como leuaua por seu regimento, foise Timoja com algũs mouros & gentios principaes da terra a Afonso Dalboquerque, & disselhe, que o pouo da cidade & mercadores passauão grande

detri-

detrimento, afsi no gouerno della, como no trato das mercadorias, por não auer moeda, que lhe pedião muito por merce, que a mandasse laurar: porque imposiuel era, poder a terra ser bem gouernada sem moeda, & que deuia de mandar aleuantar o preço do ouro & da prata, porque se não leuasse pera fora. Afonso Dalboquerque mandou chamar os capitães, & disselhes o requerimento que lhe Timoja & os mercadores fizeram em nome do pouo, que lhe dissessem o que faria. Os capitães depois de praticarem este negocio, assentaram todos que se laurasse moeda. Afonso Dalboquerque lhes respondeo, que bem lhe parecia laurarse moeda, pelas rezões que Timoja daua: mas como era cousa noua, que nunca se fizera na India, que elle o não ousaria de fazer, sem primeiro escreuer a elRey seu senhor, pera em isso prouer como fosse mais seu seruiço, & com isto os despedio. Passados algũs dias tornou Timoja & os outros a falar no mesmo requerimento, sendo os capitães presentes, pedindolhe que mandasse laurar moeda: porque se perdia tudo pela não auer, & as mercadorias não corriam, ou desse licença que corresse a moeda do Çabaio. Os capitães ouuindo as rezões efficaces que Timoja daua, pera se laurar moeda, & os inconuenientes de se não laurar, assentáram no que tinham dito em o primeyro conselho. Afonso Dalboquerque vendo que elRey de Portugal ganhaua nisso credito, fama, & fazenda, & que o reyno era seu, assentou de a mandar laurar, & escreuerlhe o que nisso passaua, & pera se fazer como conuinha, mandou chamar os ouriuezes, & algũs Portuguesses que auia, & Timoja, & os homés principaes do pouo & mandou perante si lealdar a prata dos mouros, & acharam todos que era justamente mercadoura como a nossa. Feyto este exame, fez tesoureyro da casa da moeda Tristão Déga, & mandou lógo laurar moeda de prata, ouro & cobre, & que de hũa parte lhe posessem hũa Cruz de Christus, & da outra hũa espera (deuisa delRey dom Manuel) & que a moeda de prata pesasse hum bragani, que era moeda dos mouros, que pesaua cada hũa dous vintens, & pozlhe nome esperas, & fez outra mais piquena que pesaua hum vintem, a que poz nomé meas esperas, & á moeda de cobre poz nome leaes, & á outra mais pequena que valião tres hum leal poz nome dinheiros, & porque a moeda do ouro se não leuasse fora da terra, mandou que o cruzado

valesse dezasete braganis. Assentado isto começouse a laurar moeda, & depois de ser já feita hũa soma della: em doze de Março do anno de mil & quinhentos & dez, mandou Afonso Dalboquerque chamar todos os capitães, fidalgos & caualeyros, & toda a gente honrada da armada, & todos os principaes mouros mercadores & chitĩs gentios, & depois de seré todos juntos em hũa salla gráde dos paços do Çabaio, em que elle pousaua, que estaua aparelhada pera isso disselhes, que elle mandára laurar moeda de prata & cobre, como estaua assentado, & que pera ser notorio a todos era necessario mandarse apregoar pela cidade: porque assi se costumaua fazer nas terras que os Reis ganhauão de nouo, que lhe dissessem se o faria: todos disseram que lhe parecia bem fazerse, pois não auia outras rezões em contrayro disso. Afonso Dalboquerque com o parecer de todos, mandou lógo trazer a bandeira real, & as trombetas & atabales, & ajuntar toda a gente da armada, & a Tristão Déga que a fosse apregoar, & elle se foy com toda esta gente por toda a cidade, & a cada pregão que se daua, lançauão muita moeda por cima do pouo, que era muito, & foy asi nesta ordem correndo toda a cidade. Afonso Dalboquerque depois disto acabado, mandou lançar pregões em nome delRey de Portugal com grã des penas, que nenhũa pessoa dali por diante tiuesse moeda do Çabaio em sua casa, nem vsasse della, & quem a tiuesse a leuasse á casa da moeda, & q̃ ali lha trocariam pela delRey de Portugal, & quem o não fizesse, encorreria na pena de justiça, que lhe elle Afonso Dalboquerque quisesse dar. O pouo ficou muito contente com a moeda, & dali por diante começáram a tratar suas mercadorias.

De como o grande Afonso Dalboquerque se fez prestes pera inuernar em Goa, & mandou Diogo Fernandez de Bêja á fortaleza de Cintácora. Capitulo. XXVII.

Omo o grande Afonso Dalboquerque tinha assentado de soster Goa, & fazerse forte nella, determinou antes que mais entrasse o inuerno, de se prouer de todas as cousas necessarias pera aquelle negocio, & mãdou lógo recolher todos os mantimentos que se podessem achar, & asi todos os caualos que auia na terra em hũas estrebarias grandes que o Çabaio tinha na fortaleza, onde se reco-

recolhiam antiguamente, os que os mercadores trazião de Ormuz pera vender, & pera isso tinha o Çabaio hum Xabandar (que he como almoxarife da ribeyra) que tinha cuidado de mandar curar estes cauallos, & o pouo era obrigado a trazer feno, grãos & mungo, que he hũa semente q̃ lhe dam a comer em abastança, & a este Xabandar, juntamente com os mouros que tinham este cuidado, mandou Afonso Dalboquerque que o tiuessem do prouimento destes cauallos, & de todo o mais negocio da ribeira, a fim de jr entendendo as cousas de Goa, & o modo de suas prouisões & gouerno: & porque isto era já na entrada de Abril (em que o inuerno começa naquellas partes) antes que mais entrasse quis aduertir o Rey de Cochim, & o capitão da fortaleza & officiaes da feitoria, de como determinaua de inuernar em Goa & acabar a fortaleza que tinha começada, & que lhe mandassem todas as sellas que lá ouuesse, & algũs mantimẽtos. Francisco Serram se partio lógo em hũa carauela & não tornou mais com recado: parece que o medo o fez não tornar, & daua por desculpa q̃ por amor dos tempos não podéra: mas Afonso Dalboquerque não lha recebeo; & passadas as cousas de Goa (tornando a Cochim) tiroulhe a capitania da carauela & mandou o prender. Partido Francisco Serrão, como o lauramento da moeda era pouco, & não podia abranger a pagar os seruidores que andauão na obra da fortaleza, nem á armada seu mantimẽto a cruzado por mes, mandou aos capitães que cada hum desse mesa á sua gente, & fez isto por dous respeitos: o primeiro porque tinha muitos mantimentos na cidade, & com elles se podia soster este gasto, o que não podia ser dando hum cruzado por mes á gente: porque os moedeiros não podiam lauar tanto que podéssem soprir a tudo: o outro porque tinha noua da vinda do Hidalcão, & queria tér a gente junta pera qualquer rebate q̃ lhe dessem. Os capitães enfadados do trabalho que leuauão no fazer da fortaleza: porque cada hum tinha seu tempo ordenado pera trabalhar cõ a sua gente, desejosos de jrem tér seus prazeres a Cochim & tambem por se escusarem do trabalho que podiam tér em dar de comer, aconselhárão aos seus soldados, que não aceitassem comerem em salas, & que pedissem os seus mantimentos em dinheiro: porque sabião que pela muita falta q̃ auia delle não podiam ser bem prouidos, & cõ esta afronta seria forçado deixar Afonso Dalboquerque Goa, & jrse pera Cochim, que era o que elles pretendião, & não ser a gente mal nem bem prouida: & como elle soube q̃ o principal amotinador da gẽte era Iorge da Cunha, & q̃ em sua

casa se ajuntárão esteuão Baiam & Francisco de Figueiredo, & fizeram rol de muitos homẽs, pera lhe irem pedir que lhe mandasse pagar seus mantimentos a dinheiro, porque não auião de jr comer ás sallas dos seus capitães. Porque se este negocio não fosse mais danando, mandou prender Esteuam Bayam & Francisco de Figueiredo pera os castigar. Os que erão nesta conjuração, como os viram presos, arreceando que lhe fizessem outro tanto, deixárão o requerimento, & foram comer ás sallas dos seus capitães como estaua ordenado: & porque na deuassa que se mandou tirar deste negocio, se achou ser Iorge da Cunha muito culpado, mandou soltar os presos, & a elle reprendeo por isso, & por outras muitas cousas que tinha feitas: o qual ficou tam descontente das palauras q̃ lhe Afonso Dalboquerque disse, que dali a poucos dias se ajuntou com Ieronymo Teyxeira, Luis coutinho, & Francisco de Sousa Mancias, que eram todos em hũa maça, & foramlhe pedir licença, pera se jrem pera Cochim, & porque lha não quis dar, dali por diante fizeramse sempre agrauados, & arrufados delle. Afonso Dalboquerque polos desejos que tinha de acabar a fortaleza, arreceando a vinda do Hidalcão, dissimulou com elles & sofreolhe suas cousas: & mandou Diogo Fernandez de Béja com certos nauios & gente, que fosse concertar a fortaleza de Cintácora, & nella ficasse por capitão, porque vindo o Hidalcão não se metessem ali algũs Turcos, que lhe desassossegassem a terra. Chegado Diogo Fernandez a Cintácora, achou muita parte da fortaleza derribada & destroida, & por ser na entrada do inuerno, & não era tempo pera começar obra de nouo, se tornou pera Goa, & dissellhe o estado em que a achara & que auia mister muito tempo pera se concertar & por isso se viera.

Como Mandaloy senhor de Condal, escreueo ao grãde Afonso Dalboquerque a noua que tinha da vinda do Hidalcão, & o que elle sobre este recado fez. Cap. XXVIII.

Stando as cousas de Goa no estádo que tenho dito, escreueo Mandaloy senhor de Condal, hũa carta ao grande Afonso Dalboquerque, em que lhe dizia, que Balogi senhor do castelo & terras de Perualoy, & do reyno de Sanguiçar se tinha carteado com Roçalcão, capitão do

Çabaio,& com Melique Rabão,ſenhor do Carrapetão,& que todos tres tinham mandado ſeus embaixadores ao Hidalcão, pedindolhe que lhe mandaſſe gente,pera com a mais que elles tinham,virem ſobre as terras de Goa,& as tornarem á ſua obediencia,& que Balogi que eſtaua já dentro em Banda com muita gente,& que elle eſtaua ali com dous mil homẽs á ſua cuſta,com determinação de defender aquella terra ao Hidalcão & morrer ſobre iſſo por ſeruiço de ſua Senhoria , que lhe pedia que lhe mandaſſe algum ſocorro de gente,& quem quer que foſſe, elle lhe entregaria lógo as terras,que pera ſi não queria mais ſenão algũa couſa que comeſſe em ſua vida. Afonſo Dalboquerque como lhe eſta carta deram, mandou chamar os capitães,& depois de a mandar lér perante elles lhes diſſe, que Timoja ſe tinha offerecido pera jr com gente á ſua cuſta ajudar Mandaloy,que lhe diſſeſſem ſe fiaria eſte negocio delle, ou ſe mandaria algũa outra peſſoa de mais reſpeito. Praticado iſto foram todos de parecer,que deuia de mandar hum capitão fidalgo com gente de pé & de caualo por terra,& nauios por már, pera lhe darem fauor. Tomada eſta determinação,ordenou Afonſo Dalboquerque pera eſte negocio Iorge da Cunha com ſeſſenta de caualo,& algũs béſteiros & eſpingardeiros, & em ſua companhia mandou Menaique, capitão de Timója, & Melique Cuſecondal, com quatro mil homẽs da terra,& Baldrez por lingoa, & a Diogo Fernandez de Béja com tres nauios por már,com regimento que chegando onde eſtiueſſe Iorge da Cunha , lhe obedeceſſe : & como foram preſtes partiramſe todos, & Iorge da Cunha foy tér á ilha de Diuarij,com determinaçã de ao outro dia pela menhaá,paſſar á terra firme: & aquella noite que foram vinte tres dias do mes de Abril, veio tér com elle hum Canarim com muita preſſa,& diſſelhe que á terra de Banda, & de Condal,eram chegados dous capitães do Hidalcão com muita gente, & que ſe dizia que vinham pera entrar a ilha de Goa. Como Iorge da Cunha teue eſta noua,deixouſe eſtar,& não conſentio que Melique Çuſecondal paſſaſſe á outra banda, & mandou o Canarim com eſta nóua a Afonſo Dalboquerque,& elle lho tornou lógo a mandar, & eſcreueolhe que não foſſe mais por diante,& que ſe deixaſſe eſtar em Diuarij , & não deixáſſe paſſar nenhũa gente de Timoja da outra banda da terra firme, ſem tér outra noua mais certa da gente do Hidalcão, & como teue deſpachado o Canarim,mandou Diogo Fernãdez adail com doze de caualo & Mirale em ſua companhia com mil piões Canarins,& que ſe paſſaſſe á

terra

terra firme, & visse se podia tomar algum lingoa, que lhe desse noua certa da vinda do Hidalcão. Diogo Fernandez se partio, & por não ser sentido passou de noite á terra firme, & indo asi, fazendo grande escuro, foy dar com a dianteira da gente do Hidalcão, & foy tam de supito, que esteue de todo perdido, & saluouse a vnha de Caualo, ficando já por detras muitos piães da terra, que se não poderam saluar, & quando chegou á cidade, não vinhão mais com elle que quinhẽtos piões, & a gente de caualo que consigo leuára, & deu conta a Afonso Dalboquerque do que passara, & como estiuera de todo perdido, & milagrosamente se saluára, & que a gente do Hidalcão era muita, & que lhe parecia que faziam rosto pera aquella parte de Benastarim, cõ determinação de assentarem ali seu arrayal. Afonso Dalboquerque com esta certeza que lhe Diogo Fernandez deu da vinda do Hidalcão, mandou chamár os capitães & disselhes, que lhe pedia por merce, que pois a noua era certa, andassem todos armados, & com sua gẽte junta: porque auendo algum rebate, estiuessem prestes pera acodirem onde fosse necessario, & mandou recado a Iorge da Cunha, que se recolhesse pera a cidade, & estando nisto chegou hum messageiro de Bersoré Rey de Garçopa com hũa carta pera Afonso Dalboquerque, em que lhe dizia que o Rey de Narsinga lhe escreuera, que o Hidalcão lhe mandára hum messageiro, aqueixandose dos gentios que eram seus vassalos, ajudarem os Portugueses, pera lhe tomarem Goa, & principalmẽte de Timoja, & que se isto não era por seu consentimento, que lhe pedia que o ajudasse pera a tornar a ganhar: & q̃ o Rey lhe respondera, que auia quarenta annos que os mouros de Decam lhe tinhá tomado o reyno de Goa, & que agora folgaua muito de o ver em poder delRey de Portugal, cujo irmão & amigo elle era, & que a ajuda q̃ lhe pedia pera a tomar, daria aos Portugueses pera a defenderem, & na mesma carta mãdou o Rey de Garçopa dizer a Afonso Dalboquerque, que elle estaua prestes cõ sua pessoa, & todo seu reyno, pera o seruir contra o Hidalcão, cada vez que lhe comprisse: porque desejaua muito de ter amizade com elle. Afonso Dalboquerque despachou o seu messageiro, & escreueolhe por elle, dandolhe muitos agardecimentos, polos offerecimentos que lhe fazia, & que escreuesse ao Rey de Narsinga, que elle se andaua fazendo prestes pera pelejar com o Hidalcão, que por isso lhe não respondia, ao q̃ com elle tinha passado, que o faria por hum messageiro, q̃ determinaua de lhe mandar.

Como

Como o grande Afonso Dalboquerque com esta noua, proueo lógo os passos da ilha de gente & capitães, & mandou fazer justiça do Xabandar, pela má enformação que teue delle, & do mais que fez. Capitulo. XIX.

Passada esta pratica q̃ o grande Afonso Dalboquerq̃ teue sobre a vinda do Hidalcão com os capitães, poz se a caualo com a mais gente que pode, & foy correr todos os passos da ilha, pera os prouer do q̃ fosse necessario, & em Benastarim deixou Garcia de Sousa com cem soldados Portugueses, & seis de caualo, & quatro tiros de artelharia, & bombardeiros necessarios pera isso, & encomendoulhe muito que tiuesse cuidado de mandar buscar todas as pessoas que passassem à terra firme, se leuauam algũas cartas de mouros de Goa de auiso, pera os do arrayal do Hidalcão, & dali se foy a Goa a velha, & poz nella Iorge da Cunha com sessenta de caualo, com regimento que acodisse aos outros passos, auendo necessidade: & no passo de Augij deixou o cunhado de Timoja, & Mirale com a sua gente: & no de Gondalij poz Francisco Pereira, & Francisco de Sousa Mancias com mil homẽs da terra: & deyxou Iorge fogaça no passo seco, com vinte homẽs dos nossos & vinte dos da terra, & no de Agacij, dom Ieronymo de Lima com quarenta homẽs Portugueses, & outra gente da terra: & porque em todos estes passos auia torres feitas, do tempo que os Reis de Narsinga eram senhores de Goa, mandou Afonso Dalboquerque dar aos capitães artelharia, poluora, & bombardeiros, pera se defenderem, querendo os a gente do Hidalcão cometer, & que tiuessem os bateis das suas naos pegados cõsigo, pera se recolherem a elles sendolhe necessario. Póstas estas cousas em ordem, recolheose pera a cidade, & mandou a dom Antonio de Noronha, que fizesse prestes os bateis, galés, paraos, & algũs nauios pequenos com gente & artelharia, pera andar no rio correndo todos aquelles passos, & fauorecer os nossos que nelles estauão: & estando na ribeira dando ordem a esta armada, chegou Dinis Fernandez patrão mór della & disselhe que o Xabandar da ribeira, mandara certos paraos polo rio arriba, & porlhe parecer mal, & o tempo ser de sospeita, lhe dissera que os não mãdasse, senão pera baixo contra a barra, onde já por vezes tinham ido pelas

cousas necessarias, & que elle o não quisera fazer. Afonso Dalboquerque o mandou chamar, & pergũtoulhe porq̃ mãdaua os paraos polo rio arriba pois sabia q̃ estaua ali o Hidalcão com muita gente pera entrar a ilha. O Xabandar lhe respondeo, que elle não sabia da vinda do Hidalcão, & que se mandaua os paraos era, pera trazerem o necessario, pera prouimẽto da cidade, como lhe elle tinha mandado: & porque a desculpa não foi boa, & teue sospeita delle, q̃ mandaua aquelles paraos, pera passar gẽte do Hidalcão, mandou o matar polos seus alabardeiros, & lançar no rio. Partido dom Antonio com a armada que estaua já prestes, chegoulhe recado de Garcia de Sousa, que o Hidalcão era chegado com toda sua gente, & que tinha assentado seu arrayal defronte de Benastarim, & que segundo o que tinha visto lhe parecia que era muita gente. Afonso Dalboquerq̃ com esta nóua, posse lógo a caualo com todos os capitães, & algũa gẽte de pé, & foyse a Benastarim & quando chegou era já o Hidalcão afastado cõ o seu arrayal, pera detras de hum outeiro, porque lhe tinha Garcia de Sousa morta algũa gente com a artelharia. E porq̃ neste lugar onde o Hidalcão tinha assentado seu arrayal, estaua hũa mesquita & casas, em que se os mouros podiam emparar da artilharia da fortaleza, mandou Afonso Dalboquerque a Garcia de Sousa, que fosse com a gente que tinha queimár as casas, & derribar a mesquita, o qual passou da outra banda & distrohio tudo, & poz fogo á mesquita, & por ser ao longo da ágoa, tornouse a recolher sem receber danno nenhum dos mouros, & chegado, posse Afonso Dalboquerque a caualo, & foy visitando todos os passos, onde estáuão os capitães, auisandoos do que auiam de fazer, & tornouse pera á cidade ordenar suas tranqueiras, & tudo o mais que era necessario pera defender a fortaleza & a cidade, se o Hidalcão entrasse a ilha, & passando polo passo seco lhe deu Iorge Fogaça, que ali estaua por capitam, hum moço que aquella menhãa fugira do arrayal do Hidalcão, o qual era Christão natural de Candia, & fora catiuo por Camalo capitão do Turco, & que hum mercador cõprára a elle, & a outros muitos, & os trouxera ao reyno de Decam, & os dera ao Çabaio velho, & q̃ por ser Christão, sabẽdo q̃ ali está uão Christãos, fugira, & se viera pera elles, & q̃ outros dous companheiros seus fugiram tambem, & que não sabia o que era feito delles, & este deu muitas nouas do arrayal do Hidalcão, & da muita gente q̃ nelle trazia, & como era sua determinaçã entrar a ilha por força, & dali a dous dias chegarã os outros dous moços, hũ delles era Albanes, o outro da Roxia.

Como

Como o Hidalcão mandou Ioão Machado, & hum Venezeano que lá andauão tornados mouros, com recado ao grãde Afonso Dalboquerque, pedindolhe que deixasse Goa, & a reposta que lhe deu. Capitulo. XXX.

COmo o Hidalcão teue assẽtado seu arrayal, parecẽdo lhe q̃ sabẽdo o grãde Afonso Dalboquerq̃ o poder de gẽte q̃ elle trazia, sem mais pelejar lhe deixaria Goa; pera o tentar, mãdoulhe hum recado por hum Portugues, & hum Venezeano que lá andauão tornados mouros, os quaes vieram ter ao paço de Agacij, onde estaua dom Ieronymo de Lima por capitão, em hũa almadia de noite & disseramlhe, que elles traziam hum recado do Hidalcão, pera o capitam géral da India, que lhe mãdasse pedir seguro pera elle, & pera aquelle seu companheiro, & hum homem que ficasse no arrayal em arrefens, pera irem falar cõ sua Senhoria, & poderia ser q̃ vendose, se seguiria disso grande proueito pera todos. Dom Ieronymo mandou logo recado a Afonso Dalboquerque, dizendolhe o que passaua: & como elle desejaua de saber quem era o Portugues que trazia este recado, mãdoulhe logo seguro, & Baldrez pera ficar no arrayal por arrefens: porque sabia muyto bem falar a lingoa da terra, & auisou o que ouuisse as praticas, & a determinação dos Turcos, & que não entendessem nelle, que sabia falar outra lingoa senão Portuguesa. Chegado Baldrez & o seguro, mandou dom Ieronymo o Portugues & o Venezeano no seu batel, & vieramse nelle á fortaleza, o primeiro dia de Maio de noite, & por não entrarem dentro, veio os Afonso Dalboquerque esperar á porta, que hia pera o rio, & como chegaram perguntoulhes que homẽs eram. O Portugues lhe disse q̃ aquelle seu companheiro era Venezeano de nação, & auia muito tempo que andaua com o Hidalcão, & que elle se chamaua Ioão Machado, & q̃ viera de Portugal degradado, na armada de Pedraluarez Cabral, & ficára em Melinde, & dali se passara ao reyno de Cãbaya, & por elRey dar pouco soldo, se viera ao reyno de Decam, & aceitara viuenda com o Çabaio, pay do Hidalcão, & posto que andasse em tam errados caminhos, como sua Senhoria via, elle era Christão, & cria verdadeiramẽte ẽ Iesu Christo, & na sua morte & payxão se auia de saluar: & se aceitára o recado do Hidalcão

dalcão quelhe trazia, fora pera lhe dar algũs auisos, & dizerlhe a verdade daquella gente, em cuja cõpanhia vinha. Afonso Dalboquerque lhe perguntou, selhe queria falar só, ou perante todos os que ali estauão. Elle lhe disse que só folgaria de lhe falar, & então se apartou com elle pera hũa parte, & Ioão Machado lhe disse, que o Hidalcão desejaua muito sua amizade, polo grande nome que tinha antre os mouros, & que se não agrauaua de lhe tér tomado Gòa: porque sabia certo, que Timoja fizera com os gentios da terra que lha entregassem, que lhe pedia muito que lhe deixasse a ilha, & as terras de Goa, & que elle lhe daria outro lugar dos seus ao longo do már, qual elle quisesse, pera fazer fortaleza, & não querendo fazer isto que lhe pedia, que soubesse certo, que se não auia de aleuantar dali, até o não lançar fora, & que sobrisso auia de perder todo seu estado: & que pois o Hidalcão estaua nesta determinação, que sua Señoria deuia de tomar algum meió, pera se concertarem: porque era mancebo, & grãde senhor, & desejoso de ganhar honra, & tinha muita gente branca, que naquellas partes era muito estimada, & temida, & com ella tinha senhoreado muita parte daquelle reyno, & da outra gente da terra teria quanta quisesse, & que tambem o auisaua, que se não fiasse da gente daquella cidade, porque eram cheos de nouidades, & se vissem quatto mouros do arraial dentro na ilha, que lógo se auiam de aleuantar todos contra elle: porque cada dia tinha o Hidalcão cartas dos mouros da cidade, em q̃ lhe diziam que entrasse, que elles eram seus, & por elle auião de morrer: & q̃ mãdasse vigiar todos os passos da ilha: porque soubesse certo, que por onde estiuesse mais descuidado, o auião de entrar, & q̃ verdadeiramente lhe parecia, que nã era poderoso pera defender a entrada da ilha ao Hidalcão, & que lhe não dizia aquillo, como homem que andaua em companhia daquella gẽte, senão por lho asi parecer, & que elle esperaua em Deos de muito cedo se vér em Portugal com elRey dom Manuel, & darlhe larga conta das cousas daquella terra. Afonso Dalboquerque lhe respondeo q̃ lhe agardecia muito sua boa vontade, & auisos que lhe déra, & que prazeria a Deos que lhe daria tal conhecimento da verdade, que se viesse á verdadeyra saluação, & que dissesse ao Hidalcão, que elle não tomára Goa pera a deixar: porque ella não podia ser de ninguem senão de quem fosse senhor do már, que era elRey dõ Manuel seu senhor, & que folgasse de o tér por amigo, porque desta maneira, não sómente seguraua seu estado, mas ainda punha grande temor nos seus vezinhos, & que isto lhe dizia,

como

como homem que era de sessenta annos,& muito vsado nas armas,& elle mancebo & mal aconselhado:& se a sua confiança estaua no socorro que esperaua que lhe viesse do grão Soldão,que se não fiasse nisso:porque não fora tam pequeno o desbarato,que dom Francisco Dalmeida fizera nos Rumes em Diu,que logo asi podessem vir,que lhe pedia muito por merce,que aleuãtasse aquelle cerco & se fosse, & lhe largasse Dabul, pera nelle fazer hũa fortaleza,& que com estas condições faria pazes com elle : & q̃ se o Hidalcão não esperasse de fazer tudo isto que lhe diza, que não falasse mais em concerto, porque esta era a derradeira reposta que lhe sempre auia de dar. Ioão Machado lhe disse,que lhe pezaua muito de ver este negocio de maneira que se não podessem auir, que o Hidalcão não auia de fazer tal concerto:porque não partira da sua terra com aquelle proposito: & com esta reposta se despedio,& Afonso Dalboquerq̃ lhe fez merce de sessenta cruzados,& ao Venezeano de quarenta,& partiramse no mesmo batel em que vieram,& chegárão ao arrayal,& deram a reposta q̃ leuauão ao Hidalcão,& elle despedio Baldrez & disselhe,q̃ dissesse a Afonso Dalboquerque,que se espantaua muito delle não querer aceitar o partido que lhe mãdára cometer,que lhe prometia,que antes de muitos dias elle se arrependesse muito da reposta que lhe mandára. Chegado Baldrez disse a Afonso Dalboquerque o que lhe o Hidalcão dissera,& que no seu arrayal auia muita gente de pé,& de caualo,& que faziam prestes muitas jangadas & cestos,pera passarem nelles á ilha:& que os Turcos que tinhão suas molheres & filhos em Goa,não querião que o Hidalcão fizesse nenhum concerto com elle: porque queriam morrer todos,ou tornárem outra vez a ser senhores de Goa,& que todas suas praticas eram que sobrella auiam de morrer hum milhão de homẽs.

Como o grande Afonso Dalboquerque deu conta do recado que lhe Ioão Machado trouxera do Hidalcão, & do mais que sobre isso passara. Capitulo. XXXI.

D Esta pratica que o grãde Afonso Dalboquerque teue com Ioão Machado,& com o Venezeano,ficou muito enfadado,polo que lhe disserá dos mouros de Goa, ainda que craramẽte lho não dissessem,& pera se determinar no que nisto faria,mandou chamar Timoja

& deulhe conta do recado que lhe o Hidalcão mandara, & da reposta que lhe dera, & depois de sobre isso terem algũa pratica dissellhe que elle tinha sabido que algũs mouros principaes da cidade se carteauão com o Hidalcão, & que tinhão suas intelligencias com os Rumes, que lá andauão, que lhe rogaua que lhe aconselhasse como amigo, a maneira que teria pera elle fogo não laurar. Timoja lhe disse, q̃ muitos dias auia que se elle não fiaua nos mouros: porq̃ os vira sempre enfadados, de verem aquella cidade em poder de Portugueses, que seu parecer era, que mandasse recolher todas as principaes cabeceiras, asi dos mouros como dos gẽtios á fortaleza, porque em tal tempo não se auia de fiar de hũs nem doutros. Afonso Dalboquerque porq̃ isto que lhe Timoja disse era a tenção com que lho perguntara, respondeolhe, que lhe agardecia muito aquelle cõselho que lhe daua, & que pois lhe asi parecia, por não auer escãdalo antre hũs & outros: pois elle gouernaua tudo, que fosse o primeiro que trouxesse sua molher & filhos á fortaleza: porque como os mouros & gentios vissem, que hũa pessoa tam principal como elle & de tanta autoridade o fazia sem nenhũ pejo, podia elle mandar a todos que o fizessem. Timoja posto que lhe pesou muito do que tinha dito, por elle ser autor deste negocio mandou logo vir sua molher & hum filho que tinha, & meteos na fortaleza. Como Afonso Dalboquerque lá teue a molher de Timoja, mandou chamar os principais mouros & gentios que gouernauão a terra & dissellhes, que mãdassem ajuntar todos os mouros & gentios honrados, asi na ilha como em Goa a velha, & que lhes dissessem da sua parte, que ao outro dia se viessem com suas molheres & filhos meter na fortaleza: porque arreceaua q̃ entrando o Hidalcão a ilha recebessem muitas injurias, & afrontas dos Turcos. Os mouros & gentios, ainda que se enfadáram muito deste edito de Afonso Dalboquerque, com tudo, vendo no castelo a molher & filho de Timoja, foramse logo meter dentro com suas molheres & filhos, & depois destes recolhidos, mandou recolher as molheres & filhos dos Turcos, que andauam no arrayal do Hidalcão, & mãdoulhe lá noteficar, que se dentro em seis dias se não viessem pera a cidade, que lhe auia de catiuar suas molheres & filhos & perderiam toda sua fazenda. Fez Afonso Dalboquerque isto: porque lhe tinha dado seguro, que lhe mandaram pedir pera se virem, & era forçado comprir com sua palaura, & mandarlho noteficar primeiro: & porque os Rumes que andauam no arrayal do Hidalcão, não tinham seguro seu, mandoulhe tomar as molheres & filhos por

catiuos,

catiuos, com determinação de fazer justiça dellas, por se saber em toda a terra o odio que os Portugueses tinham à gente do grão Soldão do Cairo, pera nenhum senhor da India ousar de os recolher em seus portos & lugares: & porque Afonso Dalboquerque senão fiaua já dos mouros da cidade, nem dos gentios, mandou com grande pressa muita madeira a Garcia de Sousa, pera que fizesse hũa estancia muito forte da banda da cidade: porque arreceaua que por alì lhe entrassem Benastarim, a qual lógo fez, & poz nella duas bombardas grossas que lhe tinha mandado, & outra artelharia meuda: & seu jrmão Duarte de Sousa por capitam, com gẽte pera se vigiar dos mouros da cidade. E sendo enformado que o Hidalcão determinaua de entrar a ilha polo passo de Augij, onde estaua a gente de Timoja (que por algũas vezes quiseram deixar o passo & irse) dissélhe que fizesse prestes quatrocentos homẽs, da gente que fora com Iorge da Cunha, & mandou os ao passo de Augij, onde estaua a outra gente, & por capitam delles hum embaixador do Rey de Onor que ali estaua, de que tinha muita confiança, por ser homem principal & caualeiro, não dando a entender a Timoja a causa porque o fazia. E tendo Afonso Dalboquerque todos os passos prouidos de tudo o que era necessario, esteue asi por espaço de hum mes cercado, sendo algũas vezes cometido dos Turcos por muitas partes pera entrarem a illha, & os nossos se defenderam muito valerosamente, & nestes rebates mataram algũa gente ao Hidalcão.

Do recado que Garcia de Sousa mandou de Benastarim ao grande Afonso Dalboquerque, & como foy visitar os passos da ilha, & do mais que passou. Capitulo. XXXII.

EStando os passos da ilha nesta ordem que tenho dito, chegou hum pião da terra com hũa carta de Garcia de Sousa, pera o grande Afonso Dalboquerque, em que lhe dizia que a gente do arrayal do Hidalcão era muita, & que cada dia lhe vinha de refresco outra, & que os soldados que estauam em guarda dos paços eram poucos, & ainda que tiuessem algũa gente da terra consigo, não era rezão que se fiassem

delles: porque já que foram trédores aos seus naturaes, & da sua seita, que com mais rezão o seriam aos Christãos, & que pois não tinham gente, com que podessem defender a entrada da ilha ao Hidalcão, que lhe parecia que sua Senhoria deuia de mandar recolher todos os que estauam nos paços á fortaleza: porque nella fortesicandose muito bem com tranqueiras, se podiam valer do poder do Hidalcão que sobre elles viesse, & que a armada que estaua no rio abastaua, pera lhe defender a passagem, & que asi estaria tudo a bom recado. Afonso Dalboquerque andaua já tam enfadado do assombramento dos capitães, que só com o seu animo inuenciuel, sofria as cousas com que lhe cada dia vinham, & respondeolhe, que guardasse elle muito bem Benastarim que tinha a seu cárrego, & que o deixasse fazer: porque sua determinação era defender a ilha, & o sertão se fosse necessario, & que não ouuesse medo, porque elle esperaua na misericordia de Deos, de desbaratar os imigos, porque estamago & confiança tinha pera tudo. E com esta reposta lhe mandou hũa bombarda grossa, pera pór na estancia da banda donde o Hidalcão tinha assentado seu arrayal com a qual elle fazia muito nojo. Neste tempo chegou Diogo Fernandez de Béja com a sua armada que Afonso Dalboquerque tinha mandado a Condal, pera se ajuntar com Iorge da Cunha, & contoulhe como toda a terra era chea da gente do Hidalcão: & por não tér nenhum recado de Iorge da Cunha se viera recolhendo, por lhe parecer que teria delle necessidade, & em saindo do rio acodiram muitos mouros & lhe tiráram com espingardas & fréchas. Afonso Dalboquerque sem fazer demora, mandoulhe que se fosse lógo com sua armada, polo rio a cima, ajuntar com dom Antonio de Noronha & defendessem a passagem aos mouros, querendo passar á ilha. Tendo isto feito, caualgou acompanhado de algũa gente de caualo & de pé, & foy se lógo direito a Goa a velha, onde estáua Iorge da Cunha (& leuou consigo Melique Çufecondal, que topára no caminho) & depois de estar hum pedaço com elle, encomendoulhe a guarda daquelle passo, & dali foy ao passo de Agacij onde estauam no már dom Antonio, Fernão Perez Dandrade, Luis coutinho, & Bernaldim Freyre, & outra muita gẽte com elle: porque ali naquelle passo tinha o Hidalcão a maior parte do seu arrayal, & despedindose delles lhes disse, que lhes pedia por merce, que tiuessem boa vigia, & defendessem aos mouros que não passassem o rio: porque nisto estáua a saluação de todos, & dali se

foy

foy a Benastarim, & esteue falando com Garcia de Sousa, & contoulhe como no caminho lhe descobriram hũs mouros, que Melique Çufecondal estaua concertado com o Hidalcão, que cometesse todos os passos da ilha nas jangadas & paraos que tinha, & que elle se aleuantaria com toda a gente, & mataria Iorge da Cunha & seus companheiros, & como estes fossem mortos, que correriam todas as estancias, & leuariam tudo nas mãos, & que o leuaua disimuladamente consigo à Goa pera o castigar. Garcia de Sousa lhe disse, que elle se arreceara sempre da gente da terra: porque todos eram como Melique Çufecondal. E que ainda que sua Senhoria tomara mal; mandarlhe lembrar que os Christãos eram poucos & os mouros muitos, que elle lhe seguraua que polo seu passo não entrasse nenhũa gente do Hidalcão, quer em sua companhia tiuesse muita, quer pouca. Afonso Dalboquerque lhe disse, que verdadeiramente sua tenção não fora aquella, & que pela muita confiança que tinha de sua pessoa & caualaria, lhe entregara Benastarim, que era o principal passo daquella ilha. E depois de estar hum pouco praticando com elle; caualgou & foy correndo todos os outros passos; & chegou à cidade já de noite, & mandou chamar Gaspar de Paiua alcaide mór da fortaleza, & entregoulhe Melique Çufe, que o tiuesse a bom recado com os outros, da qual prisam Melique Çufe ficou muito agastado, porque nunca cuidou que hia preso. Chegado Afonso Dalboquerq̃ à cidade disselhe Timoja, que Mandaloi senhor de Condal lhe escreuera hũa carta, que lhe dissesse, que tanto q̃ soubera que o Hidalcão cõ seu arrayal estaua sobre Goa, ajũtara quatro mil homẽs, & fora correndo todos os passos da serra, & que lhe tomara os mantimentos que vinham pera o seu arrayal, & que estaua tres légoas do Hidalcão, que lhe mandasse dizer o dia que queria dar nelle, porque a esse tempo daria tambem no arrayal com a sua gente, porque em tudo auia de estar a sua determinação. Afonso Dalboquerque disse a Timoja que lhe escreuesse, que lhe tinha muito em merce o seu recado, & que esperaua em Deos de lhe pagar os desejos que tinha de seruir a elRey de Portugal, com o fazer grande senhor nas terras do Hidalcão em seu nome, que se deixasse estar; porque quando fosse tempo elle lhe mandaria recado do que auia de fazer,

Como o Hidalcão entrou a ilha de Goa polo paſſo de Agacij, & foy cometer a cidade, & o grande Afonſo Dalboquerque ſe recolheo ao caſtelo com toda a gente, & do mais que paſſou. Capitulo. XXXIII.

VEndo o grande Afonſo Dalboquerque, que a determinação do Hidalcão era entrarlhe a ilha de Goa, ſem nenhum receo da armada que tinha no rio, com muita gente & artelharia, aſſentou que iſto não podia ſer, ſenam confiado nas inteligençias que tinha com os mouros da cidade, como lhe Ioão Machado tinha dito, & tẽdo já algũa ſoſpeita de certos mouros honrados da terra, que ſe carteauam com algũs parentes, que tinham no arrayal dos imigos, tanto que chegou á cidade, mandou fazer juſtiça delles: & como Afonſo Dalboquerq̃ ſe arreceaua muito do paſſo de Augij, pola ſoſpeita que tinha da gente de Timoja, mãdou a Dom Antonio de Noronha ſeu ſobrinho, que eſtaua por capitão mòr da armada no rio, que eſtiueſſe naq̃lle paſſo, & q̃ ſe vigiaſſe muito bem. O Hidalcão como teue as jangadas feitas, hũa ſeſta feira dezaſete de Máio, fazẽdo grande tormenta (por ſer inuerno) mandou paſſar trezentos Turcos da terra firme á ilha, polo paſſo de Augij, & porque a tẽpeſtade da noite, & o eſcuro foy grande, deſcuidouſe dom Antonio de mãdar chegar as galés bem a terra, & tiuerám os Turcos tempo de paſſarem, ſem ſerem ſentidos, & tornarã lógo nas meſmas jangadas, & em outras q̃ já tinham feitas, & embarcariã ſete centos Turcos, & começáram a paſſar: & por ſer quaſi menhaã foram ſentidos de dous bateis noſſos, que eſtauão mais á terra, & deram rebate a dom Antonio: o qual acodio lógo com todos os nauios, & ás bõbardadas meteram as jãgadas no fundo, & trouxeram todos os Turcos á eſpada, q̃ não eſcapáram ſenã tres que fugiram. (Sentio o Hidalcão a morte deſtes Turcos, polo muito que lhe cuſtaua auelos em ſua terra) & neſte tempo q̃ dom Antonio andaua ás lançadas com eſtes Turcos, começáram a paſſar dous mil da outra banda, por hũs eſteiros de vaſa, todos enlameados, ſem ſerem viſtos dos noſſos, pela occupação que tinham. Menaique capitam de Timoja, que eſtaua em Goa a velha com Iorge da Cunha, ouue viſta dos Turcos, & ſendo já muita parte delles paſſados, foy os cometer a cauallo com duzentos piães da terra, que o quiſeram ſeguir. Os Turcos deixaramſe

xaram se estar quedos, & Menaique como chegou a elles deulhe na dianteira, & antes que se desenlameassem, matou trinta ou quarenta, & como se começaram ajuntar, & elle se visse mal socorrido de Iorge da Cunha, recolheose, & foise pera Goa, & leuou as cabeças daquelles que matára. A gente de Timoja, que ficaua no passo, como viram os Turcos, foramse ajuntar com elles, & todos juntos correram a Benastarim, onde estaua Garcia de Sousa, & entraramlhe as estancias, & tomaramlhe o camelo q̃ nellas tinha, & hũs berços, & mataramlhe seu irmão, & quatro ou cinco homẽs, & poseram fogo ás estancias. Garcia de Sousa como vio que se não podia valer dos Turcos, recolheose a hum parao que tinha, & foyse pera Goa. Francisco de Sousa Mancias, & Francisco Pereira Coutinho, q̃ estauão no passo de Gondalij, como os Turcos chegáram largáram a torre com quatro bombardas, & recolheramse ao batel por hũa escada, & vieramse pera a cidade. Vendo Iorge da Cunha o desbarato dos nossos, & que os Turcos tinham entrado á ilha por muitas partes, veiose recolhẽdo com a gente de caualo, já muito pela esquentada, & mataramlhe tres homẽs de caualo. Como Afonso Dalboquerque soube q̃ Iorge da Cunha vinha posto em desbarato, mandou Diogo Fernandez Adail com vinte de caualo, & cincoẽta homẽs de pé, q̃ lhe fosse dar costas, & os recolhesse: o qual o fez aquelle dia, como muito valente caualeiro que era, & nisto & tudo o mais em que se achou, deu sempre muito boa conta de si, & depois de Diogo Fernandez ido, pos se a caualo, & veiose á praça com cincoenta homẽs armados, pera vér se podia aquietar o grande aluoroço, que auia nos mouros, depois dos Turcos terem entrado a ilha. E os mouros como homẽs que tinham já as costas quentes, como viram Afonso Dalboquerque foramno cometer: vendo elle que lhe hiam perdendo a vergonha, pera se melhor poder vâler delles, mandou pór fogo á cidade em quatro partes, & com a gente que tinha deu nelles, & todos os que achou pelas ruas trouxe á espada, sem dar vida a nenhum: & depois de lhe tér dado hum bom castigo, deixouse andar pela cidade com toda a gente, & indo assi por hũa rua vio Timoja, que se vinha tambem recolhendo, perseguido de algũs Turcos, que vinham já pegados nelle, & como os vio remeteo a elles: & polos em desbarato, de maneira, que o largáram. E se se Afonso Dalboquerque ali não achára, Timoja & algũs capitães seus, que com elle vinham se perderam, com que o Hidalcão mais

 folgára,

folgára, que de tomar a cidade. A este tempo eram já tantos os mouros do arrayal do Hidalcão dentro na cidade, que foy necessario a Afonso Dalboquerque recolherse com toda a gente á fortaleza, sendo já trinta dos nossos mortos, & muitos feridos. E não custou isto tampouco ao Hidalcão, que da sua gente não ficassem estirados por essas ruas mais de dous mil: entrando Afonso Dalboquerque na fortaleza, vio os nossos tam cheos de temor, da muita gente que o Hidalcão consigo trazia, que os começou a esforçar: & ao outro dia pela menhaá chegou dom Antonio de Noronha nas galés & bateis, em que andaua no rio, & com sua vinda tomáram os nossos algum esforço, & Afonso Dalboquerque mandou lógo Iorge da Cunha com duzentos homés nos bateis, que fosse á ribeira, & queimasse as naos que estauão em estaleiro, & o almazem: & porque acodiram muitos mouros á ribeyra, não pode Iorge da Cunha queimar mais que quatro, & as cazas do almazem, onde se queimou muita enxarcea, & todo o aparelho da ribeira, & tornouse a recolher, & ao outro dia pela menhaá entrou o Hidalcão, com toda a gente do seu arrayal dentro na cidade, com tantas gritas & tangeres, que era cousa de espanto ouuilos.

Como o grande Afonso Dalboquerque determinou de se fazer forte na fortaleza, & sostela, & do que passou com os capitães sobre isso, & do recado que lhe o Hidalcão mandou por Ioão Machado, & o que nisso passou. Capit. XXXIIII.

Recolhido o grande Afonso Dalboquerque com toda a gente á fortaleza, mandou aos capitães que tomassem estancias no muro, com determinação de se fazer forte nella, & defenderse do Hidalcão, até lhe vir socorro de Cochim, polo qual determinaua de mandar: & pera se determinar em o que faria, mandou ajuntar os capitães & disselhes, que pois o Hidalcão tinha entrado a ilha, & estaua em posse da cidade, & a culpa

a culpa era de todos, que seria bom emendarem o descuido, que nisso tiueram, com sosterem aquella fortaleza: porque alem de ella ser em si tam forte, que Rodes lhe não tinha nenhũa auentajem, estauão nella mil homẽs Portugueses, que defendendose bem, não bastaua todo o poder do Hidalcão pera os entrar, & que neste tempo mandaria por socorro a Cochim. Os capitães lhe responderam, que a culpa de o Hidalcão ter entrado a ilha, & estar em posse da cidade, não era por falta de esforço, nem descuido q̃ nelles ouuesse, senão polos mouros serem muitos, & elles poucos: & que quanto era a querer defender a fortaleza & sostela, que não deuia de cuidar nisso, porque elles não eram poderosos, pera se poderem defender do poder que o Hidalcão ali tinha, que se deuia de recolher ás naos & segurar sua armada: porque nella estaua toda a segurança da India, & deste parecer foram todos os capitães, senão dom Antonio de Noronha, & Gaspar de Paiua alcaide mór da fortaleza, que disseram que não deuia de deixar a fortaleza, mas antes segurala, & sostela, até ver a determinaçã do Hidalcão: porque elles estauão com as costas no rio, & que cada vez q̃ quisessem se podiam recolher, sem lhe fazerem nojo. Afonso Dalboquerque: porque sua determinação era fazerse forte na fortaleza, & defendela, não quis dizer seu parecer, & deixou a cousa assi sem tomar concrusam, & disse que viriam os outros capitães, que ali faltauão, & que entam assẽtaria no que deuia de fazer. Os capitães estauão tão assombrados, que não ficaram contentes de se dilatar este negocio, & cada hum per si se foy a elle, & requereramlhe por muitas vezes, que se recolhesse ás naos, & deixasse a fortaleza, & elle dissimulou sempre com elles, até que hum dia se ajũtaram todos, & disseramlhe que se recolhesse: porque não era tempo pera esperar mais, & que quando o não quisesse fazer, que elles determinauão de se recolher & deixaremno. Afonso Dalboquerque receoso q̃ o temor que tinham, lhe fizesse fazer algum mao recado, mandou a dom Antonio de Noronha seu sobrinho, que se fosse á porta da fortaleza, que hia pera a ribeira, & não consentisse que sahisse ninguem pera fora, nem se bolisse dali, sem lhe primeiro ver o rosto, ou hum certo sinal que lhe tinha dado. Vendose Afonso Dalboquerque em tanto trabalho, que pera auer de soster a fortaleza lhe era forçado guardala dos mouros & dos Christãos, & que as differenças que auia entre elles, podia o Hidalcão saber, por dous homẽs estrangeiros da armada, que o dia de antes se

lançaram com elle: & com qualquer rebate que lhe desse auiam todos de deixar as estancias, determinou, consigo só, de se recolher ás naos, por não perder a artelharia que tinha em terra, & mandou Manuel Fragoso em hũa fusta secretamente de noite, saber o rio como estaua, porque lhe era dito que os mouros tinham dado fundo a duas naos Malabares, carregadas de pedra, na volta que o rio fazia, abaixo da ribeira, pera o intupirem, por ser ali mais estreito. Partido Manuel Fragoso, mandou Iorge da Cunha dizer a Afonso Dalboquerque que Ioão Machado chegára a sua estancia, & lhe dissera que lhe queria falar: elle perguntou aos capitães o que faria, & todos elles foram de parecer que lhe não falasse: porque não era já tempo pera andar em concertos, senão pera se recolherem. Afonso Dalboquerque porque se não auenturaua nisso muito, por cima disso quis lhe falar, & porque Ioão Machado não visse o desarranjo, & assombramento dos nossos, não quis que entrasse na fortaleza, & mandou a Antonio da Costa, que fosse no seu batel por elle, & o leuasse á galé de Simão Dandrade, & elle pos se a caualo, & veio tér á porta da cidade, onde a galé estaua, & estando assi chegou Ioão Machado, já muito de noite, & disse lhe, que elle desejára sempre de se sua Senhoria concertar com o Hidalcão, & que via as cousas irem muito polo contrairo, do que elle queria, & que pois asi era, & sua Senhoria não podera soster a ilha, contra o poder do Hidalcão, menos poderia defender a fortaleza: porque no seu arrayal auia muita gente, & muitos petrechos pera a combater, & por aqui lhe disse outras muitas cousas, & estando asi falando com Ioão Machado, veio Francisco de Sousa Mancias, & desatentadamente disse, que fazia, que os mouros entrauão a fortaleza, & que os capitães lhe mandauão dizer que se recolhesse, & nam no querendo fazer, que deixariam as estancias. Afonso Dalboquerque ficou tam agastado de lhe dizer aquillo perante Ioão Machado, a quem se elle estaua vendendo, & zombando dos biocos que lhe fazia, que se aleuantou muito apaixonado, & dissełhe: como, Francisco de Sousa, tanto desejais de entregar esta fortaleza aos Turcos? ora ide & entregailha, & fazei o que quiserdes. Francisco de Sousa como desejaua de se ver já fora do perigo em que estaua: em chegando a dom Antonio de Noronha disselhe, que seu tio mandaua que largasse a fortaleza, & se

recolhes

recolhesse. Dom Antonio esquecido do que lhe seu tio tinha dito, & cõfiandose no que lhe Francisco de Sousa dizia, mandou lógo pór o fogo a hũa tercena. Como esta noua correo pelas estancias, veio a nossa gente de roldão á porta da ribeira pera se embarcar. Ouuindo Afonso Dalboquerque o Rumor dos nossos, cuidando que fossem mouros, por ser de noite, despedio Ioão Machado, & meteose em hum parao, & acodio á porta da ribeira, & achou o roldão da gente, que se vinha recolhendo á ribeira pera embarcar, & felos tornar a tras, & dissimulou: porque tinha mais culpa dom Antonio de Noronha seu sobrinho no que fez, que Frãcisco de Sousa no que lhe disse. Acabado de recolher chegou Manuel Fragoso, que elle tinha mandado ver o rio, & disselhe que os mouros tinham lançado hũa nao Malabar carregada de pedra no canal do rio, & q a agoa que vinha das serras era tanta, & corria com tanta furia pera baixo que abria o canal por outra parte muito mais alto.

Como o grande Afonso Dalboquerque deixou a fortaleza, & se foy embarcar, & como o Hidalcão entrou nella, & o que fez. Capitulo. XXXV.

VEndo o grande Afonso Dalboquerque estas cousas sem remedio, descontente da fraqueza dos capitães, tendo cõfiança que não deixariam a fortaleza, senão por seu justo preço, determinou de se recolher ás naos, & mandou a dom Antonio de Noronha, que fizesse embarcar toda a artelharia, asi a dos mouros que tinha tomada, como a nossa, & todos os mantimentos que podesse, & as molheres & mininos, & mercadores q estauão na fortaleza; & como tudo foy recolhido, mandou a Gaspar de Paiua alcaide mór da cidade, que se fosse á fortaleza, & mãdasse cortar a cabeça a Melique Cufecondal, & a cento & cincoẽta mouros principais da cidade que em ella tinha mandado recolher, pelo que lhe Ioão Machado tinha dito, & decepar as pernas a todos os cauallos que estauam nas estrebarias, & posesse fogo ás tercenas: onde se queimáram todas as cousas, de q se os mouros podiam aproueitar. Feito este negocio, disse Afonso Dalbo-

Dalboquerque aos capitães, que cada hum com a sua gente se recolhesse: porque elle queria ficar por derradeiro. Os nossos desejosos de se verem fora do perigo em que se viam, foy tam grande a pressa, & o desarranjo ao embarcar, que se fora de dia, qualquer gente dos imigos que acodira os desbaratára. Afonso Dalboquerque como todos foram embarcados, recolheose ás naos, hũa sesta feyra ante menhaã, aos vinte dias do mes de Maio, do anno de dez, & mandou fazer toda a armada á vela, & foyse polo rio a baixo ancorar defronte da fortaleza de Pangij, por ser ali o rio mais largo, & estarem seguros de se poder tapar com nenhũa cousa, com fundamento de esperar ali, até a barra dar jasigo pera sairem de fora. Francisco de Sousa Mancias, que foy o primeiro que se fez á vella, foy logo de golpe demandar a barra, pera se botar de fora, sem mais determinação nem mandado de Afonso Dalboquerque, o qual como o vio jr mandou apos elle Diogo Fernandez de Béja na galé & felo tornar, & em chegando o reprendeo muito de cometer jrse sem sua licença, & tiroulhe a capitania da nao, de que elle ficou muy descontente. O Hidalcão como vio a nossa armada partida, mandou hum bargantim que fosse á vista della, & visse sua determinação, & elle entrou dentro na fortaleza com todos os Turcos & Rumes, com grande prazer, grandes gritas, & tangeres, mostrando grande contentamento de acabar cousa que elle tanto desejaua: & entrando dentro no castelo, que vio na praça delle, todos os mouros principais da terra degolados, ficou muy triste, & foy o pranto tamanho em todos aquelles que hiam com elle, que o Hidalcão se agastou muito, por ver tanta tristeza em hũa cidade, que elle tomára com tanto prazer. Os Turcos & Rumes tambem por sua parte, como ali não acháram suas molheres & filhos, ficáram muito anojados: porque com esta esperança sofreram muitos trabalhos em a entrada da ilha: & estando o Hidalcão nesta tristeza consolando os pais, filhos, & parentes daquelles que ali eram mortos, chegou o capitam que elle mandára no bargantim & disselhe, como a armada dos Frangues sorgira toda defronte da torre da fortaleza de Pangij, & que lhe parecia que seu fundamento era, fazer ali assento: porque hũa nao que fora demandar a barra pera sair de fora, mandara o capitam mór hũa galé apos ella, & a fizera tornar pera dentro. Como o Hidalcão isto soube, temendose que Afonso Dalboquerque tomasse Pangij, & se fizesse

forte

forte nelle, polo entreter, pera neste interim poder prouer a fortaleza, mã-
dou lógo Ioão Machado no mesmo bargãtim, q̃ lhe fosse falar em pazes,
& como o despedio, fez prestes hum capitão com quatrocentos Turcos,
& dous mil piães da terra, & artelharia, & todas as monições necessarias,
& mandou o á fortaleza de Pangij, pera a guardar, & que fizesse todo
o mal que podesse á nossa armada de maneira, que fosse forçado alc-
uantarse & iremse, ou fazer algum concerto com elle. Como Ioão
Machado chegou, falou lógo nas pazes, & depois de muitas praticas,
que sobre isso tiueram, dissélhe Afonso Dalboquerque, que no tempo
que elle tinha a fortaleza, de Goa, lógo elle assentára com o Hidalcão
qualquer paz & amizade: mas pois era fora della, que não faria nenhum
concerto, sem lhe pri meiro entregar Goa, & todas suas rendas, & pagar
certo tributo a elRey dom Manuel das terras que tinha tomado aos In-
dios, & fazerse seu vassalo, & tomar sua bandeira, & que lhe auia de dár
Dabul, pera nelle fazer fortaleza, & que se isto fizesse, assentária paz
com elle: porque Goa era delRey de Portugal, & sempre o auia de ser.
Ioão Machado se foy com esta reposta, & ao outro dia pela menhaá,
tornou lógo o Hidalcão a mandar pedirlhe arrefens, pera irem dous
Turcos homẽs principais a falar com elle. Afonso Dalboquerque man-
dou dom Antonio de Noronha em hua galé falar com os Turcos, junto
da fortaleza de Pangij, & Diogo Fernãdez de Béja pera estar em terra
por arrefens. Chegado dom Antonio, mandou Diogo Fernandez a ter
ra, & os dous Turcos vieram á galé falar com elle, & estiueram todos tres
praticando hum bom pedaço, sem tomarem concrusam em nada (& na
verdade elles a não queriam, senão dilatar o negocio, pera prouerem
a fortaleza de Pangij, como fizeram) & em se despedindo de dom Anto-
nio, faláramlhe em resgate das molheres, & filhos dos Turcos & Ru-
mes, & dom Antonio os desenganou, que por nenhum preço do mun-
do lhas auiam de dár, & assi foy: porque dali as leuou Afanso Dal-
boquerque consigo, & na segunda tomada de Goa as fez Christãs,
& casou, como em seu lugar se dirá. Partidos os Turcos, recolheo
dom Antonio a Diogo Fernandez, & veiose pera as naos, & deu
conta a seu tio do que passára, & Diogo Fernandez lhe disse, que
la em terra onde estiuera, lhe disseram os Turcos muitas rebolarias
em Italiano, & em Castelhano. Como a nossa gente ainda esta-
ua assombrada do negócio passado, vendo que dom Antonio nam

tomara

tomára concrusam com os Turcos, auendo que tudo era perdido, foram se a Afonso Dalboquerque, & fizeramlhe grandes requerimentos, que se sahisse pela barra fora: sabendo todos mui bem que estáuão na força do inuerno, & não era tempo pera jr demandar nenhũa barra da India.

Do conselho que o grãde Afonso Dalboquerque teue, sobre se sairia pela barra fora, & o que nisso passou, & como mandou Fernão Perez Dandrade que se perdeo. Capitulo. XXXVI.

O Grande Afonso Dalboquerque, pera paceficar este aluoroço, em que os capitáes traziam metido toda a gente, & por lhe tirar o assombramento que tinhão mandou os chamar, & os méstres & pilotos das naos, & depois de serem todos juntos dissélhes, que se espantaua muito delles pois sabiam q̃ não era tẽpo pera sair pela barra fora, andarẽ amotinãdo a gẽte, pera lhe fazerẽ requerimẽtos q̃ se fossem, q̃ ali estauão todos aquelles méstres & pilotos, q̃ se elles dissessem q̃ lhe parecia bem fazelo, q̃ elle o faria. Os capitáes como desejauã de se jr, começárão lógo cada hum per si a dizer, q̃ o tempo estaua bonãça pera sairem pela barra fora, & que fosse inuernar a outra parte: porq̃ tinha muito poucos mantimentos, & que naquellas ilhas não tinham maneira pera os poderem auer, porque tudo o Hidalcáo tinha atalhado, & q̃ quãdo o tempo não consentisse irem demandar Cananor ou Cochim, que poderiam inuernar em Anjadiua, & por aqui foram dando outras muitas rezões, conforme a seus intentos. Os méstres & pilotos disseram, q̃ elles estauão ali em hum lugar muito largo & espaçoso, onde tinhão suas naos muy bem amarradas, & que lhe não podiam os da cidade fazer nenhum nojo: & que isto asi não fosse; a barra andaua de maneira, que hum barco por muito pequeno que fosse, não podia sair por ella, & dado caso que podessem sair sem perigo, não tinham onde podessem inuernar: porque Anjadiua onde elles diziam, não era capaz de tantas naos & tamanhas, poderem estar naquelle tempo alli: & em tres ou quatro conselhos, que tiueram sobre este caso, sempre os pilotos & méstres foram deste parecer,

maior parte dos capitães polo contrairo, & sobre isso lhe faziam muitas falas, & diziamlhe que toda a gente da armada, se escandalizaua delle, & eram iuão que os queria matar ali todos de fome, & outras muitas cousas diziam que callo, por não culpar os mortos, nem enuergonhar os viuos. Vendo Afonso Dalboquerque, que por cima do parecer dos pilotos & mestres os capitães eram mal sofridos nos trabalhos, & não lhe lembraua que não estaua o seu gouernador fora delles, determinou de auenturar o nauio sam Ioão, & mandou Fernão Perez Dandrade que era capitão delle, que fosse a Anjadiua, & com o primeiro tempo lhe trouxesse todos os mantimentos que podesse achar, & a Timoja que fosse em sua cõpanhia com hum par de fustas das suas por esses portos, & trouxesse algũs: & como foram prestes partiram & foram demandar a barra, & porq̃ o tempo era muito & o mar grosso, sorgiram da barra pera dentro, & estiueram ali toda aquella noite, & ao outro dia pela menhaã, que o tempo abonançou, determinou Fernão Perez por conselho do seu piloto, de botar de fora. Como o Timoja vio nesta determinação disselhe, que se nã desamarrasse: porque ainda que o tempo fosse bonáça, não era ensejo pera sair, & que se o fizesse que se perderiam. Fernão Perez Dandrade, como desejáua de fazer o que lhe mandáram, não deu polo conselho de Timoja & leuou suas ancoras, & foy demãdar a barra, sendo hum quarto de ágoa por vazar, & porque a ágoa do monte corria muito, & o vento acalmou, acostou o nauio a hum baixo onde se perdeo, & por ser velho desfesse lógo todo. Afonso Dalboquerque vendo o nauio perdido, mandoulhe acodir com os bateis, & saluaram toda a gente & artelharia, & todos os aparelhos delle. Quando os capitães viram como se o nauio perdera, pareceolhes entam bom o conselho dos méstres & pilotos, & ali esteue a nossa armada muitos dias passando muitos trabalhos.

Como o capitão que estaua em Pangij começou a tratar mal as nossas naos com artelharia, & do que o grande Afonso Dalboquerque passou com os nossos sobre isso, & como não quis tomar o presente que lhe o Hidalcão mandaua. Capit. XXXVII.

Hidalcão como vio que o grande Afonſo Dalboquerque não reſpondia a prepoſito ſobre ſeus cõcertos, apreſſouſe mais a mandar o capitão & gente que tinham ordenado pera Pãgij: o qual como foy na fortaleza, mandou lógo tirar ás noſſas naos com a artelharia, & fazialhe muito nojo com ella, & dia ouue q̃ lhe meteram dentro cincoenta pilouros de bõbarda groſſa, afora outros de meuda. A gente andaua tam aſſombrada & deſconfiada diſto em que ſe viam, que lhe parecia que com jangadas lhe auião os mouros de tomár as naos de maneira que não ouſaua Afonſo Dalboquerque de os tirar deſte medo com reprenſões, polos não meter em deſeſperação, mas antes quando lhe vinham aconſelhar o q̃ auia de fazer, pera ſe ſaluar do perigo em que eſtaua, reſpondia que lhe parecia muito bem o que diziam, & q̃ elle o faria lógo, & dali ſe hia meter na ſua camara & olhaua pera o ceo, & pedia a Deos perdam de ſuas culpas, porque aquelle aſſombramento da gente, não podia ſer medo, ſenão peccados ſeus: pois tinha o Cirne, & Frol dela már, que eram duas naos tam poderoſas, que ellas ſós baſtauão pera ſe defenderem do poder do Hidalcão. Com eſte aſſombramento q̃ a gente tinha, fugiram dous homẽs darmas pera os mouros, & diſſeram ao Hidalcão a fortuna em que os noſſos eſtauão, & os muitos doentes q̃ auia na armada, & como a ſua artelharia fazia muito nojo nas noſſas naos & que era a fome tamanha entre elles, que por falta de mantimentos comiam todos os ratos que auia nas naos, & tirauão os couros das arcas encouradas, & comiamnos coſidos, & que cada dia faziam grandes requerimentos ao capitão mór, que ſe ſahiſſe daquelle rio. O Hidalcão porque Afonſo Dalboquerque não queria fazer nenhum concerto com elle, não deu muito credito a iſto que lhe os dous Chriſtãos diſſeram, & pera ſe certeficar ſe era verdade, determinou de lhe mandar hum preſente de carneiros, & galinhas, & outros refreſcos da terra, & partido o mouro em hũ barco com o preſente, veioſe á não de Afonſo Dalboquerque com hũa bádeirinha branca, o qual como vio o barco com aquellas couſas que trazia entendeo lógo que ſeria, dizerem os mãcebos que fugiram, ao Hidalcão, a neceſsidade em que eſtáuão, & elle por ſe mais certeficar do que paſſaua, mandaua aquelle preſente, & pera lhe pagar na meſma moeda, mandou deter o mouro a bordo da nao, & diſſe ao méſtre que mandaſſe cerrar hũa pipa polo meio, & que a poſeſſe chea de vinho no conues, & todo o biſ-

çouto

couto q̃ ouuesse em hũa vella (o qual era pouco, & tinhão guardado pera os doentes) & como teue isto aparelhado mandou entrar o mouro, & chegado onde Afonso Dalboquerque estaua disselhe, q̃ o Hidalcão seu señor tinha sabido a muita necessidade em que estaua por falta de mantimẽtos, & porq̃ elle desejaua de serem amigos, & de ter paz & amizade cõ elRey de Portugal, como por muitas vezes lhe mãdara dizer, lhe mandaua aq̃lle refresco, & tendo necessidade de mantimentos lho mandasse dizer, que tudo lhe mandaria: porque ainda que antre elles ouuesse guerra, elle lha não queria fazer por fome, senão com a espada na mão. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que dissesse ao Hidalcão, que lhe tinha muito em mercê a lembrança que tinha delle, que não era seu costume tomar presentes de seus imigos, no tempo da guerra, & que quanto era aos mãtimentos que lhe mandaua offerecer, q̃ na sua armada auia tanto biscouto & vinho, q̃ estauão as naos todas daquella maneira que via, sem auer quẽ lançasse mão delle. O mouro com esta reposta de Afonso Dalboquerque tornou a leuar o presente que trouxera, & disse ao Hidalcão o que vira, & o que passara com elle.

O conselho que o grande Afonso Dalboquerque teue, pera cometer a fortaleza de Pangij, & como a entrou, & do estrago que fez nos mouros. Capitulo. XXXVIII.

VEndo o grande Afonso Dalboquerque o muito danno, q̃ a sua armada recebia, da artelharia que estaua na fortaleza de Pangij, determinou por cima de todos os inconueniẽtes que podia auer, de a cometer, & sobre isso auentutar a vida, & tudo o mais: & pera se determinar como faria este negócio, mãdou chamar os capitães & dissellhes, que elle tinha assentado, tanto que se vio fora de Goa, não trauar mais escaramuças com os mouros: porque quem deixaua os muros de hũa cidade tam nobre como aq̃lla não se deuia de contentar de andar ás frechadas com quatro negros: mas pois assi era, que a artelharia que estaua na fortaleza de Pangij, o obrigaua a cometela, & lhe era forçado pelejar contra sua vontade, q̃ lhes pedia por merce, que lhe dissessem que maneira teria pera cometer este feito: porq̃

elle determinado estaua de o cometer, & porque neste conselho começou auer antre os capitães muitas differenças, & diuersas determinações, quis Afonso Dalboquerque atalhar a tudo, antes que lhe respõdessem, & disse que elle não forçaua ninguem a ser naquelle feito, que quem o quisesse seguir, tanto que ouuisse hũa trombeta de Timoja acodisse á sua nao: porq̃ elle com poucos ou muitos, com aquelles que se achasse, determinaua de ir cometer os mouros que estauão na fortaleza, & com ajuda da paixão de nosso Senhor, esperaua de os leuar nas mãos. Os capitães como viram a sua determinação respõderamlhe, que elles seriam com elle naquelle feito & sem auer mais praticas nisto, porque Afonso Dalboquerque não quis q̃ as ouuesse, por quam enfadado andaua já de suas cousas, foramse pera suas naos fazer prestes, & aquella noite fugio hum mancebo da armada, & leuou por aluitre ao Hidalcão o conselho, & determinação em que ficaua. O Hidalcão com este auiso que lhe o mancebo deu, mandou chamar os seus capitães, & Ioão Machado com elles, & contoulhe o que lhe o mancebo dissera, & perguntoulhe se seria necessario prouer Pangij de mais gente & artelharia. Os seus capitães todos foram de parecer, que na fortaleza auia gente que bastaua pera se defender, & quando fosse necessario socorro, que mui prestes se poderia mandar. Ioão Machado que foy o derradeiro que falou disse, que elle não era daquelle parecer, senão que mandasse mais gente: porque se a artelharia que estaua na fortaleza fazia tanto nojo ás naos dos Portuguezes, como o mancebo dizia, que fosse certo que lha auiam de tomar. Hum dos capitães que era já seu competidor, disse ao Hidalcão, que aquillo que Ioão Machado dizia, eram mais palauras de Christão que de mouro, & por isso lhe parecia que se não podia defender Pangij: que lhe mandasse dar quinhentos Turcos, & que elle se obrigaua com a mais gente que estaua nella, de a defender a todos os Portugueses. Ioão Machado lhe respondeo, que elle não dizia aquillo senão como quem sabia bem quam determinados os Portugueses eram, que elle bem podia jr, mas que lhe ficaua; que se os Portugueses eram os que elle cuidaua, que elles lhe parecessem gente pera arrecear de cometer com poucos: & porque se começaram a trauar em palauras: porq̃ já auia dias que tinham defferenças, meterãse os Turcos capitães antre elles, & apartarãnos, & o capitão Turco se foy meter em Pangij, com a gente q̃ pedio ao Hidalcão, & acertouse de ser o dia q̃ Afonso Dalboquerq̃ cometeo a fortaleza: o qual foi recebido dos de dẽtro

com

com grandes gritas & tangeres, & fogos que fizeram toda aquella noite. Afonso Dalboquerque, posto que a fugida do mancebo lhe fez ter duuida a cometer este negocio arreceandose, que aduertido o Hidalcão da sua determinação, proueria a fortaleza de mais gēte da que tinha, com tudo não quis tornar a tras do que estauà assentado, & como foram oras, mandou tocar a trombeta, & todos se vieram a bordo da sua nao, & dali partiram hũa sesta feira ante menhaã catorze dias do mes de Iunho, & chegando a terra, mandou Afonso Dalboquerque Diogo Fernãdez de Béja com vinte homēs que fosse tomar a porta da fortaleza que hia pera a cidade, & que se deixasse estar: porque ali iriam todos tér com elle, & a Dinis Fernandez patrão mór da ribeira, que com cincoenta marinheiros & bombardeiros, tiuesse cuidado de recolher o camelo, & toda a outra artelharia que ouuesse na fortaleza aos bateis, & elle fez se forte com hum corpo de gente na praya, pera acodir onde fosse necessario. Ordenado isto, em tocando as trombetas, foram os capitães com sua gēte cometer o baluarte com tanta furia, que sem auer detença o entraram, cada hum por onde achou milhor lugar: & Manuel de Lacerda foy o primeiro que sobio em cima do muro. Os mouros como estauão sonorentos, confiados na muita gente que tinhão, quãdo se quiseram valer das armas, erã já os nossos apegados cõ elles, & como se viram atalhados, poserãse em fugida, & foram demandar a porta da fortaleza, onde Diogo Fernandez estaua, & polos mouros serem muitos, teuerãno de todo desbaratado, senão fora Garcia de Sousa que lhe acodio, & chegando a elle achou o já muito ferido, & a maior parte da sua gente: & tres homēs seus mortos, & nisto chegaram os outros capitães que vinham apos os mouros, & fizeram se todos em corpo, & deram nelles, & desbarataram nos lógo, & ficou a fortaleza despejada de toda a gēte, que podiam ser quatro mil Turcos & mouros: morrerão ali cento & cincoenta Turcos, & cem piães gentios, & tres capitães do Hidalcão, & os nossos seriam quinhentos Portugueses, tudo fidalgos, & principaes homēs da armada, & por serem poucos fizeram hum feito muito de louuar (porque nos animos generosos o temor da infamia, vence todo o perigo & medo.) E tendo já Dinis Fernandez recolhida toda a artelharia dos mouros nos bateis, & os dous camelos que tinham tomado a Garcia de Sousa em Benastarim, & cinco falcões que se tomaram na torre de Agacij, & muitos arcos, frechas, & lanças, recolheose Afonso Dalboquerque com toda a gente, &

S ij veiose

veiose pera as naos, & sendo todos recolhidos, vieram os gentios, & queimárão todos os corpos mortos (segundo seu costume) & desta vitoria que os nossos ouueram contra os Turcos, ficou Ioão Machado com mais credito com o Hidalcão, pelo que tenho dito, & o seu competidor morto.

Como o grande Afonso Dalboquerque mandou Diogo Fernandez de Beja, & os outros capitães nas galès, dár hũa vista à cidade, pera saberem certeza da armada que se fazia, & como dõ Antonio polos socorrer foy morto. Capitulo. XXXIX.

REcolhido o grande Afonso Dalboquerque ás naos cõ esta vitoria, porque auia noua, que o Hidalcão tinha feito hũa armada de vinte & cinco velas, de paraos, fustas, & atalaias, com muita artelharia & arrombadas, & padeses pintados, & muita gente dentro, pera lhe virem queimar as naos, mandou a Diogo Fernandez de Beja em hũa galé, & Afonso Pessoa & Simão Martinz nas outras duas, q̃ fosse dar hũa vista á cidade, & vissem se se fazia esta armada que diziam. Partido Diogo Fernãdez & seus companheiros, mandou a dom Antonio de Noronha seu sobrinho, que estiuesse prestes com todos os capitães nos bateis das suas naos: porque sendo necessario socorrerem Diogo Fernãdez o fizessem, & porque da armada se não podiam ver as nossas galés, nem a cidade, porque ficauão encubertas com hũa volta, q̃ o rio ali faz, mãdou a Dinis Fernandez, q̃ se fosse em hũ parao por no meio do rio, em parte dõde podesse ver hũa cousa & a outra. Os Turcos como já estauão prestes, em vẽdo as nossas galés, mãdárão leuar suas ancoras, & começaram a vir remando pera ellas. Dinis Fernãdez que estaua em vista, como vio que a armada dos Turcos abalaua, fez sinal a dom Antonio de Noronha, o qual partio lógo a voga arrancada, com todos os capitães, & porque a maré enchia, foram muito prestes á vista da armada dos Turcos, & como a vio, bradou a Diogo Fernandez, & aos outros capitães, que com elle hião, que remassem & fossem, inuestir duas atalaias, que vinham diante da armada, Diogo Fernandez & os outros capitães, que estauão com os remos leuados, quando viram o socorro q̃ lhe vinha, mãdarã remar mais depressa, & forãse chegãdo pera

a armada

a armada dos Turcos, & começaramlhe átirar com sua artelharia, & acertou que hũa bombarda da galé de Diogo Fernandez deu pelas atalaias, q̃ vinham na dianteira, & felas em pedaços, & morreram todos os mouros que nellas vinham, hũs que matou a artelharia, & outros que se afogaram em o rio, & a este tempo era já dom Antonio & todos os capitães pegados com Diogo Fernandez. Os Turcos vendo a determinação dos nossos, fizeram volta pera a cidade, & dom Antonio com todos os capitães foy os seguindo, até encalharē na ribeira, onde estauão muitos mouros, esperando a furia com que os nossos vinham, pera os reprimir: mas como a artelharia das galés os desenganou matando algũs, largaram a ribeira, & recolheramse á cidade. Dom Antonio que hia seguindo hũa galeota nossa, que ficara em estaleiro, quando se recolheram, vendoa varada em terra, só sem ninguem, pos se ao longo della no seu batel & desembarcou com sua gente, pera a lançar ao már: & se o asi fizeram todos a galeota não ficara em terra, & elle não morrera: mas os mouros como viram dom Antonio mal socorrido dos nossos, acodiram á galeota, & foy a peleja de hũa parte & da outra de modo, que foram tres capitães do Hidalcão mortos, & muitos dos nossos feridos, sem querem largar a galeota, até que deram hũa frechada no joelho ezquerdo a dom Antonio, de que lógo ficou q̃ se não pode tér na perna, & cõ a grãde dor que tinha largou a galeota, & recolheose ao batel, & todos os outros se afastaram lógo, & com esta vitoria, ou desauentura (pois ali acabou seus dias hum rarisimo capitão, como era dom Antonio) se recolheram ás naos, & porque elle tinha grandes dores na perna, não quis q̃ o leuassem á nao de seu tio, & foise ao Cirne de que era capitão. Como Afonso Dalboquerque soube este desastre, meteose no seu esquife, & foy o ver, & achou o já muito mortal, & ouue muitos conselhos pera lhe cortarem a perna, mas elle nunca quis cuidando que não fosse o mal tanto, & asi esteue com grandes dores até oito dias do mes de Iulho, que lhe saltaram erpes nella de q̃ morreo: & nã ouue pessoa na armada q̃ o nã sentisse muito, principalmēte seu tio: porq̃ o deixou em tẽpo q̃ tinha muita necesidade de sua pessoa, cõselho & caualaria: & derramãdo muitas lagrimas o mãdou enterrar ao pé de hũa aruore, & na segũda tomada de Goa, mãdou trazer os seus ossos á igreja maior, & quãdo faleceo deixou em seu testamẽto, que lhos passasē á sua capela de nossa Señora da serra, q̃ elle fez na cidade de Goa, como a diante se dirá. Dõ Antonio de Noronha, era filho de dom

Fernando de Noronha, & de dona Costança de Castro, jrmaã de Afonso Dalboquerque: mais moço que dom Aluaro de Noronha seu jrmão. Foy muito esforçado caualeiro, & nunca se achou em cousa que lhe sentissem medo. Foy muito virtuoso, amigo de Deos, & muito verdadeiro. Achouse em todos os trabalhos que Afonso Dalboquerque, atê aquella ora tinha passados. Morreo de idade de vinte & quatro annos, auẽdo quatro q̃ partira de Portugal com seu tio, na armada de Tristão da Cunha.

O recado que o Hidalcão mandou ao grande Afonso Dalboquerque, pedindolhe que quisesse fazer pazes com elle, & do mais que passou. Capit. XL.

COmo o Hidalcão desejaua mais de fazer pazes cõ o grãde Afonso Dalboquerque, q̃ de se vingar do desbarato q̃ os nossos fizerã na fortaleza de Pãgij, passados algũs dias depois deste feito, mandou dous Turcos homẽs principaes falar nellas: & chegados á borda do rio da banda de Pangij, começáram a capear. Afonso Dalboquerque mãdou Gaspar Rodriguez lingoa a terra saber o q̃ queriã. Os Turcos lhe disseram q̃ dissesse ao capitão mór, q̃ o Hidalcão os mãdaua ali pera falarem em pazes, q̃ mandasse hũa pessoa falar com elles: & como elle estaua muito aborrecido de suas mẽtiras, não quisera tér pratica com elles; & com tudo porq̃ nisto se não auenturaua nada, mandou Pero Dalpoem em hum batel esquipado com gẽte, que lhes fosse falar: & porq̃ elles quãdo vinhã falar de pazes, trazião sempre em sua companhia algũs Portugueses, q̃ lá andauã tornados mouros, bẽ vestidos & encaualgados á sua vsança, & cõ sombreiros de estado, os quaes diziam muitas palauras descorteses, & acõselhauã aos nossos q̃ se fosẽ pera o Hidalcão (porq̃ alẽ de lhe dar grãde soldo tinhã lá muito boa vida, & estauã fora dos trabalhos & fomes q̃ ali passauã.) Enfadado Afonso Dalboq̃rq̃ desta bargãtaria dos Portugueses, & da roindade dos mouros: porq̃ este desenuergonhamẽto não fosse mais por diante, disse a Pero Dalpoem q̃ leuasse cõsigo hũ espingardeiro, & q̃ se algum bargãte daquelles ali chegasse, q̃ o mandasse matar. Partido Pero Dalpoẽ chegou á borda da ágoa onde os Turcos estauão, & começando a falar nos negocios das pazes, chegou Ioão Deiras

hum

hum galego que fora marinheiro, & antre os nossos seruia de cirurgião, com outros seus cõpanheiros, em cima de hũ cauallo mui bem cõcertado, vestido em trajos de mouro com seus moços, & sombreiro, & começou a a falar algũas palauras descorteses. Pero Dalpoẽ vendo q̃ Ioão Deiras hia por sua istoria a diante, disse a Ioão Dilhanes bombardeiro, o qual leuaua consigo pera este feito, que o matasse, & que elle lhe faria fazer merce: como Ioão Dilhanes era bom official deste officio, andando Ioão Deiras afastado hum pouco da borda da ágoa, passeádo em cima do seu cauallo, & falando o que queria, desparou a espingarda, & deu cõ elle morto no chá, de q̃ os Turcos ficáram mui assombrados. Pero Dalpoem vendo o espáto que elles fizeram de veré Ioão Deiras morto, disselhes, q̃ aquelle homem era condenado á morte por sentença, por se lançar com os mouros, & pelas leis delRey de Portugal, qualquer homem o podia matar, onde quer q̃ o achasse, que lhe pesaua muito daquillo ser perante elles, q̃ lhes pedia por merce q̃ se dali por diante mais viessem falar em pazes, ou em outra qualquer cousa, que não trouxessem em sua cõpanhia aquelles bargátes: porq̃ falauão cousas muito desonestas, & se asi fosse seria necessario matarem lhos todos. Os Turcos lhe responderam, que lhes pesaua muito em tempo que elles vinham falar em pazes, & amizades, dizerem elles cousa que os escandalizasse, & por isso o que elle mandára fazer fora muito bẽ feito, & que elles não virião ali mais. Passadas estas praticas, os Turcos se despediram de Pero Dalpoem, & foramse sem tomarem concrusam nhũa & Pero Dalpoem se veio á nao de Afonso Dalboquerque, & deu conta de tudo o que passara.

De como o Hidalcão tornou a mãdar outra vez hum seu capitão principal falar com o grande Afonso Dalboquerque nas pazes, & da reposta que lhe deu, & do que passou com elle sobre Timoja. Capitulo. XLI.

Assada esta pratica q̃ Pero Dalpoem teue cõ os dous Turcos, dali a cinco dias tornárã a capear da fortaleza de Pangij cõ hũa bãdeira. Afonso Dalboquerque mãdou saber o q̃ era, & trouxerãlhe recado, q̃ estaua ali hũ capitã principal do Hidalcão, que se chamaua Mostafação, que queria falar cõ elle, que lhe mãdasse

arrefens pera ficaré em terra, & como estaua agastado da morte de dõ Antonio seu sobrinho, não lhe quisera falar: & os capitães lhe disserão q̃ pois o Hidalcão mandaua hum capitam tam principal como aquelle, q̃ seria pera fazer tudo o que elle quisesse, que o deuia de mandar vir & ouuilo: porque poderia ser, que cometeria cousa, que parecesse bem a todos fazelo: & com este parecer dos capitães (posto que fosse contra sua vontade) mandou fazer prestes hum parao alcatifado de alcatifas de seda, & disse a Gaspar de Paiua, & Diogo Fernãdez de Béja, & Pero Dalpóe, que fossem nelle a terra, & que o trouxessem, & mandou com elles Francisco Coruinel, & Diogo Fernandez adail q̃ fora de Goa, pera ficarem em arrefens, & a Gaspar Rodriguez lingoa pera jr a terra com os recados, & como o parao esteue prestes partirãse, & chegando defronte da fortaleza de Pangij, mandou Pero Dalpoé Gaspar Rodriguez lingoa em hũa almadia a terra, dizer aos Turcos, q̃ o grãde Afonso Dalboquerq̃ mãdaua ali aquelle parao, pera leuarem o capitão á sua nao, & que tambem traziam arrefens, pera deixarem em terra. Os Turcos lhe mandaram dizer, que Mostafação era hũ homem muito fidalgo, & dos principaes capitães do Hidalcão & que trazia em sua companhia dous Turcos homẽs muito honrados, & que se elles traziam dom Antonio de Noronha pera ficar em terra, que jriam, & senão, que se tornariam (parece que ainda não sabiam que dom Antonio era morto.) Pero Dalpóe lhe mandou dizer, que dom Antonio não vinha ali, porque ficaua muito doente, mas que vinham dous homẽs muito honrados, criados delRey de Portugal, & seus capitães. Os Turcos foram disso contentes, & disseram que os mandasse a terra. Pero Dalpoé os mandou lógo na almadia, & nella veio Mostafação com os dous Turços, & embarcaram no parao & vieram tér á nao capitaina, onde Afonso Dalboquerque estaua com todos os capitães fidalgos, & gente hõrada da armada na tolda da nao, mui bem cõcertada. Chegado Mostafação á nao Afonso Dalboquerque o veio receber no cabo da tolda, & fezlhe muito gasalhado, & depois de passarem suas cortesias disselhe Mostafação, que lhe queria dár hũ recado do Hidalcão, mas q̃ não auia de ser perante tánta gente. Afonso Dalboquerque se aleuantou, & meteose com elle & com os dous Turcos na sua camara, & leuou consigo Cogebequi, & Lourenço de Paiua secretario, & Pero Dalpoem ouuidor da India, & depois de estarem assentados, deulhe Mostafação muitas encomendas da parte do Hidalcão, & de todos os seus capitães, dizendo, que ainda q̃ antre elles

ouuesse

ouueſſe guerra, o coſtume dos capitães era na paz, fazerẽ cõprimẽtos hũs cõ os outros, & depois diſto lhe diſſe, q̃ o Hidalcão ſeu ſeñor, pelos deſejos que tinha da paz, o mandaua ali pera fazer tudo o que elle quiſeſſe, q̃ folgaria muito de auer antre elles algũa maneira de amizade, & que o Hidalcão folgaria muito de lhe dar Goa, polo muito que deſejaua de ſerem amigos, mas que os Turcos não queriam cõſentir q̃ lha deſſe, que lhe pedia muito por merce, que quiſeſſe tomar Cintácora, com todas as ſuas terras & rendas, q̃ eram muitas, porque ali tinha hum porto muito bom, onde podia fazer fortaleza ſe quiſeſſe. Afonſo Dalboquerq̃ lhe reſpõdeo, que elle não tinha de que ſe agrauar do Hidalcão, pois todos os acontecimentos da guerra eram guiados pela vontade de noſſo Senhor, & poſto q̃ agora o lançaſſe fora de Goa, que veria tempo em que lhe elle faria outro tanto, & quanto ao mais q̃ lhe dizia, q̃ elle não auia de tomar outra nhũa couſa ſenão a ilha de Goa, com todas as ſuas terras, & que ſe lha deſſe, que ſerião amigos, & ſenão, que não falaſſe mais niſſo. Moſtafação lhe reſpõdeo, que o Hidalcão ſeu ſenhor não auia de dar a ilha de Goa: porque a tinha ganhada, & ſe lha tornaſſe a deixar, abateria muito em ſeu eſtado & credito & chegouſe pera elle & diſſelhe como diſſe, q̃ lhe parecia q̃ ſe quiſeſſe entregar Timoja ao Hidalcão ſeu ſenhor, que os Turcos conſentiriã que lhe deſſe Goa. Afonſo Dalboquerque ficou tam afrõtado de lhe Moſtafação falar em entregar Timoja que lhe reſpondeo ſeueramente, que ſe eſpantaua muito delle, ouſar de lhe cometer tal couſa como aquella, que Timoja fora ſempre muito leal ſeruidor delRey dom Manuel ſeu ſenhor & por ſeus ſeruiços era digno de muita merce & honra, q̃ diſſeſſe ao Hidalcão, que o reyno de Goa era delRey dom Manuel ſeu ſenhor, cada vez que o ſeu capitão géral da India quiſeſſe, & que lhe prometia, que antes q̃ paſſaſſe aquelle verão, elle eſtiueſſe nos ſeus paços de Goa muito deſcançado, & que eſperaua de fazer Timoja, muito grande ſenhor no reyno de Decam, & então ſaberia, ſe era bom o conſelho que lhe os Turcos dauão, & deſpedio o q̃ ſe foſſe no parao aſsi como viera, & trouzerão Diogo Fernandez & Franciſco Coruinel, que lá ficáram em arreſens.

Do que o grande Afonſo Dalboquerque, eſtãdo no rio de Goa, paſſou com certos capitães, ſobre mandar enforcar Rui Diaz & de como determinou de mandar dom Ioão de Lima com os doentes a Cochim. Capitulo. XLII.

Stando o grande Afonſo Dalboquerque no rio de Goa paſſando eſtes trabalhos, que tenho dito, & com muita gente doente, & muita falta de mantimentos, & o tempo ſer tal, que não podião ſair pela barra fora, vieramlhe dizer, que hum Rui Diaz homem darmas, auia muitos dias q̃ entraua de noite cõ as mouras, que tomára em Goa. Sabido iſto, & arreceando q̃ noſſo Senhor lhe deſſe algum grãde caſtigo, ſenão acodiſſe a hum caſo como eſte, mandou chamar Pero Dalpoem ouuidor, & encomendoulhe muito, que ſecretamente ſe enformaſſe deſte negócio como paſſaua, & que foſſe ſeu eſcriuão Lourenço de Paiua ſecretario, & achando a Rui Diaz culpado o prẽdeſſe, & procedeſſe cõtra elle como foſſe juſtiça. Pero Dalpoem começou a tirar ſua deuaſſa ſecretamente, & achou por muitas teſtemunhas, que auia dias que Rui Diaz entraua com ellas. Viſtas as culpas & o lugar & tempo em que cometera eſte delito, julgou que morreſſe morte natural, & mandou o enforcar na nao Flor da roſa, de que era capitão Bernaldim Freire, & indo o meirinho fazer eſta execução, q̃ lhe o ouuidor mandaua, ſairam da galé piquena onde todos eſtauão jũtos Simão Dandrade capitão della, Fernão Perez ſeu irmão, Iorge Fogaça, Franciſco de Sa, & Bernaldim Freire, & paſſaram pela nao Frol da roſa, onde o meirinho eſtaua enforcando Rui Diaz, & deixáram nella Bernaldim Freire, & Franciſco de Sá, & como foram dentro foiſe Franciſco de Sa lógo com hũa eſpada nua ao goroupez da nao, & cortoulhe o baraço, & recolheo o pera a nao. Vendo o meirinho que lhe tomauão o preſo, começou a chamar alto por Afonſo Dalboquerque, que lhe mandaſſe acudir, que lhe tomauã o preſo. Fernão Perez Dandrade, Simão Dandrade, & Iorge fogaça no parao em que hiam, foramſe por eſſas naos, & de hũas pera as outras, começáram a capear com toalhas, requerendo aos capitães da parte delRey, que não conſentiſſem enforcar aquelle homem. O aluoroço era tamanho em toda a armada que ſe não entẽdiam. Os capitães não ſabendo o que era, mandáram alar os ſeus bateis a bórdo, & começáramſe todos a fazer preſtes, pera acodirem onde foſſe neceſſario. Vendo Afonſo Dalboquerque o aluoroço na armada, & q̃ os capitães andauã capeando com toalhas, tendo já recado do meirinho, como lhe tomarão o preſo, meteoſe no ſeu batel com cincoenta homẽs armados, & foiſe demandar o parao, em que andauão Fernão Perez, Simão Dandrade, & Iorge Fogaça, com determinação de os apagar lógo, & a todos aquelles que

aco-

acodissem ao seu apelidar. Como o elles viram no batel, deixáram de correr ás naos como faziam, & vieramse direitos a elle, & como chegáram dissellhes Afonso Dalboquerque, que aluoroços eram aquelles em que andauão, estando toda a gente atemorizada das nouas que auia, dos Turcos virem queimar a nossa armada: & porque bradauã da parte delRey, que se não fizesse justiça de hum homem que fizera aquelle delicto em tempo, que era mais pera trazer hum silicio derredor de si, que pera o cometer, que elle da sua parte mandaua fazer aquella justiça: & dizendo isto saltou Iorge Fogaça no seu batel & dissellhe, que elle não auia de mãdar assi fazer justiça de hum homem tam honrado como aquelle, que mostrasse lógo autos & testemunhas, & o poder q̃ tinha pera o fazer, & Fernã Perez Dandrade & Simão Dandrade tambem eram desta openião, senão que as palauras foram mais honestas. O grande Afonso Dalboquerque porq̃ este desacatamento feito a sua pessoa, não ficasse sem castigo com merecida pena, determinou de os castigar, & felos embarcar na sua nao, & mãdou os meter debaixo da cuberta, carregados de ferros, & disse ao ouuidor que se fosse á nao Frol da rosa, & mãdasse lógo enforcar Rui Diaz. E porq̃ na deuassa que se tirou, acharam Francisco de Sá muito culpado, mãdoulhe que o trouxessem preso, & que o metessem em ferros debaixo da cuberta com os outros, & a Bernaldim Freire sospendeo da capitania da nao sómente porque se prouou q̃ Francisco de Sá o enganara. Como estes capitães foram presos, ficou a gente mais assossegada dos aluoroços em que cada dia andaua, & os capitães dali por diante mais brandos, & honestos em seu falar. Passadas estas cousas, sendo já quinze de Iulho: porq̃ os doẽtes eram muitos, & na armada não auia nenhum remedio pera se curarẽ, pela muita falta que auia de mantimentos, mandou Afonso Dalboquerque fazer prestes dom Ioão de Lima, pera jr por capitão mór de quatro nauios, de que erão capitães Nuno Vaz de Castel branco, Luis Coutinho Francisco Pereira, & Antonio de Matos, & q̃ botasse de fora, & cõ quaesquer mantimentos que achasse, lhe mandasse lógo dous nauios daquelles carregados, & achando em Anjadiua algum capitão que viesse de Portugal com naos, lhe dissesse da sua parte, que viesse surgir diante daquella barra, pera lhe dar fauor & ajuda, & que dali mandasse Nuno Vaz com os doentes a Cochim, & deulhe hum regimento do que auia de fazer, & onde o auia de esperar, & mandou a Timoja que se fosse com suas atalaias a Onor, pera lhe auer tambem algũs mantimentos, & como foram

todos

todos prestes fizeramse á vela, & foram demandar a barra, & porque o vẽto era muito, & não poderam botar de fora, sorgiram junto do banco, & ali estiueram esperando tempo pera sairem, & fazerem sua viagem.

De como o grande Afonso Dalboquerque se fez á vela com determinação de sair com toda a armada de fora, & a causa porque não sabio, & o mais que passou. Capit. XLIII.

Artido dom Ioão de Lima com os nauios pequenos & Timoja com suas atalaias (como tenho dito) vendose o grande Afonso Dalboquerque cada dia afrontado dos capitães & da gente, com requerimentos q̃ se saisse, não sendo tempo pera ir a Cananor nem a Cochim, nem a barra dar jasigo pera poderem botar de fora, determinou por acabar com elles, & tambem por lhes mostrar q̃ não podia ser o que elles queriam, de lhe fazer a vontade, & dali a cinco ou seis dias, que foram vinte hum de Iulho, mandou fazer toda a armada á vela, & vieram demandar a barra, onde ainda acharão dom Ioão de Lima & Timoja surtos, por não ser tempo pera poderẽ sair. Como o Hidalcão soube que a nossa armada hia á vela, cuidandando que sairiam lógo pela barra fora, mandou Roçalcão com toda a gẽte de pé & de cavalo, que auia na cidade, que se fosse por terra direito á barra, & visse ao sair della, se podia fazer algũa afronta ás nossas naos. Chegando Roçalcão mandou lógo assentar hũa bombarda grossa que leuaua, em hum outeiro alto da banda de Bradez, que está sobre a entrada da barra, & começáram dali átirar ás nossas naos, & meteram quatro pilouros no costado de Frol dela már, & todas as outras foram bem varejadas da bombarda, & mataramlhe algũs homẽs: & polo tẽpo tornar outra vez a carregar muito, & a nossa armada não estar segura naquelle lugar, tornaramse a fazer á vela pera dentro, & vieram sorgir onde dantes estauão, & dom Ioão de Lima tambem com os seus nauios, & Timoja com as suas atalaias. Quando a noua chegou á cidade, que Afonso Dalboquerque tornaua outra vez pera dentro: porque a fortaleza estaua só sem gẽte nenhũa, por serem todos na barra, foy tam grande o aluoroço & medo nos que ficaram nella que o Hidalcão com suas molheres fugio & deixou a. E depois de todas as naos estarem amarradas,

radas, pela muita necessidade que nellas auia de mantimentos, mandou Afonso Dalboquerque a Garcia de Sousa, que fosse lógo aquella noite cõ as galés, paraos, & bateis, saltear algũa ilha daquellas do rio de Goa, & trabalhasse por auer algũs mantimentos, & como foram prestes partiram á mea noite, & foram pelo rio arriba dar em hũa ilha, onde tomaram algũ arroz, & hũas poucas de vacas & palmitos, & outros refrescos, & catiuaráo duas filhas de hum Braminá de Goa, que estaua ne ilha, & poseram fogo á pouoação & tornaram se pela menhaá, & Afonso Dalboquerque mandou repartir tudo igualmente por toda a gente da armada, de que todos ficáram contentes.

¶ Passados cinco ou seis dias veio Timoja a Afonso Dalboquerque, & dis-selhe que o Bramina, pai das moças, que Garcia de Sousa tomára, lhe mãdára dizer, que se lhe quisessem dar suas filhas, que elle diria onde estaua hum zambuco pequeno, carregado de arroz, & de outras semẽtes da terra & que tambem na ilha podiam fazer algum salto. Afonso Dalboquerq̃ pareceolhe bem, & deulhe as moças, & mandou Diogo Fernãdez de Béja, & Gaspar de paiua nos bateis, que fossem em companhia de Timoja áq̃lle ardil do Bramina, & partiram de noite, & foram ter á ilhá onde elle estaua esperando, & ali tomaráo o zambuco & cincoenta vacas, & Timoja lhe deu as filhas que leuaua consigo. Feito isto tornaramse a recolhér, antes q̃ fosse menhaá, & porque isto era já na fim de Iulho, & os nauios pequenos podiam com menos perigo sair de fora, mandou Afonso Dalboquerque a dom Ioáo de Lima que se partisse logo, & disse a Timoja que se fosse a Onor, & lhe fizesse prestes todos os mantimentos que podesse: porque sua determinação era pela noua que tinha de se o Hidalcáo querer jr, esperar ali com as naos grandes a armada, q̃ viesse de Portugal. Partido dom Ioáo de Lima, como os capitáes, souberã a determinação de Afonso Dalboq̃rq̃ foramse a elle & fizeramlhe muitos requerimentos, que se saisse fora do rio, & fosse reformar sua armada a Cochim: porque náo tinha mantimẽtos pera esperar ali, & elle lhe disse, que se elles estauáo em necessidade que sua pessoa náo estaua fora della, que lhes pedia muito que sofressem, & tirassem a gente dos medos em que a punham, porque elle era certeficado, que os senhores do reyno de Decam estauáo aleuantados contra o Hidalcáo, & os seus guazis lhe mandauáo cada dia cartas, & frechas quebradas, que era sinal de homés cercados, & forçadamente auia de acodir lá, porq̃ náo no fazendo, punha em risco de perder seu estado, & com estarem na-

quelle

quelle rio com aqlla armada, obrigaua mo nó ter ali toda sua gente, & desta maneira, ou auia de perder hũa cousa ou outra. Os capitães ainda que sabiam muito bem todas estas cousas, não deixáram de fazer seus requerimentos, que se fosse a Cochim, & que de lá viria de maneira, que podesse fazer quanto quisesse: & como Afonso Dalboquerque não podia acabar cósigo deixar Goa, pediolhe que esperassem ali quinze dias, & q̃ passados faria tudo o que elles quisessem: porque sabia certo, q̃ o Hidalcão se queria ir pera suas terras, & q̃ todo o tempo q̃ ali estiuera, fora mais forçado dos Turcos, que por sua vontade, & pera saberem ser isto verdade, não lhes daua outra proua, senão as muitas vezes que lhe o Hidalcão tinha cometido pazes, offerecendolhe terras & lugares pera fazer fortaleza: não sendo Goa, estando elles naquelle rio com tátos trabalhos & necessidades como sabiam. Os capitães por cima de todas estas rezões, & outras q̃ lhes Afonso Dalboquerque deu, pera esperarem a determinação do Hidalcão, seguiram sua opinião, & tornáramlhe a requerer muitas vezes que se saisse. Vendose elle desesperado da ajuda dos capitães, & que forçadaméte auia de fazer o que elles queriam, mandoulhes que se fizessem prestes: porque no primeiro tempo que a barra desse lugar lhes faria a võtade & se sairia.

De como o grande Afonso Dalboquerque sahio do rio de Goa com toda a armada, & de como no caminho topou com Diogo Mendez, que vinha de Portugal, & o que passou com elle. Capitulo. XLIIII.

Endo já quinze dias do mes de Agosto, de mil quinhentos & dez, que a barra estaua pera poderem sair, mandou aos capitães que leuassem suas ancoras, & se fizessem á vella, & porque aquelle dia não poderam botar de fora por ser tarde, foy a armada toda ancocorar sobre o banco da barra, & ao outro dia pela menhaã cedo botáram de fora, & fizeram seu caminho direito a Anjadiua, & naquelle dia ao sol posto, ouueram vista de cinco vellas, que vinham do már reconhecer a terra. Afonso Dalboquerque mandou lógo a Antonio da Costa capitam do Rey pequeno, & Duarte de Melo do Rey grande, q̃ as fossem demandar, & soubessem que naos eram, & donde vinham: os

quaes

quaes se fizeram na sua volta pera as reconhecerem, & por ser já noite per deramnas de vista, & ao outro dia pela menhaã, vieram as naos tér com a nossa armada, & era Diogo Fernandez de Vasconcellos, q̃ vinha de Portugal por capitão mór de quatro naos, pera jr a Malaca, & Francisco Marrecos capitão do Bretam da armada do Marichal, que inuernára em Moçambique. Afonso Dalboquerque sabendo que era Diogo Mendez, mãdou o lógo visitar, & que fizesse seu caminho a Anjadiua & que lá se veriá, & a dezasete do dito mes, foram todos surgir em Anjadiua, & depois de toda a armada surta, veio Diogo Mendez com todos seus capitães visitar Afonso Dalboquerque, & deulhe nouas de Portugal, & da armada q̃ aquelle anno partira, em que vinha por capitão mór Gonçalo de Siqueira. Afonso Dalboquerque lhe disse que folgaua muito com a vinda de Gonçalo de Siqueira ser naquelle tempo: porque tinha deliberado com todas suas forças, tornar a cercar Goa, & cometer os imigos, porque tinha entendido, que o podia bem fazer, & deulhe conta de tudo o que passara em Goa, & do estado em que ficaua: & depois de estarem falando nestas cousas, despediose Diogo Mendez & foise pera a sua nao, & ao outro dia pela menhaã veio só ter com Afonso Dalboquerque, & deulhe hũa carta delRey dom Manuel, em que lhe encomendaua muito & mandaua, que desse breue despacho, & todo o bom auiamento a Diogo Mendez pera sua viagem: porque compria asi a seu seruiço. Elle lhe disse que compriria inteiramente o que sua Alteza mandaua, & que alem deste ser o respeito principal, por amor delle folgaria de fazer tudo o que podesse, & lhe daria pilotos & o mais que fosse necessario. Diogo Mendez lhe beijou as mãos por aquella vontade que tinha, de lhe fazer merce & despachar, que se o lógo despachasse, que elle esperaua em Deos de ser primeiro em Portugal que as naos de carrega, & que lhe certeficaua, q̃ por chegar á India naquelle tempo, com os desejos que tinha de seruir elRey, passara grãdes trabalhos naquella viagem, por querer tér sempre á vella, & que tambem trazia hũa carta delRey pera Timoja, em que lhe mãdaua que lhe desse pilotos pera sua viagem, que lhe dissesse o que faria nisto. Afonso Dalboquerque lhe disse, que Timojá não tinha pilotos q̃ lhe dar, & que todauia lhe desse a carta porque auia de folgar muito com ella, que se fosse pera a sua nao & se fizesse prestes: porque elle determinaua de se partir lógo caminho de Cananor, & o mesmo mandou dizer a todos os capitães, & que lá falariam.

¶ Aquelle

¶ Aquelle dia á noite que foram dezanoue do dito mes, se fizeram todos á vella & foram sorgir dauante Onor, & como foram surtos, mandou Afonso Dalboquerque recado a Timoja, que lhe viesse falar, & achou ali Bras Vieira, que elle tinha mandado por Tanadar a Cintacora, com todos os officiaes que de Goa leuou: o qual por causa da gente do Hidalcão não pode tornar a Goa, & foy por terra tér a Onor. Timoja como lhe deram o recado, veio lógo tér com elle, & em chegando, Diogo Mendez o abraçou, & deulhe a carta delRey, com a qual foy muito ledo, & disselhe que elle era vassalo delRey de Portugal, & em tudo o seruiria, & disse a Afonso Dalboquerque, que como elle saira pela barra fora com sua armada, dali a tres dias se partira o Hidalcão pera suas terras, & q̃ elle partido, todas as teras de Goa & Saste, até Cintacora, & da outra banda até Cõdal se aleuantáram, & lhe matáram todos os Tanadares mouros, q̃ tinhá na terra pera arrecadarem os direitos. Elle lhe disse, que folgaua muito cõ aquellas nouas, & que lhe rogaua, & encomendaua que os mantiuesse em aquelle odio até sua tornada, que esperaua em Deos que fosse muito cedo & que tiuesse muitos mantimentos prestes: & depois de passarem todo aquelle dia em muitas cousas q̃ estiueram falando, despediose de Timoja & partiose com toda a armada, & Diogo Mendez em sua companhia cõ as suas naos, & a vinte & seis do dito mes chegou a Cananor, & por ser já tarde não sahio aquelle dia em terra, & ao outro pela menhaã desembarcou, & chegando ao cais (onde estaua Rodrigo Rabelo capitão da fortaleza com toda a gente esperando por elle) dali se foram todos á fortaleza (tirádo Diogo Mendez & os seus capitães q̃ não desembarcará) & estádo todos assentados praticádo, disselhe Rodrigo Rabelo q̃ tinha noua certa polos mouros mercadores de Cananor, q̃ os Rumes erá partidos de Suez, com hũa grossa armada a socorrer Goa; & que tambem chegára ali hũa nao que vinha de Diu, que dera as mesmas nouas. Como Afonso Dalboquerque soube estas nouas, disse a Rodrigo Rabelo & a todos os outros capitães que ali estauão, que Diogo Mendez em Anjadiua lhe pidira, que o despachasse lógo, pera fazer sua viagem pera Malaca; que lhe dissessem selhes parecia bem deixalo jr asi como vinha ordenado, tendo aquella noua certa da vinda dos Rumes, ou se o deteria até a vinda de Gõçalo de Siqueira, & depois de Rodrigo Rabelo & todos os outros capitães dizeré seus pareceres, disse Garcia de Sousa que elle, pelo q̃ sabia da nauegaçã de Malaca (porque fora lá com Diogo Lopez de Siqueira) até quinze dias

de

de Setembro, não se podia perder viagẽ: mas antes lhe ficauão os tempos milhores pera sua nauegação, & q̃ Diogo Mẽdez deuia de esperar até este tẽpo, & q̃ entam se tomaria certa determinação, se seria mais seruiço del-Rey tomar estas naos, polo aluoroço que auia na India da vinda dos Rumes, ou deixalas fazer sua viagem. Os capitães, depois de ouuido Garcia de Sousa foram deste parecer, & Afonso Dalboquerque com elles.

De como Afonso Dalboquerque chegou à Cananor, & se vio com o Rey, & da chegada de Duarte de Lemos, & Francisco Pantoja, & do que Afonso Dalboquerque passou com elle, Capit. XLV.

PAssados algũs dias depois desta pratica que o grande Afonso Dalboquerque teue com os capitães, mandou dizer ao Rey de Cananor q̃ desejaua muito de se vér cõ elle, q̃ lhe pedia por merce q̃ lhe desse licẽça pera o fazer: & como o Rey estaua já em determinação de o jr visitar, mandoulhe dizer q̃ se deixasse estar, q̃ elle se jria ver cõ elle na praia fora da fortaleza. Assentado isto mãdou o Rey armar hũa tẽda naquelle lugar, onde se auiá de vér, alcatifada toda por dẽtro de alcatifas muito ricas, & hũ catle, cõ hũ pano de seda por cima, & almofadas do mesmo teor, em q̃ auia de estar assentado, & como tudo foi concertado, veio o Rey da cidade esperar ali Afonso Dalboquerque, & trazia consigo Mamalle, & o Alguazil de Cananor, & os regedores da terra, & outros muitos mouros honrados, & cinco mil Naires da sua guarda: todos de espadas & adargas. Chegado o Rei sahio Afonso Dalboquerq̃ da fortaleza acõpanhado de todos os capitães mui bẽ atauiados, & toda a outra mais gente armada, & foise á tẽda onde o Rey de Cananor estaua lãçado no catle, & detras de si tinha hum page, com hũa espada de ouro, & outro com hũa cimitarra de ouro: & tanto q̃ chegou, foise a elle cõ grande cortezia pera lhe beixar a mão, & o Rey sem se aleuantar do catle o recebeo com muito gasalhado & prazer. Passadas estas cortezias, mandoulhe Afonso Dalboquerque apresentar as chaues da fortaleza, em hum bacio de ágoa ás mãos, laurado de Bastiães & tomou a Rodrigo Rabelo pela mão que era capitão della, & disse ao Rey que elle lhe entregaua aquellas chaues, & mandaua ao capitão que ali estaua presente, que fizesse o que lhe elle mandasse, & estiuesse sempre á sua orde

nança: porque aquella fortaleza era ſua, com toda a gente que nella eſtaua, porque aſsi o queria elRey dom Manuel ſeu ſenhor, & por eſta cauſa deſejára ſempre de ſe vér com elle & de o ſeruir, & que todas as ſuas couſas ſeriam ſempre mui bem tratadas delle, & que eſtimaua tanto velo, que agora auia por firme a amizade que elle tinha com elRey ſeu ſenhor, & que dali por diante o ſeruiria com todas as armadas & gente que na India tinha. O Rey lhe deu grandes agradecimentos por aquellas palauras, dizendo que elle cria verdadeiramente ſer tudo o que lhe dizia aſsi, pola grande amizade que em ſeu coração tinha com elRey de Portugal ſeu jrmão, & quando compriſſe, por ſuas couſas poria todo ſeu eſtado cada vez que lho elle requereſſe, & que as chaues elle as recebia da ſua mão, & as entregaua áquelle capitão delRey ſeu jrmão, & que por as couſas andarem deſuiadas não fizera aquillo mais vezes, mas nem por iſſo deixára de ſer muito amigo dos Portugueſes, & que bem ſabia o capitão da fortaleza, que ali eſtaua, como os ſeus officiaes faziam ſuas couſas, & como elle acodia ao que lhe mandaua requerer, & dali por diante o faria de milhor vontade, polo grande contentamento que tinha de vér ſua peſſoa, & da grande fama que delle auia antre os mouros: & por ſer a primeira vez que ſe viram, paſſará muitas couſas de parte a parte, com grande contentaméto & moſtras de muita amizade. Paſſada eſta pratica o Rey ſe deſpedio de Afonſo Dalboquerq̃, & foi pera a cidade, & fez merce aos capitães de tres peças de veludo, & dez de chamalote, & Afonſo Dalboquerque ſe recolheo pera a fortaleza, & paſſados dous ou tres dias chegou Duarte de Lemos, que andaua por capitão mór da coſta de Arabia cõ quatro naos, & Franciſco Pantoja em ſua cõpanhia, q̃ fora prouer a fortaleza de Çacotorá (como a tras tenho dito) & trazia conſigo a nao meri, q̃ Franciſco Pantoja tomára no caminho, & como chegou, Afonſo Dalboquerque o mandou lógo viſitar á nao por Antonio de Liz q̃ era ſeu eſcriuão, & dali a dous dias veio Duarte de Lemos a terra, & elle o foi receber á praia cõ todos os capitães, & vierãſe á fortaleza.

¶ Paſſadas ſuas corteſias, diſſelhe Duarte de Lemos q̃ ſua vinda fora com muita neceſsidade, por não tér nauios pera cõprir cõ as obrigações de ſua capitania mór, & aquelles q̃ trazia conſigo, a força de bombas ſe ſoſtinhã ſobre a agoa, que lhe pedia muito por merce, q̃ o deſpachaſſe lógo, & viſſe as naos que lhe auia de dar, pera as fazer preſtes: & q̃ dom Afonſo de Noronha ſeu ſobrinho partira de Çacotorá o Abril paſſado, na nao ſancta

Cruz,

Cruz,&leuara em ſua companhia Fernão Iacome ſeu cunhado,& Diogo Correa,& o padre frey Antonio,& outras muitas peſſoas, & q̃ depois de ſua partida nunca mais ſoubera nouas delle,& que pois até aquelle tẽpo ali não era nem recado ſeu,q̃ deuia de ſer perdido. Afonſo Dalboquerque lhe peſou muito com eſta noua: porque naquelle tẽpo(ſegundo as neceſſidades da India) foy grande perda pera elle,& fez lhe renouar a dor que tinha,da morte de dõ Antonio de Noronha ſeu ſobrinho:& depois de lhe dar conta de tudo o que paſſara na cidade Goa, & como ſaira della, lhe diſſe perante Rodrigo Rabelo capitão da fortaleza,& outros capitães que ahi eſtauão preſentes, que lhe pedia por merce, que não fizeſſe nenhum abalo de ſi, até a chegada de Gonçalo de Siqueira,que tinha noua que vinha de Portugal por capitam mór de hũa armada,pera tomarem final determinação nas couſas de Goa,& no aſſento da India,que eſtaua toda abalada com as nouas que auia dos Rumes. Duarte de Lemos lhe reſpondeo, que a principal ſegurança da India era, guardar as portas do eſtreito de Meca, no qual ſe não tinha tomado aſſento, como elRey dom Manuel mandaua que ſe fizeſſe, & a cauſa diſſo era, não lhe mandar o Viſorrey nem elle, as galés que ſua Alteza tinha eſcrito que lhe mandaſſem, & quanto á ſua eſtada até a vinda de Gonçalo de Siqueira, que elle o faria aſsi, pois compria a ſeruiço delRey. Paſſada eſta pratica, pediolhe muito por merce que perdoaſſe a Fernão perez Dandrade, & Simão Dandrade ſeu jrmão, & aos outros fidalgos que tinha preſos, & os mandaſſe ſoltar, & Afonſo Dalboquerque, poſto que elles mereciam caſtigo polo que tinham feito, por lhe fazer a vontade, mandou os ſoltar todos, & tornoulhe ſuas capitanias, tirando á Iorge Fogaça: porque a eſte como autor principal das deſcorteſias, que lhe foram feitas no rio, não lhe quis tornar a ſua. Duarte de Lemos depois de os deixar todos em ſua caſa, tornouſe pera a ſua nao, & lá lhe mandou Afonſo Dalboquerque dar tudo o que foſſe neceſſario pera a ſua meſa,& pera todos aquelles que comeſſem com elle, como a ſua propria peſſoa, & teue ho ſempre em crédito & autoridade, de capitam mór da ſua armada & gente,com fundamento que o ajudaria no negócio de Goa. Como ſe Duarte de Lemos foy pera a ſua nao, veyo Frãciſco Pãtoja ver a Afonſo Dalboq̃rque q̃ o não tinha ainda viſto depois de ſua chegada,& deulhe cõta de ſua viagẽ,& como no caminho tomara a nao Meri do Rey de Cãbaya,& chegãdo a Çacotorá,Duarte de Lemos lãçara mão

della, & de toda a fazenda que era muita, dizendo que a elle pertẽcia, por ser tomada nos limites da sua capitania mór, & fazẽdolhe elle muitos requerimentos que não entendesse na nao, nem na fazenda que nella vinha por pertencer a sua Senhoria que era capitão gèral das Indias, debaixo de cuja bandeira elle andaua: Duarte de Lemos não dera por isso, & lhe tomara a nao & as mercadorias, & fizera de tudo o que quisera. O feitor de Cananor que estaua presente disse a Afonso Dalboquerque, que aquella nao & a fazenda que nella vinha era delRey, que lha mandasse entregar, pera a pór em boa arrecadação: porque os officiaes que Duarte de Lemos nella tinha postos, não dauão nada por seus mandados. Afonso Dalboquerque lhe disse, que Duarte de Lemos lhe tinha tambem tomado a joya daquella nao que lhe vinha de direito, & que se calaua por se ná desconcertar com elle, & pois Duarte de Lemos já tinha tomado o milhor della, que lá se auiesse porque elle se lançaua disso. Como Duarte de Lemos não vinha muito contente, por lhe Afonso Dalboquerque não mandar os nauios que lhe mandara pedir por Vasco da Sylueira, nem se jr ajuntar com elle como lhe escreuera que faria, posto que dissimulasse, ficou apassionado destas palauras que soube que elle dissera ao feitor.

Como chegou a Cananor hum embaixador do Rey de Cambaia, falar ao grande Afonso Dalboquerque em pazes, & a reposta que lhe deu, & o que passou com Duarte de Lemos sobre isso. Capitulo. XLVI.

TEndo o grande Afonso Dalboquerq̃ passado cõ Duarte de Lemos as cousas q̃ no capitulo a tras tenho dito, chegou hũ embaixador do Rey de Cãbaya: o qual veio lógo á fortaleza, onde o elle estaua esperando cõ todos os capitães & fidalgos, senão Duarte de Lemos que estaua na sua nao, & nella esteue sempre sem vir a terra, & depois do embaixador dar suas encomendas a Afonso Dalboquerque da parte do Rey de Cambaya, deulhe hũa carta de crença & disselhe, que o Rey seu senhor desejaua muito de tér paz & amizade com elRey de Portugal, & que por muitas vezes lho mandara já dizer, & que agora lhe diziam que sua Senhoria se fazia prestes

prestes pera entrar o estreito de Meca, se assi era que lhe pedia muito, que fizesse o caminho por sua terra, & q̃ elle lhe viria falar, em qualquer porto dos seus que elle quisesse, & ali assẽtariam suas amizades, & que os seus capitães tinhão tomado hũa nao sua, que lhe pedia por merce que lha mãdasse dar: & que lhe fazia a saber que hũs poucos de Portugueses, que se perderam em hũa nao que viera dar á costa em hum porto seu, elle os tinha consigo, & que logo lhos mandaria. Passado isto o embaixador lhe deu hũa carta dos Christãos, que lá estauão catiuos, na qual lhe diziam como dom Afonso seu sobrinho partira de Çacotorá na não sancta Cruz & atrauessando aquelle golfão da India, tomaram hũa nao de Cambaya muito rica, & depois de a terem tomada, sendo tanto auante como os baixos de Padua, dera tam grãde temporal nelles, que correram aruore seca, & vieram tér a hum porto de Guzarates chamado Nabande, & ali dera a nao em hũs baixos & se perdera, & que como a não tocara, dom Afonso cõ cinco ou seis homẽs, parecẽdolhe q̃ a nado se poderiã saluar, por estarẽ perto de terra, se lãçaram ao már em taboas, & como a tormenta era grãde, & o már andaua muito de leuadia, os acapelara de maneira, q̃ todos se afogarã, & os q̃ ficaram na nao esperãdo que fosse baixa már (que seriam por todos cincoenta) se saluaram, & como chegaram a terra, foram logo presos, a requerimento de vinte mouros que consigo traziam, que eram da nao que tomárão: na qual hia Fernão Iacome por capitão, que com o mesmo temporal fora tér ás terras do Hidalcão, & os mouros da terra tomáram a nao, & toda a fazenda que leuaua, & matáram Fernão Iacome, & os Christãos que nella hiam, & que sabendo Gopicaiça Alguazil mór do Rey de Cambaya, q̃ elles ali estauão presos, & a gente da terra os trataua mal, fizera com o Rey que mandasse por elles, & ficauam em Champanel, que pediam a sua Senhoria que tiuesse maneira com que os tirasse. E com esta carta dos catiuos, deu o embaixador outra a Afonso Dalboquerque de Gopicaiça, que he esta que aqui vai escrita.

Carta de Gopicaiça, Alguazil mór do Rey de Cambaya, pera o grande Afonso Dalboquerque.

AMizade verdadeira como tenho com minha alma, Afonso Dalboquerque capitão mór, sempre bem auẽturança vossa seja maior que a de Gopicaiça que na cidade de Champanel abita muitas vezes se vos

encomenda: depois das diuidas encomẽdas vos faço saber q̃ hũa nao vossa pelejou cõ hũa nao de Pauerij, & tomarãna, & dali a leuauã pera Cochim, indo asi deu nelles tormẽta, & veio tér a vossa nao á costa em hũ porto de Guzarate, onde se perdeo, & vierã nella pouco mais ou menos, sesséta homẽs Portugueses, & vinte pessoas da nao de Pauerij. Eu soube q̃ a gẽte da vossa nao tinha mortas certas pessoas da nao de Pauerij, q̃ tomarã, & os q̃ cõ elles vinham disserão á gẽte do dito porto, onde a vossa nao veio tér á costa, pelo qual a gẽte do dito porto os quisera matar, & eu como soube estas nouas o fiz saber ao Rey, & ouue delle mãdado q̃ lógo lhos trouxessẽ & Caixá hũ alcaide de Nabãde os mãdou em ferros ao Rei, & eu lhos apresentei, & elle lhe mãdou lógo tirar os ferros, & lhes mandou dár todas as cousas necessarias pera sua despesa, & vóssas gẽtes vos escreuẽ, polas quaes cartas sabereis q̃ isto he asi: & vós sabei q̃ no reyno de Guzarate, hũ verdadeiro amigo vosso, sou eu, & a tudo o q̃ antre vós & o Rei, de cõcerto & amizade for necessario, eu o acabarei. Hũ homẽ vosso Christã & de cõfiãça ha mister q̃ mãdeis cõ seguro, q̃ as vossas naos não andẽ danãdo o mar, & furtãdo nelle, & os vóssos Christãos mandaremos lógo soltar, & as vossas naos poderã jr & vir seguras aos portos de Cãbaya, cõprando & vẽdendo nelles, & todos os portos de Cãbaya estarã a vosso mãdado, & este vosso homẽ podereis mãdar ẽ hũa nao ao porto de Suret, & poderá trazer algũa cousa boa de seruiço ao Rey, & eu lho apresentarei, assossegarei, & acabarei cõ elle de maneira, q̃ os portos de Cãbaia estẽ a vosso seruiço & sabereis que minha amizade he verdadeira, & por esta maneira será acrescẽtada.

¶ Como Duarte de Lemos soube por Ieronymo Teixeira, & Frãcisco de Sá, q̃ erão autores de todas estas differẽças, que auia antre elles, que o embaixador do Rey de Cambaya era chegado, & Afonso Dalboquerque tinha aceitado sua embaixada, como já andaua mal sofrido, & de sua condição era de animo abstinado, & soberbo, veiose a terra, & disselhe perante Rodrigo Rabelo, que os limites da sua capitania, chegauam até a costa de Cambaya, & por esta rezão a elle pertencia o recado do Rey de Cambaya, & a carta do seu Alguazil, & q̃ não ouuera de receber o embaixador, nem falarlhe, sem primeiro fazer este cõprimento com elle. Afonso Dalboquerq̃ como vio o caminho q̃ Duarte de Lemos leuaua, respõdeolhe muito desapaisionadamẽte. Sñor, tiremos nós os catiuos que lá estam, & castigaime muito bẽ os mouros de Goa, q̃ me quebrarã a cabeça & deixemos por agora esses gouernos & mãdos, & fora muito milhor pois

eu tenho

eu tenho o poder & gente delRey nosso senhor, que fauorecéreis vos este negocio, & respondera mos ao Rey de Cambaya de maneira, que ouuera-mos os Christãos fora de seu poder, & não andardes comigo em differé-ças. Duarte de Lemos lhe disse, que ainda que elle tiuesse a géte & poder delRey, q̃ elle era capitão mór da costa de Cábaya, & q̃ a elle pertenciam aqlles negocios, q̃ por isso não ouuera de aceitar o seu embaixador, senão remeter tudo a elle, & por aqui disse outras palauras mui fortes, & cheas de soberba, & tudo lhe Afonso Dalboqrq sofreo, & disselhe: señor Duarte de Lemos, eu sey bé a reposta q̃ estas vossas palauras mereciá, se eu não fora capitão geral das Indias: mas pois asi he, que não posso deixar de o ser, querome agora valer com vosco do meu entendimento, & daquillo que dizia Tulio a Cesar, pedindolhe q̃ perdoasse a Marcello, ao qual nã queria perdoar. Vince te ipsum, qui vincis omnia. E cõ estas palauras se despedio delle, & Duarte de Lemos se foy pera a sua nao, & lá esteue sempre cõ nome de capitá mór, até q̃ chegou Gonçalo de Siqueira, & lá hiam Ieronymo Teixeira & Frácisco de Sá fazer suas decuções, & Afonso Dalboqr que os quisera castigar por estas emburilhadas, & por outras cousas q̃ lhe já tinha sofridas. E porq̃ estaua em sua mão pera o feito de Goa, deixou os asi engorolados, q̃ se fossem pera Portugal. Passado isto mãdou chamar o embaixador do Rei de Cambaya pera o despachar, & disselhe, q̃ dissesse ao Rey, q̃ elle se ficaua fazendo prestes, pera tornar outra vez sobre Goa, & acabado aquelle feito se iria ver com elle, & assentariã suas pazes: porq̃ elRey de Portugal seu senhor lhe encomendaua muito sua amizade, & q̃ quando lhe comprisse suas armadas & gente, q̃ elle estauã prestes pera o seruir com tudo, que lhe pedia por merce, que lhe mandasse os catiuos que lá estauã. Despachado o embaixador, fez lhe merce em nome delRey & deulhe esta carta pera Gopiçaica em reposta da sua.

Carta do grande Afonso Dalboquerque pera o Alguazil mór do Rey de Cambaya

MVyto honrado & bom caualeiro Alguazil mór do Rey de Cambaya, Afonso Dalboquerque capitão geral & gouernador das Indias, & do reyno & senhorio de Ormuz, & do reino & senhorio de Goa, por elRey dom Manuel nosso senhor, vos enuio minhas encomendas, & minha amizade. Vosso messageiro chegou a mim & foy bem recebido, & honrado, & me deu as vossas cartas com as quaes folguey muyto

por saber que elRey de Cambaia vosso senhor, quer tér pazes com elRey nosso señor: & asi vi em vossas cartas, como essa gẽte delRey nosso señor & dessa nao que se lá perdeo, fora bem recebida do Rey, & agasalhada & bem tratada, & isto se espera dos Reys tam grandes senhores, & que tanto mando tem, & tanta terra & tanta gente, como o Rey de Cambaya fazerem honra á gente de Portugal, & delRey nosso senhor. Como cá soube esta noua que me escreuestes, lógo mandey honrar a gente que se tomou na nao Meri, a qual foy tomada por hũa nao minha, que mandaua a Çacotora, & o capitão mór & gouernador daquellas partes, que aqui está a trouxe consigo: agora veja o Rey que he o q̃ manda da nao & dos mouros: porque em tudo folgarey de o seruir, & asi o fará o capitão mór daquellas partes, que aqui está juntamẽte comigo: a reposta vossa me achará ao longo da costa até Goa, a qual receberey de vos como de meu amigo. Folgaria de me o Rey de Cambaya mandar esses Christãos, porque em todas as outras cousas folgarey de o comprazer, & se farão como elle deseja, & prazerá a Deos que se fará a amizade antre elle & elRey meu señor com a qual elle deue muito de folgar, por ter seus portos seguros, & suas naos & gentes poderem nauegar o már. E espero de chegar lá perto da sua terra, & folgaria de ver recado seu, pera saber com quam boa vontade faço suas cousas, & como folgo de o seruir no que lhe de mĩ comprir, & como tiuer paz & amizade com elRey meu senhor, o ajudarey com todo seu poder & gente que tenho na India. Veja vossa reposta, & se mandais algũa cousa de mĩ escreueimo, folgarey de vos tér por amigo. Escrita em Canor a dezaseis de Setembro.

De como o grande Afonso Dalboquerque mandou Simão Martinz & Garcia de Sousa, esperar as naos que vinhã de Meca, pera saber noua certa da vinda dos Rumes, & do requerimento que lhe Diogo Mendez fez, sobre o deixar fazer sua viagem a Malaca. Capit. XLVII.

DEpois do grande Afonso Dalboquerque tér despachado o embaixador do Rey de Cambaya, desejando saber noua certa da vinda dos Rumes, pera se determinar no q̃ auia de fazer, & tambem porque nestes dias, que auia de gastar em fazer sua armada prestes, pera tornar sobre Goa, não passas-

passassem algũas naos carregadas de pimenta pera o estreito: por serem já dezaseis dias do mes de Setembro, que he o tempo em que as naos q̃ partem do estreito, vem demandar a costa da India, determinou de mandar algũs nauios que andassem espalhados em diuersas partes, a vér se lhe podiam tomár algũa nao destas, pera ser mais certeficado da sua vinda, & pera isto despachou lógo Simão Martinz, por capitão mór de tres nauios, & com elle Francisco Marrecos & Antonio de Matos, & mandoulhe que se fossem ao monte de Deli, & naquella paragem andasse até a fim do mes de Setembro, & tomando algũa nao do estreito, se viesse lógo com ella a Cananor. Partido Simão Martinz com estes nauios em sua companhia, mandou Afonso Dalboquerque chamar Garcia de Sousa & dissellhe, que elle tinha nouas certas, que de Mecà eram partidas algũas naos pera Calicut, que se fizesse prestes com tres nauios que lhe mandaria dar, pera andar dos baixos de Padua até os ilheos de Panane: porque nesta trauessa & paragem era a mais certa nauegação das naos, que sahião do estreito pera Calicut. Garcia de Sousa lhe disse, que se espantaua muito de sua Señoria mandalo áquelle negocio, tendo feito Simão Martinz capitão mór de tres nauios, pera andar na mesma paragem, que elle não auia lá de jr, nem aceitar tal empresa como aquella, senão se Simão Martinz lhe ouuesse de obedecer, & andar debaixo da sua capitania: & porque isto não nacia de Garcia de Sousa, que era muito bom homem, & muito bom caualeiro, & tinha seruido elRey muito bem em todas as partes em q̃ se achou dissellhe Afonso Dalboquerque que lhe pedia por merce, que seruisse elRey, & nã curasse de compitencias: porque Simão Martinz auia de andar em hũa parte, & elle em outra, & que se guardasse dos cõselhos ateixeirados (porque era hum homem que trazia a India reuolta) & se lembrasse quã mal lhe pareceram sempre, as mexericadas em que Ioão da Noua, & os outros seus companheiros andaram, antre elle & o Visorrey, & que não quisesse perder agora quanta honra tinha ganhada. E como Garcia de Sousa era desejoso de seruir elRey, fez o que lhe Afonso Dalboquerque mãdou, & partiose com regimento do que auia de fazer, encomendãdolhe muito que andasse a bom recado: porque tinha sabido, que em companhia destas naos de Calicut, vinham tambem algũas dos Rumes.

¶ Partido Garcia de Sousa & Simão Martinz, dali a tres ou quatro dias veio Diogo Mendez a terra com seus capitães, & foise á fortaleze onde Afonso Dalboquerque estaua, & dissellhe, q̃ elle lhe dissera em Anjadiua,

que tanto que chegasse a Cananor o despacharia, & lhe daria pilotos & tudo o mais que lhe fosse necessario, pera fazer sua viagem a Malaca, & pois o tempo era pera isso, que lhe pedia por merce, que o despachasse & lhe desse licença pera se jr. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que depois de sua chegada, tiuera muitas ocupações, asi cõ o Rey de Cananor, como tambem em despachar algũs capitáes, que mandou guardar aqlla costa, & por isso não tiuera tempo pera falar com os capitáes, que elle os mandaria chamar, & praticaria com elles aquelle seu negocio, & com seu parecer lhe respõderia. Diogo Mendez lhe disse, que as cousas assentadas por elRey nosso senhor, não se deuiam de por em parecer de ninguem, senão comprir os mandados de sua Alteza, & seus contratos & regimentos porque nisto lhe hia muito, & que lhe requeria da parte delRey, que o deixasse fazer sua viagem, asi como de Portugal vinha ordenado, porq̃ no contrato que elRey com elle & com os mercadores fizera, o isentaua logo delle, como podia vér por aquelles papeis, que lhe ali apresentaua. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que elle não tinha necessidade de ver seus papeis, porque elRey náno auia de isentar do seu gouernador, se na india ouuesse necessidades, como estaua certo auelas, & que isto era o q̃ queria praticar com os capitáes. Como Diogo Mendez vio que a determinação de Afonso Dalboquerque era não lhe responder, sem primeiro falar com os capitáes, não quis mais insistir em seu despacho, & foise pera a sua nao.

De como o grande Afonso Dalboquerque praticou com os capitães, se deixaria jr Diogo Mendez a Malaca, & do que se nisso assentou, & do que passou com Diogo Mendez. Capitulo. XLVIII.

Assada esta pratica q̃ o grande Afonso Dalboquerq̃ teue com Diogo Mendez, deu conta aos capitáes (sendo presente Rodrigo Rabelo capitão da fortaleza de Cananor) de tudo o que até li tinha passado com elle: praticada hũa cousa & a outra, assentaram que visto o que acontecera a Diogo Lopez de Siqueira em Malaca, leuando consigo cinco naos, & quatrocentos homés, & a pouca força da armada & gente, & de outras cousas necessarias que

Diogo

Diogo Mendez trazia,pera cometer hum feito tam grande como aqlle era;& tambem as nouas da vinda dos Rumes,& que ſe auia por certo ſerẽ partidas de Suez cincoenta vellas,& dez mil homẽs :que por todos eſtes inconuenientes lhes parecia,que não deuia de deixar jr Diogo Mendez a Malaca:& que deuia de eſperar até o mes de Abril porque até aquelle tem po, teriam as couſas da India tomado aſſento. Aſſentado iſto mandou Afonſo Dalboquerque chamar Diogo Mendez,& os ſeus capitães & diſ ſelhe que elle tinha dado conta a Rodrigo Rabelo,capitão da fortaleza,& aos mais capitães,& que a todos parecia,que era muito ſeruiço delRey, nam no deixar jr aſsi,pelas nouas certas, que auia da vinda dos Rumes, como tambem pelas couſas de Malaca eſtarem tam danadas,que era neceſſario mais força,que aquella que elle trazia de Portugal, pera aſſentar nella pazes,pois Diogo Lopez de Siqueira viera de lá,com a cabeça quebrada,& lhe matáram & catiuáram ſeſſenta homẽs, & eſtiuera em riſco de perder toda ſua armada, ſe não fora auiſado da treição que lhe eſtaua ordenada:& pois as couſas de Malaca eſtauão no eſtado que elle ſabia,que era neceſſario acodirlhe com força,& de maneira que lógo lhe fizeſſem tomar aſſento,porque iſto era o que mais compria ao ſeruiço delRey, que não carregar ſuas naos bem ou mal,& que eſta ſó razam baſtaua, pera lhe não parecer bem fazer aquelle caminho,quanto mais outra q̃ tinha mais força,que era o eſtado em que as couſas da India eſtauão,&as nouas certas da vinda dos Rumes,& Goa aleuantada,& os Reis de Cambaya,& de Calicut,& Rumes,ſerem todos em hum corpo com ella contra nós,& muitas naos feitas por toda aquella coſta até Diu, pera os ajudarem , que lhe pedia muito por merce,que ſe quiſeſſe achar neſte negocio milhor do q̃ até ali fizera,pois nelle hia tanto ao eſtado delRey noſſo ſenhor : porque perdida a India pouco lhe aproueitaua tér Malaca . Diogo Mendez lhe reſpondeo,que elle era tam deſejoſo de fazer as couſas do ſeruiço delRey que a ninguem daria auentagem,& que por iſſo lhe parecia verdadeiramente,que nenhũa couſa compria tanto a ſeu ſeruiço,como em ſer breuemente deſpachado,pera fazer ſua viagem aſsi como vinha ordenado de Portugal: porque ſe não podeſſe carregar ſuas naos em Malaca , que o faria em Samatra, ou em Pegù,que por iſſo lhe pedia por merce, que não ouueſſe inconueniẽtes pera o deſpachar,que ainda que as couſas de Diogo Lopez,ſocedeſſem da maneira que lhe dizia,q̃ elle eſperaua em Deos chegando a Malaca,pór tal recado em ſi,que não tam ſómente carregaſſe

ſuas

ſuas naos,mas tinha eſperança de auer os Portugueſes que lá eſtauão catiuos: & pois elRey na carta que lhe eſcreuera, lhe encomendaua muito a breuidade do ſeu deſpacho,não quiſeſſe inſiſtir tanto em ſua ficada,porque na India auia muitas naos & gente, & a armada de Gonçalo de Siqueira,que muy preſtes alí ſería,com q̃ podia eſcuſar as ſuas naos. Afonſo Dalboquerque apaſsionado hum pouco de Diogo Mendez, diſſelhe q̃ as neceſsidades da India elle as ſabia muito bem, & que ſobre elle carregaua dar conta della a elRey ſeu ſenhor,que por iſſo não fizeſſe fundamẽto de jr a Malaca,pois aſsi eſtaua aſſentado, & que elle o deſpacharia em Abril,& mandaria em ſua companhia outras quatro naos muy bem armadas,& aparelhadas,porque deſta maneira poderia jr ſeguro,& não em quatro naos de cortiça,como as ſuas eram, mal aparelhadas de tudo o que era neceſſario pera hum negócio como aquelle,& que iſto lhe prometia de comprir,ſe as couſas de Malaca naquelle tempo eſtiueſſem em milhor eſtado do que eſtauão. Diogo Mendez lhe reſpondeo,que pois ſua determinação era não o deixar jr a Malaca,que elle como capitã géral delRey de Portugal naquellas partes da India,o podia fazer, mas que era contra ſua vontade,& de ſeus capitães,que elle não vinha ſenão pera ſetuir elRei & ſe lhe parecera que em ficar na India o ſeruia mais, elle o fizera muy leuemente,& foram eſcuſados tantos ajuntamentos ſobre iſſo:porq̃ bem ſabia que niſto ganharia mais que em jr a Malaca, & paſſadas eſtas praticas,dali por diante não curou Diogo Mendez de falar mais a Afonſo Dalboquerque em ſeu deſpacho.

De como Lourenço Moreno,& outras duas naos da companhia de Gonçalo de Siqueira,chegaram a Cananor,& como o grande Afonſo Dalboquerque o mandou aſſentar as pazes com os regedores de Baticalá,& da carta que por elle eſcreueo a Timoja, Capit.XLIX.

Stando o grande Afonſo Dalboquerque cada dia eſperádo a vinda de Gonçalo de Siqueira,pera com ſua chegada tomar certa determinação,da ſua tornada ſobre Goa ſendo já oito dias do mes de Setembro,chegou Lourẽço Moreno capitão da nao bota fogo,o qual vinha pera ſer

feitor

feitor de Cochim,& em ſua companhia Ioão de Aueiro na Baſtiaina, & Lourenço López ſobrinho de Thomé López em outra nao,& aquelle dia que chegaram, foy lógo Lourenço Moreno a terra ver Afonſo Dalboquerque,& depois de lhe dar hum maço de cartas que leuaua delRey dõ Manuel pera elle,lhe diſſe, que Gonçalo de Siqueira partira de Portugal com ſete naos,& trazia muito boa gente,& vindo todos juntos, no cabo das correntes lhe dera hum temporal tam rijo que os eſpalhara a todos,& elle & aqueloutras duas naos correram de longo,& vieram tér a Moçambique,& ali eſperaram algũs dias, & quando viram que tardaua, por ſer já tarde,atraueſſáram pera a India, & ſegundo a paragem em que o deixára & os tempos com que chegou a Moçambique ſerem de viagem,lhe parecia que não podia tardar muito. Afonſo Dalboquerque ficou muito contente com eſtas nóuas que lhe Lourenço Moreno deu da armada que Diogo Lopez trazia: porque eſperaua de ſe ajudar della no negócio de Goa: & depois de falarem em muitas couſas de Portugal, deulhe conta dos trabalhos que paſſara em Goa,& como ſe fazia preſtes pera tornar outra vez ſobrella. Paſſadas eſtas praticas deſpedio Lourenço Moreno,que ſe foſſe deſcançar do trabalho do már, & por não perder tempo no que tinha determinado de fazer,mandou chamar Duarte de Lemos,& todos os outros capitães & diſſelhes,que eſtando elle em Goa,lhe mandára Cõdanechatim,& Naodaquiçar regedores de Baticalá hum meſſageiro,dizendo que queriam tér pazes com elle,& eſtar á obediẽcia delRey de Portugal,& que até entam lhe não reſpondera,porque não tinha naos q̃ podeſſe lá mandar,& que agora era chegado Lourẽço Moreno, & duas naos mui grandes em ſua companhia,que podia jr aſſentar eſte negocio, & de caminho trazelas carregadas de mantimentos pera aquella armada que fazia preſtes,pera tornar ſobre Goa,que lhes pedia que lhe diſſeſſem o q̃ niſto faria. Duarte de Lemos como era erreiro cõ Afonſo Dalboquerq̃, com algũs capitães que eram tambem da ſua parte diſſeramlhe, que com as naos da carrega não auia de querer fazer nenhum negócio, ſenão mãdalas a Cochim carregar,& a Lourẽço Moreno negocearlhe ſua carrega, pois auia de ſer feitor,& não mandalo a hũa couſa tam duuidoſa como aquella,& que poderia ſer que não tornariam a tempo pera tomarem ſua carga: os outros capitães diſſeram, que pois as naos auiam de eſperar por Gonçalo de Siqueira,que bem podia o ſenhor gouernador mandar Lourenço Moreno a Baticalá aſſentar aquelle negócio porque niſſo não

ſe per-

ſe perdia tempo,& ganhauaſe muito em tér pazes com Baticalá, pera ſe prouerem dali de mantimentos,de que podiam tér neceſsidade tomando Goa. Afonſo Dalboquerq̃ foy neſte parecer,& mandou chamar Lourenço Moreno,&deſpachou o lógo pera jr aſſentar eſte negocio,&em ſua companhia mandou as duas naos que com elle chegaram de Portugal,& hum mouro de Cananor chamado Porcaſſem por lingoa, pera jr a terra tratar o negócio,& deulhe hum regiméto do caminho que auia de fazer & hũs apontamentos das condições com que auia de aſſentar a paz, & as principaes eram,que os regedores lhe auiam de dár hũa caſa feita á ſua cuſta,de pedra & cal,em que o feitor delRey de Portugal podeſſe tér ſuas mercadorias ſeguras,&q̃ auiá de pagar em cada hũ anno de tributo, dous mil fardos de arroz,& mandoulhe que acabado eſte negocio com muita breuidade,fizeſſe o caminho por Onor,& ſe viſſe com Timoja,& lhe entregaſſe Lourenço da Sylua, & Fernão Vaz : os quaes lhe mandaua pera andarem por capitães dos gentios que faziam a guerra aos de Goa : & a eſtes dous copitães mandou dar certos homẽs Portugueſes,que leuaſſem conſigo,& ſellas,freos,& todo o mais aparelho de caualos, & deulhe eſta carta que aqui vai eſcrita, que deſſe a Timoja.

Carta do grande Afonſo Dalboquerque a Timoja.

*H*onrado Timoja alguazil mór & capitão da gente de Goa,& ſeñor das terras de Cintacora,por elRey noſſo ſenhor : Afonſo Dalboquerque capitão géral & gouernador das Indias & Perſia,& do reyno & ſenhorio de Ormuz,& do reyno & ſenhorio de Goa, por elRey noſſo ſenhor ,vos enuio minhas encomendas. Bem ſabeis minha determinação, a qual he jr ſobre Goa com voſſo conſelho & ajuda,a qual eſpero em noſſo Senhor que mui aſinha ganharemos. Folgaria de fauorecerdes eſſa gente qne anda em guerra contra os de Goa,& deixardeslhe lograr & comer as rẽdas da terra. Lá vos mando Lourenço da Sylua,& Fernão Vaz, que ſam bós caualeiros & capitães pera gouernar eſſa gente que anda na guera : manday os lógo onde a gente eſtá,& dailhe algũa certa de que ſejam capitães: porque ſam bós caualeiros, & eſpero que o façam bem. Eu ſerey cedo cõ voſco. Folgaria muito que por hũa voſſa fuſta me mandaſſeis nouas ao caminho de como a terra eſtá,& que gente auerá em Goa,& vos com que gente me podeis ajudar,& eſſes mantimentos que vos encomendey que

me tiuesseis prestes, mandai os entregar a LouréçoMoreno pera mos trazer, que tenho necessidade delles. Beijai por mi as mãos ao Rey de Garçopa, & dizeilhe que lhe peço que me ajude com todo seu poder, porque eu espero de muito cedo lançarmos os mouros fóra da terra, & que eu o ajudarey com minha pessoa, caualos, armadas, & gente a ganhar muita terra delles, & o farey maior senhor que todos os outros seus vezinhos, q̃ lhe peço por merce que fauoreça essa gente que peleja por nós, & que não tenha receio dos mouros, porque cedo verá o Hidalcão distroido, & todo seu estado perdido. Como Lourenço Moreno teue suas naos prestes, despediose de Afonso Dalboquerque & foise embarcar, & fez seu caminho dereito a Baticalá.

De como Simão Martinz tomou hũa nao que vinha de Meca muito rica, & veio com ella a Ca anor, & das nouas que dous judeus que se nella tomaram contaram ao grande Afonso Dalboquerque. Capitulo. L.

PArtido LourençoMoreno pera Baticalá, dali a cinco dias chegou Simão Martinz, q̃ Afonso Dalboquerq̃ tinha mandado esperar as naos, q̃ vinhão do estreito (como a traz tenho dito) & trouxe hũa nao que tomára na paragem do monte de Deli, que vinha de Meca pera Calicut, carregada de muitas mercadorias, & antre algũs catiuos que se nella tomaram, foram dous judeus Castelhanos, que deram por noua certa, que os Rumes não podiam vir aq̃lle anno: porque o grão Soldão tiuera grandes differenças com os gouernadores de Damasco, & Alepo, & não ouuera tẽpo pera se poder fazer prestes. Afonso Dalboquerque lhe perguntou, se eram partidas muitas naos do estreito pera a India, & elles lhe disseram que não sabiã nouas de mais naos que daquella & de outra que vinha a tras muito mais rica; porque vieram por terra embarcar á ilha de Çuaquem, & que ali falaram cõ hũ Christão que se chamaua Fernão Gomes, & com hum mouro que hia em sua companhia, & que o Fernão Gomez lhe dissera, que o outro seu cõpanheiro era morto, & q̃ dali se partiram elle & o mouro caminho do Cairo, & passados algũs dias tornaram outra vez a Çuaquem, & por se não concertarem no caminho que auiam de fazer, Fernão Gomez se apartára do

mouro

mouro,& fizera ſeu caminho pera Iudá,& o mouro ſe tornara pelo ſertão de Çuaquem,& que dali não ſoubéra mais q̃ ſe fizera delles. Afonſo Dalboquerque lhe perguntou,que nóuas tinham do Preſte Ioão,& de ſua terra. Os judeus lhe diſſeram q̃ não ſabiam mais delle,ſenão que cada anno hia hũa cafila de Çuaquem,muito perto do már roxo,& hiam tér ao mõte Sinai & dali direitos a Ieruſalem,& em companhia deſta cafila,hia ſempre hum capitão com gente de caualo em ſua guarda,por amor dos alarues:& por ſerem deſertos,& no caminho não auer mantimentos,leuauão muitos camelos carregados delles,& que á ilha de Çuaquẽ hiam tér muitas eſpeciarias da India,& ali embarcauão em geluas(que ſam hũs barcos como carauelas,que nauegam o eſtreito)& hiam tér a Coçaer(hum porto do már roxo) & deſte porto as leuauam por terra a Caná,que eſtá na borda do rio Nillo,que ſerá jornada de tres dias de Coçaer, & ali embarcauã em barcas,& por eſpáço de poucos dias chegauam ao Cairo. E eſtes dous judeus ſe tornáram Chriſtãos: hum delles ſe chamou Franciſco Dalboquerque,& outro Alexãdre Dataide. E Afonſo Dalboquerque em quãto viueo ſe ſeruio delles de lingoas,principalmente de Alexandre Dataide, que ſabia muitas, & era grande homem de negocio. E morto Afonſo Dalboquerque vieramſe pera Portugal,em tempo delRey dom Manuel, & daqui tornáram á India,& da India ſe foram ao Cairo,& lá ſe tornarã judeus. Como Afonſo Dalboquerque foy certeficado da outra nao que vinha de Meca em companhia deſta, mandou Simão Martinz que ſe tornaſſe lógo,& andaſſe naquella paragem,onde topara a nao que tomara:& mandou a Rodrigo Rabelo capitão de Cananor, que ſe embarcaſſe lógo na nao Rumeza,& foſſe ao mar do monte de Deli,eſperar aquella nao,& em ſua companhia mandou Frãciſco Serrão,& Aluaro Paçanha nas duas carauelas,& Afonſo Peſſoa na fuſta,& mandoulhe que ſendo caſo que topaſſe com Garcia de Souſa,& Simão Martinz que lá andauão, que todos tres ouueſſem bom conſelho do que fariam pera auerem eſta nao,& Rodrigo Rabelo ſe partio,& dali a ſete ou oito dias tornáram elle & Garcia de Souſa,& Simão Martinz,& dizeramlhe que em toda aquella coſta nã auia nóua de nenhũa nao que vieſſe de Meca ſenão aquella q̃ Simão Martinz tomara.

¶ Chegados eſtes capitães a Cananor,porque auia dias que Diogo Mẽdez não vinha a terra,diſſe Lourenço de Paiua a Afonſo Dalboquerque, que olhaſſe como eſtaua com Diogo Mendez: porq̃ Ieronymo Teixeira

lhe

lhe dissera, que elle se fazia prestes, & tinha determinado de se jr caminho de Malaca. Afonso Dalboquerque parecendolhe que isto era assi, foise logo de noite ao cais com esses fidalgos & caualeyros, que com elles estauã & mandou a Rodrigo Rabelo, que se metesse em hum batel esquipado com gente, & Pero Dalpoem ouuidor da India em outro, & fossem a bordo da nao de Diogo Mẽdez, & que o chamassem da sua parte, & trouuessem todos os seus capitães, mestres & pilotos presos. Chegado Diogo Mendez á fortaleza, disselhe Afonso Dalboquerque que se espantaua muito delle, quererse jr daquelle porto com suas naos & gente, sem sua licença: pois estaua assentado em conselho, que era seruiço delRey ficar elle na India, & não jr a Malaca. Diogo Mendez lhe respondeo, que elle nunca cuidára tal cousa, nem em tal determinação estaua: mas antes tinha dito aos seus capitães & mercadores, que tinham parte naquella armação, que auia de estar á sua obediencia, & fazer tudo o que lhe mandasse, & que não ouuera de crer, que tal homem como elle ouuera de fazer cousa que merecesse mandalo vir daquella maneyra. E pois lhe não queria dar licença pera fazer sua viagem, que mandasse tomar a armada & desse conta della a elRey nosso senhor, & que do mais estaua ali á sua obediencia, pera fazer o que lhe mandasse. Afonso Dalboquerque por cima destas rezões, tomoulhe a menagem, & mandou ao ouuidor que a tomasse aos outros capitães da sua companhia, que sob pena de caso mayor não se apartassem delle sem sua licença, & todos prometeram de o comprir, saluo Pero Coresma, que disse que Diogo Mendez era seu capitam mór, & que não auia de dar a menagem a ninguem senão a elle. Afonso Dalboquerque o mandou prender no castelo, & esteue preso até o outro dia que lho pediram algũs capitães, & mandou o soltar, & tomar a menagem como aos outros, & a Pero Dalpoem que noteficasse aos pilotos & mestres, que sob pena de morte & perdimento de suas fazẽdas, dali se não partissem sem seu mandado, & feito auto de tudo, tornárãose pera as suas naos. Passados dous ou tres dias, soube Afonso Dalboquerque q̃ não fora verdade isto, que lhe disseram, & que Ieronymo Teixeira o ordenara, porque se Diogo Mendez desconcertasse com elle, & como isto soube mandou ho chamar, & pediolhe muitos perdões daquillo que lhe fizera, & que a culpa que lhe tinha era, não se aduertir das emburilhadas de Ieronimo Teixeira, & que elle lhe prometia, que acabado o negócio de Goa o despachasse muito bem, & lhe desse pilotos, & tudo o que lhe fosse

necessario pera sua viagem, & com todos estes comprimentos não lhe aleuantou a menagem, nem aos pilotos & méstres a pena que lhe era pósta.

Como chegou Gonçalo de Sequeira a Cananor, & do conselho que o grande Afonso Dalboquerque teue com os capitães, sobre o tornar a Goa, & da noua que lhe deram da morte do Rey de Cochim, & do que nisso fez. Capitulo. LI.

PAssadas todas estas cousas que tenho dito, chegou Gonçalo de Sequeira a Cananor, a dezasete dias do mes de Setembro, do anno de dez: o qual partio destes reynos de Portugal pera a India, por capitam mór de sete naos, & com sua chegada ficou Afonso Dalboquerque muito cõtente, & deu muitas graças a nosso Señor, pois em tempo que elle estaua em determinação de tornar outra vez sobre Goa, eram chegadas á India catorze naos, em que podia auer mil & quinhẽtos homẽs Portugueses, cõ os quaes se podia cometer qualq̃r feito, por grande q̃ fosse, de q̃ eram capitães móres Gonçalo de Sequeira, Diogo Mendez de Vasconcelos (como fica dito) & Ioão Serrão de tres nauios, q̃ elRey dõ Manuel mandaua a descobrir & sondar as portas do estreito do már roxo. Gonçalo de Sequeira aquelle dia q̃ chegou, foy lógo a terra ver Afonso Dalboquerq̃, & elle o veo receber cõ todos os capitães, & fidalgos q̃ ali estauão ao cais, & trouxeo á fortaleza, & depois de todos estarem falando em nóuas de Portugal, deu Gonçalo de Sequeira a Afonso Dalboquerque as cartas que trazia delRey dom Manuel pera elle, & hũa pera Duarte de Lemos, q̃ lhe lógo mãdou á nao onde estaua, em que lhe elRey dizia q̃ entregasse toda a sua armada & gẽte a Afonso Dalboquerque, & que se fosse pera Portugal, & que elle lhe daria embarcação pera sua pessoa, & pera os seus. Cõ esta carta ficou Duarte de Lemos mais brando, & fóra das esperãças em que o Ieronymo Teixeira, & Frãcisco de Sá tinhão posto, que acabado elle seu tempo, auia de ficar por gouernador da India, pois socedera na capitania mór da cósta de Arabia, por morte de Iorge Daguïar seu tio, que ouuera de ser gouernador da India se viuera, & isto não era asi, porque a socessam da gouernança da India

tinha a dom Afonso de Noronha se fora viuo. Passado este dia que Gonçalo de Sequeira chegou, como Afonso Dalboquerque não cuidaua em outra cousa, senão em tornar a cometer Goa, & desejoso de tomar determinação no negócio, antes que se gastasse mais tempo, ao outro dia mãdou chamar Gonçalo de Sequeira, Duarte de Lemos, & Diogo Mendez & os mais capitães que ali estauão, & juntos todos deulhe conta do que passara em Goa, & no rio, o tempo que ali estiuera, & que depois de ser fora delle, chegando a Onor, lhe dissera Timoja, que o Hidalcão se fora lógo com todo seu exercito, porque todos os señores do reyno de Decam eram aleuantados contra elle, & que pela guerra que com elles tinha, não podia acodir a Goa, & que nesta conjunção a podia tomar, & ser senhor della, que lhes pedia que pois o negócio de Goa estaua neste estado, que lhe dissessem o que faria. Os capitães sobre estas rezões q̃ lhe Afonso Dalboquerque apresentou, tiueram tres conselhos, em que ouue muitas differenças & diuersos pareceres, porq̃ Gonçalo de Sequeira & Duarte de Lemos & os capitães q̃ auiam de tornar pera Portugal diziam q̃ era mais seruiço delRey dom Manuel jr assentar as pazes com o Rey de Cambaya, pois estaua desejoso dellas, & as pedia com muita efficacia, que não tornar sobre Goa, que era cousa muito duuidosa, & de muito perigo & nenhum proueito pera elRey de Portugal (mas elles dauam esta euasam porque queriam mais carregar suas naos & tornarem pera Portugal, que tomaré experiencia por si dos trabalhos que os seus naturaes tinham passado no rio de Goa) Diogo Mendez & os seus capitães, com todos os fidalgos & a mais gente da India, foram de parecer que tornassem sobre Goa, pois o Hidalcão estaua tam remoto, que a não podia socorrer tam depressa, & posto que viesse, seria a tempo que os nossos teriam o negócio acabado, & não socedendo como todos esperauão em Deos que fosse, ainda lhe ficaua tempo pera jr a Cambaya verse com o Rey & assentar as pazes. Assentado por mais votos, que se tornasse a cometer a cidade de Goa, disse Afonso Dalboquerque a Duarte de Lemos, & a Gonçalo de Sequeira que lhe pedia por merce, que quisessem ser com elle em aquella empresa, porque como Goa não podia ser socorrida do Hidalcão, por causa da guerra que tinha, pouco tempo lhe abastaua pera a tomar, & em isto não perdiam nada de sua viagem. Elles se escusaram & deram suas rezões por onde não podiam ser cõ elle naquelle negócio. Bem creo eu q̃ depois de a veré tomada dérã muito por se acharé naquelle feito, por não virem

com tão mao nome pera Portugal. Afonso Dalboquerque não ficou muito contente delles, & com tudo mandou fazer sua armada prestes, & todas as cousas que lhe eram necessarias, com determinação de com essa gente com q̃ se achasse, cometer este feito, & tudo o mais deixalo a Deos que o guiasse, como fosse mais seu seruiço.

¶ Andando Afonso Dalboquerque nesta pressa, chegou hum Catur de Cochim com hũa carta do Rey pera elle, em que lhe dizia q̃ o Rey seu tio era morto, & que algũs mouros seus imigos, & outros que se chamauão amigos, se aleuantaram contra elle, & se foram pera hum seu primo que queria ser Rey, tudo por conselho do Rey de Calicut, pera o meterẽ de posse da terra, que lhe pedia por merce que se os negócios o não tiuessẽ muito occupado, que quisesse lá chegar, porque elle não tinha ninguem com que podesse tomár conselho nem esforço senão com elle, porque o seu primo que queria ser Rey estaua em Vaipim, & que todos os senhores que o vieram vér lhe diziam, que se fosse meter na coua, & não no querẽdo fazer, que o auia o primo de matar, & que o maior contrairo que tinha era o Rey de Calicut: & com todas estas opressões elle se não auia nũca de apartar do seruiço delRey de Portugal, porque auia de fazer sempre o que seu tio fizera nos trabalhos que os Portugueses tiuerã na India depois de ser descuberta. Afonso Dalboquerque deu conta desta carta aos capitães, & todos foram de parecer que deuia de acodir a este negócio cõ muita pressa, antes que o Rey de Calicut metesse mais as mãos nelle. Afonso Dalboquerque determinou de se partir lógo, & mandou a Gonçalo de Sequeira com as naos da sua companhia, & os capitães que ficarã da armada do Marichal, que se fizessem prestes pera o outro dia pela menhaã partirem com elle pera Cochim, & lá os despacharia pera Portugal: & esquecido das differenças que teue com Duarte de Lemos, deixou ho em Cananor em seu nome, com todo poder & mando de gouernador como sua pessoa.

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio pera Cochim, & assentou as differenças que auia antre o Rey & seu primo, & o que passou com os capitães estando em Cochim. Capitulo. LII.

Ao

O outro dia que foram vinte & dous dias do mes de Setẽbro á tarde, partio o grande Afonso Dalboquerq̃ pera Cochim, & leuou cõsigo Gonçalo de Sequeira cõ todas as suas naos, & as que ficáram da armada do Marichal, pera tomárem sua carga, & partirem pera Portugal, & as duas galés, & a nao Rumeza, & deixou toda a outra armada repartida ao longo da costa, pera defenderem que não entrasse em Goa nenhũa não que viesse do estreito, nem de outra nenhũa parte com mantimentos. E chegou a Cochim a vinte & seis do dito mes, & foise lógo a terra vér o Rey, que estaua já esperando com todos os Caimais de sua valia, & com outra muita gente por elle, & foram assi todos á fortaleza, & ali lhe tinha o capitão hũa casa muito bem concertada, onde se assentaram, & depois de lhe o Rey dar grandes agardecimentos, por aquella merce & honra que lhe fizera, em vir a seu chamado, deulhe conta dos seus trabalhos, & que os Bramenes lhe diziam, que pois seu tio era morto, que por obrigação se auia de jr meter na coua (porque este era o seu costume antiguo.) Afonso Dalboquerque lhe disse que pois elRey dom Manuel seu senhor o mandára jurar por Rey em vida de seu tio, que elle auia de ser Rey, & que não curasse de seus costumes, nem do que lhe os seus Bramenes diziáo, porque isto auia asi de ser, & que estiuesse firme em seu Reyno: porque elle & todos os Portugueses que ali estauam, & outros muitos que elRey seu senhor mandaria de Portugal, auiam de morrer por seu seruiço, & polo soster em seu estado, & que mandasse dizer a seu primo (se ainda estaua em Vaipim) que lógo se fosse & deixasse a ilha, porque náo no querendo fazer, determinaua de dar nelle & distroilo, & a todos aquelles que com elle estiuessem. E porque Afonso Dalboquerque em quanto gouernou a India, vsou sempre de artefícios com os Reis & senhores della, polos amedrontar & trazer á sua amizade, & conseruar a autoridade do estádo delRey dom Manuel, dizendo isto, aleuantouse da cadeira em que estaua & arrancou de hũa espada, & disselhe que não temesse todo o poder do Rey de Calicut, porque elle era seu Naire, & que por elle auia de morrer quando lhe comprisse, & que a seu primo não lhe auia de valer o Rey de Calicut, nẽ seus pagodes, & pois isto tinha certo, q̃ lhe pedia por merce, q̃ fosse sempre verdadeiro & leal amigo delRey dõ Manuel seu señor, & lhe reconhecesse o amor & boa vontade com q̃ o

 man-

mandara aleuantar por Rey & fizesse de maneira que não perdesse isto: porque nenhũa outra cousa o podia distroir, senão desagardecer a elRey seu señor a merce que lhe fizera, & que elle lhe prometia que acabado o feito de Goa lhe desse boa vingança do Rey de Calicut. O Rey lhe respõdeo, q̃ elle era vassalo delRey de Portugal, que por isso não tinha que dizer áquellas palauras senão que faria sempre o q lhe elle mandasse da sua parte. Acabada esta pratica o Rey se foy pera os seus paços, & mandou dizer a seu primo, que estaua em Vaipim, da parte do grande Afonso Dalboquerque, que deixasse a ilha & se fosse lógo: porque nãono fazendo iria sobre elle com toda a sua gẽte, & o distroiria. O primo como soube q̃ Afonso Dalboquerque era chegado, com determinaçã de o jr buscar & distroir deixou a ilha & as differẽças q̃ tinha cõ o Rey de Cochim & foise.

¶ Assentadas estas differenças, mandou Afonso Dalboquerque chamár Gonçalo de Sequeira, & todos os capitães & officiaes delRey q̃ estauam em Cochim & disselhes, que em todos os conselhos passados que tiuera sobre o negocio de Goa, não quisera dizer seu parecer, por não cuidarem que queria cometer temerariamente aquelle feito mais por vingança do passado, que por ser cousa importante ao seruiço delRey seu señor: & que agora se affirmaua, que não se tomando Goa: se a liga que estaua feita antre o Hidalcão & os Reis de Cambaya & Calicut fosse por diante, com a esperança q̃ tinham do socorro do grão Soldão, q̃ seria cousa muito duuidosa poder elRey de Portugal soster a India: & a principal rezão q̃ o obrigaua a cometer este feito era, vér na India tanta gente nobre, tantos capitães, tantas naos de Portugal, que lhe dauão animo pera o fazer, que lhe pedia por merce perante aquelles officiaes delRey que ali estauão presentes, que pois em Cananor lhe parecera bem, pelas rezões já ditas, tornar elle sobre Goa, que quisessem ser na execução de seus conselhos, porque indo todos asi como estauão não perdiam tempo de sua viagem. Gonçalo de Sequeira & os outros capitães começáram a dizer, que não era seruiço delRey jrem as naos da carga a Goa, & que tambem era rezão que os homẽs tiuessem algum tempo pera fazerem suas fazendas, pois a isso vieram á India: & por aqui foram dando outras rezões, escusandose de jrem com elle. Afonso Dalboquerque lhe disse que pois buscauam inconuenientes pera não seruirem elRey naquella empresa, que se ficassem porque sua determinação era, não leuar ninguem contra sua vontade, & que lá dessem em Portugal rezão de si a elRey seu senhor: porque elle determina-

terminaua de jr sobre Goa com a gente q̃ tiuesse, & q̃ esperaua na paixão de nosso Senhor, em que tinha toda sua confiança, que antes de se partiré pera Portugal lhe viesse nóua como elle estaua muito descansado dentro nella, & que por infelice se deuia de auer o caualeiro Portugues quando tal socedesse, não se achar neste feito, & que elle se hia ao outro dia pela menhaá embarcar, & que qué quisesse ser com elle que o seguisse, & muitos se deixaram ficar, & não quiseram jr. Afonso Dalboquerq̃ se partio, deixando já a carga que aquelle anno auia de vir pera este reyno posta em ordem, & chegando a Cananor achou Lourenço Moreno, q̃ auia dous dias que era chegado com as naos carregadas de mantimentos, & disselhe que chegando a Baticalá mandára lógo Pocaracem a terra, falar com os regedores, sobre o concerto que com elles auia de fazer, & q̃ os achára de todo mudados, & responderam que não auiam de fazer nada, sem primeiro saberem do Rey de Narsinga seu senhor se era disso contente, & vendo que não queriam tomar concrusam, carregara suas naos & se partira, & viera tér a Onor, & dera a sua carta a Timoja: o qual se ficaua fazendo prestes, & o Rey de Garçopá com toda sua gente, pera o seruirem naquella jornada de Goa, que por isso podia jr quando quisesse. Como Lourenço Moreno deu conta a Afonso Dalboquerque do que passára, mandoulhe que se fosse lógo com as naos a Cochim, & que fizesse partir os capitáes, & que mádasse embarcar tres Alifantes que lá deixára, pera se leuarem a elRey dom Manuel, nas naos em que tinha ordenado que fossem. Partido Lourenço Moreno, pedio Duarte de Lemos a Afonso Dalboquerque embarcação pera si, & pera seu jrmão, pera se jrem pera Portugal, pois elRey asi o auia por seu seruiço: & elle não se lembrando das menencorias passadas, deulhe tudo o que lhe pedio, & mandoulhe pagar todos seus ordenados, & de seus criados, & deulhe a capitania mór de sete naos, & todo seu poder sobre aquella armada, do qual vsaria depois de ser fora da costa da India, & despedio ho que se fosse pera Cochim: & chegando lá teue muitas differenças com os officiaes da feitoria, & fez outras cousas que calo, por não auer murmuradores que digam que sou sospeito. Este Duarte de Lemos sendo fidalgo honrado era o maior homem q̃ auia em Portugal & muito errogante, & tinha os dentes dianteiros demasiadamente compridos.

Fim da segunda parte.

TERCEIRA PARTE
DOS COMENTARIOS DO GRANDE

Afonſo Dalboquerque, na qual ſe contem o que paſſou na conquiſta do reyno de Goa, a ſegunda vez: & do reyno de Malaca. E tudo o mais que fez até a ſua partida pera o eſtreito.

Como o grande Afonſo Dalboquerque depois de preſtes ſua armada ſe partio do porto de Cananor, & o que paſſou com o Rey de Garçopa & Timoja, ſobre entrar o rio de Goa. Capitulo. I.

Aſſadas eſtas praticas que o grande Afonſo Dalboquerque teue em Cochim com Gôçalo de Sequeira, & os outros capitães, partioſe pera Cananor, onde achou preſtes a armada, & todas as couſas q̃ lhe eram neceſſarias pera ſua viagem, & ſem fazer nenhũa demóra, partioſe cõ hũa armada de vinte & tres velas, em q̃ jria dous mil homẽs Portugueſes, de q̃ erã capitães, Manuel de Lacerda, Fernão Perez Dãdrade, Simão Dandrade ſeu jrmão, Baſtiã de Mirãda, Afonſo Peſſoa, Rui de Brito Patalim, Diogo Fernãdez de Béja, Iorge Nunez de Lião, Frãciſco Pereira Peſtana, dõ Ioão de Lima, dõ Ieronymo de Lima ſeu jrmão, Manuel da Cunha, Duarte de Melo, Pero Dafonſeca, Gaſpar de Paiua, Simão Martinz, Franciſco Pãtoja, Antonio de Matos, & Diogo Mendez de Vaſconcelos, que hia pera Malaca, Dinis Cerniche, Balthezar da Sylua, & Pero Coreſma que eram da ſua companhia: & indo aſsi a armada toda ao longo da coſta, foram tér a Onor pera tomárem mantimentos & ágoa. Como o Rey de Garçopa & Timoja ſouberam da chegada de Afonſo Dalboquerque ao porto, foramlhe falar, & depois de paſſadas ſuas corteſias, perguntoulhe que nouas tinham de Goa, & do Hidalcão, elles lhe diſſeram que em Goa eſtauam tres capitães, & que teriam quatro mil homẽs de guarnição todos Turcos, Rumes & Coraçones & algũs piães do Balagate archeiros: & de mouros naturaes da terra aueria outros tantos: & que ſe elle vinha em determinação de cometer a cidade,

 que

que agora tinha tépo: porq̃ o Hidalcão andaua em guerra com os guazis do reyno de Decam, porque lhe tinham tomado grande parte das terras, & estaua tam metido polo sertão que não era posiuel podela socorrer, & que elles estauam prestes com toda sua gente, como lhe tinhão mandado dizer, pera o seruirem naquella jornada por terra. Afonso Dalboquerque aceitou as promessas que lhe elles fizerã, & agardeceolho muito. & posto q̃ lhe pareceo cousa duuidosa cometer Goa, tendo tãta gente, & estãdo tam apercebida como lhe elles diziã, cõ tudo deliberou cõ todas suas forças cercala, & cometer os imigos, & com esta determinação se fez á vella cõ toda a armada, & foy tér a Anjadiua, onde esteue onze dias sem se determinar no que faria: porq̃ lhe disseram (chegando ali) que não fizesse fundamẽto dos offerecimentos do Rey de Garçopa & de Timoja, porque se receauão que lhe não socedessem as cousas bem, & não queriam ficar com o Hidalcão em peór estado do que estauão. O grande Afonso Dalboquerque com todas estas duuidas que se lhe offereceram, partiose de Anjadiua & foy ancorar sobre a barra de Goa, & mandou a Manuel da Cunha com seis nauios, que entrasse por Goa a velha, & fosse tér a Agacij, & terra de Saste, pera fauorecer a gente de Timoja, que por aquella parte auia de vir: o qual tanto que chegou ao passo de Benestarim & de Agacij pos lhe o fogo, & deixouse estar quedo no rio esperando que ella viesse. Partido Manuel da Cunha, mandou Afonso Dalboquerque chamar os capitães á sua nao & disselhes: que elles tinham visto bem as promessas que lhe o Rey de Garçopa & Timoja tinham feitas, & que elle pelo que tinham dito em Anjadiua, & tambem porque os via tardar, duuidaua muito comprirem sua palaura, que lhes pedia que lhe dissessem se cometeria este negócio, cõ aquella fraca confiança da gente que lhe tinham offerecido, ou se jriã primeiro a Cambaya assentar as pazes. Os capitães ouuidas estas rezões de Afonso Dalboquerque, foram todos de parecer q̃ deuia de jr sobre Goa: porque tomandoa, o Rey de Cambaya lhe faria todos os partidos q̃ quisesse, & mais lhe mandaria lógo os catiuos que lá tinha. Este conselho pareceo bem a Afonso Dalboquerque, & mandou lógo recado a Manuel da Cunha que se viesse ajũtar com elle, & como chegou leuaram todos suas ancoras, & entraram polo rio a cima, & chegaram a hum passo, onde os Turcos tinham lançado tres naos Malabares carregadas de pedra, pera os nossos nauios não poderem passar dali pera cima, que seria hum tiro de falcão da cidade, & este artefício de que se os Turcos quiseram valer, lhe

sahio

ſahio muito ao reués do que cuidauão: porque em vez de taparem o rio, foy a força da ágoa que corria pera baixo tamanha, que abrio dous canaes muito mais altos, que o que tinham tapado. Afonſo Dalboquerque como aqui chegou, mandou paſſar os nauios pequenos pelos canaes que o rio abrira, & diſſe aos capitães que ſe chegaſſem á fortaleza quanto mais podeſſem, & por ſer já tarde não ouue tempo pera paſſarem as naos grandes. Como foy menhaá meteoſe Afonſo Dalboquerque em hũ batel, & foyſe onde os nauios peq̃nos eſtáuão ancorados, com toda a outra armada que o ſeguio, & alí ſe deixou eſtár, & mandou Duarte de Lemos, Gaſpar de Paiua & Diogo Fernãdez de Béja, que foſſem nos eſquifes reconhecer a fortaleza da maneira que eſtaua, & elles chegáram defronte della, & viramna muito bem, & diſſeram a Afonſo Dalboquerque que éſtaua mui to forte, com muitos cobelos & baluartes, & bõbardeiras ao lume da ágoa com muita artelharia nellas, & hũa caua mui grande. Afonſo Dalboquerque com eſta enformação que lhe os capitães deram, & com a muita gẽte que a cidade tinha, pareceolhe couſa mui duuidoſa cometela, & com tudo confiado em Deos que o ajudaria, mandou diante á Baſtião de Miranda, Afonſo Peſſoa & Rui de Brito Patalim, que ſe paſſaſſem com as galés da outra banda da fortaleza, & por ſerem ſentidos foram muito bem ſeruidos da artelharia que nella eſtaua, & noſſo Senhor os guardou que não receberam nenhum danno, & poſto que todas eſtas couſas lhe fizeſſem o negócio mais duuidoſo pera ſe cometer a cidade, por ſe mais certeficar de tudo mandou a Diogo Fernandez de Béja que lhe tomaſſe de noite hum lingoa, & de hum mouro que tomou ſoube, que os Turcos tinham muita artelharia groſſa & meuda, & muita gẽte de pé & de caualo, & muitos mantimentos, & que os mouros naturaes da terra tinham prometido ao Hidalcão, de morrerem todos ou defender a cidade que a não entraſſem, & que os Turcos por cima deſta promeſſa que lhe tinham feita, arreceãdoſe que vindolhe algum trabalho ſe aleuantariam cõtra elles, mandarã meter na fortaleza todas as molheres & filhos dos principaes da terra.

Do conſelho que o grãde Afonſo Dalboquerque teue com os capitães pera cometerem a cidade, & o mais que niſſo paſſou. Capitulo. II.

Com

OM esta enformação que o grande Afonso Dalboquerque teue, de como a cidade estaua apercebida, esteue assi tres dias sem se determinar se aguardaria por elRey de Garçopa & Timoja: dos quaes não esperaua mais ajuda, que viremlhe aleuantando os gẽtios contra os mouros, pera lhe não acodirem cõ mãtimẽtos, nem com os direitos que lhe eram obrigados a pagar das terras: & neste tempo que se andou detendo, sem se determinar no que faria, fizeram os Turcos hũas estancias de madeira muito fortes, entulhadas de terra com suas cauas de ágoa, ao longo da ribeira, & nellas poseram muita artelharia grossa, & hum capitão com gente pera as defender. Afonso Dalboquerque vendo que os Turcos pela muita confiança que tinham na sua fortaleza, faziam estancias de fora pera defenderem as naos, q̃ lhas não queimassem, confiados que tudo o mais estaua seguro, mandou chamar os capitães & todos os fidalgos & caualeiros da armada, & apresentoulhes esta sospeita que tinha dos Turcos, pedindolhe que lhe dissessem se cometerião as estancias primeiro, ou se jriam lógo de frécha demandar a fortaleza. Praticado isto, vltimamente assentaram todos, que primeiro se cometesse a fortaleza que as estancias: porque ainda que estiuesse mais forte, ali queriam todos empregar a vontade que tinham de se vingarem do passado: porque tomada a fortaleza, no mais não auia que fazer. Afonso Dalboquerque & Diogo Mendez de Vasconcelos não foram neste parecer, senão que rompessem primeiro as estancias, porque rotas entrarião de roldão com os imigos, & que deuia de ser lógo, porque todo o mais tẽpo que ali estiuessem sem fazerem nada, era enfraquecerẽ cada vez mais aquelle negócio, & neste parecer de Afonso Dalboquerque assentaram todos, & que esperassem por elRey de Garçopa tres dias. Elle lhes disse q̃ pois lhes parecia bem cometerem a cidade, que não era já tempo pera esperarem outra ajuda senão a de nosso senhor Iesu Christo, a qual lhe não auia de faltar: pois pelejauão pela sua sancta fé, que elle cria verdadeiramẽte, q̃ a detença do Rey de Garçopá, & de Timoja, era tudo ordenado polos Turcos, com grãde força de dinheiro que lhes dauá, porque não viessem, & que Timoja era tam sabedor, que auia de andar dissimulando, & não vir senão depois da cidade ganhada, porque entẽdia bem q̃ auia de custar muito sangue tomala, & que por isso não deuiam de perder tempo em esperar por elles: & com esta determinação despedio os capitães q̃ se fossem

pera

pera as naos,& se fizessem prestes pera ao outro dia pela menhaã jrem todos cometer as estácias,&depois dellas serem ganhadas,a vitoria lhes acõselharia o que auiam de fazer: & repartio os em tres batalhas .s. Manuel da Cunha,Manuel de Lacerda,dom Ioão de Lima, dom Ieronymo de Lima seu jrmão,Gaspar de Paiua,Gaspar Cão,Fernão Feyo,Pero Dafonseca,& outros muitos em hũa batalha , que fossem cometer as estancias junto da fortaleza :& na outra batalha mandou Diogo Mendez de Vasconcelos,Baltesar da Sylua,Dinis Cerniche, Pero Coresma , o qual leuaua consigo Iorge Coresma seu filho(que agora he prouedor dos fornos delRey)que ainda que era moço,deu muto boa conta de si aquelle dia,& Rui de Brito Patalim,& Iorge Nunez de Lião com outra muita gente, que cometessem as estancias pela banda das naos, & que elle com a mais gente & capitães que ficauam,jria tomar as costas das estancias por hum caminho que hia do Mandouij por hũa costa acima, que elle sabia : porq̃ indo por ali ficaua antre os mouros & a cidade, & tomandolhe as costas das estancias,não podiam deixar de fazer grande estrago nelles.E porque naquelle caminho por onde Afonso Dalboquerque determinaua de jr estauam hũas tranqueiras de madeira muito fortes,por não auer detença quando chegasse,mandou Dinis Fernandez mestre da sua nao que fosse diante com trinta marinheiros cortalas,& que não consentisse porse fogo ás naos que estauão em terra,saluo se de todo descõfiassem de se tomar a cidade. E como os capitães estauam ainda no seu parecer, tornarã logo de noite tér com Afonso Dalboquerque,& deramlhe muitas rezões por onde deuia primeiro de cometer a fortaleza que as estácias,& elle lhe deu outras muitas por onde lhe não parecia bem o que elles diziam , & ouue sobre isso tãtos debates de hũa parte & da outra, que Afonso Dalboquerq̃ por cima de lho asi parecer,polos contentar, disistio do que estaua assentado,& foise com seu parecer. Como os Turcos viram estas detenças, & que auia sete dias que os nossos ali estauão sem fazer nada, foramlhe perdendo a vergonha,& fizeram hũas estancias mais perto da nossa armada, em que poseram seis bombardas grossas, com que lhe começaram átirar. Afonso Dalboquerque afrontado da pouca conta que os Turcos faziam delle,com graue & oportuno conselho mandou dizer aos capitães que se fizessem prestes,& ao outro dia pela menhaã viessem a bordo da sua nao: porque sua determinaçam era por cima de todas as rezões passadas, dar nas estancias,& cometer os Turcos porque não podia sofrer suas r. bola-

rias

rias, & cada hum cometesse pelo lugar que lhe tinha ordenado.

Como o grande Afonso Dalboquerque cometeo a cidade de Goa, & a tomou por força de armas, onde matáram algũs dos nossos, & o grande estrago que nos mouros fizeram. Capitulo. III.

Endo o grãde Afonso Dalboquerque assentado de cometer a cidade (como tenho dito) ao outro dia ante manhaá que foi dia de sanćta Catherina, vinte & cinco dias do mes de Nouembro, de mil & quinhentos & dez, os capitáes q̃ já estauáo prestes, vieramse com toda sua gente a bordo da nao capitaina, & acharamno já embarcado no esquife, & hum parao cõ cento & cincoenta soldados, esperando por elles, & feita a confissam géral ordenaram se em tres batalhas como estaua assentado & foram demãdar a cidade já menhaá crara & em chegando, sem auerem mais outro conselho foram cometer as estãcias, cada batalha polo lugar que lhe estaua assinado. Os Turcos que estauáo nellas se defenderam por hum bom espaço sem os poderem entrar. Afonso Dalboquerque com a gente que leuaua em sua companhia, em chegando ás tranqueiras q̃ Dinis Fernãdez já tinha cortadas, foise pela ladeira arriba a mais andar. Os Turcos porq̃ se náo arreceauáo daquella parte, como sentiram peso de gente nas suas costas, auendo hum grande pedaço que se defendiam, começáram a render as estancias. Os capitáes como viram q̃ elles com a chegada do grãde Afonso Dalboquerque, se começauam de embaraçar, cometerãnos tam valerosamente, leuando diante de si o Apostolo Sanćtiago, q̃ os hia guiãdo, que em breue espaço lhe entráram as estancias, & foram com elles de roldáo até as portas da cidade, sem lhe térem rosto a tras, matãdo & decepando muitos Turcos & Rumes, tudo gente limpa, & muito bem tratada de vestidos de seda & de brocado. Manuel da Cunha, Manuel de Lacerda, dom Ioão de Lima, dom Ieronymo de Lima seu jrmáo, & outros seus companheiros, que eram na dianteira, chegando á porta acharam grande resistencia nos Turcos, & com tudo, esforçados com a vitoria que lhes nosso Senhor mostraua, entráram a cidade por força de ármas, & nas costas delles entrou Dinis Fernandez, que já era chegado com a gẽte com que foy cortar as tranqueiras, & todos juntos foram seguindo os

mou-

mouros atè a porta da fortaleza, & ali tiueram hũa grande batalha cõ elles, tam bem pelejada de parte a parte por hum bom espaço, que cada hũ cuidou que tinha a vitoria por si. Os turcos que estauam dentro na fortaleza acodiram lógo a caualo em fauor dos seus, & poseram os nossos em desbarato: & nisto acodio Diogo Mendez, & Iorge Nunez de Lião com todos os fidalgos & gente que era em sua companhia, & acharam já muita parte dos nossos feridos, & postos em grande trabalho, & em chegando bradarãlhe q̃ dessem nos Turcos, q̃ elles os iriam seguindo. Os nossos cõ este nouo socorro, déram nos mouros de pé & de caualo, & hũs & outros apertarã tam asperamẽte cõ elles, q̃ os desbaratáram, & entrarã de roldão as portas da fortaleza, ficando já algũs dos nossos mortos & feridos. Manuel de Laçerda q̃ andaua cõ hũa setáda polo rosto, em entrádo pela porta encõtrouse cõ hũ Turco de caualo & matou ho, & sobiose no caualo, & foi seguindo a vitoria, & andaua muito pera lhe auer enueja: porq̃ trazia hũ pedaço de seta quebrada metido polo rosto, & todas as armas tintas do sangue que corria delle. Afonso Dalboquerque a este tempo hia caminhãdo com sua gente nas costas dos nossos, seu passo cheo pera acodir onde visse necessidade. Os Turcos vendose entrados dos nossos soldados, & que os hiam seguindo, ajuntáramse quinhentos delles, em que entrauão cento de caualo com o seu capitam & fizeram volta, & palejáram cõ tãto esforço, q̃ os nossos tardaram hum grãde pedaço sem os poderem render. Afonso Dalboquerq̃ auisado do trabalho em que estauam, cõ a gente de sua companhia chegouse mais depressa a fauorecelos, & em chegãdo, hũs & outros poseram as lanças tam rijo nos Turcos q̃ os desbarataram & mataram muitos & dous capitães principaes, de tres q̃ o Hidalcão ali tinha. Manuel de Lacerda como vio Afonso Dalboquerque deceuse do caualo & deulho. Quando o elle vio com as armas todas tintas de sangue abraçou ho, & disselhe. Senhor Manuel de Lacerda confessouos q̃ vos er grãde enueja, & asi vola ouuera o grãde Alexandre se aqui estiuera: porq̃ estais asi mais galante pera hum seram q̃ Arelhano. Como se Afonso Dalboquerque pos a caualo, todos os capitães tomaram caualos que os Turcos tinham perdidos, & foramno seguindo: os quaes sem nenhũa resistencia volueram as costas, & foramse pela porta da fortaleza, & outros muitos ali aonde se achauam por encurtarem o caminho, se lançauam dos muros abaixo. Como a fortaleza foy despejada, mandou Afonso Dalboquerque fechar as portas que hiam pera a cidade, & tér bom reçado nellas:

las: porque os nossos não seguissem os mouros, nem se desmandassem a roubar, arreceando que por serem muitos se ajuntassem & fizessem outro mao recado como o de Calicut, & mandou aos capitães, que todos tomassem estancias nos muros da fortaleza, porque determinaua de se fazer forte nella. Os Turcos andauam tam assombrados, que os que escaparam da furia dos nossos soldados, foram fugindo contra Benestarim, pera se passarem dali á outra bãda da terra firme, & hiam tam cortados de medo que sem esperarem por barca passaram o rio a nado, onde se afogarã muitos, & perderam muitos caualos. Entrada a cidade, vendo Afonso Dalboquerque a fortaleza fortificada com muita artelharia, & as bõbardeiras tapadas com barro por fora, pera engano dos nossos se a cometessem, deu muitas graças a nosso Senhor polos liurar do perigo que lhe estaua aparelhado, se cometeram a fortaleza, como parecia aos capitães que o deuia de fazer. Dos nossos foram feridos cento & cincoenta soldados: & fidalgos, & capitães, Manuel de Lacerda, que foy o primeiro que entrou pela porta della, & o primeiro que foy ferido (& assi o achei escrito) & Gaspar de Paiua, Manuel da Cunha, dõ Ioão de Lima, Gaspar Cão Simão Dandrade Dinis Fernandez, & todos os outros que eram na dianteira, & mataram sete, & hum delles era dom Ieronymo de Lima, o qual foy morto á entrada da porta da fortaleza, & estando no chão ferido, de taes feridas, que não podia escapar, chegou dom Ioão de Lima seu jrmão a elle, q̃ hia de volta com os outros, & quando o vio em tal estado, com a cabeça encostada ao muro disselhe cõ muitas lagrimas, q̃ he isto jrmão? como estais: dom Ieronymo lhe respondeo, estou acabando esta jornada, & folgo pois nosso Senhor se ouue por seruido, que acabasse aqui em seu seruiço, & delRey de Portugal. Dom Ioão de Lima o quis acompanhar, & elle lhe disse jrmão, não he tempo pera ficardes comigo, hi comprir com vossa obrigação, que eu ficarey acabando meus dias, pois não tenho forças pera mais. Dom Ioão de Lima o deixou & foy seguindo os mouros, & depois da fortaleza tomada, & os mouros lançados fora, tornou em busca delle, & achou ho já morto. Folgára muito de ser cada hum destes dous jrmãos: mas não me sey determinar a qual delles tenha mais enueja, se a dõ Ioão de Lima por jr pelejar, onde lhe podera acontecer outro tanto, ou a dom Ieronymo de Lima, que não querendo remediar suas feridas, ainda que fossem mortaes (sendo cousa muito natural aos homẽs desejarem de viuer, quis remedear a honra de seu jrmão, & não consentio que

ficasse

ficasse com elle em tempo, que os outros fidalgos & caualeiros andauam pelejando com os Turcos dentro na fortaleza: a determinação disto deixo aos que lérem a lição desta historia, elles julguem qual destes dous jrmãos comprio mais com sua obrigação. Matáram tãbem André de Afonseca, Antonio Graces, & Aluaro Gomes filho do almoxarife de Alenquer, & outros que não eram conhecidos. Estes que morrerão & os que ficaram viuos o fizeram de maneira, asi no cometer da cidade como em todas as outras afrontas em que se viram este dia com os imigos, que sam dignos de se ter delles muita lembrança: porque em se Goa ganhar, ficou a India segura. E não deue de esquecer Diogo Mendez de Vasconcelos, & os da sua companhia: porque a presteza & esforço com que socorreo os nossos estando já muitos delles feridos, foy grãde parte pera se a fortaleza tomar, & era Afonso Dalboquerque em tanto conhecimento do esforço & discrição de Diogo Mendez, q̃ lhe disse muitas vezes, nas differenças q̃ com elle teue sobre a sua ida a Maláca: arrenego da vida em que viuo senhor Diogo Mendez, que o meu officio vos fez mal. E se os nossos na primeira tomada desta cidade ficáram mal julgados pela deixarem, nesta segũda cobraram sua honra em a tornarem a tomar por força de armas, cõ matarem dous mil homẽs brancos, Turcos, Rumes & Coraçones, que foy grande espanto por toda a terra, pela muita confiança que nelles tem de esforçados, afora outros muitos naturaes della.

Como o grande Afonso Dalboquerque deu licença aos soldados que roubassem a cidade, & do Crucifixo que se achou em hũas paredes velhas, donde se tiraua pedra pera a fortaleza, & o milagre que nosso Senhor fez polos nossos o dia da batalha. Capitulo. IIII.

TAnto que se em Cochim soube que o grande Afonso Dalboquerque tinha tomado Goa, os capitáes que ali estauão carregando suas naos, pera se partirẽ pera Portugal, lẽbrados de como lhe tinha dito, q̃ antes de sua partida lhe viria nouas da tomada de Goa, ficaram muy tristes & enuergonhados, quando o souberam, por não serem com elle naquella jornada. Afonso Dalboquerque depois de tér mandado aos capitáes q̃ tomassem suas estãcias, & guardassem a fortaleza, deu licẽça aos soldados q̃ rou-

bassem a cidade & escala franca de tudo o q̃ tomassem, & pera si não quis mais que o contentamento que tinha de comprir a palaura que dera ao Hidalcão estando em Goa (como a tras fica dito.) Tomáramse na cidade cem bombardas grossas, & muita artelharia meuda, & duzentos caualos, & muitos mantimentos & monições de guerra, & tudo mandou que se entregasse ao feitor pera elRey, & depois da cidade roubada disse aos capitães, q̃ corressem toda a ilha, & os mouros, molheres & mininos q̃ achasse, trouxessem todos á espada, & não dessem vida a ningue: porq̃ sua determinação era não deixar nenhũa semente desta em toda a ilha, porq̃ alem de ser necessario pera assossego da terra, não auer nella outra gente senão gentios, fez tãbem isto por castigo da treição q̃ lhe fizeram, quãdo tomou a primeira vez a cidade, & por quatro dias cõtinos fizerão sangue em todos os mouros q̃ nella acharam, & soubese por certeza que antre homẽs, molheres & mininos, morreriam passante de seis mil. Os gentios tãbem por sua parte polo odio que tinhão aos Turcos, por lhe terẽ tomado suas terras de q̃ viuiam, como souberam q̃ Goa era tomada, esses homẽs principaes que estauão recolhidos com sua gente na serra, decerã a baixo & tomarã os passos aos mouros q̃ hião fugindo á furia dos nossos Portugueses, & depois de lhe tomarẽ tudo o que leuauam, trazião todos á espada sem darẽ vida a ninguem, & na cõpanhia destes Turcos mataram hũ, que era thesoureiro & pagador dos soldados da gente do Hidalcão, & tomárãlhe todo o dinheiro q̃ leuaua, & algũs mouros que os gentios catiuaram, mãdou Afonso Dalboquerque encher hũa mesquita & porlhe o fogo, & nesta companhia foy hum Christão arrenegado q̃ se lançou com o Hidalcão na primeira tomada de Goa: & como a terra foy despejada entendeo lógo na fortefição da cidade, & mandou fazer muita cal, & derribar todas as sepulturas dos mouros, de que se tirou muita pedra pera a obra, & a todos os capitães & fidalgos deu sua ora de trabalho, & daua grande pressa a se acabar: porq̃ arreceaua a vinda do Hidalcão, & nã queria q̃ o achasse desapercebido: & porq̃ esperaua q̃ ali fosse o asséto principal dos gouernadores da India, ordenou q̃ os paços do Çabaio ficassem dedẽtro da cerca, por serem casas mui nóbres, obra muito fermosa & bẽ laurada: & cõ esta diligẽcia q̃ deu ẽ breue tẽpo se acabou a fortaleza, onde agora está cõ suas torres & cauas, cõ suas couraças pera defesam do porto & pouso das naos.

¶ Neste tempo andãdo certos homẽs desfazẽdo hũas paredes velhas, pera tirarem pedra pera a obra, achárão nos aliceces hũa imagẽ do Crucifixo de

de cobre. Como a noua correo por toda a cidade, veyo Afonso Dalboquerque lógo ali tér com toda a gente & clerigos que auia, & leuaram o Crucifixo cõ muita deuação & muitas lagrimas á igreja. Foy grande espanto este pera todos os q̃ o viram: porq̃ não auia memoria de homẽs q̃ se lẽbrasse, q̃ ouuera ali nũca Christáos, & q̃ nosso señor lãçara aqlle sinal do ceo, por mostrar q̃ sua võtade era, ser aqlle reyno delRey de Portugal & nã do Hidalcão, & q̃ as suas misquitas fossẽ casas de oração, em q̃ o seu nome fosse louuado: porq̃ como a cidade estaua poderosa de gente, artelharia, & armas, & de todas as outras cousas necessarias pera sua defensam não erão os nossos bastãtes (sendo tã poucos) pera a tomarẽ, senão estiuera dẽtro este sinal da Cruz, em q̃ nosso señor padeceo, q̃ os chamaua, & lhes deu esforço pera a cometerẽ, & o Apostolo Sãctiago q̃ os ajudou, de q̃ foram boas testemunhas os mesmos mouros, q̃ depois da cidade ser ganhada, pergũtauão aos nossos, q̃ homẽ era hũ capitão de hũas armas bracas & hũa Cruz vermelha, q̃ andaua cõ os Christãos ferindo & matãdo nos mouros: porq̃ elle so fora o q̃ lhe tomára a sua cidade: & Afonso Dalboq̃rq̃ pela muita deuação q̃ tinha nelle, & por ser caualeiro da sua ordẽ, não se esq̃ceo deste fauor q̃ delle recebeo, & mãdou ao cõuento de Palmela hũ bordão de seis palmos de cõprido, da grossura de hũ arremeção, todo forrado de ouro, laurado de Tauxia, & a cabeça do bordão cõ perolas & Rubis, & hũ ramal de cõtas de ouro muito grossas, & hũa vieira de ouro de bõ tamanho, cõ muita pedraria nella, posta em hũ chapeo de setim cramesim: & por sua morte mãdou ao Apostolo Sãctiago de galiza hũa alãpada de prata muito grãde, & cẽ mil reis em dinheiro pera azeite. Como esta noua da tomada de Goa chegou a Cãbaia, & q̃ Afonso Dalboq̃rq̃ se fazia forte nella pera a soster, vẽdo q̃ a sua liga era desfeita, mãdoulhe lógo os catiuos, q̃ lá tinha, q̃ catiuárã cõ dõ Afonso de Noronha seu sobrinho, & offerecerlhe Diu, pera nelle fazer fortaleza: & dali por diãte sempre lhe mãdou req̃rer pazes por seus embaixadores, & Mirocẽ capitã da armada do grã Soldão q̃ estaua em Cãbaya cõ algũa gẽte q̃ escapou do desbarato do Visorrey, que estaua esperado o socorro q̃ tinha mãdado vir do Cairo pera se tornar a reformar ẽ Goa, como a vio tomada, cõ grãde perda dos Turcos, desesperado do negócio tér remedio, pedio licẽça ao Rey de Cãbaya & foise a Iudá onde esteue algũs dias & dali se partio caminho de Suez por már, em hũa gelua, & achou a armada q̃ se estaua fazẽdo, & chegádo ao Cairo com esta noua q̃ deu ao Soldão da tomada de Goa, mãdou aleuantar a mão da obra

& não foy mais por diante. Afonso Dalboquerque despachou o embaixador do Rey de Cambaya, & mandoulhe dizer q̃ acabada a fortaleza se jria vér com elle, & fariam suas pazes. E porque desejaua de tentar amizade com o Hidalcão, escreueolhe esta carta, cõ algũas rebolarias de mistura: porque com os Reis da India, em quanto a gouernou, se ajudou sempre de hũa cousa & da outra.

Carta que o grande Afonso Dalboquerque escreueo ao Hidalcão tanto que tomou Goa.

MVito honrado & bom caualeiro Milohau, o grande Afonso Dalboquerque capitam géral da India, & do reyno & senhorio de Ormuz, & do reyno & senhorio de Goa, polo muito alto & muy poderoso dom Manuel Rey de Portugal, & dos Algarues, daquem & dalem már em Affrica: senhor de Guiné & da conquista, nauegação, comercio de Ethiopia, Arabia, Persia, & da India: vos enuio minhas encomendas. Bẽ sabereis como o Cabaio vosso pay, tomaua as naos do Malabar dos portos & lugares delRey meu senhor, polo qual me cõueyo de vir sobre Goa & tomala, onde fico fazendo hũa fortaleza muito forte. Folgara muito que fora viuo vosso pay, pera saber que sou homem de minha palaura: por amor delle serei sempre vosso amigo, & vos ajudarei contra o Rey de Decam, & contra vossos imigos, & todos caualos que aqui vierem, farey jr onde vós estiuerdes, & a vóssos lugares, pera os vós auerdes. Folgaria muito que os mercadores dessa terra, viessem com roupa branca, & com todas as mercadorias a este porto, & leuarem pera essa mercadorias do már & da tera, & caualos: & eu os ey por seguros. Se quereis minha amizade venhão messageiros vóssos com recado a mim, & eu vos mandarey outro meu, que vos leuará meu recado: se isto quereis fazer q̃ vos escreuo, com minha ajuda podereis ganhar muita terra, & ser grande senhor, antre os mouros. Folgay de fazer isto, porque assi vos cumpre, & tereis grãde poder: & posto que o Çabayo vósso pay seja morto, eu serey vósso pay & vos criarey como filho. Vosso messageyro me traga lógo reposta, & os mercadores da terra venham seguros a Goa: & os mercadores que mercadorias trouxerem & vierem com vósso seguro, asinado por vóssa mão, eu lho guardarey.

Como

Como os Nequibaires mandaram pedir seguro ao grande Afonso Dalboquerque, pera virem viuer a Goa, & como os noßos desbarataram Meliqueaye capitam do Hidalcão. Capit. V.

VEndo os Nequibares que estauam da banda da terra firme, que o grande Afonso Dalboquerque fazia seu assento em Goa, mandaramlhe pedir seguro, pera se virem viuer a ella com toda a sua gente. Estes Nequibares eram homés principaes & capitáes de gente. Como Afonso Dalboquer que desejaua de recolher á cidade todos os gentios naturaes da terra, folgou muito com a sua vinda: porque esperaua tambem de o ajudarem na obra da fortaleza, & mandoulhe o seguro que lhe mandaram pedir, & depois de serem em Goa, deulhe as casas & fazendas, segundo cada hum á tinha na terra, & depois de tér despachado estes messageiros dos Nequibares, veiolhe recado q̃ Meliqueaye capitão do Hidalcão, era chagado cõ muita gẽte a Cõdal, & a Bandá, com determinaçã de entrar a ilha de Goa: & postò q̃ Afonso Dalboquerq̃ andasse muito occupado na obra da fortaleza, polo muito q̃ importaua acabarse com breuidade, todauia não pode sofrer q̃ hũ capitão do Hidalcão, viesse cercar as terras de Goa, estando elle nella, & mandou lógo Diogo Fernandez de Béjá q̃ entrasse o rio de Banda & defendesse a entrada a Meliqueaye nas terras de Antuge & Saste, & em sua companhia por capitáes dos nauios Aires Pereira, Antonio Dabreu, Gaspar Cão, & Antonio de Matos, cõ duzentos homés. Diogo Fernãdez como esteue prestes partiose com esta gente, & chegou a Bandá, & entrou polo rio dẽtro, & sem auer outro cõselho desembarcou lógo. Meliqueaye como vio a nossa gente desembarcada, confiado nos muitos Turcos de caualo que tinha consigo, foy os cometer, & Diogo Fernandez os esperou muy valerosamente, & com as lanças varadas nelles tam rijo, que os Turcos assombrados de verem a determinação com que os nossos os esperauam a pé, indo elles a caualo, fugiram tam desordenadamente, que muitos se lançaram por hũas barrocas abaixo, & ali acabaram seus dias. Diogo Fernandez com esta vitoria veyose a Goa, & deu conta á Afonso Dalboquerque do que tinha passado, & como Meliqueaye hia na volta de Diuarij, pera por ali entrar a ilha: Cõ esta noua q̃ lhe Diogo Fernandez deu da determinação de Meliqueaye, mandou lógo Gaspár de Payua,

que fosse guardar aquelle passo, & em sua cõpanhia Afonso Pessoa, Martim Guedez, Vasco Fernandez Coutinho, & outros muitos. Meliqueaye vendose desbaratado da sua gente, recolheose com essa que lhe ficou, & foy cometer a entrada da ilha, polo passo de Diuarij, & chegando lá, ainda q̃ hia descuidado de achar nelle quem lhe resistisse, como de sua natureza era muito soberbo, com tudo determinou de cercar as estancias, q̃ Gaspar de Paiua tinha já feitas; & fez da sua gente de pé & de cauallo hũa batalha, & elle diante foy as cometer. Gaspar de Paiua q̃ estaua já auisado da sua vinda, esperou ho cõ muito esforço, & aos primeiros encõtros lhe matárã os espingardeiros algũs Turcos de cauallo, & como elles (segundo seu costume) andauão reatados cõ toucas nas sellas, & os cauallos sem terem quem os gouernasse, deram pela outra gente, & poseramnos em desbarato. Como Gaspar de Paiua vio os Turcos desordenados, sahio das tranqueiras & foy os cometer, & desbaratou os, & foy lhe seguindo o alcance hum bom pedaço. Vasco Fernandez Coutinho, ainda que naquelle tempo era moço de dezoito annos, encontrouse com hũ Turco de caualo, & leuando o pelas redeas, aleuantoulhe as cubertas, & meteo nelle a espada: & como o caualo cahio morto, remeteo ao Turco & cortoulhe a cabeça, & neste dia, mostrou bem ser filho de seu pay, & neto de seus auós.

¶ Acabado este feito recolheose Gaspar de Payua á sua estancia: & Meliqueaye vendose mal tratado dos nóssos em hũa parte, & na outra, não ousou mais de os cometer, & foise dali a duas légoas polo sertão, a hum lugar que se chama Diocalij, & assentou ali seu arrayal, & fez hũas estancias muito fortes de madeira, pera se defender se o ali fossé cometer. Vẽdo Afonso Dalboquerque q̃ Meliqueaye andaua assi desmẽdado, & q̃ podia ser se o cometesse q̃ o leuaria léuemẽte nas mãos, foy o buscar em pessoa, onde tinha assentado seu arrayal, cõ mil homẽs Portugueses, & dous mil da terra cõ seus capitães, & passouse nas galés, & nos bateis á terra firme, & em desembarcãdo fez quatro batalhas da sua gẽte, & polos ẽ certos passos, hũ tiro de espingarda da ourela do már, & pos se ali ẽ cilada, & mãdou aos capitães gẽtios, q̃ cõ a gẽte q̃ tinhã lhe fossem correr ao arrayal, & saindo algũs Turcos apos elles se viessẽ recolhẽdo pera aq̃lla parte, onde elle tinha póstas as ciladas. Os capitães gẽtios como chegarão á vista do arrayal, achâram Meliqueaye fora das estãcias, posto em hũ outeiro alto cõ sua gente, como homem q̃ sabia o ardil de Afonso Dalboq̃rq̃, & como elle

elle era bõ capitão, & entendia muito bem a guerra, deixouſe eſtar quedo & não quis cometer os gentios, & vendo os capitães que Meliqueaye não queria trauar cõ elles recolheoſe pera onde Afonſo Dalboquerque ficaua porq̃ aſsi lho tinha mandado, & cõtarãlhe da maneira q̃ o acharam, & elle vendo que Meliqueaye eſtaua aduertido do ſeu ardil, veyoſe á ilha de Diuarij, & deixou nella Rodrigo Rabelo, & Manuel de Lacerda cõ gente, & foiſe pera a cidade. Paſſados algũs dias vendoſe Meliqueaye ſem forças, pera reſiſtir á noſſa gente ſe o quiſeſſem entrar, mandou hũ meſſageiro a Afonſo Dalboquerque, pedindolhe pazes, & elle pergũtou ao meſſageiro ſe tinha Meliqueaye comiſſam do Hidalcão pera cometer pazes, porq̃ ſem iſſo não auia de tratar cõ elle eſte negócio. O meſſageiro lhe diſſe, q̃ elle não trazia mais recado q̃ de Meliqueaye, q̃ era capitão do Hidalcão q̃ pois as elle cometia q̃ o não auia de fazer ſem ſua licẽça. Afonſo Dalboq̃rq̃ o deſpedio ſem lhe reſpõder, porq̃ lhe pareceo (vẽdo ho andar tam deſordenado) q̃ a ſua eſtada ali, não auia de ſer por võtade do Hidalcão.

Como Merlao veyo ter a Goa, & os Nequibaires pediram ao grande Afonſo Dalboquerque lho deſſe pera os gouernar, & o que niſſo fez, & como mandou Diogo Fernãdez de Bèja desfazer a fortaleza de Çacotorá. Capitulo. VI.

Via dias que em Goa andaua hũ meſſageiro do Rey de Onor procurãdo amizade do grande Afonſo Dalboquerque, porq̃ como ſe elle tinha aleuantado com o reyno & lãçado fora delle Merlao, a quẽ pertẽcia de direito, por ſer jrmão mais velho, temiaſe muito que o fauoreceſſe contra elle, pela obrigação em que lhe era de o ajudar em a primeira guerra de Goa. Merlao que a eſte tempo eſtaua em Baticalá com o Rey ſeu tio, com gente de pé & de cauallo, pera dali cobrar ſeu reyno (ſe podeſſe) como ſoube que ſeu jrmão trazia negócio com Afonſo Dalboquerque, pera ſe valer da ſua amizade, mandoulhe hum meſſageiro com cartas, dandolhe conta do negócio como paſſaua, & como o jrmão ſe aleuantára contra elle, & lhe tinha tomado o reyno por força, pedindolhe ſua amizade, & offerecendoſe pera ſeruir elRey de Portugal em tudo o que lhe elle mandaſſe

& elle lhe aceitou seus offerecimentos, asi pela fama que tinha de caua-
leiro, como por ser capitão que os gentios tinham em muita estima, cõ
fundamento que lhe daria a gouernãça das terras de Goa, porque se cria-
ra ali & fizera sempre guerra aos Turcos, & por duas vezes que fora cer-
cada delles (sendo de gẽtios) a defendera como muito valente caualeiro:
& cõ esta determinação, por lhe parecer muito seruiço delRey dom Ma-
nuel recolhelo & fauorecelo, mandou a Baticalá as galés por elle, & algũs
nauios pera embarcação da sua gente & caualos: & mãdou dous capitães
Portugueses com dous mil homẽs dos gentios, que fossem por terra re-
cebelo a Cintacora, com cartas pera os Tanadares, & pouos das terras de
Goa o receberem & obedecerem como a sua propria pessoa: & todos o fi-
zeram com muito amor, pela estima em que o tinham: porque desejauão
de serem gouernados por elle. Sabendo o irmão que estaua em Onor, que
elle vinha embarcar a Cintacora, mandou logo gente sua a Caribal, & An
cola (que sam dous lugares que estam defronte de Cintacora, da outra bã-
da do rio, por onde parte o reyno de Goa com o de Onor) que se traba-
lhassem por lhe defenderem a passagem, prometendolhe grãdes dadiuas
se lho prendessem: porque tinha receo que Afonso Dalboquerque o aju-
dasse a lançar fora do reyno: mas com todas estas diligencias que elle teue
deuse Merlao a tam boa manha, que passou sem se encontrar com a sua gẽ
te, & chegou a Goa (leuando consigo hum capitam do Rey de Narsinga,
que se chamaua Icarao, que auia dias que andaua em sua companhia de-
sauindo do Rey) onde foy recebido de Afonso Dalboquerque cõ muito
prazer, & mandou ho aposentar nas principaes casas da cidade, & ao fei-
tor que lhe desse tudo o que fosse necessario pera elle, & pera sua gente.
Os Nequibaires tiueram tanto prazer com sua vinda, que não tardaram
muitos dias que se foram a Afonso Dalboquerque, que lho desse pera os
gouernar: porque todo o pouo o desejaua: & elle porque esta era a princi-
pal rezão porque o recolhera, folgou muito de vir isto por elles, & disse-
lhes, que da sua parte era muito contente, que falaria com Merlao, & que
lhe responderia, & ao outro dia pela menhaã o mãdou chamar & disselhe
que elle lhe queria arrendar as terras de Goa, & darlhe a gouernança del-
las, com tanto que pagasse cada hum anno a elRey dom Manuel seu señor
ou a seus gouernadores da India, quarenta mil pardaos, pagos em quatro
pagas, asi como o pouo era obrigado pagar, tirando tres meses de hũa
paga, que a terra ficaua deuendo ao Hidalcão: porque esta se auia de arre-
cadar

cadar pera elRey seu senhor. Merlao foy muito contente. Feitos & assinados os concertos que se disso fizeram mandou Afonso Dalboquerque vir perante si os Nequibaires & todos os homẽs principaes dos gentios & entregoulhes Merlao pela mão, & disselhes, que elle lho daua pera os gouernar: porque sabia quanto o elles desejauão, & por quam bem tratados auiam de ser delle, & elles o receberam com grande prazer & muitas festas & tangeres a sua vsança, & dali a dous ou tres dias se partio Merlao & passouse à terra firme, leuando consigo cinco mil piães, & cincoẽta de caualo, & começou lógo a grangear suas tanadarias. E porque a este tempo estaua já a fortaleza de maneira que se pódia defender a todo o poder do Hidalcão, mandou Afonso Dalboquerque Diogo Fernandez de Béja por capitão mór de tres naos, a desfazer a fortaleza de Çacotorá, que lhe elRey dom Manuel por muitas vezes tinha mandado que desfizesse, & deulhe hum regimento do que nisto auia de fazer, & que ali o aguardasse até quinze dias do mes de Mayo, porque até este tempo jria tér com elle, se os negócios da India lhe dessem lugar: & sendo caso que neste tempo não podesse ser com elle, entam se fosse a Ormuz, com as cartas & poderes seus que leuaua pera receber as pareas: porque Cogeatar lhe mandara dizer q̃ as queria pagar: & isto feito, se viesse no mes de Agosto caminho da India & se ajuntasse com a armada de Manuel de Lacerda, que auia de ficar por capitão mór do mar, nauegando elle fora da India, & todos andassem jũtos naquella costa, porq̃ tendo Goa algum trabalho a podessem socorrer, & porque Diogo Fernandez fosse milhor despachado de Cogeatar, deu licença a todas as naos de Ormuz que ali estauão, que leuassem especiaria & seguro pera poderem nauegar, decrarandolhe que viessem direitos a Goa com os caualos que trouxessem. E porque Afonso Dalboquerque teue algũs inconuenientes por onde não pode fazer este caminho, Diogo Fernandez de Béja depois de tér derribada a fortaleza de Çacotorá, passado o tempo que lhe tinha lemitado veio tér a Ormuz & recebeo as pareas, & dali se partio caminho da India, & achou Goa cercada da gente do Hidalcão, & os nossos em grande trabalho como a diante se dirá.

Dos embaixadores que o Çamorim, depois de Goa tomada, mãdou ao grande Afonso Dalboquerque, pedindolhe pazes, & como mandou Simão Rangel a este negocio, & do que nisto passou. Capitulo. VII.

Omo o Çamorim foy certeficado, que o grãde Afonso Dalboquerque tinha tomado Goa, & se fazia forte nella, com determinação de a soster, desconfiado já da liga que era feita antre elle & o Hidalcão, pera lãçarem os Portuguezes fora da India, & vendo que o Rey de Cambaya (que tambem era desta liga) lhe tinha mandado os Portugueses, que em sua terra foram catiuos, mandou ho visitar por seus embaixadores: os quaes partiram de Calicut em hũ parao, & em poucos dias foram tér a Goa, & como alí chegaram mandaram dizer a Afonso Dalboquerque, que elles eram vindos a sua Senhoria com embaixada do Çamorim, que lhe pediam por merce os quisesse ouuir. Afonso Dalboquerque pera mais autorizar este negócio, mandou a Francisco Pantoja alcaide mór da fortaleza, que fosse por elles & os trouxesse: & elle os esperou na sala com todos os capitães & fidalgos, & recebeos com muito gasalhado, & mostras de folgar muito cõ sua amizade. Os embaixadores depois de lhe fazerem sua cortezia a seu modo, disserã lhe que o Çamorim seu senhor lhe mandaua dizer, que folgara muito de tér palauras, com que lhe mostrata o contentamento que tiuera da sua tomada de Goa, & que polos desejos que tinha da amizade delRey de Portugal lhe mandaua offerezer todo seu estado se lhe comprisse, & lugar em seu reyno pera fazer hũa fortaleza, porque assi seria sua amizade mais verdadeira, & que mandasse a elle hũa pessoa de confiança, pera assentar este negócio como auia de ser. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que aceitaua aquelles offerecimentos do Çamorim em nome delRey de Portugal seu senhor, & que asi o seruiria com todas suas armadas & gente q̃ tiuesse na India, quando lhe comprisse, & que lógo mandaria em sua cõpanhia hum criado delRei seu senhor a tratar aquelle seu negócio: & por que Afonso Dalboquerq̃ auia dias que desejaua de meter hum pé em Calicut, & fazer nelle hũa fortaleza com paz & amizade, pois com a guerra que lhe tinha feito nunca se podera melhorar delle, passados tres ou quatro dias, depois de Afonso Dalboquerque tér dado conta aos capitães deste negócio, & assentarem todos que era muito seruiço delRey de Portugal fazerse fortaleza em Calicut, despachou os embaixadores & fez lhe merce em nome delRey: & em sua companhia mandou Simão Rangel, criado delRey em hũa fusta, com regimento do que auia de fazer. Chegado Simão Rangel a Calicut, foise meter na Carauela de Simão Afonso

que estaua surta no porto, & ali esperou o recado do Rey, porque asi lho tinha mandado Afonso Dalboquerque. Como os embaixadores chegáram ao Rey contaramlhe como Afonso Dalboquerque estaua em Goa cõ muito poder de gente, & que se fazia forte nella: & como os Portugueses desbaratarã hum capitão do Hidalcão, que viera sobre as terras de Goa: & que mandaua em sua companhia hum capitão criado delRey de Portugal, pera assentar as pazes. Como o Çamorim soube que Simão Rangel estaua na carauela, & não auia de jr a terra, mandou os gouernadores da cidade falar com elle, & estiueram em muitas praticas sobre o concerto da paz sem se poderem concertar: porque o Rey queria dar fortaleza em Chale, & Afonso Dalboquerque mandaua em seu regimento que não na aceitasse senão no porto de Calicut, defronte do Cerame do Rey, & por derradeiro não tomaram nenhũa concrusam: porque o Rey não queria dar fortaleza em sua terra, senão entretér este negócio cõ dissimulações, pera que neste meio tempo podessem os mercadores mouros despachar suas naos, que tinham carregadas pera o estreito, o que não podiam fazer estando as carauelas da armada ali no porto. Como Simão Rangel vio estas dilações, & que tudo eram manhas, & disimulações do Rey, despedio os gouernadores & embarcouse na fusta, & foise caminho de Goa, & deu conta a Afonso Dalboquerque do que passára, & das dilações em que o Çamorim com elle andara: & que lhe parecia que lhe não daria fortaleza em nenhum lugar da sua terra por sua vontade, posto que lha offerecesse em Chale. E como Afonso Dalboquerque estaua já prestes cõ sua armada pera jr na volta do estreito (a qual ida se mudou pera Malaca, como a diante se dirá) deixou este negócio asi em aberto até sua vinda de Malaca, & mãdou a Manuel de Lacerda que auia de ficar por capitão mór da armada naquella costa, que andasse sempre sobre o porto de Calicut, & lhe fizesse todo o mal que podesse, & não consentisse que as suas naos nauegassem. E sendo Afonso Dalboquerque em Malaca, vierã os Turcos cercar Goa, & foy forçado a Manuel de Lacerda deixar a costa de Calicut, & vila socorrer: & neste tempo tiueram os mouros lugar de mandar suas naos carregadas de especiaria pera o estreito: as quaes sendo tanto auante como Çacotorá, antre o cabo de Guardafum & Magadaxo deu tam grande temporal nellas, que se perderam ali duas, & as outras se perderam naquelle golfam, & Mafamede Maçari, que era nesta companhia, arribou ás ilhas de Maldiua. Os mouros mercadores estrangeiros

que

que viuiam em Calicut, vendose atalhados de sua nauegação, foram se cõ suas fazendas, hũs pera o Cairo, outros pera Cãbaya, outros pera Ormuz & por outras partes: de maneira que ficáram em Calicut muito poucos: os quaes não eram estãtes, senão vinham de Çufim, de Ourão, de Tremecẽ, & de Tripuli com suas fazendas ao Cairo, & do Cairo hiam tér a Iudá, & de Iudá a Calicut, com dinheiro na mão, & ali fazião naos nouas, & carregauãonas de especiaria, & tornauamse pera suas terras. E perguntando Afonso Dalboquerque hum dia a hum mouro destes que se tomou em hũa nao, que vinha do estreito, como se auenturauam virem de tam lõge tratar em Calicut, estando antre duas fortalezas nossas, & auẽdo de passar por onde as nossas armadas andauam. O mouro lhe respondeo, que erão tam guandes os ganhos, que a todo o risco se punham por virem ali: porq̃ de hum cruzado empregado em Calicut, faziam doze & treze em Iudá, & em todos os lugares da boca do estreito pera dentro, & que este ganho era tamanho, & o trato da pimenta tam grosso & tam seguro, que por isso trabalhauão os mouros estantes em Calicut, que o Çamorim lhe não desse fortaleza em sua terra, porque dandolha ficauam elles sem terem nauegação pera o estreito.

Como o Rey de Narsinga mandou visitar o grande Afonso Dalboquerque por seus embaixadores da tomada de Goa, & das nouas que frey Luis lhe escreueo, & o que nisso passou. Capitulo. VIII.

DEpois que o grande Afonso Dalboquerque mandou frey Luis a Narsinga, passado o desbarato de Calicut (como tenho dito) nunca mais teue recado seu do que tinha passado com elle sobre os apõtamẽtos que leuára: & tomada Goa esta segunda vez, como a nóua foy tér a Narsinga mã dou o Rey logo visitar Afonso Dalboquerque por seus embaixadores, & por elles lhe escreueo frey Luis como chegara a Narsinga, & que por outras cartas lhe tinha escrito quam bem recebido fora do Rey, & que lhe fazia a saber q̃ se fazia prestes cõ cem mil homẽs de pé, & dous mil de caualo pera jr sobre hum vassalo seu que se tinha aleuantado com a cidade de Pergundá, & dizia que a elle pertencia o reyno de direito, & que acabado de o tomarse hia com toda esta gente aos seus lugares da ourela do már, & que

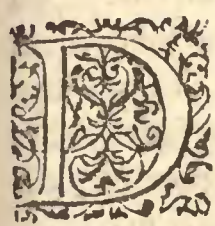
não

não podera ſaber o fundamento diſto, & que por ſerem perto de Goa o auiſaua, pera que eſtiueſſe a bom recado, & que ſe não fiaſſe do Rey de Garçopa, nem de Timoja, porque eram tam maos homẽs, que tinham eſcrito ao Rey de Narſinga, que ſe quiſeſſe Goa pois fora antiguamente de ſeus auós, que lhe mandaſſe gente de pé & de caualo, & Alifantes, que elles lha entregariam primeiro que os Portugueſes ſe fizeſſem fortes nella: & que auia nóua certa que o Hidalcão era partido com muita gẽte ſobre a cidade de Calbergate, de que era guazil hum Abexim capado criado do Rey de Decam, que ſe chamaua Melique diſtur, & por não poder ſofrer o cerco, paſſados dous meſes ſe déra a partido, & que eram aleuãtados contra o Hidalcão quatro guazis principaes do reyno, porque trazia conſigo preſo o Rey de Decam, & priuado de todo ſeu mando, & que foram com muita gente contra elle pera o diſtroir, & chegando a hũa ribeira por não poderem paſſar ſe deixaram eſtar & ali ficauam, & que o Hidalcão polo receo que tinha delles, mãdara vir a gente que eſtaua em guarda das terras de Goa, & que tãbem era vindo recado ao Rey de Narſinga, que os principaes homẽs gentios da cidade de Bilgão como ſouberam que elle tinha tomado Goa, & ſe fazia forte nella ſe aleuantaram contra o Hidalcão, & lançaram os mouros fora da cidade, & eſtauam á obediencia do Rey, porque fora ſua, & o Hidalcão lha tinha tomada. (Eſte Bilgão he hũa cidade muito grãde, & tem hũa fortaleza muito forte, & he paſſo & porto principal do reyno de Decam pera Goa: tem hũa ſerra muito grãde q̃ eſtá ſobre as terras de Goa, como a ſerra do Algarue ſobre o campo Dourique, & paſſando eſta ſerra, jaz o reyno de Decam eſtendido tudo terra chaã, como o meſmo campo. E porque a principal couſa por onde o Çabayo velho veyo a ſer ſenhor de Goa, foy tomar eſta fortaleza por treição aos gentios que a tinham, dizia o grande Afonſo Dalboquerque muitas vezes: quando ſe via afrontado dos rebates do Hidalcão, que ſe elRey dom Manuel queria tér ſeguro o reyno de Goa, que deuia de trabalhar muito de tomár eſta fortaleza: porque com ella ſeguraua todo aquelle eſtado) & que quanto aos negócios que em ſua inſtruçã leuaua pera tratar com elle, que lhos apreſentara muitas vezes, & que lhe não reſpondera nunca a prepoſito, & andara ſempre em dilações, & que por derradeiro lhe diſſera, que ſe eſpantaua muito delle, mandarlhe cometer que lhe deixaſſe fazer fortaleza em Baticalá, dizendo que deſejaua muito ſua amizade, em tempo q̃ elle ſabia q̃ a tinha feita com o Hidalcão,

& que

&que aquillo não dizia com lhe mandar offerecer que o ajudaria a tomar o reyno de Decam, que fora seu antiguamente, & que passadas estas praticas que tiuera com o Rey o mandara chamar o gouernador da cidade, & lhe dera muita culpa desta amizade que elle queria tér com o Hidalcão, & que o Rey de Garçopa lhe escreuera hũa carta, q̃ o podéra distroir, & prender se quisera, & que por serem já muito amigos o deixara de fazer, & que se isto era por dinheiro que lhe prometera de dar cada anno, q̃ o Hidalcão vsaria com elle daquella verdade que seu pai vsou com o Rei de Narsinga quando o prendeo em hũa batalha, & o soltou por lhe prometer que o seruiria sempre. Afonso Dalboquerque com isto que lhe frei Luis escreueo que passara com o Rey de Narsinga & com o seu gouernador, ficou hum pouco sospenso, por ver que tornaua a tras do que lhe tinha mãdado por muitas vezes dizer, que era ajudalo contra o Hidalcão: & entendendo donde isto nacia disimulou com elle, & escreueo a frey Luis polo mesmo embaixador que lhe trouxera a carta, que se despedisse do Rey o mais disimuladamente q̃ podesse, & se viesse lógo: & carteouse com o Hidalcão, mostrandolhe que queria sua amizade: porque Afonso Dalboquerque pera encaminhar as cousas da India, como conuinha ao seruiço delRey de Portugal, trabalhou sempre por dár a entender a cada hum destes senhores, que com elle queria tér paz & amizade, & trato dos caualos, que era o que elles pretendiam: porque como os tinha sobre o pescoço em Goa, queriase valer com este artefício de os tér diuisos, & depois de tér escrito ao Hidalcão, despachou os embaixadores do Rey de Narsinga, mandandolhe por elles dizer, que auia hum anno que lhe tinha mandado hũs apontamentos por frey Luis, & que até não tér reposta delles, não podia tomar concrusam no que lhe mandaua dizer. Os embaixadores se partiram, & chegando a Bisnaga acharam frey Luis morto, que o matara hum Turco, & diziase que o Hidalcão o mandara matar, & deram o recado que leuauam de Afonso Dalboquerque, ao Rey, & dísseramlhe, que em Goa souberam que se carteaua com o Hidalcão. O Rei de Narsinga com o receyo que tinha desta amizade, & de o Hidalcão auer os caualos (que era o neruo principal de seu exercito) tornou lógo a mandar os dous embaixadores ao grande Afonso Dalboquerque, com hũa larga instrução pera assentarem com elle amizade, & trato dos caualos.

Como

Como o grande Afonso Dalboquerque, ordenou algũas cousas na cidade, & assentou hũa casa de moeda nella, & o mais que passou. Capit. IX.

Esejaua o grande Afonso Dalboquerque tanto, que Goa tornasse ao estado que sempre tiuera no trato, sendo senhoreada do Çabayo, que depois da fortaleza estar quasi acabada, mandou certos capitães pela costa, que todas as naos que achassem, de qualquer parte que fossem, as fizessem arribar a Goa, & fez isto por dous respeitos: o primeiro por fauorecer o porto, & tornar a pouoar a cidade como dantes era, & as cafilas de Narsinga & do reyno de Decam com suas mercadorias virem a Goa buscar caualos, como antiguamẽte sohiam de vir: os quaes naquellas partes sam mui estimados, & tem grande valia, porque alem de terem necessidade delles pera a guerra, costumão os capitães & senhores principaes trazerẽ suas molheres a caualo: o outro era por desfazer o porto de Baticalá, que se tinha feito muito nóbre, polo trato dos caualos, & pelas muitas mercadorias que a elle vinham tér de Ormuz, & estando o trato dos caualos em Goa podia sempre auer nella quatrocentos, quinhentos caualos de mercadores, pera qualquer necessidade que socedesse: & com esta diligencia que Afonso Dalboquerque fez, & com mandar dár aos mercadores principaes casas da cidade, pera gasalhado de suas mercadorias, começáram logo a vir de muitas partes naos com mercadorias ao porto de Goa, & de Ormuz com caualos, & pera se agasalharem, mandou fazer grãdes estrebarias, & ordenou trezentos piães da terra, q̃ tinham cuidado de acarretar erua, feno & mantimentos pera caualos, & porque os mercadores tiuessẽ com que carregar suas naos, por não jrem buscar carrega a outro porto, mandou ao feitor & officiaes, que tiuessem sempre na feitoria pimenta, crauo & gingibre, & todas as outras mercadorias que os mercadores ouuessem mister, & que no despacho que lhe dessem, quando se quisessem partir lhes decrarassem que auiam de jr a Ormuz, & não a outra parte: porque desejaua de desfazer o comercio do estreito: & com esta liberdade que os mouros tinham de carregarem suas naos de especiaria em Goa, todos os mercadores vinham ali tér: & nestas naos que traziam caualos se achou Cogeamir, ao qual Afonso Dalboquerque a primeira vez que tomou Goa, entregou duas naos carregadas de mercadorias pera jr a Ormus

muz,& elle trouxe os caualos a troco de ſuas mercadorias, & chegando á India,como ſoube que os mouros de Goa eram aleuãtados cõtra Afonſo Dalboquerque,& o tinham lançado fora della,meteoſe em Dabul,& foy apreſentar os caualos ao Hidalcão,& como ſoube que elle ali eſtaua, pela rebeldaria que lhe tinha feita,mandou ho prender,& a hum filho ſeu em ferros,& tomoulhe toda ſua fazenda, & vinte & cinco caualos que lógo foram entregues na feitoria. Aſſentadas todas eſtas couſas, ordenou hũa caſa principal, em que ſe lauraſſe moeda de prata,ouro & cobre,naquella valia que a primeira vez que ſe tomou Goa eſtaua aſſentado com o pouo, & mercadores da cidade: & mandou que toda a moeda dos mouros ſe trouxeſſe á caſa da moeda, & ſe corunhaſſe dos cunhos delRey de Portugal, & pos lhe os meſmos nomes que tinham (como a tras fica decrarado) a qual caſa arrendou a hum chetim de Baticalá por ſeis centos mil reis, & fez theſoureiro della Aluaro Godinho caſado em Goa,& de todos os outros officios proueo eſſes homẽs principaes caſados:porque cobiçaſſem de ſe caſar,& pouoar a terra: & já a eſte tempo aueria em Goa quatro centos & cincoéta caſados, todos criados delRey,& da Rainha,& dos ſenhores de Portugal: & eram tantos os homẽs que queriam caſar, que ſe não podia Afonſo Dalboquerq̃ valer com requerimentos,& elle não daua licẽça ſenã a homẽs hõrados: & por fauorecer eſte negócio por ſer obra de ſuas mãos,& tambem por ſerem homẽs honrados,& terem merecido por ſeu ſeruiço fazeremlhe mais merce, daualhe muito mais em caſamẽto do que eſtaua limitado por elRey dom Manuel: porque as molheres com que caſauam eram filhas dos principaes homẽs da terra, & fazialhe eſte fauor, porque vendo os gentios o que elle fazia a ſuas filhas, netas, & jrmaãs,ſe vieſſem de milhor vontade a tornar Chriſtãos, & por eſta rezam não conſentio, que nenhũa dellas foſſe catiua, & mandou as tomar todas aos homẽs que as tinham, & repartio por todos os caſados as terras, caſas, gado, & tudo o mais que auia, pera começarem de viuer: & ſe as molheres que caſauam pediam as caſas que foram de ſeus pais ou ſeus maridos,mandaua lhas dar, & nellas achauão muitas joyas & peças de ouro,que deixaram ſoterradas, quando ſe a cidade tomou,& as heranças que teue por enformação, que eram das miſquitas dos mouros, & dos pagodes dos gentios, deu as todas á igreja principal da cidade, a qual fez da inuocação de ſanᴄta Catherina, em cujo dia lhe nóſſo ſenhor deu a vitoria daquella cidade, & neſte dar das licenças pera ſe caſarem teue

Afonſo

Afonso Dalboquerque grandes cõtradições: porque auia muitos a q̃ não parecia bem querer elle ſoſter Goa, & os principaes erão Lourẽço Moreno feitor de Cochim, & Antonio Real alcaide mór, & Gaſpar Pereira & Diogo Pereira: os quaes não contẽtes de ſobre iſto fazerẽ ajuntamentos, & cõſelhos eſcreueram a elRey dõ Manuel, dandolhe rezões por onde deuia de mandar que ſe desfizeſſe, & a principal era que fazia grandes gaſtos: porque como era perda de ſua fazenda, acodiria elRey por aqui mais preſtes a eſte negócio: & fez capitão da fortaleza a Rodrigo Rabelo, que era muito bom caualeiro, & a Franciſco Pantoja alcaide mór, & Franciſco Coruinel Florentim de nação feitor: eſcriuães da feitoria Ioão Teixeira, filho de Ioão Paçanha de Alenquer, que foy com elle na primeira tomada de Ormuz, & a Vicente da Coſta filho de meſtre Afonſo fiſico mór, q̃ foy delRey dom Manuel caſado em Goa: & deu regimento aos moradores da cidade da maneira que auiam de tér no fazer dos Iuizes & Vereadores & Almotaceis cada anno. Ordenadas todas eſtas couſas & outras q̃ deixo por eſcuſar prolixidade, começou o grande Afonſo Dalboquerque a fazer ſua armada preſtes, com determinação de não inuernar em Goa, pela falta que auia de mantimentos, & não tér dinheiro pera pagar á gente, & determinaua aſsi ſua partida, pera onde lhe pareceſſe mais ſeruiço delRey, & deixou quatrocentos homẽs em guarda da fortaleza em Goa, & muita artelharia groſſa & meuda, poluora, ſalitre, & enxofre: & hum engenho aſſentado pera ſe fazer quanta foſſe neceſſario: & oitenta homẽs de caualo caſados em Goa: & por capitão mór do már Duarte de Mello com quatro nauios & tres galés, & regimento que andaſſe ao longo de aquella coſta prouendo a cidade de tudo o que lhe foſſe neceſſario, & que quando ali chegaſſe Manuel de Lacerda que elle deixaua por capitão mór de hũa armada em Cochim com todos os ſeus poderes lhe obedeceſſe como a ſua propria peſſoa: & pera ſe pagar a toda eſta gente & armadas deixou doze mil cruzados, da renda que Merlao auia de pagar da ilha.

Do que o Bendará gouernador de Malaca fez quando soube que Goa era tomada, & das nouas que Rui de Araujo que lá estaua catiuo escreueo ao grande Afonso Dalboquerque. Capit. X.

COmo Goa era muito nomeada em todas as partes & reynos da India correo lógo a noua por mercadores de Calicut, fazendo saber a todos os Reis como o grande Afonso Dalboquerque tinha tomado & lançado os Turcos fora della. Chegada esta noua a Malaca, o Bendará que gouernaua o reyno polo Rey, que era seu sobrinho, receoso que Afonso Dalbo querque quisesse jr a Malaca tomar vingança da treição & roubo, que fóra feito aos Portugueses, como era muito dissimulado, & manhoso; começou lógo a prouer a cidade de muitos mantimentos, & foyse a Rui de Araujo & aos outros catiuos, que tinha metidos em hũa casa muito mal tratados, & disselhe, não lhe dando conta do que era passado na India, que o aleuantamento que se fizera contra os Portugueses, não fora feito por seu cõselho nem mandado, & que os Guzarates & Iaos o ordenaram sem o elle saber: porque se arreceauam que os Portugueses saindo elles daqlle porto os tratassem mal, & cõ tudo determinaua de os castigar muito bẽ, porque desejaua muito de tér amizade com os Portugueses, & q̃ tratasse em Malaca. Passada esta pratica que teue com elles, mandou os tirar pera hũa casa de fora, que não era tam escura como a em que estauam. Ninachatu hum gentio estante em Malaca, de que os nossos tinham recebido muito boas obras em seu catiueiro, como soube está noua da tomada de Goa, foyse ao Bendará & disselhe, que se Goa era tomada polos Portugueses como se dizia, que elle se arreceaua que o gouernador da India quisesse vir áquella terra vingarse, do que nella fora feito ao capitão delRey de Portugal, que lhe parecia que seria bom conselho, mandar soltar Rui de Araujo & seus companheiros, & tratalos muito bem: porque poderia ser que viria tempo que folgasse muito de os tér por seus medianeiros. Ao Bendará pareceo bem isto que lhe Ninachatu disse, & mandou os soltar, & deulhes hũa casa em que viuessem, & dez mil calains em panos de Cãbaya, dos que se tomaram na armada de Diogo Lopez de Sequeira, pera tratarem, & do dinheiro daquillo se manterem: porque esta era a

ordem

ordem que o Rey tinha com os seus escrauos, & dissélhes que aquillo lhe daua pera seu mantimenro, & que quando viessem as naos dos Portugueses, estariam á conta com elles, & satisfaria toda a perda que ali tinham recebida: & esta virtude que o Bendara vsou com Rui de Araujo, & com os seus companheiros, não foy somente polos rogos de Ninachatu, mas porque estaua hum junco pera partir pera a India, & queria que leuasse noua de como elle trataua bem os Portugueses que tinha catiuos, & asi o disseram a Rui de Araujo algũs mouros seus amigos, & que tanto que o junco partisse lhe auia de tornar á tomar tudo o que lhe tinha dado, & tornalos á prisam em que estauam, & que se o deixasse de fazer seria com receyo de Afonso Dalboquerque polo que ouuia delle. Como Rui de Araujo isto soube, determinou de mandar recado a Afonso Dalboquerque de tudo o que passaua em Malaca, & concertouse com hum mouro que se chamaua Abedalla, & por elle lhe escreueo, que lhe fazia a saber que eram viuos dezanoue Portugueses, & que o Bendará os tinha cometidos per muitas vezes que se tornassem mouros, & lhe fazia muitos males por isso, & que estaua com grande receo de elle ir a Malaca: porque era mal quisto de todos os Reis seus comarcãos, & todos auiam de ser contra elle, porque era grande tiranno, & fazia muitos roubos aos mercadores, que áquelle porto hiam tér, & que se elle determinasse de ir a Malaca, que deuia de ser com a mayor armada que podesse, de maneira que o már & a terrá lhe obedecesse, vendo o grãde poder delRey de Portugal naquellas partes, & que tomando algũs juncos no caminho que fossem de Malaca, que á gente delles não fizesse nenhũa crueza até auer os catiuos: & em chegando ao porto mandasse algũs desses que tomasse a terra com recado ao Bendará, que lhe dissessem que sua determinação era não fazer guerra á Malaca, nem tomar cousa nenhũa sua, se o Rey quisesse tér com elle paz & amizade, & entregarlhe os Christãos, & estar á obediẽcia delRey de Portugal: porq̃ o bendará tinha determinado, tanto q̃ soubesse q̃ a nossa armada era naquella costa de os mãdar logo todos quatro legoas pelo sertão dẽtro até saber sua determinaçã: porque se temia que, estando elles ali, o auisariam de muitas cousas, & que das passadas depois de aquelle dia da sua desauentura, & partida de Diogo Lopez de Sequeira de aquelle porto, não lhe escreuia meudamente, porque tudo redundaua no mao trato que tinham recebido do Bendará em seu catiueiro até agóra que elle ouue por bem de lhes dar

hũa casa em que estiuessem todos, & dez mil calains em mercadorias, pera do ganho delles se manterẽ, dizendo q̃ estaua prestes pera satisfazer toda a perda que os nossos tinhã recebido, fazendolhe elle Afonso Dalboquerq̃ justiça de outras, que elle tinha recebidas das nossas naos em seus juncos, & que elle tinha castigado os Guzarates & os Iaos, q̃ fizeram a treição de maneira, que dali por diante não ousariam de cometer outra tal: porque desejaua muito a amizade delRey de Portugal, & ser seu vassalo, & q̃ destas cousas & doutras muitas em que não falaua, por não fazerem caso, lhe fazia o Bendara cada dia mil abastanças, & que elle & todos aquelles catiuos lhe pediam por amor de Deos que se lembrasse delles, & os tirasse daquelle catiueiro, & que mandasse dar ao mouro portador daquella carta de sua fazenda vinte cruzados, que lhe emprestara pera comerem, & lhe fizesse merce: porq̃ àlem de os sempre ajudar, & acõpanhar, aceitara fazer aquelle caminho muito leuemente, cõ quãto corria muito risco se o soubessem, confiado nas merces que lhe elle auia de fazer, & que Ninachatu lhe mandaua pedir muito por merce, que das cousas que elle tinha feito em Malaca por elles, não soubessem os mouros de Cochim: porque se temia que o escreuessem ao Bendara, & lhe fizesse muito mal por isso, por que elle lhe dera maneira pera poderem escreuer, & mandar aquelle mouro: & que sendo caso que sua Senhoria não podesse jr a Malaca por algum justo respeito, que os mandasse auisar o mais secretamente que podesse antes que os mouros soubessem q̃ sua ida não podia ser: porque esperaua que nosso Señor lhe daria remedio pera se poderem ir dali pera outra parte onde estiuessem seguros & liures pera se irem caminho da India.

Como os capitães da armada de Diogo Mendez lhe requereram que se partiße pera Malaca, & o que passou com elles, & como pedio licensa ao grande Afonso Dalboquerque pera se ir, & as rezões porq̃ lha não deu. Cap. XI.

VEndo os capitães da armada de Diogo Mendes, q̃ a fortaleza de Goa estaua de todo acabada, & as cousas da cidade hiam tomando assento, desejosos de fazerem sua viagem, foramse a elle & disseramlhe, que aquellas naos eram de mercadores, que tinham feito seu contrato com elRey dom Manuel, pera irem a Malaca tomar sua carrega, & que atè ali

tiuera algũa disculpa na dilação de sua partida; polo tempo da moução não ser chegado, & que agora que estauão nella, & o negócio de Goa acabado, em que todos tinham seruido muito bem elRey, que se deuia de partir. Diogo Mendez lhe respondeo, que lhe parecia muito bem seu conselho, mas q̃ era necessario darem cõta disso a Afonso Dalboquerque, porq̃ alẽ deste cõprimẽto aproueitar pera lhe fornecerẽ as naos, de algũas cousas de q̃ tinhão necessidade pera aq̃lla jornada, tinhão dado suas menagẽs, & nã se podião partir daq̃lle porto sem sua licença. Dinis Cerniche como era estrãgeiro & queria tratar mais de seu proueito q̃ de sua honra, respõdeolhe q̃ aquelles cõprimentos eram escusados: porq̃ no contrato que os mercadores fizeram cõ elRey, logo os isentou de Afonso Dalboquerq̃, & de todos os outros gouernadores da India. Como Diogo Mẽdez era homẽ atẽtado (posto q̃ neste negócio errasse no q̃ fez por cõselho dos capitães mẽstres & pilotos da sua armada) deixadas as rezões q̃ lhe Dinis Cerniche deu, foise a Afonso Malboquerq̃ & dissellhe, q̃ em Cananor lhe dissera que acabado aq̃lle feito de Goa sendo o tẽpo da moução chegado lhe daria licença pera se partir pera Malaca, & tudo o que lhe fosse necessario pera sua viagem, q̃ pois lha nosso señor tinha dado, ganhada cõ tanta honra sua, & delle nã tinha já necessidade, q̃ lhe pedia muito por merce q̃ o despachasse & lhe desse licẽça pera se partir: porq̃ vistas as cõdições com q̃ os mercadores cõtratarão cõ elRey dõ Manuel, não lhe podia tolher q̃ não fizesse sua viagem, & que os seus capitães o matauão, & lhe faziam cada dia requerimentos que se fossem, & elle o não quisera fazer sem sua licença. Afonso Dalboquerque lhe disse q̃ era verdade, q̃ elle lhe prometera em Cananor de o despachar, tanto que acabasse o negócio de Goa, & que quando lhe aquillo prometera, não sabia o estado em que estauam as cousas de Malaca, & que auia poucos dias que lhe deram hũa carta de Rui de Araujo em que lhe daua conta como a terra estaua, & q̃ sendo caso q̃ pera aquellas partes nauegasse, que fosse cõ hũa armada tam poderosa, q̃ tudo lhe obedecesse: & visto isto & os negócios de Malaca estarem de mã desistão, que lhe pedia por merce que não quisesse auenturar aquelles nauios & gente que consigo leuaua: porque acontecendolhe algum desastre, ambos teriam a culpa, pois polo acontecido a Diogo Lopez de Sequeira, não se podia auer mercadorias em Malaca, senão a troco de lançadas, o que elle não podia fazer com quatro nauios podres, & duas espadas ferrugentas, & que ajudalo com gente & armada não podia ser por duas rezões,

 apri-

a primeira estarem as cousas de Goa tam tenras como elle via: a outra a noua da vinda dos Rumes, que tinha a India toda aluoroçada, & passados estes sobresaltos elle lhe prometia de o ajudar, como lhe tinha dito. Diogo Mendez depois de passar muitas praticas com Afonso Dalboquerque & que estaua em determinação de lhe não dár Licêça despediose delle mal contente, & como foy na sua nao, vieram os capitães saber delle o que passara (tirando Baltezar da Sylua que ficou doente em Cananor.) Diogo Mendez lhe deu conta do que lhe Afonso Dalboquerque dissera, & com esta reposta assentaram todos de se partirem sem mais licença sua.

De como Diogo Mendez por conselho dos seus capitães se fez á vella pera botar pela barra fora, & o grande Afonso Dalboquerque mandou apos elle, & o fizeram tornar pera dẽtro & o mais que passou. Capitulo. XII.

Como os capitães ficaram mal contentes, de lhe o grande Afonso Dalboquerque negar a licença q̃ lhe Diogo Mendez pedira pera se partirẽ, & tinham pera si q̃ lhe não podia tomar menagẽ, nem elles darélha, por virẽ isentos do gouernador da India, determinarã de se fazerẽ á vella, & irẽ seu caminho direito a Malaca, & porq̃ tiueram algũa duuida em sairem pela barra fora de noite, disse Manuel Pirez q̃ hia por piloto & capitão da nao de Baltezar da Sylua, q̃ elle tiraria todas aquellas naos fora da barra ainda que fosse á meá noite, & ás leuaria a Malaca & tornaria pera Portugal sem tocar na India. Com esta determinação de Manuel Pirez fizerãse todos á vella lógo á noite (saluo Pero Coresma que não foy neste cõselho, & deixouse ficar.) Manuel Pirez porque o seu nauio era muito bom da bolina, sahiose lógo pela barra fora, & os outros andáram ás voltas até pela menhaã. Como Afonso Dalboquerque soube que Diogo Mendez era partido, mandou lógo apos elle Duarte da Sylua & Iames Teixeira em duas galés, & Manuel de Lacerda por terra com gente de caualo que se fosse a barra, & tomasse quaesquer bateis que ali achasse, & o fizesse arribar, & disse a hũs & a outros, que sendo caso que elles não quisessem obedecer a este seu mandado, que os metessem a todos em o fundo. Chegado Iames Teixeira a Diogo Mendez, requerealhe da parte de Afonso Dalboquerque que se tornasse, & elle como hia

em

em sua determinação não deu polo requerimẽto. Como Iames Teixeira vio q̃ elle não queria obedecer aos mandados de Afonso Dalboquerque disse a Martim Afonso q̃ era piloto da nao, q̃ mãdasse amainar, & elle lhe respõdeo, q̃ se Diogo Mẽdez q̃ era seu capitã mor lho mãdasse, o faria, & vẽdo q̃ nem por hũa via, nẽ por outra podia acabar cõ Diogo Mẽdez q̃ se tornasse, tiroulhe hũ tiro por alto, & elle mandoulhe tirar outro, & nisto chegou Duarte da Sylua na outra galé, & tiroulhe hũ tiro, & deulhe pela ostaga, & veyo lógo a verga de romania abaixo. Diogo Mẽdez como se vio desaparelhado da vella grande mandou amainar as outras & sorgio. Manuel Pirez vẽdo a nao capitaina amainada arribou sobrella, & perguntou a Diogo Mẽdez q̃ faria, & elle lhe disse q̃ o q̃ auia de fazer era amainar & irẽ todos pagar o q̃ elle fizera por seu cõselho, & dos outros capitães, & estãdo nisto chegou Pero Dalpoem ouuidor da India em hũ parao, & Manuel de Lacerda como o vio veiose meter com elle, & tomarã Diogo Mẽdez & os outros capitães, pilotos & mẽstres, & trouxerãnos presos à cidade. Afonso Dalboquerque q̃ já tinha sabido o que passaua, por hũ homem que lhe Manuel de Lacerda mandara por terra, mãdou vir Diogo Mendez perante si & disselhe, que se espantaua muito delle quebrar a menagẽ que tinha dado, & desobedecer ao seu capitão géral, diãte de todos os embaixadores dos Reis & Senhores da India q̃ ali estauam, por conselho de quatro sandeos da sua armada, estãdo assentado que não era seruiço del-Rey deixalo jr a Malaca, & elle lhe respondeo, que não se fora por lhe desobedecer, mas que sua honra o obrigara a fazer o que fez: porque sendo elle homem pera cousas muito grandes, o mãdara como a hum escudeiro em dous bateis socorrer a ilha de Chorão, que os Turcos tinham entrada. Afonso Dalboquerque lhe disse que aquella não era boa desculpa, que hum homem tam honrado & tam caualeiro como elle, não auia de auer por mascabo de sua pessoa, mandalo pelejar por seruiço de seu Rey, & q̃ ao mesmo negócio mandara Manuel de Lacerda, que era capitão mór da armada delRey cõ outros bateis, & não se afrontara disso: q̃ o seu caso era de calidade, q̃ elle por bẽ de seu officio não podia deixar de fazer justiça, a qual lhe guardaria inteitamente (se a tiuesse) & dali o mãdou leuar preso à torre da menagẽ, & aos outros capitães, pilotos & mẽstres, mãdou meter na cadea, apartados, & a Pero Dalpoem q̃ cõ muita breuidade processasse este negócio: porq̃ estauã ali embaixadores do Rey de Narsinga, & doutros Reis da India, que tinham visto a desobediencia q̃ lhe fizeram, & queria

que se não fossem, sem primeiro verem o castigo que lhes por isso daua. Tiradas as inquirições, estando já o feito em final, mandou chamar todos os capitães, & vistas as culpas que foram apresentadas polo ouuidor, julgaram que Diogo Mendes fosse degradado pera Portugal, & com os autos de suas culpas parecesse diante delRey dom Manuel, & Pero Coresma foy tambem degradado pera Portugal (não sendo neste conselho) por não descobrir a fugida de Diogo Mendez, & Dinis Cerniche que morresse degolado, & Martim Afonso piloto mór, & Manuel Pirez piloto, & capitão da nao de Baltezar da Sylua, & Diogo Fernandez méstre da nao de Dinis Cerniche, q̃ fossem enforcados todos tres, nas naos dõde eram méstres & pilotos: nos quaes se fez lógo aquelle dia execução, & mãdando a Afonso Dalboquerque fazer em Dinis Cerniche, vieram os embaixadores do Rey de Narsinga a pedirlhe que lhe perdoasse, & elle o fez mudandolhe esta pena em degredo pera Portugal, onde o mandou com os autos de suas culpas.

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio pera o estreito de Meca com sua armada, & por não poder dobrar os baixos de Padua arribou a Goa, & fez sua viagẽ direito a Malaca. Capitulo. XIII.

Osto que elRey dom Manuel per muitas vezes tiuesse escrito ao grande Afonso Dalboquerque que entrasse o estreito do már roxo, & fizesse hũa fortaleza em Adem: os negócios de Goa lhe deram tanto em que entender, que nunca teue tempo pera cometer este caminho mais cedo, & posto que a carta, que lhe Ruy de Araujo escreueo do estado em que as cousas de Malaca estauão o posesse em grande confusam do que faria (como fica dito) com tudo cõfiado na misericordia de Deos, determinou de jr ao estreito, & comprir com a vontade delRey dom Manuel, & tendo sua armada prestes de gẽte mantimentos, armas & artelharia, & tudo o mais que lhe era necessario pera cometer esté negócio (deixando Goa a bom recado) se partio, & sendo tanto auante como os baixos de Padua, polos não poder dobrar por ser já tarde, tornou arribar, & veyo, sorgir com toda a armada sobre a barra de Goa, & depois de surto mandou chamar Rodrigo Rabelo capitão da

cidade

cidade,& disselhe que polos tempos serem contrarios, & a moução do estreito & Ormuz ser já passada,& não poder nauegar pera aquellas partes,que sua determinação era jr inuernar a Malaca, & ver se podia dar hũ castigo aos Malayos,pela treição que tinham feito a Diogo Lopez de Sequeira,que lhe encomendaua muito a guarda daquella cidade : porque a leuaua atrauessada na garganta, arreceando que o Hidalcão a tornasse a cometer,& dali se foy a Cananor,&deixando a fortaleza prouida de mais gente da que tinha,partiose pera Cochim. O Rey como soube q̃ Afonso Dalboquerque estaua na barra,foy o lógo vér á nao, & fez lhe muitos requerimẽtos,que não cometesse jr a Malaca:porq̃ as cousas de Goa estauão ainda tam tenras,q̃ era necessario estar sua pessoa presente,pera tomárem assento:& que tambem o Çamorim de Calicut, andaua tam desassossegadó, que se arreceauá,tanto que o visse fora da India, cometesse algũa treição,& ainda que isto que lhe o Rey disse trazia algũa rezão consigo,cõ tudó sua tenção não era esta,senão estoruarlhe esta ida de Malaca,por cõselho de Chirinamercar,& Mamalemercar,dous mercados mouros,homẽs cheos de toda a maldade & roim tenção.E a causa principal deste cõselho era,arrecearemse que Afonso Dalboquerque lhe tomasse suas naos que la tinham mandadas,& tomando Malaca elles ficassem sem nenhum modo de trato em todo aquelle arcepelago , do cabo de Comorim pera dentro:porque eram os mais ricos mercadores q̃ auia em todo o Malabar: & posto que Afonso Dalboquerque visse craramente,que os mercadores tinham enganado o pobre Rey,em lhe pedirem que o desuiasse deste caminho que queria fazer,porque era nosso amigo dissimulou com elle,& disselhe que estaua já determinado de fazer aquella viagem , porque os tempos não deram lugar pera jr ao estreito,como lhe elRey dom Manuel seu senhor tinha mandado, & que esperaua em Deos,que muito cedo lhe viesse noua de quam bẽ vingada tinha a treição,que naquella cidade fora feita aos Portugueses,& q̃ Goa ficaua de maneira,q̃ não arrecearia todo o poder do Hidalcão que sobre ella viesse.Passadas estas praticas q̃ teue com o Rey despediose delle,& mandou chamar Manuel de Lacerda que ali achou,& por tér pequena armada forneceo ho mais de quatro nauios pequenos,& duas naos grandes, gente & monições de guerra, com regimento,que no mes de Agosto se fosse ajuntar com as outras naos, q̃ acharia sobre a barra de Goa,&deulhe todo seu poder pera todos os outros capitães que ali viessem tér lhe obedecerem como a sua propria pessoa , &

que andasse sempre naquella costa, pera acodir ás necessidades de Goa se as tiuesse, & despedio ho q̃ se fosse fazer sua armada prestes, & elle mádou aos seus capitães, que leuassem suas amarras & se fizessem á vella.

Como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Cochim, & fez seu caminho direito a Malaca, & do que nelle passou. Capitulo. XIIII.

DEspedido o grande Afonso Dalboquerque do Rey de Cochim, tendo despachado Manuel de Lacerda, que auia de ficar por capitão mór daquella costa, fez se á vella com toda sua armada, que eram dezoito vellas, em que entrauam tres galés, de que eram capitães, dõ Ioão de Lima, Fernão Telez Dandrade, Gaspar de Paiua, Iames Teixeira, Bastiam de Miranda, Aires Pereira, Iorge Nunez de Lião, Dinis Fernandez de Melo patrão mór, Pero Dalpoem ouuidor da India, Antonio Dabreu, Nuno Váz de Castelo branco, Simão Dandrade, Duarte da Sylua, Simão Martinz, Afonso Pessoa, Simão Afonso, & Iorge Botelho, & fazédo seu caminho, sendo táto auáte como Ceilão, leste oeste com a ilha de Samatra, ouueram vista de hũa nao. Afonso Dalboquerque mandou arribar a ella, & tomarána, com a qual folgou muito por ser de Guzarates, & ouue sua viagem por segura: porq̃ sam elles mais certos naquella nauegaçá, que todas as outras nações, polo muito comercio que tem naquellas partes: & naquella paragem lhe deu hum temporal com que se perdeo a galé, de que era capitão Simão Martinz, porque hia carregado de cobre sem se saber, & leuaua hum tiro por proa, & cõ a tormenta correo á banda & çoçobrou, & saluouse toda a gente, porque lhe socorreo Duarte da Sylua na galé grande em q̃ hia muito prestes, & depois de todos recolhidos, foy Afonso Dalboquerque com toda a armada afferrar o porto de Pedir, leuando consigo cinco naos de Guzarates, que tomára no caminho, & ali achou Ioão Viegas, & oito Christãos da companhia de Rui Daraujo, que vieram fugidos da cidade de Malaca, & Ioão Viegas lhe contou, que o Rey de Malaca os quisera tornar mouros por força, & q̃ mandara fanar algũs delles atados de pés & de mãos, & tinhão sofrido muitos tormentos, por não negarem a fé de Iesu Christo, & estãdo hũa noite todos prestes pera fugirem, foram sentidos, & ficou Rui

Daraujo,

Daraujo,& aos outros ſeus companheiros, por ſe não poderem ſaluar, & diſſelhe mais, q̃ com o Rey de Pacé eſtaua hum mouro principal de Malaca, que ſe chamaua Naodabegea, o qual fora o principal autor da treiçáo que ſe ordenara a Diogo Lopez de Sequeira, & que fugira de lá: porq̃ elle & o Bendara (que o Rey matou) tinham ordenado de o matarem, & de ſealeuantárem com o reyno. Afonſo Dalboquerque com eſta noua deſpediose lógo do Rey de Pedir, & foiſe a Pacé que he o principal porto da ilha Samátra, & como ali chegou mandou viſitar o Rey por Ioão Viegas, & que lhe diſſeſſe que elle tinha ſabido, que naquella cidade eſtaua hũ mouro, que vinha fugido de Malaca, que fora em ajuda de matarẽ certos portugueſes de hũas naos, q̃ elRey de Portugal ſeu ſeñor mãdára ao porto da cidade de Malacà: que lhe pedia por merce, que lho mãdaſſe entregar. O Rey de Pacè reſpõdeo que era verdade, que aquelle mouro fora ali tér, & que ao preſente não ſabia nouas delle, que o mandaria buſcar cõ muita diligencia, & achandoſe lho entregaria, & depois de tér mandado eſte recado à Afonſo Dalboquerque, acõſelhou ao mouro que ſe foſſe direito a Malaca, & auiſaſſe o Rey da ſua jda: porque com eſta noua lhe perdoaria & ficaria em ſua graça. Como o Rey teue ordenado iſto, mandou dizer a Afonſo Dalboquerque, que elle mandára buſcar o mouro, & que ſe não achaua, que lhe parecia que era fugido: porque em toda a cidade não auia nouas delle. Como Afonſo Dalboquerque entendeo que tudo eram malicias do Rey, não quis tér mais pratica com elle, & ficando amigos ſe partio.

De como o grande Afonſo Dalboquerque, ſe partio do Porto de Pacè, & no már ouueram viſta de hũa vella, em que hia o mouro que fugira, & como mandou apos ella, & o mais que paſſou. Capit. XV.

TAnto q̃ o grãde Afonſo Dalboquerq̃ ſe deſpedio do Rey de Pacè mandou fazer a armada à vella, & indo aſsi todos cõ vento bonança, ouueram viſta de hũa pangajaoa (q̃ ſam hũs nauios compridos muito veleiros daquella terra) & porque o vento era calma, & Aires Pereira capitão da Taforea, ſe achar mais perto della, mandoulhe Afonſo Dalboquerque que a ſeguiſſe. Aires Pereira meteoſe no ſeu batel com algũs ſoldados, & foy a deman-

demandar. Os mouros que hiam dentro defenderamse com tãto esforço que feriram Aires Pereira & muita parte da sua gente, sem os poderem entrar. O seu capitão não contente de defender o seu nauio, andando já muito ferido, saltou com Aires Pereyra dentro no batel ás cutiladas, & ali o acabaram de matar, & entraram a Pangajaoa, & matarã todos os mouros que se quiseram defender, & catiuaram sete ou oito, & tornaramse a recolher ao seu batel, & acharam ainda o capitão meo viuo, sem lhe sair sangue das muitas feridas q̃ tinha. Aires Pereira mãdou aos marinheiros que asi como estaua o lançassem ao már, & elles porque lhe viram bom vestido, quiseram no primeiro despir, & acharamlhe no braço ezquerdo hũa manilha de osso, encastoada em ouro, & em lha tirando vasouse todo do sangue & espirou. Espantado Aires Pereira disto foise com a manilha, & com os mouros que tomáram a Afonso Dalboquerque, & contoulhe tudo o que passara, & elle perguntou aos mouros quem era aquelle capitão, & de que lhe seruia aquella manilha que trazia, & elles lhe disseram que era hum mouro principal de Malaca, que se chamaua Naodabeguea, que hia a visar o Rey da sua ida, & a manilha era hum osso de hũas alimarias, que se chamauão Cabais, que se criauão nas serras do reyno de Sião, & a pessoa que trazia aquelle osso tocandolhe na carne, não lhe podia sair sangue por mais feridas que lhe dessem, em quanto o tinha. Afonso Dalboquerque pesoulhe com a morte deste mouro que se quisera enformar delle das cousas de Malaca, & estimou muito a manilha pera a mandar a elRey dom Manuel, polo effeito della.

¶ Recolhido Aires Pereira á sua nao, tornou toda a armada seu caminho, ao longo da cósta como hião, & naquella paragem da poluoreira ouuerão vista de dous juncos muito grandes, & arribaram a elles: hum que era de Choramandel amainou lógo: o outro da Iaoa, porque o não quis fazer mandou Afonso Dalboquerque a Pero Dalpoem que o fosse demandar, & não se querendo render enuestisse com elle: & porque os nossos ao abalroar do Iunco se embaraçáram, feriramlhe os Iaos parte da gente ás frechadas, & desaparelharamlhe o traquete, & o goroupes da nao. Pero Dalpoem vẽdose desaparelhado desaferrou o junco, & afastouse delle. Afonso Dalboquerque que era mais perto, como vio Pero Dalpoem desaferrado, foy demandar o junco, que seria de setecẽtos toneis, muito bem armado, & com trezentos homẽs de peleja dentro, & temendose que depois de aferrado lhe posessem fogo (costume que os Iaos tem, quando se vem vencidos

cidos de seus imigos, mandou ao seu mestre que leuasse o batel prestes, cõ hum calabrete pelos esconues da nao com tal recado, que pondo os Iaos fogo ao junco, que se podesse alargar delle cada vez que quisesse. Ordenado isto arribou sobre o junco, & começaramlhe atirar ás bombardadas, & porque não quiseram amainar, tendolhe já corenta homẽs mortos, & muita parte dos outros feridos, foy ho afferrar. O Iaos vẽdose sogigados da nao Frol dela már, que era muito alteroso de castelos, poseram fogo ao junco. Como a labareda chegou á nao, mandou Afonso Dalboquerque ao méstre que desaferrasse o junco, & se afastasse pera fora. Como se os Iaos viram desassombrados da nao, tornaram a apagar o fogo, que por ser já muito grande fizeramno com muito trabalho, que foy causa de se renderem. Rendido o junco, soube Afonso Dalboquerque que era o Rey de Pacé, & mandou por elle, & como o vio, pediolhe muitos perdões do acõtecido, por não saber que vinha ali sua real pessoa, & fez lhe aquellas cerimonias & bom tratamẽto, que á pessoa de tal dignidade se deue de fazer: & depois de o tér agasalhado & curádos algũs criados seus, que vinham mal feridos, deulhe o Rey cõta de seus trabalhos, & como hia pedir ao Rei da Iaoa, que era seu parente, que o ajudasse com gente & armada contra hum gouernador seu, que se tinha aleuantado com o reyno, & que se elle quisesse tomar esta empresa, & tornalo a restituir em seu estado, que elle se faria vassalo delRey de Portugal, & lhe pagaria parcas. Afonso Dalboquerque porque o trato de Pacé conuinha muito a Malaca se a tomasse, pela muita pimenta que ha na ilha disselhe, que elle hia tomar conta ao Rey de Malaca, de hũa sem rezão que fizera a hum capitão delRey de Portugal seu señor, q̃ áquelle porto fora tér com seu seguro, que acabado isto, elle lhe prometia, que da volta que fizesse pera a India, de o meter de posse do seu Reyno. O Rey lhe agardeceo muito seus offerecimentos, & que queria ficar ali na nao com elle, & mandou aos do junco que o seguissem, & sendo já perto de Malaca, tomou Nuno Váz de Castelo branco hum jũco muito rico, que sahia do porto, & hia pera o reyno de Sião, & dos mouros que se nelle tomaram soube Afonso Dalboquerque, que Rui Daraujo & os Portugueses que com elle estauão eram viuos, & que o Rey sabia já da sua jda. Foram tantas as naos que naquella viagem toparam, que se nã fora a determinaçã que Afonso Dalboquerque leuaua pera fázer Malaca, tomaram a mayor presa que se vio naquellas partes: porque naquelle tẽpo he a mouçã em que os mouros nauegam pera aquelles reynos do cabo

do

do Comorim pera dentro, & na outra fazẽ seu caminho direito ao estreito de Meca, carregados de todas as diuersidades de especiarias, que vem tér a Malaca, mas como Afonso Dalboquerque desejaua de tér segura paz & amizade com todos os Reis & Senhores gentios, que tem seus estados da banda do sul, & trato em seus portos, como lhe elRey dom Manuel tinha mandado, por se não perder o comercio de Malaca, todas as naos que achou pelo caminho, que eram de senhores gentios, a todas fez bom tratamento & gasalhado, & aos capitães dellas fez merce em nome delRey de Portugal, & seguros pera poderem nauegar, não sendo pera o estreito, de que foram muito contentes.

Como o grande Afonso Dalboquerque chegou ao porto de Malaca, & o Rey o mandou lógo visitar, & o mais que passou. Capitulo. XVI.

COmo o grande Afonso Dalboquerque teue recolhido o Rey de Pacé á sua nao, fez seu caminho, & foy demádar os baixos de Capacia, & entrou pelo canal de doze braças, & chegou ao porto de Malaca hũ dia á tarde, com toda a sua armada embandeirada, tangẽdo suas trombetas, & mandou saluar a cidade cõ toda a artelharia, & foy sorgir diante do seu porto, & como a armada foy surta o Rey mandou lógo hum mouro com recado a Afonso Dalboquerque dizendo, pera que era tamanha armada? se vinha pera guerra ou pera paz: porque elle não queria senão paz com elRey de Portugal, & que lhe fazia a saber que mandara matar o seu Bendará, porque fora culpado no aleuãtamento que se fizera a hum capitão seu, que áquelle porto viera, & fizera matar os Christãos que andauam em terra, de que elle não tinha nhũa culpa. Afonso Dalboquerque lhe recebeo sua enganosa disculpa, & disimulou com elle, a fim de auer á sua mão Rui de Araujo, & os outros Christãos que lá tinha, & respondeolhe, que elle sabia bem quam pouca culpa tinha na treição que se fizera ao capitão delRey seu señor, & pois ja tinha vingada a morte dos Christãos, que o Bendara matára, com lhe cortar a cabeça, que lhe pedia por merce, que lhe mandasse entregar os que ficarã viuos, & pagar toda a fazenda que lhe era tomada á custa do Bendará. O Rey tornou lógo a mandar o mouro que dissesse a Afonso Dalboquerque

que fizessem pazes, que elle lhe mandaria os Christãos, & satisfaria tudo o mais que fora tomado, elle lhe respondeo que nã auia de fazer pazes, até lhe não mandar os Christãos, & toda a fazẽda delRey que tinha tomada, como lhe já mandára dizer por elle, & depois de ser entregue de tudo falariam em pazes: porque isso era o que elRey seu senhor desejaua, & pera isso o mandaua ali, & q̃ aquella armada não vinha a buscar carrega, senão a fazerlhe guerra, senão quisesse tér paz com elRey seu senhor. O Rey cõ tudo isto refusou não entregar Rui de Araujo & os Christãos, sem primeiro fazer paz: porque cuidaua que com isto enfreaua Afonso Dalboquerq̃, mas elle assentou de a não fazer sem primeiro lhe restituirẽ os Christãos, & tudo o mais que tinham tomado: & andando estes recados de hũa parte pera a outra, começou o Rey com suas rebolarias, & mandou sair hũa armada de lancharas fora do rio, & como deram hũa mostra com gẽte & artelharia, tornáram se a recolher, & com estes biocos & sandices q faziáo cuidauam que assombrauã Afonso Dalboquerque, & elle sofria tudo por auer Rui de Araujo ás mãos: porque lhe lembraua que o mandara o Visorrey na companhia de Diogo Lopez de Sequeira degradado pera Malaca por amor delle, & sendo auisado por Rui de Araujo, que o Rey mandaua fazer estancias muito fortes ao longo do már, mandoulhe dizer, que não parecia sinal de boa amizade, não lhe querer entregar os seus Portugueses, & mandar fazer estancias, como homem que queria mais guerra que paz, & q̃ differentemẽte o fizera o Rey de Pacé com elle, que tanto q̃ ao seu porto chegára, lógo lhe mãdou noue Portugueses que lá foram tér fugidos da prisam em que os tinha, & com elle não podia acabar de tomar concrusam em nada. O Rey por cima destas rezões, determinouse em nã lhe entregar os Christãos, sem primeiro fazer pazes.

¶ Como Afonso Dalboquerque vio este desengano do Rey, porque não cuidasse que o tinha assombrado com as suas lancháras que tinha no rio, com que lhe mandaua dar mostra cada dia, quilo desenganar, & mandou armar quatro bateis com gente & artelharia, que fossem ao longo da ribeira esbombardear a cidade. Como os mouros viram os bateis afastados das naos, vieramnos esperar fora do rio, com vinte pangajaoas armadas com muita gente. Afonso Dalboquerque como os vio vir, mandou reforçar os nossos com mais bateis. Os mouros como isto viram, tornaram se a recolher pera dentro do rio cõ sua armada, & recolhidos tornou o Rey a mandar seus recados acostumados, & cheos de enganos & palauras moles

&

& mintirosas a Afonso Dalboquerque,& elle lhos tornou a receber com muita paciencia,escusandose sempre da guerra,mostrandolhe que a sua vinda ali fora, pera cõseruar o porto de Malaca,& assentar trato & amizade cõ elle,& não pera o distroir: & porque na cidade auia mouros de muitas nações,q̃ todos desejauão q̃ não ouuesse paz(porque os nossos não fizessem assento na terra) fizeram entender ao Rey , que Afonso Dalboquerque ná ousaria de cometer a cidade,& como viesse a moução q̃ se auia lógo de jr,& neste cõselho eram tãbem os seus capitães:& os q̃ mais trabalhauão por se não fazer paz eram os Guzarates,porque todo o trato de Cãbaya he em Malaca,& offereceramse ao Rey pera o seruirem cõ seis cẽtos homẽs brancos,muito bem armados,& quarenta bombardas, & na força destes cõselhos,em que o Rey andaua com os mouros naturaes & estrãgeiros,mandou Rui de Araujo dizer a Afonso Dalboquerque,que as estãcias hiam a vante,& o Rey se fazia prestes pera se defender,& que os Turcos & Guzarates,Rumes & Coraçones,eram os que o aconselhauão,que não fizesse nenhum concerto,nem consentisse que os nossos tomassem assento na terra,& pera se isto effeituar dauão grandes peitas ao Rey & seus gouernadores,& que tinhão tambem por si os Cacizes, que lhe faziam grandes pregações,dizendo,que os Portugueses eram arrenegados & ladrões,& queriam senhorear todo o mũdo, & peccaria se os recolhesse na cidade,& que o Xabandar dos Guzarates,que era estante de todos os mercadores de Cambaya (o qual tinha grande credito com o Rey) se fora a elle, & lhe pedira muito que não tiuesse amizade com os Portugueses, nem fizesse paz com elles: porque as suas naos & as dos mouros não podiam nauegar por hum caminho em hũa moução, nem tomar carga todos juntos em hum porto:porque era cousa de muita deuisam, ainda que fossem todos de hũa nação,quanto mais sendo elles mouros,& os Portugueses Christãos,desejosos & procuradores de toda sua distruição : q̃ isto lhe dizia porque desejaua muito seu seruiço,& a conseruação de seu reyno & que deuia de dissimular com o capitão mór daquella armada,& entretelo,porque como viesse a moução não auia de estar ali mais . O Rey pareceolhe bem o conselho do Xabandar,& praticou tudo com os seus gouernadores,& todos foram de parecer que assi se fizesse , & mandou lógo concertar a sua armada pera estar prestes pera qualquer cousa que socedesse,& dar mais pressa ao fazer das estancias.

Do

Do sitio & fundação do Reino & cidade de Malaca. Cap. xvij.

Reyno de Malaca de hũa parte confina com o rey de Queda, & da outra cõ o reyno de Pam: & terá de comprido cem légoas de costa, & de largo pela terra dentro até hũa serra por onde parte o reyno de Sião, terá dez légoas. Esta terra toda antiguamente era sogeita ao reino de Sião, & aueria nouẽta annos pouco mais ou menos (quãdo Afonso Dalboquerq̃ ali chegou) q̃ era reyno sobre si, & vieram os Reis deste reyno a ser tam poderosos, que se chamaram Coltois, que antre elles he nome de Emperador: & porq̃ esta fundação de Malaca pera se bem entender he necessario vir hum pouco de mais longe contarei aqui dõde este reyno teue primeiro principio. Naq̃lle tempo q̃ se ella fundou, reinaua na ilha da Iaoa hũ Rey q̃ se chamaua Bataratamurel, & no Reyno de Palimbão, q̃ he dentro na ilha da Iaoa, reynaua hum Rey gentio q̃ se chamaua Parimiçura, & auendo antre elles muitas differẽças, vierãse a concertar, q̃ Parimiçura casasse cõ hũa filha de Bataratamurel, q̃ se chamaua Parimiçuri, & ficasse pagãdo hũ certo tributo ao Rey da Iaoa seu sogro. Este Rey parimiçura passados alhũs dias depois de tér feito este cõcerto arrepẽdeose, & aleuãtouse cõ a obediẽcia, & não quis pagar o tributo a seu sogro, & pera fazer isto falouse cõ algũs parẽtes seus, & pólo por obra. Vẽdo Bataratamurel q̃ seu gẽro se aleuãtaua cõ a obediencia, & não lhe queria pagar o tributo veyo sobre elle cõ muita gẽte, & desbaratou ho & tomoulhe o reino, & vẽdose o Parimiçura desbaratado, temẽdo cair nas mãos de seu sogro fugio cõ sua molher filhos & criados, & algũa pouca gẽte, ẽ hũ jũco, & veio tér a Singapura, q̃ era hũa cidade mui grãde, & mui pouoada: dá testemunho disto as grãdes ruinas q̃ oje ẽ dia parecẽ, antes de se fundar Malaca, & estáua á obediẽcia do Rey de Sião. Singapura, dõde esta cidade tomou o nome, he hũ canal por onde passã todas as naos pera aq̃llas partes, & q̃r dizer ẽ lingoagẽ Malaya, falsa demora, & cõuẽlhe este nome muito: porq̃ algũas vezes estãdo ali as naos esperãdo por moução, vem hũ tẽporal tã rijo q̃ se perdẽ. Chegado o Rey Parimiçura a este porto, o capitã da cidade q̃ se chamaua Tamagi, vẽdo o assi vir desbaratado agasalhou o em sua casa, & fezlhe muita hõra. O Parimiçura por lhe pagar o bõ gasalhado q̃ lhe fez, cõ cobiça da grossura da terra, do dia q̃ chegou a oito dias matou o ás crisadas, & ficou por señor do Canal, & pouoações q̃ nelle auia

 Sabido

Sabido no reino de Palimbão a prosperidade em q̃ estaua, vierãse pa oRei tres mil homẽs Palimbões: os quaes teue cõsigo, & viueo na cidade de Sin gapura cinco annos, roubãdo todos os q̃ passauã, porq̃ trazia hũa armada de muitas lancharas no már. O Señor de Patane, q̃ era jrmão do Tamugi como soube q̃ o Parimiçura matára seu jrmão, & se fizera señor do canal, fez se prestes & veyo sobrelle com muita gente, & com fauor dos da terra que lhe queriã mal, polos roubos que fazia o desbaratou. Como se o Pari miçura vio desbaratado fugio & veiose meter no rio de Muar, onde achou algũs pescadores q̃ viuiam pobremẽte, & começou a fazer terras de pam pera se manter, & com algum pescado que lhe os pescadores dauão, viueo ali algum tempo, & algũa gente que trazia consigo não tinha outra vida senão andarẽ furtando pelo már em lancharas que trouxeram.

¶ A este tempo viuiam tambem no porto onde agora está a pouoação de Malaca, vinte ou trinta pescadores, que ás vezes se mantinham de pescar, & outros de furtar: & sabẽdo que o Rey Parimiçura estaua em Muar, pela fama que tinhão de ser caualeiro & homem de esprito, vieram tér cõ elle & disseramlhe, q̃ naq̃lla terra onde elles estauão, por hum rio a cima tres légoas estaua hũ cãpo q̃ se chamaua Bintão, muito fertil, em que se podia semear muito arroz, & todas as outras cousas que quisesse, & que tinha muito boa ágoa pera beber, que se deuia de mudar pera elle, & que querendo fazer ali sua abitação, que elles o seruiriam & seriam seus vassalos. O Parimiçura cõ esta enformação q̃ lhe os pescadores déram, foy ver o lugar & contentouse muito delle, & de toda aquella terra: & tornando a Muar embarcouse com toda sua casa & gente, & foyse viuer a Bintão, & começou a fazer grandes sementeiras & pomares de fruitas, & fez hũs paços muito grandes pera sua viuenda, & ficou tam contente desta terra, que polo seruiço que lhe os pescadores fizeram em o trazerem a ella, os fez fidalgos, & mandaris de sua casa, & por ser o porto bõ & tér muita ágoa & muito boa, auendo quatro meses que Parimiçura viera pera ali, se fez hũa pouoação de cem vezinhos, onde agora está a cidade de Malaca. Os ladrões que andauam roubando pelo már em lancharas, que vinham ali ao porto tomar ágoa, polo fauor & bom gasalhado que recebiam do Rey parimiçura, começaram a continuar ali, & trazer as mercadorias que roubauão, & foy a cousa em tanto crecimento, que dentro em dous annos se fez hũa pouoação de dous mil vezinhos, & começaram a tér trato. Este Parimiçura pos nome a esta pouoação Malaca

po rq̃

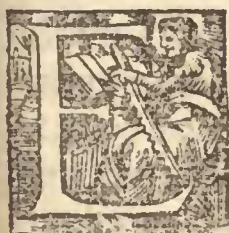
porque na lingoagem da Iaoa, ao Palimbo que foge, chamãolhe Malayo, & porque elle viera fugido do reyno de Palimbão, de q̃ era Rey, pos nome ao lugar Malaca, outros dizem que se chamou Malaca, por rezão da muita gente que a ella vinha de hũa parte & da outra, em tampouco tempo, porque Malaca quer tambem dizer encontrar, & por isso lhe poseram nome cidade em contradição, destas duas openiões tome cada hum a que lhe milhor parecer, porque esta he a verdade,

¶ Vendo Batara Tamurel o crecimento em que hiam as cousas de Malaca, & a prosperidade em que seu genro estaua, tornouse a reconciliar com elle, & mãdaualhe muitos mantimentos por seu dinheiro: & por o Rey Parimiçura ser de boa condição, & tratar bem a gente que áquelle porto hia começáram os de Pacé, & os de Bengála tér trato com os de Malaca: & auẽdo sete annos q̃ o Parimiçura começara esta pouoação de Malaca morreó, & ficoulhe hũ filho q̃ se chamou Xaquendarxa, o qual sendo gentio casou cõ hũa filha do Rey de Pacé, q̃ auia pouco q̃ se tornara mouró, & como forã casados, ora fosse por rogos da molher, ora por amoestações do sogro, não tardarão muitos dias q̃ se não tornou mouro, & este Rey Xaquẽdarxa depois de tér algũs filhos, desejou de jr vér o Rey da China dizendo, que queria jr vér hũ Rey, q̃ tinha por vassalos os Iaos & Siões, & todas as terras sabidas, & partiose de Malaca, & leuoulhe hũ presente, & tardou nesta jornada tres annos, & fez se seu vassalo, & trouxe hum meyo sello em sinal de vassalagẽ, & licẽça pera poder laurar moeda de estanho meuda; a qual moeda elle mãdou laurar tãto q̃ chegou a Malaca, & poz lhe nome Caixes, q̃ sam como os nóssos ceitis, & cento delles valiã hũ Calaim, & cada Calaim valia por ley posta onze reis & quatro ceitis. A prata & ouro nã se trataua por moeda senão por mercadoria. E despedido Xaquendarxa o Rey da China mandou com elle hum capitão que o acompanhasse até Malaca, & pela muita amizade q̃ ambos tiueram polo caminho, casou ho Xaquendaxa com hũa filha sua, de q̃ ouue hũ filho q̃ se chamou Rajapute, donde decendem os Reis de Cãpar, & Pam: & chegado a Malaca dahi a poucos dias morreo, & ficou por Rey hũ filho seu mais velho, q̃ se chamaua Modafaixa, & este como reynou tornou a confirmar as pazes q̃ seu pay tinha feitas com o Rey da China, & de Sião, & da Iaoa, & ennobreceo grandemente Malaca, & andaua sempre de armada no már, & cõquistou muitas terras, & tomou o reyno de Campar & de Pam, & de Dandargiri, & felos mouros per força, & casou hos cõ tres filhas de seu jrmão Rajapute: & feito

isto tomou pôr nome Soltão Madofaixa, & dali a poucos dias morrêo, & ficou por Rey hum filho seu, que se chamaua Soltão Marsusa, & este como começou a gouernar o reyno, fez no monte de Malaca casas grandes em que viuia: & porque se temeo que seu tio Rajapute, que estaua em Bintão, se aleuantasse com o reyno foy lá & matou ho ás crisadas, sendo já muito velho. Como os Reis de Pam & Dandargiri souberam que Soltão Marsusa lhe matára seu sogro, aleuantaráse contra elle, & como era caualeiro foy sobrelles & venceo os, & fez lhe pagar o tributo dobrado, & casou hos com duas jrmaãs suas, & elle casou com hũa filha do Rey de Pam: & com estes casamentos ficáram muito amigos, & desta filha do Rey de Pam ouue hum filho que foy morto com peçonha: & depois disto casou com hũa filha do seu Lassamane, de que ouue hum filho que se chamou Alaoadim. Morto Soltão Marsusa, ficou por Rey Soltão Alaoadim, & casou com hũa filha do Rey de Campar. Este foy tã rico & ajuntou tanto ouro das rẽdas do porto de Malaca, q̃ foy estimado em cẽto & quarẽta quintaes de ouro.
¶ Vendose tam rico, determinou de jr á casa de Meca, & fez prestes muitos jũcos pera passar, com determinação de leuar consigo o Rey de Cãpar & o Rey de Dãdargiri: os quaes por serẽ reuoltosos os trazia na sua corte, & nãnos deixaua jr pera suas terras, & tinha senhoreado toda aq̃lla terra, porq̃ era muito poderoso no már, & muito rico: & no tẽpo deste veyo Malaca a ser tã nobre cousa, q̃ dizião q̃ aueria nella quarẽta mil vezinhos, em que auia gẽte de todas as partes do mũdo. Este Soltão Alaoadim casou cõ hũa filha do seu Bẽdara, q̃ fora Quelim no tẽpo de seu pai, a q̃ queria grãde bẽ, & desta ouue hũ filho q̃ se chamou soltão Mahamet, & da filha do Rey de Cãpar ouue hũ filho q̃ chamarã Soltão Celeimã, & a este pertẽcia o reyno de direito por vir da linhagẽ dos Reis. Estãdo este Alaoadim prestes pera partir pera Meca, foy morto cõ peçonha, & dizião q̃ por industria dos Reis de Pam, & Dandargiri: porq̃ os queria leuar per força. Como Soltão Alaoadim foi morto, ouue grãde diuisam no reino: porq̃ a filha do Rei de Cãpar q̃ era Rainha, queria q̃ erdasse o reino seu filho, por lhe pertẽcer de direito. O Bẽdara como era muito poderoso & tinha muito dinheiro fauorecia o neto de seu jrmão, q̃ fora Bẽdara antes delle, & os Reis de Pã, & de Cãpar fauoreciã o outro, finalmẽte, o Bẽdara aleuãtou o sobrinho por Rei & tãto q̃ Soltã Mahamet foy em posse do reyno, aleuãtou a obediẽcia aos reis de Sião & da Iaoa, & ficou obedecẽdo ao Rey da China. O Rey de Sião como vio q̃ o Rei de Malaca lhe não queria obedecer veyo cõ hũa armada

de cem

de cem vellas sobre elle. Sabendo isto o Rey de Malaca, mãdou o seu Lassamane que o fosse buscar ao caminho, & o Lassamane o foy esperar á ilha de Pulapicão, & desbaratou toda a armada, & daquelle tempo até Afonso Dalboquerque tomar Malaca, que passaram vinte & dous annos, não tornaram mais. Este Rey Soltão Mahamet era muito vão & muito soberbo, & zõbaua do pay querer jr á casa de Meca, & dizia que Malaca era a propria Meca, & por se temer de seu jrmão Soltão Celeimão o matou ás crisadas, & asi matou dezasete homẽs principaes todos seus parẽtes sem porq̃, & matou seu filho herdeiro, porq̃ lhe pedio dinheiro pera gastar (& diziã os mouros que por este peccado lhe tomára Afonso Dalboquerque o reyno.) E mortos estes recolheo toda á fazẽda em q̃ auia cincoenta quintaes de ouro, & tomou as molheres & filhas de todos por mancebas, que seriam cincoenta molheres de preço: asi que em Malaca desde o primeiro Rey q̃ a fundou até o tẽpo de Soltão Mahamet, ẽ cujo tẽpo Afonso Dalboquerque a tomou, auẽdo nouẽta annos q̃ começára a ser pouoada, ouue seis Reis .s. Parimiçura, Xaquẽdarxá, Soltão Modafaixa, Soltão Marsusa, Soltão Alaoadim, Soltão Mahamet. E era tam nobre Malaca, que dizião quando a Afonso Dalboquerque tomou, que aueria na cidade & em seu termo cem mil vezinhos, & tinha hũa grande legoa de comprido ao longo do már.

Dos costumes & regimento da cidade de Malaca. Cap. xviij.

ESte porto de Malaca he muito bõ, não ha nelle tormentas, & nunca se nelle perdeo nao. He principio de mouções & fim de outras de maneira, que os de Malaca chamão aos da India gentes de ponente: & aos Iaos, Chins, & Gores, & de todas aquellas ilhas, gentes de leuante: & Malaca he o meyo de tudo isto: nauegação segura & breue, o que não tinha Singapura: porque nos baixos de Capácia se perdiam muitas naos: & os que vem de leuante pera ponente, acham aqui as mercadorias de ponẽte, & leuãnas & deixam aqui as suas q̃ trazẽ, & outro tanto fazẽ os de ponẽte, & desta maneira se foy Malaca fazẽdo tamanha cousa, q̃ onde Malaca era aldea de Pacẽ, ficou Pacẽ aldea de Malaca: porque os mais dos mouros de Pacẽ se vierã viuer a ella. Sohião de vir a Malaca cada anno naos de Cãbaia, de Chaul, de Dabul, de Calicut, de Adẽ, de Meca, de Xaer, de Iudá

de Choramendel, de Bengala, dos Chins, dos Gores, dos Iaos, de Pegù, & de todas aq̃llas partes, & os de Sião não vinham a Malaca cõ suas mercadorias: porq̃ sempre tiueram guerra cõ os Malaios: & creyo verdadeiramente segundo as enformações das cousas de Malaca, que se outro mũdo & outra nauegação ouuera, todos vieram tér a ella: porque nella acharám toda a diuersidade de drogarias, & especiarias que se podem nomear em o mundo, polo porto de Malaca ser mais cómodo pera todas as mouções do cabo do Comorim pera dentro, que todos os outros portos, que ha naquellas partes, & não falo particularmẽte nos outros proueitos que ha neste porto de Malaca, por respeito das mouções, com que se nauega naquellas partes, por amor dos baixos de Capácia, por nã ser proluxo. Os Malayos sam homẽs soberbos, & presamse muito de matarem homẽs manhosámente ás crisadas: sam maleciosos, géralmẽte de pouca verdade & porem os Gores sempre a tratauão, porq̃ auiam por grande honra térẽ comercio com elles, por ser gẽte nobre, & bem acostumada. Os Malayos sam homẽs galantes, vestemse bem, não consentem que lhe ponhão as mãos na cabeça, nem nos hombros: todo o seu feito he praticar em cousas de guerra, & sam muito corteses. Ninguem pode vistir amarelo sobpena de morte senão só o Rey da terra, saluo se he pessoa a que o deixa trazer por lhe fazer merce. Os fidalgos quando falão ao Rey hão de estar arredados delle cinco ou seis passos.

¶ Os Senhores que hão de morrer por justiça tem por honra morrerem ás crisadas, & o parente mais chegado o mata. Se algum homem do pouo morre sem herdeiro, a fazẽda he do Rey, & não póde nhũ casar sem licẽça sua, ou do Bẽdará. Se algum achar sua molher em adulterio, póde matar dẽtro em casa a ambos, & não fora de casa nẽ póde matar hũ sem outro, senão acusalos por justiçá. Nas injurias que se julgão, os Reis leuauam ámetade de dinheiro, & o injuriado a outra ametade. Em Malaca auia diuersas maneiras de justiça, segũdo a calidade do crime: hũs espetados, outros acotouelados nos peitos: delles enforcados: outros cozidos em ágoa: outros assados & dados a comer a hũs homẽs, que sam como saluagẽs, de hũa terra q̃ se chama Daru, que o Rey trazia em Malaca pera comerem estes taes: & de todo o homem que morre por justiça tẽ o Rey ametade de sua fazẽda, tendo herdeiros, & nã nos tendo leua tudo. Auia em Malaca cinco dignidades principaes: a primeira he Pudricaraja, q̃ quer dizer Visorrei, & depois do Rey este he o mayor: a segunda he Bendará, este he veador da

fazenda

fazenda, & gouerna o reyno: ás vezes o Bendará tem estes dous officios, de Pudricaraja, & de Bendará: porque nunca se cõcertão bem dous nestes dous officios: a terceira he Lassamane, este he Almirãte do már: a quarta he Tamungo, & este tem carrego da justiça da gente estrangeira: a quinta he Xabandar, & destes auia quatro, cada hum de sua nação. Hum da Chi na, outro da Iaoa, outro de Cambaya, & outro de Bengala. E eram todas as terras repartidas por quatro homẽs destes, & cada hum tinha sua parte & o Tamungo era juiz da alfandega sobre todos estes. Podese dizer com verdade que Malaca no feito & trato da mercadoria, he a mayor cousa do mundo, & as suas leis foram sempre muy bem guardadas, & auia mister grandes pessoas que a gouernassem, asi na justiça como na fazenda: porque ella o merece: & sendo meãmente gouernada, nunca Malaca deixára de ser quem foy antiguamente, & não falo aqui de muitas terras, ilhas & reynos & prouincias, que nestas partes ha, ainda q̃ disso tiuesse certas enformações, por cartas que via de Afonso Dalboquerque pera elRey dom Manuel, em que lhe daua conta de todas aquellas partes: porque minha tẽ ção he escreuer sómente os trabalhos & conquistas de Afonso Dalboquer que, & o mais deixalo a quem o milhor fará: sómente farey aqui menção dos Gores, por conuir a esta historia.

¶ Os Gores (pela enformação que Afonso Dalboquerque quando tomou Malaca, ainda que se agora sabe mais certo) naquelle tempo se dizia que a sua prouincia era terra firme, & a vóz comũa de todos he, que a sua terra he ilha, nauegam della pera Malaca, onde vem cada anno duas & tres naos. As mercadorias que trazem sam seda & panos de seda, brocados, porcelanas, grande soma de trigo, cóbre, pédra hume, frusseria, & trazem muito ouro em ladrilhos marcados do sello do seu Rey: nã se pode saber se estes ladrilhos era moeda da sua terra, ou se lhe punhá aq̃lla mar ca, como cousa resistada no porto dõde sahião: porq̃ sam homẽs de pouca fala, & não dão cõta das cousas da sua terra a ninguẽ. Este ouro he de hũa ilha q̃ está perto delles, q̃ se chama Perioco, em q̃ ha muito ouro. A terra destes Gores se chama Lequea: sam homẽs aluos: seus vestidos sam como balãdrois sem capelo, trazẽ as espadas cõpridas da feição de cimitarras de Turcos, hũ pouco mais estreitas: trazẽ adagas de dous palmos: sam homẽs ousados, & temidos nesta terra. No porto a q̃ chegam não tirã suas mercadorias por jũto, senão pouco & pouco: falã verdade & querem q̃ lha falẽ. Se algũ mercador ẽ Malaca sahia de sua palaura lógo o prẽdiã. Trabalhão

por se despacharem em breue tempo: não tem estante nenhum na terra, porque não sam homẽs que folguem de andar fora da sua. Partem pera Malaca no mes de Ianeiro, & pera sua terra em Agosto & Setẽbro. A sua certa nauegação he vir demandar o Canal dantre as ilhas de Celáte, & a ponta de Singapura da banda da terra firme, & ao tempo que Afonso Dal boquerque se partio pera a India, depois de tér tomada Malaca, eram che gadas dúas naos delles á ponta de Singapura, & vinham pera Malaca, & por conselho do Lassamane que fora Almirante do már do Rey de Malaca, se deixaram estar, & não quiseram passar, sabendo que Malacá era to mada polos Portugueses, & como os gouernadores da terra souberam q̃ elles ali estauam, mandaramlhe seguro & bandeira, & elles vieram lógo. Este Lassamane era homem de oitenta annos, bom caualeiro & de boa fama, & de bom saber, & vendo o Rey de Malaca perdido foy se assentar em Singapura, & depois de Afonso Dalboquerque estar em posse de Malaca, se veyo ao rio de Muar, & mandou pedir seguro dizendo, que se queria ir viuer a Malaca, & seruir elRey de Portugal. Afonso Dalboquerque lhó mandou, & com tudo nã quis vir, & creose que algũs mouros de Malaca, porque tinham fauor de Afonso Dalboquerque, & gouernauão a terra, lhe escreueram algúa cousa, por onde trouaram sua vinda, arreceãdo que por ser elle singular homem, lançasse Afonso Dalboquerque mão delle, pera gouernar Malaca.

Do recado que o grande Afonso Dalboquerque mandou ao Rey de Malaca, & do conselho que teue com os capitães sobre a carta que lhe escreueo Rui de Araujo Capitulo. XIX.

VEndo o grande Afonso Dalboquerque a soberba do Rey, & o pouco temor que tinha da sua armada, lembrandolhe o caso acontecido a Diogo Lopez de Sequeira, desconfiou se muito de ver como este negócio passaua, & as mentiras & enganos que o Rey com elle vsaua: & considerando todas estas cousas, mandoulhe dizer, que elle por muitas vezes lhe tinha mã dado pedir os Christãos, não tendo rezão de lhos tér forçosamente, pois não foram tomados de boa guerra, nẽ por represaria: mas antes debaixo do seu seguro, & dos seus gouernadores, andando elles sem armas pela cidade

dade os mandara trazer todos á espada por essas ruas, a quem nos queria matar, & que o seu Bendara que dizia que mandára matar por ser causa da morte dos Portugueses, & que elle tinha sabido que o mandara matar pela treição que lhe tinha ordenada, com determinação de se aleuantar com o Reyno, & ainda que lhe recebesse suas enganosas disculpas, q̃ esta era a verdade: porque depois da morte do Bendara, elle mandara meter os Christãos á tormento, pera que se tornassem mouros, & algũs delles polos não poderem sofrer, deixaram a fé de Iesu Christo per força, & que todas estas cousas disimulára & sofrera por ver se podia tér bôa paz & amizade com elle, & pois estaua tam obstinado, que nenhũa maneira de concrusam queria, lhe fazia a saber, que toda a gente daquella armada, não podia sofrer estarem ali tantos dias, sem terem tomado vingança da treição que naquella cidade fora feita ao capitão & soldados delRey de Portugal, que elle mandara matar atreiçoadamente. Com este recado que Afonso Dalboquerque mandou ao Rey, escreueo hũa carta a Rui de Araujo, em que lhe dizia, que elle sabia bem quam obrigado era, & os capitães & toda a mais gente daquella armada a morrerem por seruiço de Deos, & del Rey dom Manuel seu senhor, & mais em guerra tam justa, em que se elle tinha muitas vezes justificado, & que o Rey se punha em determinação de lhe não entregar os Christãos, nem aceitar a paz & amizade que lhe offerecia da parte delRey de Portugal, pelas quaes rezões lhe conuinha pôrlhe as mãos sem mais dilação, & se se recrecesse disto passarem elles trabalho, que o tomassem em paciencia: porque a elle lhe conuinha polo que compria ao estado delRey de Portugal, ver o cabo a este negócio, & prouar suas forças com as dos imigos, & quanto mais tardasse teriam elles mais tempo de se fortificarem. Rui de Araujo respondeo, que não quisesse Deos q̃ a armada delRey de Portugal, nem os seus Portugueses recebessem afronta, nem abatimento, por lhe segurarem a vida: porque elle obrigado era a morrer por seruiço de Deos, & de seu Rey, & pala liberdade dos seus naturaes, que elle se auia por bem auenturado, trazelo nosso Senhor a estado que podesse morrer pela sua sancta fé: & que quanto a elle & a seus companheiros, não deixasse de fazer o que compria ao seruiço delRey de Portugal, porque já estauão offerecidos a tudo o que lhe viesse, & que lhe fazia a saber que o Rey se fazia prestes quanto podia, & que os Guzarates eram os que andauam de dia & de noite ajudando na fortificação das estancias, & que estes eram os principaes que não podiam sofrer fazerem os Portu-

 gueses

guefes aſſento na terra, & que ſe determinaua de cometer a cidade, que o deuia de fazer o mais preſtes que podeſſe, ſem mais falar em concerto nẽ pedir Chriſtáos: porque ſoubeſſe certo que o Rey lhos náo auia de dar ſenáo por força, & que eſtaua tam ſoberbo com a muita gente eſtrangeira que tinha, que náo cuidaua ſenáo em lhe tomar a ſua armada. Com eſta repoſta de Rui de Araujo, mandou Afonſo Dalboquerque chamar todos os capitáes á ſua nao, & deulhe conta de tudo iſto que lhe tinha eſcrito: & que pois o Rei eſtaua neſta determinaçáo, lhe diſſeſſem ſe cometeria lógo a cidade, ou ſe teria mais algũs comprimentos com elle. Os capitáes lhe reſponderam que dias auia que lhes náo parecia bem tér elle tanto ſofrimento com o Rey: porque desde o dia que ali chegáram, ſempre ſuas repoſtas trouxeram roſto de náo querer nenhum concerto, nem amizade com elles, & que todas as dilações em que andara foram pera ſe aperceber & fazer forte, como Rui de Araujo por muitas vezes tinha mandado dizer.

Do requerimento que o grande Afonſo Dalboquerque mandou fazer ao Rei, aſsinado por elle & por todos os capitães, & de como lhe mandou Rui de Araujo, & os ſeus companheiros que lá tinha. Capitulo. XX.

POr cima deſta determinaçáo dos capitáes, pareceo ao grande Afonſo Dalboquerque, que pera mais juſtificar eſte negócio com Deos, & com os Reis de toda aquella terra, por náo dizerem q̃ os Portugueſes eram tirannos, que lhe deuia primeiro de mãdar fazer hum requerimento, aſsinado por elle, & por todos os capitaes, & apos iſſo algũs rebates com moſtra de guerra: o qual requerimento lhe lógo mãdou, polo mouro que andaua com os recados, & nelle lhe dizia, que elRey dom Manuel ſeu ſenhor, mandára áquelle ſeu porto hum capitáo com certas naos, que vinham mais carregadas de mercadorias que de gente, com deſejos que tinha de aſſentar paz & amizade com elle, & ſobre ſeu ſeguro & do ſeu Bendara, roubara toda a fazenda & matara & catiuara os Portugueſes, como lhe já tinha dito, & trabalhára quanto podera porlhe tomar ſuas naos, ſe milagroſamẽte os noſſo Seńor náo liurara, q̃ ſoubeſſe certo ſe lhe lógo náo mãdaua entregar os Chriſtáos

& toda a fazenda que tinha tomada, que o auia de distroir, & tomarlhe a sua cidade, & que tomaua a Deos por juiz, que elle & seus gouernadores eram causa de sua distroição: pois por conselho dos Guzarates, que eram imigos capitaes dos Portugueses, não queria tomar concrusam nhũa de paz com elle, & que aquella armada que ali tinha consigo, não aguardaua moução como elles tinham dado a entender, nem perdiam tempo de viagem, nem queriam carga: porque eram naos de armada que elRey de Portugal tinha na gouernança da India, & não lhe daua mais estar hum anno naquelle porto que dez, & que fosse certo que se se não arrependesse da guerra que queria tér com os capitães & gente delRey de Portugal, q̃ cedo perderia seu estado: & que lhe daua por sinal disto asi ser, mudar hũ anel de hum dedo pera o outro (o que lógo fizera perãte o seu messageiro) o qual se foy com este recado ao Rey, & elle o tornou lógo a mandar, que lhe dissesse, que seu coração era bom & são, & que lhe não lembraua Rui de Araujo & os seus Christãos, que a causa de lhos não mandar fora estarẽ lhe fazendo de vistir, & que lhe pedia que mãdasse tirar as suas naos diãte do porto, por não auer differencas antre os Christãos & os mouros, q̃ ali tinham as suas. E posto que Afonso Dalboquerque entẽdesse que isto era malicia do Rey, com tudo por não tér a que se apegar, mãdou tirar os nauios pequenos pera fora, & disse ao mouro seu messageiro, que elle esperaua por Rui de Araujo & seus companheiros, & não lhos mãdando lógo, que não curasse de tér mais praticas nem recados com elle. O mouro foy com este recado, & passaramse seis dias sem tornar com reposta. Vendo Afonso Dalboquerque esta tardança, não quis mais esperar, & mandou dez bateis com gente armada pór fogo a hũas casas, que estauão pegadas no már, & queimar as naos dos Guzarates, por perderem a esperança de tornarem á sua terra tam azinha com carrega: pois trabalhauão tanto por não auer concerto antre elle & o Rey de Malaca, & tambem queimassem todas as outras naos que estauão no porto, tirãdo as do cabo de Comorim pera dentro que fossem de gentios. Como os bateis chegaram ás casas poseramlhe lógo o fogo, & outro tanto fizeram ás naos. Vendo o Rey a determinação de Afonso Dalboquerque, mandou lógo Rui de Araujo & os Christãos, & hum mouro com elles a falar no concerto da paz, & que lhe mandasse hũs apontamentos do que queria, & que faria tudo quanto elle quisesse, & posto que Afonso Dalboquerque entendesse que isto não auia de vir a effeito, mandoulhe certos apontamentos, & disse ao mouro que

dissesse

dissesse ao Rey, que com aquellas condições faria paz com elle, & assentaria em sua terra. O Rey vendo os capitulos côcedeolhe aquelles em que Afonso Dalboquerque tinha mayor duuida, que lhe não pareceo bom final .s. que era contente de lhe dar lugar pera fazer fortaleza na cidade, & que pagaria a dinheiro tudo o que fora tomado a Diogo Lopez de Sequeira. Afonso Dalboquerque vsando tambem com o Rey de artefício, respondeolhe que posto que nos outros apontamentos que lhe mandára, lhe fosse mais q̃ naquelles que lhe concedera, todauia os aceitaua por não dizer que era mao de contentar. A esta reposta nunca mais o Rey mãdou recado nenhum, & vinham algũs mouros por espias a modo de mercadores, & traziam a vender almiscar, galinhas, & outras cousas: & outras vezes vinha o mouro que andaua nos recados, falando em cousas fora de proposito, mostraua que vinha auisar Afonso Dalboquerque dos muitos juncos que vinham de muitas partes armados, & com gente, em fauor do Rey de Malaca, & os grandes aparatos de guerra que tinha, & como se o mouro hia, sahião do rio muitos paraos armados, fazẽdo mostras de quererem cometer a nossa armada, & com tudo isto dissimulou Afonso Dalboquerque algũs dias, pera ver se queriam auer bom conselho, & vendo suas estancias embaideiradas, & postos todos em determinação de guerra & que o Rey era tam cego que não via o perigo em que estaua de perder o seu reyno, sendo tirano, desejoso de viuer em seu estado, & gastãdo muita de sua fazenda pelo soster & conseruar, consirou em si que era sentença que vinha sobrelle, & que nosso senhor o queria apagar de todo, & lançar os mouros fora da terra, & o nome de Mafamede: & que o seu euangelho fosse pregado naquellas partes, & as suas mesquitas feitas casas de louuor de Deos a custa delRey dom Manuel, & do trabalho dos seus naturaes, & mandoulhe dar hum rebate com bateis armados, & duas barcas com bõbardas grossas, a fim de vér a gente que acodia ao rebate, & onde tinham sua artelharia assentada, & seu modo de defensam.

Como os mercadores Chins que estauão em Malaca, se vieram pera o grande Afonso Dalboquerque, & o que passaram com elle, & do conselho que teue com os capitães, fidalgos & caualeiros da armada, pera cometer a cidade. Cap. XXI.

Antre

Ntre as naos dos eſtrangeiros que eſtauão no porto de Malaca, a que Afonſo Dalboquerque quis que ſe não fizeſſe nenhum danno, quando mandou queimar as dos Guzarates, eram cinco juncos dos Chĩs, cujos capitães & gẽte auia dias que o Rey de Malaca tinha reteudos, pera ſe ajudar delles contra o Rey de Daru, com quem tinha guerra: & neſte tempo chegou Afonſo Dalboq̃rque com ſua armada. O Rey de Malaca confiado que os Chins não ouſariam de fugir com medo dos Portugueſes que eſtauão no porto, & tambẽ porque lhe compria olhar por ſi, & por ſua terra, deſcuidouſe delles. Os Chins vendoſe com mais largueſa da q̃ tinham, buſcaram maneira pera fugirem, & recolheramſe aos ſeus juncos. A gente que ficou em terra, vẽdo os capitães em ſaluo, poucos & poucos cada hum como podia, vierãſe pera elles: os quaes como tiueram ſua gente recolhida, polo eſcandalo q̃ tinham do Rey, dos roubos & tiranias que lhe tinha feito em ſuas mercadorias, & tambem por ſe aſſegurarem, vieramſe offerecer a Afonſo Dalboquerque com ſua gente & naos, pera o ajudarem naquella guerra. Elle lhe agardeceo muito ſeus offerecimentos, & que não queria mais ajuda delles, que as barcas dos juncos, pera nellas deſembarcar gente em terra: porque ſe o negócio não ſocedeſſe da maneira que elle eſperaua em noſſo Senhor que foſſe, ſendo elles naquelle feito contra o Rey de Malaca, podiã depois receber mao tratamento delle. Os Chins lhe diſſeram que pois ſe não queria ſeruir delles, que lhe pediam muito por merce, q̃ lhe deſſe licẽça pera ſe jrem pera ſua terra, & onde quer que achaſſem Portugueſes ſeriã ſempre lẽbrados do fauor que lhes déra, pera ſe verem em ſua liberdade, & fora de tam má gente como eram os Malayos, & q̃ ſe Malaca eſtiueſſe em ſeu poder, que elles lhe ficauão que cada anno vieſſem a ella mais de cẽ juncos da China, com muitas mercadorias, & com palauras de muita cortezia lhe diſſeram, que ouueſſe bom conſelho em cometer a cidade: porq̃ auia nella mais de vinte mil homẽs de peleja, Iaos, Perſios, & Coraçones, que era gente em que o Rey confiaua muito, & q̃ dos naturaes teria quãta quiſeſſe, & tinha vinte Alifantes de guerra com ſeus caſtelos muito bẽ armados, & muita artelharia, & armas de toda a ſorte, que lhe os Guzarates trouxerã de Cambaya, & de todas as outras couſas neceſſarias pera guerra lhe não faltaua nada, & que ſe não tomaſſe a cidade por fome, ſegundo ella eſtaua apercebida, tirandolhe os mantimẽtos que lhe vinham da Iaoa,

que

que tinhão por cousa muito duuidosa poder auer vitoria contra elles, que lhe diziam isto porque sentiriam muito, velo em algum trabalho. Afonso Dalboquerque lhes disse qne lhe agradecia muito o seu conselho, & q̃ elle estaua já determinado pera cometer aquelle feito, & ainda que o poder do Rey de Malaca fosse grande, que mayor era o poder de Deos, por cuja fé elles pelejauão, que lhes rogaua muito que esperassem ali mais alḡus dias, pera verem o fim que Malaca teria, & de tudo o que passasse leuarem nouas ao Rey da China, & que elle lhes mandaria dar hũa galé em que estiuessem perto donde auiam de desembarcar, pera verem o grande animo com que os Portugueses cometiam a cidade, & seu modo de pelejar. Os Chins fizeram o que lhe Afonso Dalboquerque mandou, & pesandolhe muito de elle não querer que o seruissem naquella empresa, se foram pera as suas naos, & mandaramlhe as barcas.

¶ Afonso Dalboquerque como se os Chins foram, mãdou chamar todos os capitães, fidalgos & gente nobre da armada, & dissélhes o que passara com elles, & como ficára afrontado de lhe dizerem que auiã aquella empresa por duuidosa, & que pera se desafrontar determinaua de cometer a cidade, antes que se elles partissem pera a China, & fazer nella hũa fortaleza da maneira que podesse ser, com determinação de a soster: porq̃ isto era o que mais compria ao seruiço delRey seu senhor: porque não na fazẽdo aproueitaua pouco auenturar muito em a tomar, por Malaca ser escapula principal de todo o mundo, & ali virem os mouros de todas as partes buscar as especiarias, principalmente os do Cairo & de Meca, & todos os que viuiam das portas do estreito pera dentro, q̃ eram os que mais nojo faziam ao trato da India, & as naos de Portugal que ali viessem, corriã muito risco de se perderem, se não fosse hũa armada muito grossa, prouida de gente & monições de guerra: que lhe pedia que olhassem todas estas cousas, & determinadamente lhe dissessem o que faria, porque não lhe parecendo bem fazerse fortaleza, não auenturaria a vida de hum grumete por quantos mouros auia em Malaca. Os capitães depois de muitas praticas passadas sobre esta materia disseramlhe, que não tinham duuida a ser seruiço delRey fazerse fortaleza em Malaca, pera se segurar o comercio daquellas partes, mas que isto auia de ser tendo todas as cousas necessarias, pera em breue tempo se poder acabar, que o que auia de fazer era cometer a cidade, & dar hum castigo ao Rey polo que tinha feito, & derribarlhe aquella sua soberba, & se depois de tomada podesse auer o necessário pera

fazer

fazer fortaleza, que a fizeſſe, com tanto que ſe não perdeſſe tempo de tornarem acudir á India. Afonſo Dalboquerque pareceolhe bem iſto que diſſeram os capitães, & mandoulhe que ſe foſſem pera as naos, & eſtiueſſẽ preſtes, que elle lhe mandaria dizer o dia em que determinaſſe de cometer a cidade.

Como o grande Afonſo Dalboquerque, dia de Sanctiago pela menhaã, cometeo a cidade de Malaca, & o que niſſo paſſou. Capitulo. XXII.

ERa o grande Afonſo Dalboquerque tam deuoto do Apoſtolo Sanctiago, que depois de eſtar aſſentado por todos q̃ ſe cometeſſe a cidade, andou dilatando eſte negócio algũs dias, pera no ſeu, pór mãos a eſta obra: porque eſperaua q̃ por ſeus rogos & merecimẽtos lhe moſtraſſe noſſo Señor a vitoria della, como fizera na tomada de Goa, & chegado o tempo, mãdou chamar os capitães & diſſelhes, que elle determinaua de cometer a cidade ao outro dia, que era dia do Apoſtolo Sanctiago, & que era neceſſario primeiro que o fizeſſem, praticarem onde & como auiã de deſembarcar, porque cada hum ſoubeſſe o que auia de fazer. Os capitães começáram a dizer o que lhes parecia: & porque ouue diuerſos pareceres antre elles, que hũs diziam que ſe cometeſſe por hũa parte, & outros por outra, quis Afonſo Dalboquerque primeiro que ſe tomaſſe nenhũa determinação, q̃ Rui de Araujo pela experiencia que tinha da terra, diſſeſſe ſeu parecer. Rui de Araujo diſſe, que lhe parecia que deuiam de cometer a ponte primeiro que nenhũa outra couſa: porque ganhandoa, & fazendoſe fortes nella, ficauam os noſſos antre a cidade & a pouoação Dupe, & o poder do Rey repartido em duas partes: & hũs não podiam ſocorrer aos outros ſenão pela ponte: a qual cem homẽs com pequenas tranqueiras que nella tiueſſem, ſe defenderiam a toda a força dos mouros q̃ vieſſe, & cometendo a cidade por outras partes, como algũs daquelles ſenhores que ali eſtauão diziam, Malaca era tamanha & tinha tãta gente do pouo em ſi, que auia o negócio por muito duuidoſo, & corriam todos riſco de ſe perderem. Afonſo Dalboquerque ouuido Rui de Araujo, ſem mais outras rezões aſſentou no ſeu parecer, & ordenou lógo os capitães com ſua gẽte em duas batalhas, pera jrem cometer a põte. Dom Ioão de Lima, Gaſpar de Paiua, Fernão Perez

Dandrade

Dandrade Sebaſtiam de Miranda, Fernão Gomez de Lemos, Vaſco Fernandez Coutinho, & Iames Teixeira com outros fidalgos & gente da armada, deſembarcaſſem da banda da miſquita, & que elle com Duarte da Sylua, Iorge Nunez de Lião, Simão Dádrade, Aires Pereira, Ioão de Souſa, Antonio Dabreu, Pero Dalpoem, Dinis Fernandez de Melo, Simão Martinz, Simão Afonſo, & Nuno Váz de Caſtelo branco com toda a outra mais gente deſembarcariam da banda da cidade, & que depois de entradas as eſtancias, hũs & outros acodiſſem ao meyo da ponte, até verem a força dos imigos, & pera onde os inclinaua o ſeu ánimo: porq̃ em couſa que ainda não tinhão viſto, não lhe podia dar outra determinação ſenão eſta, & que onde viſſem a ſua bádeira ali acodiſſem todos. Ordenado iſto deſpedio os capitães que ſe foſſem fazer preſtes, & que ao outro dia em tocando hũa trombeta vieſſem a bordo da ſua nao pera dali partirem. Afonſo Dalboquerque como forã duas oras ante menhaã (polos eſpertar) mandou tocar a trombeta, & elles ſe embarcaram lógo com toda a mais gente & vieramſe a bordo da ſua nao, & feyta a confiſſam géral partiram todos juntos & chegáram á boca do rio em amanhecendo, & cometeram a põte cada batalha por onde lhe eſtaua aſsinada. Os mouros com a artelharia q̃ tinham nas eſtancias começaramlhe átirar, & com os eſpingardões ferirã algũs dos noſſos. Como a primeira furia da ſua artelharia acabou, mãdou o grande Afonſo Dalboquerque tocar as trombetas, & em dizendo Sanctiago, foram todos apegados nas eſtancias da ponte, cada batalha em ſeu lugar, & de hũa parte & da outra acodiram infinidade de mouros archeiros, & outros de lanças compridas & pauezes Biſcainhos, tangendo ſeus anafis & trombetas, & por hum bom eſpaço pelejáram muito bem & defenderam as eſtancias: mas os noſſos que erã daquella banda da miſquita por força darmas os entraram, & a eſte tempo acodio o Rey de Malaca em hum Alifante & ſeu filho em outro com força de gente & Alifantes armados com caſtelos de madeira, com muitos arteficios dentro, & fez tornar os mouros ás eſtancias que tinham deixadas. Dom Ioão de Lima, Fernão Perez Dandrade, & todos os outros que eram náquella companhia, vẽdo o Rey cobráram nouas forças, & ſem temor dos ſeus Alifantes, cometerã tam animoſamente os mouros, que foram lógo em poſſe da miſquita, & o Rey ſe tirou a tras. Afonſo Dalboquerque que ficaua da bãda da cidade com todos os outros capitães & gẽte, cometeram a ponte por aquella parte, & poſto que achaſſem grande reſiſtencia, por ali acodir muita parte da

gente que viera com o Rey, armada de muito boas armas, & muitos archeiros, & outros que tirauão zaruatanas com setas eruadas, com que lhe feriram muita parte da sua gẽte, com tudo enuejosos dos outros capitães estarem já senhores da misquita, & do cabo da põte, cometeram aos mouros tam ousadamente, que lhe entraram as estancias por força, & matarã muitos delles, & poserãnos em desbarato. Dos nóssos foram feridos muitos & algũs morreram das setas de erua.

De como Tuão Bandão capitão do Rey de Malaca, vendo o desarranjo dos mouros, os foy socorrer com hum corpo de gente, & o que nisso passou, & como o Rey foy fugindo, & os nossos o seguiram. Capitulo. xxiij.

VEndo Tuão Bandam capitão do Rey de Malaca (o qual tinha hũa estancia na ponte embandeirada de bandeiras das suas cores) o desarranjo dos mouros, apartouse com sete centos Iaos, & outros dous capitães com elle, & foy acodir á ponte pela banda da cidade, com determinação de dar nas costas dos nóssos. Como Afonso Dalboquerque os vio vir por hũa rua principal da cidade, apartou de si Ioão de Sousa, Antonio Dabreu, & Aires Pereira com a sua gente que os fossem cometer, & elles o fizeram cõ tanta pressa, que antes que os mouros chegassem ás estancias, poseram as lanças nelles com tanto animo, que os fizeram tornar a tras. Dom Ioão de Lima & os outros capitães que estauam da banda da misquita, como viram os mouros, acodiram a tomarlhe a dianteira, & mataram lógo ali algũs. Os outros como se virã atalhados de hũa banda & da outra, lançaramse todos ao rio. Os marinheiros que estauão nos bateis acodiram lógo, & mataram todos que não ficou nenhum, sendo já morto o seu capitão Tuão Bandão, & os dous capitães que com elle eram, & acabado isto recolheramse ás estancias. Dom Ioão de Lima & os outros que eram na sua companhia, vendo depois de estarem nas estancias que o Rey se hia recolhendo por hũa ladeira arriba, foramno seguindo, & pelejando sempre com os mouros. O Rey & o filho que hiam em cima de seus Alifantes vendose apressados dos nóssos, fizeram volta com dous mil homẽs que leuauam em sua companhia. Os capitães os esperarã na boca de hũa rua, & com muito esforço & boa determinação poserã as lãças nos Alifan-

tes que vinham na dianteira, & dizem que Fernão Gomez de Lemos foy o primeiro: & como os Alifantes sofrem mal serem feridos, voluceram o rosto a tras, & deram polos mouros, & poseramnos em desbarato. O Alifante em que o Rey hia cõ a dor da morte, tomou o negro que o mãdaua com a tromba, & dando grandes vrros o fez em pedaços, & o Rey se lançou fora delle já ferido em hũa mão, & por não ser conhecido se saluou, & elle & seu filho, & o Rey de Páo seu géro (q̃ era vindo a Malaca auia poucos dias pera casar cõ hũa sua filha) se recolherã pera o cabo da cidade. Afonso Dalboq̃rque cõ a outra gente, entradas as estancias forã seguindo os mouros por hũa rua que vinha tér á ponte, & mataram muitos delles, & porq̃ a gẽte da cidade que andaua pelas ruas pelejando com os nóssos era muita, arreceandose Afonso Dalboquerque que se desmãdassem, felos recolher pera a ponte, & mãdou fazer hũa tranqueira da banda da cidade, & deu cuidado della a Iorge Nunez de Lião, & a Nuno Váz de Castel branco, & que dali varejassem com a artelharia hũa rua principal que á ponte vinha tér. Como os mouros isto viram, recolheramse ás outras ruas da cidade, & vẽdose Afonso Dalboquerque desafogado delles, mandou fazer outra tranqueira da banda da misquita, que viesse do rio entestar nella, de maneira que a ponte ficaua no meyo, & em quanto se estas tranqueiras faziam mãdou Gaspar de Paiua com cem homẽs, que como a viração começasse a ventar, posesse fogo á cidade daquella parte: & a Simão Martinz com outros cem homẽs, que o posesse ás casas do Rey, q̃ estauão da banda da misquita. Como o fogo tomou posse de hũa parte & da outra foy tam grãde, que queimou grande parte da cidade. Como os mouros viram o fogo, arredaramse longe da nóssa gente. Queimouse aqui hũa casa de madeira muy grande, & muy bem laurada de macenaria, que seria de trinta palmos em quadrado, toda cozida em ouro, a qual estaua assentada sobre trinta rodas, cada hũa tamanha como hum quarto, & tinha hum corucheo, que era o remate da casa muy alto, cheo de bandeiras de seda, & ella toda emparamentada de panos muy ricos de seda, porque auia de andar dentro nella o Rey de Páo, com sua molher, filha do Rey de Malaca pela cidade, com grandes tangeres & festas, & em as casas do Rey, & outras por ali arredor que se queimaram, se queimou hũa grande soma de mercadorias, & outras cousas muito ricas, que o Rey tinha nos seus paços. E acabado isto se recolheram pera a ponte, aonde os nóssos estauão & seriam duas oras depois do meyo dia, & a gente ainda não tinha

comido. Os capitães a que Afonso Dalboquerque tinha dado cuidado do fazer das estancias, foramse a elle, & disseramlhe que a gente de cansada, & por as calmas serem grandes hia já de muito má vontade ao trabalho, q̃ seria bom conselho recolheremse, & descançarem. Afonso Dalboquerq̃ dissimulou com elles, porque desejaua de acabar as tranqueiras, & dormir ali aquella noite: & porque tornáram outra vez com mais instancia a falarlhe nisso, fez da necessidade virtude, & sendo já sol posto começouse a recolher aos bateis. Os mouros como os viram recolher, com os espingardões, frechas, & zaruatanas, começáram a ferir algũs dos nóssos, & cõ toda esta pressa, mandou Afonso Dalboquerque recolher cincoenta bombardas grossas, que tinham tomado nas estancias da põte, & como foram nas naos mandou curar os feridos, que seriam setenta, & dos feridos com erua não escapou nem hum, senão Fernão Gomez de Lemos, que em o ferindo foy lógo queimado com toucinho, que depois de Deos lhe deu a vida.

Como o Rey de Malaca depois de os Portugueses serem recolhidos ás naos, tornou a refazer as estancias, & se fez forte na ponte, & do recado que Vtemuta Raja mãdou ao grãde Afonso Dalboquerque. Cap. xxiiij.

Recolhidos todos ás naos, mandou lógo o Rey reformar todas as estancias, & fazelas mais fortes do que estauam & poz nellas dobrada artelharia, da qual auia muita quãtidade em Malaca (como a diante se dirá) & mandou atalhar a ponte com tranqueiras muito fortes, & em hũa rua principal que vinha da cidade pera ella mandou fazer outras, & nellas poz muita artelharia, & da outra parte da misquita fez outro tanto, & pela bãda da praya, onde era o desembarcadouro, mãdou lãçar muitos abrolhos cheos de erua, pera encrauar a nóssa gente quando saisse em terra: & porq̃ os Iaos que era a principal gente que elle tinha, andauã descontẽtes de lhe não pagar, polos contentar, mandoulhe pagar tudo o q̃ lhe era diuido de seu soldo, & tres meses dante mão, arreceandose q̃ Afonso Dalboquerque lhe tornasse outra vez a cometer a cidade, & andando forteficando suas

estancias, hum Iao homem principal que se chamaua Vtemutaraja, que viuia na pouoção Dupe, o qual teria cinco ou seis mil Iaos seus escrauos, & de seus genros & filhos, homem muito rico, & que trataua mui grossamente por todas as partes do mundo, mandou hum presente de sandalos a Afonso Dalboquerque, & secretamente pedirlhe seguro pera si & pera toda aquella pouoação em que elle viuia, dizendo que com elle queria tér paz & amizade, & seruir elRey de Portugal naquella cidade, em tudo o q̃ elle podesse. Afonso Dalboquerque aceitou sua amizade, & mandoulhe o seguro & por vezes algũas dadiuas, trabalhando sempre polo tér da sua parte. E porque o cõcerto que com elle tinha assentado era, que não desse nenhũa ajuda nem fauor ao Rey de Malaca, passados tres dias mãdoulhe dizer, que lhe era dito, que depois de lhe tér mandado o seguro, ajudaua o Rey com sua gente a fazer as estancias na ponte, que não era isto o que ambos tinham concertado, nem ley de amizade, fauorecer seus imigos cõtra elle. Vtemutaraja lhe respondeo que era verdade, que elle daua algũa ajuda de gente ao Rey, pera o fazer das estancias, mas que era pouca, & fazia isto por dissimular com elle: porque de outra maneira não poderia viuer na terra alhea, se ó assi não fizesse. E com tudo isto Afonso Dalboquerque não deixou de lhe guardar o seu seguro, & mandou aos capitães que em a sua pouoação não tocassem: & não polo elle não tér milhor merecido que os outros, mas selo por tér menos imigos na cidade. E assi deu a entender aos mercadores mouros estrangeiros, que elle não quisera mandar roubar a cidade por amor delles, & porem que se se o Rey não quisesse decer da sua openião, que elle não poderia tér a gente, tornãdo outra vez a cometer a cidade, que a não distroissem. E dali por diante os mercadores eram os que aconselhauão ao Rey que não quisesse guerra, & que se concertasse, & fizesse pazes com Afonso Dalboquerque: mas como o Rey estaua já obstinado, não deu por seus conselhos, dizendolhe, q̃ muy poucos dias auia que lhe aconselhauão o contrairo daquillo.

¶Afonso Dalboquerque, passados algũs dias, vendo que o Rey lhe não mandaua recado, tendo já exprimẽtado seu poder, & o esforço dos Portugueses, pesoulhe, porque forçadamẽte lhe era necessario meter outra vez a gẽte no trabalho passado, por lhe acabar de amansar sua soberba, & não auia na terra maneira pera se fazer fortaleza, que era o seu principal intento, nem Rui de Araujo não sabia dar rezão de nada: porque todo

o tempo

o tempo que esteue catiuo, estaua fechado em hũa casa. E por outra parte vio que deixãdo Malaca em poder dos mouros, era total dano pera o trato da India & das nossas naos, & com estas duuidas que lhe erão sempre presentes, não sabendo a saida q̃ teria este feito de Malaca, poz tudo nas mãos de nósso Senhor: porque este foi sempre o milhor remedio que achou em todas as cousas, & cõ esta confiãça começou de dar ordẽ, & fazerse prestes de algũas cousas de q̃ tinha necessidade, pera outra vez cometer a cidade.

De como o grande Afonso Dalboquerque se fez prestes pera tornar outra vez a cometer as estancias que o Rey tinha feito na ponte, & como os Chins lhe pediram licença pera se jrem pera sua terra, & do embaixador que com elles mandou ao Rey de Sião. Capit. XXV.

VEndo o grãde Afonso Dalboquerque que o Rey pela pouca conta em que tinha os Portugueses (não tẽdo rezão pela experiencia que tinha tomada, o primeiro dia q̃ cometerã a cidade) tornaua outra vez a fazer estancias em a põte cõ gẽte & artelharia pera se defender, determinou cõ seu animo inuẽciuel de o tornar a cometer, & quebrarlhe sua soberba, & pera isto ordenou hũ jũco grãde cõ muita gẽte & artelharia: porq̃ sã nauios muito alterosos, & ficaua sobranceiro sobre a ponte, pera se os nossos valerem delle & mais a seu saluo poderem cometer as estancias que os mouros tinham feytas: & fez capitão do junco Antonio Dabreu, & mandoulhe que ordenasse nelle aposentamento pera a gente & mantimentos, & todas as mais cousas necessarias pera aq̃lle feito: porq̃ vindo algũa grande chuiua, se podessem recolher a elle, & os mantimentos de que tinha muita necessidade se não perdessem: & pera guarda deste junco mandou hũa carauela de que era capitão Simão Afonso, & a galé grande em que hia Duarte da Sylua por capitão, pera o reuocarem, & prestes tudo isto disse a Antonio Dabreu que se fosse polo rio arriba, & passasse hũa coroa de area que estaua antes de chegar á ponte, & que elle com toda a mais gente o jria seguindo & porq̃ o junco demãdaua muita ágoa & a não pode passar por serẽ ágoas mortas, quis Afonso Dalboquerq̃, por não perder mais tẽpo mãdar outro mais peq̃no, & tambẽ não pode nadar, q̃ lhe foy forçado esperar as ágoas

viuas. O Rey de Malaca como vio q̃ o junco não podia passar a coroa, & q̃ todauia estaua ali & não se tornaua pera tras mãdou quatro barcos cheos de lenha, breu & azeite pera o queimarẽ, & em a maré começãdo a decer punhãlhe o fogo & deixauãnos jr ao som da ágoa pelo rio abaixo direitos ao jũco: & isto fizerã por nouo noites cõtinuas. Vẽdo Afonso Dalboquerq̃ a ordem em que se os mouros punhã pera lhe queimarẽ o jũco mãdou aos capitães (repartidos cada noite) q̃ fossem dormir junto delle nos bateis, & cõ goroupezes & arpeos com cadeas de ferro, desuiassem os barcos que vinhã acesos, de maneira que se não queimasse o jũco, & elles ordenárãse tãbem q̃ este ardil dos mouros ficou em vão: & nesta detença q̃ se fez em esperarẽ pelas ágoas viuas, mãdou Afonso Dalboquerque aos ferreiros, q̃ trouxera cõsigo de Goa, q̃ assentassem suas forjas, & começassem a cõcertar algũas armas q̃ estauã descõcertadas, & fizerã almazẽ pera as béstas, por que tinhã muita necessidade delle, & ao feitor da armada q̃ tiuesse prestes pipas, machados, enxadas, picões, & tudo o necessario, pera q̃ ganhandose a põte, fizessem lógo estãcias nella, & q̃ mãdasse fazer mãtas, pera q̃ debaixo do emparo dellas, andasse a nossa gẽte mais segura das bombardas dos imigos: & como tudo fosse acabado & prestes, o fizesse embarcar nas barcas grandes dos juncos q̃ tomára: & porque Afonso Dalboquerq̃ foy certeficado, q̃ o Rey determinaua, tanto q̃ a nóssa gente desembarcasse, mãdar muitas atalayas, muitas lancharas de noite queimar a nóssa armada, mandou a Pero Gonçaluez piloto mór, que com toda a gẽte do már viesse dormir ás naos cada noite, & que elle mandaria tér boa vigia nelles, porq̃ tendo algum rebate, o socorresse se fosse necessario.

¶ Andando Afonso Dalboquerque ordenando todas estas cousas. Os capitães Chins se forã a elle, & pediramlhe licença pera se jrem, por quanto o tempo da sua monção era chegado, & q̃ lhe pediam por merce lha desse tambem, pera leuarem hũa pouca de pimenta, q̃ tinham nas naos, de hũ mercador mouro natural de Malaca, de que tinham recebido muito boas obras, & elle por lhes fazer merce lha deu, & mandou dar a todos os mantimentos de que tiuessem necessidade pera sua viagem, & fez lhes merce de algũas cousas que ainda tinha de Portugal, & pediolhes (pois se queriam jr) que fizessem o caminho por Sião, porque queria mandar em sua companhia hum messageiro com cartas pera o Rei. Elles foram disso muito contẽtes, & prometerãlhe de o apresentarem ao Rey & tornarẽ cõ a reposta muito cedo: & louuarãlhe muito o esforço dos Portugueses, & o

pouco

pouco receo que tiueram no cometer das bombardas dos imigos. Afonso Dalboquerque fez logo prestes Duarte Fernandez que fora catiuo cõ Rui de Araujo, & sabia muito bẽ a lingoa, & por elle escreueo ao Rey de Sião o acontecido em Malaca, & que sua determinação era distroila, & fazer nella fortaleza, & lançar os mouros fora: que folgaria que as gentes da sua terra viessem viuer a ella. E que elRey dom Manuel Rey de Portugal seu sẽnor, por ser certeficado que elle era gẽtio & não mouro, lhe tinha muita afeição, & desejaua de ter paz & amizade com elle, & lhe tinha mandado que todas as naos & gentes de seu reyno, que quisessem ter trato em seus portos, lhe desse todos os seguros que lhe fossem necessarios: & por este Duarte Fernandez lhe mandou hũa espada das nossas, toda guarnecida de ouro & de pedraria, feita ao nosso modo. & despachado Duarte Fernãdez os Chins se partiram pera sua terra muito contentes de Afonso Dalboquerque.

A fala que o grande Afonso Dalboquerque fez aos capitães & gente da armada, pera outra vez cometer a cidade, & o que nisso passou. Capitulo. xxvj.

TEndo o grande Afonso Dalboquerque todas as cousas prestes que eram necessarias pera tornar a cometer a cidade, foy lhe dito que auia algũs capitães que diziam que lhe não parecia seruiço delRey sosterse, nem fazer nella fortaleza. Aduertido disto mandou os chamar à sua nao, & a todos os fidalgos & caualeiros da armada & dissellhes, Senhores, bem sereis lembrados que quando se assentou de cometermos esta cidade foy com determinação de se fazer fortaleza nella: porque asi pareceo a todos que era necessario, & depois de a ter tomada eu a nao quisera largar, & porque todos mo acõselhastes a deixei, & me recolhi, & estando prestes como vedes, pera outra vez lhe tornar a por as mãos, soube que estaueis ja doutro parecer, & isto nã deue ser polos mouros terem leuado a milhor de nós, senão por meus peccados que merecem não se acabar este feito como eu desejaua, & porque minha võtade & determinação he, em quanto for gouernador da India não pelejar nem auẽturar gẽte em terra, saluo naqlles lugares em q ouuer de fazer fortaleza pera os soster, como vos ja tenho dito. Peçouos muito por merce q ainda

que já estê assentado por todos que se faça, q̃ denouo me deis liuremente vossos pareceres por escrito do que deuo fazer: porque como destas cousas ey de dar conta & rezão de mĩ a elRey dom Manuel nosso senhor, não quero eu soser culpado nellas, & posto que aja muitas rezões que vos eu podia dar pera tomarmos esta cidade & fazermos fortaleza nella pera a soster, duas sós vos apresentarei aqui por onde não deueis de tornar a tras do que tendes assentado. A primeira o grande seruiço q̃ faremos a nosso Senhor, em lançarmos os mouros fora desta terra, & atalharmos a este fogo da seita de Mafamede que não passe mais daqui por diãte, & eu espero nelle que acabando nós isto, seja caminho pera os mouros nos deixarem a India de todo: porq̃ a mayor parte delles, ou todos, viuem do trato desta terra, & sam feitos grandes ricos, & senhores de grande thesouro: & de crer he que pois o Rey de Malaca sendo ja hũa vez desbaratado, & tendo exprementado nossas forças, sem esperança de lhe vir socorro doutra parte, auendo dezaseis dias que isto he passado não tenta tér negócio cõ nosco pera segurar seu estado, que nósso Senhor lhe cerra o entendimento, & endurece seu coração, & quer que este feito de Malaca se acabe: pois cometendo nós o caminho do estreito, onde me elRey por muitas vezes tinha mandado que fosse (porque alí parecia a sua Alteza que se podia atalhar o comercio que os mouros do Cairo, de Meca, & de Iudá tem nestas partes) ouue por seu seruiço de nos trazer aqui, porque com se tomar Malaca ficam as partes do estreito çarradas, por onde elles nunca mais podem meter nenhũas especiarias.

¶ E a outra rezão he o muito seruiço que faremos a elRey dom Manuel em tomarmos esta cidade, por ser fonte de todas as especearias & drogarias, que os mouros daqui leuão cada anno pera o estreito, sem lhas podermos defender, & cortandolhe esta escapola tam antigua, não lhes fica nhũ porto nem lugar tam cõmodo nestas partes, donde as possam auer: porq̃ depois que estamos em posse da pimenta do Malabar, nunca mais o Cairo teue nenhũa, senão a que lhe os mouros leuauão destas partes, & quarenta ou cincoenta naos que cada anno daqui vam carregadas de todas as sortes de especearias pera Meca, não se podem tolher sem grandes despesas, & grandes armadas, que cõtinuadamente he necessario andarem no golfam do cabo do Comorim: & a pimenta do Malabar de que podem tér algũa esperança, por terẽ o Rey de Calicut da sua parte, em nósso poder está, nos olhos do gouernador da India, donde a os mouros não podem leuar

tanto

tanto a seu saluo como elles cuidam, & eu tenho por muito certo que tirandolhe este trato de Malaca de suas mãos, que o Cairo & Meca se perçã de todo, & a Veneza não vá nenhũa especiaria, senão aquella que a Portugal forem comprar. E se vos parece que por Malaca ser grande cidade, & de muita gente, será trabalhosa de soster, nisto não deue de auer duuida: porque ganhada a cidade, tudo o demais do reyno he tam pouca cousa, q̃ não tem o Rey donde se possa reformar: & se arreceais que tomandose a cidade faça grandes despesas, & polo tempo não aja donde se a nossa gente & armada possam prouer, eu confio na misericordia de Deos, q̃ senhoreada Malaca com hũa boa fortaleza, se os Reis de Portugal tiuerem nella quem a bem saiba gouernar & grangear, que os direitos da terra paguem todas as despezas que se nella fizerem, & se os mercadores q̃ a ella sohiam de vir, acostumados a viuer debaixo da tirania dos Malayos, gostarem da nossa justiça & verdade, franqueza & brãdura, & virem os regimentos del Rey dom Manuel nosso senhor, em que manda que todos os seus vassalos nestas partes sejam mui bem tratados, eu me affirmo que todos venham viuer a ella: & fação as paredes das casas de ouro: & todas estas cousas que vos aqui apresento, se çarram com esta chaue de mea volta, q̃ he fazermos fortaleza nesta cidade de Malaca, & sostela, & esta terra ser senhoreada de Portugueses, & elRey dõ Manuel chamarse verdadeiro Rey della, & por isso poçouos por merce que olheis bem a empresa que tendes nas mãos, & não na deixeis perder. Acabado o grande Afonso Dalboquerque de fazer seu arrezoamento (como tenho dito) os que estauão no conselho tiuerã antre si diuersas openiões por hũa parte & pela outra, & o fim q̃ ouue este conselho, foy que os mais se tornarã affirmar que era seruiço delRey tomarse a cidade de Malaca, & lançar os mouros fora, & fazer fortaleza nella. Os outros foram de contraira openião, & disseram que não deuia de cometer mais a cidade: porque era cousa muito duuidosa acabarse aql-le feito, & que bastaua a vingança que tinha tomado nos mouros, do que fora feito a Diogo Lopez de Sequeira, & á sua gente: & q̃ ainda q̃ ouuesse todas as cousas necessarias pera se fazer fortaleza, não auia tempo pera se poder acabar: porque estauão já no começo da mouçâo, & era forçado acodir á India, porque não sabiam o assento que as cousas de Goa tinham tomado, depois de se partirem della. Vendo Afonso Dalboquerque estas differenças que auia no cõselho, foise com o parecer dos mais, & assentou de cometer a cidade & fazerse forte nella, & todas as outras duuidas que

se offereciam pela outra parte, polas nas mãos de nosso señor Iesu Christo: porque elle ordenaria tudo como fosse seu seruiço: & mandou fazer hum assento polo secretario em que elle asinou, & todos os capitães, fidalgos, & caualeiros que ali estauão.

Como o grande Afonso Dalboquerque tornou a cometer a cidade, como estaua assentado, & como entrou a ponte por força de armas & se fez forte nella. Capit. xxvij.

TOmado o parecer dos capitães, fidalgos & caualeiros da armada por seus asinados (como tenho dito) determinou o grande Afonso Dalboquerque de cometer a cidade, & tomandoa com ajuda de nosso Senhor fazerse forte nella, & porque os mouros estauão bem apercebidos, & tinham ordenado milhor sua defensam, do q̃ a tiuerã a primeira vez q̃ os nossos a entraram, assentou com todos os capitães de cometer a ponte com toda a gente em hũa batalha. Assentado isto foramse todos ás suas naos, pera astarem prestes, esperando o dia que auia de ser prea már de ágoas viuas, pera o junco poder chegar á ponte: & chegado este tempo, hũa sesta feira duas horas ante menhaã, mandou Afonso Dalboquerque polos espertar fazer o sinal que lhe tinha dado, & elles como estauam já prestes, vieramse a bordo da sua nao, & dali abalaram todos juntos em seus bateis, & sendo já Antonio Dabreu no junco hum tiro de bésta da ponte, começáramlhe os mouros átirar de hũa parte & da outra com espingardões, zaruatanas, & setas eruadas, & com bombardas (que lançauam pelouros de chumbo tamanhos como de espera) vasauam o junco de hũa parte & da outra: & como Antonio Dabreu não buscaua nelle lugar sadio pera remedio dos tiros que lhe tirauam, foy o primeiro que feriram com hum pilouro de espingardam que lhe deu pelas queixadas & leuoulhe muitos dentes, cõ parte da lingoa. Afonso Dalboquerque que hia no seu batel pegado com o junco, vendo Antonio Dabreu ferido mandoulhe, mais por força que por sua võtade: que se fosse curar ás naos, & a Pero Dalpoem que se metesse nelle, & estiuesse por capitão até Antonio Dabreu ser sam. Passada esta demora que aqui tiueram (que foy pouca) tornaram outra vez a jr com o junco diante, naquella ordem que leuauam, & como abalroou a ponte,

 por

por ser muito alteroso, & ficar sobranceiro sobrella (como tenho dito) os mouros não podendo sofrer o mao tratamento que lhe os nossos faziam de cima da gauea com muitas panelas de poluora, lanças de arremeço, & espingardadas, fugiram, largando a ponte, & recolheramse ás estancias, q̃ nella tinham de hũa parte & da outra. Afonso Dalboquerque vendo que os mouros se começauão a embaraçar, mãdou aos capitães que apertassẽ os bateis mais do remo: & todos juntos foram cometer as estancias como estaua assentado: & posto que achassem grãde força de mouros nellas, que lhas defenderam por hum bõ espaço com muito esforço, cõ tudo foram entrados dos nossos, & desbaratados. Nesta entrada foy muita gẽte nóssa ferida & dous ou tres mortos: mas foy á custa de muitos mouros q̃ ali morreram: & vendóse Afonso Dalboquerque senhor da ponte, deixouse estar quedo com sua bandeira, & parte da gente, & mãdou certos capitães que fossem ganhar a misquita, & outros que cometessem hũas tranqueiras que os mouros tinhão feitas na boca de hũa rua, que vinha tér a ponte, & que hũs & outros não passassem dali sem seu certo recado. Chegados os capitães ás tranqueiras, ainda que achassem algũa resistencia, ouueramse tam valerosamente, que desbarataram os mouros, & foram em pósse dellas. Os outros a que coube em sorte cometerem a misquita, como naquella estancia estaua o Rey com muita gente & Alifantes, deramlhe muito trabalho: porque se defenderam tam esforçadamente, que durou hum bõ espaço sem os poderem entrar. Afonso Dalboquerque vendo da ponte o estado em que os nóssos estauão, foise a mais andar com toda a sua gente a darlhe costas, & porq̃ na boca de hũa rua grãde q̃ vinha tér á misquita, onde elle estaua, auia muitos mouros que ficauãonas costas de algũs capitães, que hiam seguindo o Rey que fugia com tres mil homẽs de padeses, deixouse estar ali com sua bandeira & gente, & mandoulhes dizer que estiuessem quedos, & se recolhessem pera onde elle estaua: porq̃ lhe ficauão muitos mouros nas costas: & elles recolheramse lógo, & depois de serem juntos, deixou Afonso Dalboquerque em guarda da misquita, & estancias, Iorge Nunez de Lião, Nuno Vaz de Castel branco, Iames Teixeira, & Dinis Fernandez de Melo com algũa gente, & elle com a mais que ficaua voltou sobre a ponte, & mandou aos capitães que estauão de hũa parte & da outra, que se deixassem estar & não trauassem com os mouros, ainda q̃ os viessem cometer, até elle forteficar a ponte, & mandou quatro barcas grandes, que tinha com bombardas grossas, que se passassem da outra bãda, &

da, & que varejassem o campo pera hũa parte & pera a outra, & fizessem arredar os mouros de maneira que podesse trabalhar a gente mais a seu sal uo nas estancias, & ordenado isto mandou tirar todas as moniçôes q̃ trazia no junco, & começou as, & como todos trabalhauão por võtade, em breue espaço fez duas tranqueiras muito fortes: hũa da bãda da cidade, & outra da misquita, com pipas cheas de terra & madeira, & poz nellas muita artelharia, & mandou cobrir a ponte & o junco com ola, pera recolhimento da gente, porque o sol era muito grãde, & arreceauasse que cõ o trabalho adoecessem todos.

De como o grande Afonso Dalboquerque mandou socorrer os nossos que estauão na boca da rua que vinha ter á põte & como Utamutaraja, & Ninachatu & outros mercadores, vendo o desbarato da cidade se vieram meter em suas mãos. Capitulo. XXVIII.

Ndando o grãde Afonso Dalboquerque nesta pressa de acabar de forteficar as estancias, que fazia na ponte, vendo que os capitães, que elle tinha mandado q̃ estiuessem nas bocas das ruas (por não saitem de seu mandado) passauão muito trabalho, que lhe os mouros dauão, com bõbardas que tinhão postas nos terrados das suas casas, & com espingardas com que lhe tirauão, mandou cõ muita pressa Gaspar de Paiua, Fernam Perez Dandrade, Pero Dalpoem, Antonio Dabreu (que já a este tempo estaua bem da sua queixada) que lhe fossem acodir com a sua gente por hũa rua da cidade, & a dõ Ioão de Lima Aires Pereira, Simão Dandrade, Simão Martinz, & Simão Afonso por outra que vinham ter onde os mouros estauão ás lançadas com os nossos, & fossem correndo toda a cidade, & não dessem vida a nenhũa pessoa que achassem, & que elle lhe jria dando costas com sua bandeira real: & posto que os mouros fossem muitos, os capitães os cometeram tám valerosissimamente, que não podendo elles resistir á furia com que os cometeram, voltáram as cóstas & foramse fugindo, & algũs que foram mais apertados dos nossos lançaramse ao már, cuidando que ali tinham sua saluação. Os marinheiros que Afonso Dalboquerque tinha mandado nos esquifes q̃ andassem pelo rio, acodiram lógo, & mataram todos os que poderam alcançar

cançar, & sendo sol posto, os capitães se recolheram á ponte, onde tinhão
ja suas estancias muito fortes feitas de hũa parte & da outra, & Afonso
Dalboquerque aposentouse no meyo, & estiueram toda aquella noite em
vigia, & mandou aos capitães das barcas que estauão no rio, que toda noi-
te atirassem com as bombardas á cidade, & a Pero Gonçaluez piloto mór,
que se fosse com toda a gente do már dormir ás naos, & fizesse outro tãto,
& nesta ordem estiueram toda aquella noite, & era cousa de espanto ver a
cidade: porque como os tiros eram muitos, parecia q̃ ardia toda em fogo.
Os mouros espantados do improuiso mal que viam, quando veyo a me-
nhaã, não pareciam pelas ruas, & durou isto por espaço de dez dias conti-
nuos, sem cessar de noite nem de dia, & neste tempo sempre os nossos fi-
zeram sangue nos mouros: porque como a fome antre elles era grande, a-
uenturauãose a virem buscar mantimentos á cidade, & ali deixauam as
vidas, & vendose neste trabalho, com muito perigo de suas vidas, & sem
remedio, começárão a vir algũs a pedir misericordia a Afonso Dalbo-
querque, & os primeiros que vieram foram os Pégus, & elle os agalhou
muito bem, & deulhe seguro pera poderem nauegar, & liberdade pera le-
uarem suas fazendas, & assi o deu a todos os mercadores do cabo do Co-
morim pera dẽtro, que ali não tinham naos, pera dar saida ás mercadorias
& começarem a tér trato & nauegação de suas terras pera Malaca, q̃ era
o principal intento porque o fazia. Vtemutaraja que a tras fica dito q̃ ti-
nha seguro de Afonso Dalboquerque, vendo a distroição da cidade, te-
mẽdose que estiuesse descontente delle, porque seu filho fora em ajuda do
Rey contra os nossos (ainda que bem no pagou, porque foy muito ferido
& muita gente da sua morta) veyose desculpar do que o filho tinha
feito, mostrando folgar muito com a distroição do Rey: elle o recebeo be
nignamente, & com tudo mandou aos capitães que andassem sempre ar-
mados com toda a sua gente & a bom recado, porque se não fiaua delle.
Rui de Araujo lembrandose das boas obras que elle & os outros Chistãos
tinham recebido de Ninachatu (gentio de nação) em seu catiueiro, trou
xeo a Afonso Dalboquerque, pedindolhe que o fauorecesse & hon-
rasse: porque lhe não podia pagar, o que lhe sempre fizéra com outra cou-
sa. Afonso Dalboquerque o agasalhou, & disselhe que lhe prometia que
antes que se partisse pera a India lhe pagasse, o que Rui de Araujo delle lhe
dizia. Como se Afonso Dalboquerque vio mais desapressado dos rebates
que os mouros de dia & de noite lhe dauão, & que na cidade não auia gẽte
que

que lhe resitisse,pera remedio dos trabalhos passados,deu lugar a todos q̃ saqueassem a cidade,& escala franca de tudo o que tomassem,auisandoos que nas casas nem nos gudões de Ninachatu não tocassem. Saqueada a cidade,algũs mercadores que estauão fugidos por essas quintãs, vendo o bom tratamento que se fizera a Ninachatu, mandaram pedir seguro a Afonso Dalboquerque pera sa virem pera a cidade, & elle o deu a todos, saluo aos Malayos naturaes da terra, porque a estes mandou q̃ onde quer que os achassem os matassem todos.

¶Nesta segunda vez que se tomou a cidade foram muitos dos nossos feridos,& algũs dos feridos com erua morreram,& toda a outra gente se remediou: porque Afonso Dalboquerque teue muito bom cuidado de os mandar curar,& dos mouros,molheres & meninos,morreram a ferro infinidade delles,porque não se daua vida a ninguem. Tomaramse tres mil tiros de artelharia,& destes seriam dous mil de metal, & hum tiro grãde que o Rey de Calicut mandara ao Rey de Malaca. Os outros erã de ferro da feição dos nossos berços,& toda esta artelharia com seus repairos, que lhe não fazia auentaje a de Portugal. Espingardões,zeruatanas de peçonha,arcos, frechas,laudeis de laminas,lanças da Iaoa, & outra diuersidade de armas,foy cousa de espanto o que se tomou,afora muitas mercadorias de toda sorte. Tudo isto & o mais que deixo por não ser proluxo,mãdou Afonso Dalboquerque repartir polos capitães,& por toda a gente da armada,sem tomar pera si mais que seis liões grãdes de metal, que trazia pera a sua sepultura: & a manilha q̃ tenho dito, & hũas mininas de todas as nações daquella terra,& algũs brincos que tudo trazia pera mandar a elRey dom Manuel,& á Rainha dona maria, perdeose na nao Frol dela már tornando pera a India(como a diante se dirá.) Não se espante quem ler esta escritura,de dizer que em Malaca se tomaram tres mil tiros de artelharia: porque diziam Rui de Araujo & Ninachatu a Afonso Dalboquerque, que em Malaca auia oito mil,& podese isto crer por duas rezões: a primeira porque em Malaca auia muito cobre & muito estanho, & tam bõs fundidores como em Alemanha: a outra que a cidade era hũa legoa de comprido,& quando Afonso Dalboquerque desembarcou lhe atirauão de todas as partes: por onde parece q̃ ainda era pouca pera a que auia mister pera se defender.

De como depois do principe de Malaca ser apartado de seu pay, se veyo ao rio de Muar, & se fez forte nelle cõ muitas estacadas, & o grãde Afonso Dalboquerque mãdou gente sobrelle, & o desbarataram. Capit. xxix.

Desejando o grande Afonso Dalboquerque que Malaca tomasse assento, determinou de fazer Ninachatu (por ser gentio) gouernador dos Quilins, & Chetins, & pera assegurar os mouros fez cabeça principal delles a Vtemuta Raja, & com estes dous homẽs por serem pessoas principaes na terra, se comecou o pouo a sossegar, & os mercadores poucos & poucos se tornaram pera a cidade, & com tudo isto não se auia Afonso Dalboquerque por muito seguro delles, principalmente de Vtemuta Raja, & por se tirar desta sospeita, trabalhaua o que podia por auer o Rey ás mãos, & pera isto mandou muitos bateis pelo rio a cima, & ao longo da costa, a ver se lho podiam tomar. O Rey com estes rebates que cada dia lhe dauão, & com saber o desejo que Afonso Dalboquerque tinha de o tomarem, arreceando que os seus o entregassem, afastouse da cidade hum dia dandadura, & leuou consigo algũs mercadores Malayos, & os seus capitães & gouernadores da terra, fazẽdo fundamento de andar esperando por ali o seu Lassamane almirãte do mar que tinha mãdado á ilha de Lingá, pera lhe trazer hũa grossa armada com muita gente, & em sua companhia o Rey daquella ilha, que se chamaua Rajalingá que era seu vassalo, com determinação de tornar sobre a cidade o que não ouue effeito: porque o Rajalingá sabendo que Afonso Dalboquerque estaua em posse da cidade, não ousou de vir, & o Rey de Malaca parecendolhe, q̃ o fundamento de Afonso Dalboquerque era roubar a cidade & deixala, & jrse com o despojo q̃ nella tomasse, deixouse andar por ali por espaço de dez dias, esperando o fim que auia de tér este negócio, & como soube q̃ elle começaua ássentar hũa fortaleza de madeira pera se recolher nella, & dessenhaua querer fazer assento em Malaca, com determinação de a soster: atemorizado desta nóua, não se auẽdo por seguro ali onde estaua, foise polo sertão dentro dous dias dandadura, & porq̃ antre elles auia muita falta de mantimentos, & a gente perecia, apartouse o principe de seu pay, & foyse fazer seu assento perto do rio, & ali ordenou hũas estacadas muito fortes, & atalhou o rio com muita madeira porque os nóssos

bateis

bateis não podessem lá passar. Aduertido Afonso Dalboquerque q̃ o prin cipe de Malaca se fazia forte no rio, mandou Fernão Perez Dandrade, Simão Dandrade seu jrmão, Gaspar de Paiua, Francisco Sarram, Aires Pereira, Rui de Araujo, & Iorge Nunez de Lião com quatro centos homẽs Portugueses, & seis centos Iaos q̃ deu Vtemuta Raja, & os capitães Pégus com trezentos seus, que fossem em bateis, & lancharas polo rio a cima, & desfizessem aquella ladroeira que se ali começaua a fazer, & elles foram, & chegando á estacada que o Principe tinha feita, começaramna arrancar com engenhos que pera isso leuauão, & como a tiueram arrancada foram lhe cometer as estácias. O principe como vio a armada & a determinação com que vinha, sem auer resistencia nenhũa aleuantou seu arrayal, & fogio pera onde o Rey estaua, que era dali hum dia de andadura, & os nóssos entraram de roldão nos seus paços, & tomaramlhe tudo o que ali tinha, q̃ não pode leuar, & seus andores muito ricos dourados & pintados, & sete Alifantes com seus castelos & sellas, & com esta vitoria se tornaram pera a cidade. O Principe chegado aonde o Rey seu pay estaua, ouue differẽças antre elles sobre a perda de Malaca, & cada hum tiraua a culpa de si, pela dar ao outro, de maneira que desconcertados por isso, & tambem por a fome os perseguir apartarãse, & fizeram seu caminho pera o reyno de Pão, por terra deserta & apaulada em cima de Alifantes, com suas molheres & filhos, com cincoenta homẽs que leuauam em sua companhia por força.

De como o Rey de Malaca depois de lhe os Portugueses terem ganhado a cidade, se recolheo ao reyno de Pão, & mandou hũ embaixador ao Rey da China pedindolhe socorro. Capitulo. xxx.

Hegado o Rey de Malaca ao reyno de Pão, vendose sem nenhum remedio, determinou de mandar hum embaixador ao Rey da China, pedindolhe socorro pera tornar a cobrar a cidade que tinha perdida, obrigando ho pera o nisto fauorecer, a amizade antigua que os Reis de Malaca tiueram sempre com os da China, & a obediencia q̃ como seus vassalos lhe tinham, & pera mais autorizar esta embaixada, quis q̃ fosse a este negócio hũ seu tio q̃ se chamaua Tuão Nacé Mudaliar, em q̃ cõfiaua muito, o qual depois de ser despacha-

do,

do se veyo embarcar ao rio de Muar donde se partio em hum junco com sua molher acõpanhado dalgũs mouros seus criados: & chegado á cidade de Cantão, que he o porto da China, onde todos os que nauegão pera aquellas partes vão portar. Os gouernadores della polo costume antiguo que té, mandaram lógo hum messageiro ao Rey, que estaua dali cento & oitenta légoas polo sertão, fazẽdolhe a saber a chegada do embaixador do Rey de Malaca, q̃ mandasse o que queria q̃ se nisso fizesse: porq̃ o costume da China he, q̃ nhũ estrangeiro póde passar daqlle porto, nẽ jr ao Rey sem sua licença. O messageiro q̃ os gouernadores mandarão chegou á cidade de Paquim, onde elle estaua, & tardou na jornada dous meses, & tornou cõ recado aos gouernadores, q̃ deixasse passar o embaixador cõ a cõpanhia que trazia, & q lhe dessem tudo o q̃ lhe fosse necessario pera seu caminho. O embaixador como teue este recado fez se lógo prestes, & partiose cõ sua molher caminho da corte, & foi sempre caminhando ao longo de hũ rio, onde auia mui nóbres cidades, & muy sumptuosos edificios, de q̃ não trato, porq̃ não conuem a esta historia. Chegado o embaixador á corte, foy muito bẽ recebido de todos os senhores & gouernadores da terra: & passados algũs dias quilo o Rey ouuir em pessoa, posto que este não era o seu costume: porque ninguem o vé, & correm os negócios por homẽs q̃ gouernão a terra. E depois de lhe o embaixador fazer sua cortesia ao modo & costume dos Chins, lançouse aos seus pés, & com muitas lagrimas lhe pedio que quisesse ajudar o Rey seu senhor, naquelle trabalho em q̃ estaua, porque nelle tinha toda sua confiança. O Rey o mandou aleuantar & dissélhe, que lhe contasse o negócio como passára, elle lho contou, porq̃ a tudo fora presente, & disselhe, q̃ o Rey seu senhor, depois de desbaratado se recolhera ao reyno de Pão, & ali ficaua esperando que elle o fauorecesse & ajudasse com gente & armada, pera se tornar a empossar do reyno, & vingarse das afrontas que o capitão delRey de Portugal lhe tinha feitas. E posto que o Rey da China tinha já sabido polos Chins que vierão de Malaca, tudo o q̃ passara, folgou de ouuir o embayxador, & muito particularmente lhe perguntou pela pessoa & autoridade do grande Afonso Dalboquerq̃, & os Portugueses q̃ homẽs eram, & o modo q̃ tinhão no pelejar. O embaixador como era homẽ discreto, deulhe muyto boa rezã de tudo, de que ficou muito satisfeito. Passadas estas praticas disselhe o Rey, q̃ se fosse agasalhar, q̃ elle o despacharia, & faria tudo o q̃ podesse, & não lhe quis dar palaura de o ajudar: porq̃ sua tenção & desejos eram tér amizade cõ elRey

de Portugal; & com o seu capitão Afonso Dalboquerque, & mandalo visitar, assi pelas grãdes nóuas que tinha de sua pessoa, como tambem polo bom tratamento que fizera aos Chins, que achara no porto de Malaca, & desejar de tér comercio na sua terra, & ajudou muito a isto as queixas que os mercadores Chins tinham das tirannias, q̃ o Rey de Malaca lhe fizera em suas mercadorias, os dias que estiuerã na terra. O embaixador andou muito tempo na corte sem poder auer despacho: & neste tempo lhe morreo sua molher, & passados algũs dias respondeolhe por seus officiaes, escusandose do socorro que lhe pedia, dandolhe suas rezões pera o nã poder fazer, & a principal era a guerra q̃ tinha com os Tartaros. O embaixador com esta reposta se partio lógo, & chegando á cidade Ianquileu, vendose mal despachado, & sua molher morta, de pura paixão faleceo, & mandou fazer hũa capela pera seu enterramento no arrabalde da cidade, em que jaz enterrado em hũa sepultura cercada de grades de latão, na qual mandou por hum letreiro que diz. Aqui jaz Tuão Nacem embaixador & tio do grãde Rey de Malaca, a quem a morte leuou primeiro que se vingasse do capitão Alboquerque, lião dos roubos do már.

De como o Rey de Malaca chegãdo ao reyno de Pão faleceo, & como o grande Afonso Dalboquerque começou a fortaleza, & o litreiro que pos na porta depois de acabada, & o que nisso passou. Capitulo. xxx.

Omo os trabalhos hião seguindo este pobre Rey de Malaca, não se contentando a fortuna de o pór em estado de perder sua cidade, molher, filhos & gente, descõtente & anojado desta perda, chegãdo ao reyno de Pão, dahi a poucos dias faleceo. Morto o Rey, todos os mouros hõrados q̃ o seguiã se espalharã por esses matos, & dahi a algũs dias vieram buscar a ribeira do már, & mãdarão pedir licẽça a Afonso Dalboquerque pera se tornaré pera a cidade, & a algũs delles que eram homẽs principaes a deu: porq̃ ouue por mais seguro telos dẽtro da cidade, q̃ andaré por fora fazẽdo ajũtamẽtos, & amotinãdo os mercadores q̃ não viessẽ ao porto, & mandou aos Iaos q̃ se ajuntassem & corressem a terra, & trouxessem presos todos os Malayos que achassem

por eſſes matos, pera ſeruirem na obra da fortaleza que queria começar, & ſe antre eſtes ſe achaua algum que conhecidamente fora culpado em a morte da gente de Diogo Lopez de Sequeira, mandaua Afonſo Dalboquerque fazer juſtiça delle, & aos outros cõ bragas de ferro que ſeruiſſem na obra, & em companhia deſtes lhe trouxeram mil & quinhentos eſcrauos, que foram do Rey com ſuas molheres & filhos, & todos tomou por catiuos delRey dõ Manuel, aſsi como erã do Rey de Malaca, & mandou lhe dar ſeu mantimento & ordenado, quãdo trabalhauão na obra, ſegũdo o coſtume que tinham, & quando não eram neceſſarios pera ſeruirẽ, ganhauão pera ſi: porque deſta maneyra eram obrigados a ſeruir o Rey, & como teue iſto ordenado, mandou deſembarcar a fortaleza de madeira q̃ trazia, pera recolhimento da gente que auia de trabalhar na obra, & fazer preſtes cal, pedra, cãtaria, pera ſe começar: & poſto que Rui de Araujo nunca deu eſperança de ſe poder achar pedra pera fazer fortaleza: como a vontade de noſſo Senhor era, que os Portugueſes fizeſſem aſſento naqlla cidade, & que o ſeu nome foſſe ali louuado, achouſe tãta pedra & cantaria em hũas ſepulturas antiguas dos Reis paſſados, que eſtauam em o campo debaixo do chão, & de miſquitas que derribaram, que ſe poderam fazer duas fortalezas: & como ouue copia de achegas pera começarẽ a obra, & muitos ſeruidores, mandou Afonſo Dalboquerque abrir aliceces, & fundouſe hũa fortaleza muito forte, entulhada hũa lança darmas de alto: por que o ſitio o demandaua, com dous poços de muito boa água dentro pera beber, que ali eſtauão feitos de cantaria laurada: & porque a noſſa gente q̃ na fortaleza eſtiueſſe, podeſſe recolher ſocorro, ſe lhe foſſe neceſſario cada vez que quiſeſſe, ſem lho os imigos poderem tolher, fundouſe hũa torre de menagem de quatro ſobrados ao longo do mar, pera que tambem do alto della podeſſem com artelharia defender hum outeiro, que a fortaleza tem ſobre ſi por padraſto. E porque póde ſer que algũs q̃ lerem eſta hiſtória, reprouem fazerſe fortaleza em terra de imigos com tal defeito, reſpõdeſſe que lhe ſofreo Afonſo Dalboquerq̃ o padraſto, por não auer em toda a cidade lugar mais acõmodado pera ſegurança do capitão & gente, q̃ nella ficaſſe, porque ao longo deſta torre podia chegar hũa nao noſſa de duzentos toneis, cada vez que quiſeſſem, & poſeram nome a eſta fortaleza a famoſa: & ſegundo tenho por enformação de muitas peſſoas que a viram parece que lhe conuem muito, & não digo ſuas particularidades por ſer muito frequẽtada dos noſſos Portugueſes: & porque Afonſo Dalboquerq̃

era muito deuoto de nóssa Senhora, mandou fazer hũa igreja a que pos nome nóssa Senhora da Anunciada, & pera que ficasse memoria pera sempre das pessoas que foram na conquista deste reyno, & fundação da fortaleza, mandou fazer hũa pedra muito grande em que se escreueram os nomes de todos os principaes: & como a natureza dos Portugueses he serem enuejosos de honra, não sofreram a Afonso Dalboquerque que se fizesse mais conta de hũs que de outros: pois todos foram iguaes no trabalho, & conquista daquella cidade, & elle polos não descontentar nem tornar atras com o que tinha feito, mandou assentar a pedra sobre a porta, com os nomes virados pera dentro, & nas costas della aquelle verso de Dauid que diz. Lapidem quem reprobauerunt edificantes.

Como o grande Afonso Dalboquerque a requerimento dos gouernadores & pouo da cidade, mandou laurar moeda, & dos preços della, & do mais que se nisso fez. Capitulo. xxxij.

EStando as cousas de Malaca neste estado, veyose Ninachatu ao grande Afonso Dalboquerque com os gouernadores daterra, & disseramlhe, que o pouo passaua grãde trabalho, por não auer moeda, que lhe pediam por merce a mandasse fazer: & posto que elle auia já dias que o desejaua, como a obra da fortaleza o trouxesse muito occupado, deixaua isto pera outro tempo em que tiuesse menos occupação: & porque a necessidade que lhe apresentauão era muita, & o pouo se não podia remediar sem moeda, quis lógo entender nisso: assi por ser insignea real del-Rey dom Manuel & de sua vitoria, em reyno ganhado de nouo de q̃ elle era direito Rey, como tambem por apagar a moeda dos mouros, & lãçar suas prantas & nome fora da terra. Determinado isto mandou chamar todos os mercadores, gouernadores, & principaes homẽs da cidade, & pos lhe em pratica o que lhe tinham pedido, & depois de auer muitas diferẽças antre elles, assentaram com o parecer de todos os capitães, que estauá presentes, q̃ se fizesse moeda, & de dous caixes (q̃ era moeda de estanho do Rei de Malaca) se fizesse hũa moeda, cõ a espera delRey dõ Manuel, a q̃

poserão

poseram nome dinheiro, & outra mais grossa que tinha dez dinheiros, poseram nome soldo, & outras que pesauam dez soldos, poseram nome bastardos: & toda esta moeda era de estanho, que nasce na terra de Malaca, & estas minas fez Afonso Dalboquerque direitos reaes delRey de Portugal: & porq̃ em Malaca não auia moeda de ouro nẽ de prata, & corria a troco de outras mercadorias, assentaram q̃ se fizesse: & depois de passarẽ muitas praticas sobre a valia q̃ teria, pareceo a todos bem q̃ a moeda douro pesasse hũ quarto de tũdiá, q̃ tẽ de valia mil réis antre nós, a q̃ poseram nome catholico, & a de prata, pareceo bẽ aos mercadores q̃ fosse da de Pegú, q̃ he pouco menos q̃ a de Castelete, & sobre isso ouue algũas rezões por hũa parte & pela outra: & Afonso Dalboquerque asentou q̃ fosse prata mercadoura: porq̃ querendo os Reis de Portugal mãdala por mercadoria a Malaca, pela muita valia q̃ tem, o podessem fazer. Os mercadores posto q̃ esta valia da prata fosse em seu perjuizo, foram com o parécer de Afonso Dalboquerque, & assentaram q̃ a moeda de prata se chamasse Malaqueses, & q̃ tiuesse o mesmo preço de quarto de tundiá: & porque a moeda dos mouros fosse lógo apagada de todo, principalmẽte a de estanho, que era mais cõmua na terra, mandou Afonso Dalboquerque assentar hũa casa de fazer moeda, & que todos os mouros q̃ a tiuessem do Rey de Malaca, a leuassem lógo ali sob pena de morte, & veyo tanta quãtidade della por medo da pena que lhe era posta, que os officiaes não se podiam valer com o despacho, & em breue tempo se laurou hũa grande quantidade de prata ouro & estanho. Afonso Dalboquerque como soube dos officiaes á copia da moeda que tinham, mandou chamar os gouernadores da terra & disselhes, que elle tinha mandado laurar muita soma de moeda, como todos tinham assentado, & que era necessario mandarse apregoar por toda a cidade, com aquella solemnidade q̃ conuinha ao estado delRey dõ Manuel seu señor. Os gouernadores assẽtarão q̃ ao outro dia pela menhaã se apregoasse: & ajũtaramse todos os principaes do pouo, & vierãose á fortaleza, onde Afonso Dalboquerque estaua com todos os capitães, fidalgos & caualeiros da armada, & dali começáram a caminhar nesta ordem. Hia diante de todo o pouo hũ dos principaes gouernadores da cidade, em cima de hũ Alifãte cõ seu castelo emparamẽtado de seda, & leuaua nas mãos hũa bãdeira das armas delRei de Portugal ẽ hũa áste cõprida, & apos elle hia todo o pouo a pé de hũa parte & da outra como ẽ procissão, & no meyo desta gẽte hia hũ mouro em cima doutro Alifante, emparamẽtado tãbẽ de seda
 dando

dando os pregões, & apos elle as trõbetas, & a tras dellas os gouernadores da cidade, & todos os mercadores & principaes homẽs della, & no couce desta gente hiam, Antonio de Sousa filho de Ioão de Sousa de Santarem, & o filho de Ninachatu ambos juntos em hum Alifante grande, que fora da pessoa do Rey, cõ seu castelo emparamẽtado de panos de brocado, & levauão cõsigo muita soma de moeda de ouro, prata & estanho, q̃ lançauão por cima de todo o pouo, a cada pregão q̃ o muro daua, o qual era tanto, q̃ não cabia pelas ruas, & com muitos cantares & tãgeres á sua vsansa, dauã grandes louuores a Afonso Dalboquerque pela mãdar fazer por cõselho & parecer de seus naturaes, & com esta ordem foram caminhãdo por toda a cidade. Acabado de se apregoar a moeda, pedirã os Pegûs licẽça a Afonso Dalboquerque pera se jrẽ pera sua terra, & elle lha deu, & lhe fez muita hõra & merce de que foram muito contentes, & lhe derã grãdes agradecimentos pelo q̃ lhe fizera, quãdo se saqueo a cidade, em não cõsentir que suas casas & mercadorias fossem roubadas, & não importou tam pouco, que não valesse oitenta mil miticaes de ouro, afora o que elles tinhã escõdido em ouro & prata. Despedidos de Afonso Dalboquerque, partirãose prometendolhe, q̃ muito cedo tornariam áquelle porto cõ muitas mercadorias, & se trabalhariam por lhe trazer hũ junco muito grande, q̃ se lá fazia pera o Rey de Malaca, & ficou ali hum filho do piloto, mancebo gẽtil homem com cem Pegûs, & aprendeo a nóssa lingoa Portuguesa, & era tã coriosо de ver cousas, que a principal porque ficou, foy pera vér a nóssa fortaleza acabada, & sempre trabalhou na obra della com a sua gente, a que Afonso Dalboquerque mandou pagar mui bem seu trabalho. Este ouro que a cima disse que vinha a Malaca, o mais delle vem de hũa mina de Menamcabo, que he na põta da ilha de Samatra da banda do sul, fronteira a Malaca, nauegação de seis dias: & tambem vem do reyno de Páo: & em todas as ilhas derredor de Malaca ha ouro, mas pouco: tambem o trazem os Gores, & Chins. A prata vem do reyno de Sião, & do reyno de Pegû, onde ha muitas minas della, & tam fina como a de Castelete.

De como os mercadores & todos os mouros honrados da cidade, se aqueixárão ao grãde Afonso Dalboquerque, das tirãnias que Utemuta Raja fazia na terra, & como tinha em seu poder todos os mantimentos, & de outras muitas cousas que fafazia. Capitulo. xxxiij.

Passados

Assados algũs dias depois da fortaleza ser pósta em altura, pera se poder defender dos imigos, vierã por algũas vezes dizer ao grãde Afonso Dalboquerque, que Vtemuta Raja andaua em concerto com o Rey Alaoadim, que socedia no reyno por morte do Rey Mahamet seu pai, que morrera em Pão (como a tras fica dito) pera se aleuantarem ambos contra os nóssos, & pera mais certeza deste negócio, deramlhe hũa carta, que Vtemuta Raja escreuera ao Rey, & a reposta della. A substançia da carta era desculparse Vtemuta Raja ao Rey, da amizade que tinha com Afonso Dalboquerque, & estar á sua obediencia, dando pera isso muitas rezões & desculpas, offerecendolhe nella sua pessoa & gente, pera o ajudar (determinando de cometer a cidade de Malaca) com toda sua casa & fazenda, parentes & amigos, fazẽdolhe este negócio muito facil, pela pouca gente q̃ auia nóssa. Afonso Dalboquerq̃ guardou isto em si, sem dar conta a ninguem, & mostroulhe dali por diãte muito boa vontade, o qual com este fauor que elle sentia, cuidãdo que não era sabedor da treição em que andaua, começouse a desauergonhar hum pouco no gouerno da terra, & deu lugar aos mouros que viuiam na sua pouoação Dupe que vsassem da sua moeda, & que a nóssa não corresse: & posto que elle estiuesse presente, quando se assentou que se lauasse como pessoa principal, com tudo elle nem seus filhos, netos, nem parentes, não no quiseram ser, a apregoar della: pelo que se Afonso Dalboquerque não ouue por muito seguro na sua amizade, & começouse a recatar delle, & aplacou os mouros dos queixumes com que lhe vinham cada dia, dos roubos q̃ lhes fazia: o qual trazia sempre a sua gente polo campo em quadrilhas, roubando o pouo, que com o seguro de Afonso Dalboquerque se tornaua pera a cidade, & não contẽte disto mandou tomar todos os escrauos do Rey, & de seus Mandarijs, & de mercadores, & começouse a impossar pela terra dentro de algũas quintãs, q̃ ficarã dos gouernadores de Malaca, q̃ fugiram cõ o Rey sem auer remedio de querer largar nhũa destas cousas que tinha tomadas: & porque os mercadores & pouo da cidade se tornaram áqueixar a Afonso Dalboquerque, & que tinha atrauessado todos os arrozes que eram vindos, & não consentia que nenhum mercador os comprasse, polos tér todos na sua mão, & que por esta causa auia muita falta de mantimentos mandoulhe. Afonso Dalboquerque dizer por Rui de Araujo (disimulando com elle) que algũs mercadores se quei-

xauam do mao gouerno da terra & que seria sem rezão, por quam maos eram de contentar, que lhe rogaua muito, que mandasse olhar por isso: & ficou elle tam pouco emendado disto que lhe Afonso Dalboquerque mãdou dizer, que andando na sua pouoação Dupe hum Naire que se tornou Christão, que era homem do meirinho, o mandou prender, & dizẽdolhe o meirinho com palauras muito brandas que olhasse o que fazia, porque aquelle homem era Christão, & não da sua jurdição, & que se algũa cousa tinha feito que o fosse dizer a Afonso Dalboquerque, que o mandaria castigar muito bem, não lhe respõdeo nada, nem lhe deu o Naire, & dali por diante começou a fazer tranqueiras fortes, cercadas de caua ao redor em Vpe. Vendo Rui de Araujo estes desauergonhamentos de Vtemuta Raja, foy se a Afonso Dalboquerque & cõtoulhe todas estas cousas q̃ eram passadas, não cuidando que elle as sabia & dissellhe, que se nã apagasse aquelle Iao de todo, q̃ soubesse certo q̃ depois de sua partida pera a India, auia de dar muito trabalho á fortaleza, & á gente que nella ficasse, & este mesmo requerimento lhe fizeram os mercadores, pedindolhe muy afincadamẽte que se não partisse de Malaca, sem deixar primeiro fora della Vtemuta Raja: porque era tredor & mao homem, & sempre andara em diuisam cõ o Rey passado, & tentara algũas vezes leuantarse contra elle, & que elles não ousauão de ficar na terra, se Vtemuta Raja nella ficasse, dando pera isso muy boas rezões, assi por ser homem velho & muy antigo, & acreditado naquella terra, como tambem por ter muitos filhos & netos, & ser muito rico & ter muita gente, & alem destas rezões todas, que lhe os mercadores deram, tinha Afonso Dalboquerque sabido que a principal cousa, porque este Iao andaua nestes tratos era, porque não podia sofrer que os Quilins & Chitins, que eram gentios, fossem fora da sua jurdição, & tiuessem gouernador & justiça apartada por si, que era Ninachatu que os regia & gouernaua, segundo suas gentilidades & costumes: & ajuntouse tambem a isto, fauorecer Afonso Dalboquerque muito os mercadores gentios, por serem homẽs de muito trato, & mais ricos, & de mayores fazendas que os mouros, & em que jazia todo o trato & negocio de Malaca, & obrigauamse a fazerem vir de Choramandel seis centas casas dos mais ricos homẽs da terra viuer a Malaca: & este fauor que elle fazia aos gentios, & o muito que trabalhaua por desarreigar os mouros de Malaca, fez com que Vtemuta Raja se confederasse com o Rey Alaoadim, pera se aleuantarem contra os nossos.

De

De como o grande Afonsó Dalbcquerque pela certeza que teue da treição que Vtamuta Raja lhe ordenaua, & outras cousas que fazia, determinou de o prẽder, & a seu filho, & genro, & o mais que nisso fez, & o que passou com sua molher. Capit. xxxiiij.

VEndo o grande Afonso Dalboquerque a conjuração em q̃ Vtemuta Raja andaua com o Rey Alaoadim, pera se aleuantar contra elle, & como tinha recolhido todos os arrozes, que era o principal mantimento da cidade, arreceãdo de o obrigar este negócio a muito se com elle mais disimulasse, determinou de o prender, & a seu filho, & genro, & neto, & por algũas vezes os mandou chamar pera se aconselhar com elles sobre o gouerno da terra, & sempre se escusaram, sem quererem vir a seu chamado de que se Afonso Dalboquerque começou a enfadar mais delles, & com tudo disimulou sempre, & chegandose sua partida pera a India, vendo que não podia acabar este feito senão por algũa manha, disimuladamẽte disse a Cojeabrahem (hum mouro Persio de nação, que era grande amigo de Vtemuta Raja, & andaua em requerimento com elle que lhe desse o officio de Quitoal) q̃ elle tinha assentado de não dar os officios da cidade sem conselho & parecer dos principaes homẽs della q̃ os chamasse todos, & sendo disso contentes, que perante elles lho daria. Cogeabrahem, porque isto era o que elle desejaua, teue tal maneira que os ajuntou, & trouxeos á fortaleza onde Afonso Dalboquerque estaua cõ todos os capitães, & como foram dentro, sem mais tér nenhua pratica com elles, mãdoulhe tomar as armas que tinham, & a Rui de Araujo q̃ perante todos lhes lesse hũs capitulos, que tinha contra Vtemuta Raja, & seu filho, genro & neto, de muitas cousas que tinham feitas contra o seruiço delRey dom Manuel seu senhor, & a carta que escreuera ao Rey Alaoadim. Vtemuta Raja cõfessou algũs dos capitulos & outros negou, & quanto á carta que era verdade que elle a escreuera, mas que sua tenção não era aleuantarse cõtra elle, senão auer o Rey ás mãos pera lho entragar, & que quanto aos arrozes que dizião que tinha em sua mão, que elle os comprara pera ganhar nelles, porque esse era o officio de que viuia, & não pera nenhum outro mao fim: que aquillo eram cousas que lhe os gentios assacauão, porq̃ lhe queriã

 mal

mal por lhe não consentir suas ladroices. Passadas estas praticas mãdou os meter todos quatro em hum sotão da torre da menaje, & tér boa guarda nelles, & derribar as tranqueiras, & atopir as cauas que Vtemuta Raja na sua pouoação tinha feitas, & a Pero Dalpoem (que seruia de ouuidor) que entendesse lógo judicialmente em seu feito, guardandolhe inteiramente sua justiça. Como os mercadores & principaes da cidade souberam que Afonso Dalboquerque tinha preso Vtamuta Raja & seus filhos, vieram lhe pedir que lhe fizesse justiça de muita fazenda que lhe tinham roubado, & elle disse ao Ouuidor, que lhes fizesse tornar tudo o que se achasse que lhe tinham tomado: & afora muitas cousas que fez restituir a estes mercadores, & pouo da cidade, foram quinhentos escrauos que tinha tomado forçosamente: & processado o feito, estando em final pera se dar sentença, mandou Afonso Dalboquerque chamar todos os capitães, & perante elles disse ao Ouuidor que lesse o processo de suas culpas, & vistas, julgaram que morressem morte natural, & que fossem degolados. Dada a sentença, mandou Afonso Dalboquerque fazer hum cadafalso alto no meo da praça, pera seré vistos de todo o pouo. Como sua molher soube q̃ marido & filhos, eram julgados á morte, mandoulhe pedir por hũ Iao chamado Patequitir, que ouuesse piedade della, & perdoasse a seu marido & filhos, & que ella có elles se jriam viuer a sua terra que era a Iaoa: pois não era contente de elles viuerem em Malaca, & que lhe daria pera ajuda da despesa da obra da fortaleza, sete Bahares de ouro, que tem cada hum quatro quintaes. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que o costume dos Portugueses não era véder justiça por dinheiro, q̃ a elle lhe pesara muito acharlhe culpas pera mandar fazer justiça delles, que os corpos lhe mandaria dar pera os enterrar: segundo seu costume. Como o cadafalso foy acabado, mandou ao Ouuidor que fosse fazer justiça delles, & leuasse em sua companhia toda a sua guarda, & outra muita gente armada por serem pessoas poderosas, & como foram no cadafalso, querendo o algoz degolar primeiro os filhos, disselhe Vtemuta Raja que começasse primeiro nelle que era velho, & os outros moços, & não nos queria ver acabar tam mal. Os corpos estiuerá ali desde pela menhaá até a tarde, vistos de todo o pouo da cidade, o qual não podia crer que eram degolados. Este espectaculo destes mouros foy promissam diuina, porque em esta mesma praça, onde o grande Afonso Dalboquerque os mandou degolar, có o cutelo da justiça delRey de Portugal, auia dous annos q̃ o Rey de Malaca teue determi

determinado de matar o seu capitão mór Diogo Lopez de Sequeira, & todos os que com elle viessem a terra, em hum banquete que lhe daua, se não fora hũa Iaoa, que de noite a nado, foy tér ás naos auisar hum marinheiro, que tinha por amigo. A molher de Vtemuta Raja depois de tér dado sepultura áquelles corpos de Satanas, falouse com Patequitir, & deu lhe sete ou oito mil miticaes de ouro, & pediolhe que ajuntasse todos os seus escrauos, que eram muitos, & que a vingasse dos Quilins & Chitins que forã causa da morte de seu marido & filhos. O Patequitir como teue o dinheiro ajuntou hos todos, & determinouse de jr pór fogo á pouoação, donde os Quilins & Chitins viuiam. Sabendo Afonso Dalboquerque isto, acodio com gẽte & deu nelles, & trouxerános todos por essas ruas da cidade á espada, matando muitos delles. O Patequitir vendose desbaratado, & que não tinha poder pera fazer o que desejaua, tomou a molher de Vtemuta Raja, & toda a fazenda q̃ pode leuar, & foy se pela terra dentro & queimou muita parte das quintãs dos Chitins & Quilins, & andou nesta reuolta dez ou doze dias, & porque vio que esta sua empresa não podia tér bom fim, pedio seguro a Afonso Dalboquerque, & assossegou deste seu proposito, mas não quis tornar a viuer em Malaca.

¶ Este Vtamuta Raja era Iao gentio de nação, & auia muitos annos que se tornara mouro. Seria homem de oitenta ou nouẽta annos, de baixa sorte: veyo proue pera Malaca, & auia cincoenta annos que viuia nella: disselhe bem a mercadoria, & fez se grande rico: era muito soberbo, grãde tiráno, desassossegado, reuoltoso, & sempre assi foi em tempo do Rey Mahamet, & tinha tanto poder & tanta autoridade em Malaca, que se se não apagara ouuera de dar grande trabalho aos nóssos, & dizia Afonso Dalboquerque muitas vezes (vendo o assossego em q̃ a terra ficara, depois de o ter morto) que se este conselho tiuera em ormuz contra Cogeatar, que se não leuantara elle, nem lhe fizera quantas rebaldarias lhe fez. Este filho seu que cõ elle foy morto, era o q̃ esteue com a adaga na mão pera matar Diogo Lopez de Sequeira, & este tinha o Rey ordenado por capitão, depois da morte de Diogo Lopez, pera tomar as naos, com muita gẽte sua, & de seu pay que tinha pera este feito, & nósso Senhor não quis que o elle cometesse, & quis que pagasse a pena que por isso merecia.

Como

Como Duarte Fernandez & os Chins que leuaua em sua companhia, chegaram á cidade de Vdiá, onde o Rey de Sião estaua, & lhe deu o recado que leuaua do grande Afonso Dalboquerque, & do embaixador que lhe o Rey mandou. Capitulo. xxxv.

PArtido Duarte Fernandez de Malaca em companhia dos dous capitães Chins, cõ recado do grande Afonso Dalboquerque pera o Rey de Sião (como a tras fica dito) em poucos dias atrauessaram á outra banda, & chegaram á boca de hum rio grande, que vay tér a cidade de Vdiá: na qual o Rey de Sião estaua, & como soube que ali era chegada gente estrangeira mandou lá hum capitão com dozentas lancharas saber que gente era & donde vinha. Chegado o capitão ao porto onde os Chins estauão, perguntou a Duarte Fernandez a que vinha, & quem o mandaua. Elle lhe disse, que era messageiro de hũ grande capitão delRey de Portugal, o qual ficaua em Malaca cõ hũa grãde armada, & que era vindo ali por seu mandado visitar o Rey de Sião, & trazerlhe hũa carta sua. Sabido isto, mandou o capitão dizer ao Rey a gẽte que era, & a que vinha, que lhe mandasse dizer o que nisso queria que fizesse. O Rey pela noticia que já tinha da chegada de Afonso Dalboquerque a Malaca, folgou muito de saber que o messageiro era seu, & mandou ao capitão que lho leuasse lógo. Chegado este recado do Rey, o capitão se embarcou nas lancháras com Duarte Fernandez, & os capitães Chins, & foramse polo rio acima até a cidade, & como desembarcaram, o capitão com toda sua gente, leuou Duarte Fernandez ao paço, onde o Rey estaua esperando em hũa sala grande, armada toda de brocados, & alcatifiada de muy ricas alcatifas, o qual estaua assentado em hũa cadeira alta, vistido ao modo dos Chins, & junto com elle de hũa parte & da outra da sala todas suas molheres & filhas, assentadas, vestidas de brocados, & panos de seda, com muitas joyas de ouro & de pedraria: & dali pera baixo outras muitas molheres hõradas, vestidas do mesmo teor, que era cousa muito pera ver. As molheres desta terra, sam hum pouco baças, & porem muy fermosas, & estauão tambem ali todos os principaes Senhores da terra muy bem vestidos. Entrado Duarte Fernãdez na sala, fez sua cortesia ao Rey ao modo

dos

dos gentios, & chegou a elle, & deulhe a carta de Afonso Dalboquerque, & a espada, que o Rey recebeo com muitas palauras de agardecimẽto, & perguntoulhe polo feito de Malaca, & por elRey de Portugal, & polo estado & poder que tinha. Elle como era homem auisado: deu muy boa rezão de tudo o que lhe o Rey perguntou: Passadas estas praticas, mandou ao seu capitão q̃ o leuasse pera sua casa, & aos capitães Chins fizesse muito bom gasalhado, & ao outro dia lhe mandou mostrar toda a cidade por lhe fazer honra, & hũ Alifante branco que tinha, de que os Chins ficarã muy espantados, & se fora cousa que se podera vender, deram por elle muito dinheiro, pera o leuarem ao Rey da China. Passados algũs dias o Rey despachou a Duarte Fernandez, & mandou em sua companhia hum embaixador a Afonso Dalboquerque, com hũa carta pera elRey dõ Manuel, & hum anel de hum rubi, & hũa coroa, & espada de ouro: os quaes partiram da cidade de Vdiá, & em sete dias foram da outra banda da costa de Samatra & chegarã a Taranque que he hũa cidade do Rey de Sião, & dali se vieram sempre por lugares seus até os baixos de Capacia, & chegados a Malaca acharam já os muros da fortaleza com grande parte das ameas & torres acabadas, com muita artelharia posta nellas, & a cidade toda á obediencia de Afonso Dalboquerque. Os capitães Chins como arreceauam que se elle perdesse naquella empresa de Malaca, quãdo viram a fortaleza feita & o assossego em q̃ estaua a cidade ficaram muy espantados & muito corridos do que tinham passado com elle antes de sua partida. Como Afonso Dalboquerque soube que em companhia de Duarte Fernandez vinha embaixador do Rey de Sião, mandou ho receber por todos os capitães, & fez lhe muita honra & gasalhado. O embaixador lhe deu a carta que trazia pera elle, & outra pera elRey dom Manuel, com o presente. A carta de Afonso Dalboquerque era reposta da que lhe tinha mandado por Duarte Fernandez, em que lhe dizia que folgara muito com o seu messageiro, & com sua amizade, offerecendolhe seu reyno & pessoa, pera seruiço delRey de Portugal: & mantimentos, & gente, & mercadorias de sua terra quantas fossem necessarias, & que dias auia que elle desejaua sua amizade, pelas grandes cousas que ouuia dizer, que os Portugueses faziam na India contra os mouros, & que esperaua que elle lhe desse vingança daquelle tiranno do Rey de Malaca, não sabendo ainda que era tomada.

De como o grande Afonso Dalboquerque despachou o embaixador do Rey de Sião, & em sua companhia mãdou Antonio de Miranda de Azeuedo com hũa instruçāo do que auia de fazer, & do presente que por elle lhe mandou. Capitulo. xxxvj.

Epois de o grande Afonso Dalboquerque ter passado suas praticas com o embaixador do Rey de Sião, como estaua já prestes pera se partir pera a India, determinou de o despachar, & mãdar em sua companhia Antonio de Miranda de Azeuedo por embaixador ao Rey, & mandoulhe que se fizesse prestes, pera se jr no junco dos Chins, que ali estauão esperãdo por elle & deulhe esta instrução do que auia de dizer.

¶Direis ao Rey de Sião, como elRey de Portugal meu senhor me mandou a este porto de Malaca, tomar emẽda da treição que o Rey & seus gouernadores fizeram a hum seu capitão mór, & gente que a elle mandara tratar de amizade, & que sobre seu seguro lhe mataram & catiuarã muita parte da gente em terra.

¶Lhe direis, que depois de eu ser chegado a este porto, mandara per muitas vezes pedir ao Rey, que fizesse rezão de si, & mãdasse entregar os Portugueses que tinha catiuos, & tornar toda a fazenda que tinha tomada, & que elle com sua desordenada soberba, nunca respondera a proposito, né quisera sua amizade, nem fazer assento de paz com elle, fauorecendo os mouros da India, que ali tinham suas naos, contra o seruiço delRey de Portugal.

¶Lhe direis, que vendo eu sua falsa determinação, cometi a cidade, & a entrey por força, & venci o Rey, que escapou ferido, & sua gente, & alifantes: & por não distroir a cidade me torney a embarcar, & estiue assi por espaço de quinze dias, esperando seu arrependimento; & que tendo o Rey expermentado o esforço dos caualeiros Portugueses, não deixara todauia de se determinar em guerra, sem querer que antre mim & elle ouuesse cõcerto de paz & amizade.

¶Lhe direis, que por lhe reprimir esta sua contumacia, torney outra vez a cometer a cidade, & o desbaratey & matey muita gẽte, & algũs capitães seus

ſeus, & tomey ſeus alifantes, & queimey, ſeus paços, & q̃ perdoey ao pouo & mercadores, por ſe não perder a cidade & trato da terra: & que lhe dou eſta conta, porque ſey certo que ha de folgar muito com a diſtroição deſte Rey pela guerra que com elle ſempre teue.
¶ Lhe direis, q̃ elRey de Portugal meu ſeñor, folgará muito de ſuas naos & gente tratárem em Malaca, & que eſta era a principal rezão, porq̃ folguey de a tér tomada: & q̃ tendo elle neceſsidade de ſuas armadas & gẽte pera conſeruação de ſeu eſtado, que eu como ſeu capitão géral, o ſeruirey em tudo o que me mandar. E com eſta inſtrução lhe deu hum preſente pera o Rey, que lhe mandou em nome delRey de Portugal .ſ. hũas couraças de veludo crameſim: hũ coſſelete comprido de todas as peças: hum capacete & barbote muy bem guarnecido: hũa adarga danta cõ ſeus cordoes muito ricos, metida em hũa funda de brocado: tres panos darmar de veludo & cetins de cores, entretalhados & borlados de ouro, que foram do Rey de Malaca, com que tinha armado a caſa de madeira, onde o Rey de Pão ſeu gẽro auia de andar pela cidade (como a tras fica dito) & hũ bacio de ágoa ás mãos de baſtiães: & duas albarradas do meſmo teor: & hũa caldeirinha bẽ laurada: & duas taças de baſtiães, tudo de prata: & hũa béſta cõ ſeu almazem: & quatro ramais de coral muito groſſo, & fino, por ſer de muita valia naq̃lla terra, & hũa peça de eſcarlata: & fez merce ao embaixador do Rey de Sião de algũas peças, de q̃ foy muito contente. Antonio de Miranda depois de tér ſuas cartas de crença pera o Rey, embarcouſe no junco dos Chins, & nauegando, em poucos dias foy tér á cidade de Tanaranque, que he do Rey de Sião, & ali ſe deſpedio dos Chins, & fez ſeu caminho por terra, em caualos & bois de carrega, direito á cidade de Sião, onde foy muito bem recebido do Rey que nella eſtaua.
¶ Eſte reyno de Sião he muito eſtreito daq̃lla banda, por onde os Chins fazẽ ſua nauegação. Tẽ algũs portos & lugares, & dali por terra tem dez dias de caminho, até a coſta de Tanaçarij, & Taranque, & Sauião, & da outra banda do már de Samatra: tẽ tambẽ muitos portos & lugares, & he ſeñor de muita gẽte. Sám gẽtios, & na terra ha muitos mouros mercadores de muitas partes. Os Chins tẽ nella ſeus eſtãtes: porq̃ confiam muito daq̃lla gẽte. Eſte Rey teue ſempre guerra cõ o de Malaca, & por iſſo não lhe peſou de o ver diſtroido. Muitas couſas auia que dizer deſte reyno de Sião, mas minha tenção não he eſcreuer mais das terras que aquillo que conuem pera declaração deſta hiſtoria.

Como

Como o grande Afonso Dalboquerque despachou os embaixadores dos Reis de Campar, & da Iaoa, & mandou descobrir a ilha de Maluco. Capit. xxxvij.

Endo o Rey de Campar certeficado, que o de Malaca era desbaratado, & o estado em que as cousas de aquelle reyno estauão, temendose que por ser seu gêro, laurasse tambem a furia dos Portugueses por sua terra, embarcouse em dez lancharas, & veyose ao rio de Muar, que he do reyno de Malaca, oito légoas da cidade, contra o reyno de Pão, & chegado a este rio, mandou hum messageiro a Afonso Dalboquerque com hũ presente, de oito fardos de lenho noe muito fino, & dous de hũa maça que se faz do sangue do dragrão, que serue de verniz pera cousas pintadas, & mandoulhe dizer que aquella era a fruita que se colhia na sua terra, & que desejaua muito sua amizade, & ser vassalo & seruidor delRey de Portugal: porque elle nas cousas de seu sogro, não tinha nenhũa culpa. Afonso Dalboquerque lhe mandou agradecer muito o presente, & a vontade que tinha de seruir a elRey de Portugal seu senhor, & mandoulhe algũas peças em recompensa do seu presente, & offereceolhe gente & armada quando lhe comprisse: & partido este messageiro do Rey de Campar, despachou outro que auia muitos dias que ali andaua do Rey da Iaoa: o qual lhe trouxe de presente hũa duzia de lanças muito compridas, cõ suas fundas de pao metidas no ferro & hum pano muito comprido, em que vinha pintado o modo em que o Rey vay á guerra, com suas carretas, caualos, & alifantes armados com seus castelos de madeira, & o Rey ali pintado em hũs paços de madeira em riba das carretas, & tudo isto muito bem pintado: & mandoulhe vinte sinos pequenos que he a sua musica, & tangedores que os tangiam com paos feitiços, & concertauamse muito bem, & faziam muito bom som: & mandoulhe dous muito grandes que tangem na guerra, & soam muito longe, & offerecer gente & mantimentos, & o mais que lhe fosse necessario pera aquella guerra de Malaca, & a causa foy porque estaua muito differente com o Rey, pelas muitas tirannias que se faziam aos seus naturaes quando ali vinham. Afonso Dalboquerque o despachou, & por elle mandou ao Rey da Iaoa hum alifante dos que tomara

em Malaca: porque ſam lá muito eſtimados, & hũa peça de eſcarlata, & outra de veludo crameſim, & deulhe embarcação pera ſua peſſoa, & pera leuar o alifante: & neſte tempo chegaram tres pangajaoas do reyno de Menamcabo, que he na ponta da ilha de Çamatra da outra banda do ſul a Malaca, & trouxeram ſoma de ouro, & vinham buſcar panos da India, de que tem muita neceſsidade na ſua terra. Os homẽs deſte reyno ſam muito bem deſpoſtos & aluos, andam ſempre bem tratados, veſtidos em ſeus bajus de ſeda, & criſis com bocaes de ouro, & pedraria na cinta. He gente bem acoſtumada, & verdadeira. Sam gentios. Tem em grã de eſtima hũa carapuça de ouro, que dizem que lhe ali deixou Alexandre quando conquiſtou aquella terra.

¶Tendo Afonſo Dalboquerque todos eſtes meſſageiros deſpachados, determinou de mandar deſcobrir as ilhas de Maluco, & todas as outras daquelle arcepelago, que tinha por informação ſerem muitas, & fez preſtes tres nauios, dos quaes deu a capitania mór a Antonio Dabreu, que a tras tenho dito que fora ferido no junco, com que ſe cometeo a ponte de Malaca, por ſeu esforço & caualaria merecia tudo, & dos outros dous nauios deu a capitania a Franciſco Serrão, & a Simão Afonſo, & mandou por pilotos, Luis Botim, & Gonçalo de Oliueira, & Franciſco Rodriguez homem mancebo que ſempre andou na India por piloto, & ſabia muy bem fazer hum padrão ſe compriſſe, & eſte era o fim porque o lá mandaua, & com elles dous pilotos da terra, & por feitor Ioão Freire, criado da Rainha dona Leonor, & Diogo Borges criado delRey dom Manuel por ſeu eſcriuão, & fez preſtes hum junco carregado de muitas mercadorias, de que deu parte a Ninachatu, & a hum gentio que ſe chamaua Cogequirmani, que tinha ſua molher & filhos em Malaca, & hia por capitão do junco: & porque nelle auia pouco que fazer partioſe dous ou tres dias primeiro que a noſſa armada: & o regimento que deu a Antonio Dabreu foy, que por nenhum caſo do mundo em aquelle caminho fizeſſe preſas, nem arribaſſe ſobre nenhũa nao, nem conſentiſſe que gente ſua ſaiſſe em terra, & em todos os portos & ilhas a que chegaſſe deſſe preſentes, & dadiuas aos Reis, & Senhores da terra, & pera iſſo lhe mandou dar muitas eſcarlatas & veludos de Meca, & outras muitas mercadorias, & mandoulhe que nenhũa nao de Malaca, nem de outras partes, ora foſſem de mouros, ou de gentios, que achaſſem em eſſas ilhas do crauo, ou das maças, não lhe tolheſſe tomarem carrega,

mas antes lhe desse fauor & ajuda, quanta lhe fosse posiuel, & que da mes ma maneira que elles negoceassem sua carrega, asi o fizesse elle, guardãdo os costumes da terra: & que nenhum capitão por caso que acontecesse fosse a terra, senão o feitor & escriuão, com duas ou tres pessoas que os acompanhassem. Estes nauios leuauam cento & vinte Portugueses, & vinte escrauos catiuos, pera darem á bomba, & hiam muy bem fornecidos de mantimentos & artelharia, & leuauam muita estopa & breu, & calafates, pera que sendolhe necessario fossem espalmar os nauios no cabo de hũa ilha grande, que está quatro dias de caminho das ilhas do crauo, que se chama Amboyno: porque ali ha já reconhecimento de maré. E estando prestes de tudo, partiramse em o mes de Nouembro. Partido Antonio de Abreu, mandou Afonso Dalboquerque fazer prestes hum junco nouo muito grande, de que deu parte a Ninachatu, & a outros mercadores de Malaca, no qual mandou carregar muitas mercadorias de Cãbaya, que tomou no caminho vindo da India, & que fosse a Pacé carregar de pimenta, pera estar na fortaleza: porque vindo os Chins & os Gores (por quem esperaua) achassem carrega, & todos os outros mercadores & chitins de Malaca, começáram a fazer suas nauegações, & seus tratos, de maneira q̃ em poucos dias começou o negócio della a ser muito celebre, & com esta noua do bom tratamento, que o grande Afonso Dalboquerq̃ mandaua fazer ás naos que ali vinham cõ mercadorias, começáram a vir de todas as partes, & todos achauam que leuar pera suas terras.

Do conselho que o grande Afonso Dalboquerque teue com os capitães, sobre a ordem em que deixaria as cousas de Malaca, & algũas que ordenou pera gouernança da terra antes de sua partida pera a India. Capitulo. xxxviij.

ACabado o grande Afonso Dalboquerque de dar despacho a todas as cousas (que tenho dito) mãdou chamar todos os capitães fidalgos, & criados delRey da armada, & disselhes, que aquella fortaleza estaua acabada da maneira que elles viam, com muita artelharia nella pera se poder defender, de todo o poder dos Reis

Reis daquella parte, que sobre ella viessem: que a mouçáo pera partir pera a India era chegada, & que compria muito partirse: porque as cousas de Goa ficauam tam tenras, que náo sabia o estado em que estariam, que lhe pedia muito lhe dissesse, a maneira q̃ se teria sobre a gouernáça de Malaca, & q̃ gente & artelharia deixaria na fortaleza: & quantas naos: & se faria capitáo do már, ou se abastaria hum só no már & na terra: & se tiraria algũs mouros principaes da cidade, em que ouuesse sospeita. Ouue neste conselho diuersos pareceres, & por fim de tudo assentouse, que ouuesse capitáo na fortaleza, & capitáo da armada no már, & que o do már estiuesse á obediencia do capitáo da fortaleza (por atalhar a desauergonhamentos da India, que já entam auia, ainda que fossem menos que agora, que elle sempre castigou com grande rigor, em quanto a gouernou) & q̃ lhe desse menage de em tudo lhe obedecer, & todos ós capitáes, como á propria pessoa de sua Senhoria: & que sendo caso que Deos fizesse algũa cousa do capitáo da fortaleza, que o do már ficasse por capitáo della, até elle prouer. Assentado isto por todos, fez Afonso Dalboquerque capitáo da fortaleza a Rui de Brito Patalim, & capitáo mór do már Fernáo Perez Dandrade, & por capitáes dos nauios que com elle auiam de ficar, Lopo de Azeuedo que ficaua por sota capitáo, Christouáo Graces, Aires Pereira, Antonio de Azeuedo, Pero de Faria, Christouáo Mazcarenhas, Vasco Fernandez Coutinho, & Ioáo Lopez Daluim, & tambem auia de ficar Antonio de Abreu com os seus capitáes, tanto que chegasse de Maluco, & fez Rui de Araujo (pela muita obrigaçáo em que lhe era) feitor & alcaide mór, & prouedor da fazenda delRey, & escriuáes da feitoria Francisco de Azeuedo, & Pero Salgado: & almoxarife dos mantimentos Ioáo Iorge: & seu escriuáo Iacome Fernandez: & Francisco Cardoso almoxarife do almazem, & seu escriuáo Bras Afonso: & prouedor dos defuntos & ospital Christouáo Dalmeida, & Diogo Camacho por seu escriuáo: & meirinho da fortaleza Bastiáo Galego: & fez gouernadores da terra (náo tirando a superioridade ao capitáo da fortaleza) dos gentios, Ninachatu, & dos mouros hum Caciz seu, & dos Iaos da pouoaçáo Dupe, Regunecerage mouro: & da outra parte da cidade a Tũáo Calascar Iao de naçá, & deixou Rui de Araujo por determinador de seus agrauos & differenças, & & quando a justiça ouuesse de obrar como mayor alçada, o capitáo da fortaleza ficaua sobre tudo.

 ¶Assen-

¶ Assentado isto, como os mercadores da terra souberam q̃ Afonso Dalboquerque estaua em determinação de se partir pera a India, vieramse a elle & hum em nome de todos lhe disse, que elles tinham sabido, q̃ sua Señoria se queria partir & deixalos, que se espantauam muito de deixar hũa cousa tamanha, & tam rica, como era Malaca, & jrse, a qual sem elle se não podia soster: & pois tinha a mayor cousa que auia no mundo nas mãos, que a nã deuia de deixar perder, por nenhũa outra, & que se o fazia por falta de dinheiro, que elles lhe dariam quanto ouro, prata & mercadorias ouuesse mister, & tudo o mais de suas fazendas gastariam, por seruiço delRey de Portugal & seu, que lhe pediam muito por merce, que não deixasse aquella cidade, até não tomar mais assento. Afonso Dalboquerque lhes agradeceo muito seus offerecimentos, dandolhe algũas razões por onde lhe conuinha chegar á India, & que elle lhe prometia de muito cedo os tornar a ver: & que pera segurança & defensam da cidade, deixaua aquella fortaleza com muita artelharia, & muitos caualeiros Portugueses pera a defender a todo o poder do mundo: & pera segurança do már & trato de suas mercadorias, hũa armada cõ muitos fidalgos & caualeiros. Os mercadores lhe disseram, que estando elle em Malaca, o seu nome só abastaua pera a defender, & soster cem annos, & por isso lhe pediam que se não fosse & por aqui se foram alargando em boas palauras, & louuores de sua pessoa. Afonso Dalboquerque lhes agradeceo esta confiança que delle tinhá, & dissélhes, que elle folgara muito de ficar ali, por lhe fazer a vontade, mas que era forçado jr ver a India: porque a fortaleza de Goa ficaua por acabar, & não sabia o assento que teria tomado. Passadas estas praticas que teue com os mercadores, estando já prestes pera se partir, deteuese mais hum dia: porque o Rey de Pacé que tomára em o caminho vindo da India (como a tras fica dito) que elle trazia em sua casa, tratado com toda a cortezia & cerimonia que conuinha á sua pessoa, auia dous dias que secretamente, era desaparecido, sem se saber por onde fora. Afonso Dalboquerque feitas suas diligencias polo auer ás mãos vendo que se não achaua, despediose dos capitães & de todos & foyse embarcar na nao Frol dela már, & Pero Dalpoem ouuidor da India, em a nao Trindade, & Iorge Nunez de Lião em a nao Enxobregas, & Simão Martinz em hum jũco grande: o qual hia carregado de muitas mercadorias, que se tomáram no despojo da cidade, & leuaua Simão Martinz em o junco treze Portugueses, & cincoenta Malabares de Cochim, pera guarda dellẽ, & sessenta

Iaos carpinteiros da ribeira, muito bõs officiaes, que Afonso Dalboquerque leuaua com suas molheres & filhos, pera seruirem elRey de Portugal em Cochim, no concerto das naos, por auer muita falta delles na India. O gouernador da Pacé que estaua aleuantado contra o Rey (como a traz fica dito) sabendo que os Portugueses tinham tomado Malaca, cheo de temor de Afonso Dalboquerque, fez se vassalo delRey de Portugal, & elle o recebeo: porque o prorio Rey não quis aceitar seus offerecimentos, & dali por diante esteue sempre em seu seruiço & obediencia.

Oração que Camilio Porcio fez ao Papa Leão decimo em louuor da tomada de Malaca, & das vitorias que os Portugueses tiueram na conquista da India. Capitulo. xxxjx.

TOmado este reyno, & feito fortaleza na cidade de Malaca, auisou lógo o grande Afonso Dalboquerque elRey dõ Manuel, do estado em que as cousas delle ficauam: o qual pelas mais engrandecer (por ser este Aurea Chersoneso muito celebrado de todos os autores antiguos & modernos) o fez a saber por suas cartas ao Papa Leão decimo, & sendolhe por Ioão de Faria embaixador que lá estaua, noteficado as grandes vitorias dos Portugueses, auidas nestas partes, per industria, animo, & esforço deste grande capitão Afonso Dalboquerque, mandou fazer hũa solemne procissam em que foy, & tornado ao sacro palacio, Camilio Porcio diante de todos, lhe fez a oração que se segue, em Outubro anno de mil quinhentos & treze.

¶ Se em algum tempo, Beatissimo Padre, teue o pouo Christão rezão de dar graças ao Senhor, & ter em muito o esforço & valentia sua, por cousa esforçadamente cometida, & felicemente acabada: este anno he pera isso o mais cõmodo ensejo, que até agora ouue, em o qual o Senhor Deos, pela muita misericordia que de seu pouo ouue, lhe quis acrecentar prazeres com nouos prazeres, & prosperidades com nouos contentamentos comũs: porque alem de pór vóssa Sanctidade este anno na magestade do throno Pontifical, mais por vniuersal proueito da Christandade que por particular algum de sua pessoa, pois fez vóssa Sanctidade com isso

vnico refugio, & remedio pera cousas quasi perdidas, & ardendo todo o mundo em guerras, pera que com mais alegria fosse festejada sua noua eleição. Neste mesmo tempo, deu ao muito poderoso & muito felice, & inuictissimo Rey dom Manuel de Portugal, tantas & taes vitorias & triumphos de seus imigos, que facilmente se póde crer pelejar o Senhor por nós. E desta insigne batalha que em seu nome se deu, auernos dado sinal, pera daqui por diante teremos confiança, que nos dará vitorias asinaladas, se quiseremos vsar do esforço naturalmente nósso, tam nomeado & temido antre gentes barbaras.

Por ventura auerá alguem que possa cuidar, serem obras de mãos de homẽs, as nouamente feitas polos Portugueses na India, tẽdo por capitão o esforçado Afonso Dalboquerque? tantas, tam ricas, & fortes cidades entradas per força de armas? tam varias nações vencidas? tantos pouos sogeitos em batalha? (& com desigual numero de gente) sempre ficando uencedores em todas as cousas a que poseram peito, & com isso fizerã tributarios muitos Reis, sogeitos cõ armas Portuguesas: & os a que não chegou o perigo da guerra, por de todo estarem seguros delle, vieram, ou mãdaram per seus embaixadores com muita instancia pedir paz & aliança. E por esta rezão he a nobreza destas vitorias mayor & mais excellẽte, por não serem nomeadas, polo estrago & mortandade que se em os imigos fez somente: mas polo esforço notauel Portugues, com q̃ foram ganhadas, a que asi Deos fauoreceo, que vitorias presentes, posessem em esquecimento as passadas, de maneira, que sempre os despojos de hũa alcançassem os da outra, & com ellas ficassem vencidos tantos Reis, & aliados todos os de mais, que não quiseram exprementar a valentia Portuguesa.

Pelo que, Beatissimo Padre (asi como tudo o mais) faz vóssa Sanctidade isto com muita prudencia, & Christão zelo, que por hũa vitoria como esta (que não sey se se póde desejar mayor) que em tam felices tempos nósso Senhor quis dar ao Christianissimo Rey dom Manuel, manda que se façam solemnes procissões, & pessoalmente as acompanha, pera q̃ sejam dadas graças ao Senhor, & a todos os Sanctos por hũa tamanha merce como esta.

Porq̃ não he esta vitoria auida de hũ pouo belicoso, ou de hũa cidade forte & bẽ defendida, mas daq̃lla grande & nomeada India, em a qual depois de sogeitos per armas Portuguesas os riquissimos reynos de Goa & Ormuz,

&

& feitos seus tributarios, de maneira q̃ da mão do valeroso capitão Afonso Dalboquerq̃, em nome delRey de Portugal seu senhor, aceitassem os reynos aquelles, que os ouuessem de gouernar: agora em fim de tantas vitorias, asi por mar como por terra, está vencido aquelle fertelissimo & riquissimo reyno de Malaca, a qué os antiguos por sua muita riqueza chamaram de ouro, querendo com este nome (que a nhũa outra rerra se deu) mostrar a grãdeza de suas muitas riquezas, & não sómẽte na vitoria destes reynos auida, se interessa a grãdeza delles, mas (o q̃ não he pouco proueito pera nossos tempos) que barbaros a qué dantes a fama nóssa não chegaua, agóra o perigo delles, faz temor a aquelles, pera cujas terras se abriram caminhos, de que até agora não tinhamos conhecimento algum. Abriose nos polo reyno de Ormuz caminho, pera a casa sancta de Hierusalé (terra em que o saluador naceo) poder ser tornada a ganhar, & tirada das mãos de aquelles infieis, que tiranica & indiuidamente a possuem em cujos corações tem entrado temor, que lhe faz arrecear o perigo de seus semelhantes. Nas quaes cousas todas não sey a qual mais gabe, se o zelo & felicidade do muito poderoso Rey dom Manuel: o qual com tãto trabalho & despesas suas, quis estẽder o nome Christão a tam apartadas prouincias & alheas gentes de nósso comercio, pera que donde a ley de Christo não era deantes ouuida, alhi posesse a bandeyra de sua sancta Cruz: ou o esforço, saber, & valentia de animos Portugueses, que com ousadia nunca vista, & com desejo intimo de acrescentar a religião Christam, ajam passado a tam diuersos climas de sua natureza, aonde lhe era necessario pelejar não sómẽte com crueis & despiadados enemigos, mas com a mesma fome, sede, frios, & calmas insufriueis: & com ella mesma despresassem todos os trabalhos que sobreuir podessem, por comprir com a obrigação, que de mandado de seu Rey com animo contente aceitaram.

E em estas cousas verá facilmente a grãdeza das merces do Señor, quem olhar, com quam pouca gente toda a India se ganhou: pois não auendo na armada toda tres mil homẽs Portugueses, sobre tantos reynos della tomados por força de armas, tantos Reis espantados do nome Portugues, virem humildes pedir paz, & os que a não quiserão tomar, aceitarem per força leis, da mão de seus vencedores, & algũs a que o Señor quis alumiar se bautizassem, & aceitassem a fé Christaã, de maneira que em tão remotas terras se achasse Christãos cõ Christãos: & por remate destas vitorias, cõ o mesmo numero de gẽte, & menos ainda, por ser necessario sostentar

com parte della em guarnição os reynos ganhados, vemos Malaca tomada, ſeu Rey vencido & afugentado,com muita pequena parte de ſeu exercito,que o ſeguir pode,por a mayor ſer morta a ferro, & ficar hũa tão nóbre cidade,cabeça de hum tam rico reino,em poder de Christãos. Eſta, Beatiſsimo Padre,he aquella Aurea Cherſoneſo, que eſtá no cabo daqlla grande enſeada,em que o rio Ganges deſcarrega ſuas ágoas no már, tam nomeada pela ſua muita riqueza, que aſsi polas muitas & muy riças mercadorias,que ſe a ella de differentes partes trazem,como pelas não menos ricas,que della ſe leuão, he tida pela mais nóbre eſcala de toda a India, & com rezão: porque nenhũa couſa ha das que na vida ſe podem deſejar,de que não aja nella grandiſsima abaſtança.

Tinha Malaca hum Rey mouro em ſecta, rico em theſouros,poderoſo & armada de már: & grandiſsimo imigo do nome Christão,eſpecialmẽte de Portugueſes: porque quaſi dous annos antes, quiſera matar á treição hum capitão nóbre Portugues,q̃ a ſeu porto chegara, & auendo o excelẽte capitão Afonſo Dalboquerq̃ (nome bẽ merecido por ſeus illuſtres feitos) que então em nome do muito poderoſo Rey dom Manuel gouernaua a India, poſto em paz & ſegurança os outros reynos, & fortalezas delles, q̃ nella áquem do Ganges, a q̃ os Portugueſes chamã do cabo do Comorim pera dentro,tinha ganhado, determinou tomar vingança da treição que o Rey de Malaca a Portugueſes fizera, & em ſatisfação diſſo tomarlhe o reyno, & chegado com bom tempo a Malaca,ſe pôs em ordem pera combater a cidade,aſsi por már como por terra. O Rey della q̃ nunca tal couſa arreceara, vendoſe menos apercebido do que auia miſter pera ſua defenſa quis vſar de manha, & mandando recado de paz, ao animoſo vingador da treição feita a Portugueſes Afonſo Dalboquerque, começou com dilações álargar a concluſam do negócio da paz que trataua fingidamente, & entretelo,continuando em fortalecerſe : & ſendo eſtas cautelas ſentidas polos Portugueſes ſe poſeram em ordem pera combater a cidade, & embarcandoſe em embarcações pequenas,com animoſo peito pojaram em terra, & com a artelharia que leuauão, começaram a deſuiar os mouros, pera que mais ſem perigo podeſſem entrar a cidade. Vendoſe o Rey neſte trabalho, & que o chegauão a eſtado de lhe ſer neceſſario defenderſe por armas, & que já o não podia fazer com enganos: ordena a defenſa com os ſeus por ſuas eſtancias, & elle ſobre hum alifante andando antre elles eſforçãdoos, & dizendolhes que não quiſeſſem faltar á ſua patria, & áquelle

vltimo

vltimo estado. Iá os Portuguesses com hũa animosa alegria se chegauam ao muro, & a artelharia da banda do már desparaua, quando os da cidade começáram de enfraquecer, & deixadas suas estancias (que pouco tempo sostentaram) começaram de fugir: seguindo os os Portuguesses com esforçados corações, & entrando em seu alcance dentro na cidade, chegárã ao meyo della, aonde em hũa ponte que sobre hum rio (por onde entrão nauios) que polo meio da cidade corre, estaua: tinha o Rey feito sua defensa; & posto a força de sua gente: & fortalecendo mais esta estancia, recolheo nella os q̃ fugiam: & por o rio se não poder passar a váo polos Portuguesses se fez forte na ponte. Ali se azedou mais a peleja, todauia os Portuguesses fauorecidos da esperança, & os imigos cortados do medo das armas Portuguesas, tam rijamente apertaram com os infieis, que não estimando as armas delles, nem seus alifantes com castelos de frecheiros, nem a difficuldade do váo, com ferro abriram caminho por meyo dos enemigos; dos quaes hũs se metiam com desesperação pelas armas Portuguesas, outros se deitauão ao rio pera se saluar: finalmente em cabo de poucas horas fogiram todos, & o Rey com elles indo ferido. Foy entrada a cidade, & saqueada, muitos imigos mortos: foy nella achada muita quãtidade de ouro & prata, acharamse nella muitos aparelhos & munições de guerra, entre as quaes foram duas mil peças de artelharia: foram tomados sete alifantes costumados á guerra com seus castelos, & encaixados delles tecidos de ouro, & muito ricamente guarnecidos, de maneira q̃ não somente os homẽs, mas os brutos daquelle reyno, ficaram obedecendo ao imperio Portugues. Ó bom Deos, ô Senhor poderoso, vósso he o poder, vósso he o esforço: a vóssa mão direita fez virtude, a vóssa mão direita nos aleuantou: porque? como pode hũa tam forte cidade ser entrada, & hũ tam poderoso Rey ser lançado della, se vós não déreis vóssa ajuda & fauor? Não a nós Senhor, não a nós, mas ao vósso nome day gloria. Vós quebrátastes as forças dos imigos, vós fizestes os pouos sogeitos a nós, & os posestes debaixo de nóssos pés. Vós mandastes vóssas setas & os desbaratastes, com vóssos relampados os espantastes, vós fostes o capitão, vós o conselheiro; vós posestes o medo em nóssos imigos, vós os fizestes fugir. Não pera nós Senhor, não pera nós, mas pera gloria do vósso nome.

Mas pera que me detenho tanto na tomada de Malaca, pois não he menos o que depois della tomada se fez de suas ruinas. Della & de suas misquitas se fez lógo fortaleza assaz forte, pera freyo daquella inquieta gente

&lhe foram dados gouernadores cada anno, debaixo de cujo gouerno viuessem, & leis com que fossem sostentados em justiça: & depois disto foram assentadas pazes com muitos Reis vezinhos seus, que foram os Reis de Pegú, Samatra, Pedir, Pacé, Iaos, & finalmente até os vltimos Orientaes Chinas, tam nomeados pela mercancia.

E por não faltar aos Portugueses occasião de empregar suas forças, & estender com ellas o imperio com ellas ganhado: partido o illustre capitã Afonso Dalboquerque de Malaca, tornando a Goa, que direy da vitoria que ouue? que não parece vitoria, mas hũa disposição diuina q̃ asi o quis: porque tendo este illustre capitã a ilha & reyno de Goa ganhado per força de armas duas vezes, deixandoa á sua partida o mais fortalecida que pode, fazendo a viagem que fez a Malaca, & visitar as mais fortalezas da India: o Hidalcão Senhor que fora della, vendo Afonso Dalboquerque fóra de a poder defender, com muita gente de pé & de caualo a veyo cercar, & fez perto de hum estreito de ágoa salgada, que em torno cérca a illa, hũa fortaleza, & fazendo passar gente á ilha, mandou que com continuas escaramuças & rebates cançassem os Portugueses que na fortaleza ficaram: os ques cercados de tam poderoso imigo, se viram em grande aperto & necessidade. E querendo asi o Senhor Deos, estando elles neste trabalho, apareceo a armada que com tam insigne vitoria vinha de Malaca, cõ cuja vinda foy tamanho o medo dos imigos, que sem esperar que se desembarcassem os Portugueses, se foram com a mayor pressa que poderam.

Lésse daquelle grande Alexandro principe de Macedonia, que chegando ás partes da India, & combatendo hum lugar forte & bem defendido de seus moradores, teue em tanto, & pareceo tamanha cousa auer tomado aquelle lugar, que começaram os seus soldados a dizer, que era mais esforçado que Hercules. Sendo isto asi, que triumphos, que honras soberanas se deuem a elRey dom Manuel, que tem vassalos por cuja mão & esforço, não somente venceo per armas hũa cidade da India, mas a mesma India (dos Romãos não vista, dos Godos não sabida, & dos famosos Sesostris Rey de Egypto, Cyro, Semiramis, em vão per muitas vezes combatida) quasi andou rodeando, com continuação de suas vitorias.

Augusto Cesar com ser Monarcha, ouue por grãde felicidade sua antre as mais, ser visitado dos Reis da India com presentes, & mandarlhe por seus embaixadores pedir amizade.

Quem poderá contar bem os grandes seruiços, que polos Reis da India

foram mandados ao inuictissimo Rey dom Manoel? as pareas q lhe pagã? as amizades que lhe requereram? finalmente a vassalage, que quasi todos aceiraram per mão & esforço deste illustre capitão: porque alem dos que por força de armas tinha feito tributarios, não ficou Rey da India, de quẽ não fosse seruido com seruiços de infinito preço: do Rey de Cambaya, do poderoso Rey de Narsinga, que sabida a vitoria de Malaca mandou por seus embaixadores hũ copo de ouro, & hũa espada de ouro com hũ robi no punho de grandissimo preço, & lhe mandou pedir que delle & de seu reyno se seruisse: más pera que me detenho em contar de ouro & pedraria & cousas que infieis lhe mandaram? passome ao q mais val. Aquelle preste Ioão senhor de toda a Ethiopia, que está debaixo do Egypto, por o ter por amigo, não lhe mandou ouro nem pedraria, mas mandoulhe o q em muito mais estima elle tinha, & elle estimou muito mais, que foy hũa boa parte do lenho da vera Cruz, & lhe mandou dizer que com rezão lhe mádaua aquella parte da verdadeira ✠ em que foramos remidos: pois elle leuantara per forças de armas tam longe da sua patria, a bandeira da Sancta Cruz. Escreuem os historiadores que Demetrio, filho de Antigono socessor que foy de Alexandro, no senhorio de Macedonia, por ser muito industrioso no tomar cidades, lhe chamaram Poliorcetes, que em lingoa Grega significa tomador de cidades. Que nome daremos logo ao excelẽte capitão Afonso Dalboquerque, pois taes cidades tomou, taes reynos venceo, tantos exercitos desbaratou: que felicidade ahi que se possa comparar com a de hum Rey, senhor de tal vassalo? que per força de armas distrohio Calicut fortissimo reyno. Fez o Rey de Narsinga tam poderoso cõ todos seus vassalos & riqueza de reynos, & copia de alifantes vir pedir pazes a seu Rey? Fez o Rey de Cambaya aceitar paz. Restituhio em seus reynos depois de per armas vencidos aos Reis de Cochim & Cananor. Liurou de grande sogeição os Christãos que viuiam na India. Ganhou ho reyno de Ormuz. O reyno de Goa. O reyno & ilha de Ceilão. Finalmẽte que não contente com tantas vitorias, mandou ho o poderoso Rey dõ Manuel fazer guerra ao gram Soldão do Egypto, passando o már roxo. E porque não aja parte a que suas vitorias não cheguem: em Affrica tomou a nobre cidade de Cafim: as quaes vitorias & felicissimos successos do inuictissimo Rey dom Manuel quanto mais sam dignos de louuor & honra, tanto nós somos mais merecedores do odio da gente: porque nhũa outra cousa trabalha, senão acrecentar polo mundo a fe de Christo,

nos

nós deixada tam justa & comum causa, todos estamos embaraçados em vingar particulares injurias: elle peleja com imigos infieis, nós hũs cõ outros: elle ganha pera si nouos reynos & prouincias, nós por negligencia nóssa perdemos o nósso, & auemos de perder cada vez mais, nẽ ouuimos ao Senhor que cada dia nos chama & brada que acordemos. Olhay Senhores por vóssa fé, quantas & quam graues perdas tem recebido a relegião Christaã, de sessenta annos á esta parte: sam por ventura cousas que nos possam esquecer? nem lembrarnos sem muita dor? quéde Costantinopla? quéde Negroponte? quéde Lepanto? quéde Modon? quéde Durazo? quédas outras cidades, que com grande deshonra nóssa estam em poder de Turcos? que esperamos? senão q̃ nos tomem dormindo? & descuidados nos distruão? & desapercebidos nos matem? Iá entrão por Vngria: já fazem guerra em Esclauonia: já nauegão liuremente todo o már: já querem Italia. Ora pois, Beatissimo Padre, pois viestes a este lugar como estrela de saluação em tamanha tormenta: tomay este cuidado: concertay estas discordias dos Principes Christãos: apagay de todo esta desáuenturada guerra que antre elles ha, que nenhum bom socesso pode tér: apartay todas as imizades: pera que amigos todos, as armas que hũs contra outros aparelhauão, todas jũtas vam buscar o comum enemigo: pera que vencidos elles, & cobrando nós a casa sancta, juntamente com elRey dom Manuel que manda doze mil homẽs em companhia do Duque de Bragança seu sobrinho passar a Affrica, ficando nós vencedores: aleuantemos ao Senhor hum tropheo da vitoria que das gẽtes barbaras nos deu, & sejam confundidos os que adoram idolos, & confiam em seus deoses vãos, & conheçam o nome do Senhor, & sáibam que elle he só o poderoso em toda a terra, Amen.

O que os nossos passaram em Goa com os capitães do Hidalcão, que a vieram cercar, depois da partida do grãde Afonso Dalboquerque pera Malaca. Capit. XL.

LEmbrado o Hidalcão do q̃ o grande Afonso Dalboquerq̃ mandara dizer a seu pay estando no rio de Goa (como fica dito) não podendo encobrir a paixão que tinha, de lhe ver asi comprida sua palaura, & a cidade em poder de Christãos, & Milrrhao gentio estar gouernando, & gran-

geando as tanadarias da terra firme: vẽdo o tempo disposto pera a tornar a cobrar pela partida de Afonso Dalboquerque pera Malaca: mandou hũ seu capitão, que se chamaua Pulatecão, com gente de pé & de caualo, que fosse sobre Milrrhao, & o lançasse fora das terras, & q̃ se trabalhasse muito por lhe tomar Timoja, que andaua em sua companhia, & tanto que as tomasse se deixasse estar, até lhe elle mandar o que fizesse. Partido Pulatecão com seu arrayal, como Milrrhao soube de sua vinda, foy o esperar com cinco mil piões da terra, & cincoenta de caualo, & mandou diante Hicarrhau, que lhe tomasse hum passo da serra, por onde auia de passar: o qual se deu a tanto vagar, que quando chegou, o tinha Pulatecão tomado, & deu nelle com toda sua gente & desbaratou o, & seguindo lhe o alcance o matou no caminho, & muita parte da gente que leuaua: & assi de caminho como hia foy dar no arrayal de Milrrhao, & polo lógo em desbarato, & vendose elle asi desbaratado sem esperança de socorro, aconselhado de Timoja, não quis tornar a Goa, & fez se na volta de Narsiga, & chegado a Bisnagá, onde o Rey estaua foy muito bem recebido delle, & ali morreo Timoja em chegando de doença, & o Milrrhao, passados algũs dias tendo recado de Onor como seu jrmão (que se tinha aleuantado com o reyno) era morto, pedio licẽça ao Rey, & veyose tomar posse delle, & foy sempre leal vassalo delRey de Portugal. O Pulatecá como se vio com esta vitoria, & em posse das terras de Goa, não se lembrando do que lhe o Hidalcão tinha mandado, quis seguir sua boa fortuna, & fez prestes algũas jangadas & bateis que achou, & sem tér nenhũa resistencia passou á ilha de Goa, & fez se forte em Benestarim: o qual Rodrigo Rabelo que era capitam da cidade, ou por seu descuido, ou por acodir a outras cousas, que lhe parecerá mais necessarias, não tinha forteficado, como lhe Afonso Dalboquerque mandara antes de sua partida, por ser passagem & passo principal da terra firme pera a ilha de Goa. O Pulatecão depois de forteficar Benestarim, cõ determinação de o sóster, foy se por essas aldeas dos gentios, distruindo & queimando tudo o que achaua. Auisado Rodrigo Rabelo disto, sahio da cidade com trinta de caualo, & o Aguazil velho de Cananor com quatro centos Naires de espada & adarga, que lhe Diogo Correa tinha mandado como soube a noua da vinda da gente do Hidalcão, foy cometer o Pulatecão muy valerosamente, & desbaratouho, & matoulhe mil & quinhẽtos Turcos & Coraçones, & a sobegidão da boa fortuna fez a Rodrigo Rabelo desprezar os imigos vencidos, & foylhe seguido o alcance com a

gente

gente de cauało. Os Turcos vendose apressados dos nóssos, recolheramse obra de sessenta delles a hũs pardieiros velhos, que estauam em hum outeiro por se valerem da furia da nóssa gente. Rodrigo Rabelo chegado ali foy os cometer, & como o lugar onde estauão era hũ pouco ladeira arriba & trabalhoso de entrar a caualo, defenderamse os Turcos de maneira que o mataram, & Manuel da Cunha que eram na dianteira. A outra gente como se vio sem capitão, recolheose com esta desastrada noua á cidade, na qual ouue muita tristeza pela morte de Rodrigo Rabelo, porque era muito esforçado & singular capitão. E Pulatecão com a gente que lhe ficou, recolheose a Benestarim, com determinação de fazer guerra á cidade. Os nóssos porque os mais não queriam que fosse capitão Francisco Pantoja a quem pertencia, por ser alcaide mór da fortaleza. Passadas algũas differenças q̃ ouue antre elles, elegeram por capitão Diogo mendez de Vascócelos, que Afonso Dalboquerque deixara preso na torre da menage, polo caso já dito. Feita esta eleição foramse todos ao castelo & soltaramno, & entregaramlhe a gouernança da cidade, com juramento que lhe todos fizeram de lhe obedecerem como á propria pessoa de Afonso Dalboquerq̃ até elle prouer nisso como lhe parecesse, & como foy em posse da capitania, escreueo lógo a Manuel de Lacerda, que andaua por capitão mór de hũa armada sobre Calicut, dandolhe conta de tudo o que passaua, & pedindolhe que o viesse socorrer.

De como o Hidalcão sabendo que o seu capitão tinha entrado a ilha de Goa, & tomado Benestarim sem sua licença, mandou Roçalcão que o fosse tirar delle, & o que nisso passou. Capitulo. XLj.

Omo Manuel de Lacerda teue recado de Diogo Mẽdez, do trabalho em que estaua, deixou lógo a guarda da costa de Calicut, & veyose com toda sua armada & gente meter em Goa, & achou toda a cidade muito atemorizada da noua que auia da vinda de Roçalcão, capitão principal do Hidalcão com muita gente & artelharia: & porque os não tomasse desapercebidos, deram grande pressa ao forteficar da cidade, & fazer estancias de nouo, & proueremse de mantimentos, antes que entrasse o inuerno: & neste tẽpo chegou Diogo Fernandez

nandez de Beja com sua armada & gente, que Afonso Dalboquerque antes de sua partida pera Malaca tinha mandado a Ormuz, que deu grande animo aos nóssos. O Hidalcão como soube que o Pulatecão tinha entrado a ilha de Goa, & estaua em posse de Benestarim, receoso delle (porque era boliçoso) que depois de tomado Goa se aleuantasse com ella, & lhe nã obedecesse, como já fazia com as rendas da terra, mandou hum capitão seu principal de que se fiaua muito, que se chamaua Roçalcão com muita gente & artelharia sobre Goa, & que se trabalhasse muito polo lãçar fora. Pulatecão não ficou contente com a chegada de Roçalcão, & ouue se por muito injuriado mandar o Hidalcão outro capitão a aquelle negócio, tẽdo elle já entrado a ilha, & o que o mais escandalizou foy ser Roçalcão, de quem não estaua muito amigo, & por esta causa não quis obedecer a seus mandados. O Roçalcão como era homem discreto, & vio que este negócio se não podia curar per força, determinou de se valer dos nóssos, & com hũa profundissima dissimulação, vsou deste arteficio. Vinha em sua cõpanhia Ioão Machado com quinze Portugueses, que foram catiuos com Fernão Iacome, quãdo deu á costa com a nao em que partira de Çacotorá (como fica dito) & na companhia destes catiuos vinha hum Duarte Tauares, escudeiro do conde de Abrantes, que os Turcos catiuaram na ilha de Choram: & porque este Duarte Tauares era homem de credito antre elles, mandou ho Roçalcão com recado a Diogo Mendez capitão da ilha de Goa, & que lhe dissesse que o Hidalcão seu senhor desejaua muito de ter paz & amizade com elRey de Portugal, & que estaua muito pesaroso do que Pulatecão tinha feito, & que por isso o mandaua ali com gẽte pera o prender, & chegando a Benestarim o achara fora de concrusam, como homem que estaua aleuantado, que lhe pedia por merce que o ajudasse a lançar fora: porque elle não queria ter guerra com os Portugueses, senão paz & amizade. Diogo Mendez não olhando q̃ era mais seruiço delRey fauorecer Pulatecão que era homem auentureiro Turco de nação, & que estaua aleuantado contra o Hidalcão, & sendo fauorecido dos nóssos podera cometer qualquer cousa contra elle: & tambem fiãdose das palauras de Duarte Tauares q̃ vinha enganado da malicia do Roçalcão, assentou com todos os fidalgos & caualeiros de o ajudar, & fez lógo prestes, os bateis & galés, & mandou Diogo Fernandez de Beja, que fosse com dozẽtos homẽs polo rio arriba, fauorecer a parte do Roçalcão: o qual com o nósso fauor por már, & elle por terra déram no Pulatecão, & desbarataramno,

& como

& como se vio perdido fugio pera a terra firme de Goa, onde foy morto com peçonha. O Roçalcão como teue Benestarim forteficado, & cõ muita gente, artelharia, & munições de guerra, passados algũs dias mandou dizer a Diogo Mendez, que lhe pedia muito por merce, que lhe alargasse aquella cidade, que era cabeça principal do reyno do Hidalcão seu señor: porque não auia de ser doutrem. Com este recado ficou Diogo Mendez assombrado, & conheceo o erro que tinha feyto, & os q̃ o aconselharã, & dali por diãte começoulhe o Roçalcão a fazer a guerra, & todo aquelle inuerno teue a cidade cercada, onde os nóssos passarã muitos trabalhos, fomes, & desauẽturas, q̃ sam largas de cõtar, até q̃ o grande Afonso Dalboquerq̃ chegou de Malaca, & na força destes trabalhos: tendo já hum lanço do muro no chão, q̃ cahio com as grãdes inuernadas. Vendo Ioão Machado, que algũs Portugueses se hiam pera Roçalcão, desesperados já de se a cidade poder soster, deixou sua molher & filhos que lá tinha, & veyose pera os nóssos com dez ou doze Christãos, que com elle se quiseram vir, a qual vinda alegrou muito os nóssos, por ser em tal tempo. Este Ioão Machado era casado com hũa moura que fez Christaã, de que teue tres ou quatro filhos, que elle mesmo bautizou sacretamente.

De como o grande Afonso Dalboquerque, partido de Malaca veyo demandar o canal por onde entrara vindo da India, & como se perdeo em hũs baixos da costa de Camatra, & milagrosamente se saluou, & o mais que passou. Capit. XLII.

PArtido o grande Afonso Dalboquerque de Malaca, veyo demandar o canal por onde entrara vindo da India, & passados os baixos de Capaciá: porque a nao em xobregas & o junco eram companheiros, mãdou aos capitães que fossem ambos juntos, porq̃ os Iaos que hiam no junco não lhe ordenassem algũa treiçã, & se aleuantassem, & elle & Pero Dalpoem tiueram se conserua hum ao outro, & fazendo seu caminho, tanto auante como á poluoreira, não se resguardando os pilotos da nao de Afonso Dalboquerq̃ de hũs baixos q̃ estauam naquella costa de Camatra, frõteiros ao reyno de Darú, vieram de noite dar nelles cõ a nao Frol dela már: a qual por ser já muito

muito velha, tanto que ali deu fezse lógo em duas partes. Pero Dalpoem que vinha mais ao már, como ouuio a grita da gente, & sentio que a nao era perdida, sorgio lógo, & esteue asi toda a noite cõ grãde tempo, á merce da amarra, & como foy menhaã, porq̃ os bateis das naos Trindade & Frol dela már erã perdidos: o quaes polo már ser grãde se desfizerã a bordo das naos, ordenou Afonso Dalboquerq̃ de mãdar fazer hũa jãgada de taboas sobre hũs paos em q̃ se meteo, vestido em hũa jaqueta parda, & atado cõ hũa corda, porq̃ o már o nã leuasse, & dous marinheiros cõsigo, que com hũs remos feitos de hũs pedaços de tauoas, remauão a jangada, & asi desta maneira, & tãbem com cordas q̃ lhe Pero Dalpoem mandou lançar atadas em baldes, cõ muito trabalho chegou á nao Trindade. A gente que ficaua naq̃lles pedaços de Frol dela már, vẽdose no derradeiro dia de sua vida, começáram com grandes gritos & prantos a bradar por Afonso Dalboquerque, que hia na jangada, & elle mouido com muita piedade de os ver asi neste trabalho lhes disse, que se não agastassem, & tiuessem muita confiança em nósso Senhor, porque elle lhe prometia de os não deixar, ainda q̃ polos saluar auẽturasse perder a vida, & a nao & gẽte q̃ nella estaua, & que entretanto fizessem hũa jangada, porque lógo tornaria por elles:

¶ Estando os nóssos fazendo a jangada, o junco em que hia Simão Martinz, veyo na volta da terra, muito perto donde estauão aquelles pedaços de Frol dela már com a nóssa gente, & viram bem o trabalho em que estauão, & dali se tornou outra vez na volta do már, & não no viram mais, & o caso foy que os Iaos que hiam neste junco, pelo mao cuidado que Iorge Nunez de Lião teue, do que lhe Afonso Dalboquerque tinha muito encomendado, & tambem por Simão Martinz jr muito doente se aleuantaram & mataram a todos, sem escaparem mais que quatro marinheiros, que com a reuolta se meterão em hũa almadia & foram tér a Pacé, & o gouernadór que estaua aleuantado com o Reyno (como tenho dito) os agasalhou, & lhes fez muita honra, & dali os mãdou caminho da india em hũa nao q̃ vinha de Malaca, q̃ ali chegou, & hia pera Choramandel, & estãdo a nao pera se partir chegou a barca do junco com muitos Iaos nella, & disseram q̃ o jũco se perdera. Chegado Afonso Dalboq̃rq̃ á nao Trindade cõ assaz trabalho: o qual nósso Señor quis saluar milagrosamẽte, q̃ por rezão, segũdo o már era grosso, não fora posiuel saluarse, & lẽbrandose do q̃ tinha prometido aos q̃ ficaram na nao, mandou lógo a Pero Dalpoem que se fizesse á vella pera os jr tomar: a gẽte da nao

Trindade lembrandose mais de si, que do trabalho em que seus cõpanheiros estauão, fizeramlhe grandes requerimentos, que não mãdasse chegar a nao a terra, porque era parcel & o vento muito, que se perderiam. Afonso Dalboquerque vendo que não hia contra charidade, em saluar aquella gente que teue por companheira em seus trabalhos, não deu por seus requerimentos, mas antes os reprendeo muito, da pouca lembrança que tinham de quantas vezes se viram socorridos delles, nas afrontas em que se acharam no feito de Malaca, & determinou de auenturar tudo polos saluar: & indo á vella demandar a jangada, q̃ os nóssos tinham feito do masto, & verga, em que todos estauam metidos, vio a jr desamarrada (& diziam depois algũs marinheiros, quelhe cortaram o cabo & não sabiam quem) & porque o vento & a maré eram contrairos pera virem pera a nao, & a jangada se hia direito a terra sem lhe poderem valer hũs pedaços de remos com que remauã, por comprir com o que lhe tinha prometido, desconfiado já de os poder tomar, mandou dár todas as vellas polos alcãçar, antes que chegassem a terra, & fazer duas ancoras prestes pera sorgir se fosse necessario, & aos pilotos que com os prumos nas maos fossem sondádo o fundo, & como a viração era tendente, & a maré enchia, em breue espaço chegáram á jangada, & sorgiram lógo as duas ancoras em tres braças & mea que éra o fundo que a nao demandaua com seu resgardo: & cõ cordas que lançáram da nao atadas em baldes, & quartos vazios, tomaram a jangada com muito trabalho. Recolhida a gente á nao, estiueram toda aquella noite com muito vento pela proa, aguardando a misericordia de nósso Señor: a qual lhe não faltou, porque na ante menhaã lhe veyo hum pouco de terrenho, com que sairam pera fora, & fizeram sua viagé.

Do que se perdeo na nao Frol dela már, & como o grande Afonso Dalboquerque depois de tèr a gente recolhida á nao Trindade, fez sua derrota a Ceilão, & do que passou no caminho a te chegar a Cochim. Cap. XLIII.

Esta nao Frol dela már, & no junco que se aleuantou contra os nóssos, se perdeo o mais rico despojo, que nunca se vio depois da India descuberta, até aquelle tempo, & afora isto muitas molheres grandes laurandeiras de basti-

bastidor,& muitas meninas & mininos da gèração de todas aq̃llas partes, do cabo do Comorim pera dentro, q̃ Afonso Dalboquerque trazia pera a Rainha dona Maria. Perderamse os castelos de madeira emparamentados de brocado, q̃ o Rey de Malaca trazia em riba de seus alifantes, & andores muy ricos de sua pessoa, todos forrados de ouro, cousa muito pera vèr: & muitas joyas de ouro & pedraria, q̃ trazia pera mãdar a elRey dõ Manuel: & se perdeo hũa mesa com seus pès, forrado tudo de ouro, a qual Milrrhao deu a Afonso Dalboq̃rq̃ pera elRey, quãdo lhe entregou as terras de Goa, & chegando a Cochim com fundamento de a deyxar ao feitor que a mãdasse, foy a pressa tamanha no embarcar, por bẽ da mouçáo q̃ se hia gastãdo que lhe esqueceo, & leuou a consigo: & os nóssos por sua parte tambem perderam muito. De maneira que quanto vinha na nao & no junco, náo se saluou mais que a espada & coroa de ouro, & o anel de rubi, q̃ o Rey de Siáo mãdaua a elRey dõ Manuel, & o q̃ Afonso Dalboquerq̃ mais sentio desta perda, foy a manilha que se tomou a Naodabegea, a qual trazia em muita estima pera lhe mãdar: por ser cousa de admiraçã o efeito della: & assi sentio muito perder os liões q̃ trazia por se acharem em hũas sepultu ras antiguas dos Reis de Malaca, & traziaos pera pór na sua em Goa, por memoria daquelle feito & de todos os despojos q̃ se ali tomarã, estas duas peças sós tomou pera si, q̃ por serẽ de ferro erã muito pera estimar. Naq̃lla trauessa de Ceiláo esteue de todo perdido por falta de agoa & mantimentos, por a gente ser muita, senáo fora socorrerlhe nósso Señor cõ duas naos grandes de mouros que topáram no caminho, que vinham de Camatra carregadas de pimenta, & seda, sandalos & lenholoes. Afonso Dalboquerque como as vio, mandou arribar a ellas & tomou as, & dali se forneceo de mantimentos & ágoa, que os pos em Ceiláo. E porque os mouros disseram que as naos eram de Chaul & de Dabul, atè saber a verdade, mandou meter Simáo Dandrade com certos homẽs, & Dinis Fernandez patráo mór nellas. Os mouros da de Chaul em que hia Simáo Dandrade, vendo que elle náo sabia a altura, nem entendia o caminho que faziam, deram consigo nas ilhas de Maldiua, & foram tèrá de Candaluz, que he a principal de todas ellas, & ali lhe fogiram todos os mouros, & de algũs que Simáo Dandrade nella achou de Cananor, soube que estaua ali Mafamede Maçari, hum mercador do Cairo: o qual sosteue sempre a openiáo dos Rumes com o Camorim, & trabalhou muito por sua vinda á India, & sendo Afonso Dalboquerq̃ em Malaca, cõ o medo q̃ tinha q̃ auendo

os nóssos vitoria, o Çamorim lho entregasse: porque auia muitos dias q̃ trazia este requerimẽto com elle em segredo, & mintialhe: & ouue medo que algũa ora lhe falasse verdade, partiose de Calicut com tres naos carregadas de especiaria & sua molher & filhos, & toda sua fazenda, & sendo tanto auante como Çacotorá, pegado com a costa, antre o cabo de Guardafum & Magadaxo, deulhe tam grande temporal que arribou, & naq̃lle golfam perdeo as duas naos, & elle na em que hia cõ sua molher & filhos, correo as ilhas de Maldiua, & foy aferrar Candaluz, & ali deu com a nao a traues, & saluou algũa especiaria, & comprou hũa candura, que sam nauios pequenos, que nauegão por aquellas ilhas. E como foy tempo partio se com essa pouca de especiaria que pode saluar, & leuou Simão Rangel consigo que tinha comprado, & veyo a ver Calayate, onde se perdeo a candurá, & dali se partio em hũa nao de Ormuz, & foy téra Adem. Com este temporal se perderam muitas naos, que aquelle anno, sendo Afonso Dalboquerque em Malaca erã partidas pera o estreito, & por esta grãde perda que os mouros de Calicut receberam nestas naos, por serem grandes, & perdendo hũa perdiam muito, por não ousarem de nauegar senão no inuerno, com medo das nóssas armadas, dali por diante fizeram nauios pequenos, & cõ elles a remo nauegauã todo o estreito do már roxo. Quãdo Afonso Dalboquerque soube depois de ser em Cochim, que Mafamede Maçari arribara ás ilhas, sentio muito mais perderse: porque vinha com determinação de vasar por antre ellas com as naos que trazia, & fazer a nauegação dos mouros, & podera ser que lhe viera cair nas mãos com toda sua fazenda, que elle muito desejaua auer. Simão Rangel era hum homẽ honrado criado delRey dom Manuel, de q̃ se Afonso Dalboquerque seruia em muitas cousas, porque era homem que tudo sabia muy bem fazer, & estando em Cochim sendo Afonso Dalboquerque em Malaca: porque começou elle & outros a estranhar cousas que Lourenço Moreno, Antonio Real, & Diogo Pereira faziam, contra o seruiço delRey, mandou ho em hũ catur pera Goa, & no caminho o catiuáram os paraos de Calicut. E este Mafamede Maçari o cõprou, & leuou consigo, de que Afonso Dalboquerque chegado de Malaca, ficou muito agastado, & quisera castigar Lourenço Moreno, que era feitor: & porque todos tinhão culpa, o deixou de fazer, & escreueo a elRey dom Manuel tudo o que tinham feito, sendo elle em Malaca, & do descuido que tiueram em prouer Goa, estando cercada.

Como

Como o grande Afonso Dalboquerque chegou a Cochim & das nouas que lhe deram de Goa, & da vinda dos Rumes, & da armada que chegou de Portugal. Capitulo. XLIIII.

CHegado o grande Afonso Dalboquerque a Cochim porque até ali se não sabia nouas delle, nem do acontecido em Malaca, foy grande aluoroço & prazer em todos: porque com sua chegada, ficaram os mouros da India mais assossegados do aluoroço que tinham da noua dos Rumes, & Lourenço Moreno, Antonio Real, & Diogo Pereira, muito enuergonhados, de terem escrito a elRey dom Manuel, & espalhado pela India que era perdido, & toda sua armada (& era este grande capitão tam temido dos mouros, & sua pessoa de tanta autoridade antre elles, que só cõ ella, asi desbaratado & perdido, vestido em hũa jaqueta parda com que se saluou, sabendose q̃ era chegado á India fez tornar a tras todos os Reis della, da conjuração em que andauão cõtra os Portugueses) & o dia que chegou desembarcou logo, & da ribeira dõde o capitão estaua com toda a gente, o leuaram debaixo de hum paleo de brocado á Igreja, estando o esperado á porta o vigairo della com as reliquias, & depois de fazer oração, & dar muitas graças a nosso Senhor, polo liurar dos perigos que tinha passados, se foy á fortaleza, acompanhado de todos & fazendolhes muito gasalhado, os despedio á porta, ficando só com o capitão & officiaes delRey, & depois de lhe dar conta das cousas de Malaca, & do que passara em sua viagem, perguntoulhes pela fazenda delRey, & as naos que aquelle anno foram carregadas pera Portugal: porque ainda que as cousas da guerra o ocupassem muito, nunca lhe faltou tempo pera olhar pela fazenda delRey, & perguntandolhes pelas cousas de Goa (por que em nenhũa outra tinha tanto o sentido estãdo em Malaca como nella) contaramlhe como todo aquelle inuerno estiuera cercada de tres capitães do Hidalcão com muita gente, & o trabalho que os nossos passaram no cerco asi de guerra como de fome, & que de todo estiueram perdidos por hum lanço do muro que lhe caira, com a grande inuernada, & que o capitão era morto, & Manuel da Cunha. Afonso Dalboquerq̃ sentio muito estas mortes: a de Rodrigo Rabelo, porq̃ era muito bom caualeiro, & a de Manuel da Cunha, porque não estaua bem com seu pay Tristão da

Cunha, pelas differenças que tiueram em sua jornada, quádo foram pera a India: & como elle não tinha cousa de que fizesse mais fundamento que Goa, despachou lógo hum catur com recado a Diogo Mendez, dandolhe conta de sua vinda, & escreueo aos juizes & vreadores, o aluoroço q̃ tinha pera os ver, & que se ficaua fazendo prestes pera ser lógo com elles, & que esperaua na misericordia de Deos de lhe dar boa vingança dos Turcos de Benestarim, & mandoulhe hũa prouisam pera Manuel de Lacerda ser capitão da cidade, & Duarte de Melo capitão mór do már até sua ida.

¶ Como em Goa se soube a vinda de Afonso Dalboquerq̃, foy grande prazer na cidade, & grande repicar de sinos, & tirar de artelharia, porq̃ se ouuerá todos por remidos. Partido o catur chegou recado de Diogo Correa capitão de Cananor, que auia noua por mercadores, q̃ era partida de Suez hũa grãde armada de Rumes, q̃ vinham em fauor do Hidalcá cõtra Goa, & isto se ordenára, tanto que souberam que elle era partido pera Malaca. Afonso Dalboquerque porq̃ tinha muito peq̃na armada pera os jr buscar como tinha assẽtado, ficou muito descõtẽte desta noua, & estãdo estas cousas assi, & elle indeterminado, a qual dellas acodiria primeiro, sendo vinte dias de Agosto do anno de doze, chegou dõ Garcia de Noronha a Cochim: o qual partira o anno passado com seis naos, & inuernara em Moçambiq̃ & Iorge de Melo Pereira q̃ aq̃lle anno partira destes Reynos de Portugal, por capitão mór de hũa armada de oito naos cõ muita gẽte a qual elRei dõ Manuel mandaua, cõ lhe parecer q̃ Afonso Dalboquerq̃ era perdido, & a vinda dos Rumes certa como lhe Lourẽço Moreno, & Antonio Real tinhã escrito, da India, & cõ a chegada destas duas armadas ficou muito cõtẽte, & deu muitas graças a nósso Señor, por ser em tal tẽpo, & muito mais com a vinda de dõ Garcia seu sobrinho: assi pelas qualidades de sua pessoa como tambem polo ajudar nos trabalhos da India, que eram cada vez mayores, & elRey dom Manuel lhe escreueo, q̃ o mandaua por capitão mór daq̃lla armada, & tẽdo necessidade de sua pessoa pera o ajudar, q̃ ficasse na India por capitão mór do már: & porq̃ Lourẽço Moreno, Antonio Real, & Diogo Pereira tinhã escrito a elRey dõ Manuel como Goa ficaua cercada & a pouca necessidade q̃ tinha della, culpãdo muito Afonso Dalboq̃rque querela soster: cuidãdo q̃ nisso se vingauã das reprẽções, q̃ lhe daua de seus vicios, & de cousas q̃ em seus officios fazião cõtra o seruiço delRey: cõ esta enformação escreueo a Afonso Dalboq̃rque, q̃ lhe agradeceria muito praticar este negócio com os capitães & officiaes, & q̃ se a todos parecesse bẽ

deixar

deixar Goa, que a derribasse, & que o não cegasse, ganhala duas vezes aos mouros com tanto trabalho, & risco de sua pessoa, porque nisto lhe fazia muito seruiço. Afonso Dalboquerque vendo que isto eram enformações de Duarte de Lemos, & Gonçalo de Sequeira: os quaes enuergonhados de não serem com elle na tomada della, tomauão isto por disculpa, dissimulou este negócio sem dar delle conta a ninguem, & acabado o feito de Benestarim, fez o que lhe elRey mandou, da maneira que a diãte se dirá.

Como o grande Afonso Dalboquerque partio de Cochim, com determinação de jr buscar os Rumes, & como foy cercar a fortaleza de Benestarim. Capit. XLV.

COm esta noua da vinda da armada dos Rumes, apressou o grande Afonso Dalboquerque mais sua partida. E posto que a sua armada não fosse tamanha, que podesse resistir ao poder que se dizia que elles trazião porque as principaes naos que auia na India, de que se podera ajudar, achou as muito desbaratadas quãdo chegou de Malaca, polo pouco cuidado que disso tiueram os officiaes delRey que estauam em Cochim: com tudo com a esperança que tinha de o nosso Senhor ajudar, se partio pera Goa a dez de Setembro, do anno de doze, com hũa armada de dezaseis vellas, & quatro que auia de tomar em Goa, com determinação de os jr buscar, & chegado a Cananor já tarde polos vẽtos serem rijos, achou a vinda dos Rumes hum pouco duuidosa, & com esta noua mandou duas naos das que vieram de Portugal, que cõsigo trazia, que se tornassem a Cochim tomar sua carga, & de Cananor se partio, & foy sobre a barra de Goa, com determinação de pór as mãos aos capitães do Hidalcão, que estauam em Benestarim: & por hũs mouros que tomou em hũa nao que vinha de Adem foi certeficado q̃ aquelle anno não viria armada dos Rumes á India, porque se dizia que entenderiã primeiro em tomar Adem, & segurar as partes do estreito, porq̃ a nossa armada onã podesse nauegar. Surtos na barra disse Afonso Dalboquerq̃ aos capitães q̃ elle determinaua de jr sobre Benestarim antes q̃ o Hidalcão soubesse da sua vinda, q̃ elles se fossem á cidade cõ toda a armada, porq̃ elle queria

jr por Goa a velha tomarlhe a passo por már, antes que o cercasse por terra, & ainda q̃ o perigo estaua certo, elle determinaua de forçar a artelharia dos Turcos, & atalhalos de maneira, que lhe não podesse vir nenhum socorro: porque no rio auia água pera os nauios chegarem até a fortaleza, & abalroarem com os seus baluartes. Determinado isto, mandou desembarcar toda a gente darmas, que estaua nos nauios, que auia de jr com elle, & meteo nelles cem marinheiros, & bombardeiros, os milhores de toda a armada, & forneceos da milhor artelharia que auia, muita poluora & pilouros, & deu a capitania delles: a Tristão de Miranda da nao sam Pedro, Pero de Afonseca de sancta Maria da ajuda, Vicente Dalboquerq̃ da ajuda pequena, Antonio Raposo do nauio ferros, Garcia de Sousa de hũa nao Malabar, & Aires da Sylua do nauio Rosairo: o qual fez capitão mór de todos estes nauios: & Afonso Dalboquerque hía em hum catur. Prestes tudo mandou a dom Garcia que se fosse com toda a armada pera Goa, & q̃ lhe tiuesse prestes todas as cousas necessarias pera jr por terra a Benestarim & que não consentisse sair nenhũa gente da cidade, sem seu especial mãdado, & elle partiose, & foy entrar por Goa a velha, & chegando defronte da fortaleza de Benestarim, mandou a Tristão de Miranda que se chegasse com a nao sam Pedro, até se por a tiro de bombarda com a fortaleza, & que elle & os outros capitães nos nauios o jriam seguindo, & naquelle lugar aguardaram todos, até que a artelharia dos Turcos quebrou da furia com que começara á tirar.

¶ Como a nóssa gente perdeo o medo, & espanto de tantos tiros, mãdou Afonso Dalboquerque aos capitães que se chegassem mais hum pouco cõ os nauios, & a Garcia de Sousa que se fosse atrauessar antre elles & a fortaleza: porque era nao grande, & ficaua ali por amparo dos nauios. Os Turcos como não folgauão com a vezinhança dos nóssos nauios, tirauamlhe tantos tiros, & tam furiosos, que os passauão de hũa parte á outra, & porq̃ os nóssos se viam afrontados de hum bazalisco, que os Turcos tinham assestado em hum baluarte ao lume dágoa, fez Afonso Dalboquerque prestes hũa barcaça cõ hum camelo de metal, & mandou ao seu condestabre com seis bombardeiros, que fosse de noite nella sorgir pegado no baluarte dos Turcos, defronte das suas bombardas, & que se trabalhassem por lhe quebrar o bazalisco. O condestabre era tam valente homem, que sem receyo do perigo fez o que lhe Afonso Dalboquerque mandou, & como foi menhaã começou á tirar com o camelo ás bombardas, & quis nósso Señor que

que deu hum pilouro pela boca do bazalisco, & quebrou ho & matou dous bombardeiros arrenegados, hum Galego & outro Castelhano, que na primeira entrada de Goa se lançaram com os mouros. Como se Aires da Sylua vio desafrontado do bazalisco, mãdou alar o seu nauio mais a vãte, & os marinheiros ordenaramse tam mal, que se atrauessaram diante das bombardas dos imigos. Os Turcos vendo os nóssos embaraçados, atiramlhe com tantos tiros juntos, que o espedaçaram, & acertou hum pilouro de dar pela proa do nauio, & dando em hũs tres barris de poluora, que ali estauã, lançoulhe parte da cuberta, castelos, & ponte ao mar, & duas taboas junto do lume da agoa: sem auer perigo na gente, mais que queimaremse tres grumetes: mas o espanto disto os fez lançar todos ao mar, & só Aires da Sylua ficou no nauio. Os Turcos como virã a fortuna dos nóssos, deram grandes gritas, tangendo suas trombetas. Afonso Dalboquerque vendo Aires da Sylua neste trabalho, meteose em hum esquife com quatro homẽs & per antre as bombardas dos Turços chegou ao nauio, & bradou á gente que andaua a nado, que se tornassem a elle, acusandoos com sua pessoa, & dizendolhe algũas palauras de reprensam, por deixarem o seu capitão só. Os marinheiros quando o viram andar no seu esquife, diante de tantas bombardas, enuergonhados do que tinham feito, tomaram esforço, & volueram outra vez ao nauio, & elle posto que a artelharia não deixaua de fazer seu officio, disse ao seu mestre que andaua em hum batel, que fosse dar hũa rageira por popa ao nauio, pera o desatrauessarẽ das bocas das bõbardas, & como foy desatrauessado, mandou muitos calafates com couros, & tudo o mais que era necessario, que fossem a elle, & lhe tapassem os buracos que tinha ao lume dagoa. Aires da Sylua com os marinheiros, em quanto os calafates faziam seu officio, cõ caldeirões esgotaram o nauio de muita agoa que tinha: & porque aquelle dia se não acabou de concertar. Como foy noite mandoulhe Afonso Dalboquerque que se arredasse pera fora, & a Tristão de Miranda que mãdasse alar a nao sam Pedro a vante dos nauios pequenos: o qual lógo de noite mãdou melhorar as amarras, porque de dia não ousaua nenhum batel de aparecer. Os Turcos como viram a nao, começaramlhe atirar lógo com hũa bombarda grossa, & aos primeiros tiros vasaramna de hũa parte a outra: & ainda que a nóssa gente passasse trabalho, com tanto risco de suas pessoas, os Turcos não estauão fora delle, porque a nóssa artelharia lhe tinha morta muita gẽte, & muitos cauálos dentro na fortaleza, & tinhamlhe arrasado

todo o muro de maneira, que Roçalcão & os capitães não ousauão de entrar na torre da menagem, polo perigo que auia de jr a ella, & de noite mãdaua repairar no muro, o que lhe a nossa artelharia derrubaua de dia.

Como o grande Afonso Dalboquerque mandou arrancar a estacada, com que os Turcos tinham rodeado a fortaleza, polos nossos nauios não entrarem dentro, & como se foy pera a cidade depois de os ter metidos, & o mais que passou. Capit. XLVI.

ESTando as cousas neste estado, o grande Afonso Dalboquerque por atalhar a todo o remedio, que os Turcos podiam tér de socorro, mandou recado a dom Garcia de Noronha, que lhe mãdasse dous nauios pequenos, & hũa barcaça com suas arrombadas muito fortes, & artelharia & que entrasse polo passo seco, pera baterem com ella a fortaleza por aqlla bãda, & que tiuesse prestes muitos carros carregados de pilouros & poluora, & muitas mãtas, bãcos pinchados, cestos, aluiões, & artelharia grossa, & meuda encarretada, & tudo o mais que fosse necessario, pera combater a fortaleza por már & por terra, & os capitães da ordenança que fizessem sua gente prestes: porque tanto que teuesse os nauios da estacada pera dentro, seria lógo com elle. Dom Garcia com este recado, mandou fazer os nauios prestes com suas arrombadas de cairo, & de pipas, & a barcaça com hũa bombarda grossa, & deu a capitania dos nauios a Fernão Gomez de Lemos, & a Antonio de Matos, & a Ioão Gomez da barcaça: & como estiueram prestes, foramse polo rio arriba, & querendo passar polo passo seco: porque o nauio em que hia Antonio de matos era maior, tocou, & foy necessario tiraremlhe as arrombadas em que escoraua, pera poder passar, & polo peso da artelharia q̃ leuaua em cima da ponte ser grande, veyo o nauio á banda, & çoçobrou. Fernam Gomez de Lemos, & Ioão Gomez passaram, & em chegando á fortaleza pegaram lógo em hum baluarte, que estaua daquella banda, & poseramse tam perto delle, que os Turcos de cima lhe feriram algũa gente com espingardões, & com frechas, & os nauios bem varejados da artelharia, & com tudo como homẽs de esforço, sempre tiueram mão sem se afastarem. Roçalcão como vio que tambem

por

por aqlla parte os cõbatiam, mandou lógo passar áquelle baluarte quatro bõbardas grossas, & no pano do muro por baixo & por cima, mandou tãbem pór artelharia, & com ella lhe passauão os nauios de hũa parte á outra, mas os nossos com todo este trabalho, não deixauam de lho pagar na mesma moeda. Afonso Dalboquerque tẽdo aquella parte segura, de lhe não entrar por ali nenhum socorro de gente & mantimẽtos, determinou de arrãcar hũa estacada, com que os mouros tinham a fortaleza rodeada, & meter os nauios dentro, pera abarbarem com os muros della, & mandou a Tristão de Miranda & Aires da Sylua, que com elle eram dẽtro na nao, polo seu nauio ficar de fora polo caso acontecido, que abalroassem a nao sam Pedro com a estacada pera a arrancarem, & fazerem hũ boqueirão largo, por onde podessem entrar dẽtro: porque o que os mouros deixaram pera seruentia da fortaleza, era muito estreito, & a pos elles mãdou Pero de Afonseca, Antonio Raposo, & vicente Dalboquerque, que fizessem outro tanto, & com quanto estes capitães chegaram os seus nauios cõ muito esforço a estacada, não foy sem perigo seu, porque foram bem seruidos da artelharia, frechas, & espingardões, & como foy noite foy tér Afonso Dalboquerque com elles, & arrancaram muita parte da estacada: feito isto mandou a Tristão de Miranda, que portasse hũa ancora alem da estacada, & que alasse a nao sam Pedro pera dentro quanto mais podesse, & aos outros nauios que o seguissem. Os Turcos como viram que os nóssos de noite andauão metendo os nauios da estacada pera dentro, lançarão feixes de palha acesos ao pé do muro, & á claridade do lume lhe tirauam com a artelharia: & porque os nóssos estauam já muito metidos nas bocas das bombardas, & Afonso Dalboquerque corria muito perigo no esquife em que andaua, pediramlhe os capitães muito que se afastasse pera fora: porque em auenturar sua pessoa se podia perder aquelle negócio, & q̃ descançasse que elles fariam aquillo que lhe elle mandaua muito bem feito. Afonso Dalboquerque com o seu animo inuenciuel lhe respondeo, q̃ não podia descançar em quanto os visse naquelle trabalho, que fizessem o que lhe madaua, porque elle não nos auia de deixar, sem entender como os deixaua, & como teue os nauios dẽtro da estacada postos em ordem pera baterem a fortaleza, recolheose pera fora, com determinação de se jr pera a cidade fazer prestes, pera vir por terra, & ao recolher lhe espedaçarã dous negros remeiros do esquife, & como se vio fora foise ao parao, & dali mãdou algũs piães Canarins, que lhe fossem á terra firme tomar algũ lingoa,

pera

pera saber nouas do Hidalcão, & elles foram & tomaram dous mouros q̃ vinham pera a fortaleza de Benestarim, & delles soube que Içufularij vinha com dous mil homẽs socorrer a fortaleza, & que dentro nella estariã seis mil Turcos, Rumes, & Coraçones, & da outra gente aueria tres mil, em que entrauam cem espingardeiros, & trezentos de caualo.

¶ Afonso Dalboquerque com esta noua, deixou Aires da Sylua por capitão mór daquelles nauios, & hum parao pera lhe trazer agoa, & os mantimentos que fossem necessarios, & disselhe, que tanto que elle cometesse a fortaleza por terra, désse elle pela banda do már com a sua gente. E ordenado isto partiose pera a cidade no catur em que viera. Durou este trabalho oito dias & oito noites, & em todos elles nunca os Turcos cessaram de tirar com sua artelharia, da qual as nóssas naos foram bem ospedadas, por estarem apegadas com os baluartes, & nas bocas das suas bombardas. E diziam os nóssos que se neste feito acharam, que nestes oito dias lhe atirárame os Turcos mais de quatro mil tiros de artelharia grossa, afora outra meuda, & do alto do muro lhe tirauão cõ frechas & espingardões, cõ que feriã muitos dos nóssos. Os mastos, vergas, enxarcea dos nauios, erã tã cres pos das frechas, q̃ espãtaua muito velos. Tristão de Mirãda & Vicẽte Dalboq̃rque, posto q̃ naq̃lle tẽpo erão mãcebos, fizerãno muito ousadamente aq̃lles dias, & ficarã tã atroados da artelharia dos Turcos, & da nóssa, polos seus nauios serẽ sempre dos diãteiros, q̃ por espaço de muitos dias nã ouuirã. Aires da Sylua tãbẽ por sua parte fez aq̃lle dia como muito valẽte caualeiro, & o caso acõtecido no seu nauio, foy porq̃ nũca curou de rageiras nẽ de proizes, senã chegarse por diãte de todos a cõcrusam: porq̃ nelle nã auia medo: & depois de Afonso Dalboquerque se partir pera a cidade, sabẽdo que da outra bãda da terra firme era chegada hũa cafila de bois de car rega, q̃ trazia mãtimẽtos pera a fortaleza, foy de noite cõ essa gẽte q̃ tinha nos nauios, & deu nelles, & queimoulhe as casas, & matou muitos mouros & tomoulhe os mãtimentos, & os q̃ ficarã viuos poserãse em fugida. Pero de Afonseca, & Antonio Raposo tãbẽ por sua parte pelejãrã cõ muito esfor ço, & sem nhũ receo da artelharia dos imigos, portauã suas ancoras. Este negócio asi cometido cõ tãta artelharia, tãta gẽte de imigos em hũa fortaleza, não creyo q̃ se vio outro como este naq̃llas partes: porq̃ muitas vezes reprẽdia Afonso Dalboq̃rq̃ os nóssos de não segurarẽ suas pessoas & vi das, porq̃ os nauios erã tam espedaçados da artelharia dos Turcos, por todas as partes, que não auia lugar em que se elles podessem saluar, senão fora querelos nósso Senhor guardar daquelle perigo.

Como o grande Afonso Dalboquerque chegou á cidade, & do grande recebimento que lhe fizeram, & o mais que passou cõ os Turcos Capitulo. XLVII.

Epois q̃ o grande Afonso Dalboquerque teue os Turcos atalhados, de todo o socorro que lhe podia vir, foyse a Goa por már no catur em q̃ viera, & chegado ao cais, como aquella fora a primeira vez que entrara na cidade, depois da sua vinda de Malaca, vieramno receber a porta de sancta Catherina, onde desembarcou desta maneira. Dom Garcia de Noronha com toda a gente da armada, Manuel de Lacerda capitão da cidadade, com todos os fidalgos que nella auia, & Pero Mazcarenhas com a gente da ordenança: & os juizes & vreadores, & o mais pouo natural da terra em sua cõpanhia. E tinhamlhe hũa faca em que auia de jr com hũa guarniçã de brocado, & estribos & tudo o mais da guarnição era de prata muito bem laurada, & hum páleo de brocado, que auiã de leuar os vreadores da cidade: & em chegando á porta lhe fizeram hũa arenga: a sustancia da qual era o grande aluoroço que todos tinham de sua vinda, & o contentamento da vitoria que lhe nósso Senhor dera contra o poder do Rey de Malaca. Acabada a arẽga, chegou Manuel de Lacerda, & entregoulhe as chaues da fortaleza. Feitas todas estas cerimonias, falou a todos com muito amor & gasalhado: & caualgando na faca que lhe tinham prestes, rodeado de toda a sua guarda, começou a caminhar direito á Igreja, indo todos a pé diante delle: & sendo no meyo do caminho, vieram os clerigos recebelo cõ hũa Cruz aleuantada: & vẽdo a Afonso Dalboquerque deceose da faca, & pôdose em joelhos diante della, disse aos que leuauam o páleo, que a tomassẽ debaixo: porque aquella hóra não se auia de fazer senão áquella Cruz, que era semelhança da em que nosso Senhor padecera: & forãna assi todos seguindo a té a Igreja: & feita a oração tornou Afonso Dalboquerque a caualgar na faca, & debaixo do paleo veyose ás casas do Çabayo em que pousaua, & começou lógo a entender nas cousas que eram necessarias, pera jr por terra sobre Benestarij. Estando prestes pera se partir, com determinação de dar hũa bataria á fortaleza, & fazer hum portal largo por onde podesse entrar hum corpo de gẽte vieramlhe dizer que Roçalcão era fora da fortaleza & vinha marchando com muita gente de pé & de caualo em

batalha dar vista á cidade. Afonso Dalboquerque com esta nóua porque era de noite mandou a Manuel de Lacerda capitão da cidade que tanto q̃ fosse menhaá se possesse a cauallo, & Pero Mazcarenhas, & Antonio de Saldanha, Ioão Machado, Fernão Caldeira, Manuel Fernandes, Ioão Cabeceira, Lourenço Prego, & Diogo Fernandez adail com elle, que fosse vér que gente era. Ao outro dia pela menhaá cedo se sairam pela porta fora, & chegaram sobre hum valle, onde Roçalcão com a sua gente estaua alojado: & como Manuel de Lacerda ouue vista da gente, mandou dizer a Afonso Dalboquerque que Roçalcão estaua ali, & poderia auer em sua cõpanhia tres mil homẽs. Com este recado mandou sair Rui Gonçaluez, & Ioão fidalgo com trezentos soldados da ordenança, bésteiros & espingardeiros, & algũs com piques, que fossem pela estrada direita, ajuntarse com Manuel de Lacerda, & apos esta gente mandou mais trinta de cauallo, & recado a Manuel de Lacerda que se deixasse estar, dando costas á gente da ordenança, & não trauesse com os Turcos: & se visse que todauia querião pelejar, que lho mandasse dizer. Roçalcão como vio que os nóssos eram poucos, veyose chegádo com suas batalhas. Manuel de Lacerda deixouse estar, & não quis trauar com elle. Roçalcão vendo esta determinação dos nóssos, esteue quedo sem ousar de andar mais por diante. E estando hũs & outros assi, foy Ioão Machado correndo á cidade, & disse a Afonso Dalboquerque como Roçalcão estaua em som de querer pelejar, que visse o que queria que fizessem: elle com este recado mandou chamar dom Garcia, & todos os capitães, & deulhe conta do que passaua, & porq̃ Ioão Machado se começou áffirmar, que Roçalcão queria pelejar, foram todos de parecer que deuia de sajr com toda a gente, & illo cometer. Afonso Dalboquerque lhes respondeo, que pois estauão em determinação de jr cometer a fortaleza por terra: a qual tinham já cercada por már, & lançar os Turcos fora della, não lhe parecia bom conselho, andar escaramuçando com os mouros no campo, senão chegaremse a concrusam do feito, com boa determinação: porque os mouros eram grandes archeiros, & gente muito solta, & andauão muy despejados de armas, & podiamse chegar & afástar cada vez que lhe bem viesse, o que elles não podiam fazer, porque hiá todos carregados dellas, & eram muy pesados pera andarem escaramuçando com os Turcos no campo: & por cima de todas estas rezões, tornaramse todos áfirmar, que deuia de sajr fora, & pelejar com os Turcos.

¶ Vendose Afonso Dalboquerque forçado deste conselho, mandou repicar &

car & abrir as portas, & sahio ao campo com toda a gente, & fez della tres batalhas. Na dianteira mãdou Pero Mazcarenhas, que se ajuntasse cõ Rui Gonçalues, & Ioão fidalgo, & tiuesse cuidado da gẽte da ordenança, & na outra dom Garcia, & em sua companhia Pero Dalboquerque, Lopo Vaz de Sampayo, Antonio de Saldanha, Francisco Pereira Pestana, Iorge Dalboquerq̃, Iorge Nunez de Lião, Gonçalo Pereira, dõ Ioão Dessa, Diogo Fernandez de Béja, dom Ioão de Lima, Gaspar Pereira, Iorge da Sylua, Rui Galuão, Pero Correa, Ioão Delgado, Manuel de Sousa, Ieronymo de Sousa, & outros muitos fidalgos & caualeiros, & elle com a mais gente na retaguarda: & indo asi nesta ordem á vista dos Turcos, começou Roçalcão abalar com suas batalhas pera os nóssos. Afonso Dalboquerque como o vio, mandou a Pero Mazcarenhas com a gente da ordenança, que fosse de rosto a elles, & a dom Garcia que se fosse chegando seu passo cheo, pela banda da mão direita, & elle ficou da banda da mão esquerda, & foy melhorando por hum vale a cima, tomando a ilharga da batalha dos Turcos & porque dom Garcia andaua muito, mãdoulhe dizer que se teuesse, até que elle fosse no cabo do valle: porque era lugar de grande cõmodidade, pera cometer os Turcos. O Roçalcao vendo que a determinação dos nóssos era cometelos teue se, & mandou a sua gente que não andasse mais por diante. Afonso Dalboquerque como era esperto na guerra, entendeo que os Turcos se queriam retirar a tras, como gente mudada da determinação em que vinha, & mandou dizer a Pero Mazcarenhas que apertasse hum pouco mais rijo com elles, & a dom Garcia de Noronha que os seguisse, por aq̃lla banda onde hia, & a Manuel de Lacerda, que fosse dando costas aos da ordenança com a gente de caualo, como lhe tinha mandado. Os Turcos vendose afrontados da gente da ordenança, metidos em desordẽ, déram volta contra a fortaleza.

Como Roçalcão se pos em fogida, & o grande Afonso Dalboquerque lhe foy seguindo o alcance, atê os muros da fortaleza de Benestarij, & do mais que passou. Capit. XLVIII.

Como o grande Afonso Dalboquerque vio, que Roçalcão leuaua o rosto na fortaleza, mandou a Manuel de Lacerda que com a gente de caualo trauasse cõ os Turcos, & como se os nóssos foram chegando pera elles, apartaramse mil piães

piães dos Canarins da terra, & foramse por hum recosto arriba. Afonso Dalboquerque vendo que hião desmanchados, apartou hũ corpo de gête da sua batalha, que se metesse antre os piães & os Turcos: os quaes como se viram atalhados deixaram o caminho que leuauam, & foramse ao vao de Gondalij, por ser mais perto, & passaram o rio, onde muitos delles se afogaram. Pero Mazcarenhas a este tempo com a gente da ordenança, era já pegado nos Turcos, & dõ Garcia de Noronha pela banda da mão direita, foyse tambem chegando mais depressa, & hũs & outros porque eram já muito perto da fortaleza, remeteram com tanto esforço com os Turcos, que lhe fizeram perder todos os caualos, & com o medo que tiuerão de os nossos com este impeto entrarem de roldão com elles dentro na fortaleza çarraram as portas, deixando muitos de fora, que cõ muito trabalho por cima do muro, com toucas que lhe os de dentro lançauão, se saluaram, outros correram pela ilharga da fortaleza, & foram entrar pela outra banda, & muitos atolados na vaza morreram, & algũs que se quiseram lançar ao rio, acodio Aires da Sylua cõ os outros capitães nos bateis, & matáranos, & desembarcaram ao pé do muro com sua gente apadezada, cuidando q̃ aquelle era o tempo em que lhe Afonso Dalboquerque mandaua que o fizessem. Os Turcos como viram os nossos ao pé do muro, foram tantas as pedras, frechas & espingardões com que lhe tiraram, que os fizerã tornar a embarcar, estando já muitos delles feridos. A outra gente nossa, q̃ era da banda da terra, como se acharam pegados com o muro da fortaleza, trabalharam todos a qual mais podia por sobir, hũs por cima de piques, & outros dando se de pé (porque o muro da banda da cidade he mais baixo, & menos forte que da do rio:) & sendo algũs fidalgos & caualeiros em cima acodio Roçalcão com hum golpe de Turcos, & tornáramnos a lançar do muro abaixo, & feriram muitos com frechas, espingardões, panelas de poluora, & feixes de feno aceso, sem auer nenhum remedio de se quererẽ afastar, & os capitães que Afonso Dalboquerque esperaua q̃ o ajudassem a recolher a gente, que era daquella banda, esses eram os que trabalhauam mais por sobirem, dando de pé hũs aos outros: & o primeiro que chegou ao muro foy Pero Mazcarenhas, que hia com a gente da ordenança, ao qual Afonso Dalboquerque depois de recolhidos abraçou, & beijou na face, de que algũs ficaram escandalizados, & não tinham rezão: porq̃ alem de o elle fazer aquelle dia como valente caualeiro, tinhalhe Afonso Dalboquerque obrigação, porque deixou a fortaleza de Cochim, de que era

capitão

capitão, & veyo seruir elRey naquella guerra. Francisco Pereira Pestana, que foy o q̃ se mais tomou disto, remeteo ao muro, & dando hũa palmada nelle (que não foy sem lhe custar queimaremno) disse, quero ver se diram em Portugal as regateiras de Lisboa, que chegou aqui Francisco Pereira. Afonso Dalboquerque o reprendeo dizendolhe, que se espantaua muito delle, fazer hũa cousa como aquella tam fora de tempo. O Francisco Pereira como era agastado & aspero de condição, começouse a tomar com Afonso Dalboquerque em palauras, & veyo a râto que lhe disse. Comigo vos tomais vós, & não com Duarte de Lemos, porque vos mostraua os dentes? Ao que elle respondeo com muita paciẽcia (porque em todas suas cousas foy sempre exemplo della) mostraua, que os tinha muito grandes & muy compridos: & viroulhe as costas sem mais reposta: porq̃ dias auia que em outras palauras que com elle teue o sofreo polo não castigar, & disselhe, arrenego da vida em que viuo Francisco Pereyra? rasgome, & lançou as mãos a hũa loba de escarlata çarrada que tinha vestida, & rasgouha.

¶ Dom Garcia de Noronha com toda a outra gente, que era da banda da mão direita, com o arrifar & couces dos caualos, que os Turcos deixaram por se saluarem por cima do muro, meteramnos em tam grande desconcerto, que os não deixaram chegar ao muro, nem à porta, & tiueram bem que fazer em se defender delles: mas os Turcos antes de se sobirem, foram bem escozidos dos nóssos, & mataram muytos: & nesta presteza que tiueram de seguir aos Turcos, se ouue Roçalcão de todo por desbaratado, & a fortaleza entrada: & não fora muita duuida se os nóssos foram apercebidos pera isso. Afonso Dalboquerque com a outra gente que vinha da banda da mão ezquerda, foy cometer hum baluarte em que estaua Miliqueaye, o segundo capitão com muita gente, que o defendeo muito bem: mas com tudo os nóssos aperfiaram de maneira pera sobir, que bem podera Afonso Dalboquerque por aquella parte pór a sua bandeira em cima do muro, se pelas outras tiuera esperança de ser ajudado: mas como Benestarij era hũa villa muito grande, & cõ muros muito fortes, & não tinha ali artelharia com que a podesse bater, mandou á gente que se arredasse. E ainda que os nóssos este dia não fizeram mais que o que tenho dito, muito he pera louuar, tantos fidalgos, tâtos caualeiros & gente nóbre, carregados de armas, per grande calma, jrem de Goa a Benestarij, que sam duas légoas a pé, & chegarem a por

as mãos no muro, & com tanto esforço aperfiarem de entrar em hũa fortaleza com tantos Turcos dentro, & que a sabiam muito bem defender. Forã aqui feridos Manuel de Lacerda, Pero Dalboquerque, Iorge da Sylua, Lopo Vaz de Sampayo, Rui Galuão, Pero Correa, Ioão Delgado, Rui Gonçaluez capitão da gente da ordenança, Diogo Fernandez de Béja, Manuel de Sousa, Ieronymo de Sousa, & outros muitos homẽs honrados que aquelle dia acompanhando seus capitães pelejáram muy ousadamẽte, sem receo de fogo nem de panelas de poluora, espingardões, lanças, frechas, & pedras com que lhe tirauam, & alem destes, foram feridos cento & cincoenta soldados com a artelharia: os ques estauam afastados do pé do muro: & não ficou isto sem castigo, porque dos Turcos foram muitos mortos & feridos, antes de se recolherem á fortaleza, & dos piães que ficaram de fora ao cerrar da porta morreram muitos, & dous capitães gentios, hum chamado Miralle, & outro Conaique.

Como o grande Afonso Dalboquerque recolheo a gente, & se foy á cidade, & como tornou com todo seu arrayal pôr cerco á fortaleza, & do que passou com Roçalcão. Capit. XLIX.

Retirados os nóssos do pé do muro, pos se o grande Afonso Dalboquerque defronte da fortaleza, em lugar onde lhe a artelharia não podia fazer nojo, & esteue assi hum grande pedaço com todos os capitães, fidalgos & caualeiros, vendo a maneira que se podia tér pera a cometer & os lugares por onde se podia entrar, & depois de terem tudo muito bem visto, partiose pera a cidade com toda a gente, onde esteue algũs dias curando os feridos, & dando folga aos sãos do trabalho que passaram aquelle dia, & mandou lógo pór em ordem toda a artelharia, escadas, bancos pinchados, mantas, pipas vazias pera estancias, & todas as outras cousas, que pera tal feito na cidade se podiam auer: & posto tudo em caminho, dali a dou dias mandou sair a gente da ordenança, & todos os bésteiros & espingardeiros, que fossem dando guarda a estas munições, & que o esperassẽ ás duas aruores (que he meyo caminho de Goa pera Benestarij)

& que

& que ali lhe assentassem a sua tẽda, & ao outro dia pela menhaá se partio com toda a gente, que seriam por todos tres mil & quinhentos homẽs, & chegado ás duas aruores assentou seu arraial cercado todo de artelharia, & ali esteue dous dias esperando polos mantimentos, de q̃ tinha dado cargo a Bastiam Rodriguez seu criado, q̃ ora he juiz da balança da moeda desta cidade de Lisboa, & como foy chegado pos se Afonso Dalboquerque em caminho, com todo o seu arrayal em tres batalhas, & mãdou a Pero Mazcarenhas, que com a gente da ordenança fosse diante com toda a artelharia, & que fizesse estancias em que a posesse. Como os nóssos foram á vista da fortaleza, começaramlhe os Turcos átirar, & Afonso Dalboquerque por lhe pagar na mesma moeda, mandou á Pero Mazcarenhas que fizesse outro tanto, & como á nóssa artelharia começou átirar, os Turços que pareciam por cima do muro, recolheramse pera dentro. Despejado o muro deceose Afonso Dalboquerque de hũa faca em que hia, & foyse a pé onde Pero Mazcarenhas tinha a estancia da artelharia, & como foy noite mandou a achegar mais á fortaleza, defrõte de hum certo lugar, que Ioão Machado lhe tinha dito que o muro era mais fraco: porque sua determinação era derrubar hum lanço delle, por onde podesse entrar força de gente, a que os Turcos não podessem resistir. E aquelle dia que chegaram não se fez mais, que assentarem seu arrayal ao redor da fortaleza, & ao outro dia pela menhaá, tornou Afonso Dalboquerque, & pos se em hum lugar encostado a hum penedo, pera ver o que os nóssos faziam. Os Turcos como viram na maneira da cortezia, que elle podia ali estar, começaram átirar com a artelharia pera aquella parte mais a meude: & nisto chegou Diogo Mendez de Vasconcelos, & como vio que o lugar não era muito sadio, & os pilouros ameudauão, disse a Afonso Dalboquerque que se passasse pera detras do penedo: porque ali corria sua pessôa muito risco, & posto que Diogo Mendez não fosse muito seu amigo, fez o que lhe aconselhou, & indo se pera detras do penedo, veyo hum pilouro, & matou hũ homem q̃ hia falando com elle, & encheo todo de sangue. Afonso Dalboquerque deu muitas graças a nósso Senhor, polo liurar daquelle perigo, & mãdou guardar o pilouro, & por sua morte deixou que o forrassem de prata, & o leuassem a nossa Senhora de Guadelupe, cõ hũa alampada de prata muito grande, & hum colar de ouro de pedraria muito rico, & cem mil réis em dinheiro pera se comprar de renda de azeite pera a alampada, & tudo isto lhe mãdou Pero Correa que ficou por seu testamenteiro.

¶ Passado isto mandou Afonso Dalboquerque a dom Garcia, que aquella noite fizesse chegar as estancias mais perto do muro:porque estauão hum pouco longe, & elle pos tam boa diligencia em o fazer, que antes que fosse menhaá tinha feito hũa estancia muito mais forte, do que estaua dantes com muitas pipas & cestos cheos de terra, & a artelharia toda posta em seu lugar, & Afonso Dalboquerque andou toda a noite na sua faca, vendo o que se fazia. Como foy menhaá que Roçalcão vio as nóssas estancias mais chegadas á sua fortaleza, fez prestes quatro centos Turcos, & mandoulhe que dessem nellas. Pero Mazcarenhas, Rui Gonçaluez & Ioão Fidalgo, que estauam com a gente da ordenança em guarda dellas em hum baixo, por amor da artelharia dos Turcos, acudiram muy prestes ao rebate, & dom Garcia de Noronha por outra parte, & deram nelles tam cusadamente, que primeiro que se os Turcos recolhessem, ficáram muitos estirados por esse campo. Tanto que os Turcos foram recolhidos, começou a nóssa artelharia átirar ao muro com tanta furia, desde pela menhaá até a tarde, que não auia mouro que ousasse áparecer antre as ameas. E porque em o nósso arrayal auia tiros muito furiosos, & os bombardeiros eram muito certos em seu officio, começáram a romper o muro por algũas partes. Vendo Afonso Dalboquerque os muros desta maneira, mandou aos capitães que estiuessem prestes, pera ao outro dia pela menhaá cometerem a fortaleza, & entrarem os Turcos por força de armas, & que não lhe dizia o lugar, senão que cada hum tiuesse auiso, & onde vissem sua pessoa, ali codissem todos: & aos bombardeiros mandou que apertassem mais a fortaleza com a artelharia. Vendose Roçalcão tam apertado por már & por terra, sem esperança de nenhum socorro, mandou chamar Miliqueaye (o segũdo capitão que era Coraçone de nação) & todos os principaes Turcos da fortaleza, & arrenegados, & fezlhe hũa fala dizẽdo: q̃ elles viã bẽ da maneira q̃ estauã cercados, & atalhados de todo o socorro, & muita parte do muro derribado, & que auia muita falta de mãtimentos & poluora, & de todas as outras munições necessarias pera sua defensam, & a pouca esperança q̃ tinhã de ser prouidos dellas, q̃ pois se já nã podiam saluar pelas armas, que o deuiam de fazer com algum concerto de paz, que fizessem com os Christãos. Miliqueaye & os outros Turcos, vistas as rezões de Roçalcão, & a experiencia que tinham do que passaua, foram de parecer que se pedisse tregoa, pera depois tratarem em o concerto da paz. Determinado isto ao outro dia pela menhaá cedo (estando

Afonso

Afonso Dalboquerque em sua determinação) poseram hũa bandeira brá ca no muro: elle como a vio mandou lógo Ioão Machado, que fosse tér fala com Roçalcão, pera saber delle o que queria: o qual chegou ao pé do muro, & Roçalcão lhe veyo falar & disselhe, que dissesseao capitão géral que lhe désse seguro: porque queria fazer tudo o que elle quisesse. Afonso Dalboquerque, como queria mais a vida de hum Christão que no combate podia auenturar, que matar quantos Turcos estauão na fortaleza, folgou muito, & mandoulhe dizer que lhe mandasse dous Turcos homẽs principaes em arrefens, & que elle lhe mandaria dizer o que queria. Ioão Machado tornou com este recado, & como Roçalcão desejaua a paz, mãdoulhe lógo os Turcos que pedia.

De como o grande Afonso Dalboquerque praticou com os capitães & fidalgos que ali estauão, o que lhe Roçalcão mãdara cometer, & do que assentou com elle, & como se partio pera Goa. Capitulo. L.

Hegado Ioão Machado com os dous Turcos que auião de estar em arrefens, até se acabar de tomar cõcrusam no concerto das pazes, que Roçalcão pedia (como tenho dito) chamóu Afonso Dalboquerque todos os capitães & fidalgos que estauam naquelle arrayal, & disselhes como os Turcos da fortaleza de Benestarij, estauão já quasi rendidos: porque Roçalcão capitão principal lhe mandara cometer pazes, & que faria tudo o que elle quisesse, que pera lhe responder a este seu requerimento, era necessario dizeremlhe todos seus pareceres. Os capitães lhe responderam, que elles estauam offerecidos ali com suas pessoas, pera morrerẽ por seruiço de Deos, & delRey dõ Manuel, & pois tinha tanta gente, & com tal vontade, que não auia de resPonder a preposito a Roçalcão, senão combater a fortaleza, & entrala por força de armas, & tomalo ás mãos: porq̃ cometer elle pazes, tendo dentro consigo em a fortaleza dobrada gente de Turcos, do que ali estauão de Christãos, que não era senão por ter mais mal consigo, do que todos cuidauão, & que por estas rezões & outras muitas lhes parecia que não deuia

de entender em concerto nenhum com elle. E como Afonso Dalboquerq̃ & dõ Garcia & outros erã de cõtrairo parecer, respõdeolhes q̃ a milhor cousa q̃ os Turcos tinhã naq̃lla fortaleza era a artelharia & os caualos, & q̃ toda a outra gente ainda q̃ a catiuasse, não daria por ella dous vintẽs, nem os auia de meter consigo na cidade: porque auia muita falta de mantimẽtos: & se lhes parecia q̃ dandolhe cõbate tomariã a pessoa de Roçalcão (como diziam) que era cousa muito duuidosa tomalo, & punham em condição de matarem quatro ou cinco fidalgos, ou vinte pela ventura, segundo todos eram desejosos de serẽ os primeiros: porq̃ oito mil mouros cercados & atalhados, sem nhũa esperãça de saluação, de necessidade muito sangue auiã de fazer primeiro q̃ os apagassem de todo, & por tanto seu parecer & determinaçã era, q̃ deixãdolhe Roçalcão a fortaleza cõ toda a artelharia & caualos, & tudo o mais q̃ nella ouuesse, & entregandolhe os arrenegados, deixalos jr, & porlhe hũa ponte de prata por onde passassem á terra firme.

¶ Assentado isto, mãdou Afonso Dalboquerq̃ dizer a Roçalcão por Ioão Machado, que com estas condições que tenho dito faria pazes cõ elle, & o deixaria jr liuremente, & não querẽdo, q̃ soubesse certo q̃ não auia de dar vida a elle, nem a nenhũa pessoa q̃ naquella fortaleza estiuesse. Como Roçalcão desejaua muito a paz, concedeolhe tudo, & q̃ quanto era aos Christãos arrenegados que la estauão, que lhe pedia por merce que não falasse nelles, q̃ os não auia de entregar, porque sua ley lho defendia. Afonso Dal boquerque lhe respondeo, q̃ a primeira cousa q̃ lhe auia de entregar, eram os arrenegados, & que sem isto não faria nenhum concerto com elle. Roçalcão como vio sua determinação, polos desejos que tinham de se ver já fora do laço em que estaua, quis antes acodir a sua necessidade, q̃ comprir com a obrigação de sua ley, & disse a Ioão Machado, que dissesse ao grande capitão, que pois tanto insistia nos arrenegados, que lhos entregaria cõ tal condição, que lhe desse a vida. Afonso Dalboquerque lha concedeo, & mandoulhe seguro pera elle, & pera todos os Turcos & mouros, cõ tanto que não leuassem nenhũa cousa, senão vestidos de suas pessoas. Como Roçalcão teue o seguro, mãdou lógo á terra firme suas molheres, & como as teue da outra banda, elle & Miliqueaye que era o segũdo capitão da fortaleza, desconfiados de lhe Afonso Dalboquerque guardar o seguro se passaram lógo da outra banda, não lhe lembrando a palaura que tinham dado aos Turcos, de se não sairem fora da fortaleza, sem primeiro os leuarem diante.

De

De como os nossos entraram a fortaleza, & quiseramsa-queara os Turcos, se lheo grãde Afonso Dalboquerque não valera, & o que passou com os arrenegados, & como se partio pera Goa. Capitulo. LI.

Omo a noua correo polo arrayal, q̃ Roçalcão & Miliqueaye eram passados da outra bãda da terra firme, com a cobiça de saquearem a fortaleza, vieramse os nossos de roldão, & entraram dentro nella, & começaram a roubar, & a tratar mal os Turcos, & muitos com medo se lançaram ao rio, & se afogaram. Vẽdo Afonso Dalboquerque este aluoroço, chegou á porta pera ter a gẽte q̃ não entrasse, até q̃ de todo fosse á fortaleza despejada dos Turcos, & depois de ali estar, foilhe forçado entrar dentro, & cõ assaz trabalho pode defender a nossa gẽte, q̃ os não matassẽ & roubassẽ, por lhe guardar o seguro q̃ lhe tinha dado, & porq̃ os mouros erã muitos, & não auia nenhũ remedio pera se passarem da outra bãda tam prestes, como Afonso Dalboquerq̃ queria, por acabar de os lançar todos fora, mãdou vir os bateis das naos, & algũas atalayas que ali tinha, & com isto se começou a despejar hum pouco mais a ribeira, & com tudo eram tantos os Persas, Turcos, & Coraçones, & da outra gente da terra, que estiueram dous dias em passar. Passados todos á outra banda da terra firme, ao outro dia pela menhaã chegou Içufularij capitão do Hidalcão, que vinha socorrer a Roçalcão com grãde força de gente & mantimentos: mas segundo Benestarij estaua rodeado por mar & por terra da nossa gente, não era posiuel poderẽno entrar, & Içufularij como vio a fortaleza tomada & sem nenhum remedio, tornouse cõ a gẽte que trazia pera suas terras muy agastado, dãdo muita culpa a Roçalcão, por deixar hũa fortaleza cõ tãta gẽte sem pelejar. E os Turcos vendose em saluo sem mais esperarẽ, forãse logo tres capitães cõ muita gẽte brãca pela terra dẽtro. Afonso Dalboq̃rq̃ como a fortaleza foy despejada mãdou recolher todos os caualos & artelharia que nella estaua, & mãdou repairar o derribado da fortaleza o milhor que pode, & fornecela de mais artelharia & munições de guerra, & hum capitão com gente pera a guardar, & acabado de prouer isto, mandou vir perante si Fernão Lopez & os outros arrenegados: os quaes vendose diante delle, receosos que lhe nã guardasse

o seguro que lhe tinha dado, lançaramse aos seus pés, & com muitas lagrimas lhe pediram misericordia. Afonso Dalboquerque como não auia de faltar de sua verdade, guardoulhe o seguro quanto á vida, como tinha prometido a Roçalcão, & mãdoulhe cortar a todos a mão direita, & o dedo polegar da ezquerda, & as orelhas & narizes, por memoria & espanto da treiçao & maldade que cometeram contra Deos & seu Rey. Este Fernão Lopez q̃ era o principal delles, se veyo pera Portugal depois da morte de Afonso Dalboquerque, & chegando á ilha de sancta Ilena, deixouse ficar nella com hum escrauo seu, & ali acabou seu dias, & foy o primeiro q̃ nesta ilha fez casa, & hũa ermida, prantou muitas aruores, & fez muita criação de porcos & de cabras, que foy grande refugio pera as nóssas naos, que ali chegam vindo da India. Afonso Dalboquerque depois de ter prouida a fortaleza de tudo o que lhe era necessario, veyo se pera a cidade com toda a gente, onde foram recebidos de todo o pouo com hũa grande procissam á porta da cidade, & dali se foram direitos á igreja dar graças a nósso Senhor, pela grãde vitoria que lhe dera de seus imigos, & passadas estas cerimonias todas, ordenou lógo hum hospital muito grãde com camas, & todo o mais necessario pera se curarem os feridos, que eram muitos, & mandou Garcia de Sousa com certos nauios, que andasse sobre a barra de Dabul, & não consentisse que nenhũa nao entrasse no porto, nem saisse, a fim de fazer a guerra ao Hidalcão, por todas as partes que podesse. Partido Garcia de Sousa, fez prestes muita cal, pedra, & cantaria, pera forteficar a fortaleza de Benestarij & repartir os passos da ilha, q̃ teuessem disso necessidade, & pos lhe nome o castelo de sam Pedro, pela nao que ali fora despedaçada diante delle, & deu cuidado a Manuel Fragoso do baluarte de Pangij, & da torre da ilha de Choram: & a Bastião Rodriguez caualeiro da casa delRey, & juz da balança q̃ ora he da moeda da cidade de Lisboa da torre de Diuarij, & por ser casado em Goa, deulhe a alcaidaria mór della em sua vida. E porque estes passos eram os principaes, & muito importantes pera segurança da passagẽ da terra firme pera a ilha, deu grande pressa a se acabarem: porque sua determinação era entrar o estreito do már roxo, & tomar Adem se podesse, do qual negócio nã tinha dado conta a ninguem, por se não saber de sua ida: & porque o tẽpo da mouçào era chegado, & tinha muitos negócios em que entender, primeiro q̃ se nelles embaraçasse, determinou de despachar os embaixadores dos Reis da India, que ali andauão, & porque Pero Mazcarenhas vendo o

negócio

negócio de Beneſtarij acabado, lhe pedio licença pera ſe tornar á ſua fortaleza de Cochim, elle polos deſejos que tinhá de o deixar por capitão em Goa, confiando muito de ſeu esforço & deſcrição, lhe pedio muito por merce que quiſeſſe ficar ali, pera dar ordem a ſe acabarem aquellas torres, pera as quaes tinha já todas as couſas neceſſarias, porque niſſo fazia mais ſeruiço a elRey, que eſtar em Cochim.

De como o grande Afonſo Dalboquerque mandou dom Garcia de Noronha ſeu ſobrinho com hũa armada ſobre Calicut, & como deſpachou os embaixadores que andauão em Goa, & o mais que paſſou. Cap. LII.

COmo o grande Afonſo Dalboquerque eſtaua muito deſcõtente do Çamorim, por lhe faltar de ſua palaura, ſobre as pazes q̃ por ſeus embaixadores lhe mãdara pedir, eſtando de caminho pera Malaca: ao qual negócio foy Simão Rangel, deſejando de ſe vingar delle. Acabado o feito de Beneſtarij, mandou dõ Garcia de Noronha ſeu ſobrinho, que foſſe ſobre Caliçut, & lhe fizeſſe todo o mao tratamẽto que podeſſe, & guardaſſe aquella coſta de maneira, q̃ della não ſaiſſe nenhũa nao com eſpeciaria pera Meca. Partido dom Garcia, porque auia dias q̃ em Goa andauã algũs embaixadores dos Reis da India entendeo lógo Afonſo Dalboquerque em ſeus deſpachos, & mandou ao ſecretario q̃ lhe trouxeſſe todos os papeis & cartas do Hidalcão, & depois de os ver, mandou chamar o ſeu embaixador & diſſelhe, que ſe o Hidalcão queria ter paz & amizade com elRey de Portugal ſeu ſenhor, que elle era diſſo muito contente, mas que os apontamentos que trazia, não eram conformes ao que lhe o Hidalcão tinha por muitas vezes eſcrito, & que pera ſe declarar eſte negócio com elle, determinaua de mandar hum embaixador em ſua companhia. O embaixador lhe reſpondeo, q̃ nos apontamentos não ouuera mudança nenhũa, & pois queria lá mandar ſeu meſſageiro, & auia de auer dilação no negócio, que lhe pedia muito por merce, em quanto ſe falaſſe no concerto da paz, mãdaſſe aos ſeus capitães que largaſſem o porto de Dabul, & deixaſſem vir as naos com mercadorias & mantimentos a elle. Afonſo Dalboquerq̃ deſejaua tãto de tomar algũa

concruſam com o Hidalcão,que mandou lógo recado a Garcia de Souſa,
que eſtaua ſobre Dabul,que largaſſe a nauegaçã do porto,não ſendo mer-
cadorias defeſas,& que ſe os mouros quiſeſſem ſeguros pera ſuas naos na-
uegarem,que lhos mãdaſſem pedir a Goa. Deſpachado eſte embaixador,
mãdou Afonſo Dalboqrq em ſua cõpanhia pera aſſentar paz, Diogo Fer-
nandez adail de Goa,& o filho de Gil Vicẽte por ſeu eſcriuão,& Ioão Na-
uarro por lingoa & ſeis encaualgaduras,& hum capitão da terra cõ vinte
piães,pera os ſeruirẽ polo caminho.Partido Diogo Fernandez,deſpachou
o embaixador do Rey de Cambaya, que auia dias que andaua em Goa, &
dilataualhe o ſeu deſpacho: porque como a armada que fazia era grande,
& muito apercebida de todas as couſas neceſſarias pera cometer qualquer
feito por grande que foſſe,ainda que não tiueſſe dado conta a ninguem do
caminho que queria fazer: arreceauaſe que preſumiſſem os mouros q̃ era
pera entrar o eſtreito do mar roxo,& que pela via de Cambaya & de Mi-
liquiaz que era muito aſtucioſo,ſe vieſſe a ſaber de ſua ida primeiro q̃ par
tiſſe,& Adem que elle determinaua de cometer ſe apercebeſſe: & pera
lhe fazer crer mais iſto,chegou neſte tempo outro meſſageiro do Rey de
Cambaya fora de propoſito,dizendo que vinha apreſſar mais o concerto
da paz,& a principal rezão por onde Afonſo Dalboquerque dilatou eſte
deſpacho foy porque deſejaua muito verſe com o Rey em peſſoa,& por ſer
já tarde,& podia perder a moução do eſtreito,& dom Garcia de Noronha
que auia de jr em ſua companhia,polos muitos negocios que tinham em
Cochim & Calicut, não podia vir a tempo que podeſſe fazer hũa couſa &
outra,deſpachou os embaixadores com determinação, que da volta do
eſtreito viria a Cambaya verſe com o Rey,ſe lhe o tempo deſſe lugar pera
iſſo. E depois de ter viſto os apontamentos & condições, com que elRey
dom Manuel mandaua que ſe fizeſſe a paz,determinou de mãdar em ſua
companhia Triſtão Dega por embaixador ao Rey, & Ioão Gomez por
ſeu eſcriuão,com hum preſente de couſas de Portugal & da India,& a in-
ſtrução que leuaua era pedirlhe fortaleza em Diu, onde a gente & fazẽda
delRey de Portugal eſtiueſſe ſegura:& q̃ os mercadores do ſeu reyno mã-
daſſem ſuas mercadorias a Goa,& não a outra parte,& que nella acharião
todas as que quiſeſſem,pera carregarem ſuas naos, & não recolheſſe ẽ ſua
terra Rumes,nem Turcos,que eram imigos capitaes dos Portugueſes,&
depois diſto,deſpachou hum meſſageiro de Meliqueaz,que o viera viſitar
da ſua chegada de Malaca,& antes que ſe partiſſe mandoulhe moſtrar os
alma-

almazés delRey, que naquelle tempo estauam cõ muita artelharia, muitas cubertas de caualo, & armas, & todas as mais cousas necessárias pera güer ra, & as estrebarias com muitos caualos, & mandou fazer alardo de todos os bésteiros & espingardeiros, que eram muitos: porque todo o homem casado & solteiro q̃ viuia em Goa, era obrigado a tér besta ou espingarda, asi pera defenção da cidade, como pera qualquer outro incidente que so breuiesse: & asi lhe mandou mostrar Benestarij que os Turcos tinham muito forte com baluartes, & o lugar por onde as nóssas naos o foram abal roar, & sem nenhum temor da muita artelharia que nelles tinham, lhõ tomáram por força. E quis Afonso Dalboquerque que o messageiro de Miliqueaz visse esta fortaleza, & o estrago q̃ nella fora feito: porque dissés-se a seu senhor, quã pouca confiança deuia de tér nos seus baluartes de Diu, se elRey de Portugal lhe mandasse que o tomasse, & com estes artefícios de que se elle sabia muito bem valer na paz & na guerra, em quãto gouer-nou a India, nunca se Miliquiaz ouue por muito seguro em Diu, ainda q̃ o sabia muito bem dissimular.

De como chegou a Goa hum embaixador do Rey Vengapor & como o grande Afonso Dalboquerque se vio com Roçolcão, & o que com elle passou. Capit. LIII.

PArtido Tristão Déga & os embaixadores do Rey de Cambaya em hũa nao de Miliqueaz, que viera a Goa carregada de mãtimentos, despachou o grãde Afonso Dalboquerque Gaspar Chanoca, pera jr a Narsinga, q̃ ao tẽpo de sua partida pera Malaca tinha lá mandado & tornou com reposta, & em sua companhia mãdou o Rey de Narsinga hum embaixador, com hum presente pera elRey dõ Manuel, & por não ser ainda vindo de Malaca se tornou, & por esta causa o tornou a mandar com o mesmo negócio ao Rey, dandolhe cõta do feito de Benestarij & antre outras cousas muitas que leuaua pera lhe dizer era, que pois todos os Reis da India tinham dado lugar em seus portos pera fa zer hũa casa forte, em que se agasalhasse a fazenda delRey de Portugal, & elle tanto desejaua sua amizade, que lhe deuia de dar Baticalá pera a fazer, & que quanto era os caualos que vinham a Goa, que elle queria que fossé

todos

todos a Narsinga, que era muito contente de lhos dar, antes que ao Hidalcáo: & posto que frey Luis lhe tinha escrito, que náo fizesse fundamento de sua mizade, nem confiasse em suas palauras, em quanto o Rey de Garçopa fosse viuo, quis Afonso Dalboquerque dissimular com elle: porque lhe tinha elRey dom Manuel mandado por muitas vezes, q̃ se trabalhasse por tér sua amizade por ser gentio. Dahi a tres dias chegou hum embaixador do Rey Végapor a visitalo da vinda de Malaca, & feito de Benestarij & trouxelhe de presente sessenta cubertas de cauallo com suas testeiras & colas, obra muito bem feita & acabada, com vinte & cinco celas com seus estribos & guarnições, & mandoulhe cometer por elle, que lhe largasse a gouernança das terras de Goa, & que por ellas lhe daria de renda hũa certa cousa, & lhe deixasse tirar trezentos caualos, de q̃ tinha necessidade. Afonso Dalboquerque despachou muito bem este embaixador, & mandoulhe dar por seu dinheiro os caualos que pedia, & muitas cousas pera o Rey em retorno do seu presente, fazendo delle sempre fundamento: porque alem de procurar a amizade delRey de Portugal, & offerecerce com sua pessoa & gente na guerra de Goa contra os Turcos: he o seu reyno estrada verdadeira & segura pera Narsinga, & muito abastado de mantimẽtos, & nelle se fazem cubertas, cellas, & tudo o mais necessario pera caualos, donde se Goa podia prouer de todas estas cousas, tendo dellas necessidade. Passado isto, Roçalcáo que se deixou ficar nas terras de Goa, da outra banda do rio depois do desbarato de Benestarij, mandou per muitas vezes dizer a Afonso Dalboquerque, que folgaria de se verem ambos, & que seria onde elle quisesse: & porque se escusaua disso, sabendo q̃ se fazia prestes pera jr pera fora, insistio mais em seu requerimento. Afonso Dalboquerque importunado delle, vendo que náo trazia nenhum perjuizo ao concerto das pazes que se tratauáo com o Hidalcáo, falarlhe, foise ver com elle no rio de Benestarij & o que passaram foram offerecimentos, que lhe Roçalcáo fez, & desejos de sua amizade, & do seruiço delRey de Portugal. Nesta pratica entendeo Afonso Dalboquerque craramente, que Roçalcáo se náo auia por muito seguro ali onde estaua, & que os mouros por lhe verem pouca gente, & fora da graça do Hidalcáo, queriam bolir com elle, & que por se valer do poder delRey de Portugal, arreceandose que o Hidalcáo viesse sobrelle, desejaua tanto sua amizade. Afonso Dalboquerque náo lhe aceitou seus offerecimẽtos, vsando com elle de palauras desapegadas: porque náo tiuesse de que lançar máo, até ver o assento que o Hidalcáo tomaua no

concer-

cõcerto das pazes, q̃ per seus embaixadores lhe tinha mandado cometer. Acabada esta pratica, perguntoulhe que nóuas tinha do Hidalcão, & elle lhe disse, que no seu arrayal auia grande diuisam, porque os Persas & Coraçones eram contra os Turcos & Rumes, por matarem Camalcão, hum capitão principal de sua casa, & gouernador de sua fazenda, que era Persio de nação. Passadas todas estas cousas & outras, despediose Afonso Dalboquerque, & foy se perá Goa, sem tomar nenhũa concrusam com elle.

Da chegada do embaixador do Prestes Ioão a Goa, & do recebimento que lhe fizeram, & como o grande Afonso Dalboquerque o mandou a Portugal, & o mais que passou. Capitulo. LIIII.

CHegado o grande Afonso Dalboquerque á cidade, achou nella Esteuão de Freitas, que vinha de Dabul com recado de Garcia de Sousa pera elle, em que lhe fazia a saber, que áquelle porto era chegado hũa nao de Zeila, na qual vinha hum embaixador do Prestes Ioão, Rey dos Abexins, pera elRey de Portugal, & que os gouernadores da terra o tinham reteudo, que lhe mandasse dizer o que faria: porque como lhe tinha mandado, que largasse a nauegação do porto, até ver outro recado seu, não ousara de bolir consigo. Afonso Dalboquerque folgou muito com esta noua, porque lhe tinha elRey dom Manuel per muitas vezes escrito, que se trabalhasse por saber do prestes Ioão, & dos homẽs que elRey dom Ioão, antes de seu falecimento lá tinha mandado por terra, & tornou lógo a mandar Esteuão de Freitas na fusta em que viera, com recado a Garcia de Sousa q̃ lho mãdasse: o qual como teue este recado, mãdou dizer aos gouernadores da terra, q̃ aquelle homem que tinham reteudo, vinha enuiado do Prestes Ioão pera elRey de Portugal, & que o capitão géral da India, sabendo que ali estaua, lhe escreuera que lho mandasse, que lhes pedia por merce lho entregassem pera lho mandar, & que nisso não ouuesse duuida. Os gouernadores posto que sua determinação era não no deixar passar sem recado do Hidalcão, a quem tinham mandado, receosos que Garcia de Sousa os tratasse mal mudaram o conselho, & entregaramlho, & como elle o teue consigo, despachou lógo Esteuão de Freitas que o leuasse, & deulhe mantimé-

timentos & tudo o mais que lhe pedio pera sua viagem, & chegado á barra de Goa, mandou Afonso Dalboquerque todos os fidalgos & capitães em bateis que o fossem receber: & porque este embaixador trazia hum pedaço do lenho da vera Cruz pera elRey dom Manuel, foise á ribeira esperalo com toda a clerisia, & gente da cidade com Cruzes em procissam, & dali leuaram o lenho debaixo de hum páleo á se, & depois de todos darem muitas graças a nósso Senhor, por lhe mostrar cousa tam desejada, como era abrirse caminho pera se poderem cõmunicar com o Prestes Ioão, mãdou Afonso Dalboquerque agasalhar o embaixador, & darlhe todo o necessario pera sua despesa, & de sua molher & hũa moça & moço Abexins, que trazia consigo. Este embaixador se chamaua Mateus era aluo, & de boa presença, & dizia ser jrmão do Patriarcha dos Abexins. E posto que os nóssos duuidassem, ser enuiado polo Prestes Ioão dizendo ser mouro, espia do gram Soldão, elle falaua nas cousas da fé, como homem criado antre Christãos. Espantamento duuidaré os nóssos, ser este homé verdadeiro embaixador do Prestes Ioão, & canonizaremno por mouro: porque não era tam pequena a fama do nome & poder, q̃ elRey dom Manuel naquellas partes tinha, & da continua guerra que fazia aos mouros, que hum Rey tam Christianissimo, tam desejoso de se cõmunicar cõ os Christãos, estãdo vinte dias de nauegação da India, não se trabalhásse por saber, que gẽte & que Christãos eram, pois tinha na sua terra Portugueses que elRey dom Ioão o segundo lá tinha mandado, & tendo Ierusalé tam vezinho, onde os seus naturaes continuamente hião visitar o sancto sepulchro, duuidarem que o guardião de sam Francisco de monte Sião, lhe mãdasse hum pedaço do lenho da vera Cruz. Sam isto obras de satanás, que sempre tira ali, onde vé que póde mais danar.

¶Passados dous dias, mandou Afonso Dalboquerque vir perãte si o embaixador, & sendo presentes Pero Dalpoem secretario, & Alexandre de Ataide lingoa, lhe perguntou o caminho que fizera, & como o mandara o Prestes Ioão asi, sem vir em sua companhia algum Portugues, dos que lá estauão, & q̃ recado trazia pera elRey de Portugal. O embaixador disse, que sua vinda fora por Zeila, & que áquella ora que o Prestes Ioão o chamara pera o mandar, lhe descobrira sua vinda, sem dar conta a ninguem, & lhe dera aquellas cartas pera elRey de Portugal, não lhe dizendo outra cousa, senão que se viesse á India, & pedisse ao seu capitão géral embarcação pera Portugal, & que se não partira com esta disimulação, & na corte

do prestes Ioão se soubéra, que elle vinha com recado a elRey de Portugal em nenhũa maneira podéra passar por terra de mouros, sem muito perigo. O recado que trazia era, que o prestes Ioão seu senhor, mandaua cometer casamento de seus filhos com os delRey de Portugal a troco, & offerecerlhe gẽte & mantimẽtos, pera distruirem a casa de Meca, & o gram Soldão do Cairo, & que tudo isto lhe mandaria pór em hum porto da sua terra, qual elle quisesse: & que o lenho da vera Cruz que trazia lhe mandara o guardião de Ierusalem, com o qual tinha muita amizade: & q̃ tudo aquillo que lhe dizia, podia ver pelas cartas ser verdade. Afonso Daboquerque lhe disse, que elle não costumaua abrir as cartas que vinham pera elRey seu senhor, nem fazer experiencia nos embaixadores que pera elle hiam, que elle o despacharia lógo pera se jr nas naos que estauam pera partir. E porque este lenho da vera Cruz, fosse com mais autoridade, & veneração diante delRey, mandoulhe Afonso Dalboquerque fazer hũa caixa de ouro em que veyo: & porque estaua já muito a pique com sua ida pera o estreito, mandou o embaixador a Iorge de Melo Pereira, capitão de Cananor, q̃ o embarcasse na nao de Bernaldim Freire, ou de Frácisco Pereira qual lhe milhor parecesse, & q̃ lhe desse todos os mantimentos q̃ lhe fossem necessarios pera sua viagem, & porque em Cananor o capitam & todos tiueram este embaixador por truã, & espia do gram Soldão, tanto q̃ se Bernaldim Freire partio, em cuja nao hia, foy muito mal tratado delle, & em Moçambique onde inuernou o prendeo em ferros, por conselho de Francisco Pereira, & fizeram outras cousas (cuidando que nisso danauão a Afonso Dalboquerque) q̃ não digo, porq̃ sam mortos. E chegados a este reyno, posto q̃ Bernaldim Freire por enxugar o q̃ tinha feito, dissesse grãdas males do embaixador, cõ tudo elRey dom Manuel pelas cartas q̃ lhe Afonso Dalboquerque escreueo, o recebeo muito bẽ, tendo o sempre em credito de embaixador, & depois de se aqueixar a elRey do q̃ lhe Bernaldim Freire & Frácisco Pereira fizerã, mãdou os prẽder no castelo de Lisboa & ali estiuerã até q̃ se o embaixador partio pera a India muito bem despachado, & cõ elle mandou elRey dõ Manuel dõ Rodrigo de Lima por embaixador ao Prestes Ioão, & Diogo Lopez de Sequeira sendo gouernador da India, entrãdo o estreito cõ hũa armada os leuou cõsigo, & chegando a Maçuá, morreo o Mateus, & dõ Rodrigo foy cõ sua embaixada, do qual não dou rezão por não ser em tẽpo de Afonso Dalboquerq̃, & nestas mesmas naos q̃ vieram aquelle anno a Portugal, veyo hum embaixador do Rey de Ormuz, do qual farey menção em seu lugar.

Da chegada de dom Garcia de Noronha a Cochim, & de como depois de ter dado ordem aos nauios q̃ se auião de concertar, & despachar as naos que aquelle anno auiã de vir pera Portugal cõ carga, se partio pera Calicut cõ toda sua armada, & o que lá passou. Cap. LV.

CHegado dom Garcia de Noronha a Cochim, depois de dar ordem ás naos da carga, que aquelle anno auiã de vir pera Portugal, & concertar as que leuaua consigo, partiose pera Calicut com toda sua armada, & chegando defronte do porto da cidade, mandoulhe dizer o principe jrmão do Çamorim (que era nósso amigo) que seu jrmão desejaua de ter pazes com elRey de Portugal, & que era contente de lhe dar lugar em Calicut, pera fazer hũa fortaleza, & lhe pagaria tributo. Dom Garcia pelas dilações & enganos em que andárão com Simão Rangel, não lhe quis nunca responder a proposito, & foy cõtinuando a guerra, & guardou a costa de maneira, que não sahio nhũa nao daquellas que estauão carregadas pera partirem pera o estreito, & ali andou todo o mes de Ianeiro, até que lhe Afonso Dalboquerque escreueo que larguasse a cósta, & se viesse, descobrindolhe secretamente, como sua determinação era entrar o estreito do már roxo, & que lá seria mais certo tomarem as naos com toda sua fazenda, que em Calicut. Dom Garcia como teue este recado de seu tio, deixou a costa, & foy se a Cochim, & fez prestes todos os nauios, que já estauam concertados, & partiose com elles, & chegou a Goa a dez de Feuereiro, & deu conta a Afonso Dalboquerque de tudo o que tinha passado com o Çamorim, & que estando pera se partir, lhe escreuera o Principe de Calicut hũa carta, em que lhe dizia que o Çamorim estaua arrependido, de não tér feito pazes com elle, & que lhe queria dar o lugar que pedia pera fazer fortaleza, & que se até ali lho não déra fora: porque os mouros estantes do Cairo lho estrouaram, & que não tornara a este negócio, por lhe tér mandado que se viesse. Afonso Dalboquerque com este recado deteuese em Goa quatro ou cinco dias, & despachou Francisco Nogueira, que elRey dom Manuel mandaua que fazendose fortaleza em Calicut, ficasse por capitão della: & Gonçalo Mendez q̃ auia de ser feitor, pera ambos jrem acabar este negócio, polos desejos que

tinha de meter hum pé em Calicut, & mandoulhes que não tomassem lugar pera fazer fortaleza, senão de dentro do arrecife defronte do seu cerame, no pouso das naos, & deulhe cartas pera os capitães & officiaes de Cochim & Cananor lhe darem tudo o que lhe fosse necessário pera a obra. Despedido Francisco Nogueira de Afonso Dalboquerq̃, foyse a Cochim fazer prestes, & deu as cartas que leuaua ao capitam & officiaes delRey, & dali partio pera Calicut, pera entender no fazer da fortaleza, como lhe Afonso Dalboquerque tinha mandado, & como o Çamorim soube q̃ elle era partido de Goa, & que na cósta não auia armada que tolhesse partirem dez naos, q̃ estauam carregadas de piméta pera o estreito, dissimulou com Francisco Nogueira, & foylhe dilatando o negócio com palauras de cõprimentos, o qual vendose enganado do Çamorim tornouse pera Goa, & ali esteue esperando a vinda de Afonso Dalboquerque, & depois de ser partido, partiram as naos que estauão carregadas, & sendo no golfam de Çacotorá pera o cabo de Guardafum, foy tamanha a tormenta que deu nellas, que hũas se perderam, & outras arribaram, & foram se meter por esses portos de Cambaya até Dabul, & vindo Afonso Dalboquerque do estreito correndo aquella cósta tomou as todas, & trouxeas consigo a Goa & com a perda dellas ficaram os mercadores mouros de Calicut de todo perdidos.

Como o grande Afonso Dalboquerque deu conta aos capitães & officiaes delRey, da carta q̃ lhe escreuera sobre largar Goa ao Hidalcão, & o que se sobre isso assentou. Capit. LVI.

PAssadas estas cousas, mandou o grande Afonso Dalboquerque chamar todos os capitães, & algũs fidalgos desses mais antiguos da India, & os officiaes delRey, & a cada hũ per si com juramento dos sanctos Euangelhos, que não dessem conta a ninguem do que lhe queria dizer, lhes disse que auia dias que elRey dom Manuel lhe escreuera hũa carta, em q̃ lhe mandaua que praticasse com elles, se era seu seruiço soster Goa ou não: & polos negócios o trazerem todo aquelle tempo muito ocupado, lhe não dera conta disso, nem de hũs apontamentos que lhe mandara: os quaes lhe parecia serem feitos por Gaspar Pereira, Louréço Moreno, Antonio Real, & Diogo Pereira: porque auia muito que tinha entendido nelles que

porque lhe não contentaua a guerra andauam nestes manipodios & conjurações, & porque lhe parecera cousa muito perjudicial ao estado & credito delRey, tér conselho pùbrico sobre este negócio, o quisera fazer de maneira que menos perjuizo trouxesse ao seu seruiço, & que por isso lhes pedia por merce, que vissem os apontamentos (que lógo lhe mandou dar) & que escreuessem a sua Alteza o que lhe deste negócio parecia, pera lhe mandar a reposta: nas naos que estauam pera partir pera Portugal.

Carta do grande Afonso Dalboquerque, pera elRey de Portugal sobre este negòcio.

SEnhor, eu tomey Goa, porque vóssa Alteza mo mandou, & o Marichal o trazia em sua instrução, & tambem o fiz por ser cabeça principal da liga que estaua feita, pera nos botarem fora da India: & se a armada que os Turcos tinham feito no rio de Goa (com muita gente, artelharia, & armas, que pera este negócio tinham) fora a vante, & neste tempo viera a dos Rumes porque esperauam, não duuidara perderse tudo: & ainda que viera hũa de Portugal por grande que fosse, não lhe ouueram de deixar tomar assento na terra: & ella desbaratada, tudo o mais era leuado nas mãos sem trabalho, & como se tomou Goa, ella só obrou mais no credito de vóssa Alteza, q̃ todas as armadas que de quinze annos a esta parte sam vindas à India: & se vóssa Alteza, polo parecerecer dos q̃ lhe isto escreuerá faz fundamento de segurar seu estado nestas partes, com as fortalezas de Cochim & Cananor, não póde ser? porque sendo contrariadas por már, não tem mais força, q̃ em quanto os Reis da terra quiserem: porque se hũ homem nósso toma qualquer cousa por força a hum negro, lógo a ponte leuadiça he aleuantada, & as portas da fortaleza fechadas: & faz isto não ser vóssa Alteza senhor da terra como he de Goa: porque o agrauo que se faz a mouros ou Portugueses, não chega mais longe que até o capitão da fortaleza. Vóssa he a justiça, vósso he o baraço & o cutelo, & em mão do vósso capitão géral está o castigo, & diante delle se remedea o agrauo de cada hũ, & se agora ha algũ melhoramẽto na obediẽcia da gẽte da terra, visto está q̃ a tomada de Goa o fez, q̃ tẽ a India a direito: & ser ella tãtas vezes contrariada dos Turcos, como os que escreueram a vóssa Alteza dizem, & tam bẽ defendida dos Portugueses, deu ainda mayor credito pera as cousas destas partes irem por diante, & pos em tamanha desesperação os compa-

companheiros da sua liga, que o Rey de Cambaya, sendo hum tam grãde principe como he, me mandou lógo seus embaixadores, & todos os caualeiros & fidalgos que se perderam cõ dom Afonso de Noronha meu sobrinho, vindo de Çacotorá, sem lhos eu mandar pedir, & offereceome fortaleza em Diu: cousa tam grãde q̃ ainda agora o não posso crer, & sou importuado do Çamorim de Calicut, que me quer dar lugar pera fazer fortaleza em sua terra, & q̃ vos pagará tributo cada anno. Tudo isto faz Goa, sem eu a nenhum destes fazer a guerra. E por sem duuida tenho, q̃ fazendose fortaleza em Diu, & Calicut (como espero em nosso Senhor) que depois dellas bem forteficadas, se na India entrarem mil naos do Soldam, que nenhũa dellas torne a seu poder. E se os do vósso conselho entendessem as cousas da India tambem como eu, entenderiam que não póde vóssa Alteza senhorear hũa cousa tamanha como he a India, com pór todo seu poder & forças no már (cousa tam duuidosa, & de tantos inconuenientes) & isto he o que os mouros destas partes querem, & não fortalezas porq̃ sabem que não póde durar, & querem viuer em seus estados & mãdos, & leuarem as especiarias a suas escapolas antiguas q̃ tem, & não querẽ ser sogeitos a vóssa Alteza, nem querem vóssos tratos nẽ vóssa amizade: & se elles isto não querem? como hão de folgar de nos ver tomar assento nesta cidade de Goa, & fazela muito forte, & ser vóssa Alteza senhor de hum porto & barra tam principal como este he, que não trabalhem com todas suas forças por nos defenderem que o nã façamos? E se aos que isto escreuẽ a vóssa alteza parece aspera cousa ser Goa tãtas vezes contrariada: como póde ser tomarse a terra a hũ tã grãde Rey como he o Hidalcão, & señor de tãta gẽte, q̃ se não trabalhe pela tornar a tomar, & nos quebrar a cabeça se podér? & como vier hũ capitam seu sobre esta cidade lógo lha auemos de deixar sem primeiro prouar nóssas forças cõ as suas? Se isto assi ha de ser, deixe vóssa Alteza a India aos mouros, & nã na queira soster cõ gastos & despesas tã desordenadas no már, em naos de cortiça a quatro bõbas. Pois os gastos desordenados, q̃ estes homẽs ociosos escreuẽ a V. A. que Goa faz, as escumas da India sam tã grãdes, q̃ sendo bẽ grãgeadas por vóssos officiaes, bastã pera soster muita parte das despezas q̃ se nella fazẽ. E se vos dizem que pela eu ganhar aos Turcos a quero soster, tenha vóssa Alteza por certo, que se eu fora Portugues da condição destes, mandandoma derribar, q̃ eu auia de ser o primeiro q̃ lhe posesse o picam, & o barril da poluora debaixo da torre da menagem, por tal que este jogo da India

 se tor-

ſe tornaſſe á baralha: mas em meu tempo, em quanto eu ouuer de dár cõta com entrega a vóſſa Alteza das couſas da India, não ſe ha ella de derribar! porque não quero que meus imigos ſe gloriem, vendo algum grande reues neſte eſtado, & ſoſtela ey á minha cuſta, até vir outro gouernador como elles deſejam. E ſe iſto que digo não lograr o eſtamago a algũs duuidoſos neſte feito de Goa, ſaiba vóſſa Alteza que ainda tem homem que a gouerna: & aſsi velho & fraco como ſou, aceitarey eſta conquiſta, deixãdome vóſſa Alteza dar as terras dos mouros, aos caualeiros & fidalgos q̃ mas ajudarem a ganhar: & não me tome cada anno conta do que faço como a Almoxarife, por informação de quatro homẽs mal acoſtumados, q̃ ficam em ſeus pagodes: & trateme com muita honra, & merce, q̃ eu folgarey de acabar neſta empreſa, & gaſtar eſſa miſeria que tenho nella: & por fim de tudo iſto digo, que ſe vóſſa Alteza agora ou em qualquer tẽpo que for deixar Goa aos Turcos, que nóſſo Senhor quer que as couſas da India ſe acabem, & de mim crea vóſſa Alteza, que em quanto a gouernar ainda que me dé muito trabalho, não vos ey de mandar lugares pintados, ſenão reynos tomados por força a ſeus donos, & forteficados de maneira, que dem rezão de ſi em todo o tempo. Iſto he o que me parece deſte negócio de Goa, que me vóſſa Alteza mandou que praticaſſe com os ſeus capitães & officiaes.

Apontamentos que el Rey mandou a Afonſo Dalboquerque ſobre Goa.

¶ Que Goa era muito doétia, & que ſe faziam nella gaſtos deſneceſſarios que não aproueitauam pera mais que darem trabalho á gente.

¶ Que nella auia de auer ſempre continua guerra, porque o Hidalcão era tam poderoſo, que ſe auia de trabalhar muito pela tornar a ganhar, por ſer cabeça princiqual do ſeu eſtado.

¶ Que as rendas da terra firme, de que Afonſo Dalboquerque fazia grãdes fundamentos, não era poſsiuel podelas auer, ſenão com tér nellas muita gente com grandes deſpeſas, pera arrecadação das rendas: porque o meſmo Hidalcão as não podia arrecadar, ſem tér ali muita gente de guerra.

¶ Que o Hidalcão deixandolhe Goa, folgaria de fazer qualquer partido & ficar tributario de ſua Alteza.

¶ Depois

¶ Depois de todos verem eſtes apontamentos, eſcreueram a elRey, que ſe eſpantauam de ſua Alteza querer deixar hũa couſa tam cõmoda & importante a ſeu ſeruiço como era Goa, & que tanto ſangue de Portugueſes tinha cuſtado, por conſelho de homẽs que nunca veſtiram armas, pera exprimentarem os trabalhos dellas. Como elRey vio a carta de Afonſo Dalboquerque, & o parecer dos capitães, eſcreueolhe que fizeſſe muito fundamento de Goa, & grandes agardecimentos do modo que tiuera em tratar eſte negócio. Lançados os Turcos fora de Beneſtarij, ficou Goa mais deſaſſombrada, & começou a tomar aſſento, & os que eſcreueram a elRey que ſe derribaſſe muito enuergonhados de lho tér eſcrito. E por iſto dizia Afonſo Dalboquerque muitas vezes, que mais merce merecia a elRey dom Manuel por lhe defender Goa dos Portugueſes, que pela tomar duas vezes aos Turcos.

Fim da terceira parte.

QVARTA PARTE
DOS COMENTARIOS DO GRANDE
Afonso Dalboquerque, na qual se conté como entrou o estreito do mar roxo, & o q̃ passou depois de sua tornada à India, & o que fez na segunda tomada do reyno de Ormuz, & como faleceo, & cujo filho foy.

Como o grande Afonso Dalboquerque depois de tèr sua armada prestes, teue conselho com os seus capitães & pilotos sobre sua viagem, & como se assentou que entrasse o estreito do mar roxo, & o que passou no caminho a tè chegar a Adem. Capit. I.

DEPOIS de o grande Afonso Dalboquerque ter tomado assento com os capitães & fidalgos da India, sobre as cousas de Goa, & escreuer a elRey dom Manuel seu parecer naquella materia, mandou Iorge Dalboquerque por capitão a Cochim: porque Pero Mazcarenhas que o era, auia de ficar em Goa por capitão (como tenho dito) & depois de tér isto ordenado, foyse embarcar a sete de Feuereiro, do anno de treze, & mandou aos capitães & gente que se recolhessem ás naos, que poderiam ser por todos mil & sete centos Portugueses, & oito centos Malabares, & Canarins. E depois de serem todos embarcados, estando já toda a armada fora da barra de Goa, antes de se fazerem à vela, mandou chamar todos os capitães, que eram dom Garcia de Noronha, Pero Dalboquerque, Lopo Vaz de Sampayo, Garcia de Sousa, dom Ioão de Sá, Iorge da Sylueira, dom Ioão de Lima, Manuel de Lacerda, Diogo Fernandez de Béja capitão da não de Afonso Dalboquerque, Simão Dandrade, Aires da Sylua, Duarte de Mélo, Gonçalo Pereira, Fernão Gomez de Lemos, Pero de Afonseca de Castro, Rui Galuão, Ieronymo de Sousa, Simão velho, Antonio Raposo, & Ioão Gomez capitão da carauela, & depois de juntos lhes disse, q̃ elRey dom Manuel seu senhor, em todas as cartas que lhe escreuia, lhe encomendaua muito q̃ se trabalhasse por tomar Adem, & entrar o estreito do már roxo,

& que agora pelas que lhe dom Garcia seu sobrinho (que ali estaua) trouxera, apertara mais este negócio, & que por algũs justos respeitos que tiuera, lhe não dera conta de sua determinação, & tambem porque as cousas assentadas & determinadas por sua Alteza, não auia de pór em conselho se as faria, saluo auendo tantas contradições nellas, que fosse forçado tomar outra determinação, q̃ lhes pedia por merce q̃ se naquelle negócio ouuesse algũas, por onde não fosse seu seruiço fazer aquella jornada, lho dissessem: & depois de muitas praticas passadas, assentaram todos q̃ deuia entrar o estreito do már roxo, pois os negócios da India lhe dauão lugar pera o poder fazer. Acabado este conselho, foramse todos pera suas naos, & ao outro dia pela menhaã, mãdou Afonso Dalboquerque atirar hũ tiro (sinal pera se fazerem á vella) & todos leuáram suas ancoras, & com vẽto largo de boa viagem, fizerão seu caminho direito ao cabo de Guardafum, & naquelle golfam acharam os ventos tam bonançosos, q̃ gastaram mais dias do que parecia que se podiam deter naquelle caminho, que foy causa de lhe faltar ágoa: & porque no cabo de Guardafum não auia ágoada pera tantas naos, & detendose algũs dias pera a tomar, podiam os mouros de Adem ser auisados de sua ida, mandou Afonso Dalboquerque arribar toda a armada pera Çacotorá, & foram sorgir no porto do Çoco, onde sohia estar a nóssa fortaleza, & no lugar aueria já cincoenta Fartaquis, que a começauão a concertar, & por não terem ainda nhum modo de defensam, como viram a armada fogiram todos pera a serra contra Cálaceá, que he hum porto que está da outra banda da ilha. Os Christãos da terra vieram falar a Afonso Dalboquerque, & elle lhes mãdou dar algũs pános & arroz & derribar todas as casas dos mouros, & pór lhe fogo a tudo o que ali tinham. Feito isto mandou a toda a armada que tomassem ágoa, & á Ioão Gomez que fosse na sua carauela correr toda a ilha até o porto de Calaceá temendose que estiuesse ali algum barco dos Fartaquis, ou algũa nao de mouros, tomando ágoa, & passando da outra bãda de Fartaque & Dofar, désse nóuas de sua ida. Ioão Gomez correo toda a ilha, & foy tér ao porto sem achar nenhum barco nem nao, & dali se tornou, & por os ventos serem leuantes, contrairos pera tornar ao porto do Çocó, onde a nóssa armada ficara, foilhe forçado andar de hũa volta na outra, & indo na dó már topou hũa nao que hia pera o estreito & tomou a, & trouxea cõsigo, & por ser de Chaul com quem tinha pazes, & não leuaua especearia, posto que não leuasse seguro, não lhe quis Afonso Dalboquerque tomar nada, & le-

uou a

uou a consigo pera se valer do seu piloto naquella jornada: porque não leuaua nenhum que soubesse aquella costa. Chegado Ioão Gomez tendo já toda a armada tomado ágoa, antes que se partisse praticou Afonso Dalboquerq̃ com todos os capitães fidalgos & caualeiros da armáda, a maneira que teriam no cometer a cidade de Adem, & nesta pratica ouue diuersos pareceres: porque os mais disseram que chegando a ella, primeiro que a cometessem, deuiam de tér fala dos mouros, se queriam estar á obediencia & seruiço delRey de Portugal. Outros disseram, que sem tér mais praticas com elles se deuia de cometer a cidade. Afonso Dalboquerque foy deste parecer & disse, que as cousas grandes, & que tam prestes tinha o socorro como Adem, não compria chegando a ella tér conselho do q̃ auiam de fazer, senão boa determinação pera a cometerem: porq̃ querendo tratár de concerto com elles, era dilatarlhe o tempo pera se aparelharem milhor do que estauam, & virlhe socorro de outra parte, se delle tiuesse necessidade, & deixando os aperceber, conuinha entam auentutar tudo, & pór lhe as mãos: que seu parecer era chegando a Adem, sem mais tér pratica com os mouros (não socedendo cousa que lho estoruasse) a cometessem lógo: porque o bom conselho éra atalhar casos que podiam acontecer, & não no perigo buscar o remedio: porq̃ os mouros daquella terra, não dauã pareas com moralidades, senão com muito sangue feito nelles: & em este parecer assentaram todos.

Como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Çacotora, & chegou a Adem, & a causa porque não deu logo nella, como estaua assentado, & o mais que passou. Capit. II.

Cabada esta pratica, mãdou o grãde Afonso Dalboquerque fazer toda a armada á vella direito á Adem, & porque o vento começou a escacear, foram todos á orça quanto poderam, pera afferrar a terra do cabo de Guardafum, que lhe ficaua á balrauento: porque dali com todos os ventos eram senhores da boca do estreito, & com quanto se mudauam de hum rumo pera o outro, todauia tomaram a terra por sota vento de Abedalcuria, & tomando ali a costa na

mão foram sempre ao longo della, com determinação de atrauessarem de Mete a Adem, & porque as ágoas corriam contra vento, & o már era grosso, teue a nóssa armada muito trabalho, por espaço de tres dias, de maneira que se perderam todos os catures que leuauam pos popa das naos, pera se delles aproueitarem détro no estreito: & fazẽdose os pilotos dez légoas de Mete, determináram de atrauessar a Adem: & porque escorrẽdo o porto não podiam tornar a elle com os leuantes, mandaram fazer o caminho de noroeste, pera ficarem sempre abalrauento, & por este rumo cortáram todo aqualle dia & noite com pouca vella, & foram amanhecer entre Canacani, & hũa serra que se chama Arzina, & aquelle dia fizeram seu caminho ao longo da costa, & como foy noite por não passarẽ o porto de Adẽ, mandou Afonso Dalboquerque fazer sinal de pairo a toda a armada, & estiueram ási todas as naos de már em traues até pela menhaá, que se fizeram á vella, & ao sol posto ouueram vista de Adem: & por não saberem a terra, & ser a armada grande, & podiam as naos ao sorgir dar hũas pelas outras, pareceo a todos bem não jrem de noite demandar o porto, & amainaram com fundamento de pairarem aquella noite: & estando nesta determinação, veyo Pero Dalboquerque no seu batel á nao de Afonso Dalboquerque, & disselhe como achara fundo em trinta & cinco braças. Elle cõm isto que Pero Dalboquerque lhe disse, mandou fazer sinal ás naos q̃ se leuassem, & com os traquetes & prumos nas mãos, foram cortando por aq̃lle parcel, a té tocar o prumo em quatorze braças, muito perto do porto de Adem. Os mouros como já tinham visto a nossa armada de hũa serra muito alta, q̃ descóbre todo aquelle már, fizeramlhe fógos de hũa póta da terra, que está contra o estreito passando Adem, cuidando que os nóssos iriam demandar o fogo: porque achandose daquella banda, não podiam tornar a tomar o porto com os leuantes. Afonso Dalboquerque como era cauteloso, temendose do que podia ser, mandou sorgir toda a armada, & esteue surto toda aquella noite, & ao outro dia pela menhaá que era sesta feira de Endoenças, deram todos á vella, & foram sorgir no porto de leuãte, & porque nelle estauam muitas naos de mouros, que o tinham todo ocupado, ficaram as nóssas hum pouco de fora. A nóssa gente como hia já toda armada, & aparelhada pera sair em terra, polo que estaua assentado, quiseram lógo desembarcar & cometer a cidade. E posto que Afonso Dalboquerque desejou muito de lhes fazer a vontade: por ser sesta feira de endoenças, dia da paixão de nósso Senhor Iesu Christo, de que era muito

deuoto,

deuoto, & em que tinha toda ſua eſperança, vendo que a neceſsidade lhe mudaua o conſelho quis ſegurar a armada, & deſembaraçar as naos hũas das outras, & amarralas muito bem, por tal que vindo algũ leuante muito rijo, não ſe fizeſſe algũ mao recado: & foy aſsi, que depois de eſtaré ſurtos, ventou o leuãte tam rijo, que foy neceſſario a algũas naos ſorgirem tres & quatro amarras. Paſſada a eſtrupada do vento, mandou Mira Merjão gouernador da cidade dizer a Afonſo Dalboquerque por hum mouro de Cananor, que eſtaua em Adem, que era o que queria, & que vinha buſcar cõ aquella armada. Elle lhe mandou dizer que era capitão géral por elRey dom Manuel, Rey de Portugal & ſenhor das Indias, q̃ hia a Iudá em buſca dos Rumes, & não nos achando ali determinaua de jr a Suez, a ver ſe era verdade q̃ ouſaua o Soldão do Cairo de fazer armada contra o poder delRey ſeu ſenhor. O mouro tornou a terra cõ eſta repoſta, & Mira Merjão o tornou lógo a mãdar com hum preſente de galinhas, carneiros, limões, & laranjas, & por elle lhe mandou dizer que aquella cidade era delRey de Portugal, & tudo o que lhe compriſſe della & mandaſſe ſe faria. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que ſeu coſtume era não tomar preſentes de ſeñores cõ quem não tinha paz aſſentada, q̃ olhaſſe o q̃ lhe dizia, porq̃ com aquella condição lho tomaua, & que diſſeſſe a Mira Merjão, que pois elle queria eſtar á obediẽcia delRey ſeu ſenhor, q̃ mandaſſe abrir as portas da cidade, & recebeſſe ſua bandeira & gente dẽtro nella, & que diſſeſſe aos mouros mercadores que ali tinhão naos, que elle lhe daua ſeguro, que ſe vieſſem pera ellas. E fez Afonſo Dalboquerque iſto a fim de os tirar fora da cidade, por tér menos imigos contra ſi. Como Mira Merjão vio por eſte recado de Afonſo Dalboquerque, que queria mais obras que palauras mandoulhe dizer por dous mouros principaes da cidade, q̃ elle era criado do Xeque ſenhor de toda aquella terra, & que não tinha licença ſua pera o poder deixar entrar dentro na cidade, & ſe algũa couſa delle quiſeſſe, que elle lhe viria falar á ribeira com vinte homẽs, & que leuaſſe elle outros tãtos. Afonſo Dalboquerque lhe reſpondeo, que era eſcuſado verem ſe ambos em outro lugar, ſenão dentro na cidade. Os dous mouros ſe foram com eſta repoſtá, & não tornaram mais, nem os mercadores quiſeram vir ſegurar ſuas naos, & ſobre iſto não ouue máis praticas nem conſelho, & porque pela falta dos catures que ſe perderam no caminho, & não auia em que deſembarcaſſe a gente tam preſtes como era neceſſario, mãdou Afonſo Dalboquerque recolher hũas barcaças grandes, que demandauão pouco fun-

co fundo, que os mouros ali tinhão pera carga & descarega das naos, pera ao outro dia ante menhaã, que era vespera de Pascoa cometerem a cidade.

Do sitio da cidade de Adem.

ADem he hũa cidade assentada na costa de Arabia, em doze graos & meo de altura da banda do norte. A sua cerca será mayor que a da cidade de Euora, mas a pouoação não he tamanha. Tem casas muito fermosas & muito altas, todas de pedra & cal. Está situada ao pé de hũa serra muito alta, & pela comiada della tem muitos castelos & torres, que parece cousa feita mais pera fermosura, que proueitosa pera defender. A cidade está na boca & nauegação do estreito, & por junto della passam as naos, que partem da India pera o estreito no mes de Nouẽbro, Dezembro, Ianeiro, Feuereiro, & as que partem no mes de Março, afferrá a costa do cabo de Guardafum, & vam sempre á vista da terra de Barbora & Zeila, & não ham vista de Adem: porque naquelle tempo começam já a ventar os ponentes. Esta cidade he mais forte da banda da terra firme que do már: tem algũs lugares por onde se pode entrar: desta serra que está sobrella, vem hũ muro talhado a pique até o már entestar no muro da cidade, que será tam comprido como em Lisboa da porta do ouro ás portas da ribeira: & este muro está sobre o porto que os mouros chamão Focate, que he o pouso onde as naos todas vem sorgir, & ali estam duas torres com hum baluarte, em que os mouros tinham artelharia & hum trabuco. Neste porto está hũa ilha pequena de pedra viua, sem auer erua verde nella, desapegada da cidade, a q̃ os mouros chamão Cira, a qual tem hum molde de muro, que atrauessa o porto, & abriga ali as naos do leuante (que quando vem he tam forçoso que passam muito trabalho) & no cabo deste molde tem hũa torre & hum baluarte muito fortes. Quando Afonso Dalboquerque por aqui tornou da vinda do estreito, achou esta ilha cercada de muro, & muitas torres feitas nella, q̃ Mira Merjão mandou fazer com medo de a os nóssos tomarẽ, & se fazerem fortes nella quando por ali tornassem, o que lhe aproueitou pouco (como a diante se dirá.) Nesta ilha nem na cidade não ha ágoa, senão a q̃ lhe vem de carreto, & passamse lógo dous tres annos q̃ não choue. Nas costas da cidade detras desta serra, está outro porto q̃ se chama Vjufu, abrigado de todos os ventos, té fundo em que pódem ancorar naos muito

grãdes

grandes,& aqui entra hum esteiro muito estreito, que de baixa már tem pouca ágoa, no qual está hũa ponte que os moradores da cidade antiguamente fizeram, por ser por ali mais perto caminho de Zebir pera Adem, onde o Rey o mais do tempo está, & ao longo deste caminho vem hũ cano de ágoa, que passa pela ilharga da ponte, & vay cair em hum tanque grãde de pedraria, que está hũa légoa da cidade, & ali vem os camelos por ella. A ágoa que sae por debaixo dos arcos, estendese por hum campo a baixo em lagoas, & se os moradores desta cidade não tiueram esta ponte, não podéram em hum dia rodear tantas quantas ha estendidas por aquelles campos, & alem desta seruentia da ponte, tem hũa estrada larga que vẽ do sertão tér a hũa porta que está na serra, com duas torres muito fortes, & por ali se seruiam os camelos esses dias que a nossa armada esteue no porto porque das naos & dos bateis os viam os nóssos jr & vir carregados por esta estrada, & entrarem pela porta da serra. A largura desta terra, de hũ már a outro, será hum quarto de légoa, por onde esta visto, que Adem nã he ilha como sempre antiguamente se teue que era: & Afonso Dalboquerq̃ como esperaua de tornar outra vez sobrella, quis se mais certeficar disto, & mãdou Manuel de Lacerda, Simão Dandrade, Pero de Afonseca, Simão Velho nos bateis, que corressem tudo isto, & o vissem muito bem, & dizia muitas vezes: que se tiuera visto Adem, que a não cometera por aq̃lla parte por onde a cometeo. Defronte desta serra da outra banda da terra, está hum lugar que se chama Rubaca, em que viuiam vinte pescadores, & todos gente póbre em casas palhaças: & nesta pouoação ha muitos poços de ágoa boa de beber, & hum palmar pequeno. O Rey de Adem terá mil & quinhentos de caualo, & muita gente de pé: a principal renda de q̃ se mãtem he de ruiua, que nasce em sua terra, & poderá auer cada anno vinte & cinco mil fardos della: a qual ninguem póde comprar senão o Rey da terra: dam lha os lauradores a seis xerafins o fardo, & elle a mãda a Cambaya onde se gasta em tingir pannos, & lá se vende a vinte & dous o fardo, & toda a outra renda que tem he pouca cousa. Este porto de Adem antiguamente era cousa muito pouca, & depois que os Portugueses descobriram a India, & a nauegáram, foyse fazendo grande escapola de todas as mercadorias, que entram da boca do estreito pera dentro, & a rezão disto he, porque as armadas que elRey de Portugal traz sempre na cósta da India, não deixam nauegar aos naos dos mouros pera aquellas partes em seu tẽpo, & por não serem tomadas partem fora de moução, & vão descarregar

as

as mercadorias à Adem,& ali as vendem aos mercadores da terra, & cõpram outras q̃ trazẽ pera a India,& no tẽpo da mouçáo as mãdam os mercadores de Adem a Iudá,a Méca,& a Suez, & a outros lugares dentro do estreito,& por esta causa se vieram viuer à Adem muitos mercadores do Cairo,de Iudá,& da India,& de todas aquellas partes com grandes fazendas,que fez ser Adem tam nóbre como agora he,& ter fama da mais rica terra que ha em toda aquella cósta.

Como o grande Afonso Dalboquerque combateo a cidade de Adem, & o que passou neste primeiro combate. Capitulo. III.

PAssado o dia da sesta feira, que se gastou todo em se amarrar as naos (como tenho dito) a noite seguinte, mandou o grande Afonso Dalboquerque chamar todos os capitães & dissellhes, que posto que tiuessem assentado de combater a cidade por duas partes,o lãço do muro era tam comprido, que não tinha gente nem escadas pera acudir a tudo,que lhe parecia que deuiam todos juntamente de o combater por hum lugar, por tal que a gente fosse dobrada ao muro,& podessem socorrer hũs aos outros,& que era necessario entrãdo a cidade,ordenarẽmse de maneira com os mouros, que lhe tomassem a porta da serra que hia pera o sertão: porque nãna ganhando,não tinhão nada feito,& os mouros poderiam meter quanta gente quisessem dentro na cidade,& forçadamente se auiam de recolher ás naos, & que isto seria grande quebra & abatimento pera elles,que por isso lhe conuinha muito a todos pelejarem como caualeiros & trabalharem pela ganhar. Os capitães se começáram a desconfiar,& responderamlhe,que não tiuesse nhũs inconuenientes pera deixar de cometer aquelle feito, porque elles estauã todos prestes pera o ajudarem nelle. Concertado isto ordenou Afonso Dalboquerque dom Garcia com a mayor parte da gẽte, & desses fidalgos & caualeiros que auia,que fossem cometer o muro com suas escadas, pela banda da mão ezquerda,onde os mouros tinham a mayor força da sua gente (porque estaua ali hũa porta, que elles tem por profecia que por ali se ha de ganhar a cidade de Adem, a qual dom Garcia de Noronha tẽtou de quebrar,& achou a forrada de parede por dentro) & q̃ elle com a outra

mais gente cometeria da banda da mão direita, & Ioão Fidalgo capitam com a gente da ordenança ficaria no meyo antre elles, com hũa escada larga que tinha, por onde poderiam sobir seis homẽs a par, & q̃ Anrique Homem com cem soldados da ordenãça, fosse atrauessar hũa ponta de hũa rocha, que vinha entestar no muro, por onde ligeiramente poderia decer á cidade, & tanto que os nóssos fossem em cima do muro, decessem abaixo. Como todos foram aduertidos do que auiam de fazer, foramse pera suas naos, & sendo duas oras ante menhaã, mandou Afonso Dalboquerque tocar hũa trombeta, & vieram se lógo todos a bordo da sua nao, & dali partiram em rompendo a alua, & foram demandar o muro, & polo már ser aparcelado, ficaram os bateis hum tiro de bésta afastados delle, que foy grande trabalho pera a gente: porq̃ sahiam todos pela ágoa & os espingardeiros molharam a poluora que traziam, mas nem por isso deixáram os capitães & todos esses criados delRey, como valentes caualeiros, de tomar as escadas ás cóstas, cada hum na companhia onde hia, & pórem as ao muro com muito esforço. Os capitães que eram na companhia de Afonso Dalboquerque em pondo as escadas no muro, sobiram lógo por ellas sem mais outra determinaçã, ao qual pesou muito: porque elles fizeram seu deuer como caualeiros, & a sua gente ficou lógo desarrãjada, tirando algũs fidalgos & caualeiros que sobiram tambem com elles, & foy tanta a pressa no sobir, & cada hum por ser o primeiro, que com o peso da muita gente quebraram as escadas. Afonso Dalboquerque como as vio quebradas, & que a gente toda acodia á de Ioão Fidalgo, capitão da ordenança, arreceando que a quebrassem como fizeram ás suas, mandou lhe acodir com os seus alabardeiros, a ver se com as alabardas podiam soster a escada que não quebrasse: com tudo a gente foy tanta que quebrou, & as alabardas foram feitas em pedaços, & algũs alabardeiros mortos, & outros mal tratados. Dom Garcia tambem a este tempo com os capitães que eram na sua companhia, pos as suas escadas, & ainda que os mouros tiuessem ali grande peso de gente, todauia os nóssos se ordenáram de maneira que sobiram muitos em riba, & fizeram despejar o muro, & aruoráram seus guiões nelle: & dizem que Garcia de Sousa foy o primeiro que aruorou o seu, em hum cobelo. Os da cõpanhia de Afonso Dalboquerq̃, enuejosos de verem seus companheiros em cima do muro, vieram demandar a escada de dom Garcia pera sobirem, & recreceo tanta gente hũa sobre outra, que as escadas quebráram todas, & foy dom Garcia ferido, & muita

muita parte da gente que com elle estaua: o qual como vio as escadas quebradas, & que ali não fazia nada, assi ferido & mal tratado como estaua, correo ao longo do muro com essa gente que ainda tinha, & foy demandar Afonso Dalboquerque, pera saber delle o que auia de fazer, & vendo ho elle assi ensanguentado disselhe. Señor sobrinho, não vos agasteis, que este pomar não póde dar outro fruito, & que estes mouros leuassem agora o milhor de nòs, por nos quebrarem as escadas, eu espero em nósso Señor, que em algum tempo tomemos vingança delles, & mandoulhe que fosse ao longo do muro com a sua gente, & visse se podia destapar algũa bombardeira, & que fizesse entrar por ella vinte ou trinta bésteiros & espingardeiros, que ajudassem os nóssos que estauam em cima do muro, & que se fizessem fortes em hum cobelo que tinham tomado, em quanto elle remedeaua algũas escadas pera tornarem a sobir. Dom Garcia como chegou à bombardeira desentupio ha lógo, & seria tam alta que caberia hum homem em pé por ella dentro. Como os nóssos viram a bõbardeira despejada acodiram ali todos pera entrarem por ella, & dom Garcia porque Afonso Dalboquerque lhe tinha mãdado q̃ não entrassem senão bésteiros & espingardeiros, foy rijo a telos que não entrassem, & já a este tempo era dentro Ioão de Ataide, & algũs soldados. Os mouros vendo tam pouca gente no muro, & as escadas quebradas, acodiram à boca da bombardeira a defender os nóssos que não entrassem, & com muita palha aceza, terra, & pedra, que lançauam, tornaram a tapar a bombardeira, tendo já neste tempo os nóssos bésteiros & espingardeiros mortos muitos delles, & outros muitos feridos, & não podéram entrar por amor do fumo que os afogaua: & os nóssos que estauam em cima do muro, por não terem lanças, não lhe poderam defender, que a não tapassem, porque quando sobiram a elle, não leuauam senão espadas & adargas.

De como Iorge da Sylueira com algũs fidalgos que estauam no muro, deceram a baixo & foram cometer os mouros, & o mais que passou. Capitulo. IIII.

Endo os capitães, fidalgos & caualeiros, que estauam em cima do muro. s. Iorge da Sylueira, Aires da Sylua, dom Ioão de Lima, Vicente Dalboquerque, dom Ioão Déssa, Ruy galuão, Ioão de Meira, Rui Palha, Ioão de Ataide,

Manuel da Costa, Ioão Gonçaluez de Castel branco, Tristão de Miranda, Garcia de Sousa, dom Aluaro de Castro, Lourẽço Godinho, Gil Simões, & outros criados delRey, q̃ os mouros os estauão ladrãdo debaixo, descõfiados da pouca conta em q̃ os tinhã, sem esperarẽ outro socorro, deceram a elles, & com muito esforço os foram cometer, & seguindo os entraram de roldão pelas tranqueiras dentro, que tinham feitas nas bocas das ruas, que hião tẽrá praça, a tẽ chegarem a hum terreiro, onde matárão muitos. Miramerjão capitão da cidade, que tinha o sentido na gente da ordenança, que estaua no cutelo da serra, & vio que não deciam abaixo: porque decendo ficauamlhe nas costas & poderamno tratar mal, sahio com obra de cem mouros, & deu nos nóssos: os quaes lhe tiueram rosto, & matáram algũs, & feriram Miramerjão, & estando nisto recreceram tantos mouros a socorrelo que lhes foy forçado recolherem se ao muro, sendo já Iorge da Syluuira morto, & algũs delles feridos. Garcia de Sousa, Duarte de Mélo, Gaspar Cão, Diogo Estaço, Diogo de Andrade, Ioão de Sousa, André Correa, & hum mulato de Garcia de Sousa, fizeram se fortes em hum cobelo, & os outros aguardáram no muro os mouros que vinham no seu alcance, & como chegáram ao pé delle, pelo chão ser no mesmo andar, tratáramnos muito mal com zarguncbos & frechas, polos nóssos não terem lanças, pera de cima se poderem defender. Afonso Dalboquerque que estaua da banda de fora ao pé do muro, vendo os em este trabalho, ordenou desses troços de escadas quebradas que se fizesse hũa atada com cordas, por onde se podessem recolher. Como a escada foy pósta ao muro: porque todos desejauam de sobir, não dando lugar aos que estauam em cima que decessem, foy tanta a gente em ella que outra vez a fizeram em pedaços. Anrique homem com a gente da ordenança, que se hia retirando pera tras, enuergonhado de o ter feito, & do descuido que teue em socorrer os nóssos, cometeo decer a baixo, & porque já não era tempo, acodio Afonso Dalboquerque rijo, & reprendeo ho, & felo voluer a tras, & dali se tornou pera dom Garcia, ao qual deixára remedeando hũa escada & cordas pera se os nóssos recolherem do muro, & porque a escada ficou hum pouco curta, os mais dos nóssos se saluáram pelas cordas, sem delles ficar em cima no cobelo mais que Garcia de Sousa, & mais hum seu mulato: o qual vendo que todos o deixauam, & algũs tam depressa que quebrauam

as pernas começou a dizer alto a Afonso Dalboquerque. Senhor, mandai sobir algũa gente que me ajude a defender este cobelo, pois a que estaua cõ migo me deixou. Afonso Dalboquerque, com grande paixão que tinha de ver o negocio em estado que o não podia socorrer, dissellhe. Não sey q̃ vos faça, as escadas sam todas quebradas, & não ha cousa de que se possam fazer outras: & pois ainda a ora de Adem não he chegada, peçouos q̃ vos salueis por essas cordas, como fizeram estes capitães & caualeyros q̃ aqui estam. Garcia de Sousa não lhe respondeo nada, & virouse pera os mouros, q̃ trabalhauão por entrarẽ com elle no cobelo, & disse ao seu mulato. Tu saluate, que eu ey de morrer aqui: porque nũca Deos queira que desça senão por onde sobi. Leuarás esta minha adarga a elRey nosso senhor, pera que seja testemunha diãte delle, de como aqui acabei por seu seruiço: & tirou o lenho da Cruz que tinha ao pescoço, & deulho. E a este tempo eram já os mouros em cima do muro pegados no cobelo, & elle & o seu mulato se defenderam de maneira que os não poderam entrar, atélhe darem hũa frechada pela testa, com que o derribaram, tendo feito muito estrago nos mouros. O mulato como vio seu senhor morto, estando já muito ferido, tomou a adarga, & lãçouse pelas cordas a baixo. Esta adarga era de hũas de vaca que os Malabares trazem, & por isso estaua muito crespa de frechas. Durou o combate desde pela menhaã até o meyo dia, que se os nossos recolheram. Não disculpo Garcia de Sousa, porque temerariamente não quis fazer o que os outros fidalgos & caualeiros fizeram, nem tambem culpo os de que se queixaua polo deixarem, pois as escadas todas eram quebradas, & o muro muito alto, & não auia por onde sobir a cima, nem lugar pera lhe darem bataria cõ artelharia pera o derribarem: porque chegaua a ágoa da maré ao pé delle. Determineho quem lér estes comentarios.

Como o grande Afonso Dalboquerque depois de tèr toda a gente junta, estando pera se embarcar, mandou dom Garcia tomar a artelharia que estaua na ilha de Cira, com que lhe os mouros tirauam. Capitulo. V.

TEndo o grande Afonſo Dalboquerque toda a gente junta pera ſe embarcar, mandoulhe Miramerjão atirar com a artelharia que tinha em hũa torre da ilha de Cira, & matáramlhe algũs homẽs, & feriralhe muitos. Vendo Afonſo Dalboquerque o dano que as bombardas lhe faziam, & que lhe não podia reſiſtir por não tér eſcadas, nem maneira pera os poder entrar, & a gente muito canſada do trabalho, & da grande calma que fazia, foyſe embarcar ſendo já a maré chegada ao pé do muro, muito cõtra vontade de todos: porque deſejáuam de tornar outra vez ao combate, & quiſeram que Afonſo Dalboquerque mandára tirar a artelharia groſſa em terra, & prantala no muro, pera darem com hum lanço delle no chão, por onde podéſſem entrar. Mas Afonſo Dalboquerque vendo que não podia ſer, pelo inconueniente que tenho dito da maré, & tambem porque a moução dos leuantes ſe hia gaſtando, & punha em condição ſe hum ſó dia mais eſtiueſſe ſobre Adem perderſe a armada por falta de ágoa: & pera tornar a tras auia de aguardar dous meſes & meyo, & querendo entrar o eſtreito eſtaua já no fim dos leuantes, deixou de o fazer, & recolheoſe ás naos com toda a gente, & ao outro dia pela menhaã mandou a dom Garcia de Noronha ſeu ſobrinho com toda a gente, que foſſe tomar a torre & baluarte da ilha de Cira. Chegado dom Garcia ao pé da torre com a gente que leuaua, ouueſe tam esforçadamente neſte feito, que a tomou cõ muito pouco danno dos nóſſos. Os mouros não podendo ſofrer a brauoſidade com que os cometeram, muitos ſe lançáram do muro a baixo, outros ſe recolheram á cidade, & os que ficáram foram todos trazidos á eſpáda. Tomáramſe neſta torre & baluarte trinta & ſeis bombardas, dellas de grandura dos nóſſos camelos, & outras pouco menos. Dom Garcia com eſta vitoria deixouſe eſtar ali, até que ſe Afonſo Dalboquerque quis partir pera o eſtreito, esbombardeando a cidade, & derribandolhe muitas caſas. Recolhido dom Garcia pera as naos, mandou Afonſo Dalboquerque a todos os méſtres que as forneceſſem dos aparelhos & enxarceas & de todas as mais couſas de que tiueſſem neceſsidade, das naos dos mouros que eſtauam no porto: & aos capitães & gente da armada que as ſaqueſſem de todas as mercadorias que nellas eſtauão, & recolheſſem todos os mantimentos que podeſſem. Como as naos ficáram deſpejadas de tudo o que tinham, mandoulhe Afonſo Dalboquerque pór o fogo, & arderam todas ſem ficar dellas nada.

¶ O que se póde dizer deste feito de Adem he, que os capitães, fidalgos & caualeiros que se nelle acharam, o cometeram muy ousadamente & com muito esforço: mas a fortuna enuejosa de os vér ganhar com tanta honra hũa cidade como aquella, nas barbas do gram Soldão, quis que as escadas quebrassem juntamente todas: porque sem contradição, elles a tinham tomada, & não auia gente pera nas ruas della ousarem de pelejar com os nóssos, posto que auia ja tres dias, quando chegaram ao porto, que a nóssa armada era vista da serra de Arzina, & fora grande credito pera Portugal, & grande assossego pera a India, segurarse Adem, & fazeremse fortes nella. E dizia Afonso Dalboquerque muitas vezes que pera se ella conseruar, & não dar trabalho aos Reis de Portugal, quatro cousas auiam de tér muito fortes & muito seguras. Adem pera senhorearem o estreito de Meca, antes que o gram Soldão entendesse nella. Ormuz pera serem senhores do estreito de Baçorá, & Diu, & Goa, pera senhorearem todas as outras partes da India, & com terem estas quatro cousas seguras cõ muito bóas fortalezas, podiam escusar outros muitos gastos desnecessarios que tinham.

¶ Do dia q̃ Afonso Dalboquerque pos as escadas nos muros de Adem & a cõbateo a quinze dias, foy a nóua ao Cairo por camelos de pósta mandada polo Xeque de Adem ao gram Soldão, dizẽdo que lhe fazia a saber que os Portugueses tinhã entrado o már roxo, & cortado o caminho da romaria de Meca. A reposta que lhe mandou foy, q̃ se os Christãos erã entrados no estreito, q̃ guardasse elle muito bẽ seus portos & suas terras, q̃ elle faria outro tanto. Esta reposta tão seca q̃ lhe o grão Soldão mandou foy: porque os dias passados lhe mandára pedir que lhe largasse Adem, porque fora de seu pay & de seus antecessores: & o Xeque lhe respondeo, que não sábia tér Adem outro senhor senão elle: & o mouro que veyo com este recado, deu nóua que Iudá se despejaua de todas as molheres & mininos, com medo da nóssa armada, & que no Cairo auia grande reuolta: porque se dizia que vinham os Christãos sobre Alexandria, & o Xeque Ismael com grãde exercito sobre Alepo: & que o gram Soldão sabendo que a nóssa armada entrara o estreito, se agastara muito, por lhe parecer que isto era concerto feito entre todos, sobre sua distroição: & que mandára matar Amirquebir, & Vdaquebir, & Mircelaquebir, os quaes eram tres capitães principaes do reyno, pela sospeita que tinha de elles serem em esta conjuração contra elle, & que mandara chamar ao gouernador

de

de Damasco, & não quisera ir a seu chamado, com receo que teue de o mádar matar, como fez aos outros. Todas estas nóuas soube Afonso Dalboquerque depois serem verdade, por hum Abexim que se lançou com Rui Galuão em Zeila, da torna viagem do estreito.

Como o grande Afonso Dalboquerque se sabio do porto de Adem com sua armada, & se fez á vela caminho do estreito. Capit. VI.

COmo o grande Afonso Dalboquerq̃ estaua já prestes pera se partir, & toda a armada fornecida de tudo o q̃ lhe era necessario pera segurar sua nauegação, mandou diante a nao de Chaul, que Ioão Gomez tomára em Çacotorá, com vinte Portugueses, & hum Iudeo por lingoa, auisando os q̃ nas portas do estreito lhe tomassem hum piloto dos que ali móram, porque se arreceaua que védo elles a nóssa armada fogissem, & elle ficasse sem piloto. Chegada a nao a hũa ilha que está nas portas do estreito, veyo lógo hum demandala, & entrou dentro perguntando se queriam piloto. Os nóssos como o tiueram dentro sairam donde estauam escondidos, & lançáram mão delle. Estes pilotos chamãose Rubães: viuem nas pórtas do estreito, na ilha que acima disse: nauegam dali pera dentro, & tem muita experiécia de todos os baixos & portos daquellas partes: & as naos que nauegam pera dentro do estreito, vem áquella ilha tomar piloto, & pagamlhe até Iuda trinta cruzados. Partida esta nao de Chaul, mandou Afonso Dalboquerque tirar toda a armada ás toas fora do porto, & fez se á vela seu caminho direito ao estreito, & dali a dous dias chegáram ás portas delle, & por serem os primeiros Portugueses que ali chegaram, depois da India descuberta mádou o grande Afonso Dalboquerque embandeirar as naos, & tirar toda a artelharia, & fazer grandes festas, & foram sorgir no porto de leuante, que está das portas do estreito pera dentro. Como a armada foy surta, vierão os nóssos & trouxeramlhe o piloto que tinham tomado: & posto que elle leuaua tres, que tomára em hũas naos de Zeyla, que vieram tér ao porto de Adem, folgou muito com elle, & fezlhe muito gasalhado. Ao outro dia pela menhaã, hũa nao de mouros que hia pera dentro veyo demandar

aquelle canal,& como ouue vista da nóssa armada arribou, & foy sorgir detras de hũa ilha, que está na boca do estreito, a que elles chamão Mium, & por ficar a balrauento se saluou. Afonso Dalboquerque vendo que o tẽpo se hia gastando, & que a muita necessidade de ágoa o tinha posto em grande aperto, & não sabia onde a ouuessem, senão dizerem os pilotos mouros q̃ em Camaram se podiam fornecer della, não se quis deter mais, & ao outro dia se partio, fazendo seu caminho polo már largo, que he a meyo do estreito, & indo sempre á vista da costa de Arabia, & do Preste Ioão, foram demandar hũa ilha que Iáz no meyo deste canal, q̃ se chama Iebelzocor, & nána poderam tomar aquelle dia, & por ser terra noua que auiam de descobrir cõ o prumo na mão, & era quasi sol posto, disse Afonso Dalboquerque aos pilotos que lhe dessem porto, & elles mandaram arribar a armada sobre a terra de Arabia, & foram no tomar em hũa ponta q̃ a terra faz, onde ficáram abrigados do leuante, & ali sorgiram em fundo de oito braças, até doze, & neste porto acharam quatro naos de Barbora & Zeyla, que hiam carregadas de mantimentos pera Iudá, & Meca: & tomaram nellas molheres, & moços Abexins, que os mouros leuauam pera vender em Iudá, & por serem da terra do Preste Ioão, não quis Afonso Dalboquerque que fossem catiuos, & dos mouros tomáram poucos: porque os mais delles se saluáram a nado, & os que ficaram nas naos, mandoulhes cortar as mãos & as orelhas, & narizes, por serem do Xeque de Adem, & mandoulhos lançar em sua terra, & asi o fez a todos os, que tomou dentro no estreito, tirando os de Camarão, porque determinaua de fazer assento em sua terra.

Discripção da terra dos portos do estreito do már roxo pera dentro. Capitulo. VII.

AS portas do estreito a q̃ os mouros chamã Babel mãdẽ he lugar muito estreito: estão em altura de doze graos & dous terços: & nesta boca do estreito jaz hũa ilha atrauessada, a q̃ os mouros chamão Miũ, & de hũa bãda vay a terra do Preste Ioão, a q̃ os mouros chamão Iazé, & da outra vay a terra de Arabia. Entre esta ilha & a terra firme, vay hũ canal que será de hũa légoa de largo pequena, & por aqui passam todas as naos dos mouros, que vam pera Suez, & pera todas

essoutras

essoutras partes: porq̃ vẽ cõ leuãtes, & pousam da bãda da terra de Arabia, que he porto muito abrigado delles, & defrõte desta ilha Miũ, no mesmo porto & pouso dos leuãtes, está hũa ilheta pequena, q̃ de baixa mar passã da terra firme pera ella a pé enxuto, & nesta ilha viuem os Rubães, q̃ sam os pilotos do estreito, & no meyo deste canal auerá de altura doze braças, & no porto dos leuantes auerá sete, até noue braças de altura. Nestas duas ilhas nem no porto dos leuantes, não ha ágoa, trazemna ali em camelos da terra firme, & detras da ilha dos Rubães, antes que entrem as portas do estreito, da banda da terra firme está hum bom porto de ponentes, q̃ tem ágoa hũ pouco afastada da ribeira do már, & antre a ilha de Mium & a terra do Preste Ioão, vay outro canal que terá vinte & cinco braças de altura, & será de largo duas légoas: por este canal nauegam poucas naos, ainda q̃ he mais largo & mais alto que o outro, & a rezão disto he, porque não tem porto de leuantes, em que possam sorgir tendo algũa necessidade.

¶ Os mouros fazem tres partições do már roxo pera sua nauegação, & tomão por fundamento que na largura do már roxo ha doze gémas, q̃ sam tres sangraduras, em q̃ poderá auer trinta légoas, no mais largo do estreito: as quaes partem desta maneira, côuem a saber: quatro gemmas que he hũa sangradura de már çujo, ilhas, baixos & parceis, ao longo da costa de Arabia a té Suez: & outras quatro gémas de már çujo (como dito he) ao longo da terra do Preste Ioão a té Çoar, que esta quasi norte sul com Otor perto de Suez: & outras quatro gemmas sam de már limpo, que vay polo meyo do estreito. E nestas duas repartições que os mouros fazem de mar çujo, teram de fundo oito braças até doze: sam parceis & com o prumo na mão se podem chegar & afastar quanto quiserem, & sorgir onde quiserem: & pera a nauegação deste már çujo se tomão os pilotos nas portas do estreito: porque auendo tempos contrairos lhe dem porto entre aquellas ilhas & baixos de hũa parte & da outra. O canal que vay ao meyo estreito, a que os mouros chamão már largo, tem vinte & cinco braças de altura ate quarenta, & pera o nauegarem, não tem as naos necessidade de tomarem piloto: porque quando vem com tempo feito, com os mesmos que trazem nauegam por este már largo, & passam pela ilha que se chama Iezelzocor, que como disse Iáz a meyo estreito, & alem della contra Iudá está outra a que chamão Sertão, & surgem nellas quãdo lhe vem bem, porque tem muito bõs surgidouros. E com todos os biocos que antiguamente se diziam deste már çujo, de hũa banda & da outra

pódem as nóssas naos seguramente nauegar com bem resguardo de dia, & não de noite, & a meyo estreito podem nauegar de noite & de dia, sem nenhum pejo, & sorgir quando quiserem tendo boas amarras.

¶ No estreito não ha agoa doce, nem penedos debaixo da agoa, sobreauguados, como antiguamente diziam os mouros daquellas partes, tudo a fim de ninguem ousar de o nauegar. Não ha nelle tormentas, nem tempos trauessões, nem trouoadas: os ventos sam sempre leuantes no veram, & ponentes no inuerno, & algũa ora de ventura sobre a noite, quando acalmão os leuantes venta terrenho. He terra quente: chamão os mouros a este estreito do mar roxo em sua lingoagem Bahar Queixum, que quer dizer na nóssa, mar encerado, & a meu parecer, não tratando das openiões dos que escreueram a historia da India (seguindo nisto a openião de Afonso Dalboquerque, que foy o primeiro depois della descuberta, que entrou das portas do estreito pera dentro) este nome mar roxo, ou mar vermelho lhe conuem mais que outro nenhum, & soubelho bem pór quem no asi primeiro nomeou: porque todo o estreito do mar roxo he cheo de muitas manchas, vermelhas como sangue. E estando Afonso Dalboquerque cõ toda sua armada surto nas portas do estreito, no porto dos ponentes, já de torna viagem pera a India, vio do chapiteo da sua nao, desembocar pela boca do estreito fora, hũa vea de mar muito vermelha, & corria contra Adem, & estendiase por dentro do estreito, quanto hum homem podia alcançar com a vista. Espantado Afonso Dalboquerque disto, perguntou aos pilotos mouros, que vermelhidão era aquella tamanha no mar, elles lhe disseram que se naõ espantasse porque o reuoluimento que a maré fazia nas ágoas, por ser mais aparcelado & de pouco fundo, com a montante, & juntamente eram causa daquella vermelhidão, principalmente na jusante, que as ágoas correm pera fora mais tesas, porque no estreito não auia corrente de agoas, & quando os ventos sam tesos, corria a ágoa hum pouco com o vento, principalmente quando sam ponentes, que correm as ágoas mais rijo pera fora do estreito, & então he ainda o mar mais vermelho. Pareceram bem estas rezões a Afonso Dalboquerque & assentou ser asi, & que a causa disto seria o terreo do fundo do mar. Do cabo deste estreito que he Suez, ao mar de leuante he muito curto caminho, & segũdo os mouros tem por suas escrituras, quando Alexandre conquistou esta terra, teue pensamento de róper este mar com o de leuante, polo rio Nilo, & os mouros cõ que Afonso Dalboquerque falou lhe disseram, que auia

sinal

ſinal donde iſto começou, que he hum caminho de deſertos de area, que vay do Cairo pera Ieruſalem, a que os mouros chamão Ramila.

¶ Partindo das portas do eſtreito, ao longo de Arabia, até Camarão, tudo he do Xeque de Adem, & ao longo do mar, não ha nenhum lugar nẽ porto principal, tudo ſam aldeas, & hũas pontas da terra que entram no mar, que abrigam as naos que ali vam ſurgir com leuantes & ponentes, & de Camaram a té Iudá he do Xerife de Iazem. Iuda foy do Xerife Parcati & naquelle tempo que Afonſo Dalboquerque ali chegou era ſogeita ao grã Soldão do Cairo: o qual tinha ali hum feitor com vinte Mamalucos, pera arrecadar os direitos da eſpeciaria, & de todas as outras mercadorias que ali vinham tér. Era lugar pequeno, & a mayor parte das caſas palhaças. E Quando dom Franciſco de Almeida desbaratou os Rumes, veyoſe Mirocem viuer a Iudá, & cercou ha de muro & torres da bãda da terra firme, por amor dos Alarues que viuem dali até Meca naquelles deſertos, q̃ será hum dia de caminho, que vinham roubar os moradores della, porque do mar ſe não temia. Eſte porto de Iuda he cercado de arrecifes de pédra, a maneira de ilhotos, & junto da terra aparcelado & abrigado de todos os ventos. Na terra não ha mãtimentos, todos lhe vẽ de Barbora & Zeila, de Alaca, & Meçua. E naquelles dias q̃ Afonſo Dalboquerque eſteue dentro no eſtreito, padeceram grande fome: porque não ouſauam os mouros de nauegar. De Iudá até Otor viuẽ muitas cabildas de Alarues. Otor he hũa cidade de Chriſtãos: de Acintura, & dali até Suez polo ſertão, tudo ſam alarues que viuem naquelles deſertos até perto de Ieruſalem, & vam ſe lançando pelas coſtas da ſerra de monte Sinai, entre o már de Perſia & o már roxo. Entre Iuda & Otor ao longo da ribeira do már, eſta hũ porto que ſe chama Liumbo, & dali dous dias de caminho pera o ſertão jaz a cidade de Midina, onde eſtá o corpo do ſeu profeta falſo.

¶ Duas couſas grandes tinha Afonſo Dalboquerque em ſeu penſamento determinado de fazer, ſe o a morte não atalhára (ou por milhór dizer ſe elRey dom Manuel, aconſelhado de ſeus imigos, o não mandára vir da India.) A primeira cortar hũa ſerra muito pequena que corre ao lõgo do rio Nilo, na terra do Preſte Ioão, pera lançar as correntes delle por outro cabo que não foſſem regar as terras do Cairo, & pera iſſo mandou muitas vezes pedir a elRey dom Manuel, que lhe mandaſſe officiaes da ilha da Madeira que cortauão as ſerras pera fazerem leuadas com que ſe regam as canas do açucar, & podéra ſe iſto fazer léuemente, porque o Preſte Ioão o deſejaua

muito & não teue maneira pera o fazer: & se isto se fizera como creo que podera ser se Afonso Dalboquerque viuera, a terra do Cairo fora de todo distruida: porque? se os Alarues que viuiam nos desertos entre Caná & Coçaer, eram poderosos pera romper as crecentes do Nilo, cada vez que se enfadauam do gram Soldão (como a diante se dirá) craro está, que muito mais leuemente o podéra fazer Afonso Dalboquerque, com ajuda do Preste Ioão. A outra era, que tornando a entrar o estreito de Meca (como esperaua em Deos de fazer muito cedo) determinaua de leuar quatro cẽtos caualos em taforeas, & desembarcar no porto de Liumbo, & correr a casa de Meca, & roubar todos os thesouros q̃ auia nella, que eram muitos, & o corpo do seu mao propheta, & trazelo, pera com elle se resgatar a casa sancta de Ierusalem: & podera se fazer muito bem, porque em hum dia & meyo podiam jr a Midina, onde os seus ossos estão: o qual he hum lugar pequeno, & não ha nelle outra gente, senão hũs mouros que elles tẽ por sanctos, com as vnhas alfenadas, que se mantem de esmolas, que lhe vem do Cairo, & do Xerife Parcati, que era senhor daquella terra: & com trezentos de caualo que tinha Alarues sem armas, não ouuera de ousár de cometer os nóssos, & pera lhe vir socorro do Cairo, não podia ser senão em trinta ou quarenta dias: porque era necessario fazerse grande a percebimento de cafilas de camelos, pera trazerem ágoa & mantimentos pera agente, porque tudo sam areas desertos, & sem ágoa: quanto mais q̃ quãdo se soubesse no Cairo, que a nóssa gente era entrada em Midina, já então auiam de ser todos tornados ao porto de Liumbo, & embarcados.

¶ Da ilha de Mium que está nas portas do estreito (como já tenho dito) tornando pela terra da banda do Preste Ioão, até Dalaca, he senhoreada de dous Senhores mouros, hum se chamaua Azali, & o outro Dancali. De Dalaca até Maçuá, Çuaquem, & Arquico, he terra do Preste Ioão, & estẽdese o seu senhorio pelas costas do sertão de Magadaxo, & Cofala: & destoutra banda do már roxo se estende contra o Cairo, a té Çuaquem: & polo sertão confina com Nuba, & com a terra de mouros que se cháma Ajaje, donde vem o ouro a Çuaquẽ, em pedaços quadrados como dados. Os Abexins não chamão ao Preste Ioão senão Elati, que he nome de Emperador. De Çuaquem até Coçaer viuem cabildas de Alarues, gẽte de caualo, & algũs delles armados. Coçaer está na ribeira do már roxo, he hũa cidade grande despouoada, com edificios velhos de pedraria, & igrejas derribadas, com sinaes de cruzes nas paredes, & litreiros de letras Gregas,

que

que parece que em algum tempo foy pouoada de Christãos. Caminho deste Coçaer que está ja quasi no cabo do mar roxo, tres jornadas polo sertão a té o Nilo, está hum casal que se chama Canaa, por onde naquelle tẽpo os judeus Portuguefes & Castelhanos faziam o seu caminho pera a India, & faziam este caminho & não o de Iudá, porque tinham grande pena de passarem por Meca. Neste sertão, entre Coçaer & Canaa, viuẽ muitos Alarues de cauallo & de pé, & como tinham diferenças com o gram Soldão, por se vingarem delle rompiam ás vezes a crecente do rio Nilo & espalhauamno por hũs vales grandes da sua terra. O Soldam por elles não fazerem tamanho dano ao Cairo, como era deixaremse de regar algũas terras altas, que se semeauam derredor do Nilo: trabalhauase hũas vezes com a lança na mão, & outras com dadiuas, de conseruar sua amizade, & telos por amigos. E no cabo de todo este estreito está Suez que he hũa aldea de casas palhaças, em que viuiam trinta Mamalucos, que o Soldão ali tinha pera guardarem os cascos das galés, que as não queimassem os Alarues, que ás vezes lhe vinham correr, & tambem pera as ágoarem cada dia pela menhaá, polo sol as não abrir, que he ali muito grande. Este Suez segundo o que mostra nos grandes edeficios que tem derribados, parece que foy em outro tempo grãde pouoação, & que deuia de ser ali Sião Gaber, de que a Briuia fala.

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio daquelle porto pera camarão, & como se ouuera de perder no caminho. Capitulo. VIII.

Ela necessidade que a armada tinha de agoa, não se deteue o grãde Afonso Dalboquerque naquelle porto, mais que aquella noite, & recolhidos os mantimentos & queimadas as naos que ali tomou, partiose pela menhaá, & foise na volta de Camarão, & sendo tanto auante como a ilha de Iebelzocor, disseram lhe os pilotos que seria bom arribarem sobre a terra, porque era tarde, & não podiam chegar á ilha senão muito de noite, & não sabiam se poderiá todas aquellas naos sorgir no porto. A Afonso Dalboquerque lhe pareceo bem o que os pilotos disseram, & mandou aos Rubáes que lhe dessem

porto

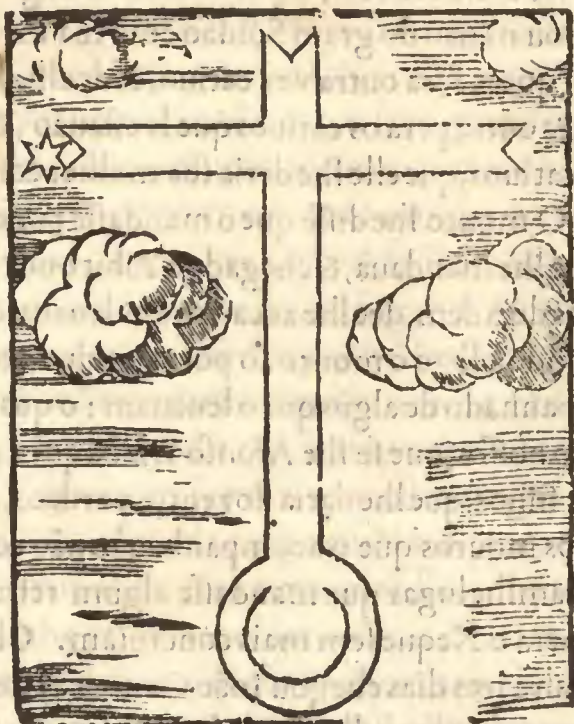
porto. Elles lhe responderam que não tinham necessidade de tomarem outro porto senão a ilha. Afonso Dalboquerque lhe disse, que todauia lhe dessem porto, porque o vento sobre a noite acalmaua, & não podiam lá chegar a oras que se a armada podesse bem amarrar. Os Rubães mandaram arribar, & foram tomar porto, perto da terra de Arabia, em doze braças, & ali estiueram aquella noite, & como foy menhaã fizeramse á vella, & passaram por junto da ilha de Iebel zocor, & hũa ora antes do sol posto, mandou Afonso Dalboquerque aos Rubães que lhe dessem porto; porque áquellas oras trabalhaua polo tomar, por se não fazer algum mao recado de noite. Os Rubães mandaram arribar toda a armada sobre hum lugar que se chama Luya, que tem hũa grande enseada com hũa ponta q̃ sae ao már, & destras della está hum porto muito bom, abrigado do leuãte & indo assi todos á vella, hum Rubão daquelles por se vender por mais sabedor que os outros, disse a Afonso Dalboquerque que mandasse jr a armada toda á orsa quanto podesse: porque indo assi naquella volta, não podiam dobrar a ponta da restinga, & elle mandou ao seu piloto, que com o prumo na mão fizesse o caminho que dizia, & indo o piloto sondando, rocou em oito braças, & do outro golpe em quatro & meya, & nisto deu a nao tres pancadas. Como a nao tocou mandou o piloto amainar de romania, & sorgio hũa ancora, & a nao afilou lógo sobre a amarra, & cahio em cinco braças & meya. Lopo vaz de Sampayo, dom Ioão Dessa, Pero de Afonseca, Simão Velho, & Fernão Gomez de Lemos, como viram o trabalho em que a nao capitaina estaua, amainarã as vellas & surgirão, & acodiram lógo nos seus bareis. Os outros capitães que hiam mais ao már correram de longo porque estauam mais a çotauento, & foram tomar pouso onde estaua dom Garcia. O piloto como a nao portou pela amarra meteose no esquife, & foy sondar tudo por derredór, & porque achou bõ fundo, foy dar hũa toa á Madanella, que estaua surta em desaseis braças, & como aquillo onde a nao tocou eram alfaques de area, em pouco espaço tiráram a nao pera fora, com muito trabalho de Diogo Fernãdes de Béja, que era capitão della: porque ainda que estiuesse muito ferido de hũa espingardada, q̃ lhe deram na entrada de Adem polos peitos onde sempre trouxe o pilouro até que morreo, por lho não poderem tirar, & hum cano de chumbo por onde lançaua muita materia, trabalhou muito da sua parte pela saluar, & todos os fidalgos & caualeiros que nella hiam o ajudaram: porque marinheiros naquelle tẽpo todos vam buscar suas caixas

A nao

a não ficou estanque sem fazer ágoa nenhũa, pelas pancadas que deu serem pequenas, & como foy aparelhada fizeramse todos á vella, & foram tomar o pouso onde estaua dom Garcia: o qual não soube disto nada, porq̃ era passado por diante, & naquelle porto estiueram todos aquella noite, & como foy menhaá fizeramse á vella, & foram tér a Camarão, & indo ja perto do porto, viram sair delle geluas á vella, & como ouueram vista dellas, mandou Afonso Dalboquerque dom Garcia que as fosse demandar, cuidando que era hũa nao de Dabul que vinha diante delle. Como dom Garcia chegou ás geluas, & vio que eram barcos que passauam gente da ilha pera a terra firme, cõ temor da nóssa armada felos amainar, & tomou nelles certos mouros & mouras, & hum Xeque principal que ali estaua acolhido, com medo do Rey de Adem, a armada veyo toda á vella sorgir no porto, onde achăram hũa nao do gram Soldão, & outra de mercadores sem gente, porque toda era fugida, & duas naos varadas em terra: & como ali chegaram ao outro dia acalmăram lógo os leuantes, & começărão a ventar ponentes, de que Afonso Dalboquerq̃ ficou muy agastado: porq̃ via que ja não podia chegar a Iudá, nem a Suez como desejaua: porq̃ naq̃lle estreito não ha mais ventos que leuante & ponente.

De como o grande Afonso Dalboquerque determinou de se partir dali pera Iudá, & do que passou no caminho, & do sinal que vio no ceo. Capitulo, IX.

Avendo já muitos dias que o grande Afonso Dalboquerq̃ estaua em Camaram, por amor dos ponentes q̃ ventauão, hum dia á noite começou a vẽtar leuante, elle com os desejos que tinha de fazer aquella jornada, mandou lógo dizer aos capitães que se fizessem prestes, porq̃ ao outro dia determinaua de se partir, & como foy menhaá leuaram suas ancoras, & fizeramse á vella, & sairam do porto per antre hũas ilhas, & coroas de area (lugar bem apertado pera tantas naos) & foram demandar hũa ilha q̃ está no már largo, & chegando a ella, tornou o ponente a ventar, & sorgiram ali todos em fundo de quinze braças até trinta, onde estiueram muitos dias. Afonso Dalboquerque enfadado do cursar do ponente, desejoso de saber o que hia polo már, mandou Ioão Gomez na carauela, & Domingos Fernãdez piloto com elle, que fossem a hũa ilha q̃ está a meyo estreito, que

que se chama Ceibão, & vissem que már & que vento lá auia: porque não podia crer que aquillo fosse outra cousa senão pecados seus. Elles foram & de hũa volta & da outra cobrárã a ilha, & depois de tomarẽ sonda derredos della, volueramse lógo pera onde a nóssa armada ficáua, & disserãolhe que as mesmas bonanças q̃ ali tinham, achárã de fora, & a mesma sonda derredor da ilha, & que não auia correntes de ágoa de hũa parte á outra senão jusante & montante. Afonso Dalboquerque ficou contente disto q̃ lhe Ioão Gomez disse: porque como não auia correntes de ágoa, teue esperança que de hũa vólta & da outra poderiam cobrar Iudá, ou algũ porto da terra do Preste Ioão: mas isto não pode ser, porque no estreito não se póde andar ás voltas, por amor dos baixos, de que ficou muito agastado. Os Rubáes lhe disseram vendo ho asi, que se não agastasse, porq̃ mudarse o tempo era cousa muito natural no estreito, & como saisse hũa estrela da banda do sul, chamada Turia, viriam lógo dous ou tres dias de leuante, q̃ os poria em Iudá. Afonso Dalboquerque com esta esperança que lhe os Rubáes deram, deixouse estar mais algũs dias, & estando todos surtos esperando pela merce de nósso Señor, apareceo cõtra a terra do Preste Ioão, hũa Cruz no céo muito clara & resplandecente (asi como aqui vay pintada) & passando hũa nuuem por ella, partiose em muitas partes, sem lhe tocar, nem lhe cobrir sua craridade: a qual foy vista de toda a gente da armada, & todos com muitas lágrimas se assentáram de joelhos, & a adoráram. Afonso Dalboquerque, vendo aquelle sinal no céo, assentou q̃ nósso Senhor se auia por seruido de elles fazerem o caminho da terra do Preste Ioão, & não o de Iudá, pois pera aquella parte lhe mostráua o sinal da sua sancta Cruz, & determinou de jr ás voltas demãdar a terra do Preste Ioão: mas a gente da armada, como homẽs de pouca fé, deramlhe muitos inconuenientes pera o não fazer: & deste sinal que se vió no céo mandou Afonso Dalboquerque tirar inquirição por todas as naos, & todos se affirmáram verem hũa Cruz no céo muito clara & resplandecẽte por hum grande espaço, de que tirou hum estromento que mandou a elRey dom Manuel.

¶ Passado isto, porque na armada auia falta de ágoa, vendose tambem Afonso Dalboquerque desesperado de fazer sua viagem, por ser já na fim de Mayo, mandou a todos que se fizessem á vella, & foram demãdar Camaram, & ali estiueram o mes de Iunho, & Iulho, sem nunca lhe chouer, nem auer tempo, em que não podesse andar hum batel por todo o estreito: & nos dias que ali esteue lhe morreo muita gente, por ser terra doétia, & mandou aparelhar todas as naos, pera como fosse tempo partirem caminho da India. E porque a ilha de Dalaca, he muito celebrada naqlle estreito, por respeito da pescaria de aljofar que se nella faz, mandou Ioão Gomez capitão da carauela, que fosse ver que cousa era, & que se trabalhasse muito por lhe tomar hũa gelua, pera saber nouas de Iudá, & de Suez, & deulhe hum Rubão da mesma terra, & Domingos Fernandez piloto pera jrem com elle. Partido Ioão Gomez determinou Afonso Dalboquerque de mandar a Zibit, que he hũa cidade principal onde o Xeque de Adem sempre está, falarlhe em hũs catiuos Portuguéses que tinha em seu poder, que se perderam em hum bargantim que andaua em cõpanhia de Duarte de Lemos, andando por capitão mór de hũa armada no cabo de Guardafum, do qual era capitão Grugório da Quadra, de q̃ darei rezão a diãte,

por

por não quebrar o fio desta história, & pera fazer este negócio, mandou hũ mouro que se tomou na nao do gram Soldão com sua molher & filhos: o qual era mercador que já fora outra vez catiuo, & deulhe hũa carta pera o Xeque de Adem, & outra pera os catiuos que la estáuão, & prometeolhe que tirando os de catiuos, que elle lhe daria sua molher & filhos, & o poria em sua liberdade. O mouro lhe disse que o mandasse pór em terra, & que elle faria tudo o que lhe mandaua, & chegado á Zibit onde o Xeque estaua, jornada de sete dias de Adem, deulhe as cartas que leuaua, & elle as aceitou & ao outro dia mandou lógo o mouro ao porto, onde o nauio que o trouxera ficára, acompanhado de algũs que o leuáuam: o qual sem dár rezão dos catiuos disse ao nóssos, que se lhe Afonso Dalboquerque quisesse dar sua molher & seus filhos, que lhe daria dozentos pardaos, & não disse outra cousa: porque os mouros que o acompanháuão não consentiram que falasse mais, & deramlhe lugar que mandasse algum refresco da terra & dali se tornáram pera o Xeque sem mais concrusam. Chegado o nauio com esta reposta dali a tres dias chegou Ioão Gomez, & deu cõta a Afonso Dalboquerque como chegára á ilha de Dalaca, & sorgira fóra dos baixos que o porto tem, & fora no seu esquife a terra, & que o Xeque da ilha lhe mandára perguntar por dous mouros de caualo, q̃ era o que queria, & elle lhe dissera que vinha ali por mandado do capitão géral da India, que ficaua em Camarão com hũa grossa armada, a saber se queriam comprar algũas mercadorias, & que lhas dariam a troco de aljofar: & que o Xeque lhe mandara dizer, q̃ na terra não auia mercadores, senão gẽte de guerra, & que vendo esta reposta não quisera tér mais pratica com os mouros, & se recolhera, & fora correr a ilha toda ao derredór, & que a terra do Preste Ioão estáua á vista, como riba téjo com Lisboa, & que não fora a ella, porq̃ não leuaua certa determinação sua pera o poder fazer, & que topára hũa gelua no már, que estaua pescãdo aljofar, & arribando a ella se metera por esses baixos, & cabeças de area, onde a carauela não podia chegar. Afonso Dalboq̃rque cõ esta nóua ficou hũ pouco contente: porq̃ vindo tempo cõ que podésse nauegar determinaua jr á terra do Preste Ioão com toda sua armada: & estando nesta determinação veyo hum homẽ darmas a elle & disselhe, que se sua Senhoria quisesse mandar nóuas a elRey dom Manuel do q̃ tinha feito naquellas partes, que elle se atreuia de jr ao Cairo, & dahi pera Portugal. Afonso Dalboquerque lhe disse, que como esperáua de fazer aquelle caminho, se não sabia a lingoa terra? o homem darmas lhe respondeo

pondeo, que elle fora mouro, & que em Azamor se lançára com os Christãos, & que podia jr seguro, porque sabia muito bem a Arauia. Vendo elle que nisto não auenturaua nada; & que sería grande contentamẽto pera elRey dõ Manuel, saber como elle andaua no estreito, aceitou sua boa võtade, & mandoulhe dár dinheiro pera o caminho, & disselhe o que auia de fazer, & mandouho pór na terra firme defrõte de Camarão, com hũa braga de ferro nos pés, mostrando que hia fugido: o qual veyo a Portugal, & elRey folgou muito com as nóuas que lhe deu, & tomouho por seu reposteiro, & aqlla noite que se partio, estando o céo muito sereno, veyo daqlla bãda da terra do Preste Ioão hũ rayo de fogo muito largo, & muito cõprido, & estendẽdose polo céo, foy cair naquella paragem de Iudá, & Meca, & fez grande espanto em toda a armada: & o Xeque, & todos os mouros que ali estauam catiuos, ficáram atemorizádos, porque tẽ por prophecia, que o Preste Ioão ha de dár de comer aos seus caualos, dentro na casa de Meca. Este Xeque deixou Afonso Dalboquerque ao tempo de sua partida, em liberdade, com todos os seus, & fezlhe merce.

De como Gregorio da Quadra, & os outros seus companheiros, que estáuam catiuos em poder do Rey de Adem, sairam do catiueiro, & o que elle passou atè chegar a estes reynos. Capitulo, X.

PORque a tras tenho dito, que daria rezão dos Portugueses que estáuam catiuos em poder do Xeque de Adem, que não quis resgatar, & o como sairam do catiueiro em que estauam, pareceome necessario dizer primeiro o como se perderam, & foy asi. Estando Duarte de Lemos capitão mór, surto com sua armada na costa de Melinde, hũa noite fazẽdo grãde cerraçã & tẽpo, desamartouse hũ bargãtim, & não se soube se foy por lhe quebrarem as amarras, ou por lhas cortarẽ, do qual era capitã Gregorio da Quadra, hũ homem hõrado criado delRey dom Manuel, & com a grande corrente da ágoa, que naqlle tẽpo corre direito ás portas do estreito, vieram a manhecer sobre Adem. Como a gente da terra vio o bargantim, & conheceram ser de Christãos mandárã duas fustas & tomáramno, & todos os que vinhã nelle forã lógo leuados ao Rey de Adem, q̃ estáua na cidade de Zebit, q̃ he a principal de

ſeu reyno,& como elle era homem mal acondicionado,& tratauа mal os catiuos,mandou hos meter todos em hũa ciſterna ſem ágoa, onde tinha outros muitos de todas as nações, & quando Afonſo Dalboquerque foy ſobre Adem,auia oito annos q̃ ali eſtáuam catiuos,& erão já todos mortos ſenão cinco. O Gregorio da Quadra como era homem diſcreto, aprendeo lógo a Arauia,& falaua tambem,que não era julgado antre elles ſenã por mouro,& fezſe alfayate,& ali na ciſterna fazia hũas carapuças, & era tam primo no feitio dellas,que os mouros lhe dauam tamaras & paças de que ſe todos mantinham (porque coſtumão naquella terra trazer eſtas carapuças.) Tornado Afonſo Dalboquerque do eſtreito pera a India, dali a poucos dias, ſe aleuantou hum mouro principal contra eſte Rey que os tinha catiuos, dizendo que lhe pertencia o reyno, & veyo ſobre elle & desbaratouho, & tomoulhe a cidade de Zebit,& ſoltou todos os catiuos que eſtáuão na ciſterna,& polos em ſua liberdade, que ſe foſſem por onde quiſeſſem:& porque tinha prometido dandolhe Mafamede vitória, de jr á ſua caſa, depois de tér tudo aſſoſſegado, fez ſe preſtes pera partir a comprir a ſua romaria. O Gregório da Quadra com determinação de jr a Méca eſperar a cafila, que cada anno vem de Damaſco, pera dali jr tér a Baçorá,& de Baçorá a Ormuz, pedio ao Rey que o leuaſſe com ſigo, o qual polo tér por ſancto, folgou muito de elle querer jr em ſua companhia, & deulhe hum camelo em que foſſe, & fezlhe o gaſto polo caminho. Chegados a Medina, onde Mafamede eſtá enterrado, em hũa ſepultura no meyo da caſa,cercada de grades de ferro, começou o Rey & todos os outros que foram com elle a andar derredór della, rezando ſuas orações. Gregorio da Quadra que tambem andaua com elles lembrandoſe da fé de Ieſu Chriſto em que ſe criara,vendoſe em aquelle eſtádo, chorando muitas lágrimas dizia. Propheta de Satanás? ſe tu es aquelle que eſtes perros cuidam, manifeſtalhe como ſam Chriſtão:porque eu eſpero na miſerirordia de nóſſo Senhor, de vér ainda eſta tua caſa de abomição, Igreja de ſeu louuor, como he nóſſa Senhora da Conceição de Lisboa,& dizia iſto com tantas lagrimas que os Cacizes que ali eſtáuão, eſpantados da ſua ſanctidade,lhe pediram muito que quiſeſſe ficar algũs dias com elles.

¶E porque ao tempo que aqui chegáram auia dous dias que a cafila de Damaſco era partida,determinou Gregorio da Quadra de atraueſſar aquelles deſertos,& ver ſe a podia alcançar, & quándo não,jr á ventura da miſe-

misericordia de nósso Señor, demádar o estreito de Ormuz, & disse ao Rey que elle desejaua de jr visitar a casa dos netos de Mafamede, que estáuam na Persia, que lhe pedia por merce lhe désse licéça. O Rey porque folgáua com a sua companhia, pesoulhe muito & disselhe, onde te queres jr? que sam tudo desertos, & as aues de lá não cõmunicam com as desta terra. Gregorio da quadra per cima disto se despedio delle, & partiose, & caminhou muitos dias por aquelles desertos, sem saber onde hia, nos quaes não auia nenhũa erua, senão medaos de area solta, & depois de tér gastado hum pouco de mantimento q̃ leuáua, comia gafanhotos, & outros bichos voadores & como elle não leuaua sobre si mais, que hum pedaço de mao pano, com que cobria suas partes vergonhosas, & o sol era gráde, queimou ho de maneira, que tiraua correas muito cõpridas do corpo, & hiá tam esfolado, q̃ não podia dormir deitado, & fazia hũa coua com as mãos na area muito alta, & metido dentro nella dormia em pé, & vendose já muito desapossado de suas forças, & tam fraco que não podia andar, chegado ao pé de hũ monte de area, se pos em joelhos, com os olhos no céo, & pedindo misericordia a Deos disse. Senhor, pois eu sou vóssa criatura, remida polo vósso precioso sangue, & permitistes que saisse do catiueiro em que estáua, auey misericordia de mim, & não queirais que acabe aqui miseráuelmente em estes desertos, & começou a confessar seus peccados a Deos pedindolhe que se lembrasse de sua alma, com determinação de acabar ali sua jornada, & dizendo estas palauras & outras muitas, foy aleuantado do chão, & leuado acima do monte, onde o deixáram sem ver quem o leuára, & estando assi olhou pera baixo, & vio hum camelo, & andando mais vio hum mouro, & caminhando pera elle foy tér com a cafila que ali estaua tomando ágoa, porque aquella he hũa das ágoadas que tem no caminho. Os mouros da cafila espantados de verem homẽ naquelles desertos, ouueram que seria sancto, & recolheramno pera si, & curáramno daquellas esfoladuras que trazia polo corpo, & dérãolhe vestido com que se cobrio, & pergũtáramlhe donde vinha, & como viera ali tér, & elle lhe contou tudo o que tinha passado, & como hia em romaria áquelles corpos Sanctos que estáuam na Persia. Acabado de tomárem sua ágoa partiram se & foram tér a Babilónia, & ali o deixáram, & fizeram seu caminho pera Damasco. Gregório da Quadra veyose a Baçorá, & embárcouse em hũa terrada que hia pera Ormuz, em companhia de outros mouros, & chegando á porta da nóssa fortaleza, perguntou que dia era, & dizẽdolhe que

era quinta feira de Endoenças, lançouse no chão, & com muitas lagrimas deu graças a nósso Senhor, polo trazer a terra de Christãos em tal dia. Dom Garcia Coutinho que era capitão da fortaleza, quando o vio espantouse muito, & perguntoulhe o caminho que trouxera, & elle lhe contou tudo isto que tinha passado, & que antes que Afonso Dalboquerque chegasse com sua armada a Adem, fugira em hũa gelua com quatro companheiros seus: porque os outros eram ja todos mortos, & sendo no már os tomáram, & déramlhe a comer hũa vianda, com que os embebedáram, & estando tres dias sem dárem acordo de si, lhes fizeram o sinal de mouros, & que ao tempo de sua partida ficáram em Zibit, & não sabia o que era feito delles. Dom Garcia fezlhe muito gasalhado, & embarcouho pera a India, com tudo o q̃ era necessario pera sua viagem, & vindo a estes reynos meteose frade de sam Francisco, na ordem da capucha, & nella acabou sanctamente.

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio do porto de camaram pera a India, & o que passou no caminho. Capitulo. XI.

TEndo o grande Afonso Dalboquerque sabido particularmente todas as cousas do estreito: porque desejaua já de se jr caminho da India, mandou aos capitães que se fizessem prestes, & a quinze dias do mes de Iulho do anno de quinhentos & treze, se desamarrou do porto de Camaram, & sem tomar nenhũa terra: fez seu caminho direito ás portas do estreito, & passadas foy surgir com toda a armada detras da ilha, que está atrauessada na boca delle (como a tras tenho dito) & porque lhe não ficasse nada por ver em esta jornada, quis tambem saber que ilhas eram estas, & que portos auia em ellas: & hum dia ante menhaã foyse em o seu batel com Domingos Fernandez piloto, & dom Garcia de Noronha, Lopo Vaz de Sampayo, & dom Ioão de Lima nos seus, & todos juntos foram tér em hum porto que a ilha tem da banda do Preste Ioão: o qual faz hũa enseada grãde que cóme parte da ilha, & faz dẽtro em si tres enseadas

&

& a boca della está situada de maneira, que como foram dentro cerrouse lógo, & não viram mais már nenhum de fóra. Este porto dentro tem de seis braças até doze de alto, & pódem caber nelle dozentas naos & he abrigado de todos os ventos. Afonso Dalboquerque como se vio dentro sahio em terra com os outros capitães, & correo grande parte da ilha, a qual he de pédra solta, grande & pequena, sem auer nella aruore nem erua verde, & em hum valle de area que tem da banda do már roxo, achàram hũa cisterna muito antigua, a maneira de tanque descuberta, entupida sem nenhũa ágoa, & hum poço que tambem estáua entupido de terra, do qual não viram mais que a boca. Tem esta ilha hum morro alto sobre a entrada do estreito, & nelle mandou Afonso Dalboquerque pór hũa Cruz grande, & muito alta, que se fez de hum masto, & poz lhe nome a ilha da véra Cruz, pelo sinal que tinham visto no estreito. E acabado de vér tudo recolheose aos bateis, & veyose pera as naos, & ao outro dia pela menhaã mandou Rui Galuão no seu nauio, & Ioão Gomez na carauela, q̃ fossem a Zeila, & trabalhassem por tér pratica com os mouros da terra, & veréa maneira do lugar & da gente, & trato delle, & achando algũas naos no porto, se os mouros se não déssem bé com elles, lhe posessem o fogo, & se tornassem em sua busca a Adem, porque ali esperaria por elles. Afonso Dalboquerque depois de os despedir fez se á vella, & foy surgir com toda sua armada diante da cidade de Adem, onde acharam muitas naos grandes, & a ilha de Cira cercada de muro, & muito mais torres nella do que dantes tinha: & porque os mouros não cuidassem que asi estáuão mais seguros, sem fazer demóra mandou a dom Garcia de Noronha seu sobrinho com muita gente cometer a ilha, & disse ao seu condestabre, que posesse dous camelos em duas naos principaes, que estauam mais perto dos muros da ilha, & dali lhe mandasse tirar, & fizesse todo o mal que podésse aos de dentro. Dom Garcia com a gente que leuáua foy cometer os baluartes, & ouuese tam valerosamẽte com os mouros, que estáuam nelles, que em pouco espaço os desbaratou, & foy em pósse da ilha, & como foy dentro mandou assestar hum camelo na torre principal della, & começáram de atirar á cidade, & derribáramlhe grande parte das casas: & porque hum trabuco que os mouros tinham em o alto da serra, fazia muito nojo á nóssa gente que estáua na torre, mandou dom Garcia a Ioão Luis fundidor de artelharia, que tinha cuidado do camelo, que tirasse cõ toda a furia ao trabuco dos mouros, & o rõpesse se podesse. Ioão Luis afrontado

delhe os mouros terem morto hum bombardeiro, começou, átirarlhe, & ouuesse de maneira q̃ duas vezes o rompeo: & os mouros por se empararé delle, fizeram hũa parede alta de pedra & cal. Como os mercadores estrãgeiros que tinham suas naos no porto, viram a distruição de casas que hia na cidade, arreceandose que Afonso Dálboquerque lhe mãdasse queimar as naos, mandáramlhe cometer que lhas resgatasse por quanto quisesse, & elle lhe respondeo que por nenhum preço lhas daria senão polos Christãos que o Xeque de Adem tinha catiuos, & não lhos dando, que nenhũa auia de ficar q̃ nã fosse queimada, & porq̃ os mercadores não tornárã mais cõ reposta, determinou Afonso Dalboquerq̃ por cõprir sua palaura de lhas queimar, & deu cõta disso aos capitães, & porq̃ queimalas se não podia fazer sem perigo dos nóssos, foram todos de parecer que o nã deuia de fazer nem auenturar hum homem por tam pequena cousa: porque os mouros tinham muita artelharia prantada em resguardo dellas, & não podia fazer aquelle negócio tanto a seu saluo, que lhe não custasse muito. Afonso Dalboquerque como vio tantos inconuenientes, offerecidos por homés enfadados, determinou de o fazer só com a gẽte do mar (a quem elle chamaua sempre meus caualeiros) & mandou a Fernão Afonso méstre da sua nao, & a Domingos Fernãdez piloto, que lhe fizessem prestes cem homés porq̃ com elles queria fazer aquelle negócio, & enuergonhar todos os capitães fidalgos & caualeiros daquella armada, & estando todos prestes embarcáramse nos bateis, & Afonso Dalboquerque no seu esquife com as trombetas pera os fauorecer: & hũa sesta feira á mea noite, estando os mouros descuidados pojáram em terra, & correram a ribeira toda de longo, & foram tér com trinta mouros que estauam em guarda das naos, & matáram a mayor parte delles, & poseramlhe o fogo, & porque estáuam todas meadas de ágoa, não arderam mais que tres, & feito isto recolherãse aos bateis, & foramse pera as naos com grande prazer, sem a nenhum delles acontecer cousa algũa, & depois de todos serem recolhidos com esta vitoria não esperada, ficáram os capitães & gente de armas tã enuergonhados, que pediram a Afonso Dalboquerq̃ lhes desse licẽçã perá irem queimar as que ficauão, & elle lha não quis dar por os mouros estarem já sobre auiso. Aquella menhaá chegou Ruy gonçalues, & Ioão Gomez, & cõtáramlhe como chegáram a Zeila, & descobriram a entrada do porto, & querendo tér pratica com os da terra, não lhe respõderam; & começárã algũs de caualo a escaramuçar, fazendo zombaria delles: & vendo isto não quiseram

quiseram aperfiar; & queimáralhe vinte naos que tinham no porto muy grandes, & ali se lançou com Ruy Galuão o Abexim que a tras fica dito: o qual Afonso Dalboquerque mandou a elRey dom Manuel, pera o enformar das cousas daquellas partes: porque era homem auisado, & daua boa rezão das cousas, & andara sempre em companhia do feitor do gram Soldão.

Como o grande Afonso Dalboquerque se partio do porto de Adem pera a India, & do que passou no caminho atè chegar á cidade de Goa. Capitulo. XII.

PAssadas todas estas cousas, mandou o grande Afonso Dalboquerque aos capitães, q̃ leuassem suas amarras, & partiose do porto de Adem a quatro dias do mes de Agosto, & com toda sua armada foy á vista do cabo de Guardafum, & dali fizeram sua nauegação á outra banda da terra, & afferraram Diolocindi, & foram correndo toda a costa de longo, & chegáram á Diu, onde foram muito bẽ recebidos de Miliqueaz, & bem festejados de dadiuas, q̃ deu a todos os capitães, & ali esteue seis dias, & mandou concertar os bateis das naos, que vinham muito desbaratados: & como chegou veyo logo Miliqueaz velo á nao, & estiueram ambos praticando em cousas desapegadas. Afonso Dalboquerque lhe disse que queria deixar ali hũa nao carregada de mercadorias, pera se vender, que lhe pedia muito que mandasse fazer bom tratamento ao feitor, & officiaes que ali ficassem. Miliqueaz como o não fazia prouisam de palauras, fez lhe grãdes offerecimentos. Afonso Dalboquerque lhe pagou na mesma moeda, & despediose delle, ficando muito amigos, & depois de todas as naos terẽ tomado agoa partiose, deixando a nao Enxobregas, com todas as mercadorias que trazia, & pera feitorizar este negocio Fernão Martinz Euanhelho, & Iorge Correa por seu escriuão, & sendo em már mandou a Ruy Galuão que se fosse a Goa no seu nauio fazer a saber ao capitão de sua ida, & a Ierony mo de Sousa que fosse a Cananor, & a Cochim, fazer o mesmo; & elle com todas as outras naos foy ter a Chaul, & ali achou Tristão Dega, que auia dous dias que chegara, & hum embaixador do Rey de Cambaya em sua companhia: o qual lhe deu conta como fora muy bem recebido do Rey, & deulhe hũa carta de

Milecopi,que era hũ mouro principal do reino,desejoso de seruir elRey de Portugal,& que quando chegára a Cambaya era o Rey ido ao estremo do reyno de Mandao,com grande arrayal de gente,caualos,& artelharia cõtra o Rey,& que esperára por elle em Champanel,& ali lhe dera as suas cartas,& que ao negócio de Diu lhe respondera friamente,& que lhe parecia que o não daria:porque depois de lhe tér falado nelle, lhe offerecera hũas ilhas ao longo da cósta,pera fazer fortaleza & assento nellas, & q̃ as não quisera aceitar porque não tinha cõmissam sua pera o poder fazer,& que soubera de Milecopi,que Miliquecaz fazia tudo isto:porque lhe pesaua de se ver fora de Diu,& que ao negócio dos Rumes lhe respondera, q̃ elle os não cõsentiria mais na sua terra. E depois de Tristão Dégа tér dado cõta de todas estas cousas a Afonso Dalboquerque, veyo lhe o embaixador do Rey de Cambaya falár,& deulhe a carta que trazia de crẽça, & disselhe que o Rey de Cambaya lhe mandaua pedir muito por merce,que lhe desse licença pera mandar hũ estante dos Guzarates a Malaca, & seguro pera as naos de Cambaya que nauegassem pera aquellas partes, & que os Portuguêses tinham tómado a não Meri que era sua,que lhe pedia muito por merce que lhâ mandasse dar, pois lha tomaram tendo elle pazes cõ elRey de Portugal. Afonso Dalbóquerque lhe respondeo,que elRey seu señor desejaua muito de tér paz & amizade cõ o Rey de Cambaya, & tér trato em sua terra,& que por esta causa nunca lhe fizera guerra, nem lhe queimára seus lugares,nem esbombardeara suas fortalezas,& se as suas naos & gente tinham recebido algũa afronta dos Portuguêses pelo már,seria por que sempre elle fauorecera todos os Reis & Señores,com quem elRey de Portugal seu señor tinha guerra,principalmẽte ao de Malaca & Ormuz, aos quaes mandára muitas naos carregadas de armas & gẽte,& que o dissimulara sempre por não quebrar com elle,& a Milecopi escreueo grãdes agardecimentos,polo cuidado que tomára das cousas delRey seu senhor, dandolhe muitas esperanças de galardão de seus seruiços, & que quanto era á nao Meri que o Rey lhe mandaua pedir,que elle á tinha em Cochim concertada de nouo,que polo seu embaixador lha mandaria. O embayxador escreueo ao Rey,tudo o que pásśara com Afonso Dalboquerque por hum criado seu,& que elle se hia em sua companhia pera leuar a nao, o qual chegando á Goa partiose nella pera Cambaya.

¶E porque Afonso Dalboquerque teue por informação,q̃ as naos de Calicut que aquelle anno foram pera o estreito (por partirem tarde) com hũ

tem-

temporal que lhe deu arribaram todas, & jaziam por esses portos de Cambaya atè o monte de Deli, & hũa entrára em Danda, terra de Chaul, em chegando sobre o porto mandou recado aos da terra que lha entregassem porque era de Meceris do Cairo, imigos delRey seu senhor, & o gouernador de Chaul lha mandou lógo entregar, a qual teria tres mil quintaes de pimenta & de gengibre: & dali se partio & foy sobre Dabul, & mandou pedir aos gouernadores que lhe entregassem duas naós que estáuam no porto: & porque começáram a andar em dilações, & Afonso Dalboquerque não podia fazer demóra, deixou a Lopo Vaz de Sampayo cõ tres naos em guarda dellas, & mandoulhe que defendesse o comercio do porto atè lhas entregárem. Partido Afonso Dalboquerque, dali a poucos dias lhas entregáram com toda a especiaria que tinham. E porq̃ Afonso Dalboquerq̃ teue por enformação, que no porto de Baticalá estáua tambem outra, mãdou Antonio Raposo em hũa galeota, que fosse lá, & não lha querendo os gouernadores da tera entregar, que lhe tolhesse a nauegação do porto: & a Fernão Gomez de Lemos em outra fusta, que fosse à Mangalor, onde sabia que estáuão duas naos, & fizesse outro tanto: & com estas diligencias que Afonso Dalboquerque fez, recolheo todas as naos que aquelle anno partiram de Calicut pera o estreito, que foy grãde perda pera os mercadores. E despachados estes capitães partiose pera Goa, onde foy muito bem recebido de todos, & ali achou hum presente que lhe mandára hum embaixador do Xeque Ismael, que andaua na corte do Hidalcão, por hum criado seu: o qual se partira de Goa, cõ determinação de o tornar a ver, como fosse vindo do már roxo, antes de sua partida pera a Persia.

Como Francisco Nogueira deu conta ao grande Afonso Dalboquerque do que passára com o Çamorim, sobre o fazer da fortaleza, & do conselho que teue com os capitães sobre isso, & do que se assentou. Capit. XIII.

CHegado o grande Afonso Dalboquerque a Goa, depois de ser recebido do capitão & pouo da cidade com grandes festas, Frãcisco Nogueira que elle tinha deixado ao tempo de sua partida pera fazer a fortaleza de Calicut (como à tras tenho dito) lhe deu conta como chegára a Calicut, & dera suas cartas ao Çamorim, &

falando com elle algũas vezes, sobre o fazer da fortaleza, o achára sempre fora de proposito, dando por escusa que não podia acabar com os mouros da terra, que consentissem fazerse fortaleza onde a pedia; & que lhe daua Challe, & elle a não quisera aceitar: & ainda q̃ lhe dera lugar em Calicut, como os capitães & officiaes delRei, a quem elle escreuera que lhe dessem todo o fauor & ajuda pera se fazer a obra, tinham danado secretamente o negócio, por comprazerem aos Reis de Cananor & Cochim, era impossiuel fazerse fortaleza, se elle mesmo lá não fosse em pessoa. Afonso Dalboquerque polos desejos que tinha de meter hũ pé em Calicut, ficou descontente destas dobraduras do Çamorim, & de lhe vir com nouidades, & querendose determinar no que faria, mandou chamar os capitães & officiaes delRey, & cõtoulhe tudo o que Francisco Nogueira tinha passado com o Çamorim, & como nas naos que aquelle anno vieram de Portugal lhe escreuera elRey, que nas cousas de Calicut se ouuesse de maneira, que o Rey de Cochim se não escãdalizasse, & que escreuerlhe elRey seu senhor aquillo, não podia ser senão más enformações, que os seus officiaes de Cananor & Cochim lhe tinham escrito daquelle negócio, sendo elles os que o tinham danado, por comprazerem aos Reis: a que pezaua muito deste assento, que elRey dom Manuel queria fazer em Calicut, & que a obrigação que sua Alteza tinha ao Rey de Cochim, era sostelo em seu estado, & pagarlhe dinheiro da pimenta que lhe compraua, & não guardarlhe seus costumes, & gentilidades, nem fazer guerra a Calicut, cada vez que elle quisesse. Ouuidas estas rezões que Afonso Dalboq̃rque apresentou, foy o negócio muito bem praticado entre todos. Dom Garcia & os capitães disseram que lhe parecia bem fazerse fortaleza em Calicut, querẽdo o Rei vir a isso por amizade, & bom concerto: porque em hũa cidade tam grãde como era Calicut, & que tam prestes tinha o socorro, não se podia fazer fortaleza por força, que não custasse muito sangue. Os officiaes delRey foram de outro parecer & disseram, que não era seu seruiço fazerse fortaleza em Calicut, por senão poder soster sem grãdes despezas, que elle deuia de escusar quanto podesse: porque isto era o q̃ lhe elRey mais encomendaua que tudo, & que pera lhe tolher a nauegação das suas naos, abastaua andar hũa armada na costa pera lha defender, & por aqui foram dando outras rezões, fundadas todas em se não fazer fortaleza.

¶ Depois de dom Garcia de Noronha & os outros capitães dizerem seu parecer neste negócio, vendo Afonso Dalboquerque os inconuenientes q̃

os officiaes delRey dauam, pera se não fazer fortaleza em Calicut, como era cousa forjada polos Reis de Cananor & Cochim disse, q̃ elle não seriã nunca de parecer, que se fizesse guerra guerreada ao Çamorim, senão fosse com determinação de entender nelle de maneira, q̃ o apagasse de todo: porque tudo o mais era tér sempre a armada da India occupada em Calicut, sem entender em outras cousas, & pera ella jr tomando assento, conuinha muito tér paz & amizade com os Reis de Calicut & Cochim, & trabalhar muito que fossem amigos, & conserualos, porq̃ nestes dous portos se auiam sempre de achar as especiarias sorteadas, da maneira que as quiserem, pera carregar as naos que hão de jr pera Portugal, & esta amizade não póde ser firme nem verdadeira, principalmente cõ o Çamorim, sem elRey nósso senhor tér hũa fortaleza em Calicut: porque álem de se nisso ganhar grande credito antre os mouros, polo muito que he soada entre elles esta guerra que tem com nosco, lançaremos fora da terra os mouros estantes do Cairo, porque elles sam causa de todos estes trabalhos, & tirar nos hemos de tér pendenças com o Çamorim; que não seruem de mais q̃ dar muito credito aos mouros, & trabalho aos gouernadores da India. E se os que escreuem a elRey nósso señor, que não he seu seruiço fazerse esta fortaleza, andassem pelo már com as armas ás costas, esbombardeando as naos dos mouros, que vam carregadas de pimenta pera Méca, como nós andamos, folgariam de não teremos tantas pendenças. E posto que Lourenço Moreno, & Antonio Real tenham escrito a elRey, que cõ fazer esta fortaleza se acrescentam muitos gastos, os seguros das naos que ali hão de vir tomár carrega, he hũa cousa tamanha, que sendo bem grangeados por elles, ametade abasta pera se pagar a gente que nella ouuer de estar, quãto mais que eu espero em nósso Senhor, que indo nós a Calicut, assentemos este negócio de maneira, que pela compitencia destes dous principes venham os mercadores de Cochim a dar pimenta a troco de mercadorias; q̃ será grande seruiço delRey acabarse. E a isto que Afonso Dalboquerque disse, não ouue mais ninguem que repricasse: porque em cousa tam crara não auia que dizer, & por não tardar com a execução do que estaua assentado, mãdou lógo fazer prestes hũa armada pera jr em pessoa fazer este negócio, & escreueo a elRey dom Manuel pelas naos da carrega, que aquelle anno vinham pera estes reynos, dandolhe conta de tudo o que passaua, & a determinação em que ficaua. ElRey lhe respondeo que vira as rezões q̃ lhe daua, pera fazer fortaleza em Calicut, & não guerra guerreada, como

per

per muytas vezes lhe tinha escrito q̃ fizesse, que a elle lhe parecia bem a determinação em que ficáua, & que nisto fizesse o que lhe parecesse mais seu seruiço, que pela muita experiencia que tinha de suas obras & seruiços fora rezão tomár seu conselho por cousa mais segura que todas, estando na India, quanto mais tam longe della, posto que polo que lhe escreuia o podia bem entender.

De como o grãde Afonso Dalboquerque se partio pera Cochim, & mãdou dom Gracia de Noronha a Calicut assentar as pazes, & o que passou con o Rey de Cochim sobre isso. Capitulo, XIIII.

Assentado por todos os capitães que se fizesse fortaleza em Calicut pelas rezões já ditas, determinou o grande Afonso Dalboquerque de se partir pera Cochim, com a armada que tinha prestes, & dali assentar este negócio como milhor podesse, & mandou dom Garcia de Noronha seu sobrinho, que se fosse a Calicut, & soubesse do Çamorim sua determinação, & que lhe pedisse quatro cousas. A primeira, lugar no pouso das naos, defronte do seu Cerame, pera fazer hũa fortaleza, em que os nóssos podessem estár seguros doutros trabalhos como os passados. A segunda, que lhe auia de dar a pimenta que se ouuesse mister, pera carregar as naos que se auiam de jr pera Portugal, a troco de mercadorias de toda a sorte, polo preço & peso de Cananor, & q̃ o feitor delRey seu senhor podésse comprar o gingibre, que os lauradores trâziam a vender á praça, pela ordenança da terra. A terceira que lhe auia de pagar toda a fazenda que os mouros tinham tomado aos Portugueses nos tempos passados. A quarta que auia de dar de tributo em cada hum anno pera as despezas da fortaleza, & gente que nella estiuesse, ametade dos seguros, que os mouros mercadores eram obrigados a pagar das suas naos. Partido dom Garcia pera Calicut dahi a poucos dias se partio Afonso Dalboquerque pera Cochim, & como chegou ho Rey o veyo lógo visitar, & na pratica que ambos tiueram perante Gaspar Pereira, Diogo Pereira, & Lourenço Moreno que eram officiaes da feitoria, se começou o Rey a escandalizar muito, de lhe elle não tér dado conta desta nóua amizade que queria tér cõ o Çamorim, & mostroulhe hũas cartas q̃ lhe escreuera, & reposta

posta de outras suas, & porque nellas não auia cousa de que o Rey de Cochim podésse lançar mão, apaſsionouse Afonso Dalboquerque muito de lhas tomar, & disselhe, essas cartas minhas sam, não nas ey de negar, & deuiauos de parecer rezão, que polo carrego que tenho, respondesse em nome delRey meu senhor, aos amigos & imigos, principalmente áquelles que me mandam cometer paz & amizade, & que me querem dar fortaleza em seus portos, como o Çamorim quer: & bẽ sey eu que trabalhais vós por trazer á vóssa amizade os amigos & imigos, & buscais todos os modos que podeis por terdes vósso reino & terras seguras, de que me não dais conta nem eu não vola péço, sendo muita rezão dardesma, pois em todos os vóssos trabalhos me buscais: & lembreuos que morto vósso tio, cõ quanta pressa vim a vósso chamado, estando com hũa armada a pique pera partir ao feito de Goa: & se aſsi he, que fazeis o que vos cumpre, como vos não parece rezão que saiba do Çamorim o que me quer? & responda a suas cartas, ainda que seja imigo delRey de Portugal meu senhor? & jũtamente com isto, quando cumprir não tér paz com elle, pois em minha mão está tela, & fazerlhe a guerra se quiser, & queimarlhe suas naos se quiser, & destroirlhe todos seus portos se quiser? E se algum de nós tem rezão de se queixar eu sou, porque se não tenho distroido o Çamorim, he porq̃ vós & o Rey de Cananor, cada vez que o vedes perdido o ajudais cõ vóssa gente, & lhe mandais as naos carregadas de mantimẽtos, com os seguros delRey meu señor, porque quereis q̃ esta pendença esté sempre em aberto: & se ambos de dous quisereis sua distruição (como me muitas vezes destes a entender) & foreis em minha ajuda, & do Marichal no feito de Calicut, elle fora de todo distruido. O Rey de Cochim atalhado hum pouco destas cousas, & da efficacia com que lhas Afonso Dalboquerque disse, respõdeo que elle fora sempre seruidor delRey de Portugal, & que todos os seus parẽtes, depois que os Portugueses entráram na India, eram mortos em seu seruiço, & que pois o Rei de Calicut fora a principal causa disto, não se auia de crer delle, que agora o auia de ajudar contra os Portugueses, & que se o não ajudára no negócio de Calicut (como dizia) fora porque elle não quisera mais ajuda sua, que a que lhe pedira perante o Marichal, o dia que lhe déra conta do negócio. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que se lembrasse que as pendenças passadas que os Portugueses tiueram com o Camorim, foram todas por lhe defenderem seu reyno, que elle dizia que lhe pertencia, & se os seus parentes eram mortos em seruiço delRey de Portugal

tugal

tugal, tambem o Marichal & todos aquelles que com elle acabaram em Calicut, morreram por lhe assegurar sua honra & seu estado, & elle ficara aleijado do braço ezquerdo de maneira q̃ o não podia leuar bẽ á cabeça, & que soubesse certo que se elle & o Rey de Cananor, leuauam a vante soster o Çamorim como até ali tinham feito, que elle tambem determinaua de lhe não fazer mais a guerra, & que cada hum olhasse por si. Passadas estas praticas, o Rey de Cochim se despedio de Afonso Dalboquerque, mal cõtente destas & outras cousas que lhe disse, & nem por isso deixaram elle & o Rey de Cananor, de terẽ suas intelligencias com os Caimais, & Señores da terra do Malabar, pera estoruarem este negócio, q̃ Afonso Dalboquerq̃ lógo soube polo Aguazil velho, q̃ fora de Cananor, q̃ estaua em Calicut.

De como dom Garcia de Noronha mandou recado ao grande Afonso Dalboquerque, do que tinha passado cõ o Çamorim, & o que elle nisso fez, & como foy a Calicut, & fez fortaleza nelle. Capit. XV.

Estando as cousas entre o Rey de Cochim & o grande Afonso Dalboquerque no estado que tenho dito, trabalhando cada hum por fazer seu negócio o milhor que podia, chegou recado de dom Garcia pera Afonso Dalboquerque, em que lhe dizia, que chegando a Calicut, mostrára os apontamentos que leuaua ao Çamorim, & que até aquella hora lhe não tinha respondido, nem parecia que se ordenaua de maneira, pera tomar conclusam naquelle negócio: porque tudo eram dilações, & virlhe cada dia com nouidades, q̃ não tinham nome pera escreuer. Afonso Dalboquerque entendendo donde isto nacia, determinou de atalhar a estas malicias polo milhor modo q̃ podesse, & porque o Çamorim estaua peitado dos mercadores mouros da terra, & por esta causa lhe andaua dilatãdo o negócio quis se valer do Principe seu jrmão, que era muito seruidor delRey de Portugal, & escreueolhe secretamente hũa carta em que dizia, que se elle desejáua tanto a amizade delRey de Portugal, como per muitas vezes lhe tinlia mandado dizer, que agora era tempo pera efeituar esta võtade, ordenando de dar peçonha ao Çamorim: porque como fosse morto elles se concertariam ambos, da maneira q̃ elle quisesse. O Principe como estaua desejoso de paz, & muito aborrecido dos mouros do Cairo, q̃ viuiã

em Calicut: porque trabalhauam com seu jrmão que a não fizesse, & também com os desejos de reynar, pos por obra o que lhe Afonso Dalboquerq̃ escreueo. Morto o Çamorim, foy elle lógo aleuantado por Rey, & sendo em pósse do reyno, recolheo pera si o Alguazil vélho que fora de Cananor que seu jrmão não queria ver, por ser verdadeiro & leal seruidor delRey de Portugal, & passados algũs dias, mandou dizer a dom Garcia por hum Caimal seu, que escreuesse ao capitão géral da India, que o Çamorim seu jrmão era morto, & que elle estaua em posse do reyno, & éra contente de fazer pazes com elRey de portugal, & darlhe lugar em Calicut pera fazer fortaleza onde elle quesesse, & que deste negócio não tinha dado conta aos mouros principaes da terra, que foy causa de auer antre elles grandes differenças: porque todos queriam insistir na dureza & contumacia do Çamorim passado. Mas como o Principe era homem verdadeiro, & gouernado por sua molher, a que queria muito (porque ainda que costume dos Reis daquella terra fosse terem muitas, & os filhos não herdarem, elle tinha esta só, & os filhos que della tinha eram criados como seus herdeiros) a qual desejaua muito tér paz & amizade com os Portugueses, q̃ foy grãde parte pera que os mouros naturaes da terra, consentissem neste assento da paz, & os que a isso não queriam vir, mandauaos matar diante de si, por comprazer a sua molher: & aos estrangeiros deu embarcação pera elles, & suas molheres, filhos, & fazenda, & que se fossem fóra do seu reyno. Apagado este aluoroço dos mouros assentou dom Garcia com o Çamorim a paz, polos apontamẽtos que lhe Afonso Dalboquerque déra, & escreueo lhe o que tinha feito nisso: o qual com este recado se partio lógo pera Calicut, & depois de se ver com o Çamorim, & passarem grandes comprimentos de amizade de parte a parte, começou a entender no fazer da fortaleza, a qual fez pegado na ágoa, de dentro do arrecife, jũto do pouso das naos.

¶ Esta fortaleza era tamanha como o apartado de Cochim, cõ duas torres da banda do már; & entre ellas no lanço do muro, fezse hum postigo, pera por elle receberem socorro, todas as vezes que lhe fosse necessario, sem lho os mouros da terra poderem tolher, & neste mesmo lanço do muro se fez hũa torre de menagem de tres sobrados, muito grande & muito forte, & da banda da cidade fizeram outras duas muito fortes, & antre ellas a porta principal da fortaleza, cõ hum baluarte pera a defender, & sendo já a obra posta em altura q̃ se podia bem defender, entregou a capitania della a Frã-

cisco

cisco Nogueira, com a gente que conuinha pera guarda della, & fez Gonçalo Mendez feitor & pagador das obras, & a Ioão Serrão escriuão da feitoria: & porque lhe era necessario partirse pera dar expediente a algũs negócios, que ficauão em aberto, despediose do Camorim, ficando muito amigos, deixando a fortaleza prouida de artelharia, poluora, & mantimẽtos em abastança, & partiose pera Cananor, & o Camorim mãdou em sua cõpanhia dous embaixadores, pera irem aqlle anno pera Portugal, cõ hũ presente pera elRey dõ Manuel, & por elles lhe mãdou hũa carta de pazes, assinada por elle, & polos principaes de seu reyno, assellada com hũ selo de ouro, pedindo que lhe mandasse outra, em que lhe confirmasse as pazes, q̃ tinha assentado cõ Afonso Dalboquerque, & seguro real pera todos seus portos. Os embaixadores vieram a este reyno, & foram muito bem recebidos delRey, & muito milhor despachados.

¶ Tres cousas fez o grande Afonso Dalboquerque este anno de treze, com que pos em grande admiração & espanto todos os Reis & Senhores da India. A primeira a sua entrada do már roxo, que elles auiam por cousa muito dificultosa, que lhe quebrou muito os corações. A segunda entregaremlhe vindo do estreito nesses portos de Cambaya até o monte de Deli, todas as naos de mouros que ali arribaram com tormenta, carregadas de especearia, que aquelle anno partiram de Calicut pera Méca. A terceira esta fortaleza q̃ fez em Calicut: porque como ali era a escapula principal dos mouros estrãgeiros, que tratauam na India, com se fazer ficáram atalhados de suas nauegações: & dizia o Rey de Narsinga quando o soube, q̃ pois o Çamorim de Calicut consentira fazerem os Portugueses fortaleza em sua terra, que bem podia o capitão géral da India, fazer outra em Bisnaga se quisesse: a qual fortaleza dom Anrique de Meneses, sendo gouernador da India, mal aconselhado dos seus capitães, mandou derribar, tẽdoa os mouros cercada, & depois de o tér feito se arrependeo muito: & bẽ creo eu que se fora em tempo de Afonso Dalboquerque, que nunca se ella derribára, ainda que fora contrariada dos mouros, como foy Goa, por tér hum pé no pescoço ao Çamorim de Calicut: porque este foy o seu principal intento, que o moueo a trabalhar tanto pela fazer.

De

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Calicut, & foy ter a Cananor, & das nouas que lhe escreueo Fernão Martinz Euangelho, de Diu, & como mandou Pero Dalboquerque com hũa armada a descobrir o estreito da Persia, & do mais que passou. Capitulo, XVI.

DEspedido o grande Afonso Dalboquerque do Çamorim, foyse direito a Cananor com determinação de aquelle anno não nauegar fora da India, não pera repousar dos trabalhos passados, mas pera prouer & remediar algũas desordés, que os officiaes delRey tinham feitas em sua fazenda, aquelle tempo que andou fóra da India, & chegado a Cananor da hi a poucos dias lhe veyo recado de Fernão Martinz Euãgelho que estaua em Diu, em q̃ lhe dizia, q̃ áquelle porto era chegada hũa gelua do estreito na qual vinha hum messageiro do Cadi do Cairo, que trazia vestiduras pera o Rey de Cambaya, & pera o Hidalcão, & pera todos os seus guazis, com muitas bençóes & muitos perdões esforçando os com muitas palauras que fizessem guerra aos Christãos. Este Cadi do Cairo he hũa pessoa principal q̃ ali está, como Caciz mayor de Meca & confirma o grão Soldão do Cairo quando o elegem, & da sua mão recebe a confirmação, & deu por nóuas que em Suez não auia mais que os Cascos das galés, & que no Cairo auia tãta peste, q̃ morriam cada dia vinte mil pessoas (& não se espantem disto, porque se affirma auer no Cairo vinte & cinco mil ruas) & que depois de sua Señoria ser partido de Adem, fora tér hũa gelua a Zeila, & cõtára q̃ a artelharia das naos, matára muita gẽte dentro na cidade, & q̃ o Xeque de Adem escreuera ao Rey de Zeila, que lhe mandasse todas as naos q̃ ouuesse em seu porto, & toda a gẽte q̃ se podesse auer a soldo, & q̃ elle lhe respõdera q̃ buscasse seu remedio, porque auia mister a gẽte & naos que tinha pera guarda da sua terra: & que apos esta gelua chegára hũa terrada, que vinha da costa Furtaque, & que Miliqueaz depois de falar com os mouros q̃ vinham nella, os auisara q̃ não dessem nóuas do que passaua a ninguem, & q̃ elle por mouros seus amigos q̃ lhe lãçára, soubéra q̃ o Rey de Adem mãdaua auisar a todos os mouros do seu reyno, que estáuão em Diu, se partissem lógo com o primeiro tempo, porque tinha nóuas que o

capitão géral da India se fazia prestes pera tornar sobrelle, & que tinha cõ sigo seis cẽtos Furtaquins, que tomára por força, de algũas naos que ao seu porto vieram tér, & que o Rey de Furtaque por esta força que lhe fizera, determinaua de ajudar sua Senhoria com gente contra elle se lá fosse, & q̃ Miliqueaz era partido pera a corte do Rey de Cabaya, sobre o negócio de Diu, & leuaua muita prata, & muito ouro, muitas joyas & muitos panos ricos, & duzentos caualos, pera peitar ao Rey, & seus gouernadores, & que tambem leuaua pera dar ao Rey a espáda que lhe sua Senhoria dera, & que era chegada hũa nao de Ormuz, que déra por nóua que Cogeatar era morto, & que estando pera morrer dissera ao Rey & seus gouernadores que aceitassem a carapuça do Xeque Ismael, & sua oração, & dessem fortaleza aos Portugueses em Ormuz, porque não fazendo estas duas cousas duuidaua poderse o estado do Rey soster.

¶ Afonso Dalboquerque cõ estas nóuas, q̃ lhe Fernão Martinz Euãgelho escreueo, ficou muito espantado, de ver que sua entrada no estreito fizera em tampoucos dias tantas mudanças, & fez prestes hũa armada de quatro naos, pera mandar ao cabo de Guardafum, & a Adem, se o tempo delle lugar, pera saber o q̃ lá hia, & como teue aparelhadas estas naos de tudo o que lhe era necessario, fez capitão mór dellas Pero Dalboquerq̃ seu sobrinho, & por capitães das outras naos Ruy Galuão, Antonio Raposo, Ieronymo de Sousa, & por feitor Tristão Déga, & Ioão Teixeira escriuão, & deulhe hũ regimẽto, q̃ sendo caso q̃ os tẽpos lhe dessem lugar, fosse dar hũa vista a Adem, & viesse inuernar a Ormuz, & pedisse ao Rey a fortaleza q̃ elle deixára começada, pera nella agasalhar as mercadorias que leuasse, & tambẽ lhe pedisse as pareas que eram diuidas dos annos passados & acabado de assentar isto, se fosse a descobrir o estreito do már da Persia, & dahi se viesse caminho da India Pero Dalboquerque depois de tér o regimento despediose de seu tio cõ os seus capitães, & fez sua viagẽ direito ao cabo de Guardafum, & a diante se dará rezão de sua viagem.

Do que o grande Afonso Dalboquerque passou com o Alguazil de Cananor, sobre algũas cousas que fazia, contra o seruiço del Rey de Portugal, & como se partio pera Cochim, & do recado que lhe mandou o embaixador do Xeque Ismael, que estaua em Dabul, & como mandou Miguel Ferreira em sua companhia por embaixador ao Xeque Ismael. Capit. xvij.

PArtido Pero Dalboquerque, começou ó grande Afonso Dalboquerque a entender em algũas desordés que os officiaes delRey faziam em sua fazenda, & reprendeo os do pouco cuidado que tinham della, & depois de tér tudo assentado, sabendo que o Alguazil de Cananor fazia algũas cousas mal feitas, contra o seruiço delRey de Portugal, & dizia muitos males delle, por lhe não consentir suas tiranias, & maldades, & tambem porque fauorecia o Alguazil vélho, que estáua em Calicut, que elle fizera lançar de Cananor por ser nósso amigo, mandouho chamar, & deulhe hũa cadea de ouro que tinha no pescoço, dizendo que lha daua, por quantos males dizia delle: mas que quanto ás cousas do seruiço delRey seu senhor, lhe rogaua muito que as tratasse de maneira, que os officiaes delRey se nã aqueixassem mais delle, nem metesse cizanias entre o Rey de Cananor, & o capitão da fortaleza: porque não se emendando seria necessario acodir a isso, com o rigor que suas culpas merecessem: & que se lembrasse que disimulára com elle, a tirannia que fizera a Pocaracem mouro, em lhe tomar os seus caualos, nã tendo outra rezão pera lhos tomar senão ser seruidor delRey de Portugal. O Alguazil não ficou muito contente destas palauras que lhe Afonso Dalboquerque disse, & respondeolhe que elle era muito seruidor delRey de Portugal, & que em todos os negócios que sua Senhoria tiuera com o Rey de Cananor, sempre trabalhara por fauorecer as cousas de seu seruiço, & que quanto era aos caualos que dizia de Pocaracem, que a culpa era dos officiaes da feitoria delRey de Portugal & não sua. Afonso Dalboquerque por por cima de saber, que este mouro era muito mao homem, & muito perjudicial ao seruiço delRey, disimulou com elle por ser muito aceito ao Rey de Cananor, & ficaram amigos.

¶ Neste tempo chegou a Cananor o messágeiro do embaixador do Xeque Ismael, que andaua na corte do Hidalcão, que a tras tenho dito que viera a Goa com recado a Afonso Dalboquerq̃, sendo no estreito do már roxo: a substancia do seu recado era, pedirlhe seguro pera poder passar a Ormuz, & q̃ mádasse em sua cópanhia hũ embaixador ao Xeque Ismael: & porq̃ Afonso Dalboquerque desejaua que elle visse todas as fortalezas da India, & principalmente a que se fazia em Calicut, despedio ho, & disselhe que fizesse o caminho por Calicut, & q̃ o fosse esperar a Cochim,

que lá o despacharia, porque tambem queria que visse as muitas naos que aquelle anno vinham carregadas pera Portugal, & a grandeza dellas, & toda a outra armada que se estáua concertando, & o grande trafego da ribeira. Porque ainda que Miguel Ferreira leuáua na sua instrução todas estas cousas pera as contar ao Xeque Ismael, quis Afonso Dalboquerque que este messageiro fosse tambem testemunha de vista, das grandezas delRey de Portugal: & partido elle, dali a poucos dias partio Afonso Dalboquerque pera Cochim, meado Dezembro do anno de treze, & como chegou fez prestes Miguel Ferreira criado delRey dõ Manuel, com quatro encaualgaduras, pera jr por embaixador ao Xeque Ismael, com a mesma instrução que tinha dado a Rui Gomez, que lá mandaua (como a tras na primeira tomada de Goa fica dito) que não ouue effeito: porque chegádo a Ormuz, ordenou Cogeatar gouernador do reyno, que o matassem com peçonha. Despachado Miguel Ferreira, mandoulhe Afonso Dalboquerq̃ dar embarcação pera si, & pera os seus, até chegárem a Dabul: porq̃ dali auia de jr em companhia do embaixador do Xeque Ismael, q̃ o estáua esperando, & fez merce ao seu messageiro, de q̃ foy muito contente, & elle ficou ho tanto da pessoa de Afonso Dalboquerque, q̃ o mandou tirar polo natural pera o leuar ao Xeque Ismael. Partidos o embaixador & Miguel Ferreira, esteue ainda Afonso Dalboquerque algũs dias em Cochim, prouendo cousas q̃ erã necessarias, & acabadas, deixou dõ Garcia de Noronha seu sobrinho, pera despachar as naos da carrega, q̃ aquelle anno auiam de jr pera Portugal, & encomẽdoulhe muito o gasalhado dos embaixadores do Çamorim, que auiam de jr nellas, & que mandasse concertar toda a armada que estáua em Cochim, pera no veram seguinte nauegar, pera onde lhe parecesse mais seruiço delRey de Portugal, & partiose pera Goa.

Dos embaixadores que o Xeque Ismael mandou ao Rey de Cambaya, & ao Hidalcão, & o fundamento de suas embaixadas. Capitulo, XVIII.

Omo o Xeque Ismael desejaua muito de trazer todos os Reis da India a sua amizade, & a seguirem a sua cepta, mandou por muitas vezes seus embaixadores ao Rey de Cambaya, & ao Çabayo, porque tendo persuadido estes, que eram muito poderosos, & de grandes

grandes estados, os outros facilmente viriam ao que elle quisesse, & o anno de treze que Afonso Dalboquerque entrou o estreito do mar roxo, tornou a mandar embaixadores aos mesmos Reis, com cem caualgaduras cada hum, & tendas muito ricas pera seus aposentamentos, & baixelas de prata de seu seruiço. A instrução de suas embaixadas era, que aceitassem a sua carapuça, & mandassem lér o liuro da sua oração em as suas mesquitas: & com o mesmo requerimento mandou outro ao Rey de Orinuz: o qual polo conselho que lhe Cogeatar tinha dado (como tenho dito) & tãbem por Rexnordim que gouernaua a terra ser Persio de nação, ouue pouco que fazer com o Rey em aceitar a carapuça & oração do Xeque Ismael & fazerse seu tributario. O embaixador que hia pera o Hidalcão chegou á cidade de Calbergate, onde elle estáua, & leuoulhe certos caualos de presente, com cubertas muito ricas, & panos de brocado & seda da Persia, & algũas peças de ouro & prata, & esmeraldas, & hũa porcelana de Turquesa meaã (& dizia Diogo Fernandez Adail de Goa, que Afonso Dalbo querque lá tinha mandado, que se neste tempo achou presente, que era cousa muito pera vér) & como ali chegou mandou lógo hum messageiro visitar Afonso Dalboquerque a Goa (como a tras fica dito.) O Hidalcão recebeo muito bem o embaixador, & passados algũs dias despachouho, dandolhe em reposta, que dissesse ao Xeque Ismael, que folgaua muito cõ sua amizade, mas que não auia de aceitar outra ley, nem outra oração senão a em que se criara, & deulhe algũas joyas pera o Xeque Ismael, & mãdouho a Dabul, pera dali embarcar, & chegado mandou o messageiro q̃ tenho dito a Afonso Dalboquerque.

¶ O outro embaixador que foy ao Rey de Cambaya, chegou a Champanel, & foy muito bem recebido delle, & mal despachado, por hũa desauẽtura que lhe aconteceo, & foy assi. Ao tempo que este embaixador chegou auia poucos dias que era vindo á corte, o filho mais velho do Rey de Mãdao, acompanhado de algũs vassalos seus que o quiseram seguir, a pedirlhe ajuda de gente, pera lançar fora do reyno hum seu jrmão mais moço, que se tinha aleuantado com elle, por morte de seu pay. O embaixador como foy na corte, tomou conuersação com elle, & per muitas vezes o cõuidou a cear, & hũa noite estando sós depois da cea, como o moço era gentil homem, lançou mão delle (porque estes Ismaelitas sam mais tocados deste peccado çujo, segundo fama, que nenhũs outros mouros daquellas partes da India.) O moço começou a bradar, & acodiolhe lógo toda a sua

gente. O embaixador vendo este aluoroço, lançou o moço fora, & fez se forte nas casas, & começouse a defender da gente que o combatiam. Como esta nóua chegou aó Rey de Cambaya, mandou toda a sua guarda, & apagouse o arroido, sendo já mortas de hũa parte & da outra setenta ou oitenta pessoas. O filho do Rey de Mandao, enuergonhado disto que lhe aconteceó, foyse pera os Reis Butos, que confinam cóm o seu reyno, & elles lhe deram ajuda contra o jrmão, & lançado fóra do reyno ficou em posse delle. Este reyno de Mandao confina tambem com o de Cambaya: he gente muito guerreira, & em todos os lugares da raya tem gente de guarnição. O Rey passado pay deste moço, trazia continuadamente consigo sete ou oito mil molheres a caualo, com seus arcos & frechas por estado, hiam cõ elle á caça, & a todas as partes onde hia folgar, & na guerra não se aproueitaua dellas. O filho como foy em pósse do reyno tirouse disso, & não quis que andassem mais com elle. O Rey de Cambaya aborrecido do que o embaixador fizera, despachouho que se fosse, tendo o já desenganado do requerimẽto a que viera, & deulhe dous Alifantes, & hũa alimaria que se chama Ganda, & outras muitas peças, em retorno do presente que lhe trouxera, & mandou hum capitão com gente, que o leuasse até Çurrate pera lhe ali dárem embarcação, pera seu fato & pessoa: & chegado a Çurrate embarcouse lógo em hũa nao que estaua pera partir pera Ormuz. Os criados depois delle partido fizeram prestes hũa nao, em que embarcáram os Alifantes & bicha, & todo o fato. Os mouros da terra como não eram contentes do requerimento com que o embaixador viera, emmastearam a nao com hum masto eiuado, & alargandose da cósta com hum pouco de vento rijo que lhe deu quebrou, & tornáram árribar a Çurrate, & o Rey tornou áuer o seu presente. O embaixador foy seu caminho na outra nao, pouco contente do gasalhado do Rey de cambaya, & selohia muito menos, depois que soubesse o que os mouros tinham feito aos seus criados.

De como Miguel Ferreyra que foy por embaixador ao Xeque Ismael chegou a Tauriz, & do recebimento que lhe fizeram, & do que passou atè tornar a Ormuz. Capitulo. XIX.

Partido

PArtido Miguel Ferreira de Cochim, chegou a Dabul onde o embaixador do Xeque Ismael estaua esperando polo seu messageiro, & porque elle desejáua muito, que o grãde Afonso Dalboquerque mandasse visitar o Xeque Ismael seu senhor. (Como já em sua companhia hia hum embaixador do Hidalcão) folgou muito com sua vinda, porque era o Xeque Ismael tam grandioso, que nenhũa outra cousa desejaua de vêr em sua corte senão embaixadores de todos os Reis do mundo. Chegádo Miguel Ferreira dali a poucos, dias se embarcáram todos em hũa nao, & foram têr a Ormuz, & o Rey lhes fez muito gasalhado, & dali fizeram seu caminho direito a Tauriz, onde o Xeque Ismael estaua: o qual era já auisado da ida de Miguel Ferreira, por hũa carta do seu embaixador, & também do embaixador do Hidalcão, que hia em sua companhia. O Xeque Ismael porq̃ desejaua muito a amizade de Afonso Dalboquerque, pela grande fama q̃ tinha delle, quis fazer honra a Miguel Ferreira, & mandou aos Senhores da sua corte, & toda a gente de guerra, que o fossem receber, & q̃ lho trouxessem primeiro que o embaixador do Hidalcão: o qual ficou muito agrauado & descontente, porque o não receberam com aquella grandeza com que foi recebido Miguel Ferreira. O qual como Chegou ao Xeque Ismael deulhe a carta de crença que leuaua de Afonso Dalboquerque, que elle recebeo com muitas palauras, & mostras de amizade, & porque Miguel Ferreira hia muito doente, não teue aqlle dia mais pratica com o Xeque Ismael, que darlhe a carta, & pedirlhe licença pera se jr agasalhar, & elle lha deu, & mandou ao seu fisico mór que o fosse vêr, & trabalhasse muito polo dar sam: porque não no fazendo assi, lhe auia de mandar cortar a cabeça. Passados algũs dias, que se Miguel Ferreira foy achando milhor, mandou ho o Xeque Ismael jr perante si, & perguntoulhe polo estado delRey de Portugal, & da Rainha, & cuja filha era, & a maneira das nossas armas, & como se fazia a guerra, & com quem a tinha, & se auia muitos caualos em Portugal, & pergũtoulhe pelas naos, & nauegação da India, & outras muitas cousas do poder & estado delRey dom Manuel naquellas partes. E a tudo lhe Miguel Ferreyra respondeo conforme á instrução que leuaua, & o messageiro que fora têr com Afonso Dalboquerque, que a esta pratica estaua presente, lhe mostrou o seu retrato que leuaua, & gaboulhe muito a grandeza da armada da India, & das naos da carga: & que os Reis daquellas partes, não ousauam de mandar suas naos fora dos seus portos, sem se-

guro delRey de Portugal. O Xeque Ismael folgaua tanto de ouuir estas cousas, & de falar com Miguel Ferreira, pela boa rezão que lhe daua de tudo, que em quanto o não despachou, o mandaua chamar muytas vezes, & praticaua com elle no estado delRey de Portugal, & em as cousas da India, & os desejos que tinha de se distruir o gram Soldão, & a casa de Meca: offerecendo pera isso sua pessoa & estado. Passados muitos dias que Miguel Ferreira esteue na corte, pedio ao Xeque Ismael que o despachasse: porque Afonso Dalboquerque capitão geral das Indias, polos desejos que tinha de saber nouas de sua real pessoa, lhe mandára que se fosse o mais cedo que podésse. O Xeque Ismael folgaua tanto com Miguel Ferreira, que o despachou muito contra sua vontade, & em sua companhia mandou o messageiro que com elle viera por embaixador a Afonso Dalboquerque, & hum presente de muitos panos de seda & brocado, & caualos acubertados, com cubertas muito ricas, & sayas de malha, & outras armas que os Persas costumão, & duas vestiduras de brocado com botões de ouro com que se vestem, & hũa cinta, adaga, & terçado, & outras peças, tudo de ouro, & meyo alqueire de turquesas, assi como saem da mina: o qual presente que valia muito, repartio Afonso Dalboquerque por todos os capitães, sem tomar nenhũa cousa pera si, senão os caualos que tomou pera elRey dom Manuel, que mandou entregar aos officiaes da sua feitoria. E porque as peças de ouro lhe pareceram boas, & serem de hum Principe tamanho como o Xeque Ismael, comprou as aos capitães polo seu dinheiro, & mandou as a elRey, por dom Garcia de Noronha seu sobrinho. Como Miguel Ferreira foy despachado, despediose do Xeque Ismael, & elle & o seu embaixador se partiram, & vieram por suas Iornadas a Ormuz, & polo caminho foram grandemente festejados por todos os lugares por onde passauão. Chegados a Ormuz, foram bẽ recebidos do Rey, & de Rexnordim seu gouernador: & estando ali esperando tempo pera passarem á India, chegou Afonso Dalboquerque á assentar as cousas deste reyno, do qual foram muy bem recebidos.

Como o grande Afonso Dalboquerque, chegou a Goa, & das nouas que teue de Malaca, & o socorro que lhe mãdou, & como Fernão Perez Dandrade desbaratou a armada dos Iaos. Capit. XX.

Na

NA entrada de Ianeiro do anno de catorze chegou o grande Afonſo Dalboquerque a Goa, onde achou embaixadores dos Reis de Pegú & Sião, & outro de ſua mãi, com preſentes de peças muito ricas, & cartas de muitos comprimentos, moſtrando nellas deſejarẽ muito a amizade delRei de Portugal, & quererẽ fazer aſſento de trato em Malaca: & como elle deſejaua que o comercio deſta cidade foſſe muito celebrado de todos os Reis daq̃llas partes, folgou muito com ſuas embaixadas, fazendo muito gaſalhado aos embaixadores. Na companhia deſtes embaixadores vinha Manuel Fragoſo, q̃ elle tinha mãdado com Antonio de Miranda ao Rey de Sião, pera lhe fazer hum libro de todas as couſas, mercadorias, trajos & coſtumes da terra, & da altura em que os portos della eſtauão, que Afonſo Dalboquerque com os preſentes mandou lógo a dom Garcia de Noronha, pera que nas nãos da carrega q̃ eſtauão preſtes pera partirem pera eſtes reynos, os mandaſſe a elRey dom Manuel: o qual Manuel Fragoſo lhe deu hũa carta de Ruy de Brito Patalim capitam da fortaleza de Malaca, em que lhe daua conta do eſtado della, & & como Patequitir ſe aleuantára com os eſcrauos da molher de Vtemuta Raja (que podiam ſer ſeis mil) & com algũa gente da terra que o quiſeram ſeguir, & fizera hũa fortaleza com tranqueiras muito fortes, pera dali lhe fazer a guerra, com fauor do Laſſamana, que andaua no eſtreito de Sabão, tolhendo que não vieſſem mantimentos á cidade, & que vendo elle iſto mandára Fernão Perez Dandrade com ſua armada por már, & António Peſſoa com gente por terra cometer as tranqueiras, & que ainda que ao entrar dellas paſſaſſem muito perigo, por o lugar ſer em ſi forte, com tudo foram cometidas com tanto animo, que as entráram por força, matando primeiro muitos dos imigos: & que vendoſe Patequitir desbaratado, ſe recolhera polo rio de Muar dentro, & que tinha mandado pedir ſocorro de gente ao Rey da Iaoa, prometendolhe de o fazer ſeñor de Malaca. Depois de lér Afonſo Dalboquerq̃ eſta carta, ſoube de Manuel Fragoſo, como era chegado a Malaca António de Miranda & que pela achar neſte aperto ſe deixára ficar, & o mandara com os embaixadores, que em ſua companhia vieram, & q̃ ao tempo de ſua partida chegára António Dabreu, que fora deſcobrir Malúco, & Mendafonſo com toda a gente a ſaluamento, tirando Franciſco Serram, que perdera a ſua na ilha de Ternate, onde ficaua cõ os que com elle ſe ſaluáram, & que ſe dera tambem com a gente da terra,

que gouernaua o Rey daquellas ilhas,do qual não dou rezão porque o fim disto foy depois da morte de Afonso Dalboquerque.
¶ Informado bem Afonso Dalboquerque por Manuel Fragoso,das necessidades de Malaca,mandou logo fazer prestes tres nauios,cõ cento & cincoenta soldados,& muitas munições de guerra,& Frãcisco de Melo, Iorge de Brito,& Martim Guedez,que auiam de jr por capitães:porque estes com a mais gente que era vindo com Antonio Dabreu,bastauam,até elle prouer a fortaleza de capitam: os quaes chegáram a Malaca,& forã muito bem recebidos dos da fortaleza,porque com este nouo socorro se asseguráuam do receo em que os punha a grande frota dos imigos q̃ esperáuão. Dahi a poucos dias ao sol posto,chegou Pateonur com hũa armada de nouenta vellas sobre o porto de Malaca,em que viriam dez mil homẽs (tirãdo os juncos grandes que deixou no rio de Muar) & em sua cõpanhia vinham tambem Patequitir,& o Lassamana,& sorgiram todos afastados da nóssa armada. Patequitir vendo tantos nauios,tambem armados,& tanta gente,mudada a determinação com que vinha,que era sairem em terra,& darẽ na nóssa fortaleza, foise a Pateonur, & Lassamana , & disselhes que lhe parecia,que não era tempo pera cometer a cidade,porque desembarcando todos em terra,ficauam os Frangues senhores do már & podião lhe queimar facilmente toda a armada,& ella desbaratada ficauam elles perdidos: que seria bom conselho tornarem se a recolher ao rio de Muar, & dali fazerem a guerra a Malaca. Como este conselho parecesse bem a todos hũa ora ante menhaã largaram as amarras,& fizeramse á vella Fernão Perez Dandrade que estaua em vigia sobrelles,tanto que os vio jr,mãdou leuar toda sua armada,& foy os seguindo,& antes q̃ chegassem ao rio de Muar deu nelles,& meteolhe muitas naos no fundo, & matoulhe muita gente,ficando dos nóssos muitos feridos,& algũs mortos.O pateonur como hia na dianteira,em quanto os nóssos andáuão trauados com a sua armada,teue tẽpo pera se recolher mais depressa,& chegãdo ao rio de Muar embarcouse no seu junco,& deu á vella caminho da Iaoa,pouco contente deste successo,& ficarã os Iaos tam assombrados do medo deste desbarato (que foy hum dos honrados feitos que se naquellas partes fez) que nã oussaram mais tornar a Malaca. O Patequitir & o Lassamana nos nauios em que hiam,entráram polo rio dentro,& saluaramse no sertão,& Fernão Perez com esta victoria recolheose pera Malaca,onde foy recebido com grãde prazer do capitão,& de toda a outra gente da fortaleza . Esta victoria & outras

outras muitas teue Fernão Perez dos mouros, em quanto andou por capitão mór naquellas partes, que não digo particularmēte, porque ha outros que escreueram muito delle.

Como o grande Afonso Dalboquerque mandou Diogo Fernãdez de Bèja, & Iamez Teixeira por embaixadores ao Rei de Cumbaya, & como chegárã a Çurrate, & se partiram dali pera a corte. Capit. XXI.

COm as nouas que Fernão Martinz Euãgelho escreueo, da ida de Miliqueaz à corte do Rey de Cambaya, ficou o grã de Afonso Dalboquerque muito descontente, & receoso de não auer effeito o negócio de Diu, & de o elle danar mais do que per suas cartas tinha feito, de que tinha muitas esperanças, segundo lhe Milecopi por Tristão Dèga tinha escrito, & com fundamento de ainda poder ser, mandou Diogo Fernãdez de Bèja, & Iames Teixeira por embaixadores, pera tratarem este negócio com o Rey, & por elles lhe mandou de presente hum colar de ouro esmaltado, & hum punhal com bainha tudo de ouro anilado, & hum criz de ouro, & dez couados de veludo preto, & hũa peça de brocado verde da Persia, & duas da China, & hum bacio de ágoa ás mãos com sua albarrada, tudo muito bem dourado. E porque esta embaixada fosse com mais authoridade q̃ as outras, po lo desejo que tinha de fazer assento em Diu, mandoulhe dar vinte encaualgaduras, & prata pera seruiço de sua mesa, & muitos piães da terra pera os seruirem, & deulhes hum regimēto do que auiam de fazer. Partidos Diogo Fernãdez & Iames Teixeira, mandáram diante Pero Queimado, & Ganapatim gentio (que sabia muito bem a lingoa Guzarate) q̃ fosse pedir seguro ao Rey de Cambaya pera poderem jr a elle, & polos tēpos serem roins, tardáram muito no caminho, & chegáram a Çurrate a quinze dias do mes de Março. E porque ainda não era vindo Pero Queimado, mandáram pedir a Desturcão regedor da cidade, seguro pera poderē desembarcar. E como elle tinha já recado do Rey (q̃ por Pero Queimado sabia de sua vinda) que os agasalhasse muito bem, mandoulhe o seguro, & Meacoja, & Meababu capitães do Rei de Cambaya, & hum jrmã de Milecopi, em cuja casa auiam de pousar, que os fossem receber, & muitas encaualgaduras pera elles, & pera os seus, & carretas pera o fato. Tanto

que

que desembarcáram foramse lógo a casa de Desturcão pera o verem, que estaua doente em hũa cama, & depois de passarem com elle suas cortezias, estiueram praticando todos, até que vieram duas cabayas que o Desturcão mandou trazer, pera dar a Diogo Fernandez & Iames Teixeira (porque aquelle he seu costume) Diogo Fernandez lhe disse, que os embaixadores delRey de Portugal, em cujo nome elles ali vinham, não eram acostumados a tomar nada senão dos Reis a que eram enuiados: & porque Desturcão se ouue por injuriado disso, pela necessidade que tinham delle, por lhe fazerem honra lhas tomáram, & despedidos delle se foram aposentar nas casas do jrmão de Melecopi, que estáuam já aparelhadas pera isso, & ao outro dia pela menhaã mandaram por Duarte Vaz, & Ruy Paez certas peças a Desturcão, que elle tambem refusou de tomar, & com tudo aceitou as. Passados tres ou quatro dias, mandoulhe dizer o Desturcão, que tinha hũa carta do Rey seu senhor, pera lhe dar tudo o q̃ lhe fosse necessario pera seu caminho, que lhe mandassem dizer quando queriam partir pera lho tér prestes. E porque neste tempo chegou Pero Queimado, & lhes deu nóua que Melecopi estáua fóra da corte, desauindo do Rey, & no regimẽto que leuauam lhe mandaua que não fizessem nada sem elle, dissimulárã sua partida, & mandáram dizer por Duarte Vaz ao Desturcão, q̃ o homẽ que fora polo seguro lhes dissera, q̃ o Rey era partido pera a cidade de Patanẽ contra os Reis Butos: & porque Afonso Dalboquerque lhe tinha mãdado em seu regimento, que tornassem a inuernar a Goa, & a mouçáo era gastada, & não auia tempo pera fazerem hũa cousa & a outra, que determinauam de se tornar dali, & que pera a outra mouçáo tornariam mais deuagar. O Desturcão lhes tornou a isto, por Meababu, que pois tinham já tomado seguro, & tudo o que era necessario pera seu caminho estáua prestes, não lhe parecia boa cortezia deixarem de jr ao Rey, nem elle daria boa conta de si se os deixasse tornar sem o jrem vér: pois pera isso vinham; & que era necessario fazelo primeiro a saber ao Rey, & vindo recado seu fariam o que elle mandasse.

¶Como Diogo Fernandez de Béja, & Iames Teixeira viram a determinação do Desturcão, & que não podiam fazer outra cousa senão o que elle quisesse, por darem bom rosto á sua ficada, mandaramlhe dizer, que pois lhe asi parecia, elles fariam o que lhes mandasse: porque o capitão geral das Indias o aueria asi por bem, q̃ lógo se queriã partir caminho da corte. O Desturcão lhes mandou dar tudo o que lhes era necessario, & Meacamadim

madim capitão do Rey, com trinta piães frecheiros, que os fosse aposentá do polo caminho, & partiram de Currate a vinte & oito dias do mes de Março, & chegáram a Champanel a quatro do mes de Abril, & forã pousar em hũa orta junto da cidade, onde se vestiram & atauiáram pera jrem vér Melecopi, que estáua em Champanel: o qual como soube de sua vinda, mandou hum filho seu com muita gente de cauallo & de pé, com muitos tangeres que os fossem receber, & ali dormiram aquella noite, onde forã muito bẽ agasalhados, & banqueteados de Melecopi, ao qual Diogo Fernandez de Béja deu a carta que leuáua de Afonso Dalboquerque, & hum presente, & deulhe conta do negocio a que hiam, porq̃ asi lho tinha mãdado. Melecopi lhes disse que Miliqueaz, depois da partida de Tristão Déga, viera á corte & falára por muitas vezes ao Rei, dizendolhe que não désse fortaleza em Diu aos Frangues: porque se a ali queriam tér era pera lhe tomarem sua terra: que elle tinha Diu muito forte, & não auia medo do poder do mundo que sobre elle viesse. E depois de passarem sobre isto muitas palauras, & lhes Melecopi aconselhar o q̃ auiam de fazer, & a maneira que auiam de tér em seu negocio, se despediram delle, & se partiram pera Madoual, onde o Rey estaua, & Melecopi mandou com elles hum homem principal de sua casa, com seis de cauallo pera os acompanharem, & dissélhes que não pousassem, senão onde aq̃lle homem seu lhe ordenasse.

De como Diogo Fernandez de Beja, & Iames Teixeira, chegáram a Madoual, & do recebimento que lhe fizeram, & o que passaram com Çodamacão Alguazil mór do Rey de C. mbaya sobre seu despacho. Capit. XXII.

PArtidos Diogo Fernãdez & Iames Teixeira, de Chãpanel, antes de chegárem á cidade de Madoual, onde o Rey estáua, mandaram a Meacamadim que os hia aposentádo, que fosse diãte a Çodamacam Alguazil mór, fazerlhe a saber de sua ida, & elle lhe mandou dizer que se aposentassem aq̃lle dia em hũa orta sua fora da cidade, & ao outro pela menhaã, mandou hum homem principal de sua casa Turco de nação, com trinta de cauallo & muita gente de pé, & muitas trombetas & tangeres por elles, pera os agasalhar em sua casa: &

chegádo

chegando todos á porta do seu pateo, veyo Melique Coadragui, filho de Desturcão, que era pagem do Rey recebelos, & ali se deceram & entráram em hũa sala onde os Çodamacão estáua aguardando, do qual foram recebidos cõ muito gasalhado & honra, & ali lhe apresentou lógo Diogo Fernandez o presente que pera elle leuáua, dandolhe hũa carta de Afonso Dalboquerque, & depois de estarem hum pouco falando disselhes, q̃ se fossem descançar, & que como o Rey viesse, que era ido á caça, elle iria ao paço & lhe faria a saber sua chegada, & saberia delle quando queria que o fossem ver, & mandou os agasalhar em hũ quarto das suas casas, onde todos couberam muito largamente. Ao outro dia pela menhaá foy o Çodamacão ao paço, & de lá mandou dizer a Diogo Fernandez & Iames Teixeira que o Rey era vindo, & que queria que lógo fossem a elle: & pera os acompanhar mandou Melique Coadragui com toda a gente de cavalo da corte, cõ muitos tangeres, o qual chegou estando ja Diogo Fernandez & Iames Teixeira com toda a sua gente vestida. Postos a cavalo foramse direitos ao paço, & depois de decidos, passadas muitas casas & pateos foram tér a hũ muito grande onde o Rey estáua lançado em hum catle, com todos os capitães do seu reyno postos pelas paredes em ordem, segundo suas presidẽcias, & chegáram a elle (leuando diante de si o presente q̃ lhe Afonso Dalboquerque mandaua, por ser este seu costume) & fizeramlhe sua cortezia ao nósso modo, & o Rey lhes fez muito gasalhado, mostrando tér muito contentamento de sua vinda: & depois de lhe todos os que leuaua consigo beijarem a mão, deulhe Diogo Fernandez a carta que leuaua de Afonso Dalboquerque, que lógo leo porque era em Arabigo, & depois de lida dissselhe Diogo Fernandez que Afonso Dalboquerque capitão géral da India lhe mandaua sua Çalema, & offerecer toda a armada delRey de Portugal pera o seruir com ella. O Rey lhe agardeceo muito seus offerecimẽtos, & Perguntoulhe como ficaua Afonso Dalboquerq̃, & a elles como se achauam do caminho. Passado isto apartou os Melique Coadragui pera o cabo do pateo, & ali lhe trouxe duas cabáyas de brocado, pera Diogo Fernãdez & Iames Teixeira, & outras de veludo de cores pera os mais que com elles hiam. Acabado de as vestirem, tornára outra vez a fazer cortezia ao Rey, ao modo da terra, & elle lhes disse que se fossem pera a pousada, & q̃ do negócio a que vinham déssem conta a Çodamacão, que elle os despacharia lógo.

¶ Ao outro dia depois de comer mandou os Çodamacão chamar & disse lhes

lhes,que lhe dissessem tudo o que queriam do Rey:porque lhe tinha mandado que os despachasse lógo. Diógo Fernãdez lhe disse, que a principal causa de sua vinda era,pedirlhe lugar em Diu pera fazer fortaleza, pera nella tér sugura a gente & fazenda delRey de Portugal : porque Afonso Dalboquerque capitão géral da India,esperaua de tér grande trato no reyno de Cambaya,& que desta maneira teria o Rey os Portugueses mais pegados consigo,pera o seruirem,& a sua alfandega lhe renderia dobrado do que rendia. O Çodamacão lhes respondeo,que até aquella hora nunca se falara em fortaleza senão em Bacar,a qual elle cõcedera a Tristão Déga quando la fora,& que pera tér amizade com o Rey de Cambaya & trato em seu reino abastaua Bacar:porque nome de fortaleza era muito odioso. A isto lhe disse Diogo Fernandez,que a gente & fazenda delRey de Portugal,nao auia de estar em Bacar,senão em muito boa fortaleza,por lha não roubarem & matarem os seus,como fizeram em Calicut,Coulão & Malaca: & que se nelles tiueram fortalezas como agora tinham,tudo estiuera seguro,& a paz & amizade conseruada. E porque elRey de Portugal desejaua de a tér verdadeira com o Rey de Cambaya lhe mandaua pedir fortaleza em Diu:& por aqui lhe deram outras muitas rezões q̃ faziāo ao caso. O Çodamacão lhes respondeo, que por amor de Afonso Dalboquerque apresentaria ao Rey todas aquellas rezões,& trabalharia muito polos despachar o mais cedo que podesse. E dali a tres dias mandou os Çodamacão chamar á noite(porque as casas se corriam hũas pelas outras)pera lhes dar o despacho,& disselhes que dizia o Rey,que pela amizade que desejaua de tér com elRey de Portugal,& tambem por lho Afonso Dalboquerque capitão géral da India mandar requerer,era cõtente de lhe dar fortaleza em hum destes lugares qual quisesse.s.Baroche,Currate,Maim,Dumbes,ou Bacar,& que de qualquer lugar destes que quisesse aceitar, lhe mandaria lógo fazer seu despacho. E se isto não quisessem que lhe não parecia bom coração o do capitão géral da India. Diogo Fernandez lhe respondeo,que elle não trazia comissam de Afonso Dalboquerque pera poder acitar fortaleza senão em Diu,& q̃ pois elle era hũa pessoa tam principal, & em q̃ o Rey tinha muita confiança,que deuia de olhar muito bem quanta honra & proueito ganhaua, em as gentes delRey de Portugal terẽ trato em sua terra,porq̃ desta maneira se tornaria a ennobrecer,& a rẽder muito mais do que sohia,& as suas naos nauegariam seguras,sem lhe ninguem fazer nojo. O Çodamacão lhe disse,que so o Rey tiuesse paz & amizade com

o de Portugal,se lhe tolheriam nauegarem as suas naos pera o estreito, & pera Adem,não leuando especiarias,respondeolhe Diogo Fernádez, que não era rezão que as naos de Cambaya nauegassem pera aquellas partes: pois era gente com quem elRey de Portugal tinha guerra,& que a verdadeira amizade auia de ser amigos de amigos, & imigos de imigos. Çodamacão lhe disse,que pois as naos de Cambaya não auiam de nauegar seguras pera o estreito,& pera Adem,onde era a sua principal nauegação, q̃ proueito tinha o Rey da amizade delRey de Portugal? & que isto que lhe o capitão géral da India pedia,tinha elle dado a Miliqueaz, que era hum escrauo seu,& que se não eram contẽtes do despacho,que elle não auia de falar mais nisso ao Rey. Diogo Fernandez lhe respondeo,que como se nã contẽtariam os Guzarates,de nauegarem pera Malaca,Pegù,Martabane Bengála,& Ormuz,& pera todas as outras partes q̃ estáuão a seruiço del-Rey de Portugal,& tinham paz com elle,& não pera o estreito & Adem, com quem tinha guerra? os quaes o capitão géral da India determináua com sua armada jr distruir,& que depois de ter feito assento naquellas partes, podiam as naos de Cambaya lá jr com suas mercadorias, & que pois determinaua de não falar ao Rey mais naquelle negócio,que lhe mandasse dar despacho daquillo que dizia,pera darem rezão de si a Afonso Dalboquerque:porque elles determinauão de se partir,&acabada esta pratica se tornarám pera sua casa.

De como Diogo Fernandez & Iames Teixeira se despediram do Rey de Cambaya, & se partiram, & o que passaram atè chegarem a Goa. Capit. XXIII.

PAssados tres dias mandou o Çodamacão dizer a Diogo Fernandez,& Iames Teixeira, que se fossem despedir do Rey, porque os tinha já despachados,&estando elles pera jr,chegou Melique Çoadragui com muita gẽte de caualo, como da primeira,& entrando no paço deram a todos cabayas que vestiram,& adagas,& camarabandes com que se cingiram ; & assi foram beijar a mão ao Rey:o qual lhes disse que se fossem a Çodamacão,que elle lhe daria seu despacho,dizendolhe muitas palauras de amizade,q̃ dissessem da sua parte a Afonso Dalboquerque. Despedidos vierã se a casa do Çodamacão,& elle lhe deu hũa carta do Rey pera Afonso Dal

boquerq̃,

boquerque, & hum presente de Cousas de Cambaya, & hũa bicha por ser cousa mõstruosa, & nunca vista nestas partes, a qual estáua em Champanel, & que elle lha mandaria a Çurrate. E como foram despachados do Çodamacão, despediramse delle, & vieramse pera casa onde já tinhá carretas prestes & caualos, & dali se partiram, & chegáram a Çurrate a oito dias do mez de Mayo, & polos tempos serem já muito forçosos, & não poderem nauegar inuernáram ali. Passado o inuerno pediram a Desturcão que lhes desse embarcação, como lhe o Rey tinha mandado: porq̃ se queriam partir, & elle lhe mãdou dar tres cotumbas (que sam hũs nauios pequenos) & nelles mandaram embarcar o fato, & a bicha que já era chegada, a qual veyo a este reyno, & elRey dom Manuel a mandou ao Papa, & no caminho se perdeo a nao em que hia. Depois do fato ser todo embarcado, despediramse de Desturcão, & dali se foram acompanhados de dous capitães do Rey de Cambaya, até o lugar onde auiam de embarcar, & despedidos delles partiramse caminho da India, & chegárã a Goa a quinze dias do mes de Setembro, onde acháram Afonso Dalboquerque muito agastado, porque lhe tinha dado hum regimento, em que lhe mandaua q̃ em nenhũa maneira do mundo inuernassem em Cambaya, & até ali não tinha sabido nenhũas nouas delles. Diogo Fernandez & Iames Teixeira lhe deram cõta de tudo o que passaram, & como o Rey estaua muito fora de lhe dar fortaleza em Diu: porque Miliqueaz o estoruaua, com grossas peitas que daua a Bilirrane, que era a principal molher que o Rey tinha & que o gouernaua, & que os lugares que lhe dauam pera a fazer, veria por aquella carta que traziam.

¶ Este reyno de Cambaya antiguamẽte foy de gentios, & confina de hũa parte cõ as terras dos Reisbutos, polo porto de Barapatane, & cõ o reyno de Decam por hum porto que está entre Chaul, & Maim: terá cento & trinta légoas, de costa, jáz quasi em ponta, & pera dentro do sertão terá sessenta légoas de largo: he terra chaم, muito abastada de mantimentos, & ha nelle muitos caualos & muito bõs. Confina tambem polo sertão com o reyno de Delij, & com o reyno de Mandou, que sam dous Reys muito poderosos, & quando os Portugueses descobriram a India, auia dozentos annos que era señoreado de mouros, & foy desta maneira. Tem Cambaya hũa ilha pegada á terra firme talhada a pique, que se chama Betexagor, na qual os mouros Arabios, & Persios, vindo ali tratar de mercadoria cõ os gentios, fizeram hũa pouoação, & começáramse aliar com elles, & como

os gentios segundo suas créças & religião, não podiam tér armas em suas casas, achâram os mouros disposiçã nelles, & com pouco trabalho foram senhores de todos os lugares & portos das ribeiras do már, & dali começaram a conquistar a terra firme, & em pouco tempo senhoreáram tudo, & começáram a fazer naos de quilha, em que nauegáuã pera todas as partes da India, & o segundo Rey mouro que reynou em Cambaya, q̃ foy grãde conquistador, mandou certas naos a cósta de Melinde, & dali vieram demandar a cabo de boa esperança, com determinação de passarem a estas partes, & chegando ao cabo acharam tam fortes tempos, que arribáram, & vieram tér a ilha de sam Lourenço, & por as naos não serem pera nauegar ficáram nella, & pouoaram algũs portos, & dizem que destas naos naceo, auer pouoação de mouros na ilha de sam Lourẽço: & por ser este reino de Cambaya abastado de todas as mercadorias, nauegauam pera elle de todas as partes da India.

¶ O Rey que reynaua quando Diogo Fernandez chegou, era homem de quarenta annos, casado com hũa Reybuta, molher de grande preço & estima, que se chamaua Behrrane, & afora esta tinha quinhentas. Era grãde caçador de falcão, & quando hia à caça leuaua sempre consigo trezẽtos caçadores a cauallo. O Rey de Cambaya esta sempre o mais do tempo na cidade de Madoual, por estar perto das serranias dos Reisbutos, com quem tem sempre continua guerra. Terá esta cidade de comprimento hũa boa légoa: he muito viçosa de muito boas agoas, muitos folgares, & muitas casas, & por isto está nella o mais do tempo: & todo o seu thesouro, artelharia, & munições de guerra, tem na cidade de Champanel, por ser muito forte: a qual tẽ hũa fortaleza em hũ alto onde estam certos homẽs principaes, de que o Rey se confia muito, em guarda com muita gẽte de cauallo. Auia neste reyno de Cambaya, neste tempo que Diogo Fernandez & Iames Teixeira la foram, quatro senhores principaes que gouernauão a justiça & fazenda do Rey, & o principal delles era Çodamacão, que foy seu mestre que o ensinou a lér: o qual era Turco de nação: os outros tres se chamauão Dabiadastur, Asturmaleque, & Asturcão.

Do que Pero Dalboquerque passou na viagem que fez ao cabo de Guardafum, & com o Rey de Ormuz chegando a elle. Capitulo, XXIIII.

Depois

Epois de Pero Dalboquerque ser partido de Goa (como atras fica dito) fez sua viagem direito a Çacotorá, pera ali tomar ágoa, & naquella trauessa ouue vista de tres naos, & arribou a ellas, & por serem de Calicut, & leuarem seguro de Afonso Dalboquerque as largou, & deixou jr seu caminho: nas quaes hiá todos os mercadores mouros estátes em Calicut, cõ suas molheres, filhos & fazendas, que o Rey mandou que se fossem fora de seu reyno (como fica dito.) Pero Dalboquerque depois de largar as naos, tornou a seu caminho via de Çacotorá, & feita sua ágoada, foyse ao cabo de Guardafum, & ali andou todo o veram, onde tomou dez naos de mouros muito ricas, q̃ hiá pera o estreito, & por ser já tarde, & os ventos lhe não dárem lugar, pera jr dar vista a Adem, como lhe Afonso Dalboquerque mádaua, foyse na volta de Ormuz, onde chegou na fim de Mayo, & surto no porto, mádoulho o Rey Torunxa que reynaua (por o Rey Cesadim seu jrmão ser morto cõ peçonha) visitar á nao por Hacem Ale, mouro natural de Grada, & por elle lhe mandou dizer, que aquella cidade estáua a seruiço delRey de Portugal, cujo vassalo elle era. Pero Dalboquerque lhe deu grandes agradecimentos pela visitação, & que folgaua muito de o achar naquelle proposito, & ao outro dia pela menhaã mandou a Tristão Déga a terra, & Francisco Dalboquerque que fora Iudeo, por lingoa, com as cartas que trazia de Afonso Dalboquerq̃ pera o Rey, & q̃ lhe dissesse q̃ sabẽdo o grãde Afonso Dalboquerq̃ seu tio capitão géral das Indias, q̃ o Rey Ceifadim seu jrmão era morto, o mandara ali pera retificar as pazes com elle, q̃ antre ambos foram feitas, & pedirlhe q̃ lhe mãdasse pagar as pareas, q̃ lhe erã diuidas de dous annos: & porq̃ elle trazia aq̃llas naos carregadas de muitas mercadorias, q̃ lhe pedia por merce lhe mãdasse dar a fortaleza, que seu tio deixára começada pera nella as agasalhar, & tãbem pera a gẽte q̃ ali ficasse estár segura dos desastres de Ormuz. O Rey lhe respõdeo, q̃ a fortaleza lhe não podia dar, porque estaua metida com os seus paços, & por ser pegado no már não tinha cousa com que mais folgasse, & que visse elle se auia algum lugar junto do már, ou dentro na cidade, onde podesse estar segura sua fazenda & gente, q̃ elle lho mandaria logo dar, & que quanto ás pareas, que seu jrmão tinha mandado hum embaixador a elRey de Portugal antes de sua morte, com hũ presente de pérolas, & outras cousas de muito preço, pedindolhe que lhe quitasse as diuidas dos annos passados,

& que esperaua pela reposta, & quando lhas não quisesse quitar, elle se em penharia pera pagar tudo o que deuesse: & que quanto à retificação das pazes, elle estaua prestes pera fazer tudo o que lhe Afonso Dalboquerque mandaua.

¶ Tristão Déga tornou com esta reposta, & como Pero Dalboquerque nã ficou cõtente della, mandoulhe dizer, q̃ elle não lhe mãdaua pedir os seus paços, senão a casa & fortaleza q̃ seu tio começára a fazer, à custa da fazenda delRey de Portugal, por vontade de seu jrmão, & de seus gouernadores, como se podia ver pela carta das pazes que antre elles fora feita: que lhe pedia muito por merce lha mandasse entregar: porque queria descarregar aquellas naos, & começar a vender suas mercadorias, & que tambẽ lhe viria proueito na sua alfandega: & quanto ao que dizia, que a fortaleza estaua pegada com os seus paços, que isso era o que elle diuia de querer: porque quanto mais perto de si tiuesse o Portugueses, tanto mais segura estaria sua pessoa de seus imigos, & teria seu reyno mais em paz, & seu porto seria fauorecido, & cheo de todas as riquezas do mundo. O Rey lhe respondeo, que era verdade que seu jrmão tinha dado lugar pera se fazer em elle hũa fortaleza, não cuidando nos inconuenientes que se disso podiã seguir, & q̃ depois de ser começada, & Cogeatar gouernador do reyno ver o danno que disso recebião os seus paços, não quisera consentir q̃ se acabasse, & esta fora a principal causa das differẽças, q̃ entre Afonso Dalboquerq̃ & o Rey seu jrmã ouuera, & q̃ aquella fortaleza lhe deuassaua os seus paços & que por esta rezão & outras muitas, não podia largar aquella casa: & pois pera fazer outra lhe tinha offerecido qualquer lugar que quisesse, & que lha faria à sua custa, que o deuia de aceitar, & não insistir mais nisso, porque na carta que lhe o capitão géral da India escreuia, o auia asi por bem. Tristão Déga lhe respondeo, que pois queria estar pela carta, & dar outro lugar pera se fazer fortaleza, que Pero Dalboquerque capitão mór daquella armada, não aceitaria outro senão o esprital ou alfandega, porq̃ em cada hum destes mandaua Afonso Dalboquerque que se fizesse, por serem junto dos seus paços, onde a gente & mercadorias delRey de Portugal estariam mais seguras, não lhe querendo dar a sua. O Rey lhe respondeo, que o esprital que lhe Pero Dalboquerque mandaua pedir, era hũa casa de oração, que os seus antepassados fizeram, pera recolhimento dos doentes, & peregrinos que a Ormuz viessem, & que seria cousa muito vergonhosa pera elle, dar a casa que estaua offerecida a Deos, pera fazer

nella

nella fortaleza, & que quanto á alfandega, que era hũa casa em que se pagauão os direitos antiguamente aos Reis de Ormuz, que tirandolha era tirarem lhe a vista dos olhos, & que em nenhũa maneira do mundo lhe podia dar nenhum daquelles lugares, que outro qualquer q̃ quisesse lhe daria, como lhe tinha dito. E com esta final reposta se veyo Tristão Déga, & disse a Pero Dalboquerque tudo o que passára com o Rey.

De como Pero Dalboquerque vendo que o Rey lhe não queria dar a fortaleza, nem lugar pera fazer outra, lhe mãdou pedir hũa casa pera descarregar as naos, & se partio a descobrir o estreito do már da Persia. Capit. XXV.

VEndo Pero Dalboquerque as dilações em que o Rey andaua, & que auia muitos dias que estaua ali sem fazer nada, mandoulhe dizer por Tristão Déga, que pois sua vontade & de seus gouernadores era, não lhe dar a fortaleza, que o grande Afonso Dalboquerque tinha começada, nem nenhum lugar dos que lhe pedia pera fazer outra, que lhe mandasse dar hũa casa em que descarregasse aquellas naos, pera começar a vender suas mercadorias. O Rey mostrandose disso muito contente, lhe mandou dar as casas em que estiuera a feitoria delRey de Portugal, a primeira vez que Afonso Dalboquerque foy a Ormuz, onde se acharam algũas cousas que ficáram nellas, pelas não poderem recolher: as quaes Rexnordim mandou entregar a Tristão Déga, & Ioão Teixeira. E como foram entregues das casas, começáram logo a descarregar suas mercadorias. Descarregadas as naos mandoulhe Pero Dalboquerque pór o fogo, & ainda que se nisso perdesse muito dinheito que os mouros dauã por ellas, ganhouse muito em as elles não terem pera nauegar. Feito isto mãdou a Tristão Déga & Ioão Teixeira, que estiuessem em terra por feitores daq̃llas mercadorias, & Christouão Cercado, & Vasco Pirez escriuão da armada por seus escriuães, & elle fez se prestes cõ sua armada, pera jr descobrir o estreito do már da Persia, como lhe Afonso Dalboquerq̃ tinha mãdado em seu regimẽto & estádo cõ as vellas dalto pera se partir, mãdoulhe o Rey dizer por Hacé Ale, que lhe rogaua muito que não fizesse aquelle caminho; porque as

ſuas naos eram grandes, & o eſtreito todo cheo de baixos & ilhas, que ar-
receaua a contecerlhe algum deſaſtre. Pero Dalboquerque lhe reſpódeo,
que lhe beijaua as mãos por aquelle auiſo, mas que não podia deixar de fa-
zer aquelle caminho: porque lhe tinha mandado o capitão géral da India
que deſcobriſſe aquelle eſtreito todo, & que tambem lhe mãdaua, que ſou
beſſe ſe eſtáua Bárem á ſua obediécia, & que pois elle lá hia, que viſſe ſe lhe
compria algum ſeruiço, porque com aquella armada delRey de Portugal
ſe offerecia a ſeruilo, & que aſsi lho tinha mandado Afonſo Dalboquerq̃
ſeu tio, & que lhe pedia muito por merce q̃ tiueſſe preſtes as pareas & carta
de ouro, porque tanto q̃ tornaſſe ſe auia lógo de partir caminho da India.
¶ Como o Rey de Ormuz vio que todauia Pero Dalboquerque por cima
do que lhe aconſelhaua determinaua de entrar o eſtreito, mandoulhe dar
dous pilotos q̃ o ſabiam bẽ, & cartas pera no caminho lhe darem outros,
& tudo o que lhe foſſe neceſſario, & encomendoulhe muito, que fauorę-
ceſſe hũ capitão ſeu q̃ lá andaua. E com iſto ſe partio a ſete de Iulho do dito
anno, & entrou polo eſtreito do már da Perſia, & deſcobrio todos os por-
tos, ilhas, & lugares que nelle auia, até hũa ilha que ſe chama Lulutem, &
ſendo tanto á vante como Bárem, por os ventos ſerem ponẽtes, & fazerſe
tarde pera tornar á India (como em ſeu regimento leuáua) fez volta eſtã-
do della dous dias de caminho, & veyo tér a Raxel onde achou Mirbuzaca
capitão do Xeque Iſmael: o qual tinha tomado vinte terradas a hum ca-
pitão do Rey de Ormuz. Como Pero Dalboquerque iſto ſoube, mandou
lhe dizer que o grande Afonſo Dalboquerque o mãdara com aquella ar-
mada áquellas partes, em ſeruiço do Rey de Ormuz, que lhe pedia por
merce que as terradas que tinha tomadas ao ſeu capitão, lhas mandaſſe en
tregar. O Mirbuzaca como não tinha armada pera poder reſiſtir á nóſſa,
mandoulhe entregar as terradas & tudo o mais que tinha tomado. E de-
pois de o capitão ſer entregue dellas, partioſe Pero Dalboquerq̃ pera Or-
muz, onde chegou a ſeis dias do mes de Agoſto, & o Rey o mandou lógo
viſitar por Hacem Ale, dandolhe grandes agardecimentos do que paſſara
com Mirbuzaca, ſobre as ſuas terradas. Triſtão Déga & Ioão Teixeira,
vierão lógo vér á nao, & déramlhe conta como o Rey lhe não tinha pago
as páreas, nem feito a carta de ouro que lhe deixára dito q̃ fizeſſe. Paſſados
dous dias mãdou Pero Dalboquerq̃ dizer ao Rey por Triſtão Déga, Ioão
Teixeira, & Vaſco Pirez eſcriuão da armada em modo de requerimento,
que pois lhe não quiſera dar a fortaleza q̃ Afonſo Dalboquerque tinha co
meçada

meçada, que a reposta disso lhe mandasse por escrito, & que as pareas lhe mádasse pagar: porque se não auia de jr sem ellas pera a India. O Rey não quis responder por escrito, & de palaura lhe mádou dizer, que a fortaleza em que lhe tornaua a falar, já lhe tinha dito a rezão porque lha não podia dar, & quanto ás pareas, que elle estáua pobre, por muitas despesas que tinha feitas, que lhe pedia que disto & do mais que lhe tinha dito, acerca da vinda do seu embaixador, lhe conhecesse, & o podia dar por reposta ao capitão géral, & com isto se despedio Tristão Déga do Rey.

De como Pero Dalboquerque tornou apertar com o Rey sobre a paga das pareas, & o que sobre isso passou com elle, & de como se partio pera a India, & chegou a Goa. Capitulo, XXVI.

FIcou Pero Dalboquerque tam agastado desta reposta do Rey, que tornou logo a mandar Tristão Déga que lhe dissesse, que pois lhe pagára tam mal o seruiço que lhe fizera, em lhe fazer tornar as suas terradas, q̃ soubesse certo que se ná auia de partir daquelle porto, sem primeiro lhe mádar pagar todas as diuidas que deuia. Como lhe Tristão Déga deu este recado sem mais esperar reposta se tornou pera as naos. O Rey & os seus gouernadores, vendo a determinação de Pero Dalboquerque, receandose que com esta menencoria lhe queimasse sessenta naos de mercadores, q̃ estáuã no porto: as quaes hiam pera o estreito, & com a noua q̃ tiueram de elle an andar de armada no cabo de Guardafum, arribaram ali, assentáram todos que pera remediar isto, deuião de trabalhar por lhe pagar o mais q̃ podessem, do q̃ lhe era diuido das pareas, & mandoulhe logo o Rey dizer por Hacem Ale, q̃ pois lhe não queria conhecer suas necessidades, né esperar pela reposta do seu embaixador, q̃ tinha mandado a Portugal, que elle buscaria algũ dinheiro emprestado pera lhe pagar, & seria o mais q̃ podesse. Passados tres dias mandoulhe por Hacem Ale dez mil xerafins, pedindo lhe muito q̃ lhe perdoasse, por lhe não mandar mais, q̃ os mercadores estáuam tam pobres (por não ousarem de nauegar por medo da sua armada) que ainda aquillo podéra auer com muito trabalho, & quanto era á carta de ouro, q̃ se estáua fazendo, q̃ como se acabasse elle a mandaria ao capitão géral da India. Pero Dalboquerque porque o tempo não dáua lugar pera

esperar, por causa da moução, tomou os dez mil xerafins, & mandou recolher a fazenda que ainda estaua em terra por vender, ás naos: & como teue tudo recolhido, & a armada prestes de mantimentos, & ágoa pera se partir, mandou dizer ao Rey por Tristão Déga, & Ioão Teixeira, que Afonso Dalboquerque tinha sabido, que o Xeque Ismael desejáua muito Ormuz, que elle da sua parte lhe pedia por merce, pois a obrigação de o defender era delRey de Portugal, não consentisse que gẽte grossa do Xeque Ismael entrasse em suas terras, & mandasse apregoar que nenhũa pessoa da Persia passasse á India, porque Afonso Dalboquerque mandaua que todo aquelle que se tomasse nesse már, indo pera la, fosse trazido á espáda, q̃ mercadores podiam jr seguros quantos quisessem. E sendo caso que a Ormuz viesse tèr algum embaixador do Xeque Ismael, pera algum Rey da India, que não leuasse consigo mais que cincoenta pessoas: porque todos os mais que se achassem, auia de tomar por catiuos. E porque elRey de Portugal mãdaua desfazer o porto de Baticalá, & queria q̃ todos os caualos da Arabia, & Persia fossem a Goa, que lhe pedia por merce, que todas as naos q̃ carregassem caualos, mandasse que fossem direitas a Goa: porque ali achariam todas as mercadorias que quisessem, & que fazendo isto, elle não daria seguro a nenhũa nao pera nauegar, senão a que fosse direito a Ormuz com mercadorias, & que soubesse certo, que toda a que não fosse a Goa, lhe auia de mandar tomar a fazenda, & matarlhe a gente. O Rey lhe respondeo, que jrem os mercadores a Goa lhe parecia muito bem: mas que auia de ser com duas condições. A primeira que esta pena se executasse naquelles que craramẽte se visse que deixáuam Goa por jr a outras partes. E a outra que mãdasse fazer muita honra aos mercadores, & respeitasse quam caros erã os caualos em Ormuz, & quanto custo faziam aos que os leuauam, & que fazendo isto, & dãdolhe as mercadorias em preço que podessem ganhar, todos os mercadores folgariam de jr a Goa, sem ser necessario pôremlhe pena pera os fazerem lá jr. E com esta reposta se despedio Tristão Déga & Ioão Teixeira do Rey: & como foram na nao mandou lógo Pero Dalboquerque noteficar aos capitães sua partida, & ao outro dia pela menhaã déram vella, & fez seu caminho direito á India: & sem lhe acõtecer cousa que seja de contar, chegou a Goa com toda sua armada, a vinte oito dias de Setembro, do anno de catorze, onde achou o embaixador do Rey de Ormuz que auia poucos dias que chegára de Portugal, nas naos que vierã aquelle anno, & com a chegada de Pero Dalboquerq foy grande aluoroço

na

na cidade porque já se sabia as grandes presas que fizera, & como chegou foy lógo ver a Afonso Dalboquerq̃ seu tio, & deulhe conta do que passára em sua viagem, & como o Rey de Ormuz tinha tomado a carapuça do Xeque Ismael, & mandaua rezar a suá oração em todas as suas mesquitas, & que Rexnordim gouernaua tudo, & que mandára vir todos os seus filhos da Persia, & que hum capitão do Xeque Ismael, que se chamaua Mirbuzaca, andaua com hũa armada senhoreando todo o estreito da Persia. Afonso Dalboquerque ainda q̃ folgasse muito cõ a vinda de seu sobrinho, pera suprir as necessidades da India, pesoulhe de saber o estado em que as cousas de Ormuz estauã, & determinou lógo cõsigo só, de jr aquelle anno remedialas, antes que o Xeque Ismael metesse ali hum pé, & começouse lógo a fazer prestes dissimuladamente, mostrando que tudo era pera entrar o estreito de Méca. Valeria esta presa quarenta mil cruzados, pera elRey, & hũa nao carregada de mercadorias, que se não pode vẽder, afora os dez mil xerafins das pareas. E posto que Afonso Dalboquerque fosse aconselhado polos officiaes delRey, que fizesse a carrega daquelle anno a dinheiro, por custar menos, lembrandose da necessidade da gente, nãono quis fazer, & mãdou pór hũa mesa na praça, & pagar a todos em dinheiro & mercadorias, tudo o que lhe era diuido de seus soldos & mantimentos, até aquella hora, com que ficáram muito contentes. E antes que se este pagamento fizesse, aconteceo ser Afonso Dalboquerq̃ muito importunado de hum Lascarim, q̃ lhe mandasse pagar seu soldo que morria á fome: & vẽdo se elle sem dinheiro pera o poder fazer, puxando polas barbas lhe disse. Arrenego da vida em que viuo, que queres q̃ te faça? toma essas barbas vay as empenhar. O Lascarim as guardou, & sendo a este tẽpo q̃ pagáram aos outros fóra, quando veyo foyse a Afonso Dalboquerque & dissełhe. Eis aqui as vóssas barbas manday as desempenhar & pagaime. Elle o abraçou dizendo, que quem lhe tambem guardara as suas barbas, rezão era que fosse muito bẽ págo: & porq̃ já não auia dinheiro delRey, mãdoulhe pagar do seu, & dali por diãte lhe chamáram o Lascarim de Afonso Dalboq̃rq̃.

Da chegada do embaixador do Rey de Narsinga, & do recebimẽto q̃ o grãde Afonso Dalboquerque lhe fez, & como o despachou, & mandou em sua cõpanhia Antonio de Sousa, & Ioão Teixeira, assentar o negócio a que viera. Capitulo. XXVII.

Om estas nóuas que Pero Dalboquerque deu, do estádo em que as cousas de Ormuz ficáuam, determinou o grande Afonso Dalboquerque de jr lá aquelle verão com hũa grossa armada acabar a fortaleza que deixára começada, & empossarse do Reyno, primeiro que o Xeque Ismael entẽdesse nelle, & começouse a fazer preites dissimuladamente, sem dar conta a ninguem, dizendo que sua ida auia de ser pera o estreito de Méca: porque assi lho tinha elRey dom Manuel mandado. E neste tempo chegou hum embaixador do Rey de Narsinga, que se chamaua Retelim Cherim, gouernador de Bracelor, & dos lugares da ourela do már: o qual era o principal homem de sua casa, & muito aceito a elle, & vinha acompanhado de muitos piáes da terra que o seruião polo caminho. Auisado Afonso Dalboquerque da sua vinda, & a pessoa que era, mandou Pero Mazcarenhas capitão da forteleza cõ muita gente de caualo, que o fosse esperar fora da cidade. Chegado a elle fezlhe sua cortezia, vindo já acompanhado de muita gente de caualo, & hum capitão com muitos piáes da terra, & trazia diante de si quatro Alifantes cõ seus castelos de madeira emparamentados de seda, & em cada hum delles vinha hum homem honrado gẽtio, com bacios de ágoa ás mãos de prata dourados, em q̃ trazião pórolas, & joyas de pedraria, & outras péças ricas da terra, que lhe o Rey mandáua de presente, & com este aparato chegárã aos paços do Çabayo, onde Afonso Dalboquerque estáua, & ali o esperou em hũa sala grande muy bem armada, & hum docel de brocado com hũa cadeira de veludo cramesim, em que estáua assẽrado, & todos os capitães, fidalgos, & gente nóbre que estauão em Goa, em pé ao longo das paredes: porque ainda que o grande Afonso Dalboquerque com os nóssos se tratasse familiarmente, com os mouros & gentios daquellas partes guardou sempre sua authoridade, de q̃ naceo terem lhe muito acatamẽto, & terẽno em muito. Como o embaixador entrou na sala, Afonso Dalboquerque pela calidade de sua pessoa, o veyo receber ao meyo della, & dali se foram ambos ao lugar onde se auiam de assentar, & asi em pé lhe apresentou o embaixador o presente que leuáua, & deulhe hũa carta de crença do Rey de Narsinga, pedindolhe muito que o despachasse com breuidade. Afonso Dalboquerque lhe disse que se fosse repousar do trabalho do caminho & que elle veria a carta & o despacharia, & mandoulhe dar todo o necessario pera sua despesa & dos seus. Ao outro dia mandou ho chamar & disselhe

disselhe, que o Rey de Narsinga lhe escreuia, que tudo o que lhe elle dissesse da sua parte cresse, que queria saber o negócio a que vinha, perá o despachar. O embaixador lhe respondeo, que o Rey de Narsinga seu señor desejáua muito de continuar a paz & amizade qué tinha feita com elRey de Portugal, & por esta rezão, sabendo as differenças que auia entre elle & o Hidalcão, determinaua de lhe fazer a guerra, & que se elle estáua ainda na determinação passada, que o auisasse por hum messageiro seu: porque sendo ambos juntos nesta guerra, auia pouco que fazer em o destruir, & tambem lhe falou no trato dos caualos: & porque o Rey de Narsinga depois de lhe Afonso Dalboquerque mandar cometer por Manuel Fernandez & Gaspar Chanoca, que se ajuntassem ambos pera fazerem guerra ao Hidalcão, andou sempre em dilações sem se determinar, quis tambem dilatar este negócio até o Rey entender, que em sua mão estaua distruilo, com lhe tirar o trato dos caualos, & dalo ao Hidalcão, & disse ao seu embaixador, que elle cuidaria naquelle negócio, & lhe responderia. O embaixador auisou lógo o Rey de Narsinga desta reposta seca, q̃ lhe Afonso Dalboquerq̃ deu: o qual como vio q̃ elle não acodia com diligencia a dizerlhe q̃ estaua prestes pera jr sobre as terras do Hidalcão, sendo negócio que lhe muitas vezes tinha cometido, assentou que podiam ser intelligencias do Hidalcão, & despachou lógo hum messageiro pera o seu embaixador dizẽdolhe que apressasse mais seu despacho, & dissesse a Afonso Dalboquerque, que estaua já em caminho, com todos seu, arrayaes, esperando seu recado. E vẽdo elle que todauia o Rey de Narsinga se apressaua como homem que desejáua de tomar conclusam no negócio, polos receyos q̃ tinha do Hidalcão, despachou o seu embaixador, & fez prestes Antonio de Sousa & Ioão Teixeira com dez de caualo, & cincoenta piães da terra, pera os seruirem polo caminho, & mandou os em sua companhia, pera assentarem esta amizade: & na instrução que lhe deu de cousas que auiam de dizer ao Rey da sua parte dizia, que querendo elle sua ajuda, pera entrar nas terras do Hidalcão, que lha daria, com tal condição, que auia de pagar soldo a toda a gente que lhe mandasse, & quanto ao trato dos caualos, que lhe auia de dar trinta mil cruzados cada anno, com obrigação de mandar por elles a Goa, & pagar os direitos delles, & Baticalá ou Bacalor, qual elle Afonso Dalboquerque mais quisesse. Estas & outras cousas lhe mandou cometer porque lhe pareceo que o tempo estaua disposto pera fazer bom negócio com elle, & ás vezes hũa boa conjunção acaba milhor hum negócio, por

muito grande que seja, que o poder de hũm Rey. Como foram prestes partiramse, & por elles mandou Afonso Dalboquerque hum presente de peças muito ricas ao Rey, que Pero Dalboquerque trouxe de Ormuz, & outras de Portugal.

Como depois de partido o embaixador do Rey de Narsinga chegou outro do Hidalcão a falar nas pazes, & trato dos caualos, & outro de sua mãy, que veyo apressar mais o negócio, & o q̃ o grande Afonso Dalboquerque nisso fez. Capitulo, XXVIII.

SAbendo o Hidalcão que o Rei de Narsinga tinha mãdado seus embaixadores ao grande Afonso Dalboquerq̃, & q̃ se fazia prestes cõ muita gẽte pera vir sobre suas terras, a fim de lhe fazer a guerra, arreceandose que assentasse com elle o trato dos caualos, que era o principal neruo de sua defensam, mandou hum messageiro com cartas ao seu embaixador, que auia dias q̃ andaua em Goa: o qual fora em cõpanhia de Diogo Fernãdez adail, & Ioão Teixeira, q̃ a tras fica dito q̃ Afonso Dalboquerque la tinha mandado, & tornárãose sem tomárem cõcrusam: q̃ apressasse mais o negócio, & q̃ lhe dissesse q̃ pois estaua asẽtado antre elles, q em quãto se tratasse em cõcerto de paz, nã tolhesse virẽ as naos dos mouros cõ suas mercadorias a Dabul, q̃ lhe pedia por merce mãdasse castigar os seus capitães, pois cõtra este asẽto q̃ estaua feito, tomauã todas as naos q̃ vinhã pera Dabul: porq̃ elle desejaua muito de ter paz & amizade cõ elRey de Portugal, & asẽtar o trato dos caualos, como por muitas vezes lhe tinha mãdado dizer por seus embaixadores, & q̃ lhos não deuia de tirar polos dar ao Rey de Narsinga. O embaixador deu conta de tudo isto q lhe o Hidalcão escreueo, a Afonso Dalboquerq̃, pedindolhe q̃ o despachasse: porq̃ o Hidalcão seu señor cuidaua q̃ por negligẽcia sua deixaua de o ser. E como a determinaçã de Afonso Dalboquerq̃ era entretelo, tẽ ver se o Rey de Narsinga queria tomar cõcrusam, no q̃ lhe tinha mãdado dizer: porq̃ lhe vinha milhor sua amizade por ser gentio, se com boa determinação quisesse entẽder na cõquista do reyno de Decam, q̃ a do Hidalcão por ser mouro, com o qual não podia ter nunca verdadeira amizade, por amor dos Turcos que lhe aconselhauam que a não tiuesse, respondeolhe que elle o despacharia.

Passa-

Passados algũs dias vendo a máy do Hidalcão que o gouernaua, que o seu embaixador tardaua, como ella desejaua que seu filho tiuesse pàz cõ Afonso Dalboquerque, mandoulhe por hũa criada sua molher de muita autoridade, que fora casada cõ hum mouro que gouernaua sua casa, com hũa carta a tratar esta amizade, com muitos offerecimentos, pedindolhe que despachasse o embaixador de seu filho, que auia muito tempo q̃ lá andaua requerendo seu despacho, & que desse licença áquella sua criada, pera lhe comprar algũs caualos, de que tinha necessidade (porque naquellas terras todas as molheres nóbres andam a caualo, & por esta causa alem de terem necessidade delles pera a guerra, valem muito.) Afonso Dalboquerq̃ deu licença pera os comprar, & despachou a lógo, & que dissesse a sua Señora, que elle tiuera muitos negócios em que entender, & que por isso não podéra despachar o embaixador do Hidalcão seu filho, que o mais cedo que podesse o despacharia. E porque o embaixador apertaua muito com elle em seu despacho, & Antonio de Sousa & Ioão Teixeira não vinham cõ recado do Rey de Narsinga: porq̃ esperaua pera se determinar no q̃ auia de responder, & o tẽpo de sua partida pera Ormuz se chegaua, despachou o com determinação que quando tornasse assentaria cõ o que lhe milhor partido fizesse, & polo entreter mandou em sua companhia Ioão Gonçaluez de Castel branco, muy bem acompanhado de gente de caualo & de pé, & por elle lhe respondeo, que polos desejos que tinha de sua amizade & vizinhança, lhe daria todos os caualos que viessem a Goa, com tanto q̃ lhe largasse as terras firmes, & o passo da terra do Gate, pera estar mais seguro dellas, & que elRey dom Manuel seu senhor lhe faria todas as seguranças que quisesse, pera estar seguro delhe não mandar fazer a guerra, nẽ ser contra elle, por o Rey de Narsinga, & que quanto era a castigar os capitães, que tomauam as naos que vinham pera Dabul, contra o que estaua assentado, que isso fazia hũa galé que andaua aleuantáda, que elle não podia fazer justiça dos Portugueses que com seu seguro roubauam ás naós dos mouros, pois com medo de os elle castigar, fugiam pera o seu arrayal, & lá eram muito bem tratados delle: & que auia poucos dias que quatro Lascárins roubaram hũa nao de Cananor, & por acharẽ acolheita em sua terra, os não podia auer pera os castigár, que por isso era muito milhor deixalos roubar ás naos dos mouros. Valeo tanto este arteficio de que Afonso Dalboquerque vsou, que tanto que o embaixador chegou, escreueo lógo o Hidalcão aos Tanadares de todas suas terras, q̃ os Portugueses

que

que se achassem nellas, lhos mandassem entregar, posto que já fossem casados na terra: & sendo Afonso Dalboquerque em Ormuz, foram trazidos a Goa & entregues ao capitão.

¶ A rezão desta queixa do Hidalcão era, que Afonso Dalboquerque enfadado delle, por recolher em sua terra algũs Portugueses dessa gente baixa, a que fazia muita honra & gasalhado, mandou secretamente dizer a Duarte de Sousa que andaua em Dabul em hũa galé como fica dito, que como alevantado tomasse todas as naos de mouros q̃ viessem ao porto, ainda que leuassem seguro seu: & porque de todo se não danassem algũs soldados, que andauão aluoroçados polos grandes partidos que lhe o Hidalcão fazia, mandou prender hum que teue por informação, que andaua dizẽdo que se auia de jr pera elle, se lhe não dessem hũa certa cousa que pedia, & por ser engenhoso, & saber fundir artelharia, mandando ho enforcar, dizia o pregão. Enforcão este homem porque cuida que presta pera algũa cousa. Tendose falado primeiro com o Vigairo em segredo, que cõ toda a Clerisia lho fossem pedir, & do caminho o tornáram a cadea, & arrependido o soldado da sua determinação, mandou ho soltar, & tornados estes embaixadores com reposta, acharam Afonso Dalboquerque morto.

De como chegou dom Garcia a Goa, com os nauios que mandara concertar em Cochim, & como o grande Afonso Dalboquerque fez sua armada prestes pera se partir, & mandou Iorge Dalboquerque por capitão de Malaca & o que passou no caminho. Capit. XXIX.

Depois destes embaixadores partidos, dahi a poucos dias chegou dom Garcia de Noronha com os nauios que ficara concertando em Cochim, & com sua chegada começou lógo o grande Afonso Dalboquerque a aparelhar sua armada, & porque elRey dom Manuel lhe tinha muito encomẽdado, que partindo da India pera algũa parte, deixasse as cousas della de maneira, que podessem dar rezão de si vindolhe algũ trabalho (porq̃ conseruar o ganhado era mais que ganhar outras de nouo) entendeo em prouer todas as fortalezas da India de gente, artelharia, & mantimentos,

& tudo o mais necessario em muita abastança, & mandou a dom Garcia q̃ tiuesse cuidado de fazer prestes a armada. Feito isto mãdou vir Iorge Dalboquerque de Cochim, & despachou ho com hũa armada de quatro vellas, com duzentos homẽs, & todas as munições de guera que eram necessarias, pera jr por capitão a Malaca, & a Pero Mazcarenhas que se tornasse pera Cochim a acabar seu tempo, & deu a capitania de Goa a dom Ioão Déssa. E porq̃ Afonso Dalboquerq̃ determinaua de inuernar em Ormuz & no veram que vinha jr tomár Adem, & entrar o estreito do már roxo, mandoulhe que lhe fizesse quatro galés, & feitas lhas mandasse a Ormuz aparelhadas de tudo o que fosse necessario. E estando já prestes pera se partir, mandoulhe o Çamorim pedir licença, pera mãdar duas naos à Adem, de que se elle escusou dizendo, que aquillo era contra o concerto q̃ ambos tinham feito, & que elle estáua de caminho pera Adem, & não queria que fossem diante auisar o Rey: todauia por cima destas rezões, & outras q̃ lhe deu, apertou mais o Çamorim no seu requerimẽto. Vendo Afonso Dalboquerque isto, fez da necessidade virtude, & mandoulhe dizer que era muito contente de lhe dar licença pera aquellas que pedia, não leuãdo pimenta (posto que era terra de imigos delRey de Portugal seu senhor) cõ tanto que os mercadores de Calicut, lhe fizessem á sua custa duas galés grãdes, & pediolhe isto por se escusar, mas os mercadores polo grande ganho que tinham em mandárem suas mercadorias ao estreito, foram cõtẽtes de as fazer, & porque se fizessem com mais diligencia, deixou pera negoceador dellas Duarte Barbosa, & hum carpinteiro cõ outros da terra pera as fazerem: porque sua determinação era, depois que entrou o estreito do már roxo, reduzir toda a armada da India a galés.

¶ Estando Iorge Dalboquerque já prestes com sua armada, despediose de Afonso Dalboquerque, & partiose do porto de Goa, hum sabbado pela menhaã, & sem lhe acontecer nada no caminho, chegou a Pacé a tempo que o Rey (que era muito seruidor delRey de Portugal) estaua prestes cõ sua gente pera dar batalha a hum senhor da terra, que se tinha aleuãtado contra elle: o qual sabendo da chegada de Iorge Dalboquerque, mandou ho lógo visitar, pedindolhe que quisesse ser com elle naquelle feito, porq̃ confiaua q̃ com sua ajuda aueria vitoria de seus imigos. Iorge Dalboquerq̃ lhe mandou dizer, que de muito boa vontade o seruiria, mas que auia de ser com condição, que o deixasse só com sua gente cometer os imigos: porque elle esperaua na misericordia de Deos, de lhe dar vingança delles, &

que se

que se posesse em hum outeiro alto com todo seu arrayal, com ramos nas mãos, & que dali veria como os Portugueses pelejauão. Concertado isto abalou Iorge Dalboquerque cõ todos os seus, & foy cometer os imigos q̃ estauão em hum baixo, ficandolhe o Rey com toda sua gente nas costas, & deu nelles com tanto esforço que os desbaratou, & pos em fogida, matando infinidade delles, & recolheose pera o porto, onde tinha sua armada. O Rey mandou aos seus que seguissem o alcãce aos imigos, & elle veyose pera Iorge Dalboquerque, dãdolhe grandes agardecimẽtos, & muitos louuores daquelle feito, que foy hũa das grandes vitórias (por os nóssos serem tam poucos) que naquellas partes se ouue. Iorge Dalboquerque se despedio do Rey, offerecendolhe seu seruiço cada vez que o ouuesse mister, & foyse embarcar, & fez seu caminho direito a Malaca, & em chegãdo tomou posse da fortaleza, & Ruy de Brito Patalim embarcouse na mesma armada, & veyose pera a India, & chegando a Goa, achou o grande Afonso Dalboquerque falecido. Alem de Iorge Dalboquerq̃ ser muito caualeiro, teue tanta conta com sua alma, que da primeira vez que foy a Malaca por capitão trouxe dez mil cruzados, & da segunda que tornou leuou doze & trouxe dez: o que se agora não costuma.

Do conselho que o grande Afonso Dalboquerque teue sobre o caminho que faria, & como se assentou que fosse a Ormuz, & das nouas que teue chegando a Mascate. Capitulo. XXX.

TEndo o grande Afonso Dalboquerque assentadas todas as cousas da India, & as fortalezas prouidas de todo o necessario, & hũa armada prestes de vinte & seis vellas, de q̃ erão capitães dom Garcia de Noronha, Pero Dalboquerque, Lopo Vaz de Sampayo, Diogo Fernãdez, Aires da Sylua, Simão Dandrade, Duarte de Melo, Vasco Fernãdez Coutinho, Antonio Ferreira, Fernão Gomez de Lemos, Antonio Raposo, Ruy Galuão, Iorge de Brito, Ieronymo de Sousa, Syluestre Corço, Manuel da Costa, Pero Ferreira, Ioão Pereira, Fernão de Resende, Frãcisco Pereira, Ioão Gomez, Ioão de Meira, Nuno Nunez Raposo, Pero Corço Fernãodianes, & Vicẽte Dalboquerque, que era capitão da nao Nazaret em que Afonso Dalboquerq̃ seu tio hia, foyse embarcar a vinte dias de Feuereiro do dito anno,

&

& depois de serem embarcados, mandou chamar todos estes capitães á sua nao, & dom Ioão Déssa capitão da fortaleza de Goa, & dom Sancho de Noronha alcaide mór, sendo tambem presente Nicolao Ferreira, embaixador do Rey de Ormuz, que o Setembro passado chegára de Portugal com reposta de sua embaixada, & depois de todos juntos lhes disse, que elle tinha aquella armada prestes com todos os mantimentos que podera recolher, & segundo tinha visto polos róis da terra, aueria nella mil & quinhentos Portugueses, & sete centos Malabares, & que elRey dom Manuel lhe escreuia cada anno, que compria a seu seruiço entrar o már roxo, & fazer hũa fortaleza em Adem, & que aquelle anno lhe escreuera hũa carta, em que lhe fazia a mesma lembrança: & tãbem lhe dizia que folgaria muito de se assentarem as cousas de Ormuz, & q̃ elle tinha por nóua certa que o Rey depois da morte de Cogeatar, tinha tomado a carapuça, & oração do Xeque Ismael, que era hum começo pera vir a ser senhor do reino, como milhor sabia Nicolao Ferreira seu embaixador, que ali estaua presente. E porque elRey dom Manuel lhe escreuera apertadamente sobre estas duas cousas: queria saber delles a qual dellas seria mais seu seruiço jr com aquella armada, Se entrar o már roxo & fazer fortaleza em Adem, ou segurar Ormuz de maneira que o Xeque não metesse o pé nelle. Acabado de lhe apresentar todas estas cousas, ouue entre elles differentes pareceres: porque a hũs parecia bem entrar o estreito, & fazer fortaleza em Adem, & a outros que se acabasse a de Ormuz que tinha começada. E por atalhar a estas differenças, quis Afonso Dalboquerq̃ antes de assentar nada saber o parecer de Nicolao Ferreira: o qual disse que o Rey de Ormuz seu senhor, que o mandara por embaixador a elRey de Portugal era morto, & que este gouernador que gouernaua o reyno era natural da Persia, vassalo do Xeque Ismael, & que tinha consigo dentro em Ormuz sete ou oito sobrinhos seus, que mandauam tudo, & que estes cada vez que lhe viesse bẽ, matariam a este Rey que reinaua, como fizeram ao Rey seu señor, & entregariam o reyno ao Xeque Ismael, & depois de ser em posse delle seria mao de lançar fora, & que por isto estaua tam danado, que lhe parecia que deuia de jr a Ormuz, & seguralo, porque isto era o que mais compria a elRey de Portugal.

¶ Acabado Nicolao Ferreira de dizer seu parecer, disse Afonso Dalboq̃rq̃ que elle não tinha duuida ser o estreito fecho principal de toda a India, & destruição do grã Soldã & casa de Meca, se nelle fizessẽ fortaleza: mas q̃ isto

Ll auia

auia de ser quando as necessidades da India não fossem tamanhas que lhe fizessem mudar o cõselho, & pera serem socorridas de Portugal, auia mister dous annos. E alem disto, o que lhe mais fazia espertar os sentidos de sua obrigação, era ser certeficado que o Rey de Ormuz tinha aceitado a carapuça do Xeque Ismael, & sua oraçã, & Reis Nordim seu gouernador ser Persio de nação, homem velho & cobiçoso, em cujo poder estáua todo o thesouro & fazenda do Rey, & tér consigo muitos filhos, & tambem ver os embaixadores do Xeque Ismael que continuamente entrauam na India, & os negócios que começáua a tér com os Reis & Senhores della, & os presentes que lhe mandaua: que por estas & outras muitas rezões que não dizia, lhe parecia que deuiam de jr assentar as cousas de Ormuz: porque nelle teriam largas despesas pera suas necessidades, & paga de soldos da gente, & acabado este feito, de ali lhe ficaua mais ázo & desposição pera entrarem o már roxo, & distruirem a armada do Soldão, & casa de Meca. E porq os mais destes capitáes foram deste parecer, mandou Afonso Dalboquerque fazer hum assento, em que assinaram todos, & despedido de Ioão Dessa capitão da cidade, ao outro dia quarta feyra de cinza, vinte & hum do dito mes de Feuereiro, se fez á vella com toda sua armada, & dia de nóssa Senhora de Março, chegáram sobre Curiate, & ali acharam hũa armada do Rey de Ormuz, que andaua guardando a costa dos Nautaques: a qual como reconheceo a nóssa, fezse noutra volta. Afonso Dalboquerque fez seu caminho direito a Mascate, onde surgio pera tomar mantimentos & ágoa. Os regedores da terra como viram a nóssa armada, lembrandose do passado, vieram lógo com grande presente uisitalo. elle lhe perguntou por nóuas de Ormuz, & disseramlhe que aueria hum mes ou dous, que Reis Hamed mouro da Persia, sobrinho de Reis Nordim, que era gouernador do reyno, se aleuantára com a fortaleza & casa do Rey, & o tinha preso, & a Reis Nordim & seus filhos, & absolutamente gouernaua a terra, & que algũas cartas suas que ali eram vindas, vinham ja seladas do seu sinete, & que tinha em Ormuz quinhentos archeiros da Persia, & tres jrmáos seus: & de sobrinhos & primos com jrmáos aueria em Ormuz até vinte & cinco casas: os quaes fizera vir da Persia a viuer ali. Com estas nouas que lhe os regedores deram, ficou Afonso Dalboquerque hum pouco agastado, por lhe parecer que não estauam as cousas de Ormuz tam faceis de assentar, como elle cuidaua, lembrandolhe tambem quãtas vezes tinha escrito a elRey dom Manuel,

que tomasse concrusam nas cousas de Ormuz, porque estaua em condição de o perder, se lhe não acodisse com tempo.

De como o grande Afonso Dalboquerque se partio de Mascate & chegou a Ormuz, & dos recados q̃ mãdou ao Rey, & do mais que passou. Capit. XXX.

DEpois de o grande Afonso Dalboquerque tér sabido dos regedores de Mascate, todas estas nóuas que tenho dito, mandoulhe dar algũas peças que trazia, & tomado ágoa & mantimentos, despediose delles, & fez seu caminho direito a Ormuz, sem tomar outra terra, & chegado ao porto, mandou saluar a cidade cõ toda a artelharia. Ficou o Reis Hamed tam espantado da armada & da gẽte, q̃ lógo mãdou visitar Afonso Dalboquerque da parte do Rey por Hacẽ Ale, com hũ presente de cousas de comer, & hia em sua cõpanhia Miguel Ferreira, q̃ Afonso Dalboquerq̃ tinha mãdado por embaixador ao Xeque Ismael (como a tras tenho dito) o qual auia dias q̃ ali estaua, & hũ embaixador do Xeque Ismael, que vinha em sua companhia, esperando tempo pera passarem pera a India, & depois de lhe Miguel Ferreira dar larga cõta de seu caminho, perguntoulhe Afonso Dalboquerque pelas cousas de Ormuz como estauam, & elle lhe disse tudo o q̃ os gouernadores de Mascate tinhã contado, & Reis Hamed tãto q̃ o vira no porto, dera mais largueza ao Rey, & soltára Reis Nordim & os filhos, da prisam em que os tinha, & que auia poucos dias q̃ era entrado em Ormuz Abrahem Beque, hũ capitão principal do Xeque Ismael, com seis ou sete seruidores consigo, & que a outra gente & caualos deixara da banda da terra firme, & q̃ elle perguntára ao embaixador do Xeque Ismael a que vinha este seu capitão, & elle lhe dissera que era pera mandar dali hũ messageiro com vinte caualos & cartas ao Rey de Cãbaya. Afonso Dalboquerq̃ guardou em si esta disimulada vinda de Abrahem Beque, & como capitão prudente não se descuidou do q̃ lhe cõpria fazer, & mandou disimuladamente guardar toda a ilha em roda com as galés & bargantins que leuaua, pera que nenhũa gente estrangeira entrasse em Ormuz, & disse a Miguel Ferreira que se fosse pera terra, & estiuesse com o embaixador do Xeque Ismael, até que lhe elle mandasse recado do que auia de fazer. Despedido

Miguel Ferreira chamou Hacem Ale, & mandou hoa terra, & em sua cõpanhia Duarte Vaz criado delRey dom Manuel, que sabia muito bem a lingoa, com recado ao Rey, & Reis Nordim, sem fazer nenhũa memoria de Reis Hamed. Chegado Duarte Vaz ao Rey disselhe da parte de Afonso Dalboquerque, que o embaixador que o Rey Ceifadim seu jrmão tinha mandado a elRey de Portugal, estaua alí com elle com cartas, & reposta de sua embaixada, & por elle se tornar á Fé em que se criara, & achar o Rey & Cogeatar mortos que o mandaram, não ousara de jr a terra, que lhe mandasse hum filho ou sobrinho de Reis Nordim, que ficasse por arrefens na sua nao, & que lhe mandaria o seu embaixador pera lhe dar o recado que trazia, & que lhe perdoasse pedirlhe arrefens: porque elRey de Portugal seu senhor assi o mandaua que o fizesse, & que elle por algũs inconuenientes mandaua vigiar a ilha, pera que na cidade não entrasse gente de armas, que lhe pedia o mandasse apregoar: porque todo o que se achasse sem seu mandado, auia de mandar cortar a cabeça, & que isto fazia por bem & assossego da terra, & que outras cousas que tinha pera falar com elle, lhe mandaria dizer, depois que ouuisse o recado que lhe o seu embaixador trazia delRey seu senhor. O Rey respondeo a Duarte Vaz, que folgaua muito com a vinda do seu embaixador, & que a tornarse Christão sem sua licença não tinha que dizer, que elle falaria com os seus gouernadores, & do que assentassem lhe mandaria reposta, & ao outro dia mandou hum filho de Reis Nordim moço pera arrefens á nao, & como lá foy mandou Afonso Dalboquerque Nicolao Ferreira muy bem acompanhado, & Pero Dalpoem secretario da India com elle, & Alexandre de Ataide lingoa, & acabado Nicolao Ferreira de dar ao Rey as cartas q̃ trazia, & a reposta de sua embaixada, se tornou pera a nao, & neste espaço que o mancebo esteue esperando pela tornada de Nicolao Ferreira, Afonso Dalboquerque lhe perguntou polo negócio de Reis Hamed como passaua. O mancebo estaua tam assombrado & auia tamanho medo, que não ousou de dizer cousa nenhũa, & vendo ho asi tão atemorizado, não quis tér mais pratica com elle, & chegado Nicolao Ferreira despedio ho. Afonso Dalboquerque depois de lhe Pero Dalpoem & Nicolao Ferreira dárem conta do que passaram, perguntoulhe por Reis Hamed que homem era: elles lhe disseram que era hũ homem aluo, mãcebo de trinta annos, bem desposto, & de boa presença, & q̃ era auido por homem de esforço, & muito amado da gente de guerra, & que estáua en-

costado

costado à cadeira do Rey com hum terçado, & hũa mão posta na adaga, & que o Rey não respondia mais que o q̃ lhe elle dizia. Afonso Dalboquerq̃ como não queria dilações, & sabia que Reis Hamed estaua em determinaçã de defender Omuz, mãdou chamar os capitães à sua nao & disselhes, que pois o Rey de Ormuz pela carta que lhe elRey dom Manuel escreuera, tinha visto sua determinação, que elle queria entender lógo nas cousas de Ormuz, em quanto estauam de boa digestão, que lhe dissessem o como ou o em que começaria com o Rey, & depois de praticarem hũa cousa & outra muito bem, disse dom Garcia em nome de todos, que naquelle negócio nao auia que dizer, que pois a fortaleza que deixára começada estaua ainda assi, & na cidade não auia outro lugar mais acommodado pera o seruiço delRey que aquelle, que elle deuia de pedir pera se acabar, & não cometer outras cousas nóuas: porque seria cousa de dilação, & que deuia de mandar pedir ao Rey aposentamentos na cidade, pera os capitães & gẽte que ouuesse de estar em terra, em guarda dos officiaes que auiam de trabalhar na obra.

¶ Com esta determinação dos capitães, mãdou Afonso Dalboquerque a terra Diogo Fernandez de Béja, Pero Dalpoem secretario, & Alexãdre de Ataide lingoa, & dissellhes, que dissessem ao Rey, q̃ elle folgaria de falar cõ os seus gouernadores, pera assentarem algũas cousas que compriam a seu seruiço, que lhe pedia muito por merce, que lhes mandasse que fossem falar com elle, & leuassem o contrato que tinha feito com o Rey Ceifadim, & Cogeatar: porque queria estar por elle. Dado este recado ao Rey, Reis Nordim lhes respondeo em seu nome (porque Reis Hamed era tam soberbo, que nunca quis tér pratica nem recado cõ Afonso Dalboquerque) que o Rey de Ormuz era filho delRey de Portugal, & a cidade & tudo o mais de seu reyno era seu, & que faria tudo o que elle mandasse, porem, que era necessario dar conta disso a seus gouernadores, que elle lha daria aquella noite, & ao outro dia pela menhaã lhe mandaria a reposta. E como foy menhaã véyo Hacem Ale à nao de Afonso Dalboquerque, & estando presentes todos os capitães lhe disse, que o Rey praticára com os seus gouernadores o que lhe mandára dizer, & que verdadeiramente elle desejaua de lhe fazer todos os seruiços que podesse, & principalmente o que lhe elRey de Portugal (que tinha como pay) mandaua: que obrigalo polo contrato que tinha feyto, era pedirlhe a fortaleza que tinha metida com as suas casas, que lhe pedia muito

por merce que lha largasse, & elle lhe daria outro lugar qual quisesse pera fazer outra, & que pera isto não era necessario contrato. Afonso Dalboquerque & os capitães depois de passarem algũas praticas sobrisso, assentaram que lhe alargasse a fortaleza, com tanto que lhe désse em arrefens pera comprir o que prometesse, dous filhos de Reis Nordim, & com esta reposta, mandou Afonso Dalboquerque a terra Pero Dalpões, Manuel da Costa, & Alexandre de Ataide lingoa, que foy sempre em todos os recados. O Rey lhe respondeo que pera lhe dar os arrefens que lhe Afonso Dalboquerque mandaua pedir, era necessario saber primeiro o lugar onde elle queria fazer a fortaleza, & com esta reposta se tornáram, & veyo com elles Hacem Ale, pera saber a determinaçã de Afonso Dalboquerq̃. E elle lhe disse falandolhe hum pouco menencoreo, que dissesse ao Rey & aos seus gouernadores, que não entendia a maneira do seu negocear: que lhe tinha mandado dizer que alargandolhe aquella casa, em que tinha começado a fortaleza, lhe daria lugar pera fazer outra qual elle quisesse, & pedindolhe arrefens pera estar seguro disto, lhe respondia que lhe nomeasse primeiro o lugar, & que entam lhe daria os arrefens? que dissesse ao Rey que elle tinha feito hum contrato com seu jrmão, & com Cogeatar seu gouernador, polo qual queria estar, que mandasse Reis Nordim falar com elle, & o leuasse, porque em tudo o compriria: que elle não queria as suas casas, nem a sua mesquita, senão a que á custa delRey dom Mauuel seu senhor tinha começada, & que soubesse certo se lha não entregasse, que auia de distruir Ormuz, & sobre essa pendença morrer elle, & todos os Portugueses que ali estauam.

De como o Rey de Ormuz mandou Reis Nordim falar com o grande Afonso Dalboquerque, sobre a entrega da fortaleza, & o que sobre isso passáram. Capit. XXXII.

Hegado Hacem Ale á terra, contou ao Rey & seus gouernadores tudo o que passára com o grande Afonso Dalboquerque, & a reposta que lhe dera, da qual o Rey & todos ficáram muy agastados, por verem sua determinação, & lógo tornou a mandar Hacem Ale com

com recado, pedindolhe q̃ se não agastasse, que lógo mandaria Reis Nordim seu gouernador falar com elle, & assentaria tudo como sua Senhoria quisesse. E porque Reis Nordim era velho & gotoso, & não podia sobir á sua nao, que lhe pedia por merce, se quisesse ver com elle em hũa galé, & q̃ mandasse arrefens pera ficárem em terra. Ao outro dia pela menhaã se foy Afonso Dalboquerque á galé grande, de que era capitão Syluestre Corço, acompanhado de todos os capitães, & chegouse junto de terra, & mandou Lopo Vaz de Sápayo, Simão de Andrade, Aires da Sylua, Pero Dalboquerque, Duarte de Melo, & Vasco Fernandez Coutinho que fossem nos seus bateis a terra pera lho trazerem, & leuassem Diogo Fernádez de Béja pera ficar por arrefens. Chegados os capitães a terra, foy Diogo Fernádez entregue á hũ capitá do Rey de Ormuz, & Reis Nordim entrou no batel de Lopo Vaz de Sampayo, & cõ elle Reis Mudafar jrmão de Reis Hamed, & dous criados de Reis Nordim, & vieramse asi todos juntos á galé onde Afonso Dalboq̃rque estáua o qual como vio Reis Nordim abraçou ho, & fez lhe grandes gasalhados, & depois de assentados faláram hũ pouco nas cousas passadas da primeira vez q̃ viera a Ormuz. Passada esta pratica, pergũtoulhe Reis Nordim se auia de auer Rey em Ormuz. Afonso Dalboquerque lhe respondeo que si, estando á obediencia delRey de dom Manuel seu senhor, & guardádose o contrato q̃ era feito. Reis Nordim lhe disse, q̃ o Rey polo ter por pay lhe mádára pedir que lhe largasse aquella casa, que estáua pegada com os seus paços, & por lhe fazer merce lha alargára. E porque as achegas necessarias pera se fazer outra, seriá trabalhosas de ajuntar, em tam breue tempo como elle queria, que o Rey era contente de lhe alargar a sua fortaleza que tinha começada, & que a acabasse muito embora: porque Ormuz & todo o Reyno era delRey de Portugal, & ambos vsaram neste negócio de manha, porque o Reis Nordim com o receo q̃ tinha de Afonso Dalboquerque pedir o esprital, q̃ era hũa casa de muita veneraçá entre elles, quis antes dar a nóssa fortaleza q̃ estáua começada, que os arrefens que lhe pediam. E Afonso Dalboquerq̃ pedia o esprital porq̃ lhe dessem a fortaleza, por estar no milhor lugar da cidade, & sobre dous portos principaes della, hum de leuante & outro de ponente. Assentado isto dissélhe Reis Nordim, que elRey de Portugal na reposta das cartas de sua embaixada, remetia tudo a elle, que lhe pedia por merce pois asi era, que em nome delRey de Portugal quisesse

jurar o contrato que estaua feito, & que elle tambem o juraria em nome do Rey de Ormuz. Afonso Dalboquerque posa mão em hum liuro, & jurou de comprir todas aquellas cousas q̃ estauam no contrato, & Reis Nordim tirou outro do ceyo pequeno, escrito em letras mouriscas, dourado por cima, & em nome do Rey jurou de estar sempre á obediencia delRey de Portugal, & de seus gouernadores.

¶ Feitos estes juramentos, mādou Afonso Dalboquerque dar a Reis Nordim hũa cabaya de brocado com botões de ouro, & hum ramal de contas de ouro muito grossas, & a Reis Mudafar outra de cetim cramesim cō botões de ouro, & por Nicolao Ferreira mandou hum colar de ouro esmaltado muito rico ao Rey, mandandolhe pedir muitos perdões, por não ser cousa como sua pessoa merecia, & fez merce a Hacem Ale de cincoenta cruzados, & cinco couados de escarlata: & disse a Reis Nordim que dissesse ao Rey que lhe pedia muito por merce, que mandasse lógo cerrar a porta da fortaleza, que hia pera os seus paços, & abrir outra q̃ vinha pera a praya & que lhe desse aposentamentos na cidade pera a gente, até se acabar a fortaleza, & que em sinal de paz & amizade, mandasse aruorar aquella bandeira sobre os seus paços, que lhe lógo deu, das armas de Portugal: porque fosse notorio a todos que estaua á obediēcia delRey de Portugal. Reis Nordim lhe disse que tudo se faria como elle mādaua, & pediolhe seguro pera virem os mouros da terra firme com mantimentos, & mercadorias á cidade, & elle lho deu, com tanto que não viesse de mistura com elles gente de guerra: porque achandose nao auia de dar vida a nenhum. & despedindose Reis Nordim, quiserālhe Afonso Dalboquerque pergũtar polo negócio de Reis Hamed como passaua, & nunca pode, porque Reis Mudafar nunca o deixou falar com elle só, Reis Nordim se foy pera terra acompanhado de todos os capitães como vierá, & Diogo Fernādez se veyo pera as naos. E o Rey mandou lógo aruorar a bandeira no mais alto coruncheo dos seus paços: & como foy vista das naos, desparou toda a artelharia. Acabado Reis Nordim de dar conta ao Rey do que passára com Afonso Dalboquerque, mandou lógo fechar a porta que hia pera os seus paços, & abrir a outra que vinha pera a ribeira. Feito isto mandou dizer a Afonso Dalboquerque, que a porta da fortaleza estaua aberta, que podia mandar tomar posse della cada vez que quisesse, & elle mandou lógo dom Aluaro de Castro, & Lopo de Azeuedo com a gente da ordenança, que fossem tomar posse da fortaleza, q̃ foy domingo de Ramos, derradeiro dia do mes

de Março, do anno de mil & quinhentos & quinze, com grande prazer & muito tirar de artelharia, & como foy noite, com dom Garcia seu sobrinho, & algũs capitães foy ver a fortaleza, & á entrada da porta se assentou em joelhos, & com muitas lágrimas, deu graças a nósso Señor, por lhe dar a sua casa sem guerra nem morte de gente, & ao outro dia mandou fazer hũa paliçada ao longo da praya de sestos cheos de terra, & entre elles assentar a artelharia: & ordenou dentro da paliçada algũas casas de madeira, pera se nellas recolherem os bombardeiros, & officiaes da obra, & algũa gente da ordenança. Acabado isto que durou poucos dias, veyose Afonso Dalboquerque aposentar na torre da menagem, que estaua meya feita, & mandou alojar a gente da ordenança no esprital.

Como Reis Nordim mandou dizer por Alexandre de Ataide lingoa, ao grande Afonso Dalboquerque, o negócio de Reis Hamed, & o que nisso passou. Capitulo, XXXIII.

PAssadas todas estas cousas, mandou o grande Afonso Dalboquerque dizer a Reis Nordim por Alexandre de Ataide lingoa, que elle tinha sabido, que Reis Hamed seu sobrinho estaua empossado da casa do Rey, & de todos seus thesouros, & o tinha como preso: que lhe rogaua muito lhe mandasse dizer secretamente, o como este negócio passaua. Reis Nordim, posto que com o medo que tinha do sobrinho, não ousaua de falar, com tudo magoado de o ter tirado de sua honra, mandou dizer a Afonso Dalboquerque, que depois do Rey Ceifadim ser morto, elle aleuátára este q̃ agora reinaua, & q̃ pera segurãça de seu estado, metera das portas a dẽtro do paço Reis Hamed seu sobriño, & dous jrmãos seus, & por elle ficar como cabeça principal na casa do Rey morto, depois do falicimento de Cogeatar, gouernaua o reyno por este Rey ser moço, & passado hum anno que estaua na posse; o Reis Hamed pedira ao Rey o lugar da gouernança, que Cogeatar tinha, & as suas casas em que sohia pousar, de que se escusara por muitas vezes, & que polo desuiar deste proposito lhe dissera, que fizesse prestes certas atalayas: porque o

queria mandar por capitão dellas contra os Nautaques, & depois de estarem prestes, pagára hum mes de soldo á gente, que com elle auia de jr, & o fizera embarcar, & q̃ Reis Hamed depois de ser no már, se desembarcára & entrára com mayor soberba do que sohia em casa do Rey, & hũa noite que chouia, por consentimento de seus jrmãos, que dormião dentro nos paços entrou com aquella gente que leuaua, & foy tér a cama onde o Rey estaua cõ sua molher, & tomando ho pela mão, arrancára de hum terçado dizendolhe, se via elle que o podia ali matar. O Rey vendo ho sobre si, cõ medo da morte, lançouse aos seus pés & disselhe, que o não matasse, q̃ tudo faria quanto elle quisesse: & com isto lógo o Reis Hamed se apoderára de toda sua casa, & thesouros, & com o fauor que tinha de seus jrmãos, o prédera a elle & seus filhos, & o dia que sua Senhoria chegára aquelle porto o soltára: ao qual negócio não podera resistir, por estar em hũa cama muito doente da sua gota, & que Reis Hamed tanto que se apoderára do Rey, nunca mais o deixara, trazendoho como preso, & que lhe não consentia falar com ninguem senão perante si, de que elle estaua muito sentido, & q̃ não era poderoso de dar nenhũa cousa de sua fazenda: porq̃ Reis Hamed tinha as chaues de todo seu thesouro, dandolhe somente cem xerafins cada anno, & tudo o mais gastaua como queria, & que desta maneira estaua o Rey fóra de seu estado, & elle do gouerno da terra, & Reis Hamed señor de tudo. Alexandre de Ataide foy com este recado a Afonso Dalboquerq̃ de que ficou muito espantado, porque deixára Reis Nordim entregue ao outro Rey passado, & tornando ho lógo a mandar disselhe, que dissesse ao Rey que o embaixador do Xeque Ismael, lhe mãdara dizer que queria vir a elle, que antes que lhe falasse era necessario verse com Reis Nordim, que lhe pedia por merce lhe mãdasse q̃ lhe viesse ali falar á fortaleza, & mãdou Antonio Raposo, Nuno Martinz Raposo, & Pero Dalpóe secretario que fossem por elle, o qual veyo acompanhado de todos os mercadores, & homẽs principaes da terra, & em sua companhia vinha Reis Mudafar jrmão de Reis Hamed. Afonso Dalboquerque fez a todos muita honra & gasalhado, & deulhe juramento que fossem sempre fieis vassalos do Rey de Ormuz, & se comprisse gastarem suas fazendas até morrer por seu seruiço, que o fizessem: & assi lhes fez jurar, q̃ não reconhecessem por gouernador do Rey & reyno, a nenhũa outra pessoa, senão a Reis Nordim aquem elle entregára a gouernança do outro Rey que era morto, & que tambem lhes juraua de os tér & manter em justiça, & defender o Rey de

seus

seus iinigos,& o mesmo juramento deu à Reis Mudafar, que não obedecesse aos mandados de outro gouernador da terra afora ao Rey, senão à Reis Nordim: & posto que elle quisera dissimular com o juramento, todauia fez o que lhe Afonso Dalboquerque mandou. Acabado isto despedio Reis Nordim, & em se querendo jr apartouse com elle pera o cabo da casa com o secretario, & Alexãdre de Ataide lingoa, & ali lhe disse Reis Nordim o mesmo que lhe já tinha mãdado dizer, & que lhe pedia muito por merce, que lhe honrasse aquellas cãs, & não cõsentisse que no cabo de sua velhice fosse auexado: & tirado de sua honra, pois sempre fora leal ao Rey Ceifadim seu senhor, & a este com quem agora viuia. Afonso Dalboquerque lhe disse que se não agastasse, porque lhe prometia de muito cedo tirar Reis Hamed fora de Ormuz, & o Rey ficaria liure, & elle em toda sua honra como sempre estiuera.

De como o embaixádor do Xeque Ismael veyo ver o grande Afonso Dalboquerque, & do recebimento que lhe fez, & do mais que com elle paßou. Capitulo, xxxiiij.

DEpois de estar o grande Afonso Dalboquerque aposentado na nóssa fortaleza, mãdoulhe o embaixador do Xeque Ismael dizer por Miguel Ferreira, q̃ queria vir a elle, & darlhe o recado que lhe trazia de seu senhor. Afonso Dalboquerque lhe mandou dizer q̃ aquelle dia não podia ser, porq̃ tinha algũs negócios pera despachar, que ao outro o despacharia. E mandou lógo fazer prestes diãte da fortaleza (onde vinha tér hũa rua principal da cidade) hũ estrado grande de madeira com tres degraos, todo alcatifado de alcatifas, & armado por derredor de muitos panos, & hum docel de brocado, & algũas almofadas de veludo verde postas no estrado, & duas cadeiras da mesma cór, franjadas de ouro. E mandou aos capitães da ordenãça, que tiuessem prestes sua gente muito bem armada (que podiam ser seis centos homẽs) & todos os bésteiros & espingardeiros, & que toda esta gẽte posessem em ordem ao longo da praya, & mandou a toda a outra gente de lanças & adargas, que tambem estiuessem ali em ordem mais chegados ao estrado, de maneira que fizeram hũa rua muy cõprida, & afora esta gente q̃ estáua

toda

toda em ordem, auia outra muita que andaua solta, & todo o pouo de Ormuz (cousa espantosa de ver) & todos os capitães, fidalgos & criados del-Rey, auiam de estar no estrado com Afonso Dalboquerque, muy bem atauiados de suas pessoas, & pagés que lhe tinham suas armas. Ordenado tudo desta maneira, ao outro dia depois de comer, mandou Afonso Dalboquerque dom Garcia de Noronha seu sobrinho, com todos os capitães fidalgos & caualeiros, que fossem polo embaixador & lho trouxessem. O Rey de Ormuz estáua a hũa janella dos seus paços, q̃ vinha sobre a praya com todos os seus gouernadores, vendo este triumpho. Chegado dõ Garcia onde o embaixador estaua, fezlhe grandes cortezias, como era rezão fazerse a hum embaixador de tamanho principe, & começáram a caminhar nesta ordem. Vinham lógo diante de todos dous mouros de caualo, que eram caçadores de onças, com cada hum sua nas ancas, & apos elles vinham seis caualos hum diante do outro, selados com suas cubertas muito ricas, & testeiras de aceiro, cõ sayas de malha nos arções, & apos elles hião doze mouros a caualo muy bem vestidos, que leuauam as joyas de ouro, peças de seda & brocado em bacios de prata de ágoa ás mãos, & lógo apos estes hiam as trombetas de Afonso Dalboquerque, & atabales tangendo, & todos os capitães & fidalgos apos elles em ordẽ, de hũa parte & da outra & detrás de todos hia dom Garcia com o embaixador, & nesta ordem chegáram onde Afonso Dalboquerque estáua. A nóssa armada que estaua toda embandeirada, em o embaixador chegando á fortaleza, tirou toda a artelharia, que parecia que se fundia o mũdo: & sobindo o derradeiro degrao do estrado, aleuátouse Afonso Dalboquerque da cadeira onde estáua assentado, & deu dous ou tres passos. O embaixador lhe fez suas cortesias segũdo seu costume, & deulhe hũa carta do Xeque Ismael pera elRey de Portugal, & Afonso Dalboquerque a tomou com o barrete na mão, & assi esteue sempre em quáto a teue, & deulhe outra pera elle, que Afonso Dalboquerque deu a Pero Dalpoem secretario, que tinha junto comsigo. Acabado de lhe dar as cartas, cõ algũas palauras que lhe disse, apresentoulhe o presente que leuaua (do qual não dou rezão porque já fica dito a tras o que era) Afonso Dalboquerque o recebeo com muito contentamento & prazer, & depois de mandar recolher tudo, esteue falando hum pouco com o embaixador, perguntandolhe polo Xeque Ismael como estaua, & onde ficaua, & elle como vinha do caminho. Acabada esta pratica disselhe que se fosse agasalhar, que depois falariam mais largamente. Dom Garcia

de

de Noronha o tornou a leuar a sua casa da maneira que o trouxe, & ali lhe mandou Afonso Dalboquerque dar em muita abastança tudo o que lhe era necessario pera despesa sua & dos seus.

¶ Passados dous dias mandou Afonso Dalboquerque chamar o embaixador, & na pratica q̃ com elle teue lhe disse, os desejos que o Xeque Ismael tinha de tér conhecimento & amizade com elRey de Portugal, & prestáça com sua Senhoria, & grandes agardecimentos do gasalhado, & bom tratamento que os seus embaixadores tinham recebido delle na India: offerecendolhe lugares em seu reyno, se os quisesse aceitar, & fazelo grande senhor nelle, pela fama que tinha de sua pessoa. Passada esta pratica, cometeolhe o embaixador quatro cousas que trazia na instrução de sua embaixada. A primeira que os direitos que se pagauão das mercadorias que vinham da Persia a Ormuz, fossem do Xeque Ismael. A segunda que lhe desse embarcação pera passar gente sua á terra de Arabia (que he na cósta em que jáz Bárem & Catife.) A terceira que o ajudasse com sua armada a tomar hum lugar que se chama Guardaré, com o qual se tinha aleuãtado o Rey de Maçaram seu vassalo. (Este Guardaré jaz antre Diolicindé, & a terra de Iasque, que he do reyno de Ormúz, onde os Nautaques o mais do tempo fazem sua guarida, & dali salteam ás naos que vem pera Ormuz.) A quarta que lhe desse porto na India, pera os mercadores da Persia tratarẽ suas mercadorias, & licença pera assentárem casa de feitoria em Ormuz. Acabado o embaixador de apresentar estas cousas, Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que os negócios daquella qualidade era necessario cuidarse nelles, que elle o veria, & o despacharia o mais em breue que podésse.

De como o grande Afonso Dalboquerque deu conta aos capitães do que passára com Reis Nordim, & o estado em que as cousas do Rey estauam, & o que se nisso assẽtou, & como o Rey o veyo ver á fortaleza, & Reis Hamed foy morto. Capitulo, XXXV.

Omo o grande Afonso Dalboquerque foy enformado por Reis Nordim, do estado em que o Rey estaua, mãdou chamar dõ Garcia de Noronha seu sobrinho & todos os capitães, & deulhe conta de tudo o que com elle passara,

ſara, pedindolhe que cada hum per ſi lhe diſſeſſe o como caminharia neſte negócio. Todos aſſentáram que deuia tirar o Rey do poder deſte tirano, & mãdarlhe que elle & ſeus jrmãos ſe ſahiſſem lógo do reyno. Aſſentado iſto, como Afonſo Dalboquerque tinha determinado de o matar, & diſto não tinha dado conta a ninguem, ſenão a dom Garcia ſeu ſobrinho (porq̃ em couſa ſabida por muitos não podia auer ſegredo) quis ver ſe por algũa via com pouco aluoroço, o podia auer ás mãos. E por algũas vezes lhe mã dou dizer com palauras doces & brãdas, que deſejaua de o ver & falar com elle. Reis Hamed ſe eſcuſou ſempre dizendo, que quando o Rey o foſſe ver, entam falariam (porque o ſeu penſamẽto era, ſe viſſe tempo diſpoſto matar Afonſo Dalboquerque, & pera iſſo tinha já muita gente de armas preſtes dentro na cidade.) Afonſo Dalboquerque recebeo eſtas ſuas deſculpas diſsimuladamente, & começou dali por diante a tratar verſe com o Rey: porque vindo Reis Hamed em ſua companhia, podia mais facilmente pór em effeito ſua determinação, & mãdoulhe dizer por Pero Dal poem ſecretario, que deſejaua muito de o ver, que lhe pedia por merce ordenaſſe onde queria que ſe viſſem. O Rey lhe diſſe que falaria com os ſeus gouernadores, & lhe mandaria a repoſta. E ao outro dia pela menhaã lhe mandou dizer por Hacem Ale, que polos deſejos que tambem tinha de o ver, mandaria armar hũa tenda á porta dos ſeus paços, & ali ſe veriam. Afonſo Dalboquerque porq̃ entẽdeo q̃ iſto era conſelho de Reis Hamed, reſpondeolhe apaſsionadamẽte: q̃ ſendo elle capitão mór de quatro naos, chegando áquelle porto, ſeu jrmão o Rey Ceifadim lhe viera falar a hum Cerame fóra dos ſeus paços, & que agora que era capitão géral da India cõ tam grãde poder & credito como via, que parecia rezão vilo elle ver á ſua caſa, & foſſe da maneira que quiſeſſe. Tornado Hacem Ale com eſta repoſta, o Rey & Reis Nordim como deſejáuão de ſe ver liures da ſogeição em que eſtáuão, diſſeram que lhes parecia bem jr ver Afonſo Dalboquerq̃ á fortaleza, & deſte parecer foram tãbem outros gouernadores da cidade, mas Reis Hamed como era ſoberbo diſſe, que não era honra nem crédito do Rey de Ormuz, jr ver hum capitão delRey de Portugal a ſua caſa: & paſſados muitos recados de parte a parte neſte negócio, cõſentio Reis Hamed que foſſe o Rey ver Afonſo Dalboquerque: porque lhe pareceo que neſtas viſtas podia pór por obra ſua danada tenção, & mandoulhe dizer da parte do Rey por Hacem Ale, q̃ ao outro dia pela menhaã o iria vér, mas que na caſa onde ſe viſſem não auia de tér conſigo mais que os capitães,

ſem

sem nenhũas armas,porque elle os que leuasse jriam tãbem desarmados. Afonso Dalboquerque lhe mandou dizer que com todas essas condições desejaua muito de o vér,mas que toda a outra gẽte que ficasse de fora auia de estar armada,porque asi andaua sempre. Assentado isto mãdou Afonso Dalboquerque armar hũa sala grande terrea,que estaua já acabada, de panos,& hum docel de brocado,com duas cadeiras de veludo cramesim franjadas de ouro,& bancos por derredór cubertos de alcatifas pera os capitães,& gouernadores da terra,que auiam de vir com o Rey,& mandou a toda a gente de armas, bésteiros & espingardeiros que estiuessem todos armados junto da porta da fortaleza,que hia pera o már, & aos capitães da ordenãça que pousauão no esprital,que estiuessem prestes,& que a hum tiro de bombarda que ouuissem,saissem pela rua direita,& fossem demãdar a porta da fortaleza que hia pera a cidade,& se apoderasse della, & aos outros capitães que se fizessem prestes,pera ao outro dia receberem o Rey & trouxessem suas armas secretas,& punhaes escõdidos,pera se valerem delles quando fosse necessario, & disse a dom Garcia de Noronha, que recolhesse pera si cincoenta homẽs,de que confiasse, & que tiuesse cuidado da porta,& tanto que o Rey,Reis Hamed,& Reis Nordim fossem dentro a fechasse,& não consentisse entrar mais ninguem.

¶ Posto tudo em ordem,ao outro dia pela menhaã mandou Afonso Dalboquerque por Pero Dalpoem & Alexandre de Ataide lingoa dizer ao Rey,como o estaua espetando. Chegados com este recado, fez se o Rey lógo prestes com todos os senhores,& gouernadores da terra a pé,& elle a caualo rodeado de muitos archeiros daquella guarda,& veyose pera a fortaleza,onde Afonso Dalboquerque estaua. Reis Hamed como vinha no proposito que tenho dito, trazia todos os seus armados de sayas de malha & tarçados debaixo das cabayas,& elle trazia hum tarçado & adaga,& hũ escudo,& na mão hũa maça de ferro comprida. E sendo já perto da porta da fortaleza disse ao Rey,que estiuesse quedo:porque queria entrar dẽtro, & ver as casas como estauão, & como entrou foyse pera Afonso Dalboquerque,& elle lhe fez gasalhado,& disse a Alexandre de Ataide que lhe dissesse,como vinha com armas,se o concerto fora que as não tiuesse ninguem. Reis Hamed como homem aluoroçado lhe respondeo. Isso não se entende em mi,& tornouse pera onde deixára o Rey, com determinação de se tornar,porque lhe pareceo que não era tempo,pera pór em obra sua determinação,& já o achou que começaua a entrar pela porta dentro,

&

& chegando a elle disselhe que não entrasse: porque Afonso Dalboquerq̃ tinha muita gente comsigo armada. Alexandre de Ataide que ali estaua ouuindo estas palauras disselhe. Vem por aqui que eu te jrey mostrar todas as casas como estão: & tomouho pela mão, & leuouho a Afonso Dalboquerque: o qual lhe disse que se desarmasse, que não vinha assi bem. Reis Hamed começouse a constranger, pondoa mão no terçado. Afonso Dalboquerque vẽdo ho assi desatinado, & o tempo disposto pera o matar, como tinha determinado, disse a Pero Dalboquerque, que pera isso estaua auisado, Tomay o lá: o qual acodio rijo, & meteo se entre Afonso Dalboquerque & Reis Hamed, & neste tempo lançoulhe Reis Hamed a mão de hũa bẽca de veludo que trazia. Afonso Dalboquerque o botou de si, & disse a Pero Dalboquerque, Matayho, & naquelle instante foram tantos os punhaes, que sem lhe darem lugar pera bradar foy morto: & polo não ver viroulhe as costas, & começou a andar pera onde o Rey vinha, & disse contra dom Garcia & outros capitães que o vinham acompanhãdo, Não he nada: tudo he feito. Dom Garcia como deixou o Rey cõ Afonso Dalboquerque, tornou rijo á porta tér a gente que não entrasse, & felo já com muito trabalho. O Rey quando vio Reis Hamed morto: porque seu fundamento não era matarem no, senão lãçalo fora do Reino, ficou fora de si, cuidando que lhe auiam de fazer outro tanto. E eram ali cõ elle Reis Nordim, & Reis Xarafe seu filho (que cá esteue em Portugal) & Hacem Ale: & quando o Afonso Dalboquerque assi vio, foyse a elle com o barrete na mão, rindose, & disselhe que se não agastasse: porque elle auia de ser Rey de Ormuz em nome delRey dom Manuel seu senhor, & assentou ho em hũa cadeira debaixo do dorsel, & fezlhe todas as cerimonias diuidas a hũ Rey, pedindolhe muito por merce que lhe perdoasse, ousar elle de fazer hũa cousa como aquella diante de sua pessoa real, que se matára Reis Hamed fora por ser homem muito soberbo, que entrando naquella casa apunhara do terçado que leuaua, & chegãdose a elle lhe lançára mão da bẽca: & por lhe dizerem que o tinha preso & estaua apoderado de todo seu reyno & thesouro (& isto sempre cõ o barrete na mão, com muitas palauras de cortesia, que elle nos taes tempos sabia muito bem dizer.) O Rey agardeceo muito tudo o que lhe fez, dizendolhe que o tinha por pay, & q̃ tudo o que fizera fora muito bem feito, & que cõfessaua receber aquelle reyno de sua mão, em nome delRey de Portugal.

De como Reis Mudafar, & seu jrmão, entendendo que Reis Hamed era morto, se foram com toda sua gente meter nos paços do Rey, & se fizeram fortes nelles, & do mais que passou. Capit. XXXVI.

S jrmão de Reis Hamed que ficáram de fora com a sua gẽte (posto que com o tanger das trombetas & atabales que nunca sessaram, por assi lhe ser mãdado) não sentiram nada do que passara dentro, todauia pela sospeita que tinham, vieram com machados pera quebrarem as portas, & entrarem dentro por força. Afonso Dalboquerque polos atalhar, mandou tirar hũa bombarda, que era o sinal que tinha dado aos capitães da ordenança, que tanto que o ouuiram vieram lógo direitos a porta, & fizeram afastar os jrmãos de Reis Hamed, & toda sua gente. E porque se começáram a trauar com elles acodio dom Garcia & disselhe da parte de Afonso Dalboquerque, que olhassem o que faziam, porque andaua de mistura com aquelles mouros gẽte do Rey & Reis Nordim. Afonso Dalboquerque tambem por apaziguar este aluoroço, mandou dõ Aluaro da Sylueira, Rui Galuão, & Diogo Fernandez de Béja, que se fossem pera a gente da ordenança, & os apaziguassem: & a todos os capitães que se armassem, & deixou dom Garcia cõ a gẽte, & sobiose a hum terrado com o Rei, & Reis Nordim, & alli lhe mãdou fazer hum estrado alcatifado, em que esteue assentado hum grande pedaço, visto de todos os mouros, que cuidauam que era morto. Os jrmãos de Reis Hamed como o viram, pediramlhe com muita soberba seu jrmão, & profiáram tanto nisto, que lhe mandou Afonso Dalboquerque dizer por Alexandre de ataide lingoa, que lhe mandaria dar a sua cabeça se a quisessem. Como elles isto ouuiram, entendendo que seu jrmão era morto, começaram a ameaçar o Rey, dizendo que elles se jriam á fortaleza, & leuantariam hum filho do Rey Ceifadim por Rey. E com esta furia se foram aos paços, & cerraram ás portas, & fizeram prestes toda a artelharia, com determinação de se defenderem. E porque compria apaziguarse lógo áquella parcialidade de Reis Hamed, antes que lhe viesse algũa gente de fora, mandou Afonso Dalboquerque ás naos por muitas escadas que trazia, & fez prestes sua gente pera os entrarem por força, & mandou leuar ao terrado certas peças de artelharia, pera dali bater a for-

taleza. Reis Nordim lhe pedio que sobre estiuesse asi, até o Rey mandar saber delles sua determinação: porque não podia ser que quisessem leuar aquillo auante, & mandou chamar os seus Mulás, que foram & vieram duas vezes sem tomar nenhũa cõcrusam. Como Afonso Dalboquerque vio que por aqui não podia acabar com elles, mandou chamar Abrahem Beque capitão do Xeque Ismael, & o seu embaixador, & por elles lhe mã dou dizer, que se ate o sol posto se não sahissem todos fora da fortaleza, & se embarcauam pera a terra firme, que soubessem certo que a nhum auia de dar a vida. Abrahem Beque, como era cabeceira principal desta liga, como falou com elles sahiramse logo dos paços pera o cabo da cidade, & mandaram pedir a Afonso Dalboquerque o corpo de Reis hamed seu jrmão pera o leuarem a soterrar á sua terra, & embarcação pera se passarem á terra firme com suas molheres & gente que seriam por todos sete cẽtos homẽs de peleja. Afonso Dalboquerque lha deu, & quanto ao corpo de Reis Hamed, que lho não auia de dar, porque os tredos a seus señores não auiam de tér sepulturas certas onde jouuessem. Aquella noite se embarcáram todos & se passaram da outra banda. E sendo hũa hora antes de Sol posto, caualgou Afonso Dalboquerque com o Rey, & acompanhados de toda a nóssa gente foram polo meyo da cidade até os paços, leuando diãte de si a gente da ordenança, & todas as trombetas, & atabales, & dom Garcia & Reis Nordim hiam a tras, com todos os capitães & gente nóbre da armada: a pé: & foy grande prazer na cidade quando virão Rey, & muito mais de se verem fóra do poder de Reis Hamed, dando grandes louuores a Afonso Dalboquerque, & com muita rezão, porque tendo em seu poder o Rey & os seus paços, que era a principal fortaleza de Ormuz, & todos seus thesouros, não quir lançar mão delle, mas como homem prudẽte, tratou ho sempre com muita authoridade, mostrandolhe que não vinha a Ormuz senão pera o seruir, & soster em seu estado, perdendo tam boa occasiam, por lhe não ficar nome de tirano, & cõ este triũpho chegou o Rey á sua fortaleza: a qual lhe Afonso Dalboquerq̃ entregou, & a Reis Nordim seu gouernador em nome delRey de Portugal: sendo a tudo presentes o embaixador do Xeque Ismael, & Abrahem Beque seu capitão, q̃ na Persia seriam boas testemunhas destas grandezas de Afonso Dalboquerque.

De

De como o Rey de Ormuz tornou outra vez verse com o grande Afonso Dalboquerque na fortaleza, & o que passaram, & a justiça que se fez de sete Portugueses que fugiram pera os mouros. Capit. XXXVII.

PAssados algũs dias depois da morte de Reis Hamed, vẽdo o Rey o muito que deuia ao grande Afonso Dalboquerq̃, polo tirar daquelle tiranno, determinou de o jr ver, & leuoulhe hum presente de muitas peças de ouro & cousas ricas da terra, pera elle & seus capitáes, & mandoulhe dizer por Reis Nordim, que desejaua muito de o ver, que lhe mandasse dizer onde queria que se vissem: porque aquelle dia que lá fora náo tiuera tẽpo de lhe falar, com as cousas que passaram. Afonso Dalboquerque lhe respõdeo, que aquillo era grande merce & honra pera elle, que pois lha queria fazer, fosse na casa onde o liurara do poder daquelle tredor. Reis Nordim se tornou com esta reposta: & leuou ao Rey hũa espada de ouro muito rica, que lhe Afonso Dalboquerque mãdaua. E hũa terça feira que o Rey assentou de vir, foram as trombetas & atabales de Afonso Dalboquerque por elle: o qual veyo a caualo, & Reis Nordim com todos os Senhores & gouernadores da terra a pé, & diante de si trazia o presente (como he seu costume.) Afonso Dalboquerque com todos os capitáes o esperou em aquella casa, muy bem armada de tapeçaria, hum docel, & duas cadeiras de seda pera elles, & muitos bancos alcatifados á roda pera os capitáes, & gente q̃ vinha cõ o Rey. Chegado elle foy Afonso Dalboquerque á porta com todos os capitáes recebelo, & feitas suas cortezias se vieram assentar nas cadeiras, onde depois de passarem estas cortezias, lhe disse o Rei, que a merce que lhe fizera em o tirar da sogeiçáo daquelle mao homem, lhe lẽbraria sempre pera o seruir, & estaria á obediencia delRey de Portugal, pois em seu nome tinha aquelle reyno. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que elle era seu seruidor, & que sempre o auia de ajudar a soster em seu estado, & asi encomendaua muito a todos os seus que ali estáuáo, que sempre o seruissem, & posessem suas vidas & fazendas por elle, como eram obrigados. E depois de estarem asi falando hum grande pedaço nas desordens que Reis Hamed tinha feitas no reyno, porque Afonso Dalboquerque desejaua, que a gente da cidade náo trouxesse armas, porq̃ asi teria a terra mais segura, vsou deste arteficio cõ o Rey, & disselhe q̃ auia

poucos dias, que elle mandára matar aquelle tredo de Reis Hamed como sabia: o qual tinha jrmãos & parentes, & na cidade andauão ainda algũs criados seus, & que não faltaria hum que não estimando a vida, lhe tirasse com hũa frécha, que lhe pedia por merce, pera escusar estes incõueniẽtes, mandasse que nenhũa pessoa em Ormuz trouxesse armas, & que pois a obrigação de guardar aquella cidade era sua, abastaua pera a defender, andarem os Portugueses armados, & tambem que com isto se escusariam brigas entre hũs & outros. O Rey estaua ainda tam assombrado do mao tratamento que lhe Reis Hamed fizera, que como lhe nelle falou, respódeo, que lhe parecia muito bem, & que lógo o mandaria apregoar. Passada esta pratica despediose de Afonso Dalboquerque, & foy se pera sua casa muito contente delle.

¶ Ao outro dia pela menhaã mãdou lógo apregoar, que nenhum mouro de qualquer estádo que fosse, trouxesse arco, frécha, nem outra qualquer arma pela cidade, de dia, nem de noite, sob pena de morte, tirando os archeiros da sua guarda, que Afonso Dalboquerq̃ permitio q̃ andassem armados, & desta maneira se foy senhoreando pouco & pouco da terra, & o Rey não fazia cousa algũa sem primeiro lhe mandar perguntar se o faria: & aquelle dia á tarde lhe mãdou dizer, q̃ hum capitão seu q̃ estaua em hũa fortaleza da bãda da terra firme, lhe escreuera q̃ aquella menhaã foram ali tér sete Portugueses, & hum negro em hũa barquinha, & querédo lançar mão delles, se poseram em defensam com espingardas q̃ leuauam, & por serem Portugueses não consentira q̃ os matassem. Afonso Dalboquerque enformandose da fugida destes homẽs, soube q̃ hum Antonio Fernãdez q̃ se chamaua de Aluito, q̃ andara muito tempo na Persia sendo mouro, os induzira pera os leuar ao Xeque Ismael. Sabido isto mandou dizer ao Rey que lhe pedia por merce q̃ lhos mandasse lógo buscar, & mortos ou viuos lhos trouxessem, & a barca em que foram. O Rey escreueo a todos seus capitães q̃ se trabalhassem polos tomar, porq̃ não no fazédo lhes auia de mãdar cortar as cabeças, & apos este recado do Rey, mandou a Ieronymo de Sousa em hũa galé cõ gẽte á terra firme, & a Nicolao Ferreira em hũ parao porq̃ sabia a lingoa, pera lhos trazerem. Os capitães do Rey como tiuerã recado seu, mandaram muita gẽte per diuersas partes em busca delles, & foram os alcãçar catorze légoas pela terra dentro, em cõpanhia de hũa cafila que hia pera a Persia, que lhe leuaua o fato, & tomaramnos todos, saluo hum Galego que mataram por se não querer dar, & asi como os tra-

ziam

zião com as armas que lhe tomáram, os entregaram a Ieronymo de Sousa o qual se veyo cõ elles á cidadade, & em chegádo mandou Afonso Dalboquerque ao ouuidor q̃ entédesse em seu negócio. Processádo o feito forá julgados q̃ morressem queimados na barquinha em q̃ fugiram, & Pero Dalpoem que era ouuidor géral da India, mandou trazer a barca á praça da cidade, & ali foram todos pubricamente queimados, saluo Ioão Afonso calafate, & Antonio Fernandez marinheiro, aos quaes Afonso Dalboquerque deu a vida, por alegarem serem elles os que o saluaram no padez em Clicut, quando foy o negócio do Marichal, & comutoulhe esta pena em degredo pera as galés. E desta justiça tam breue q̃ fez foy muito mais temido dali por diante.

Do recado que o grande Afonso Dalboquerque mandou ao Rey, sobre a gente de Reis Hamed, & de algũas cousas q̃ mais ordenou pera assossego do reyno, & como Abrabem Beque capitão do Xeque Ismael se foy pera as suas terras. Capitulo, XXXVIII.

SAbédo o gráde Afonso Dalboquerque, q̃ na fortaleza de Monejão estaua por capitão hũ jrmão de Reis Hamed, & ẽ todos os outros lugares & armadas andaua géte sua & capitães, como quer q̃ desejaua de desarreigar toda sua semẽte daquelle reyno, mádou dizer ao Rey polo secretario, q̃ lhe mandasse q̃ se fosse lógo della, & quando o não fizesse por sua võtade, mandasse gente q̃ por força o tirasse, & q̃ todos os capitães & géte de Reis Hamed, que andaua na armada contra os Nauraques, & espalhados por esses lugares do reyno, mandasse lógo despedir, & lançar fóra delle. O Rey lhe respondeo que elle mandaria lógo lá os seus Muluás (que sam homẽs religiosos) & quando por bem não podésse acabar com elles, que fari, o que lhe mandaua, & que tambem proueria no mais. O jrmão de Reis Hamed, visto o recado do Rey, respondeo q̃ se lhe desse vinte mil xerafins que lhe deixaria a fortaleza. E depois de sobre isto passarem muitos recados, por derradeiro lhe pedio quatro mil xerafins, & que se jria. O Rey por escusar trabalhos, mandoulhos dar, & elle largou a fortaleza, & foy se. Como Afonso Dalboquerque soube que o Rey dera dinheyro ao jrmão de Reis Hamed, por lhe deixar a fortaleza, mádou dizer a Reis

Nordim, que fizesse lógo represaria em duas naos suas que eram chegadas da India, carregadas de mercadorias, & dali se valesse do dinheiro que lhe tinha dado, & Reis Nordim o fez asi. Feito isto, mãdou o Rey cartas por todo o reyno a seus capitães, que toda a gente que se achasse nas suas fortalezas de Reis Hamed, fosse despedida, & com pena de morte que mais não entrasse em seus reynos, & mandou vir a armada que andaua cõtra os Nautaques, & despedio os capitães, & gente de Reis Hamed q̃ nella andaua. Com estas diligẽcias que Afonso Dalboquerque fez, ficou a terra assossegada de muitos aluoroços, & roubos q̃ nella auia. E porq̃ tinha por informação que na cidade auia mancebia pubrica de homẽs, mandou dizer a Reis Nordim que os mãdasse lógo lãçar fora de todo o reyno: porq̃ elle não ousaria de estar em terra, onde se tam pubricamente cometia hum peccado tam abominauel contra Deos, porq̃ sendo achados dali por diãte os auia de mandar todos queimar na metade da praça viuos. Reis Nordim os mandou lógo lançar fora, & com este medo não ousaram de tornar. Acabadas estas cousas, entendeo Afonso Dalboquerque com os mercadores, & deulhes seguro pera suas naos jrem á India carregar de mercadorias, & as cafilas que vinham da Persia pera Ormuz, & fez lhes tantas abastastanças & larguezas, que os amigos & imigos folgauão de vir a Ormuz com suas mercadorias como dantes, confiando em sua palaura. E se dos Portugueses recebiam algum agrauo, erão muy bem castigados, & com estas cousas & outras que fazia, vieram muitos mercadores de fóra ássentar em Ormuz, & começouse a emnobrecer grãdemẽte. E na pessoa do Rey nem gouernãça do reino não quis Afonso Dalboquerque meter a mão (deixãdo tudo a elle & seus gouernadores) & tratou sempre o Rey cõ muito acatamẽto & veneraçã, q̃ foy grãde parte pera a terra tomar asẽto.

¶ Assentadas todas estas cousas, Abrahem Beque capitão do Xeque Ismael, que estaua em Ormuz (como tenho dito) vendo q̃ todos seus fundamẽtos eram desfeitos cõ a morte de Reis Hamed, pedio licença a Afonso Dalboquerq̃ pera se jr pera suas terras, q̃ eram na ribeira do már da Persia, & elle lha deu. E porq̃ sempre disimulou suas cousas polo nã tér por parte, por ser capitão principal do Xeq̃ Ismael, & vezinho das terras de Ormuz, fez lhe muita merce ẽ nome delRey, de q̃ foy muito cõtente, & chegado a suas terras, escreueo ao Xeq̃ Ismael as grãdezas de Afonso Dalborq̃, principalmente o negócio de Reis Hamed. Despedido Abrahem Beque mãdou Afonso Dalboquerque apresentar suas necessidades ao Rey, & Reis

Nordim seu gouernador, & asi lhe mandou amostrar os protéstos que fizera ao Rey Ceifadim, & a Cogeatar, sobre a fortaleza que tinha começada, que lhe elles tomáram a primeira vez que fora a Ormuz, em q̃ tinha gastado muito dinheiro, & perdida muita fazẽda, afóra outra com que os seus officiaes se aleuantáram em terra, & q̃ lhe pedia muito por merce, q̃ visse aquelle negócio muito bem, & lhe mandasse pagar tudo o q̃ se achasse por boa conta: porque tinha necesidade de dinheiro, pera acabar aquella fortaleza, & pera despezas de sua armada. Passados sobre este negócio muitos recados de parte a parte, mandoulhe o Rey dizer, que era muito contente de pagar tudo o que se deuesse, com tanto que lhe leuasse em conta cinco mil xerafins, que o Visorrey dom Francisco Dalmeida tinha quitado a seu jrmão, & que quanto era á fazenda que dizia que se tomára, Reis Nordim entregára muita parte della á Pero Dalboquerque quando ali viera o anno passado, de que tinha seus asinados: & que quãto era á cõta, que mandasse falar com Reis Nordim, & tudo o que fosse diuido se pagaria. Ao outro dia, por não perder tempo, mandou Afonso Dalboquerq̃ Pero Dalpoem, Alexandre de Ataide lingoa, & Manuel da Costa feitor a casa de Reis Nordim, & feita a conta, acharam que se deuiam cento & vinte mil xerafins, que o Rey mandou pagar por dias, com que se fez a obra da fortaleza, & outras despesas. E nisto parou a zombaria que os os capitães fizeram, quando Afonso Dalboquerque mandou fazer este requerimento a Cogeatar como tenho dito.

De como o grande Afonso Dalboquerque pela noua que teue da vinda dos Rumes, mãdou pedir ao Rey que lhe emprestasse a sua artelharia, & o que nisso passou, & como depois de a ter em seu poder, o foy ver a sua casa. Capitulo. XXXIX.

Estádo as cousas de Ormuz no estado & assossego q̃ tenho dito, & a fortaleza posta em boa altura, chegou hũ mouro que vinha de Calayate, ao grãde Afonso Dalboq̃rq̃, & dissselhe q̃ ao tẽpo de sua partida chegára noua de Adem q̃ os Rumes se faziã prestes ẽ Suez cõ hũa grossa armada pera virẽ a Ormuz, & posto q̃ esta noua lhe pareceo ser lãçada polos irmãos de

Reis Hamed,pera aluoroçarẽ a terra,aproueitouſe Afonſo Dalboquerq̃ della,pera o que auia dias que deſejaua fazer, & era auer toda a artelharia do Rey á ſua mão,por algum modo que lhe não foſſe eſcandaloſo,& pera mais autorizar eſte negócio,mandou dõ Garcia de Noronha ſeu ſobrinho com recado ao Rey, acompanhado de algũs capitães, & gente armada (porq̃ aſsi era coſtume andarem em Ormuz) dandolhe conta das nouas que tinha da vinda dos Rumes,& que ſua determinação era pelejar com elles no már,que lhe pedia por merce,lhe mandaſſe empreſtar toda a ſua artelharia,pera prouer a fortaleza della: porque da ſua tinha neceſsidade pera fornecer a armada,& não era tanta que podeſſe ſuprir hũa couſa & a outra. Chegado dom Garcia ao paço com eſte recado,achou o Rey acom panhado de Reis Nordim,& de outros mouros principaes: & porq̃ Afon ſo Dalboquerque o tinha auiſado,que entrando no paço ſe apoderaſſe lógo delle,porque não lhe querendo dar a artelharia lha tomaſſem por força, entrando deixou em cada porta hum capitão com gente q̃ a guardaſſe, moſtrando q̃ fazia aquilo por cortezia,por não entrar gente armada onde o Rey eſtaua,& chegado dom Garcia a elle,deulhe o recado que leuaua de Afonſo Dalboquerque. Reis Nordim lhe diſſe,que o Rey o tinha por pay,& que tudo o que elle mandaua ſe faria,& que podéra eſcuſar vir ſua peſſoa áquelle negócio,que abaſtaua pera iſſo o menor de ſua caſa, que ſe foſſe que o Rey lhe mandaria toda a artelharia á fortaleza. E como dom Garcia hia auiſado de ſeu tio,que ſe não vieſſe ſem primeiro trazer a artelharia diante de ſi: diſſe a Reis Nordim, que pois o Rey queria fazer aq̃lla merce a Afonſo Dalboquerque,que lhe pedia por merce lha mãdaſſe entregar porque eſtaua aſſentado de lógo aquella noite fazerem preſtes a armada:porque vindo os Rumes não o tomaſſem deſapercebido. E como Reis Nordim eſtaua arrependido da palaura que tinha dado a dom Garcia,& deſejaua que ſe foſſe,& deſpejaſſe os paços da gente, pera depois de jdo tér tempo de cuidar no q̃ faria,começou a deuertir o negócio dizẽdo, que o homem que tinha as chaues do almazem era ido fóra. Dom Garcia como eſtaua determinado de ſe não jr ſem leuar a artelharia, diſſelhe que nos negócios em que o perigo eſtaua na tardança, não conuinha auer dilações nelles,que lhe mandaſſe entregar a artelharia: porque ſe não auia de jr dali ſem ella. Reis Nordim vendo que lhe não aproueitauam ſuas diſſimulações fingidas,fez da neceſsidade virtude,& mandou deſpregar as portas das terecenas onde eſtaua,& os bombardeiros,com ſeus condeſtabres

bres começáram lógo ácarretar, & seriam tres horas da noite quando se acabou de pór toda na praya(que era cousa fermosa pera ver) & ao outro dia escreueo Reis Nordim aos capitães de Mascate, & Calayate, que lhe mandassem toda a que lá estaua, & na fim de Iunho chegou hũa galé, & hum bargantim com ella, & Afonso Dalboquerque mandou recolher toda a que auia polos muros da cidade, & ási ficou com toda a artelharia de Ormuz. E se foy cilada a nóua q̃ o mouro deu da vinda dos Rumes? caro lhe custou. Passado isto, dali a dous dias quis Afonso Dalboquerque jr ver o Rey polo cõtentar, & deixou dom Garcia de Noronha com toda a gẽte em guarda da fortaleza, & elle acompanhado de algũs capitães & fidalgos foy o ver & chegando aos paços veyo Reis Nordim recebelo a hum terreyro grande, & dali se foram onde o Rey estaua, & chegando á porta da sala, veyo lhe Reis Xarafo guarda mór do Rey falar, & disselhe q̃ elle lhe déra aquelle officio, & q̃ estaua ali como seu escrauo pera o seruir, & estãdo nesta pratica chegou o Rey á porta. Afonso Dalboquerque em o vendo, foyse a elle com o barrete fóra, & pediolhe a mão pera lha beijar, & o Rey lha não quis dar, & abraçou ho & beijou ho na cabeça (que he honra que costumão fazer a homẽs de sua qualidade) & ási abraçados entrarã pera dentro de hũa camara, que estaua concertada com hum céo entretalhado armado a modo de docel, com duas cadeiras, hũa da China pera o Rey, & outra de veludo cramesim pera Afonso Dalboquerque, & duas almofadas do mesmo teor, em que tinham os pés. E depois de assentados, estiueram falando em cousas de amizade, & o Rey lhe disse q̃ aquelle fora o melhor dia que nunca tiuéra, & Afonso Dalboquerque lhe respondeo, que todos os em que lhe podesse fazer algum seruiço, seriam de muito gosto & contentamento pera elle, & pediolhe que lhe mandasse vir ali os filhos do Rey Ceifadim pera os ver: que eram dous mininos de jdade de oito, ou noue annos cada hum, a que fez muito gazalhado, por serem filhos de seu pay, & pedio ao Rey, & Reis Nordim que os criassem muito bem. Passadas todas estas praticas, despediose Afonso Dalboquerque do Rey: & Reis Nordim o veyo acõpanhando até a porta da fortaleza, & dali se tornou.

De como o grande Afonso Dalboquerque despachou o embaixador do Xeque Ismael, & Fernão Gomez de Lemos pera jr em sua companhia, & o presente que por elle lhe mandou. Capitulo, XL.

Este tempo védo o embaixador do Xeque Ismael como o grande Afonso Dalboquerque se fazia prestes pera pelejar com os Rumes, pediolhe que o despachasse porque auia dias que ali andaua, elle entendeo lógo em seu despacho, & fez prestes Fernão Gomez de Lemos jrmão de Duarte de Lemos da Trosa, pera o mãdar em sua companhia por embaixador ao Xeque Ismael, & Gil Simões criado delRey dom Manuel por escriuão da em baixada: & ordenoulhe oito encaualgaduras pera o acompanharem, vestidos todos de seda á nóssa vsança, & fez tambem prestes pera lhe mandar de presente muitas cousas. s. dous corpos de couraças, hum de veludo cramesim & outro de brocado, hum capacete & hum barbote guarnecido de ouro, hum arnes trançado com todas suas peças, quatro manilhas de ouro & rubis, muy ricos aneis & outras joyas de ouro de pedraria muy ricas, & hum berço, & hum cão de metal, & mea duzia de espingardas, & outra mea de bestas: & mãdoulhe cóbre, estanho, & de todas as especiarias da India hum pouco. E q̃ lhe dissesse, que daquellas cousas se poderia aproueitar quãdo lhe cõprisse: & que por elle andar sempre no mar, & não trazer senão armas & mantimẽtos, lhe não mandaua outras cousas muitas que auia em Portugal, & q̃ da fruita da India lhe mandaua aquella amostra com que o bem podia seruir. E a instrução que lhe deu foy, que dissesse ao Xeque Ismael, que se quisesse tér prestança & amizade com elRey de Portugal seu senhor, que lhe mandasse seus embaixadores, porque com sua ajuda poderia distroir o gram Soldão, & a casa de Méca: & que tendo elle licença delRey pera o ajudar com sua armada, o poderia muy bem fazer, porque estáua de assento em Ormuz. E que se o Xeque Ismael se escusasse de mandar os embaixadores, por ser longe (como dissera a Miguel Ferreira) lhe dissesse, q̃ pois tinha necessidade da amizade delRey de Portugal, não deuia de sentir o trabalho de hum homem, o qual elle mandaria muy bem agasalhar nas naos que hião pera Portugal, & que tambem lhe contasse as grandezas delRey & da Rainha sua molher, & as continuas guerras que tinha cõtra os mouros de Africa, & da India, & contra o Turco, & Soldão do Cairo. Prestes Fernão Gomez pera se partir mandou Afonso Dalboquerque chamar o embaixador & disselhe, que elle lhe pedira da parte do Xeque Ismael quatro cousas, & que cuidara nellas: que quanto á primeira em q̃ lhe pedia q̃ os direitos que se pagauam em Ormuz das mercadorias q̃ vinhã

da Persia fossem seus: que os gastos que o Rey de Ormuz fazia com a géte & armadas que tinha pera sostentar seu reyno eram tátos, afora o tributo que pagaua a elRey de Portugal seu senhor, que se não fossem os direitos das mercadorias que vinham da Persia & de outras partes, não se poderia soster: porque todas as mais rendas do reyno eram muito poucas (como elle podia muy bem saber) & que por esta rezão lhas não podia largar. E que a segunda que era pedirlhe embarcação pera passar géte sua á terra de Arabia, que era muito contente de lhe dar todos os nauios que ouuesse mister, com tanto, que o Xeque Ismael desse segurança bastáte ao Rey de Ormuz de lhe não ser feito nenhum desaguisado nas suas terras, nem na ilha de Barem. E a terceira que lhe pedia que era ajuda de gente & armada contra o Rey de Maçaram que era seu vassalo, & se tinha aleuantado com a cidade de Guardaré que elle o ajudaria com toda a armada & gente de elRey de Portugal (porque assi lho tinha elle mandado) & que isto auia de ser com tal condição que as mercadorias que vinham da Persia a Ormuz não tiuessem por ali saida. E quáto á quarta, que era pedirlhe porto na India pera os mercadores da Persia terem trato, & licença pera assentaré casa de feitoria em Ormuz, que era muito contente de fazer isto que lhe pedia & que o porto da India auia de ser Goa, & a entrada por Ormuz, & que toda a outra parte da India onde fossem achados os mercadores da Persia, auião de perder suas mercadorias, com a mais pena que lhe quisesse dar. Como lhe Afonso Dalboquerque teue respódido a estes seus requerimétos disselhe, que dissesse ao Xeque Ismael que elle recebia em gráde merce as terras que lhe mandaua offerecer, & o desejo de o fazer grande señor em seu reyno; que seria isso pera lhas guardar & defender de seus imigos, que elle tinha ganhadas muitas naquellas partes a elRey de Portugal seu senhor, & esperaua ainda de someter outras muitas debaixo de sua obediencia, pera com tudo o seruir: & que a amizade & boa prestança q̃ desejaua de tér com elle Afonso Dalboquerque, estimaua muito por ser de hũ Principe tamanho como elle, & que tambem estimaua em muito mádar a toda a gente que andaua na India, da sua carapuça aceita, que se viessem todos pera elle, & o seruissem, como lhe elle tinha mostrado pela instrução que trazia: que esperaua em Deos de muito cedo tornar a Ormuz, & que folgaria de auer ázo com que se vissem em algum lugar dos seus da ribeira do már da Persia. E que elle em sua companhia mádaua hum homem fidalgo principal da casa delRey seu senhor, por embaixador ao Xeque Ismael

mael, que lhe pedia que recebesse là bom tratamento. Passadas estas praticas, Afonso Dalboquerque lhe fez merce de joyas & vestidos,& pimenta que lhe pedio,com que foy muito contente. E tendo tudo prestes se partiram todos a dez de Agosto do anno de quinhentos & quinze. E não dou rezão do que Fernão Gomez passou em sua embaixada porque quando tornou já Afonso Dalboquerque era morto.

De como os Reis de todas aquellas partes mandáram visitar o grande Afonso Dalboquerque por seus embaixadores, & como dom Garcia de Noronha lhe pedio licença pera se vir pera o reyno, & o mais que passou. Capitulo, XLI.

Artidos estes embaixadores pera o Xeque Ismael, vendo dom Garcia de Noronha que na obra da fortaleza auia já pouco que fazer pedio licença ao grãde Afonso Dalboquerque seu tio pera se vir pera Portugal, & por se achar mal desposto de doença muito enfadonha, & tãbem pela necessidade que tinha de sua pessoa & seruiço não lha quis dar: mas dom Garcia com os desejos q̃ tinha de se vir, apertou com elle tanto que lha deu, muito contra sua vontade, & despachou ho a vinte & noue dias de Agosto do dito anno & deulhe todos os seus poderes pera fazer a carrega, & por elle mandou a elRey dom Manuel hũa bacia, taça, & pucaro, & hũa cinta, & adaga tudo de ouro que era do presente que lhe o Xeque Ismael mandou, & hũas cubertas de caualo cramesis de laminas, com sua testeira laurada de tauxia de ouro, & hũa sella guarnecida de prata, & hũa saya de malha & hum feltro entretalhado de cores, o qual ainda que fosse de pouco preço era muito pera ver, & em sua companhia mãdou quinze Reis cegos que estauam em Ormuz com suas molheres filhos & seruidores, & que os entregasse em Goa ao capitão que os tiuesse a bom recado, & lhe desse tudo o que lhe fosse necessario pera seu sostentamento. Fez Afonso Dalboquerque isto por apagar esta geração dos Reis de Ormuz que se não espalhasse por algũas partes, & trouxessem em algum tempo desassossego ao reyno. E despachou Antonio de Afonseca com dez mil xerafins por feitor & Aires de Magalhães

por seu escriuão pera lhe terem prestes em Goa muitos mantimentos & munições de guerra, & concertados os nauios que ouuesse na India, & se acabassem as galés que deixára começadas em Goa, & escreueo a Duarte Barbosa que as duas de Calicut lhe tiuesse acabadas, porque determinaua de aquelle verão jr com hũa grossa armada tomar Adem, & fazerse forte nella, & entrar o estreito do már roxo, & fazer assento na terra do Preste Ioão. Mas isto ordenou Deos como foy sua vontade, porque chegando a Goa faleceo (como a diante se dirá) & que não falecera, era vindo Lopo Soárez por gouernador da India, por onde estes seus pensamentos não ou ueram de auer effeito. Partido dom Garcia na nao Belem chegou a Cochim, & estandose fazendo prestes pera se vir pera Portugal chegou Lopo Soarez com o qual teue algũas differenças.

¶ Partido dom Garcia começouse Afonso Dalboquerque a acharm ilhor da sua doença, & neste tempo chegaram algũs embaixadores dos Reis vezinhos ao reyno de Ormuz visitalo .s. O Rey de Lára: o qual lhe mandou de presente hum caualo, & hũa carta de grandes offerecimentos de tudo o que ouuesse na sua terra. Lára está tres légoas de Ormuz: he hũa cidade muito grãde situada na Persia, & esta a obediẽcia do Xeque Ismael. Afonso Dalboquerque lhe respondeo, & mandou ho visitar por Fernão Martinz Euangelho, & por elle mandou comprar caualos q̃ ha muitos naqlla terra. E apos este embaixador chegou outro de Mirbuzaca capitão do Xeque Ismael, q̃ estáua em Raxel ribeira do már da Persia como tenho dito, & mandoulhe hum caualo & carta de grandes offerecimentos, na qual lhe pedia, que o quisesse ajudar por már a tomár aquelles portos & ilhas que auia polo estreito do már da Persia, & que elle seria fiel seruidor delRey de Portugal, & lhe pagaria tributo delles, & lhe daria todos os caualos & mátimentos de que tiuesse necessidade. Afonso Dalboquerque não lançou mão deste requerimẽto de Mirbuzaca, porque determinaua de o escreuer a elRey & fazer nisso o que lhe elle mandasse, & escreueolhe grandes agardecimentos do que lhe dizia diuertindo o negócio pera quando tornasse a Ormuz, & de todos os Reis & señores daquella ribeira do már da Persia andauam ali embaixadores q̃ Afonso Dalboquerque despachou cõ grãdes palauras de agardecimentos & presentes que lhe mandaua, & de mouros da Persia, & Tartaria, & todas as partes do sertão eram tantos cada dia na fortaleza pera o verem, que se não podiam os nóssos defender delles, & porque com sua doença sahia poucas vezes fora pediam aos que tinhão

cuidado

cuidado da porta da fortaleza que o deixassem ver: porque não eram vindos da sua terra a outra cousa. E se algũa hora caualgaua era tanta a gente pelas ruas apos elle que se não podia valer. E porque a fama de sua pessoa & grandezas corria por todas aquellas partes & tinham nóuas dos embaixadores que lhe o Xeque Ismael mandaua (que elles auiam pela mayor cousa do mundo) mandauam criados seus que lho leuassem tirado polo natural.

De como veyo a Ormuz hum capitão do Xeque Ismael ver o grande Afonso Dalboquerque, & as nóuas que lhe deu, & o mais que com elle passou. Capitulo, XLII.

PArtido dom Garcia de Noronha dahi a algũs dias chegou hũa cafilà da Persia, cõ muitos mercadores da Tartaria, & Ruxia, & de todas aquellas partes, com suas mercadorias por onde se a cidade começou a enobrecer muito, & em sua cõpanhia vinha hum capitão do Xeque Ismael, o qual partira da corte pera ver o grande Afonso Dalboquerque pelas grandezas que se là contáuão de sua pessoa com que elle folgou muito, & porque auia pouco tẽpo q̃ o Xeque Ismael tiuera hũa grande batalha cõ o Turco em q̃ se este capitão achou, perguntoulhe como passàra, & elle lhe disse: que vindo o Turco com trinta mil de caualo, & muita gente de pé, demandar hũ passo da serra pera por ali passar a Tauriz, os capitães do Xeque Ismael q̃ vinham na dianteira chegaram primeiro à serra, & foram em pósse delle, & defenderamlhe a passagem. Chegado o Xeque Ismael, ouue por afrõta não deixárem passar o Turco, & mandou aos seus capitães que largasse o passo. O Turco como vio o passo desembaraçado passouse a serra, & pos as cóstas nella, & fezse ali forte com muitas carretas de artelharia encadeadas hũas nas outras, de que tinha cercado em roda todo o seu arrayal, & quinze mil espingardeiros todos postos em ordem, com determinação de esperar ali o Xeque Ismael, porq̃ se ná estreueo ao jr cometer onde estáua, & teue o Turco tal vigilancia no seu arrayal que nunca o Xeque Ismael pode saber a ordem em que estaua, & como homem que não tinha em cõta os Turcos, foy os cometer com vinte mil de caualo. O Turco fez duas batalhas da sua gente, & veyo o esperar fóra do forte q̃ tinha feito. Como o Xeque Ismael deu nos Turcos polos lógo em desbarato, & foylhe seguindo

guindo o alcance até o entrar polo seu arraial dentro, & por não ter conhecimento da artelharia, nem saber como estauam, aperfiou muito pera entrar com elles. Como o Turco vio os Persas desmandados, mandou desparar a artelhara, & ella por hũa parte, & os espingardeiros por outra, fez tam grande estrago, que o Xeque Ismael vẽdose desbaratado & muita gẽte sua morta foyse recolhendo pera Tauriz, que seriam dali vinte légoas, & o Turco lhe foy seguindo o alcance, & sem tér nhũa resistencia entrou a cidade de Tauriz, & tomou todo o thesouro do Xeque Ismael, que nella tinha. E estando ali com determinação de se fazer forte, lhe veyo noua que os Christãos hiam sobre Costantinopla, & por esta causa deixára esta empresa, & se tornára com grãde pressa, & o Xeque Ismael se reformára de gẽte & tornára sobre Tauriz, & certos capitães que o Turco ali deixára como souberam de sua vinda largáram a cidade & fugiram, & o Xeque Ismael como chegou, mandou fazer justiça de todos os principaes da terra, por deixarem entrar os Turcos na cidade sem pelejarem.

¶ Dizia Afonso Dalboquerque, depois de ouuir estas nouas (estando á pratica com os capitães, sobre esta imizade que o Xeque Ismael tinha com o Turco, & gram Soldão, sobre differenças de sua ley) que o Xeque Ismael fora hum corisco lançado por Deos sobre a ceita de Mafamede, pera se a India conseruar, & o Xeque Ismael não entẽder nella: porq̃ sendo moço de oito annos, sem tér nenhũa aução nem direito no reyno, se aleuantára, naquelle anno que o Almirante descobrio a India, & com o fauor de hũ tio seu ganhara a Turquemana, a Persia, o reyno de Coraçone, Camarcãte cidade dos Tartaros, o reyno de Aquilam, & toda a Armenia baixa, & outras muitas prouincias de Turcos & Tartaros, queimãdo todas as mesquitas dos mouros, deixãdo as de Christãos: & fazendo isto sendo de oito annos q̃ fizera agora de vinte quatro se Deos não permitira tér dous imigos tam poderosos como he o Turco & o gram Soldão do Cairo? E como Afonso Dalboquerque era grande cõquistador, & muito facil na execução das cousas, escreueo por muitas vezes a elRey dom Manuel que fizesse com todos os Reis Chistãos, q̃ quisessem tér amizade com o Xeque Ismael: porque tendo ho da sua parte, seria cousa muito leue distroirse o Turco, & o gram Soldão. E que pedisse licença ao Papa pera lhe mandar méstres que lhe fizessem artelharia: porque isto só lhe faltaua pera os distroir. O capitão do Xeque Ismael, porque auia dias que andaua em Ormuz, & não viera a outra cousa senão a ver Afonso Dalboquerque pedio

lhe

lhe licença pera se jr & elle lhe fez merce de muitas peças de ouro muito ricas, & mandoulhe mostrar toda a artelharia que auia em Ormuz, & que dissesse ao Xeque Ismael, que com aquella & outra muita q̃ tinha na India, o seruiria em nome delRey de Portugal contra seus imigos, cada vez que lhe comprisse.

Do sitio da cidade de de Ormuz, & do seu comercio. Capitulo, XLIII.

TRes cousas ha na India que sam escapolas de todo o comercio das mercadorias daquellas partes, & chaues principaes della. A primeira Malaca, que está em tres graos na entrada & saida do estreito de Singapura, de que já faley. A segũda Adem que está em vinte & hum grao de altura, & na entrada & saida do estreito do már roxo: & desta tenho dito o que pude saber. A terceira he Ormuz, o qual está em quinze graos, & na entrada & saida do estreito do már da Persia. Este Ormuz a meu vér, he a principal de todas. E se elRey de Portugal tiuera señoreado Adẽ cõ hũa boa fortaleza, como tem Ormuz & Malaca, señoreando estes tres estreitos q̃ tenho dito podéra se chamar señor de todo mundo (como fez Alexandre quãdo chegou ao rio Ganges) porque com estas tres chaues fechaua as portas a tudo. E bem creo eu q̃ se a morte não atalhara a Afonso Dalboq̃rque q̃ ellas estiuerã todas na sua mão. Muito tinha q̃ dizer nisto, mas como minha tẽção não he escreuer descuidos alheos, quero me tornar á minha historia. Ormuz cousa muito antigua he, & por rezão de seu comercio & nauegação he mui nomeado por todo mũdo, mas eu nã pude saber o como se fundou porq̃ começar por colheita de ladrões, q̃ andaua polo már a roubar (como foy Corinthio) nã póde ser: porq̃ he hũa ilha de tres légoas, toda de pedra de sal, muito esteril de ágoa, & a q̃ se gasta vẽ da terra firme: Se por pescadores q̃ ali viessem fazer suas pescarias (como foy Malaca) não póde ser: por amor da ágoa q̃ já disse. Seja o q̃ for, & cada hũ lhe de o fundamẽto q̃ quiser que os mouros hão Ormuz por tamanha cousa, q̃ dizem q̃ o anel he o mũdo, & a pedra Ormuz: & assi deue ser, porq̃ ali vẽ todas as mercadorias da Persia, Tartaria, Turquemana, do reyno de Gilam, de Bagadá, & Cairo, & de todas as partes da India: & todas as mercadorias q̃ se podẽ cuidar se acham em Ormuz. He a mais abastada terra de mãtimẽtos (não nos auẽdo nella) q̃ ha naquellas partes. Na praça de Ormuz se achão todas as diuersi

dades de fruitas secas & verdes que ha em Espanha. He Ormuz tam corioso de todas as cousas q̃ esses dias, q̃ Afonso Dalboquerque ahi esteue trazião neue de trinta légoas por dentro da Persia a vender ali. Vam de Ormuz muitos caualos pera a India, q̃ valem muito, por serem os milhores de toda ella. O estreito do már da Persia he muito pouoado de lugares, de ilhas de hũa parte & da outra, principalmente da banda da Arabia, onde está a cidade de Baçorá: á qual vem ter hum rio que nasce duas jornadas de Meca, que corta a terra toda, & da banda da Persia he a prouincia de Raxel que tem muitos lugares & fortalezas ao longo do már, de muito trato: onde vem tér muitas mercadorias da Persia, & no cabo de todo este estreito está a cidade de Bagada, a qual foy senhoreada de Armenios, & tomoulha o Xeque Ismael, & agora he o Turco Senhor della, & ali se vem ajuntar tres rios grandes: hũ se chama Eufratres, o outro Tigris, & o outro Fizam, & dizem q̃ vem de hum lago grande, q̃ está por dentro da Persia, & por aquella parte por onde entra no már chamão lhe os mouros Xerdebaudá, & tem grande força de ágoa. Este rio diuide a Arabia da Persia. Desta cidade Bagadá vinham antiguamente muitas mercadorias a Ormuz, & este comercio está agora defeso por elRey de Portugal. Neste estreito ha tãbem hũa ilha grande que se chama Bárem na qual ha muita criação de caualos, lauouras de trigo, & fruitas de toda a sorte. E derredor della se pesca o aljofar, & perlas q̃ vem a estes reinos de Portugal, & he o milhor & mais durauel de todas aquellas partes. Afora estes lugares principaes, ha nesta ribeira do már da Persia muitos lugares pequenos de pouco trato, & todo este már se nauega com nauios pequenos, porque tem muitos baixos. E destes lugares todos, vé muita soma de seda a Ormuz que se carrega pera a India. Os mais dos pouoadores desta ilha sam Persios, & a lingoagem q̃ se nella mais vsa he a sua. Tem esta ilha muitas minas de enxofre, & no veram por rezão da quentura do sol he algum tanto doentia. Estendese o seu señorio até Goader hũa cidade grande que he na terra dos Nautaques.

De como o grande Afonso Dalboquerque, por rezão de sua doença fez hũa fala aos capitães sobre a successam, se elle morresse, & o que se nisso assentou, & como se partio caminho da India. Capitulo, XLIIII.

Omo o grande Afonso Dalboquerque não sahia da obra de dia nem de noite, por dar fim a se acabar a fortaleza cõ breuidade, & as calmas eram grandes, & elle velho & mal regido, tornou a doença a carregar nelle, & esteue onze dias que não sahio fora de casa, nem o via ninguem, senão esses seus familiares. E como fosse estranho a gente deixarem de o ver, começouse a dizer pela cidade que era morto: de maneira que lhe foy forçado pera assentar os corações dos mouros & dos nóssos amostrarse, & dali por diante deu lugar a algũs capitães que o vissem, ainda que sua doença o não sofria. E porque cada vez se achaua pior, & sentia em si muita fraqueza, sendo vinte & seis dias do mes de Setembro, mandou chamar todos os capitães a sua casa: & sendo Pero Dalpoem secretario presente lhes disse, que elle era homem velho & doente de doença que podia morrer falando. E porque permitindo nósso Senhor que acabasse, queria deixar ordenadas as cousas de aquelle reyno, & a fortaleza que fazia, como compria ao seruiço delRey seu senhor, q̃ lhes pedia por merce lhe dessem todos suas menagẽs de obedecerem a qualquer pessoa a que elle antes de seu falecimento cometesse seus poderes, atè elRey dom Manuel prouer nisso como fosse seu seruiço. Os capitães lhe responderam com muitas lágrimas, que nósso Senhor lhe daria aquella saude que lhe todos desejauão, & que compria pera conseruação do estado delRey de Portugal naquellas partes, que fizesse o q̃ quisesse, porque todos eram muy contententes do que elle ordenasse, & de obedecer a quem deixasse seus poderes. Afonso Dalboquerque com muitas palauras de amor lhe agardeceo muito os desejos q̃ tinham de sua saude, & tomou a menagem a todos com juramento que lhe fizeram nas suas mãos de obedecerem em nome delRey a quem nomeasse, & disso mãdou fazer hũ assento por Pero Dalpoem secretario, em que todos asinàram. Acabado isto, porque Afonso Dalboquerque se achaua cada vez pior, fez seu testamẽto & ordenou sua alma. E depois de tér comprido com Deos, confessado & comũgado, & feitos todos os autos de Christão, a vinte dias do mes de Outubro, chamou Pero Dalboquerque seu sobrinho, filho de Iorge Dalboquerque seu primo com jrmão, & disselhe, q̃ por elle ser tal pessoa, com quẽ a gẽte folgaria de ficar naq̃lla fortaleza, & tambem porq̃ o Rey de Ormuz lhe mostrara sempre tér delle muito contamento & desejos de elle ficar ali, & o merecer por sua caualaria & fidalguia lhe fazia

merce daquella fortaleza em nome delRey de Portugal, cõ quatrocentos mil réis, & duzentos quintaes de pimenta ao meyo, de ordenado cada anno: & q̃ dali por diante tiuesse cuidado de olhar pelas obras della, porq̃ elle não tinha disposição spiritual nem corporal pera entender em outra cousa senão na cõta q̃ auia de dar a Deos dos deseruiços q̃ lhe tinha feitos: que mandasse pór a artelharia em seu lugar, porque a fortaleza estaua ja em tal altura, q̃ bem se podia defender: & que lhe posesse nome nossa Senhora da Conceição, & mãdasse recolher todos os mantimentos q̃ estauão fóra em casa do almoxarife. E que elle deixaua Nicolao Ferreira por guarda mór do Rey de Ormuz, que lhe encomendaua muito o fauorecesse, & mãdou trazer diãte de si os dous filhos do Rey Ceifadim, & entregoulhos dizẽdo, que lhe pedia muito que olhasse por elles & os tiuesse consigo pera freo do Rey, o qual elle deixaua em Ormuz cõtra sua võtade, porq̃ matara seu jrmão o Rey Ceifadim & se aleuantara com o reyno, & dissimulara cõ elle porque estes mininos não eram de jdade pera poderem gouernar.

¶ Pero Dalboquerque depois de lhe beijar as mãos por aquella merce que lhe fizera da fortaleza, lhe disse: que elle estimaua mais escolhelo antre tãtos capitães, fidalgos, & caualeiros, pera aquelle carrego (que cada hũ delles merecia milhor que elle) que quanto proueito lhe podia vir daquella fortaleza: que tudo o que lhe mandaua elle o faria. Como foy deuulgado que Pero Dalboquerque era capitão da fortaleza (porque cada hũ dos capitães cuidou de o ser) muitos ficáram descontentes, mas elles não tinhão rezão, porque como se ella auia de dar a hum só, foy muy boa eleição a de Pero Dalboquerque porque era hum raro homem, & bem se vio na cõta que deu de si o tempo que nella esteue. E dali por diante começou a entẽder na obra da fortaleza, & fazer tudo o que era necessario. Afonso Dalboquerque fez feitor Manuel da Costa filho de mestre Afonso fisico mór del Rey dom Manuel, & escriuães da feitoria. Manuel de Sequeira criado da duqueza de Bragança, & a Diogo Dandrade moço da camara delRey. Ordenado isto, despediose de todos os negócios, & não quis mais entẽder em nenhũa cousa. E mandou a Diogo Fernandez de Béja que lhe fizesse prestes a nao frol da rosa de que era capitão, pera se partir caminho da India, & a todas as naos que auiam de jr em sua companhia. Ordenada sua partida mandou dizer ao Rey por Pero Dalpoem, & Alexãdre de Ataide que se queria partir, por que lhe era necessario morto ou viuo jr prouer as cousas da India: que lhe pedia muito por merce lhe perdoasse não no ver,

que a sua doença era de maneira que lhe não daua lugar pera o poder fazer que esperaua em Deos de muito cedo o tornar a ver. E q̃ elle deixaua Pero Dalboquerque seu sobrinho por capitão da fortaleza, & confiaua q̃ elle o seruisse muito bem. O Rey respondeo a Pero Dalpoem q̃ dissesse a seu pay que lhe pezaua muito de sua ida, & com lhe parecer q̃ cedo se viriam ficaua descançado. Afonso Dalboquerque como estaua cõ aqlles desejos de se ir caminho da India despediose de Pero Dalboquerque & dos capitães q̃ ali ficauão, & foyse embarcar hũa quinta feira oito dias do mes de Nouẽbro, da mesma era pela sesta, porque ninguem o visse, & fezse logo á vella, & foy surgir hũa legoa da cidade, & ali esteue esperando pelas duas galés grandes, & a carauela de Ioão Gomez, & o bargãtim Sanctiago que hião em sua companhia, & sabbado pela menhaã chegou Hacem Ale cõ duas terradas carregadas de refresco que lhe o Rey mandaua, & elle o mandou entrar dentro na camara onde estaua. E depois de lhe Hacem Ale dar o recado do Rey respondeolhe que dissesse, q̃ elle lhe tinha muito em merce sua visitação, que depois que se metera no mar se achara milhor, & que agora que não estaua presente em Ormuz lhe pedia muito por merce des se milhor auiamento á obra da fortaleza, porque era a milhor cousa que podia ter em seu reyno pera conseruação de seu estado. E despedio ho, fazendolhe merce de trinta xerafins, & aos mouros das terradas quarenta, & muito vinho pera beberem, com que elles folgaram mais que com o dinheiro. E como se partiram, fizeramse á vella caminho da India.

De como o grande Afonso Dalboquerque soube, per hũa terrada que tomou no caminho que vinha de Diu, que era vindo Lopo Soarez por gouernador da India, & como chegando á barra de Goa faleceo. Capit. XLV.

DEspedido Hacem Ale do grande Afonso Dalboquerque mandou Diogo Fernandez de Beja fazer a nao á vella, & sendo ja fora da garganta do estreito de Ormuz tanto auãte como Calayate, hũ dia pela menhaã ouueram vista de hũa terrada de mouros que vinha á vella, & porque Afonso Dalboquerque desejaua muito de saber nouas da India, disse a Diogo Fernandez capitão da nao que mandasse o bargantim Sanctiago apos ella

o qual a seguio tanto que a fez arribar. Chegado a bordo da nao, pergũtou lhe Diogo Fernãdez donde vinham. Os mouros lhe disseram q̃ vinhã de Diu. Afonso Dalboquerque mãdou lógo q̃ viessem perante elle o capitã, mestre, & piloto: & como os teue cõsigo deu juramẽto a Alexãdre de Ataide lingoa, q̃ de cousa que aquelles mouros contassem, & de nouas que dessem da India lhe nã encobrisse nada. Os mouros pediram perdã a Afonso Dalboquerq̃ de não arribarem lógo primeiro q̃ o bargantim fosse a elles, dando por disculpa que não sabiam q̃ vinha ali sua pessoa. E porq̃ a doença o apressaua, & cançaua muito de falar, disse a Alexandre de Ataide q̃ lhe perguntasse muito miudamente por nóuas da India, & pera onde hiam. O capitão da terrada lhe disse, que Cide Ale & hũ embaixador do Xeque Ismael, que estauam em Diu, o despacharam com cartas pera sua Señoria que por ellas veria as nóuas q̃ auia na India. Afonso Dalboquerq̃ mandou lógo a Alexãdre de Ataide q̃ lesse as cartas. A de Cide Ale dizia q̃ erão vindas doze naos de Portugal, & nellas Lopo Soarez por capitão mór da India, & Diogo Mẽdez por capitão da fortaleza de Cochim, & pera todas as outras fortalezas capitães, q̃ nomeaua por seu nome, & Miliquea z lhe não escreuia, porque lhe pesaua muito de o elRey mãdar jr da India. E na do embaixador do Xeque Ismael dizia q̃ pois elRey de Portugal tão mal conhecia suas caualarias & seruiços, q̃ lhe acõselhaua q̃ se fosse pera o Xeque Ismael, porq̃ lhe ficaua q̃ elle o fizesse o mayor senhor de sua terra, & pedialhe seguro pera jr com suas mercadorias a Ormuz, & dahi pera a Persia. Afonso Dalboquerque como soube q̃ era chegado outro gouernador, & se s imigos muito fauorecidos delRey, aleuãtou as mãos, & deu graças a nósso Señor, & disse. Mal cõ os homẽs por amor delRey, & mal cõ elRey por amor dos homẽs: bom he acabar. Dito isto mandou tomar aos mouros todas as cartas q̃ leuauam pera mercadores de Ormuz, em q̃ dizia que se não tinham dado fortaleza a Afonso Dalboquerque q̃ lha não dessem, porq̃ era vindo outro gouernador q̃ faria tudo o q̃ elles quisessem. E porq̃ estas nóuas não dessem toruação a fortaleza q̃ se ficaua acabãdo, mãdou as Afonso Dalboquerque queimar todas, & despedio os mouros q̃ se fossem & ficou só cõ o secretario: & tẽdo ja feito seu testamẽto, em q̃ se mãdaua enterrar na sua capella, q̃ tinha feito em Goa, q̃ elle ganhara aos mouros, fez hũa sedula, em q̃ mãdou q̃ os seus ossos, depois da carne gastada, se trouxessem a Portugal: & outras palauras q̃ ouue por escusado escreuer. E acabado isto escreueo hũa carta pera elRey dõ Manuel que dizia assi.

SEñor, quando esta escreuo a vóssa Alteza estou cõ hũ soluço q̃ he sinal de morte. Nesses reynos tenho hum filho, péço a vóssa Alteza que mo faça grãde, como meus seruiços merecem: q̃ lhe tenho feito cõ minha seruiçal cõdição: porq̃ a elle mãdo, sob pena de minha benção q̃ volos requeira. E quãto ás cousas da india não digo nada, poq̃ ella falará por si, & por mim.

¶E neste tẽpo estaua já tam fraco q̃ se não podia ter ẽ pé, pedindo sempre a nósso Señor, q̃ o leuasse a Goa, & ali fizesse delle o q̃ fosse mais seu seruiço & sendo tres ou quatro légoas da barra, mãdou q̃ lhe fossẽ chamar frei Domingos vigairo gerál, & méstre Afonso fisico. E porque com a grãde fraqueza q̃ tinha não comia nada, mãdou q̃ lhe trouxessẽ hũ pouco de vinho vermelho, do q̃ viera aquelle anno de Portugal. Partido o bergãtim pera Goa, foi a nao sorgir na barra, sabado de noite, quinze dias do mes de Dezẽbro. Quãdo dissérã a Afonso Dalboq̃rque q̃ estaua ali, aleuãtou as mãos & deu muitas graças a nósso Sñor, por lhe fazer aq̃lla merce q̃ elle tãto desejaua, & esteue assi toda aq̃lla noite (com o vigairo géral, q̃ era já vindo de terra, & Pero Dalpoẽ secretario da India, q̃ elle deixou por seu testamẽteiro) abraçado cõ o Crucifixo, & falãdo sempre, disse ao vigairo géral, q̃ era seu cõfessor, q̃ lhe rezasse a paixão de nósso Señor, feita por S. Ioão, de que fora sempre muito deuoto: porq̃ nella, & naq̃lla Cruz, q̃ era semelhãça da em q̃ nósso Señor padescera, & nas suas chagas, leuaua toda a esperança de sua saluação: & mãdou q̃ lhe vestissem o abito de Sãctiago (de q̃ era comẽdador) pera morrer nelle: & ao domingo hũa ora ante menhaã deu a alma a Deos. E ali acabarão todos seus trabalhos, sem ver nhũa satisfação delles E de crer he, q̃ quẽ asi acabou não teria muitos erros feito em seu cargo, pera q̃ o Rey a quẽ tinha seruido muito lealmẽte, o mãdasse vir sem lhe galardoar seus seruiços: mas como Afonso Dalboquerq̃ tinha imigos no cõselho delRey, a q̃ pezaua ouuir suas grãdezas, & as grãdes vitorias que lhe nósso Señor naq̃llas partes tinha dado, acõselharão a elRey dõ Manuel q̃ o mãdasse vir, & não lhe faltárão rezões pera isso, cõformes a sua tẽção: & q̃ mãdasse Lopo Soares por gouernador da India. E vendo elRey o erro que fizera em o mandar vir, & a necessidade que tinha de sua pessoa na India, escreueo a Lopo Soarez hũa carta (que a diante vay escrita) que eu mandey treladar da propria que achey nos meus papeis.

De como foy leuado a enterrar o corpo do grande Afonso Dalboquerque, á sua capella, & o grande pranto que por elle se fez, & de sua vida & costumes. Capit. XLVI.

ACabado o grande Afonso Dalboquerque de espirar, antes que viesse gẽte da cidade, foy lógo amortalhado, & vestido no abito de Sãctiago, cõ hũs borzeguis calçados, & esporas nos pés, & hũa espada na cinta (como he costume enterrar os comẽdadores:) na cabeça hũa carapuça de veludo, & ao pescoço hũa beca do mesmo. E como foy vestido, mandou Pero Dalpoẽ alcatifar a tolda da nao, & ali puserão o corpo sobre hũ catle, cuberto cõ hũ pano de veludo preto: & hũa almofada do mesmo teor a cabeceira. E Diogo Fernãdez de Béja q̃ era capitão, mãdou fazer prestes o batel em q̃ o auiã de leuar a terra, & sendo ja menhaã, começou a gẽte da cidade a vir ẽ bateis cõ muito aluoroço, pera o acõpanhar: & quãdo o acharã morto, foy tamanho o choro, & prãto em todos, q̃ parecia q̃ se fundia o rio de Goa: & porq̃ a gẽte era muita, foy lógo embarcado, & leuado no batel a cidade. E chegãdo ao cais, onde dõ Goterres capitão da cidade, & todos os fidalgos & caualeiros q̃ auia nella, & tódo o pouo, & clerigos, & frades o estauam esperãdo, foy tirado em terra, do mesmo catle em q̃ vinha, & ali se começou outro nouo pranto. E depois de o encomẽdarem (q̃ os clerigos & frades nã podiam fazer com choro) esses fidalgos q̃ se ali acharam, tomaram o catle aos ombros, & debaixo de hũ palio o leuaram a sua capela, de nóssa Señora da Conceição, onde o enterraram, & hiãono acõpanhãdo todo o pouo da cidade, assi Christãos, como gẽtios, & mouros, q̃ não cabião por as ruas, mostrãdo cõ muitas lágrimas o grãde sentimento q̃ tinhão de sua morte. Os gẽtios quãdo o virã jr lãçado no catle, cõ a barba tam cõprida q̃ lhe daua pela cinta, & os ólhos meyos abertos, diziã (segũdo suas gẽtilidades) q̃ nã podia ser q̃ era morto, senão q̃ Deos tinha necessidade delle pera algũa guerra, q̃ o mãdaua jr. E asi nesta ordẽ, cõ estes prantos & choros, chegarão todos cõ o corpo à capella, que elle fundou sobre a porta da cidade, por onde entrou quãdo a tomou aos mouros, & ali lhe foy feito seu saimento com prégação, na qual aueria bem q̃ dizer. E pera esta capella deixou em Goa muita renda de foros de casas, pera lhe dizerem missa cotidiana, & o remanescente, mãdou que se desse de esmola todas as sestas feiras, aos meninos orfaõs, filhos de Portugueses. E quando seu filho Afonso Dalboqrq̃ mãdou trazer a sua ossada a Portugal, mãdou vẽder a propriedade, por hũa bulla q̃ tẽ do Papa, & fez hũ esprital de peregrinos ẽ Azeitão, & hũa Igreja pegado cõ elle, à custa do dinheiro, deixãdo em Goa propriedades, q̃ rendẽ quarẽta mil reis pera se dizer missa cotidiana na dita capella como o Papa

manda na sua bulla. Feitas as obxequias, mandou Pero Dalpoem pór hũa tumba de tres degraos (tudo forrado de veludo preto) sobre a coua, & a capela emparamentada toda de panos pretos: & mandou dependurar em riba a bandeira real com q̃ pelejaua (que lhe elRei dom Manuel mandou de Abrantes ao porto de Belem, estando pera se embarcar, por morrerem na cidade de peste) a qual esta na capela mór de nossa Señora da Graça, onde os seus ossos estão enterrados.

¶ Era este grãde capitão homẽ de meaã estatura, o rosto cõprido & córado, o naris hũ pouco grande. Era auisado, & Latino, & de grandes ditos. Falaua & escreuia muito bẽ. Muy facil na cõuersação, muito graue no mãdar, muito manhoso no negociar cõ os mouros, muito temido & amado de todos, que poucas vezes se acha em hũ capitão. Era muito esforçado & bem afortunado. E dizia elRey dom Fernãdo Rey de Castela a Pero Correa estãdo lá por embaixador, q̃ se espãtaua muito delRey dõ Manuel seu filho, mãdar vir Afonso Dalboquerq̃ da India, sendo tam grãde capitão, & tam bem afortunado. Nas batalhas q̃ teue cõ os mouros, nabaes & terrestes ouue sempre vitoria, sendo algũas vezes ferido: porque os lugares em que se achaua não erão muito sadios. Foy muy prestes na execução do q̃ se assentaua no conselho q̃ se fizesse, & seu nome & vitórias tam celebrado de todos os Reis & Principes da Europa & Asia, que o gram Turco falãdo com dom Aluaro de Sande capitão do emperador Carlo quinto que lá estáua catiuo, nas cousas da India, punha a mão nos peitos & dizia q̃ Afonso Dalboquerq̃ fora hum insigne capitão. Foy homem de muita verdade & tam inteiro na justiça, que os gentios & mouros depois de sua morte, cõ qualquer agrauo que recebiam dos gouernadores da India, se vinham a Goa á sua sepultura, & offereciamlhe boninas & azeite pera a sua alampada, pedindolhe que lhe fizesse justiça. Foy muito piadoso com os pobres. Casou muitas molheres em Goa. Foy tam largo de condição, que todos os presentes & dadiuas q̃ lhe os Reis da India mãdauão (q̃ forã muitos & valião muito) repartia com os capitães & fidalgos que lhos ajudauam a ganhar, Foy muito honesto em seu viuer, & tam recolhido em seu falar, que o mór juramento que fazia (quando estáua muito menencorio) era, arrenego da vida em que viuo. Faleceo de jdade de sessenta & tres annos, auendo dez que gouernaua a India.

De

De como arrependido elRey dom Manuel de ter mandado vir Afonso Dalboquerque da India, lhe tornou a mandar que não viesse, & da carta que sobre isso escreueo a Lopo Soarez gouernador da India. Capitulo, XLVII.

Artido Lopo Soarez por gouernador pera a India, em Março, no anno de 1515. lógo em Agosto veyo nóua a elRey dom Manuel, per via de Veneza: porq̃ sempre tinha ali suas intelligencias, pera saber tudo o q̃ o grã Soldão ordenaua, & do seu embaixador que estaua em Roma, q̃ o grã Soldão do Cairo afrontado de os Portugueses lhe entrarem o estreito do már roxo, mãdaua fazer hũa grossa armada de galés, & galeões, em Suez com muita gẽte & artelharia, pera mandar sobre a India, principalmente ao reyno de Ormuz, porq̃ o grande Afonso Dalboquerque se não apoderasse delle. ElRey enfadado com esta nóua, & arrependido de o tér mandado vir, determinou de acodir a este negócio com toda a breuidade posiuel, & mandou fazer lógo hũa armada, pera em Março do anno de 1516. mãdar muita gente á India, & escreueo a Lopo Soarez esta carta, dizẽdolhe estas nóuas que tinha da armada do Soldão, & o que auia de fazer pera se derepremir sendo entrada na India.

*L*Opo Soarez amigo, nos elRey vos enuiamos muito saudar: porque ha dias q̃ temos nóuas q̃ o gram Soldão faz hũa armada em Suez, pera mãdar á India, consiramos a maneira em que se deuia prouer, sendo caso q̃ a armada do Soldão seja entrada na India, que esperamos em nósso Señor que não será: porque como em cousa mais perjudicial a nósso seruiço, & em que consiste todo o arreceo da mũdãça das cousas dessas partes, deuemos de prouer, & remediar. E considerando o que acerca deste caso seria mais seguro, & de que se teria mais certa esperança, pareceonos mais nósso seruiço, que sendo caso que a dita armada do Soldão seja entrada na India, & estando lá Afonso Dalboquerque, lhe mandar que em sua vinda pera estes reynos, como lhe tinhamos mandado, não fizesse mudança, & nos ficasse lá seruindo, & q̃ vós, por Cochim & Calicut serem cousas tam principaes como sam, & em que principalmente consiste a conseruação das cousas da India fiqueis em ella por capitão mór, &

gouernador, ficando tambem em vóssa capitania Maláca, & que da gente que com vosco foy tomeis quatro centos homẽs, que vos mais contentarem pera ficarem com vosco, & em vóssa companhia: alem da gẽte ordenada ás ditas fortalezas, & com toda a armada da nauegação de Malaca a Cochim, & que resìdais em qualquer das ditas fortalezas de Cochim & Calicut, que vos milhor parecer, & em que virdes que será mais segurãça das cousas de nósso seruiço. E ei por bem que a carga das naos q̃ cada anno forem pera lá, & vierem com as especiarias, fique tudo a vósso cargo, sem outra nenhũa pessoa entender nisso, saluo o feitor & officiaes da feitoria.

¶ E queremos, que todas as outras fortalezas, gente, armadas, & exercito, asi do már como da terra, fique á obediencia de Afonso Dalboquerque, pera nos seruir asi como vir que conuem, & acodir aos impedimentos q̃ se offerecerem, por respeito da dita armada do Soldão, & se trabalhe pela desbaratar, como esperamos em nósso Senhor que fará, segundo a elle cõpridamente escreuemos.

¶ E posto que de vós tenhamos inteira confiança, pera neste negócio nos seruirdes com muito esforço & caualaria como tẽdes, em caso tam nouo & com semelhante necesidade, não nos pareceo que abastaueis, sendo entrada a armada do Soldão na India, porque não pódem concorrer em vós tãtas qualidades como ha no dito Afonso Dalboquerque, pera o proueito & segurança nas cousas dessas partes, pela experiencia que tem de muitos annos, & tér conhecidos os Reis, & Senhores que nos sam verdadeiros amigos & seruidores: & asi polo contrairo os que o não sam, & os corações & vontade de cada hum, polo muito tempo que ha que os tem praticados & exprimentados, & tambem as cousas em que póde dar cuidado & toruação áquelles em que não esperar de achar inteira verdade, nas cousas de nósso seruiço, pera lhe tolher que se não ajũtem com o poder dos imigos. E pera todas estas cousas & outras que socederem, conuem ajudarmonos da experiencia particular & géral que tem, asi do már como da terra, & principalmente as grandes vitórias que lhe nósso Senhor sempre deu nessas partes, em todas as cousas em q̃ pos as mãos, & cometeo: q̃ esperamos na sua misericordia que nesta lha dará: porq̃ ainda q̃ muitos homẽs sejam pera muitas cousas, & delle se deua tér inteira confiança, como nós temos de vós pera esta, & outra ainda q̃ mayor fosse (posto q̃ nenhũa o póssa ser) por meyo de aquelle, a que nósso Senhor ja tem nas mesmas cousas ajudado, parece que se poderam milhor fazer, & acabar: principalmente

quando

quando tambem as sabe como Afonso Dalboquerque.

¶E porque esta cousa importa, & releua tanto a nósso seruiço, hõra, & estado como vedes, vos encomendamos, & mandamos por mandado especial, que não resistais em maneira algũa a isto que vos mandamos, & nos siruais, assi como por esta carta o ordenamos.

¶E porque nas cousas da guerra, sendo a armada do Soldão entrada na India, conuem fazerem se muitas despesas, mandamos aos officiaes de Cochim, Calicut, & Malaca, que querendo Afonso Dalboquerque algũ dinheiro, ou cousa de nóssa fazenda lho enuiem lógo sem nenhũa dilação, conforme á prouisam que disso temos mandado ao dito Afonso Dalboquerque. Noteficamosuolo assi, pera saberdes como o mandamos, & o ná impedirdes, antes vos encomendamos muito que deis a isso todo o auiamento que for possiuel, pera que se faça inteiramente o que acerca disso Afonso Dalboquerque requerer. Feita em Almeirim a 20. de Março de 1516.

O estádo em que o grande Afonso Dalboquerque deixou a India, ao tempo de seu falecimento Capitulo, XLVIII.

VEndo o grande Afonso Dalboquerque os desejos q̃ elRey dom Manuel tinha, de auer paz vniuersal na India, como per muitas vezes lhe tinha escrito: porque com tér guerra continua não se podia bem soster, polos grandes gastos que se faziam, trabalhou muito em quanto viueo, de a tér com todos os Reis & Senhores gentios daquellas partes, tendo com elles muitas intelligencias, mandandolhe seus messageiros, & offerecẽdolhe as armadas delRey de Portugal, pera destruirem os mouros & lançarẽnos fora da terra que lhe tinham tomada, principalmente o Rey de Narsinga, ao qual mandou por muitas vezes seus embaixadores, procurando sua amizade, & pedindolhe que quisesse entender na distruição do Hidalcão, & do Rey de Decam: & com todos os outros Reis gentios do cabo do Comorim pera dentro, asi na ourela do már como polo sertão, tambem teue intelligencias pera os trazer á amizade delRey de Portugal, mãdandolhe embaixadores em seu nome, offerecendolhe suas armadas & gente. E estauá este feito tam arreigado que todos trabalhauão por terem assento

de amizade com Afonſo Dalboquerque: hũs com obediẽcia, que lha mãdauão por ſeus meſſageiros, outros com tributo que lhe pagauão de ſuas terras, outros com palauras boas & brandas, que elle com elles vſaua, & outros com joyas, & preſentes que da parte delRey dom Manuel mãdaua, & algũs lhe offereciáo ſeus portos pera fazer nelles fortalezas, com deſejos que tinham de terem trato & amizade com os Portugueſes: porque os tinham já como vezinhos da India, & ſe o a morte não atalhara, ſegundo ſeus eſpritos eram grandes, elRey de Portugal fora ſeñor de toda a India, porque deixando a parte dos gentios, que elle ſabia muy bem grangear, os mouros o temião de maneira (porque nas couſas da guerra era muito manhoſo & esforçado) que o Hidalcão, ſendo grande ſenhor, & de muita gente, eſtando ſobre o peſcoço de Goa, que lhe Afonſo Dalboquerque tinha tomado por força, por muitas vezes procurou ſua amizade, cõ receo que tinha de lhe tomar ſua terra. E não fora muito fazelo ſe o Rey de Narſinga o ajudára polo ſertão, como por muitas vezes lhe tinha mandado dizer: & mandoulhe muitos meſſageiros & preſentes, & ſua máy que o gouernaua ſe meteo por medianeira deſta amizade, offerecendolhe todo ſeu poder contra quem elle quiſeſſe. Ao tempo de ſeu falecimento tudo ficou de paz deſde Ormuz até Ceilão, & todo o reyno de Cambaya, Chaul, Dabul, Goa, Onór, Baticalá até o monte de Deli, Cananor, Cochim, Caicoulão, até o cabo do Comorim, Todos os Reis, Senhores, mercadores deſtes portos, & polo ſertão dentro deixou tão manſos & aſſoſſegados, que não podia ſer mais hũa gente conquiſtada & ſeñoreada por força como eſta era. E eſtaua a terra tam pacifica q̃ os Portugueſes negociauão ſuas mercadorias por todas as partes, ſem lhe tomárem nada, nem os catiuarem, & nauegauão por todo már da India em naos, nauios, zambucos pequenos & grandes, & ſeguramente traueſſauam o már de hũas partes pera outras: & elles vinham a Goa com as ſuas, ſem lhe ſer feito nhum agrauo. E do cabo do Comorim pera dentro, tambem deixou os Reis de aquellas partes em grande paz & amizade com elRey de Portugal mandandolhe embaixadores cõ preſentes em ſeu nome, & elles a elle .ſ. o Rey de Pegù, o Rey de Bengála, o Rey de Pedir, o Rey de Sião, o Rey de Pacé. E a fortaleza de Malaca deaſſoſſego. Ficou em muita paz com o Rey da China, & o Rey da Iaoa, o Rey de Maluco: com os Gores: & todos os outros ſeus vezinhos manços & aſſoſſegados os tinha.

¶ E a principal couſa que fez aſſoſſegar a India, & amáçar os corações dos

Reis

Reis & Senhores della foy, ver as intelligencias que o grande Afonso Dalboquerque tinha com o Xeque Ismael, pera tomárem a casa de Meca, & destroirem o gram Soldão, & todos os mouros, mandandolhe seus embaixadores com presentes. E com o Preste Ioão, pera cortarem hũa serra & lançarem o Nillo por outra parte, pera destroição do Cairo. Veremlhe tambem fazer grandes fortalezas na India: veremlhe muita artelharia, muitas naos, nauios, & galés. Veremlhe muitos homẽs casados, muytos meninos, & meninas nacidas na terra. Verem fazer casas de pedra & cal, & prantarem pumares, laurarem as terras, terem suas criações, tratarem no már & na terra suas mercadorias. Verem nos lugares toda a ordem de justiça & bom gouerno, & outras muitas cousas de gente que fazia fundamento na terra, & de assentar nella. E de tudo isto corria a fama por todas as partes da India, & da Persia, do Cairo, & da Turquia. E perguntaua o gram Soldão, se auia muitos homẽs casados na India: & o Hidalcão quãtos meninos & mininas aueria em Goa: porque elles não se arreceauão do már senão do assento que os Portugueses queriam fazer na terra. E vẽdo os mouros o pouco poder de armadas & gente que elRey de Portugal tinha na India, por milagre contauam todas estas cousas. E como os espritos de Afonso Dalboquerque eram grandes dizia muitas vezes, que esperaua em nósso Senhor de tomar Adem & fazer assento nella, & fechar as portas do estreito com hũa boa fortaleza: porque o gram Soldão perdesse a esperança que tinha de ser señor da India: & acabado isto que se viria pera Portugal, a repousar hum pouco sobre o cabo da enxada: & nósso Senhor per sua diuina prouidencia atalhou a tudo, em o leuar pera si.

¶ Ao tempo de seu falecimento deixou em Malaca, que tomou aos mouros duas vezes, hũa fortaleza muito forte, & muita artelharia, & gẽte nella. Deixou feita outra fortaleza em Ormuz, com muita gente & artelharia, & o reyno todo á obediencia delRey de Portugal: o qual tomou duas vezes aos mouros por força. Deixou hũa fortaleza feita em Calicut, muito forte com gente & artelharia. Deixou a fortaleza de Cochim acabada como agora está, que elle começou a primeira vez que foy á India, & sete alifantes nella muito grandes, pera seruirem na ribeira das naos. Fez a fortaleza de Cananor de pédra & cal, que dantes era de taipa. Deixou armadas em todas estas fortalezas, pera guarda & prouimento dellas. Deixou a cidade de Goa forteficada com muitos castelos derredos da ilha pera seguráça, a qual tomou por força duas vezes aos mouros: deixou nella muitos

tos Portuguefes cafados, muitos gentios feitos Chriſtáos, & muita géte de caualo. Deixou muitos armeiros, & officiaes de fazer crauazão, ſelleiros, adargeiros, ferreiros, pedreiros, fundidores de artelharia, méſtre de fazer eſpingardas, carpinteiros da ribeira, calafates: & os mais deſtes Portugueſes, & outros Chriſtáos naturaes da terra, vaſſallos & ſubditos delRey de Portugal, como naturaes Portugueſes. Deixou os almazés de Goa com muitas armas, muitas cubertas de cavalo, muitas ſellas, muita poluora, pilouros, & todas outras munições neceſſarias pera guerra. Deixou no porto hũa armada de cincoenta vellas, entre naos & nauios, & galés, & fuſtas, que pera aquelle tempo era muita, afóra paraos, & nauios de chitins, que neſta conta não entrão. Mãdou laurar moéda em nome delRey de Portugal, em Goa, & em Malaca, a qual corria por todas as partes da India. Foy o primeiro capitão delRey de Portugal que entrou no eſtreito do már roxo. (Y quien mas hiziere paſſe a delante) que he o letreiro que o conde Fernão Gonçaluez mandou pór na ſua ſepultura, que eſtá á entrada da porta da Igreja do moſteiro onde eſtá enterrado.

Como chegou a oſſada do grande Afonſo Dalboquerque a Portugal, & como foy leuada a nóſſa Senhora da Graça. Capitulo, XLIX.

TEndo o grande Afonſo Dalboquerque feyto ſeu teſtamẽto, & aprouado, em que ſe mãdaua enterrar na ſua capella de nóſſa Senhora, que tinha feita em Goa, vindo de conquiſtar o reino de Ormuz, deixando nelle feita hũa fortaleza (como a tras fica dito) fez hum condicilho q̃ dizia aſsi. Declaro que falecendo eu neſtas partes da India, q̃ nóſſo Señor por ſua miſericordia não permitta, por algũs juſtos reſpeitos q̃ me a iſſo moueram, & por deſcanço de minha alma, mando que depois de comeſta a carne, os meus oſſos ſejam leuados a Portugal, & ſe enterrem em nóſſa Senhora da Graça, da ordem de ſancto Agoſtinho, onde jazem meus auos. Couſa tão deſejada de Afonſo Dalboquerque como era trazerem ſeus oſſos a Portugal (como ſe vé por eſtas palauras do condicilho) deſcuido fora de ſeu filho paſſarem ſe cincoenta & hum annos ſem lhe comprir ſua võtade: mas como eſta obrigação era de Pero Correa, & como teſtamenteiro era obrigado a fazelo, fica elle deſculpado: o qual Pero Correa por muitas vezes

pedio a elRey dom Manuel que lhe desse licença pera os mandar trazer, a qual lhe não quis nunca dar dizendo, que em tér os ossos de Afonso Dalboquerque em Goa tinha a India segura. Morto Pero Correa ficou esta obrigação a seu filho, como seu erdeiro, que trabalhou muito com elRey dom Ioão o terceiro, por auer esta licença que lhe sempre negou, polos muitos requerimentos que teue dos moradores de Goa & de toda a India, que lha não desse, & depois de seu falecimento gouernãdo a Rainha dona Caterina nóssa senhora estes reynos por elRey dom Sebastião seu neto, tornou outra vez a este seu requerimento, & passaramse algũs annos sem o poder acabar, que lhe foy necessario auer hũa bulla do Papa com grandes escomunhões aos moradores de Goa que o não impedissem (parece q̃ não era ainda a ora chegada.) Auida esta licença da Rainha nóssa Senhora, porque ja ahi não auia quem na impedisse. E indo dom Antão de Noronha a India por Visorrey, que pos força com sua autoridade á mandalos, chegáram ao porto de Lisboa, a seis dias do mes de Abril de 1566. E da nao em que vinham foram tirados, & leuados á casa da Misericordia, sendo Rui Lourenço de Tauora prouedor, acompanhados de muitos fidalgos, & ali estiuerão algũs dias, cuberta a tumba com hum pano de veludo cramesim com muitos clerigos que o acompanhauão, & dizião cada dia missa por sua alma em quanto se daua ordem a se leuarem a capela mór de nóssa Senhora da Graça, que seu filho dotou de grossa renda pera seu enterramento.

¶ Estanto tudo prestes, hum domingo dezanoue dias do mes de Mayo foram juntos na casa da Mía todos os senhores & fidalgos que auia na corte, pera acompanharem estes ossos & dali sairam em procissam, indo diante a bandeira da Misericordia, cõ toda a jrmandade: apos ella os frades Frãciscos, & Agostinhos, & toda a clerizia da cidade, com tochas nas mãos, & no couce o cabido da sé de hũa parte, & dom Afonso Anriques adayão delRey cõ toda a capela da outra, & apos elles a tumba onde hião os ossos que leuauão os jrmãos, cuberta por cima com hum pano grande de tella de ouro, & diante hia o prouédor com sua vara na mão, & Afonso Dalboquerque seu filho de hũa parte, vestido em hum capuz de do, com a cabeça descubèrta, & da outra parte Andre Dalboquerque seu sobrinho, da mesma maneira, & detras da tumba o Duque de Aueiro, & seus filhos, & jrmãos, & todos os mais senhores, & fidalgos, & prelados, que a este tempo estauão na corte. A gente do pouo era tanta que não cabião pelas ruas, &

asſi neſta ordem foram caminhando em prociſſam, & por todas as Igrejas por onde paſſauão ſe dobrauão os ſinos, & chegáram a nóſſa Senhora da Graça, & na capella mór eſtáua hum eſtrado alto de dous degraos que quaſi a tomaua toda, ſercada de todas quatro partes com muitas tochas & alcatifado de muitas alcatifas, & ali puſeram a tumba em que os oſſos hião metidos, forrada de tella de ouro, acompanhada de muitos criados ſeus veſtidos todos de dó. E ſobre eſta tumba eſtáuão depẽduradas tres bãdeiras das cores & diuiſas dos tres reynos q̃ o grande Afonſo Dalboquerq̃ ganhou aos mouros na India. Em riba deſtas bandeiras eſtaua a bandeira real que lhe elRey dom Manuel entregou, como a tras fica dito, muito rota & velha, a qual lhe foy entregue a ſeis dias do mes de Abril, do anno de 1506. E auendo ſeſſenta annos que daqui partira, os oſſos a tornaram a entregar no moſteiro de nóſſa Senhora da Graça, da ordem de ſancto Agoſtinho, chea de muitas vitorias que ouue na India, debaixo daquelle ſinal da Cruz, reynando elRey dom Sebaſtião nóſſo ſenhor, & depois de eſtar tudo quieto, começou meſtre frey Sebaſtião Toſcano ſua pregação, da qual não dou rezão neſtes comentarios, aſsi por não fazer grande volume como tambem por andar impreſſa.

Donde procede eſte excellente capitão Afonſo Dalboquerque, & cujo filho foy, & como gaſtou ſua mocidade ate jr a primeira vez á India. Capitulo, L.

Orque deſta geração dos Alboquerques, & de ſua antiguidade, & como formárão eſte nome, deſcendẽdo por linha direita dos Reis de Portugal, & Lião, & Caſtella, tenho eſcrito hum largo tratado, pera memória dos que delles deſcendem, que collegi das chronicas & liuros das linhajẽs de Portugal & Caſtella, nam direy aqui mais que o que cõuem, pera ſe entender breuemente dõde deſcende eſte grande Afonſo Dalboquerque, & cujo filho foy. He de ſaber que elRey dom Dinis, Rey de Portugal teue hum filho natural que ouue de dona Aldonſa de Souſa Infanſona natural de Galiza, q̃ ſe chamou dom Afonſo Sanchez, o qual caſou cõ dona Tareja Martinz neta delRey dom Sancho de Caſtella, chamado brauo, & ouue com ella em dote villa

de

de conde em Portugal, & muitos lugares em Castella, & o castello Dalboquerque que elle reedificou & fundou de nouo a villa em baixo, & cercou ha de muro & torres, & barbacaá, & caua, & pouoou ha de gentes de Portugal & Castella, & alli fez seu assento, & na porta principal da villa pos as suas armas, que sam estas que aqui estão pintadas, que os Alboquerques que delle descendem ouueram de trazer, & não as que trazem.

E na mesma porta pos este letreiro.

EM nome de Deos seja tudo, amen. Eu dom Afonso Sanchez señor deste castelo Dalboquerq, comecey este lauor, feria quarta, aos quatro dias do mes de Agosto, da era de 1314. o qual seja pera seruiço de Deos, & de Sancta Maria sua madre, saluamento de minha alma, crescimento de minha honra, endereçamento de minha fazenda: porque as cousas que a Deos sam feitas todas a diante hão de jr, & as que sem elle sam, todas hão de fenecer.

¶ E porem praza a Deos que aja boa gloria o mestre pedreiro que fez este castelo.

¶ Este dõ Afonso Sãches señor Dalboquerque teue hũ filho q̃ ouue de sua molher q̃ se chamou dom Ioão Afonso Dalboquerque q̃ erdou sua casa, & foi grãde señor em Castela, & o primeiro q̃ tomou este apelido Dalboqrq̃, edefi-

edificou a torrre da menagem da Codiceira, & nella pos as ſuas armas, que no principio deſte liuro vam pintadas, meſturando com as quinas de Portugal as frol de liz, que eram armas de ſua molher, que deſcendiáo da caſa real de França, que os Alboquerques agora trazem. Deſte dom Ioáo Afonſo Dalboquerque deſcende eſte grande capitáo Afonſo Dalboquerque, o qual foy filho ſegundo de Gonçalo Dalboquerque ſenhor de villa verde, & de dona Leonor de Meneſes filha de dom Aluaro Gonçaluez de Ataide primeiro conde da Atouguia, & da condeſſa dona Guiomar de Caſtro ſua molher, o qual ſendo moço ſe criou em caſa delRey dõ Afonſo o quinto, & por ſeu falecimento ſe foy a Arzila, & paſſados algũs annos tornouſe a ſeruir elRey dom Ioáo o ſegũdo ſeu filho, & foy ſeu eſtribeiro mór. Morto elRey dom Ioáo tornouſe a Arzila, & leuou hum jrmáo conſigo, que lá mataram os mouros, por cuja morte ſe veyo pera Portugal ſeruir elRey dom Manuel, dormia na ſua guarda. Foy na armada do Taranto, & na tomada da Gracioſa, achouſe em todas as couſas de guerra que em ſeu tempo neſtes reynos ſocederá, até jr a primeira vez á India. Náo caſou. Teue hum filho natural que deixou por erdeiro de toda ſua fazenda, & dos ſeruiços que fez a tres Reis deſtes reynos, & quis elRey dom Manuel, pela obrigaçáo que tinha de lhe fazer merce que ſe chamaſſe Afonſo Dalboquerque como ſeu pay, & caſou ho com dona Maria de Norona filha do ſeñor dom Antonio primeiro conde Linhares, que era muito ſeu parẽte, & da condeſſa dona Ioana da Sylua filha de dõ Diogo da Sylua primeiro conde de Portalegre. E depois de ſer caſado mandou ho na armada de Saboya, por capitáo de hum galeáo com a Infante dona Breatiz ſua filha. E tornado deſta jornada, com eſperança de lhe elRey dom Manuel ſatisfazer os ſeruiços de ſeu pay como tinha prometido ao conde de Linhares ſeu ſogro, achou ho morto, & ficou ſem a ſatisfaçáo que mereciáo os grãdes ſeruiços de ſeu pay: aſsi polo pouco cuidado q̃ elle teue de os requerer como tambem pela mudança do tempo.

LAVS DEO.